



Murialdo Gasparet

**Mobilidade e Evangelização
O Atendimento Pastoral de Brasileiros Católicos
no Exterior: o exemplo de Boston – América do Norte**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Joel Portella Amado

VOLUME I

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018



Murialdo Gasparet

**Mobilidade e Evangelização
O Atendimento Pastoral de Brasileiros Católicos
no Exterior: o exemplo de Boston – América do Norte**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Joel Portella Amado

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof^a. Maria Teresa de Freitas Cardoso

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dorival Souza Barreto Júnior

UNIMONTES

Prof. David Mesquiati de Oliveira

Faculdade Unida de Vitória

Prof^a. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Murialdo Gasparet

Mestre em Teologia pela PUC-RJ (2013). Graduou-se em Teologia na PUC-RS. Especialização em Psicologia Existencial Humanista (2009) e em Psicanálise Clínica (2011), pelo ISECENSA. Foi um dos Membros Fundadores da Pastoral dos Nômades do Brasil (CNBB). É coordenador da Pastoral Universitária da Diocese de Campos dos Goytacazes e do Núcleo de Pesquisa Cultura, Fé e Razão no ISECENSA. Professor nos Institutos Superiores de Ensino do CENSA e no Curso de Filosofia Eclesiástica *Sede Sapientiae*, do Seminário Maior Maria Imaculada – Diocese de Campos do Goytacazes-RJ.

Ficha Catalográfica

Gasparet, Murialdo

Mobilidade e evangelização: o atendimento pastoral de brasileiros católicos no exterior: o exemplo de Boston – América do Norte / Murialdo Gasparet ; orientador: Joel Portella Amado. – 2018.

2 v. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Migração. 3. Igreja Católica. 4. Evangelização. 5. Acolhida. I. Amado, Joel Portella. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A todos os migrantes trabalhadores, refugiados, requerentes de asilo, vítimas do tráfico e em situação de extrema vulnerabilidade social, dedico esta tese e deixo meu profundo e sincero agradecimento, pois com esses irmãos e irmãs tive a oportunidade de crescer como pessoa. Assim, defendo que deve ser cada vez mais promovida a defesa dos seus direitos inalienáveis, a garantia das suas liberdades fundamentais e o respeito pela sua dignidade. Deus guarde e abençoe a todos. Do parto em diante todo mundo é Migrante.

Agradecimentos

Aos meus pais, dos quais recordo com saudade, que me transmitiram o dom da vida e plantaram, pela educação, as sementes do bem, do respeito e da justiça. Com seus exemplos de cuidado, afeto, bondade e ternura, ensinaram-me valores cristãos.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dom Joel Portella Amado, pela dedicação, maturidade e entusiasmo partilhados ao longo deste Doutorado.

Às Irmãs Salesianas Filhas de Maria Auxiliadora de Campos dos Goytacazes, ao Pe. Miguel, Ir. Elizete e Ir. Liria, Suely Lemos, Ana Lúcia Campinho, Elizabeth Landim, Lílian Neto Barroso, Paula Sousa e a todos os amigos pela amizade, confiança e incentivo nessa caminhada.

Aos professores que me enriqueceram com os seus conhecimentos e dons, todos indispensáveis para minha formação.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

Aos meus colegas de curso e funcionários desta Universidade, que por meio dos trabalhos e gestos mais simples, foram instrumentos de ensino e acolhida.

Aos padres, irmãs e leigos dos 16 Apostolados Brasileiros da Arquidiocese de Boston, pela acolhida, amizade, atenção e pelo serviço de evangelização que exercem junto aos migrantes, minha gratidão.

A todos os homens e mulheres de boa vontade que constroem um mundo melhor, com palavras, atos e ações.

Resumo

Gasparet, Murialdo; Amado, Joel Portella. **Mobilidade e Evangelização: O Atendimento Pastoral de Brasileiros Católicos no Exterior: o exemplo de Boston – América do Norte**. Rio de Janeiro, 2018. 636p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese se propôs analisar e responder, no âmbito teológico, como a Igreja Católica vive sua missão evangelizadora junto aos migrantes. Os processos migratórios podem ser experiências da vivência cristã, pois, em meio a percalços, sucessos e frustrações, podem possibilitar ao ser humano o encontro com Deus, em Jesus Cristo, na realidade concreta em que este ser humano se encontra. Assim, a Igreja Católica, na sua ação pastoral junto aos migrantes, deve ser marcada pela gratuidade, acolhida, misericórdia, justiça e pelo amor, fortalecendo o que há de melhor no ser humano. Para captar adequadamente o objeto material, isto é, a realidade da migração, a pesquisa optou por uma amostragem, com centralidade na migração de brasileiros para uma região específica - Boston-Massachusetts-EUA. Por meio de pesquisa de campo, com perfil qualitativo, e do estudo bibliográfico das principais obras que tratam do assunto, buscou compreender o que ocorre com esta realidade migratória específica. Por ser uma tese teológica, o objeto formal foi recolhido no núcleo da experiência cristã, isto é, no encontro com Jesus Cristo e na adesão a uma comunidade eclesial e suas consequências. No encontro entre os dois objetos da pesquisa, percebeu-se a importância da relação entre fé e cultura, buscando compreender até que ponto a inserção numa nova cultura, no caso, a norte-americana, implica a perda ou a transformação da fé. O processo migratório analisado pela perspectiva da fé cristã induz à superação das estruturas rígidas e restritivas apresentadas como muros que cerceiam a liberdade e o sentido da existência humana num mundo diverso. É, pois, preciso, em lugar de muros, construir pontes de diálogos e de trocas que valorizem a vida. É preciso saber discernir entre o que pertence efetivamente à experiência cristã e o que é mediação cultural para esta vivência.

Palavras-chave

Migração; Igreja Católica; Evangelização; Acolhida.

Abstract

Gasparet, Murialdo; Amado, Joel Portella. **Mobility and Evangelization: Pastoral Care provided to Brazilian Catholics Abroad: taking the example of Boston – North America.** Rio de Janeiro, 2018. 636p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present thesis aimed at analyzing and answering, in the theological sphere, how the Catholic Church exercises its evangelizing mission in favor of migrants. Migration processes can be experiences of Christian living because in the midst of mishaps, success and failure, may make human`s encounter with God possible, in Jesus Christ, in the concrete reality in which the being is found. This way, the Catholic Church, in its pastoral action in favor of migrants, must be characterized by gratuity, receptivity, mercy, justice and love, boosting what is the best in human beings. In order to capture appropriately the material object, i.e., the reality of migration, the survey opted for sampling, focusing its attention to the Brazilian migration executed to a particular area - Boston- Massachusetts- the USA. Throughout fieldwork, with qualitative profile, and bibliographic study of the major works that deal with the matter, tried to understand what occurs with this specific reality of migration. As it is a theological thesis, the formal objective was gathered at the nucleus of Christian experience, i.e., at the encounter with Jesus Christ and adhesion to an ecclesial community and its consequences. Gathering both objects of research we realized the importance of the relationship between faith and culture, seeking to evaluate to what extent the immersion in a new culture, in this case North American, implies in faith loss or change. The migration process analyzed through Christian faith perspective leads to overcoming the rigid and strict structures posed as barriers that limit the freedom and the purpose of human existence in a diverse world. Therefore, instead of building walls, bridge building to allow dialogue and exchanges that treasure life are necessary. Distinguishing what effectively belongs to Christian experience and what is cultural intervention to its living is essential.

Keywords

Migration; Catholic Church; Evangelization; Receptivity.

Sumário

1. Introdução	13
2. Mobilidade Humana: caracterização e situação atual	20
2.1. Teorias Clássicas para o estudo da mobilidade humana	35
2.1.1. Os modelos neoclássicos	39
2.1.2. Os modelos histórico-estruturais	41
2.1.3. Os modelos de decisão intradomiciliares	44
2.2. Processos Migratórios Contemporâneos	48
2.2.1. Principais características da contemporaneidade: migração num mundo globalizado	55
2.2.2. Alterações nos processos migratórios	58
2.2.3. Alterações na compreensão/teoria dos processos migratórios	61
2.3. Emigração Brasileira	63
2.3.1. Histórico do processo emigratório brasileiro: para onde começaram a ir os brasileiros?	65
2.3.2. Emigração brasileira para os Estados Unidos atualmente e as peculiaridades da região de Boston	69
2.3.3. Possibilidade de compreensão da emigração brasileira à luz das teorias migratórias	83
2.4. Conclusão: perguntas que emergem do quadro emigratório brasileiro para a região de Boston	85
3. Parâmetros Teológico-Pastorais para a Compreensão do Fenômeno Migratório	88
3.1. Consciência da Igreja Católica sobre a Realidade Migratória	92
3.2. A Igreja Católica do Brasil e o Brasileiro no Exterior	108
3.3. A Igreja Católica Norte-americana	118
3.4. Fé e Cultura	122
3.5. Jesus e a Igreja	133

3.6. Justiça social no âmbito migratório	145
3.7. Conclusão	156
4. Os brasileiros Católicos na Região de Boston:	
Pesquisa de Campo	160
4.1. Metodologia Utilizada	162
4.2. Análise dos Dados	173
4.2.1. Migração e Justiça Social	173
4.2.2 Jesus e a Igreja	194
4.2.3 Evangelização	223
4.3. Conclusão	238
5. A Evangelização e os Processos Migratórios	242
5.1. Confronto entre as teorias migratórias e as conclusões teológicas	249
5.2. Análise da Realidade Específica dos Brasileiros Migrantes na Região de Boston: valores e desafios	259
5.3. Interpelações para a Pastoral com os Migrantes	265
5.4. Conclusão	283
6. Conclusão	288
7. Referências bibliográficas	296
8. Anexos	312

LISTA DE SIGLAS

ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ACS: *American Community Survey*

AG: Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes*

CAB: Comunidades do Apostolado Brasileiro

CCIM: Comissão Católica Internacional para os Imigrantes

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano

CLAM: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

COR Curso de Orientação Religiosa

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAP: Documento de Aparecida. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007

DSI: Doutrina Social da Igreja

EMCC: Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi*

EG: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual

EN: Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI

FR: Carta Encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II

GE: Declaração sobre a educação *Gravissimum Educationis*

GS: Constituição pastoral *Gaudium et Spes*

IDMC: *The Internal Displacement Monitoring Centre* – observatório de deslocamento interno)

L: texto Lineamenta

LE: Carta encíclica *Laborem Exercens* de João Paulo II

LG: Constituição dogmática *Lumen Gentium*

LS: Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco

MAPS: Massachusetts *Agence for Portuguese Speakers*

MBTA: Massachusetts *Bay Transportation Authority*

MIT: Massachusetts *Institute of Technology*

MM: Carta encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII

NRC: Conselho Norueguês para Refugiados

OIM: Organização Internacional para os Migrantes

ONU: Organização das Nações Unidas
ONG: Organização Não Governamental
PAIR: Pesquisa Americana de Identificação Religiosa
PBE: Pastoral dos Brasileiros no Exterior
PCMRT: Pastoral *Care of Migrants, Refugees and Travelers*
PP: Carta encíclica *Populorum Progressio* de Paulo VI
PPC: Plano de Pastoral de Conjunto
RCC: Renovação Carismática Católica
RM: Carta encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II
SC: Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia
UR: Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*
USCCB: *United States Conference of Catholic Bishops* - Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos
UUS: Carta encíclica *Ut Unum Sint* de João Paulo II

Fixo o olhar em Deus. Nele creio,
espero, confio, caminho e agradeço.

1 Introdução

A migração é um fenômeno de todos os tempos, porém, nestas últimas décadas, ela vem aumentando de maneira muito rápida devido ao contexto da globalização, ao crescimento demográfico dos países do sul do mundo, às frequentes guerras, aos regimes totalitários, ao desenvolvimento do transporte e das comunicações, ao aumento das desigualdades sociais e econômicas e aos não raros conflitos étnicos e religiosos, que redundam em perseguições e intolerância religiosa.

Dessa forma, a presente tese se propõe responder à seguinte questão: como a Igreja vive e responde a essa missão junto aos migrantes, com suas mais diferentes necessidades e realidades?

As transformações ocorridas, nos últimos anos, no âmbito social, político, econômico e religioso, aliadas à hegemonia do neoliberalismo, à força do mercado em todos os espaços globalizados, à flexibilização do trabalho, às mudanças no modelo da sociedade industrial, ao crescimento da área de serviços têm alterado, profundamente, as relações do ser humano no mundo como, por exemplo, criando e intensificando situações de exclusão para aqueles que não conseguem se adaptar às exigências dessa nova ordem social e econômica. Excluídas, muitas pessoas se colocam a caminho em busca de melhores oportunidades e condições de vida, ampliando o movimento migratório.

Diante dessa realidade, a pastoral migratória deve ter o papel de despertar na comunidade local a importância do acolhimento de quem chega, acompanhando também o desenraizamento de quem parte. A fé cristã, especialmente em sua reflexão antropológica, focaliza a pessoa humana em si mesma, na sua relação com Deus, com o outro e com o cosmos, tendo sempre como referência a Revelação do Deus Salvador e Criador.

Os processos migratórios têm revelado um encontro profundo com a fé e a evangelização cristã. Esse fenômeno, à luz do Cristianismo e da vivência do Evangelho, conduz a Igreja a aprofundar a Teologia e a pastoral, considerando a própria compreensão de ser humano e o que é ser Igreja, desafiando-a na sua natureza peregrina a dar uma resposta à sua ação e missão.

As pesquisas em torno das migrações têm mostrado a existência de todo um universo material e não material que circula junto ao migrante. A realidade¹ aponta para as diversidades e complexidades envoltas em trânsitos, deslocamentos e mobilidades de pessoas. É, pois, um desafio refletirmos sobre as diversidades identitárias e as interculturalidades contemporâneas.² Nesse contexto, precisamos enxergar “o fenômeno migratório como um importante sinal dos tempos, um desafio a ser descoberto e valorizado na construção de uma humanidade renovada e no anúncio do Evangelho da paz”³.

No movimento de migração podemos identificar dois fatores importantes e fundamentais que ocorrem nesse processo: por um lado, o movimento da saída e do desenraizamento e, por outro, o movimento da chegada e da acolhida. Pode-se dizer então, que a migração é um fato antropológico, uma experiência de desterritorialização e reterritorialização, um movimento de transformação da pessoa humana que valoriza a experiência e a vivência cristã do migrado.

As experiências, tanto de forma individual como coletiva, não são unívocas, pois se alteram muito em função do momento histórico e das motivações pessoais. Analisar toda essa complexidade, tanto teológica como antropológica, mediante a pastoral e a evangelização, requer aprofundamento e estudos exaustivos que exigem tempo mais ampliado de dedicação, por isso escolhemos alguns aspectos para serem analisados. O foco principal da pesquisa está na compreensão da forma como a Igreja Católica tem acolhido e respondido ao migrante para que tenha uma vida com dignidade e possa se sentir integrado e amado na comunidade eclesial, iniciando ou continuando o encontro pessoal e de comunhão com Jesus Cristo.

Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo dentro da realidade vivida por um grupo específico de migrantes - brasileiros católicos e migrados para a região de Boston – Massachusetts – Estados Unidos da América do Norte (EUA), junto aos 16 (dezesesseis) apostolados brasileiros existentes nessa região. Pretendemos apresentar os fundamentos teológicos identificados da pastoral

¹ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 29.

² ZANINI, M. C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. (org.). *Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: UFSM, 2013.

³ Pontifício Conselho da Pastoral para Migrantes e os Itinerantes. *Erga Migrantes Caritas Christi*, n.14.

migratória, que incorpora na evangelização a experiência dos migrantes⁴, demonstrando que o desenraizamento e a acolhida que ocorrem nesse processo podem ser sinais da própria experiência salvífica do Reino de Deus. Tendo em vista a amplitude do tema e suas implicações epistemológicas e, para não se incorrer no risco da pouca objetividade e contemplação de todos os fatores implicados, serão enfatizados, nesse estudo, o desenraizamento daqueles que se lançam no processo migratório e como se processa o acolhimento da Igreja Católica, por meio de ações pastorais e evangelizadoras.

O primeiro movimento da Igreja deve ser o da acolhida mútua entre os imigrantes e a comunidade local. Pode-se dizer que essa acolhida ao diferente e esse desenraizamento, esse esvaziamento de si mesmo, são sinais de salvação na perspectiva soteriológica. O desenraizamento é expressão de esperança de um mundo novo e a acolhida é expressão de amor para com o outro. “Cada encontro com o que é estranho para nós é precioso porque pode revelar algo da autêntica experiência de Deus, do Deus-conosco, o Crucificado Ressuscitado presente nos tormentos da nossa história”⁵.

Por tudo isso, esta pesquisa buscou refletir a experiência da mobilidade humana, contextualizada em um determinado fluxo migratório, neste caso, migrantes brasileiros católicos na região de Boston-EUA. Tal fluxo se situa em um determinado país, que por sua vez, tem uma determinada história e uma série de leis, de políticas, de relações internacionais e de valores e diversidades culturais e eclesiais próprios. Deste modo, a partir dos sujeitos migrantes, verificamos que é possível transformar a experiência migratória deste grupo humano em fonte de sabedoria, de evangelização e de discernimento para a Igreja.

O objeto material que sustenta essa tese é o atendimento religioso católico a migrantes brasileiros em uma das regiões de maior concentração deste grupo, Boston – Estado de Massachusetts. O formal é a experiência de Jesus Cristo e da

⁴ Como se sabe, a questão migratória é descrita por meio de três palavras bem específicas, aqui recordadas em virtude de sua utilização cotidiana como sinônimas, quando, na verdade, referem-se a peculiaridades que devem ser consideradas. Migração e migrantes são termos aplicados ao fenômeno em geral, podendo ser usadas em qualquer situação. A inserção de prefixos expressa o duplo movimento, saída da realidade de origem (mmigração) e ingresso em outra realidade (imigração).

⁵ FUMAGALLI, A. *Gesù Straniero*. In: BATTISTELLA, G. (org.). *Migrazioni*. Dizionario Socio-Pastorale (MDSP). Milão: San Paolo, 2010, p. 516.

Igreja e a relação com a origem cultural brasileira, bem como as transformações culturais decorrentes do processo migratório e a prática da justiça social.

A hipótese levantada é de que em um processo de tamanha reciprocidade de influências, o processo migratório brasileiro para a região de Boston, Massachusetts, apresenta mudanças substanciais na compreensão de Jesus Cristo e, mais ainda, na experiência de Igreja. Ao mesmo tempo, os migrantes brasileiros influenciam o modo norte-americano tradicional de viver a sua fé.

Portanto, a pergunta condutora dessa tese é: Como a Igreja Católica tem respondido à realidade da migração sob estudo? E as perguntas que emanam desta principal são: Qual o perfil do atendimento religioso; da vivência da Fé; e da experiência de Jesus Cristo e da Igreja dos migrantes brasileiros na região escolhida para estudo? Podemos efetivamente falar em um estilo diferente de conceber e viver a Fé? Ou constatamos perfis semelhantes aos de uma ação evangelizadora nos contextos de fixidez?

Consideramos que a relevância do estudo está nas contribuições que uma análise sobre um dos fenômenos mais desafiadores e marcantes da história atual da humanidade, a migração, pode trazer ao traçado de ações pastorais e evangelizadoras da Igreja Católica. Por isso, esse estudo, tendo o olhar voltado para esses sujeitos que carregam tantas marcas específicas trazidas pela migração, buscou analisar em profundidade a vivência da fé cristã no ambiente eclesial pelos migrantes; as situações de desenraizamento do país de origem; a acolhida no país estrangeiro; o que os imigrantes brasileiros vivem e esperam da Igreja diante dessa nova realidade da Igreja; e se as ações pastorais e evangelizadoras da Igreja Católica que frequentam proporcionam de fato uma pastoral que saiba trabalhar esse contexto de mobilidade em que tantos vivem. Mais do que apenas se ater ao estudo bibliográfico, que é vasto e substancial, deseja-se, por meio da pesquisa de campo, conhecer a realidade dos migrantes brasileiros, deixando que esta realidade se manifeste da forma mais clara possível. A pesquisa de campo foi feita sobre a forma de entrevistas semiestruturadas individuais e de grupo pelo pesquisador com um grupo numericamente significativo de migrantes brasileiros na região estudada.

Existem muitos estudos sobre a migração no âmbito de outras ciências, mas poucos registros científicos no âmbito da Teologia. Por certo, deve haver estudos

no âmbito pastoral e de doutrina social sobre a realidade migratória em si, entretanto, não foi encontrado, até o momento da elaboração dessa tese, nenhum estudo que refletisse sobre a relação com Jesus Cristo e com a Igreja, bem como os impactos socioculturais como determinantes para a reconfiguração da experiência de fé. Esta é a motivação para uma tese teológica, porque o enfoque responde como é vivenciada a experiência cristã nos contextos de mobilidade migratória, e se a evangelização nesses ambientes tem respondido à vivência da fé cristã do ser humano que está inserido nessa realidade.

A pesquisa traz como contribuição um estudo da vivência cristã de Fé no contexto da migração. Diante dos aspectos sociais, econômicos, políticos e religiosos, é necessário identificar os fundamentos teológicos de uma pastoral que incorpore a experiência dos migrantes, demonstrando que o desenraizamento e a acolhida podem ser sinais da própria experiência salvífica do Reino de Deus.

A novidade da pesquisa consiste em demonstrar que é possível viver a experiência cristã como migrante. Além disso, quer sugerir, possibilitar e comprovar a importância de uma pastoral encarnada nesta realidade móvel, adequando formas de evangelização que possibilitem o encontro com o Deus de Jesus Cristo e com a comunidade dos discípulos, isto é, a Igreja. Por fim, buscou-se suscitar práticas pastorais, que atinjam a realidade do ser humano migrante.

Metodologicamente, esta tese segue a didática do *Ver, Julgar e Agir*. Este método de análise permitiu olhar a realidade socioeconômica, política, cultural e religiosa na qual os migrantes pesquisados encontravam-se inseridos. Utilizamos para o estudo algumas ferramentas teóricas para a compreensão da mobilidade humana nos processos migratórios, no sentido de possibilitar um maior aprofundamento científico na análise dos dados. Interrogamos as vivências migratórias do mencionado grupo, buscando compreender as hermenêuticas que a fé e a experiência cristã favorecem para os migrantes. Por isso, optamos por um caminho metodológico que pudesse captar o objeto material, realizando uma pesquisa de campo dividida em duas partes: entrevistas e observação participante. Recorreu-se à análise bibliográfica para complementar o objeto material e enfrentar os desafios do objeto formal.

Dessa forma, a pesquisa possui duas partes distintas, mas articuladas entre si. No primeiro momento, buscamos conhecer a realidade que se desejava estudar,

ultrapassando o contexto meramente intuitivo para um contexto mais objetivo. Por isso, foi indispensável o contato direto com a realidade escolhida. Nessa observação participante, quando o investigador se faz parte integrante das dinâmicas pesquisadas, buscamos conviver, conversar, sentir as alegrias, angústias, as certezas e os questionamentos dos migrantes brasileiros nessa região. O segundo caminho teve como intuito garantir certo grau de objetividade à observação participante, consistindo no conjunto das entrevistas, em que os critérios qualitativos foram observados e analisados. Dessa forma, foi possível refletir e levantar pontos positivos e os desafios dessa realidade, mediante o conteúdo da fé e da vivência cristã do ser humano nos espaços de migração; mediante o atendimento pastoral da Igreja Católica para e com os migrantes.

No primeiro capítulo da tese, o fenômeno da mobilidade migratória foi o foco central. Alguns aspectos antropológicos, teológicos e pastorais acerca dos processos migratórios, sua história, suas características, como ocorre o atendimento religioso católico dos brasileiros na região proposta para estudo foram abordados.

Assim, as perguntas e reflexões que conduziram a pesquisa tiveram como origem e centralidade a identidade do ser humano dentro da realidade de mobilidade vivida no mundo contemporâneo e globalizado que permite a esse ser que migra estar em contato com novas culturas e as mais diversas experiências de chegada e de saída, criando valores e desafios que reconfiguram o rosto católico do migrante.

No segundo capítulo, as reflexões e perguntas se voltaram para o modo como o Ser Igreja pode ocorrer nestes processos de migração contínua, favorecendo assim a construção de valores que humanizam. Para isso, se fez necessária uma melhor compreensão dos fenômenos migratórios, usando parâmetros eclesiológicos, dentro de uma pastoral contextualizada, inserida na realidade humana, que saiba caminhar com o diferente e acolher a pessoa com todas as suas características.

No terceiro capítulo, estão apresentadas as análises das entrevistas e os resultados da pesquisa de campo realizada na região de Boston, nas dezesseis comunidades do apostolado brasileiro existentes nessa região, tendo como eixo central do estudo, constatar como ocorre o atendimento religioso católico dos

brasileiros na região estudada. As conclusões foram apresentadas e algumas questões importantes foram levantadas para reflexões a partir do que foi observado. Tais questões dizem respeito aos seguintes temas: migração e justiça social; Jesus e a Igreja e as ações pastorais de evangelização.

No quarto e último capítulo desse estudo, buscamos ampliar a análise estrutural dos dados obtidos na pesquisa de campo por meio do diálogo reflexivo com as revisões de literatura sobre o objeto formal. Assim, foi verificado como estão acontecendo os processos de evangelização nos ambientes migratórios e quais as conclusões teológicas e pastorais que podemos tirar para uma pastoral eficaz para com os migrantes, independente do lugar onde estejam.

2

Mobilidade Humana: caracterização e situação atual

A vida é, por definição, movimento; todo ato de movimentar-se ocasiona mudanças. E todo modificar tem, ao mesmo tempo, algo que permanece e algo que se transforma. É claro que não se consegue ver tudo ao mesmo tempo, sob todos os ângulos e aspectos, mas é possível identificar algumas transformações.

Realidade e condições de uma mobilidade cotidiana permeada de relações, incertezas, descobertas, fragmentações, enriquecimentos culturais e flutuação identitária revelam um estar no mundo. Segundo Bauman a “interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida.”⁶ Vivemos, pois, numa era marcada pela desterritorialização, pela aventura e por uma nova forma de nomadismo como modo de buscar e conquistar novos horizontes. Essa mobilidade migratória é uma característica marcante da atualidade que, por sua vez, tem consequências variadas.

É singular na história humana a motilidade e a busca pelo outro. Percebe-se que a mobilidade e a estabilidade são recorrentes na sociedade, porém os processos de deslocamentos nunca foram tão intensos como nos ambientes culturais atuais.

No decorrer de sua história, o ser humano foi, aos poucos, se descobrindo como um ser de potencialidades para criar, descobrir e reinventar; descobriu-se com potencialidades para mover-se, não apenas de territórios, mas também no mapa mental, criando uma permanente circulação.

Os movimentos migratórios são, pois, tão antigos quanto o movimento da vida e do próprio gênero humano. Emigram as sementes sobre as asas dos ventos, emigram as árvores de continente em continente, levadas pelas correntes das águas, emigram os pássaros e os animais, e mais que todos, emigra o ser humano, às vezes de forma coletiva, às vezes de forma isolada.

Os primeiros seres humanos que habitaram nosso planeta formaram grupos nômades. Quando os povos começaram a instalar-se, dando origem às civilizações primitivas, o fenômeno da mobilidade não desapareceu, porém, modificou suas características.

⁶ BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.7.

“¿Cuál es el valor de la movilidad? Nada más y nada menos que la capacidad de renovar los lazos que nos vinculan unos con otros, con nosotros mismos y con la tierra que habitamos”.⁷

Na verdade, o nomadismo pode ser tudo isso, tendo como principal característica a liberdade, seja a cultural, a intelectual ou a religiosa. Contudo, essa liberdade de movimento traz ao ser humano moderno a fluidez de identidades e o conflito nas relações. Nos dias atuais, o nomadismo pode ter alguma relação com a mudança das pessoas de cidades, estados e país, mas tem muito mais com as mudanças comportamentais, ideológicas e culturais.

A qualidade de migrante não depende de uma classificação jurídica, ela refere-se a todo aquele que migra, não se confundindo com a nomenclatura de estrangeiro, que se refere ao status jurídico de toda pessoa que não é considerada nacional de um país determinado. O migrante é a pessoa que tem a intenção de mudar de lugar, de residência, podendo ser de forma temporária ou permanente, desde que envolva todos os aspectos da sua vida (moradia, trabalho) desenvolvendo no novo local todos os aspectos da vida. Por isso, destaca-se que:

nem todo estrangeiro é migrante (porquanto sua estadia em outro país pode se dar sem intuito de permanecer pelo menos temporariamente: pode estar de passagem (em trânsito), a turismo, ou a negócios, por exemplo) e nem todo migrante é estrangeiro. Mas migrante e estrangeiro se confundem como vítima. Ou seja, a discriminação e as violações de direitos são quase sempre praticadas contra os imigrantes, porque são estrangeiros, e além disso geralmente são pessoas com características étnicas e raciais diferentes dos nacionais⁸.

Se olharmos as migrações com os olhos da fé, veremos que não são apenas um fenômeno econômico e social, mas o próprio projeto de Deus, aberto à vocação eterna do ser humano. Através do próprio movimento, Deus vai se manifestando e realizando seu desígnio de amor. Por isso, a Igreja acompanhou e acompanha, especialmente nos últimos anos, o acontecimento social da mobilidade humana. É nossa intenção mostrar como a Igreja tem sido presente entre os migrantes, e como ao mesmo tempo, foi elaborando linhas pastorais de evangelização e reflexões a partir das migrações humanas para melhor ajudar a fazer a experiência da fé.

⁷ AMAR, G. *Homo Mobilis*: La nueva era de la movilidad. Buenos Aires: La Crujía, 2011, p. 166.

⁸ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes*: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira. Curitiba: Juruá, 2012, p. 31.

A mobilidade na qual se vive hoje traz uma particularidade de um tempo passado. Ela não apresenta um objetivo ou um ponto específico de parada. A própria subjetividade não se alimenta mais só de projetos, metas e caminhos bem definidos e norteados na trajetória de vida. “La movilidad es entendida cada vez más em términos de creación de relaciones, de oportunidades y de sinergias”⁹.

Realidades e nuances, atores e processos, problemas e promessas que não fazem parte, muitas vezes, de uma concepção unívoca. Os processos e os autores são fundamentais para entender o fenômeno no qual se identificam no contexto que acontece a mobilidade humana. Essa mobilidade, seja individual ou coletiva, de modo macro ou micro, acontece conforme o território e o momento histórico, seja por motivos políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos, crises variadas, coesão social, paz ou guerra, clima e muitas vezes de sobrevivência, desastres naturais e humanos.

A atualidade mostra que a sociedade é cada vez mais imediatista, com projetos e episódios de curto prazo e a vida exige uma movimentação constante do ser humano em todos os âmbitos; a flexibilidade e a prontidão para mudar tornaram-se características marcantes da humanidade que está em constante movimentação. Esta transitoriedade cria um estado de provisoriedade constante, momentos vividos de forma instável, em que os laços não são de lugares geográficos, mas são mutáveis e imprevisíveis.

É uma experiência notoriamente móvel, pois quanto maior e mais heterogênea a aldeia global, mais as fronteiras se aproximam de raças, nacionalidades, deuses e liturgias diferentes. Neste processo de afluir, as relações humanas não mais possuem um eixo vertical (compreendida assim uma sociedade hierarquizada), porém um eixo horizontal (as posições podem ser trocadas).

Num cenário como este apresentado, talvez seja importante destacar a diferença entre as migrações forçadas e as voluntárias. As primeiras aparecem como um dos movimentos populacionais de maior representação da história e contendo um fato dramático em si: o forçado abandono do lugar onde a pessoa tem suas raízes sociais e culturais, onde desenvolveu sua vida, para ir a um novo ambiente, muitas vezes, desconhecido. Esse tipo de migração não apenas acontece por motivos de perseguições de natureza racial, política, étnica ou religiosa, mas

⁹ AMAR, G. *Homo Mobilis*: La nueva era de la movilidad. Buenos Aires: La Crujía, 2011, p. 14.

também pode estar ligada a fatores socioeconômicos e ambientais, que, igualmente, podem ameaçar a vida humana. Enquanto as migrações voluntárias se referem àqueles que migram de maneira voluntária, por opção, em busca de melhores condições de vida, para um destino escolhido.

Mármora classifica as migrações forçadas em: migrações compulsórias para distribuição da população, recrutamento de mão de obra e tráfico de escravos; migrações obrigatórias que ocorrem diante do risco de morte em virtude de perseguição, guerras ou violência generalizada - os refugiados; as migrações socioeconômicas e as ambientais, que ocorrem quando a sobrevivência rotineira, em termos econômicos, não é mais possível no local de origem ou quando a qualidade de vida ou expectativas de realizações pessoais estão muito limitadas pela situação econômico-social em que se encontra o sujeito; e as migrações socioculturais, quando a pessoa ou grupo foge da intolerância e perseguição para preservar sua identidade cultural, categoria que tende a incluir-se no grupo dos refugiados¹⁰.

A migração “voluntária” se dá, sobretudo, entre jovens que perderam o gosto de viver na terra onde nasceram. O sistema escolar, as oportunidades de trabalho, qualidade de vida, violência social, as experiências positivas de antecessores e a propaganda de meios de comunicação contribuem muito para essa perda. Esses migrantes voluntários procuram em países uma pequena fatia do “progresso” para compensar as condições de vida consideradas inadequadas em seu país de origem.

A migração “voluntária” pode ter ainda outros motivos, além da corrida em busca do progresso. Pode basear-se no direito de ir e vir; pode encaixar-se no espírito de migração cultural em busca de uma “terra sem males”; pode ser expressão de um impulso aventureiro ou de uma mística de peregrino. Para Cavarzere, os migrantes voluntários representam a minoria, pois “poucos são os afortunados que têm a oportunidade de, pelo menos efemeramente, instalar-se onde as perspectivas lhes pareçam mais amplas”¹¹.

¹⁰ MÁRMORA, L. *Derechos Humanos y Políticas Migratorias*. In: *Nuevas Dimensiones em la Protección del Individuo*. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile, 1991, p. 73-74.

¹¹CAVARZERE, T. T. *Direito Internacional da Pessoa Humana: A circulação internacional de pessoas*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001, p. 2.

Para quem migra, a emigração e a imigração constituem um único movimento, fazendo com que o país de partida e o de chegada assumam a configuração de um espaço, de certo modo contíguo, habitado de modo singular pelo migrante, enquanto espaço existencial de reconstrução identitária, ao menos simbolicamente. Nestes processos de reelaboração identitária, os referenciais existenciais e culturais transformam-se conjuntamente. Sayad fala da dialética imigração-emigração.

é uma necessidade epistemológica, pois o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dada, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração.¹²

A migração pode ter várias faces, fases ou interesses, mas ela quase sempre tem um mesmo ideal ou uma mesma finalidade: a liberdade ou necessidade de buscar sonhos e conquistas. Portanto, é uma forma de migração, não mais só histórica, cultural ou forçada, mas de forma econômica e de trabalho.

Pode-se dizer que, em nosso tempo, há uma aceleração e uma transformação no fenômeno, estimuladas pelo avanço tecnológico em que a mobilidade migratória das pessoas, o movimento de estar no mundo e se relacionar com ele, acontece de maneira diferente daquela que, tradicionalmente, só exigia o deslocar-se fisicamente de um lugar para outro, para interagir com novas realidades.

O fenômeno desta complexidade ocorre, justamente, por efeito das transformações vividas no mundo que ocasionaram, avanços em todos os aspectos da vida, resultado de descobertas e inovações, especialmente dos meios tecnológicos e da incorporação da comunicação aos processos de formação e qualificação humana, que teve seus impactos ampliados por meio da globalização.

É preciso aqui atentar para a sutil diferença entre imigrante econômico e imigrante trabalhista, como define Garcia Júnior.

O primeiro, obviamente, também necessita exercer atividade econômica, com ou sem vínculo empregatício, para sustentar-se e sobreviver. O trabalho, contudo, é apenas um meio para que possa subsistir e, se possível, progredir. O segundo, ingressa em um país com o propósito específico de aí exercer uma atividade econômica. O trabalho não é adjacente ao seu deslocamento, mas sua própria razão. A diferença é tênue e apreciada subjetivamente pelas autoridades competentes¹³.

¹² SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p.14.

¹³ GARCIA JÚNIOR, A. A. *Direito Internacional: questões atuais*. 2ªed. São Paulo: Aduaneiras, 2005, p. 144.

A imigração excessiva é evitada por todos os países, tanto em relação ao ingresso como ao tempo de permanência. E mesmo a concessão de “vistos”¹⁴ estão diretamente condicionados aos “interesses nacionais”.

Dentre os fatores que incentivam os processos migratórios estão, em primeiro lugar, as precárias condições de vida e trabalho nos lugares de origem. As motivações socioeconômicas que levam muitas pessoas e famílias, particularmente jovens, a sonhar com uma nova cidadania e uma nova pátria. As rotas dos deslocamentos migratórios, atualmente, são as mais diversas, mas prevalecem os fluxos sul-norte e leste-oeste, isto é, das regiões e países subdesenvolvidos em direção aos países centrais, sem excluir os movimentos em sentido inverso, devido à crise dos últimos anos. Melhores perspectivas profissionais em outro país constituem o motivo principal da migração. “Brasil e Chile são os países latino-americanos que, segundo as empresas internacionais, oferecem as maiores vantagens para abrir postos de trabalho qualificados”¹⁵. “A Índia foi escolhida em primeiro lugar por sua mão de obra barata e por sua profunda experiência com trabalhadores do exterior e capacitação de seu pessoal”¹⁶.

Outro fator é a violência de todo tipo e, de forma particular, os conflitos armados e a guerra, que também levam muita gente a uma fuga desesperada. Formam, esses, a imensa multidão dos “sem raiz, sem pátria e sem rumo”: migrantes, refugiados, prófugos, exilados, itinerantes, expatriados e fugitivos. Ao longo do tempo, tiranos e tiranias provocaram o deslocamento de pessoas, grupos, famílias e povos inteiros.

A própria opção religiosa, em circunstâncias bem precisas, tem sido fator de deslocamentos compulsórios. A intolerância, o ódio, a retaliação recíproca e o fundamentalismo – este último pode ser de caráter político, tanto à esquerda quanto à direita – têm lançado enormes contingentes de pessoas ao deslocamento. Paradoxalmente, o pluralismo cultural e religioso da sociedade contemporânea não raro vem manchado pelo preconceito e a discriminação, o racismo e a

¹⁴ Visto é um documento concedido pelas Representações Consulares de cada nação que possibilita o ingresso e a estada de estrangeiros em um determinado território, conforme consta no site do Itamaraty: www.portalconsular.itamaraty.gov.br. Acesso em 26 de abril de 2017.

¹⁵ GARCIA JÚNIOR, A. A. *Direito Internacional: questões atuais*, p. 143.

¹⁶ *Ibid.*, p. 144.

xenofobia, resultando no desenraizamento de inúmeras famílias como também outros fatores que não abordaremos nessa pesquisa.

Nota-se uma ambiguidade: a migração pode aproximar línguas, moedas, bandeiras, credos, costumes, valores e culturas, mas pode, igualmente, conduzir ao rechaço e à morte do estranho e estrangeiro, quer por razões culturais e religiosas, quer por divergências políticas e ideológicas.

Não podemos esquecer, ainda, aqueles que se deslocam por terra, mar e ar, devido a motivos profissionais ou pelo seu modo de vida. Desfilam aqui os marinheiros e pescadores, os motoristas e técnicos de empresas, os nômades, missionários e soldados, além dos trabalhadores e trabalhadoras das companhias aéreas. Só para citar os mais visíveis e perceptíveis deslocamentos humanos, recorremos a Farena.

Migrantes regulares são os que têm autorização para entrar e permanecer num país, na forma estabelecida pelas normas migratórias do Estado receptor, são os documentados. Migrantes irregulares são os que não têm autorização para ingressar, permanecer ou exercer atividade remunerada no país de destino; entram de forma clandestina ou ultrapassam o período autorizado de permanência num Estado do qual não são nacionais. São os indocumentados, chamados de 'ilegais'¹⁷.

Em síntese, as causas migratórias mais frequentes são, portanto: as condições socioeconômicas, a guerra, a perseguição política e a expectativa de exercício de atividade econômica e crescimento social e profissional. As consequências: terrorismo, tráfico de mulheres, tráfico de órgãos, tráfico de menores, tráfico de escravos, exploração sexual, regime de escravidão, aliciamento de jovens por grupos extremistas e fundamentalistas e desumanização.

Os migrantes em geral sofrem a migração ou, ao contrário, são capazes de fazer dela uma força motriz que move a história? Grande parte dos estudiosos que se debruçam sobre o fenômeno da mobilidade humana colocam o acento na primeira dessas hipóteses. Segundo suas análises, os migrantes, refugiados, prófugos, exilados, trabalhadores temporários, dentre outras condições, não passam de vítimas de algum fator externo, com poucas alternativas. Vítimas de condições socioeconômicas adversas, do ponto de vista histórico e estrutural; de políticas públicas insuficientes, injustas ou excludentes; de catástrofes naturais que devastam, ao mesmo tempo, seus pertences e a vida de suas famílias; de

¹⁷ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 30.

preconceitos religiosos, discriminação ou perseguição ideológica; de tensões e conflitos, violência e guerras sangrentas.

Neste caso, migração converte-se em sinônimo de fuga. Na retaguarda ficaram os destroços de uma existência sacudida violentamente por um terremoto, seja este de natureza sísmica, socioeconômica, política ou bélica. Impossível o retorno e a única alternativa de sobrevivência descortina-se no horizonte do amanhã, embora nebuloso, desconhecido e incerto.

A decisão pessoal de migrar encontra resposta num conjunto mais amplo de circunstâncias que envolvem o indivíduo, o grupo familiar ou todo um povo ou nação. Um período mais prolongado de seca, uma enchente ou um conflito armado, por exemplo, podem ser a causa imediata da migração. Deste modo, fatores bem precisos e visíveis fazem aflorar fatores subterrâneos e invisíveis e ocasionando processos de mobilidade humana.

Apesar de vítimas de causas remotas e imediatas, os migrantes podem fazer da fuga uma nova busca. De forma consciente ou inconsciente, o próprio fato de migrar, e de fazê-lo em massa, converte-se em protagonismo. Os fluxos migratórios, a exemplo das ondas do mar, sempre desencadeiam energias que mexem com as águas paradas. Os grandes deslocamentos humanos, como as marés, interferem no ritmo dos acontecimentos. Numa palavra, as migrações fazem história e os migrantes se transformam em sujeitos da mesma.

O migrante nunca é somente vítima, mas energia viva que protagoniza mudanças. Pondo-se em movimento e fazendo-o de forma coletiva, como as águas de um rio em movimento, o migrante inquieta, incomoda e interpela, mas também irriga e fecunda a terra com seus valores culturais e religiosos, seu trabalho, sua inteligência e criatividade. Requer, por isso, uma tomada de posição, seja em termos individuais e familiares, seja em termos sociais e eclesiais, seja ainda em termos de grupo, partido ou governo. Ao movimentar-se, mobiliza igualmente outras forças sociais, quer estas o rechacem quer o acolham. Sua insistência na luta por um futuro mais promissor amplia as janelas do horizonte ou, como dizia Dom J. B. Scalabrini – pai e apóstolo dos migrantes – “alarga o conceito de pátria”¹⁸, pois esta para o migrante “é a terra que lhe dá o pão”.

¹⁸ GONÇALVEZ, A. J. *Migrantes: vítimas e sujeitos*. Adital: Notícias da América Latina e Caribe, 21.11.2013. Disponível em: http://www.adital.com.br/hotsite_ecumenismo/noticia.asp?lang=PT&cod=78790. Acesso em: 15.09.2014.

O ato migratório envolve ou a necessidade de mobilizar-se em função da sobrevivência, dificultada ou colocada em risco por adversidades de ordem política, religiosa, econômica ou ambiental, ou bem a vontade de deslocar-se para melhoria das condições de vida (em busca de poder, riquezas, conhecimentos ou realização pessoal). Embora em muitos casos esta diferenciação seja difícil de se estabelecer, devido às múltiplas circunstâncias e motivações que envolvem a decisão de emigrar, em geral fala-se de migrações forçadas e voluntárias¹⁹.

Do ponto de vista do próprio migrante, porém, a mobilidade humana pode adquirir o caráter de uma multidão em busca. É o que nos apresenta, por exemplo, John Steinbeck na obra *As vinhas da Ira*²⁰. No romance, a família protagonista faz parte da grande leva de trabalhadores rurais que tiveram de abandonar as terras de Oklahoma, nos Estados Unidos, onde a policultura e o trabalho familiar dava lugar ao cultivo do algodão mecanizado, e mudar para outra região, a Califórnia. Ali, juntamente com milhares de outras famílias, os recém-chegados passam a viver de “bicos” na colheita de frutas, habitando acampamentos improvisados e sujeitos a toda sorte de exploração.

Steinbeck assume uma visão claramente interna ao fenômeno, como se estivesse vivendo no corpo e na alma os golpes da migração forçada. Mas na poesia de suas páginas, mais que a fuga, transparecem a busca e a luta, a esperança e o sonho de toda a família e de cada um de seus membros. Um fio de esperança que faz desse ponto final um novo ponto de partida. A partir de dentro do sofrimento de quem migra, também vê na mobilidade humana sinais de vida e de esperança.

Podemos nos perguntar: em que sentido a Igreja Católica se constitui em espaços de integração entre os emigrantes?

A religião pode se tornar, no cenário migratório, uma instância que organiza comportamentos e produz grupos de afinidades e pertencimentos; pode também amedrontar, em razão de sua dimensão política e ideológica, de suas representações culturais e históricas. Ficamos com a impressão de que as igrejas tendem a ser espaços mais seguros de sociabilidade, confiança e solidariedade; constituem, na

¹⁹ MÁRMORA, L. *Derechos Humanos y Políticas Migratorias*. In: *Nuevas Dimensiones em la Protección del Individuo*. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile, 1991, p.72.

²⁰ STEINBECK, J. (1939). *As Vinhas da Ira: literatura, história e gênero*. São Paulo-SP: Record, 2001. A obra que valeu o Prêmio Pulitzer a John Steinbeck permanece como um dos arquétipos da cultura norte-americana. Publicada em 1939, *As vinhas da ira* marcou o auge da carreira do autor e mantém-se como um documento social e marco da literatura. Assim como o livro, o filme, que rendeu um Oscar ao diretor John Ford, com interpretação de Henry Fonda, tornou-se um clássico.

consciência do imigrante, a sensação de não estar sozinho e desamparado em um local desconhecido²¹.

Surge o debate da relação entre deslocamentos geográficos e dimensão religiosa. A Igreja favorece ou não na construção da identidade dos que migram e produz significados que passam a ser importantes referenciais: refúgio, respeito, recurso, confiança, assistência, valores, amizades, trocas sociais, reconhecimento social, ampliação da concepção de família e pertencimento a um grupo. A dimensão religiosa permite reduzir o sofrimento e os limites impressos na vida cotidiana dos migrantes.

As igrejas passam a ser para o imigrante um grande sinal de esperança e esteio numa situação em geral adversa, canal de expressão de atendimento às carências materiais, espirituais, sociais e psicológicas, usando símbolos e rituais da cultura popular, alimentando o sonho de ascensão social. Não há dúvida de que a difícil condição de imigrante obriga muitas pessoas a buscar na prática religiosa soluções, remédios e assistência, expressão de uma tradição da cultura e do imaginário religioso de recorrência ao divino e, sem dúvida, também da carência de mediação e auxílio de outras instituições tradicionais. É possível entender aspectos da realidade migratória internacional através do campo religioso. Já não dá mais para dissociar o fenômeno migratório do fenômeno religioso contemporâneo, há profundos vínculos, intencionalidades comuns, funcionalidades e pragmatismos que se integram e irmanam. Na realidade, já é uma integração secular que os caracteriza.²²

Os deslocamentos geográficos favorecem, de alguma forma, a adoção de novas filiações e de novos paradigmas de pertença religiosa? Há uma relação direta entre mobilidade geográfica e mobilidade religiosa? Tradicionalmente, os processos migratórios foram interpretados em duas diferentes perspectivas: por um lado, eles constituíam uma oportunidade para a dilatação das fronteiras confessionais, sobretudo entre os grupos religiosos com pretensões missionárias e universalistas; por outro, o deslocamento geográfico de seus membros representava um potencial perigo, um risco para a fé dos migrantes – sobretudo daqueles que se deslocavam para terras onde a tradição religiosa não estava presente ou não estava suficientemente estruturada.

Sobre essa questão, o sociólogo da religião Berger já alertava sobre os “perigos” de viver em espaços geográficos carentes de estruturas de plausibilidade sólidas:

²¹ ZANINI, M. C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. (org.). *Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 150.

²² *Ibid.*, p. 152-153.

A realidade do mundo cristão depende da presença de estruturas sociais nas quais essa realidade apareça como óbvia e que sucessivas gerações de indivíduos sejam socializadas de tal modo que esse mundo será real para eles. Quando essa estrutura de plausibilidade perde a sua integridade ou a sua continuidade, o mundo cristão começa a vacilar e sua realidade deixa de se impor como verdade evidente²³.

Berger cita o exemplo do judeu exilado ou da diáspora, que se pergunta “como se pode adorar Iahweh numa terra estranha?”. No novo território o migrante perde referenciais identitários fundamentais para a própria prática religiosa.

Na ausência de interlocutores significativos, de instituições e papéis sociais objetivados, de rituais que previnam os riscos de esquecimento, a precariedade da construção social – e da própria religião – vem à tona e se multiplicam os riscos de anomia, bem como as possibilidades de conversão a uma nova cosmovisão que tenha uma estrutura de plausibilidade mais sólida no novo contexto social.²⁴

Com a expressão “mudanças da identidade religiosa” entendemos todas as transformações relacionadas com a filiação, a prática e as crenças religiosas. Poder-se-ia utilizar também o termo “conversão”, desde que interpretado não apenas no sentido de mudança de filiação religiosa, mas também como assunção de um novo paradigma de pertencimento.

Na visão de Hernández, a conversão é sempre uma reinterpretação que o migrante faz da própria história a partir dos desafios concretos aportados pela jornada migratória. O autor utiliza o termo “intersubjetividade” para designar o processo mediante o qual o migrante recupera de sua própria biografia saberes e experiências para reconstruir sua identidade. Nesse processo há sempre elementos de continuidade e descontinuidade. Hernández insiste também na questão da diminuição dos controles sociais como fator facilitador da mudança da identidade religiosa.

A diversidade religiosa não gera automaticamente conversão, mas estabelece um clima favorável para a reflexão crítica em relação às crenças interiorizadas no processo de socialização primária. O reduzido ou inexistente controle social, decorrente do deslocamento geográfico, liberta a pessoa de condicionamentos, tabus e sentidos de culpa, favorecendo, desta forma, a

²³ BERGER, P. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 59-60.

²⁴ MARINUCCI, R. *Identidade e alteridade religiosa em contexto migratório*. In: *Travessia*, v. XX, n. 57, 2007, p. 28.

possibilidade de mudanças.²⁵ Na mesma esteira, a vulnerabilidade inerente ao processo migratório, sobretudo entre os migrantes não amparados por redes sociais, contribui à criação de uma nova representação da alteridade religiosa.²⁶ A mudança de filiação religiosa permite, por um lado, uma continuidade com o passado – a manutenção de valores – e, por outro, uma integração no tecido cultural do país de chegada, com a decorrente incorporação de novos paradigmas.

A migração, ao apresentar novos desafios existenciais, acaba facilitando uma redefinição da identidade religiosa, interpretada aqui como fonte privilegiada de sentido. Utilizando a linguagem de Berger, o migrante, enquanto protagonista da própria história – como também assegura Hernández – precisa estabelecer novas estruturas de plausibilidade para legitimar a nova realidade em que se depara, sendo que a religião não pode ficar fora desse processo. Além disso, cabe realçar que a redefinição identitária do migrante caracteriza-se sempre pela presença de continuidades e descontinuidades em relação ao passado, a ponto de levantar a dúvida se a mudança visa antes à assimilação do novo ou à manutenção do velho.

Conforme Amado, a mobilidade religiosa contemporânea está diretamente relacionada com mudanças socioculturais e suas repercussões no universo religioso. Essas mudanças dizem respeito à difusão de uma mentalidade marcada pelo pluralismo e pela mobilidade, ou seja, pela rejeição de tudo o que é estável e definitivo:

Na medida em que o fluxo religioso não se dirige exclusivamente a uma religião, mas sim ao próprio ato de se movimentar religiosamente, a primeira atitude a ser levada em conta é a de que, ao contrário dos ambientes de religião hegemônica, em nossos dias, não é mais lógico ser católico porque não é mais lógico possuir vínculos definitivos, perenes, exclusivos. O lógico é escolher, mudar, transpor, compor, enfim, movimentar-se.²⁷

Existe um dado fenomenológico que não pode ser negado: existe alguma relação entre mobilidade geográfica e mobilidade religiosa.

Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e itinerância, em que milhões de

²⁵ ORTIZ O. O. *Movilidades geográficas y espirituales: cambio religioso y migración México-Estados Unidos*. In: *Economía, Sociedad y Territorio*, v. VI, n. 22, 2006, p. 408.

²⁶ *Ibid.*, p. 409.

²⁷ AMADO, J. P. *Mudar de religião faz bem? Algumas reflexões pastorais a respeito da mobilidade religiosa no Brasil*. In: FERNANDES, Sílvia Regina Alves. (Org.) *Mudança de Religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*. Rio de Janeiro: CERIS, 2006, p. 134.

pessoas migram ou se veem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países. (Dap, n. 73)²⁸

Não só a cultura, mas as circunstâncias de vida, a classe social, a biografia, os dons e a criatividade de cada um contribuem para a composição da identidade. Também os migrantes são herdeiros de sua identidade e construtores dessa identidade na trajetória de sua migração e ao longo de sua vida. Pode-se afirmar: somos o que nos tornamos e o que a cultura, a classe social, a biografia, as contingências da vida e as escolhas nos permitiram ser.

No interior das nossas sociedades complexas, a construção da identidade tem um lado individual e grupal. Nas identidades grupais, socializamos normas universais com comportamentos particulares. A identidade é construída não em contraste com a não identidade, mas em contraste com a alteridade. A identidade dos migrantes tem como contraste a identidade dos não migrantes, dos cidadãos do país que os recebe, a identidade do micro-organismo de operários e vizinhos com os quais convivem. Conforme Prencipe

o sistema simbólico e prático que forma o comportamento religioso dos imigrantes deve ser visto em relação ao ambiente no qual eles vivem, a classe social a que pertencem, a natureza dos projetos migratórios, ao pertencimento a grupos sociais, à mesma identidade pessoal e grupal.²⁹

Como a cultura, também a identidade nunca é conclusiva ou perfeita. Não podemos perder a identidade, porque ela nunca nos pertenceu como algo acabado. Somos eternos mestres e discípulos dessa identidade. Nessa maestria e nesse discipulado, mesclam-se imitação e criação. A identidade de uma pessoa ou de um grupo social não coincide só com sua cultura.

Processos migratórios individualizam as pessoas. Assim, a pergunta “quem sou eu” torna-se mais importante que a pergunta “quem somos nós”. Cada pessoa, individualmente, procura reorientar-se no interior de uma sociedade nova, complexa e geralmente hostil. Esse fato produz, muitas vezes, uma idealização da própria origem e do passado. É um mecanismo de autodefesa. No novo ambiente,

²⁸ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 73. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

²⁹ PRENCIPE, L. *La religione dei migranti: tra ripiegamenti ghezzanti e possibilita di nuova coesione social. Studi Emigrazione*, Roma, ano XLVII, n. 178, p.265-286, 2010. In: ZANINI, M. C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. (org.). *Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 281.

elementos desse passado são importantes, pois, em meio às rupturas culturais impostas pela nova sociedade, representam pontes de continuidade.

A perda dos referenciais espaciais, em parte pela desintegração do projeto nacional, ameaça profundamente a identidade convencional dos indivíduos e grupos sociais. A construção da identidade dos migrantes em situação de aceleradas mudanças aponta para o resgate da solidariedade na sociedade nacional e internacional. A identidade dos migrantes é sempre uma identidade territorial. Não há dúvida de que as igrejas exercem um importante papel para o imigrante em seu processo de adaptação no novo contexto social.³⁰

O ser humano vai tornando-se consciente ou não de sua identidade conforme o seu “pertencimento” a grupos de ideias específicas locais e globais. Diante do processo de mobilidade migratória, no entanto, a identidade, no aspecto sociocultural, torna-se plural, fragmentada, diversa e múltipla.

Nos tempos atuais, com a globalização, temos, como consequência que enfrentar o desafio do “estar”, pois a identidade passa a ser móvel e transitória, o que interfere diretamente nas instituições que a representam, tais como família e Igreja e na própria vida social. Buscamos construir e manter as referências de nossa identidade em movimento; juntamo-nos aos grupos igualmente móveis e velozes. Bauman diz que a dissolução da solidariedade e a sua substituição pela competição entregam as pessoas aos seus próprios recursos, distanciando-as dos apoios da comunidade.³¹

A globalização, num processo etnocêntrico - pela imposição de uma identidade única: “cidadão do mundo” e não daquele lugar específico e sobre o qual se justificam as lutas e as conquistas, a preservação e a valorização - quando não impõe, gera novas formas de identidade. Bauman assim se posiciona: “entretanto, eu sinto que, nesse mesmo movimento, parece haver uma forte ambivalência. A identidade pode ser um caminho para a emancipação, mas pode também ser uma forma de opressão.”³²

Pessoas de um mesmo lugar habitam tempos muitas vezes totalmente diferentes. “O tempo já não é um rio, mas uma coleção de pântanos e tanques de

³⁰ MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos* - um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

³¹ BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.35.

³² *Ibid.*, p.94.

água.”³³ A globalização é um fenômeno cultural, pois atinge, quase todos os seres humanos, todas as culturas, todas as sociedades, mesmo que desigualmente. Nenhuma cultura ou sociedade pode ignorar as outras. A teia da diversidade de culturas se integra, se une; as culturas se tornam dependentes uma das outras.

Com a globalização, a identidade se torna um assunto acalorado. Todos os marcos divisórios são cancelados, as biografias se tornam quebra-cabeças de soluções difíceis e mutáveis. Entretanto, o problema não são as peças individuais desse mosaico, mas como elas se encaixam umas nas outras.³⁴

A religião, nesse ambiente de mobilidade migratória, pode ser uma grande incentivadora da construção de identidades mais humanizadas.

O que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças. É uma dinâmica que tensiona com a figura típica e estável do homem religioso, que é sua condição de praticante. Na paisagem religiosa cristã, a figura do praticante foi sempre a mais evidente: do praticante regular que se insere numa bem definida territorialidade comunitária. Essa “figura emblemática” do praticante tende a pulverizar-se na Modernidade, com a nova dinâmica da ‘mobilidade das pertencas, com a desterritorialização das comunidades, com a desregulação dos procedimentos da transmissão religiosa e com a individualização das formas de identificação’.³⁵

As migrações estabelecem conexões com outras realidades e fenômenos, enquanto articuladores e multiplicadores de mobilidade. Segundo Adey³⁶ as mobilidades migratórias são indicadores da mobilidade humana e social. A partir da geografia humana, a desterritorialização passa a ser relevante nos processos de mobilidade migratória. É um conceito não unívoco que põe em debate concepções diferentes e até divergentes de território.

Segundo Haesbert território é uma categoria que tem a ver com a “mediação espacial do poder”³⁷. As comunidades migrantes vivem de maneira direta essa mediação, chegando a ser considerado pelo autor como “um papel fundamental”³⁸

³³ BAUMAN, Z., *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D’água, 2007, p.96.

³⁴ Id., *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, p.54.

³⁵ HERVIEU-LÉGER, D., *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p.10.

³⁶ ADEY, P. *Mobility*. London; New York: Routledge, 2010, p. 102.

³⁷ HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 93.

³⁸ Ibid., p. 232-233. Haesbaert não considera que a migração, automaticamente, seja uma desterritorialização e trata amplamente sobre as formas de desterritorialização que se referem a contextos sociais de exclusão, mesmo sem mobilidade humana; todavia, ele sugere que os grupos em diásporas são os melhores representantes da reterritorialização em nível cultural e, citando Povoia Neto, afirma que “a identidade, em seu sentido reterritorializador não constitui simplesmente um transplante da identidade de origem, mas um amálgama, um híbrido, onde a principal interferência pode ser aquela de leitura que o Outro faz do indivíduo migrante”, p. 249. A migração comporta sempre uma revisão e até uma transformação da relação com o território de origem e do peso que o mesmo exerce na configuração social, cultural e identitária dos migrantes.

da migração, a desterritorialização geográfica ou cultural, social ou política, criando novas relações de poder e de identidade em um determinado território. Para melhor entendermos esses processos e motivos vamos, resumidamente, ver no próximo item algumas das principais teorias desta forma de mobilidade humana.

2.1 Teorias Clássicas para o Estudo da Mobilidade Humana

Antes de iniciarmos o estudo sobre as teorias das migrações é preciso compreender que nenhuma teoria é capaz de abranger todas as implicações envolvidas nos processos de mobilidade humana. Não existe uma teoria completa que consiga explicar toda a motilidade humana, pois os métodos e técnicas são vários e heterogêneos. As teorias têm função fundamental para a qualidade da pesquisa e para a análise dos dados empíricos e estatísticas elaboradas.

O geógrafo Ravenstein³⁹ elaborou o primeiro estudo sistemático, em 1885, sobre as teorias das migrações internas observando de forma empírica os fluxos migratórios ingleses, do qual destaca:

(1) A maioria das pessoas migra somente por curtas distâncias e então estabelece ‘correntes migratórias’ para centros maiores. (2) Isto causa movimentos populacionais e processos de desenvolvimento relacionados com as populações das regiões de partida e de destino dos fluxos. (3) Os processos de dispersão e de absorção correspondem-se reciprocamente. (4) As correntes migratórias desenvolvem-se no tempo. (5) As correntes migratórias levam a movimentos de saída em direção aos centros de comércio e de indústria. (6) Pessoas residentes em áreas urbanas são menos propensas a migrar que pessoas que vivem em áreas rurais. (7) Isto é verdadeiro também para a população feminina⁴⁰.

Em seu estudo sobre as migrações internas na Grã-Bretanha, o autor enumera uma série de “leis empíricas da migração”⁴¹ para generalizar o processo

³⁹ RAVENSTEIN, E. G. “*The laws of migration*”. In: *Journal of the Statistical Society on London*, v. 48, n. 2, 1885, p. 167-227; e, ID. “The laws of migration” in *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 52, n. 2, 1889, p. 241-301. Cf. também ARANGO, J. “Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años después” in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, v. 32, 1985, p. 7-26.

⁴⁰ FAIST, T. “*The crucial meso-level*”. In: HAMMAR, T. et al (eds.). *International Migration, Immobility and Development: multidisciplinary perspectives*. Stockholm: Centre for Research. In: *International Migration and Ethnic Relations (CEIFO)*, Stockholm University, 1997, p. 189.

⁴¹ No contexto de análise do autor, o termo “leis de migração” não deve ser levado ao pé da letra, como se comportamentos migratórios individuais e de grupos ocorressem independentemente do contexto e das diferenças pessoais que possam ocorrer. Ao invés disso, suas “leis empíricas” devem ser interpretadas como fatos, características e atitudes observadas pelo autor na maior parte dos movimentos migratórios por ele estudados, e que levam em conta o contexto e a época particular em que foram analisados, ou seja, a Revolução Industrial.

de deslocamento populacional, levando em conta variáveis como distância, tecnologia, sexo, condição econômica, entre outras.

De acordo com a *lei da distância*, por exemplo, a maioria dos migrantes, sobretudo mulheres, tenderiam a realizar movimentos de curta distância, enquanto os movimentos de longa distância, representados em sua maioria por homens, se dariam apenas para as grandes cidades. Argumenta-se que grandes distâncias estariam associadas a custos maiores, tanto de ordem material e busca de informação (o que aumenta a incerteza em relação ao local de origem), quanto de ordem psíquica e de adaptação (novo habitat, novo emprego, etc.).

A migração por etapas seria uma alternativa de se reduzir os custos associados às viagens de trechos mais longos. Para Ravenstein, antes de alcançarem as grandes cidades, as pessoas, normalmente originadas de áreas rurais, passavam por cidades de pequeno e médio porte, caracterizando assim a chamada *migração por estágios ou em cadeia*.

Ravenstein também coloca que, com o desenvolvimento de novas tecnologias, e conseqüentemente de novas formas de transporte, o deslocamento entre as regiões foi facilitado, aumentando assim o número de migrantes e possibilitando em alguns casos o “salto” de um ou outro estágio de migração, representado pela passagem nas pequenas e médias cidades.

Além disso, o autor também reflete sobre a existência de *correntes e contracorrentes* migratórias. Segundo ele, os fluxos migratórios seriam caracterizados pela existência de movimentos populacionais de ida e vinda, ou seja, para todo grupo de migrantes que se deslocasse em determinada direção (corrente) deveria existir um movimento na direção contrária e de menor intensidade (contracorrente), que poderia ser representado pelo grupo dos chamados migrantes de retorno.

Apesar de apontar a melhoria nos transportes, a distância, o sexo e outros fatores como determinantes para o processo migratório, estes últimos funcionavam apenas como catalisadores, pois Ravenstein reconhecia o motivo econômico como a principal causa desencadeadora dos fluxos migratórios.

Tendo-se em vista o contexto da revolução industrial no qual Ravenstein elaborou suas *leis*, é possível dizer que a simples possibilidade de melhores salários nas regiões urbano-industriais já bastaria para motivar a migração do campo para as cidades.

Além disso, se por um lado as leis de migração se aplicam razoavelmente bem aos movimentos do campo à cidade de numerosos países em processo de industrialização, por outro lado também é possível se pensar na motivação econômica como uma causadora do fluxo inverso, isto é, como uma causadora das contracorrentes migratórias originadas da cidade para o campo.

Massey⁴² e equipe desenvolveram um estudo em 1997, explicando a mobilidade humana das migrações como sendo motivadas por forças sociais, políticas e econômicas, estabelecendo uma profunda relação entre desenvolvimento e migrações internacionais. Quatro são os elementos basilares que movem o processo migratório segundo Massey:

o estudo das forças estruturais que promovem a emigração dos países em desenvolvimento; a caracterização das forças estruturais que atraem imigrantes aos países desenvolvidos; a consideração das motivações, das metas e das aspirações das pessoas que respondem a tais forças, transformando-se em migrantes internacionais; e, o estudo das estruturas sociais e econômicas que surgem para conectar áreas de saída e de destino da migração.⁴³

No ano de 2009 foram apresentadas três edições sobre o estudo das migrações, com o foco dirigido ao fator econômico das migrações, constituindo-se no principal manual bibliográfico para o estudo das migrações. Muitos desses estudos tiveram como base primeira um volume⁴⁴ publicado nos Estados Unidos em 1993, por Stephen Castels e Mark J. Miller. O foco nesse estudo não se dá nos temas de políticas migratórias, mas na ética vivida pelas sociedades marcadas por movimentos populacionais⁴⁵.

Portes⁴⁶ afirma que é tarefa das teorias sobre as migrações entender as forças fundamentais que conduzem estes processos, aprofundando o

⁴² MASSEY, D. S. et al. *Worlds in motion*. Understanding international migration at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005, p. 3.

⁴³ Ibid., p. 281.

⁴⁴ CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration*. International population movements in the modern world, New York: London: The Guilford Press, 2009.

⁴⁵ Ibid., p. 16-17.

⁴⁶ PORTES, A. "Immigration theory for a new century: some problems and opportunities". In *International Migration Review*, v. 31, n. 4, 1997, p. 779-825. Segundo Portes e De Wind, no artigo introdutório ao volume, três são os eixos básicos que suportam as teorias das migrações: "1. O que motiva o povo a migrar através de fronteiras internacionais, muitas vezes por altos custos financeiros e psicológicos? 2. Como os imigrantes mudam depois da chegada? (As respostas a estas perguntas apontam para questões como a adaptação, a assimilação, o pluralismo e a migração de retorno) 3. Qual o impacto dos imigrantes na vida americana e em sua realidade econômica e sociocultural e em suas instituições políticas?". Cf. PORTES, A.; DE WIND, J. "A Cross-Atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration". In: *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, pp. 828-851.

conhecimento dos mesmos para compreender e entender o fenômeno “como as redes sociais, as expectativas normativas das comunidades e as estratégias das famílias se modificam e, a seu tempo, podem subverter os precedentes determinantes estruturais”⁴⁷.

Alguns questionamentos são importantes nesse contexto: por que pessoas e grupos migram? Por que nem todos migram? O que determina a escolha de certos lugares de imigração e de emigração? O que acontece com as sociedades onde chegam as migrações? Que processos são desencadeados diante de outra cultura, outro idioma, outros valores? Por que retornam? Quais transformações ocorrem nos processos de imigração e de emigração? E os conceitos de pessoa e de identidade? A dimensão religiosa ajuda ou cerceia estes processos migratórios?

Diante das migrações internacionais podemos ainda acrescentar mais perguntas: o que motiva um povo a migrar para o exterior? O que muda ao chegar em terra estrangeira? Qual o impacto da migração na sociedade de chegada?

A literatura costuma levantar três abordagens para explicar os movimentos migratórios: uma delas baseia-se em modelos neoclássicos de escolha individual; a segunda utiliza uma abordagem chamada de histórico-estrutural⁴⁸; a terceira é a abordagem domiciliar ou familiar, que faz uma análise conjunta das duas primeiras teorias.

Na primeira, a decisão de migrar ou não é concebida sob um ponto de vista micro, principalmente através da análise e da ponderação dos custos e benefícios esperados pelo indivíduo racional nos locais de origem e destino.

Na segunda, o processo migratório é visto como uma decorrência da conjuntura econômica, social e política vigente. Para esta vertente de autores, os movimentos migratórios são determinados dentro de uma esfera histórico-estrutural ampla, capaz de suplantar os interesses individuais dentro do processo de decisão. Em outras palavras, considerar o contexto econômico e social no qual estão inseridos os migrantes potenciais é mais importante para se analisar as causas do deslocamento populacional do que a simples análise de custos e benefícios, sugerida pela abordagem micro.

⁴⁷ PORTES, A.; DE WIND, J. “*A Cross-Atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration*”. In: *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, pp. 801 e 803.

⁴⁸ MUNIZ, J. O. *Um ensaio sobre as causas e características da migração*. UFMG/CEDEPLAR/Demografia. Disponível em: http://www.ssc.wisc.edu/~jmuniz/ensaio_migracao.pdf. Acesso em: 15.01.2015.

Por fim, uma terceira abordagem tenta agregar as teorias neoclássicas (micro) e histórico estrutural (macro) sob uma perspectiva domiciliar (ou familiar).

Migração e desenvolvimento continuam como centro dos interesses políticos, acadêmicos e organizações de migrantes, considerando a relevância dos fatos e dos determinantes implicados⁴⁹. Migração não produz desenvolvimento automaticamente, mas pode fortalecê-lo.

as decisões sobre migrar ou permanecer, tomadas pelas famílias e por indivíduos, não somente influenciam decisões tomadas sucessivamente por outras pessoas e famílias, mas também ajudam a determinar, a longo prazo, as arrumações sociais e econômicas dentro das famílias, entre os parentese nas comunidades de origem. Além disso, mesmo mudanças nas redes e nas coletividades no país de origem podem ser esperadas durante a ausência dos migrantes ou a seguir de seu retorno⁵⁰.

Em seguida, cada uma das teorias expostas, serão estudadas distintamente e um pouco mais a fundo, visando a uma maior elucidação e compreensão do debate sobre as possíveis causas dos movimentos migratórios.

2.1.1 Os modelos neoclássicos

Os modelos neoclássicos de decisão sobre migração, em sua maioria, levam em conta uma estrutura de custos e benefícios que são contabilizados sob o ponto de vista do indivíduo e, em alguns casos, sob o ponto de vista da família. Em um contexto micro, os investimentos em educação, treinamento e migração, normalmente são vistos como investimentos em capital humano, e visam sobretudo à ascensão social e à melhoria das condições de vida.

O modelo de custo/benefício descrito por Massey⁵¹ baseia-se numa equação de retorno temporal esperado do ponto de vista individual, onde são levados em conta os custos decorrentes da migração e os ganhos esperados na região de

⁴⁹ Uma das principais referências em nível internacional para o estudo da relação migração X desenvolvimento é a Red Internacional de Migración y Desarrollo, que além de muitas publicações, uma revista científica sobre o tema (disponível on line) e ampla articulação entre os principais estudiosos que, no mundo, estudam o tema, também participa dos espaços transnacionais onde o tema se cruza com debates políticos e governamentais ou em espaços onde as articulações das organizações atuam pelos direitos humanos de migrantes e refugiados. Cf. o site oficial da rede: <http://meme.phpwebhosting.com/~migracion/rimd/index.php>.

⁵⁰ HAMMAR, T. et al (Ed.). *International Migration, immobility and development: multidisciplinary perspectives*. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997, p. 212-213.

⁵¹ MASSEY, D. S. *Social Structure, household strategies, and the cumulative causation of migration*. Population Index, 1990, 56 (1): 3-26.

origem e de destino, ambos ponderados pela renda esperada e pela probabilidade de ser empregado em cada uma das regiões envolvidas no processo de decisão. Sempre que o retorno esperado for positivo, o indivíduo irá optar pela migração, já que os benefícios esperados no local de destino seriam maiores do que na região de origem.

Sob a ótica do indivíduo, tanto os custos quanto os benefícios assumem um alto grau de subjetividade, ou seja, o peso dado aos custos e benefícios irá depender quase que exclusivamente da racionalidade do agente. Os custos podem ser representados pelas amenidades do local de destino, pelo preço do transporte, pelas perdas psíquicas resultantes do afastamento dos familiares ou amigos, pelo custo de oportunidade envolvido no processo de mudança, pelo aumento do custo de vida, etc. Por outro lado, os benefícios podem ser na forma de incremento na satisfação pessoal no trabalho, aumento nos ganhos futuros, ganho em atividades não relacionadas ao mercado, melhoria da qualidade de vida e outros.

Dentro das abordagens neoclássicas podemos identificar as teorias econômicas, que têm como principal causa dos fluxos migratórios, não as guerras ou desastres naturais, mas sim as causas econômicas e de mercado. As teorias econômicas são:

Teoria neoclássica de Adam Smith⁵² - essa teoria dizia que a lacuna entre a oferta e demanda no trabalho é que ocasiona a migração de trabalhadores. Ele desenvolveu a teoria neoclássica da migração, apresentando uma visão microeconômica da economia, em 1960.

O foco está relacionado ao mercado de trabalho e o seu custo-benefício. Imigrantes que, de maneira livre, decidem migrar tendo em vista um retorno monetário positivo. Este movimento migratório poderia ser denominado de investimento em capital humano.

A dificuldade desta teoria neoclássica estaria na não contemplação dos movimentos populacionais. Castles e Miller questionam os fundamentos da teoria neoclássica, pois para eles

parece absurdo tratar os migrantes como atores individuais no mercado, que teriam informação completa sobre suas opções e liberdade para fazer escolhas racionais. Pelo contrário, os migrantes têm informações limitadas e muitas vezes

⁵² Economista e filósofo escocês e viveu entre 1723-1790.

contraditórias e são sujeitos a uma série de restrições (especialmente falta de poder perante empregadores e governos)⁵³.

Sem dúvidas, essa realidade econômica ajuda a compreender as migrações, porém não esgota os motivos e as decisões de migrar.

Apesar do crescimento econômico em países pobres reduzir, no decorrer do tempo, o incentivo a emigrar por causa do aumento no padrão de vida e da diminuição do abismo econômico com os países que potencialmente poderiam ser destino de migrantes, em um breve período, todavia, aumenta a pressão para a emigração, com consistentes deslocamentos populacionais⁵⁴.

A teoria da nova economia das migrações é centrada na microeconomia, são as migrações coletivas ou familiares, seja para aumentar ganhos, seja para minimizar custos e riscos da realidade migratória.

Segundo esta abordagem, as famílias tendem a minimizar os riscos para alcançar seu bem-estar econômico, diversificando as atribuições da força de trabalho familiar. Desse ponto de vista, enviar alguns membros da família para trabalhar em outro país, onde os salários e as condições de emprego são amplamente independentes das condições econômicas locais, é uma forma de assegurar-se contra os riscos da deterioração do nível de vida familiar⁵⁵.

O aumento da renda familiar e a diminuição dos riscos migratórios são consideráveis motivações para o fluxo migratório, pois melhora a vida dos sujeitos implicados nesses processos.

A teoria da seletividade da migração analisa os processos migratórios seletivos que levam em conta a diferença salarial do lugar de origem para o do destino, o perfil e qualificação dos migrantes. Torna-se migrante quem tem perfil mais próximo ao mercado de trabalho do local de destino. Este mesmo critério serve para classificar quem deve ficar e quem deve voltar.

2.1.2 Os modelos histórico-estruturais

De acordo com a abordagem histórico-estrutural proposta em modelos macro, a migração seria uma decorrência da desigualdade econômica entre as regiões. Segundo estes modelos, as áreas mais prósperas tenderiam a atrair os migrantes das regiões onde houvesse recessão econômica. Em outras palavras, a

⁵³ CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration*. International population movements in the modern world, New York: London: The Guilford Press, 2009, p. 23.

⁵⁴ MASSEY, D. S. et al. *Worlds in motion*. Understanding international migration at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005, p. 10.

⁵⁵ ZLOTNIK, H. *Théories sur les migrations internationales*. In: CASALLI, G.; VALLIN, J.; WUNSCH, G. (Ed.). *Demographie: analyse et synthèse*. IV. Les déterminants de la migration. Paris: Editions de L'Institut National d'Etudes Démographiques, 2003, p. 58.

migração seria causada pelo diferencial de oferta e demanda existente no mercado de trabalho.

Sob o ponto de vista histórico-estrutural, vários autores dão outro tipo de tratamento aos processos migratórios. Para Singer⁵⁶, por exemplo, as migrações seriam processos historicamente condicionados por características estruturais da industrialização.

As mudanças demográficas, sociais e históricas, representadas sobretudo pelo crescimento populacional, pela modernização e pela alteração das relações de produção seriam as principais responsáveis pela determinação da dinâmica migratória. Segundo o autor, haveria dois tipos de fatores de expulsão atuando sobre a região de origem: os de mudança e os de estagnação.

Nos primeiros, a introdução das relações capitalistas englobando novas técnicas de produção causaria o aumento da produtividade local, provocando assim a redução do nível local de emprego, a migração para outras regiões e, conseqüentemente, a redução do tamanho absoluto da população. Já os fatores de estagnação seriam decorrentes da pressão populacional sobre os meios de produção agrícola. Neste caso, a migração seria uma decorrência do crescimento vegetativo não acompanhado pela ampliação do número de empregos no campo.

Singer também avalia a migração como um fenômeno estrutural e relacionado com a classe social (ou grupo) do migrante. Por ser um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo, mas o grupo, a hipótese básica levantada por Singer é que “[...] o fluxo determina os movimentos unitários e estes só podem ser compreendidos no quadro mais geral daquele”.⁵⁷

Em outras palavras, principalmente por razões de cunho econômico, em um primeiro momento, determinadas classes seriam postas em movimento e, somente em um segundo momento, haveria uma seletividade dentro destes mesmos grupos.

Dentro da abordagem histórico-estrutural, encontramos as teorias antropológicas. A antropologia é a disciplina que mais envolve diretamente os sujeitos dos fluxos migratórios, uma vez que garante fontes diretas e atenção e escuta dos migrantes no estudo da mobilidade humana. Vertovec, citando Brettel, afirma que a abordagem antropológica das migrações

⁵⁶ SINGER, P. I. *Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo*. In: SINGER, P. I. *Economia Política e Urbanização*. Cap. 2: 29-60. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 54.

deveria sublinhar ambos aspectos: a estrutura e o elemento humano; deveria olhar para questões do contexto macrossocial, para estratégias de nível micro e processos de decisão, e, ao mesmo tempo, estruturas de relações a nível mesoestrutural dentro das quais os indivíduos agem. Trata-se de articular ambos: indivíduos e processos⁵⁸.

Essa elaboração teórica será datada e contextualizada no espaço e tempo que geraram o fenômeno estudado. Faz-se necessário “de alguma maneira casar fontes de dados quantitativos e basilares análises econômicas e demográficas da migração com a etnografia e a história oral sobre o sentido, a vida e as experiências dos migrantes”⁵⁹.

A Teoria de sistemas mundiais postula que a migração é mais provável entre as realidades coloniais e suas ex-colônias e que as aglomerações migratórias tendem a se concentrar nas grandes cidades das potências coloniais, onde a mão de obra é maior.

Essa teoria recolhe elementos de diversas teorias sociais, de linha marxista, e suas ideias referentes ao capitalismo e as causas da migração internacional. O ponto positivo dessa teoria está em recolher dados para explicar as desigualdades sociais e econômicas vigentes: migrações irregulares, políticas migratórias e discriminatórias e xenofobias em casos de mobilidade humana e cidadania.

As teorias de processualidade assumem que a mobilidade é um projeto complexo e interligado que precisa ser entendido como um todo. Adota a visão de que os atores da mobilidade humana não se repetem, portanto, cada um se transforma no que vive, e os significados mudam.

A migração é um processo que afeta todas as dimensões da existência social e que desenvolve suas próprias dinâmicas complexas⁶⁰. A migração se sustenta por fatores sociais, mesmo quando foram os fatores econômicos que desencadearam esse processo de mobilidade humana. Entender a migração como fenômeno social e político, diversificado e complexo, inclui compreender que

o processo migratório funciona em modo similar em qualquer lugar [do mundo], no que se refere ao mercado de trabalho segmentado, à segregação residencial e à formação de grupos étnicos. As principais diferenças devem ser encontradas nas

⁵⁸ VERTOVEC, S. (Ed.). *Anthropology of Migration and Multiculturalisms*. New York: Routledge, 2011, p. 9.

⁵⁹ BRETTELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (Ed.). *Migration Theory: talking across disciplines*. New York: London: Routledge, 2000, p. 260.

⁶⁰ CASTLES, S.; MILLER, M. J. CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration. International population movements in the modern world*, New York: London: The Guilford Press, 2009, p. 21.

atitudes públicas e nas políticas dos governos sobre imigração, inserção, cidadania e pluralismo cultural⁶¹.

A teoria do duplo mercado de trabalho sustenta que os países desenvolvidos têm necessidade de mão de obra estrangeira devido as carências nas suas estruturas econômicas. A teoria enfatiza que as migrações estão ligadas a fatores estruturais das economias capitalistas. Este mercado de trabalho abre muitos precedentes, de provisoriedade e de enganos onde a aceitação de imigrantes permite a exploração, o trabalho informal e a diminuição dos custos dos trabalhadores para a indústria. Abrem-se assim portas para contrabandistas e traficantes de seres humanos.

O valor negativo que o povo atribui para empregos de baixos salários em países industrializados, por exemplo, pode abrir mais oportunidades de emprego para trabalhadores estrangeiros, aumentando assim os lucros por estes esperados, ampliando sua habilidade em superar riscos e restrições no crédito e permitindo às famílias de alcançar maior renda, com o envio de alguns membros ao exterior⁶².

“A chamada para o trabalho em nossos centros industriais e no comércio é a primeira causa daquelas correntes migratórias”⁶³. Max Frisch assim se expressou: “Nós queríamos trabalhadores, recebemos pessoas”⁶⁴. Reinterpretada depois como “fomos buscar braços e nos chegaram homens e mulheres”⁶⁵.

2.1.3 Os modelos de decisão intradomiciliares

Todas as teorias discorridas até aqui são bastante úteis em estudos migratórios e agregam várias concepções distintas sobre as razões que levam indivíduos e grupos sociais a migrarem. Entretanto, os pressupostos adotados por estes modelos nem sempre são tão plausíveis. Em primeiro lugar, os migrantes não respondem mecanicamente aos diferenciais de renda ou emprego; em segundo lugar, os indivíduos são heterogêneos quanto às suas preferências e motivações, agem em contextos diferenciados e nem sempre são capazes de elaborar e

⁶¹ CASTLES, S.; MILLER, M. J. CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration*. International population movements in the modern world, p. 245.

⁶² MASSEY, D. S. et al. MASSEY, D. S. et al. *Worlds in motion*. Understanding international migration at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005, p. 33.

⁶³ RAVENSTEIN, E. G. “*The laws of migration*”. In: *Journal of the Statistical Society on London*, v. 48, n. 2, 1885, p. 198.

⁶⁴ KEELEY, B. *International migration*. The human face of globalization. OECD, 2009, p. 27.

⁶⁵ CDUCOLI, B. “*Croci e incroci migratori e culturali*”. In: *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobiliade Humana*, v. 17, n. 26-27, 2006, p. 55-75.

maximizar de forma ótica sua função de retorno esperado para medirem o benefício da migração.

Além destes, há uma série de outros pressupostos que enfraquecem as teorias, micro e macro, abordadas até aqui. Apenas para exemplificar, é possível citar: ausência de assimetria de informação, comportamentos racionais, mercados perfeitos, quantificação monetária de amenidades, ausência ou contabilização do risco de migrar, e outros.

Para vencer algumas destas limitações, alguns autores propõem a adoção do domicílio como unidade de análise numa tentativa de integrar as abordagens individual e histórico estrutural. Um ponto essencial da abordagem domiciliar é que as decisões a respeito da migração não são tomadas por atores individuais, mas por grupos de pessoas – normalmente famílias ou domicílios – que agem coletivamente para maximizar a renda esperada, minimizar os riscos e superar dificuldades associadas às imperfeições do mercado.

Tal como colocado por Wood⁶⁶, entre as possíveis estratégias adotadas pela unidade domiciliar como resposta aos choques econômicos pode-se destacar, como componente central, a mobilidade geográfica de um ou de todos os membros do domicílio. A distribuição dos membros do domicílio em atividades produtivas distintas pode ser uma boa estratégia para se diversificar o risco quando os ganhos em várias modalidades não são correlacionados entre si.

A partir do final de 1990, como dito anteriormente, os estudos sobre migrações começaram a se tornar contextualizados e pontuais. Três temas tomam destaque: diversidade cultural e identidade; gênero e família; e religião. Já não nos perguntamos somente por que as pessoas migram e por que outros não migram, pois sabemos que não existe uma única regra ou resposta para tal questão. Hoje nos perguntamos como solucionar problemas e buscar soluções para os processos migratórios. Da atenção às massas em deslocamentos, às motivações internacionais, passou-se a olhar o comportamento de imigrantes anteriores. Morawska define quatro premissas para o fenômeno migratório:

1. As atividades dos imigrantes transformam as sociedades nas quais se incorporam;
2. Existe uma ampla variedade de resultados dos processos de negociação dos atores implicados nas estruturas sociais, influenciados pelos

⁶⁶ WOOD, C. H. *Equilibrium and historical-structural perspectives on migration*. International Migration Review, 1982, 16 (2): 298-318.

diferentes backgrounds dos imigrantes e suas situações em constante mudança; 3. Tais resultados são determinados pela relação entre recursos e metas socioeconômicas e culturais perseguidas pelos imigrantes e as limitações que as condições estruturais de fato permitem; e, 4. O processo interativo citado e os produtos que geram podem ser melhor compreendidos se estudados em pesquisa comparada⁶⁷.

Desta análise, conclui-se que: a) a ampla diversidade de resultados dos processos interativos entre atores migrantes e as estruturas sociais é um dado de fato; b) os migrantes e transmigrantes pessoalmente, com seu capital humano e social e suas especificidades, jogam um papel cada vez maior na determinação do tipo e da direção de processo desencadeado na realização do próprio projeto migratório; c) os processos de incorporação diferem notavelmente de uma geração de migrantes a outra, e isto precisa ser considerado conceitualmente e metodologicamente pelas ciências; d) os procedimentos de incorporação ou integração dos migrantes nas sociedades para onde imigram acontecem diferentemente seja por comunidades, seja até mesmo por âmbitos da vida de cada indivíduo; e, e) os processos sociais, econômicos e políticos das sociedades de origem, de trânsito ou de destino, com as quais os migrantes se relacionam, exercem influência sobre a qualidade e os ritmos dos processos que estes vivem⁶⁸.

A abordagem por mosaico, que também tem caráter antropológico e que melhor se enquadra nessa abordagem, enfoca que a migração afeta toda a vida de uma pessoa que vive esta experiência. São situações das mais variadas nos contextos migratórios, seja na influência, seja na vivência da condição de migrante ou refugiado. Tais condições mudam a cada fase do projeto migratório e transformam, a cada etapa, quem vive neste processo móvel.

No estudo da mobilidade migratória o que muda é o dado empírico, e a mudança acontece a partir das perguntas com que se vai pesquisar e seus objetivos. Assim sendo, uma e outras correntes e teorias são mais eficazes para a coleta de dados. Afirma Sassen, “as migrações não acontecem do nada. Elas são

⁶⁷ MORAWSKA, E. *A Sociology of Immigration: (Re)Making Multifaceted America*. New York: Palgrave Macmillan, 2009, p. 4-6.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 223-225.

produzidas. [...] as migrações internacionais são produzidas, têm padrões e são integradas dentro de específicas fases históricas”⁶⁹.

Diante desses processos migratórios deparamo-nos com realidades nem sempre favoráveis, porém desafiadoras para a prática pastoral. Podemos citar três grandes desafios:

1. A relação entre imigração e tráfico humano. A noção de tráfico humano não é unívoca, sendo, por vezes, objeto de equívocos ou mal-entendidos. Nesta perspectiva é mister elucidar a distinção entre “migração irregular”, “contrabando de pessoas” e “tráfico humano”⁷⁰.

A entrada irregular no país de destino com o “objetivo de obter, direta ou indiretamente, um benefício financeiro ou outro proveito material”⁷¹, muitas vezes, aparece como contrabando de migrantes, *smuggling*, pela presença de grupos organizados que lucram ao facilitar a emigração da pessoa. É um tipo de tráfico que não produz vítimas, mas a violação das leis imigratórias do Estado de destino⁷². Estamos diante do assim chamado *trafficking* ou tráfico humano, quando existe “a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a extração de órgãos”⁷³ das vítimas.

2. Consentimento. O recrutamento implica sempre o engano, a coação ou alguma forma de violência ou, então, o aproveitamento de uma situação de vulnerabilidade da vítima. No entanto, com bastante frequência, sobretudo no que diz respeito à questão do Tráfico para fins de exploração sexual, muitas vítimas não se autocompreendem como tais⁷⁴.

3. Trabalho Forçado. A ameaça pode se concretizar de diferentes formas. Entre elas há algumas que dizem respeito especificamente aos migrantes que fazemos questão de destacar: “ameaças de denúncia da vítima à polícia ou a

⁶⁹ SASSEN, S. *Guests and alien*. New York: The New Press, 1999, p. 155.

⁷⁰ DAUNIS RODRÍGUEZ, A. *Sobre la urgente necesidad de una tipificación autónoma e independiente de la trata de personas*. In: *InDret*, 1, 2010, p. 6-10.

⁷¹ Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional contra o Tráfico Ilícito de Migrantes por Via Terrestre, Marítima e Aérea.

⁷² PEIXOTO, J. *Tráfico, contrabando e migração irregular*. Os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. In: *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 53, 2007, p. 73.

⁷³ Protocolo Adicional a Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo a Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças.

⁷⁴ PISCITELLI, A. *Procurando vítimas do tráfico de pessoas: brasileiras na indústria do sexo na Espanha*. In: *REMHU*, ano XIX, n. 37, jul./dez. 2011, p. 11-26.

autoridades de imigração, quando sua situação de emprego é ilegal, ou denúncia a dirigentes locais no caso de jovens forçadas a se prostituírem em cidades distantes”⁷⁵.

Enfim, “toda a forma de trabalho escravo é trabalho degradante, mas a recíproca nem sempre é verdadeira. O que diferencia um conceito do outro é a liberdade”⁷⁶. Lembra Élio Gasda “a idolatria aparece como pecado gerador de outros pecados”, por isso “na raiz do tráfico de seres humanos e do trabalho escravo está a idolatria”⁷⁷.

A teologia é a disciplina sede deste estudo. As teorias da mobilidade humana são suportes para o conhecimento de dados e bibliografias importantes para o estudo das migrações. Deixa-se bem claro que não busca-se uma teoria da mobilidade nos ambientes de migração, mas uma hermenêutica, à luz da fé e da experiência cristã das vivências dos migrantes católicos na América do Norte, Boston, como sujeitos diretamente implicados ou não como Igreja no processo pastoral de missão e evangelização.

2.2 Processos Migratórios Contemporâneos

A globalização é uma realidade quase irreversível e um processo que afeta a todos. Esse processo que vivenciamos em nossa atualidade promove a universalidade e a uniformidade global dos seres humanos. Ele tanto divide como une. Para alguns é sinal de liberdade e para outros é um destino indesejado e cruel. A globalização, segundo Brumer, “[...] se caracteriza atualmente por uma integração entre todos os países da terra e entre regiões de um mesmo país - incluindo suas populações - em termos econômicos, políticos, sociais e culturais”⁷⁸.

⁷⁵ Organização Internacional do Trabalho. *Uma Aliança Global contra o Trabalho Forçado*. Relatório Global do Seguimento da Declaração da OIT sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho. Brasília: OIT, 2005, n. 14.

⁷⁶ Id.. *Trabalho escravo no Brasil no século XXI*. Programa de Ação Especial para o Combate ao Trabalho Forçado. Genebra: OIT, 2006, p. 11.

⁷⁷ GASDA, E. *Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo: lugar teológico, exigência ética, missão da Igreja*. In: CNBB. *Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo*. II Seminário Nacional. Brasília: CNBB, 2012, p. 18-19.

⁷⁸ BRUMER, A., *Gênero, família e globalização*. Porto Alegre: Sociologias, n. 21, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 out. 2015.

As pesquisas em torno das migrações têm mostrado a existência de todo um universo material e não material que circula junto ao migrante (objetos, conhecimento, estilo de vida, saberes, práticas religiosas, *ethos*, etc.). A realidade aponta para as diversidades e complexidades envoltas em trânsitos, deslocamentos e mobilidades de pessoas. Um desafio para refletirmos diversidades e interculturalidades contemporâneas.⁷⁹

No passado, a migração de europeus para América foi considerada bem-vinda, pois levava mão de obra barata e/ou reforço populacional para as terras desertas. A forte emigração europeia em direção às Américas, como também à Austrália e Nova Zelândia, no decorrer do século XIX e primeiras décadas do século XX – os historiadores estimam em mais de 60 milhões o número de pessoas que deixaram a Itália, Alemanha, Grã Bretanha, Polônia, Irlanda, Espanha, Portugal, etc. – inaugura uma nova concepção de pátria. Nesta, “a terra que dá o pão” toma o lugar da terra natal como referência de solo pátrio. Nos países de destino, os migrantes se mesclam numa população que, longe de contar com um passado comum, constitui-se a partir de uma origem fortemente heterogênea, quer em termos territoriais e históricos, quer de um ponto de vista linguístico e cultural.

Hoje, a situação dos migrantes que ancoram em países alheios é bem diferente. A plataforma política volta-se cada vez mais à exploração do medo dos migrantes, aos quais são atribuídos males como o aumento da criminalidade, o crescimento do desemprego e do vandalismo, o crescimento de cultos e religiões objetáveis pela maioria, a sobrecarga dos serviços públicos, e finalmente, o terrorismo. O medo aumenta a xenofobia e vice-versa.

A emergência histórica dos estados nacionais amadurece junto com a modernidade, e consolida-se com a Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) e com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), dois documentos que nascem, respectivamente, com a guerra da independência, nas terras novas de além-mar, e com a Revolução Francesa, no velho continente. Chegava-se, assim, ao ápice de um longo percurso, onde a subjetividade e a individualidade que cresceram gradualmente desde o renascimento, o humanismo

⁷⁹ZANINI, M. C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. (org.). *Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: UFSM, 2013.

e o iluminismo, desembocavam na consciência de uma cidadania autônoma frente ao Estado.

De um ponto de vista antropológico e sociocultural, a comunidade religiosa figura muitas vezes como um lugar privilegiado para a retomada da noção de pátria. Ali, no espaço da Igreja, o migrante reencontra seus conterrâneos, às vezes consegue reunir a família dispersa, refaz laços antigos e constrói novos relacionamentos. Esse espaço inicial é condição básica para uma integração menos traumática e menos demorada.

Idioma, expressões culturais do país de origem, devoções populares, festas religiosas ou patrióticas e visão de mundo de alguma forma unem pessoas e famílias que a migração havia temporariamente separado. Se, num primeiro momento, o migrante conta predominantemente com o suporte dos parentes, amigos e familiares mais próximos para “conhecer e entrar” na nova realidade, num segundo momento a comunidade religiosa pode ser-lhe de grande ajuda, tanto para o encontro/reencontro quanto para regularizar a situação nem sempre legal de migrante.

O processo de globalização vem modificando gradualmente a noção de pátria. “Minha pátria é a língua portuguesa”, dizia o poeta Fernando Pessoa.

Dom J. B. Scalabrini, bispo de Piacenza, Itália, por sua vez, sustentava, no final do século XIX, que ‘para os migrantes a pátria é a terra que lhes dá o pão’. O mesmo bispo, considerado pai e apóstolo dos migrantes, acrescentava que o fenômeno migratório ‘funde e aperfeiçoa as civilizações, amplia o conceito de pátria para além dos confins materiais, tornando o mundo a pátria do homem’.⁸⁰

Entre as pesquisas sobre mobilidade humana e migração, o tema da transnacionalidade tem suma importância na contemporaneidade. Os movimentos migratórios passaram a ser vistos como realidades transnacionais, nos seus deslocamentos, atividades e espaços e não mais apenas de forma bilaterais e unidirecionadas. Origem e destino criam formas novas de comunicação, serviços, circulação, bens e informações, criando uma espécie de teia de relações e processos com outros países. O primeiro a utilizar o prefixo “trans” foi Ortiz, referindo-se à transculturação, em 1940, porém a difusão desse termo deve-se a

⁸⁰ GONÇALVES, A. J. (Pe.). *O mundo como pátria. Instituto Migrações e Direitos Humanos*. Disponível em: http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=247:o-mundo-comopatria&catid=88&Itemid=1211. Acesso em: 22.07.2014.

Nina Glick-Schiller⁸¹, que o aplicou para o estudo das migrações internacionais os termos transmigrantes e transnacionalismo.

O transnacionalismo proposto por Glick-Schiller e colaboradores aponta para uma também abordagem teológica da mobilidade humana. “Um novo tipo de migração da população está emergindo”⁸² e este novo deveria ser conceituado⁸³. O transnacionalismo supera uma visão fechada de cultura, não analisando o imigrante apenas como mão de obra, necessariamente vinculado à questão econômica de desenvolvimento. Trata-se de olhar o migrante como pessoa em todas as suas dimensões.

Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece manter diversas identidades, o que os mantém conectados simultaneamente com mais de uma nação. Mantendo muitas diferentes identidades de raça, nação ou etnia, os transmigrantes são capazes de exprimir sua resistência à política global e às situações econômicas que os engloba [...]⁸⁴

O transnacionalismo ajuda o estudo da mobilidade humana quando olha diretamente para os atores da experiência migratória. A mobilidade das pessoas produz realidades diversificadas e não são homogêneas. Carolle Charles, citando Portes e Walton, sugere que

mais do que um simples movimento de um lugar para outro, migração internacional é um processo de construção de rede, de laços em rede, de relações entre grupos e agentes sociais distribuídos por diferentes lugares, maximizando suas oportunidades econômicas através de múltiplos deslocamentos.⁸⁵

⁸¹ Segundo Itzigsohn e Saucedo, o transnacionalismo representa um novo paradigma no estudo da mobilidade humana, pois considera que os migrantes redefinem, mas não cortam, suas relações com o país de origem, criando até mesmo uma multiplicidade de relações em diferentes áreas de ação que transcendem as fronteiras nacionais. ITZIGSOHN, J.; GIORGULI SAUCEDO, S. “*Immigrant incorporation and sociocultural transnationalism*”. In: *International Migration Review*, v. 36, n. 3, 2002, pp. 766-799.

⁸² GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. *Towards a definition of transnationalism: Introductory remarks and research questions*. *Annals of the New York Academy of Sciences*, Vol. 645, ix–xiv. DOI:10.1111/j.1749-6632.1992.tb33482.x, 1992, p. 1.

⁸³ Em 2004, a Revista *International Migration Review* publicou um número especial sobre transnacionalismo com artigos dos principais expoentes norte-americanos sobre o tema: vol. 38, n.3. No ano de 2008, em Barcelona, um evento sobre o transnacionalismo no estudo das migrações ofereceu estudos que contribuíssem a tornar-se sempre mais rigoroso o uso da categoria nos estudos sobre mobilidade humana. Cf. o volume dos atos do Simpósio Internacional “*Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*”. Universitat Autònoma de Barcelona, de 14-15 Febrero 2008, In: SOLÉ, C; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Coords.). *Nuevos retos del acionalismo en el estudio de las migraciones*. Madrid: Observatorio Permanente de la Inmigración, 2008.

⁸⁴ *Ibid*, p. 11.

⁸⁵ CHARLES, C. *Translationalism in the construct of Haitian migrant’ racial categories of identity in New York City*. In: GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. *Towards a transnational perspective on migration. Race, class, ethnicity and Nationalism reconsidered*. New York: *The New York Academic of Sciences*, 1992, p. 101.

Amplia-se assim o valor semântico e cultural da complexidade da mobilidade humana. O transnacionalismo renova para melhor, em muitos sentidos, a humanidade toda e, nela, também a Igreja. O transnacionalismo no estudo das migrações leva a superar o modelo bipolar país de origem – país de destino como dois mundos distintos e contrapostos, separados. Utiliza de forma circular os processos migratórios, no qual acontecem relações e movimentos de lugares, trânsito, destino e origem.

Pode, como cita Castles, “a longo prazo, ter enormes consequências para a identidade social e as instituições políticas, seja no país de origem, seja no de destino dos fluxos”⁸⁶. O transnacionalismo provoca reflexões nas políticas e nas leis migratórias, seja sobre vistos e permanências, residências, dupla nacionalidade, direitos e cidadania, e até configuração de família e de valores.

Não são poucos os casos em que pessoas, famílias ou grupos inteiros encontraram na respectiva Igreja um trampolim para a integração no país de destino. Troçamos, deste modo, com um aparente paradoxo. Por uma parte, os migrantes utilizam a religião para reencontrar-se e reconstituir-se como povo, recordar seus costumes originais, degustar comidas típicas, celebrar as próprias datas festivas e sentir-se “em casa”, enquanto população etnicamente homogênea, mas estrangeira. De outra parte, utilizam a Igreja também para inserir-se na sociedade heterogênea que os recebe e onde terão de viver.

Em geral, a comunidade vai de encontro não somente às suas necessidades culturais e/ou religiosas, mas também ajuda-o no árduo e constrangedor processo de documentação, na assistência jurídica e às vezes imediata, como também na busca de trabalho, habitação, escola para os filhos, e outras necessidades. Não sem razão alguns migrantes concluem que “o coração de Jesus” – referindo-se aos espaços, encontros, celebrações comunitárias e à boa aceitação – “é a pátria dos que estão longe de sua terra e de sua família”⁸⁷.

Os recém-chegados sabem da comunidade através de uma rede capilar de informações, a qual presta grande serviço à coesão e à defesa do grupo,

⁸⁶ CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration: International population movements in the modern world*. 4a. ed. New York / London: The Guilford Press, 2009, p. 48.

⁸⁷ GONÇALVES, A. J. *O mundo como pátria*. Disponível em: http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=247:o-mundo-como-patria&Itemid=1211. Acesso em: 04.07.2014.

especialmente quando se desencadeiam ondas de discriminação, preconceito, xenofobia ou até perseguição aberta.

De forma consciente ou inconsciente, implícita ou explícita, o conceito de pátria torna-se um instrumento duplo, simultaneamente de coesão e integração. Duplo e não despido de certa ambiguidade. Com referência ao país de *origem* e ao passado comum, a noção de pátria serve como união, defesa e reforço dos laços primários de nascimento, parentesco, língua, história e cultura; mas na medida em que, de forma mais ou menos definitiva, passam a habitar o país de *destino*, a mesma concepção de pátria adquire um significado diferente.

Essa atual sociedade pluralista, secularizada e fragmentada constitui um desafio para a convivência humana e para as formações religiosas, pois a autocomunicação com Deus só chega a sua meta quando é acolhida pelo ser humano, um ser de cultura.

Sob uma ótica antropológica da cultura, a leitura nos leva a uma variedade de culturas e não consegue explicar o ponto comum entre elas e de onde surgiram. Já a filosofia nos aponta o ser humano como aquele que produz cultura. Por ser o homem um ser-no-mundo, só é capaz de se realizar através do mundo, humanizando o mundo e tal processo só acontece mediante a cultura. Na verdade, é o ser humano que dá significado e finalidade ao mundo se expressando nele. A esse respeito Hervieu-Léger assim afirma:

Pois a comunidade humana se constitui e se compreende sempre no interior de um horizonte cultural transmitido. Habitamos um *mundo social* criado por outros, com sua linguagem, símbolos, papéis e instituições, realizações políticas e econômicas. E só no interior deste horizonte cultural histórico e contextualizado encaramos, entendemos e avaliamos a realidade.⁸⁸

De fato, se, por um lado, a saída em bloco da própria terra questiona a região ou país que não é capaz de oferecer cidadania a seus filhos, por outro, a chegada a um novo lugar obriga a uma tomada de posição diante dos “diferentes e estranhos”. Tanto na origem quanto no destino, os deslocamentos humanos interpelam a sociedade, exigindo mudanças urgentes e necessárias nas relações inter-regionais e/ou internacionais.

A Igreja não pode ignorar situação do mundo e menos ainda se omitir na construção do futuro da humanidade. Vivemos um período globalizado da história. Paz, justiça, dignidade humana, solidariedade, política ecológica, tudo isso, sem o

⁸⁸ HERVIEU-LÉGER, D., *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.17.

qual a vida humana pode se tornar insuportável, como nunca depende do compromisso de todos.⁸⁹

A teia da diversidade de culturas se integra, se une; as culturas se tornam dependentes uma das outras.

As profundas mudanças de cunho sociocultural que sacodem o planeta, atingindo instituições como a família, a universidade, a organização política, a vida econômica, também não deixam de fazer sentir seus efeitos no âmbito da religião. Já se afirmou que a velocidade de tais transformações não permite às instituições se adequar aos novos desafios que surgem, gerando assim, em todas elas, um mal-estar sentido por todos nós como manifestação de uma crise que não conseguimos definir com precisão.⁹⁰

A migração comporta fluxos e refluxos, seres humanos complexos que trazem consigo um pouquinho da pátria mãe e muitos sonhos para o futuro, na pátria que os acolhe ou não. No atual cenário migratório internacional visualizam-se novas significações e identificações de imigrantes em geral pautadas pela mediação religiosa. Em razão de suas intencionalidades, funcionalidades e agregações, imigrantes se inserem, vinculam-se e acabam formando grupos de pertencimento religioso, algumas vezes sem correlação com o período anterior à imigração. A identidade de imigrante é produzida por um conjunto de fatores, também no campo religioso, que mescla continuidade com redefinições.⁹¹

A população atual é diferente, variada; existem vários contrastes e vários estilos de vida. Cada povo com suas características únicas. Nesse contexto social, visualiza-se a grandeza de características, a beleza do diferente, o universo de estilos de vidas e a capacidade de união do ser humano. Habermas afirma:

sem aquilo que move os sentimentos morais da obrigação e da culpa, da censura e do perdão, sem o sentimento de libertação conferido pelo respeito moral, sem a sensação gratificante proporcionada pelo apoio solidário e sem a opressão da falha moral, sem a ‘amabilidade’ que nos permite abordar situações de conflito e contradição com o mínimo de civilidade, perceberíamos o universo povoado pelos seres humanos como algo insuportável.⁹²

O fenômeno da mobilidade tornou-se mais agudo nas últimas décadas, apresentando várias formas de captação e compreensão, porém, com um ponto em

⁸⁹ HERVIEU-LÉGER, D., *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, p.35.

⁹⁰ *Ibid.*, p.107.

⁹¹ ZANINI, M. C.; PÓVOA NETO, H.; SANTOS, M. (org.). *Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento*. Santa Maria: UFSM, 2013.

⁹² HABERMAS, J., *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.100.

comum: a mobilidade não afeta apenas um aspecto ou outro, mas de modo especial a concepção de ser humano no que atinge sua identidade e humanização.

Insistimos bastante no critério da identidade e humanização por perceber que este se refere ao que, de modo simplificado, poderíamos chamar de mentalidade. De fato, dentre todas as mudanças, nenhuma supera a importância que têm as da mentalidade humana. É nos processos migratórios que se torna necessária a reflexão sobre como se concebe o indivíduo e como se fundam laços e relações com os outros e com Deus.

A presença do *outro* – seja ele quem for, venha ele de onde vier, tenha ele os hábitos que tiver, fale ele a língua que falar – às vezes revoluciona a mesmice do cotidiano. De início, porque a identidade de cada pessoa e de cada grupo ou povo só amadurece no confronto com os valores de outra cultura. Mas não é só isso.

No caso dos migrantes, além da questão étnica, que nunca deixa de ser relevante, sobrepõe-se a problemática socioeconômica. Ou seja, o outro é também pobre, fugitivo, retirante, exilado, sem nome, sem família, sem lugar, sem papéis e sem pátria. Interpela não somente a minha identidade, mas também o meu bolso, o meu emprego, a minha posição social, o meu filho na escola, a minha paz. Não me deixa indiferente, obriga-me a tomar consciência da situação, positiva ou negativamente.

Resposta que se torna uma exigência não apenas para cada pessoa, família ou grupo, mas para as associações e organizações de base, movimentos sociais e partidos políticos, instituições e entidades, Igrejas e autoridades em geral.

2.2.1

Principais características da contemporaneidade: migração num mundo globalizado

Uma característica marcante da contemporaneidade e que desafia sobremaneira o “estar” no mundo está intrinsecamente implicada com o fenômeno da globalização e seus impactos na vida humana. A globalização tornou móveis e transitórios os processos identitários; as representações das instituições e a vida social. Esse fenômeno que inclui a ideia do estar em permanente movimento intensificou os processos migratórios em todos os seus aspectos, mas principalmente aqueles motivados pelas desigualdades socioeconômicas e a

exclusão dela decorrente. As políticas neoliberais, dentre outros fatores a ela associados, assim como os conflitos políticos, ideológicos e religiosos também são traços da contemporaneidade, responsáveis pelo agravamento do movimento migratório. Gasda assevera que:

A globalização neoliberal dissolve as estruturas produtivas tradicionais dos países pobres, degrada o ambiente, provoca a desertificação, além das secas, inundações e os conflitos armados internos. Estes fatores desestabilizadores das economias e das sociedades locais obrigam as pessoas a abandonar seus países porque foram destruídas suas formas habituais de sobrevivência⁹³

Portanto, não podemos deixar de considerar que o processo migratório constitui, definitivamente, uma característica desse tempo de intenso movimento e de intensas mudanças, algumas incentivadas por situações ameaçadoras e excludentes, outras embaladas em esperanças de oportunidades alviçareiras. Um movimento que, em suas características, obriga a interação humana e envolve, fortemente, o acolhimento. Ela pode ainda ser analisada como um importante desafio a ser considerado no necessário anúncio do Evangelho em função da já referida “construção de uma humanidade renovada”.

Nesse tempo, e nessa perspectiva, cabe, também, observar que a migração é a mais pura expressão de fé, onde temos um ser humano que sai de si mesmo, deixa suas raízes, a sua cultura, parte da sua identidade em uma atitude de esperança e fé, acreditando na mudança. Da mesma forma, também temos um ser humano que será capaz ou não de acolher esse *outro* que chega com suas diferenças.

Em determinados períodos históricos como, por exemplo, após a Primeira Guerra Mundial, foi iniciado o processo de burocratização do trânsito entre países, abalando a efetividade do direito de migrar. A liberdade das pessoas de circularem entre os países foi limitada e tornou-se um privilégio concedido pelo Estado receptor. A posição dos Estados Americanos foi firmada na “Convenção Interamericana, assinada em Havana em 1928, na parte que diz respeito ao Estatuto dos Estrangeiros, dispondo o Art.1º. O documento diz que os Estados têm

⁹³ GASDA, E. E. Globalização e Migração: Implicações Ético-Teológicas. Persp. Teol.41 (2009) 191-210.

o direito de determinar, legislativamente, as condições de admissão e de residência de estrangeiros em seu território”⁹⁴.

Particularmente relevante, nesse contexto migratório, tornou-se o episódio da “Estação de Milão”, onde Dom João Batista Scalabrini descreve, longa e detalhadamente, a dramática cena da partida (1887): “Eram velhos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da virilidade, mulheres com as crianças ao colo ou ao lado, adolescentes e jovens, todos irmanados por um só pensamento, todos endereçados a uma meta comum. Eram migrantes”, afirma o pastor. Dali, os emigrantes dirigiam-se ao porto de Gênova, de onde partiam os navios transoceânicos.

O objetivo comum era “Far l’America”! O próprio Scalabrini – posteriormente chamado pelo Papa Pio IX “pai e apóstolo dos migrantes” – partiu de viagem aos Estados Unidos (1901) e ao Brasil (1904) para visitar seus conterrâneos expatriados, além de fundar a Congregação dos Missionários/as de São Carlos (scalabrinianos/as) para o atendimento aos emigrados.

A verdade é que aquele relato em Milão, ao mesmo tempo comovido e minucioso, com lágrimas nos olhos, com o passar do tempo consolidou-se como um verdadeiro símbolo, um ícone para os Institutos que herdaram e levam adiante o carisma scalabriniano em defesa da causa e dos direitos dos migrantes, refugiados, prófugos, exilados itinerantes, nômades, marítimos e todos quantos se movem ao encontro de uma pátria.

Mais de 120 anos se passaram e, nos dias atuais, as “Estações de Milão”, agora no plural, se multiplicam pelos quatro cantos do planeta. As mais conhecidas são as fronteiras territoriais, entre Estados Unidos e México ou entre este último e a Guatemala; os mares agitados que ligam os países do norte desenvolvido aos países periféricos do sul, com destaque para o Mediterrâneo e o Caribe; as encruzilhadas entre dois ou mais países, especialmente na África, Ásia e América Latina; e os “países de passagem”, digamos assim, tais como México, Guatemala, Portugal, Itália, Turquia, Marrocos, Tunísia, Emirados Árabes, dentre outros. Entretanto, os portos e aeroportos, as estações ferroviárias ou rodoviárias ou as vias alternativas dos grandes fluxos migratórios não deixam de ser outro tipo de “Estações de Milão”.

⁹⁴ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 61.

Talvez não seja exagero afirmar que, numa economia cada vez mais globalizada, onde o mundo parece se tornar uma pequena aldeia global, cada país se converte numa espécie de “Estação de Milão”, seja como ponto de partida ou de chegada, seja como lugar de passagem. De fato, o mapa dos deslocamentos humanos de massa, hoje em dia, é cada vez mais intenso, complexo e diversificado, envolvendo praticamente todas as raças, povos e nações.

Devido à dramaticidade da travessia, à rigidez das leis de imigração e ao número de vítimas fatais e anônimas, o deserto entre México e Estados Unidos e as águas do Mediterrâneo representam os pontos mais críticos desse conjunto de “Estações de Milão”. Não podemos esquecer de milhares e milhões de pessoas banidas da própria terra pela pobreza ou pelos conflitos armados no interior da África, da Ásia e da América Latina. No decorrer dos séculos, a fome e a miséria, a violência e a guerra sempre foram responsáveis pelo surgimento de novas “Estações de Milão”.

Daí a profusão e a multiplicidade com que estas surgem na rede invisível onde se cruzam e recruzam as correntes migratórias. São, ao mesmo tempo, campos cercados, onde se concentram os fugitivos, refugiados e recém-chegados; casas de migrantes, nas quais se alojam pessoas ou grupos de passagem; exércitos irregulares de “sem papéis”, e que por isso mesmo encontram fechadas todas as portas. Em todas a mesma dor de cortar raízes e a mesma dúvida sobre o amanhã. Cada uma dessas “Estações de Milão”, nos interpelam e nos convidam a parar para refletir.

2.2.2 Alterações nos processos migratórios

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI e, mais precisamente, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 (New York e Washington, USA), a criminalização do migrante atinge o campo plural, variado e complexo da mobilidade humana. Não raro os imigrantes, além de serem confundidos com narcotraficantes ou “mulas” usadas para o transporte da droga,

são tidos como criminosos ou terroristas pelo simples fato de tentar escapar de um destino de miséria e fome no próprio país de nascimento⁹⁵.

De forma generalizada, uma peneira mais fina e mais rígida filtra e seleciona cuidadosamente os “indesejados”. Estes o podem ser pelas mais diversas razões, na base das quais estão, naturalmente, aos resquícios da ideologia de segurança nacional.

Os pontos da *ideologia de segurança nacional* são motivados, e ao mesmo tempo motivam, a discriminação e o preconceito, o racismo e a xenofobia diante do “outro, diferente, estranho, estrangeiro”, a tal ponto que este, especialmente nos tempos de crise, torna-se frequentemente o *bode expiatório* ideal para qualquer distúrbio ou disfunção na ordem pública.

Evidencia-se aqui uma contradição de fundo, nem sempre explícita, nos países de imigração, pois ao mesmo tempo em que rejeitam, necessitam da mão de obra fácil e barata para os serviços, fato que os leva a abrir inúmeras formas de contratos de trabalho aos migrantes. Alguns exemplos são conhecidos: indonésios, filipinos e vietnamitas na Austrália e Japão; asiáticos e latino-americanos nos Estados Unidos e Canadá; africanos, asiáticos e hispano-americanos nos países da Europa.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) aponta em seus dados que 3% das pessoas vivem fora do país de nascimento, sem contar com os nascidos de pais imigrantes nos países migratórios. Também não são classificados na OIM os que retornam aos países de origem. Por outro lado, os migrantes que adquirirem a cidadania nos países emigrados entram nessa pesquisa, contudo, não mais considerados como estrangeiros.

A porcentagem era de 2%, há duas décadas⁹⁶, entretanto, apesar das restrições políticas e leis migratórias, o número de emigrantes vem crescendo, bem como a quantidade dos que conseguem visto de permanência ou da própria nacionalidade.

⁹⁵ GONÇALVES, A. J. (Pe). Países de Imigração? Austrália: Scalabrinians, 09.02.2014. Disponível em: <http://www.scalabrini.org/en/media/archive-our-articles/3985-paises-de-imigracao>. Acesso em: 03.04.2014.

⁹⁶ Em 1997, uma equipe interdisciplinar na Suécia publicou um volume em que um dos focos principais da análise era sobre as razões da não-mobilidade de contingentes que não superavam, a mobilidade de 98% da população mundial, frente à então, 2% da mesma população: HAMMAR, T. et al (Ed.). *International Migration, Immobility and development: multidisciplinary perspectives*. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM) mais de 200 milhões de pessoas são migrantes internacionais, ou seja, um contingente maior que a população brasileira⁹⁷. Desses 200 milhões, a metade são mulheres⁹⁸. No início do século, o número chegava a 191 milhões; em 1990, eram 155 milhões; e em 1965, o montante somava 75 milhões⁹⁹.

Além dos aproximadamente 200 milhões de migrantes, segundo a OIM¹⁰⁰, todas as pessoas implicadas diretamente pela chegada ou saída de migrantes e refugiados, bem como suas famílias, são também atores desta mobilidade humana.

O IDMC (*The Internal Displacement Monitoring Centre* – observatório de deslocamento interno), que faz parte do Conselho Norueguês para Refugiados (NRC), apresentou seu Informe Global de 2014 na ONU em Genebra, junto com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

O informe, que abarca o deslocamento interno em 2013, destaca que 33.3 milhões de deslocados internos em todo o mundo, aproximadamente 63% são provenientes de apenas cinco países afetados por conflitos: Síria, Colômbia, Nigéria, República Democrática do Congo (RDC) e Sudão. O informe que aponta, pela primeira vez, dados sobre a Nigéria, indica que um grande número de nigerianos, 3.3 milhões, se deslocou devido ao conflito¹⁰¹.

O Alto Comissário do ACNUR, António Guterres, afirmou:

Todos deveríamos estar preocupados com estes números, pois a tendência é aumentar. Temos uma responsabilidade comum em atuar para dar um fim a este

⁹⁷ International Organization For Migration (OIM). *World Migration Report 2008: Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy* (Relatório Mundial sobre Migração 2008), 02.12.2008. Disponível em: www.iom.int/iomwebsite/Publication/ServletSearchPublication. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁹⁸ *United Nations Trends in Total Migrant Stock: The 2005 Revision*. Disponível em: <http://esa.un.org/migration>. Acesso em: 18 jun. 2009.

⁹⁹ A primeira dessas estimativas é do Relatório sobre Migração Internacional e Desenvolvimento apresentado pelo Ex-Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, em junho de 2006, disponível em: <https://esa.un.org/unmigration/>. Conforme esse estudo, só os EUA abrigam cerca de 20% dos migrantes. A Europa, como um todo, recebe 34% e a Ásia 28%. EUA, Rússia e Alemanha são os países que mais recebem estrangeiros. Apenas 9% estavam vivendo na África, 3% na América Latina e no Caribe e mais 3% na Oceania. ONU. Boletim, n. 6/050. Disponível em: <https://esa.un.org/unmigration/>. Acesso em: 15.01.2015.

¹⁰⁰ Na abertura do Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento de Atenas, outubro de 2009, o Secretário Geral das Nações Unidas afirmou que “estima-se que em 2009 cerca de 200 milhões de pessoas, quer dizer 3% da população mundial, residiam fora de seu país de nascimento”. Segundo a OIM, em 2012 o número de migrantes internacionais era de 214 milhões. Disponível em: www.iom.int/jahia/about-ation/facts-and-figures/lang/fr. Todas as traduções deste estudo são de minha autoria.

¹⁰¹ ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). Recorde de 33 milhões de deslocados pela guerra no mundo. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/recorde-de-33-milhoes-de-deslocados-pela-guerra-no-mundo/>. Acesso em: 14.05.2014.

sofrimento massivo. A proteção imediata e a assistência às pessoas deslocadas internas se configuram como um imperativo humanitário¹⁰².

No fim de 2013, o número de pessoas deslocadas no decorrer do ano alcançou 8.2 milhões, um aumento de 1.6 milhões de pessoas em comparação com o ano anterior. Um dado impressionante é que 43% de todas as pessoas que se deslocaram mundialmente em 2013 foram os deslocados dentro da Síria¹⁰³.

2.2.3

Alterações na compreensão/teoria dos processos migratórios

Hoje, como ontem, os migrantes continuam cruzando fronteiras na expectativa de um futuro mais promissor, mas o mapa das migrações tornou-se bem mais intenso, diversificado e complexo.

A busca de trabalho e de um futuro mais digno, por si só, pode ser vista como uma ameaça ao “bem-estar” da população do país de destino. Disso resulta, por parte dos governos e autoridades, um tratamento muitas vezes semelhante àquele utilizado para combater o crime organizado.

A corrupção de funcionários dos serviços de migração, com todos os tipos de atravessadores, tais como os “coiotes”¹⁰⁴ na fronteira do México com os Estados Unidos, e a formação de uma rede de tráfico de pessoas movimentam uma verdadeira “indústria da migração”. Hostilidade, humilhação, perseguição, prisão e deportação costumam ser frequentes.

Em lugar de trabalhadores braçais, ordeiros e silenciosos, que contribuem para a economia do país, essas pessoas passam a ser vistas como um problema, porque roubam os postos de trabalho dos desempregados nativos. A maior prova disso emerge no sistemático enrijecimento das Leis de Imigração em quase todos os países.

Os contratos de trabalho temporários, a manutenção de uma cúmplice clandestinidade e a precariedade de suas condições de vida tornam esses trabalhadores mais vulneráveis na economia globalizada. Basta conferir os frequentes ataques de grupos neonazistas (e outros), particularmente nos países

¹⁰² ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). Recorde de 33 milhões de deslocados pela guerra no mundo.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ Coiotes são chamados os profissionais do tráfico de migrantes, que facilitam suas entradas nos países de destino de maneira ilegal.

centrais, onde dentre as pessoas marginalizadas e indefesas, destacam-se os rostos dos imigrantes. Também a deportação por parte de alguns países, tais como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha é uma forma comum de tratamento dispensado a essas pessoas que migram em busca de sobrevivência ou melhor qualidade de vida.

Convém reconhecer, por outro lado, que não são poucos os imigrantes que hoje percorrem as ruas de Paris, Berlim, Londres, Madrid, Lisboa, Amsterdam. Os “extra-comunitários”, como são pejorativamente denominados, pressionam de todos os lados.

As relações internacionais, a política do meio ambiente, e as políticas migratórias concentram-se sobre dois objetivos hoje fortemente questionados: em primeiro lugar, progresso tecnológico e crescimento da produção de bens ao lado do consumo, o que leva ao acúmulo indiscriminado de renda, riqueza e poder nas mãos de poucas pessoas, grupos ou nações; em segundo lugar, e como consequência do primeiro, exploração dos recursos naturais, das fontes de energia e da força de trabalho humana até seus limites suportáveis (ou insuportáveis!) e também a ditadura dos estados totalitários e grupos extremistas nacionalistas.

Se, a esse quadro da zona europeia, acrescentarmos o que ocorre atualmente nas fronteiras da América do Norte, América Central e América do Sul; se, em seguida, fazemos o retrato dos movimentos migratórios em toda a região asiática, incluindo a Austrália e Nova Zelândia; se, ainda, tomamos nas mãos uma fotografia do vaivém da imensa quantidade de migrantes no interior dos países africanos, árabes ou do Médio Oriente; e se, por fim, assistimos ao desfile interminável de fugitivos da pobreza e do desemprego, bem como os refugiados da violência, da guerra ou das adversidades climáticas, poderemos perceber que o contingente de migrantes é muito maior do que o divulgado pelos meios de comunicação.

As previsões são alarmantes. Entre deslocamentos internos e internacionais, estima-se que o número de migrantes poderá crescer dos atuais 232 milhões a 450 milhões em 2050¹⁰⁵.

¹⁰⁵ GONÇALVEZ, A. J. *Mobilidade humana: retrato de uma economia enferma*. ADITAL: notícias da América Latina e Caribe, 10.042014. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=80150. Acesso em: 25.04.2014.

2.3 Emigração Brasileira

No decorrer do tempo, o Brasil foi povoado por centenas de grupos com línguas, tradições culturais e religiões diferentes. O desenvolvimento surgiu a partir da colonização, com a ideia de crescimento como um discurso que vendava o verdadeiro sentido da colonização que era a exploração, apropriação da terra para espoliação das matérias-primas e expansão de mercados inseridos na lógica da dependência.

Com a chegada dos europeus, as causas das migrações mudaram: os deslocamentos transformaram-se em verdadeiras fugas da escravidão, do genocídio, das doenças, da negação das próprias culturas e religiões. Os sobreviventes dessas fugas perdiam o direito de ir e vir, condenados ao trabalho forçado que alimentava o sistema colonial. Na visão de Rist¹⁰⁶ a colonização é um dos mais complexos fenômenos da fisiologia social.

Em seguida, as mudanças oriundas do processo de mecanização surtiram em uma economia de mercado autorregulável culminando na mobilização humana voltada para a motivação do lucro. E desde logo, a humanidade está exposta à lucratividade dos detentores dos meios de produção e pela frequente expropriação da mão de obra transformada em mercadoria.

Tomar o desenvolvimento econômico como sinônimo de desenvolvimento, sem haver nada a acrescentar, com efeito, é uma impropriedade, porque, se aquele se refere ao processo em cujo bojo uma sociedade consegue produzir bens em maior quantidade, de melhor qualidade e com mais eficiência, ele concerne a meios, e não a fins.

Assim, são válidas as indagações: as dinâmicas migratórias contribuem para o desenvolvimento, ou o desenvolvimento contribui para as dinâmicas migratórias? Na verdade, o que se coloca é como se casam esses dois processos: migração e desenvolvimento.

Foi neste sentido que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), considerando também um apelo da Conferência Episcopal norte-americana, iniciou, em 1996, a Pastoral dos Brasileiros no Exterior (PBE), com o objetivo central de preparar e acompanhar os missionários brasileiros em missão junto aos

¹⁰⁶ RIST, G. *El desarrollo: historia de una creencia occidental*. Madri: Los Libros de la Catarata, 2002.

emigrados. Já eram milhares os brasileiros e brasileiras que viviam distantes da Pátria. Os Pastores perceberam a vulnerabilidade desses grupos que tinham na xenofobia e na perda da identidade cultural-religiosa seus principais riscos.

“E vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 6). A frase do Evangelho é facilmente inteligível na maioria dos brasileiros que migram para outros países. Tudo novo - língua, costumes, leis, história, comunidade - traz, de forma imediata, a possibilidade de travessia, de superação, porém, traz junto a desagregação familiar, cultural, religiosa, e a possibilidade de perda de raízes, da fé e da identidade, sobretudo com o acréscimo do medo que milhares de migrantes não regularizados sofrem rotineiramente.

A multidão de brasileiros no exterior, hoje supera os três milhões¹⁰⁷. Não raro vemos e ouvimos relatos de desânimo, de abatimento frente ao trato que recebem ou às condições a que são submetidos. Muitos são perseguidos e humilhados e, uma parcela deles, encarcerados. É nesse sentido que a PBE (Pastoral dos Brasileiros no Exterior), em quase dez anos de existência, reforçou-se e não diminui sua demanda, sendo sua ação e compaixão prática para com estes concidadãos cada vez mais necessárias.

As atividades da PBE (Pastoral dos Brasileiros no Exterior) se estabelecem em eixos bastante amplos. Em especial, cumpre destacar três: envio de missionários brasileiros ao exterior (que recebem, em curso preparatório específico, preparação acerca da realidade migratória e presença missionária junto aos emigrados), identificação e contato com as comunidades brasileiras nos mais diversos países, levando a solidariedade e a proximidade da igreja de origem e a repartição de responsabilidades sócio-pastorais com a diocese de chegada¹⁰⁸, assessoramento jurídico, articulando igreja, governos e ONG na cooperação em favor dos emigrados.

A missão da PBE (Pastoral dos Brasileiros no Exterior) se centraliza na assistência religiosa, no cultivo da fé. Em seu sentido amplo, na atividade com os

¹⁰⁷ Jornal Missão Jovem. Florianópolis: Mundo e Missão. ID: 5737. Outubro de 2005. Página 07.

¹⁰⁸ A noção de partilha de responsabilidades com a diocese de chegada aparece, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), como pastoral de comunhão, quando é privilegiado o protagonismo das Igrejas locais que abria espaço para mais responsabilidade das dioceses dos países de chegada, em detrimento das européias. MARINUCCI, Roberto. *A Pastoral dos Brasileiros no Exterior*. In: Fórum Social das Migrações. Travessias na desordem global. São Paulo: Paulinas, 2005. Página 254.

brasileiros emigrados, a missão religiosa significa, em primeiro lugar, levar o Evangelho inculturado que os remete à diversidade brasileira em suas raízes afro, lusa e indígena, reforçando a dignidade e a autoestima.

E, seguindo na linha do antropocentrismo pastoral pregado pós-Vaticano II, caminhar lado a lado com as dificuldades cotidianas destes seres humanos, percebendo suas dificuldades perante políticas migratórias restritivas, empobrecimento, desemprego, discriminações culturais, exclusões xenófobas e até mesmo criminalização dos migrantes.

Por fim, cabe ainda ressaltar a importância e a abrangência dos serviços religiosos propriamente ditos que a PBE ajuda a realizar junto com as comunidades brasileiras em diferentes países. A religiosidade, quando se está longe de casa, adquire uma importância psicológica e emocional muito maior. Parte do ministrar os sacramentos para ir muito além, refazendo memórias e celebrando identidades culturais que ficaram distantes, no país de origem, no caso o Brasil.

A religião passa a oferecer não só serviços litúrgicos, mas uma liturgia sacramental da vida, como se entende de um relato vindo de um membro da comunidade em Chicago:

De 1994 até agora a comunidade cresceu, tivemos outras lideranças e aos poucos os brasileiros perceberam não só a importância de ter a missa celebrada em português, mas a preciosidade de poder estar junto com seus conterrâneos, tomar um chimarrão, comer uma boa feijoada, um churrasco gaúcho, dançar, enfim a preciosidade de ser acolhido com muito calor humano num lugar tão 'frio' como Chicago¹⁰⁹

A PBE (Pastoral dos Brasileiros no Exterior) busca levar, principalmente por intermédio das missionárias e missionários, assistência religiosa e apoio nas demandas sociais, econômicas e políticas dos emigrados; busca ser responsável pela memória religiosa, cultural e identitária de nossos irmãos que estão longe e tentam refazer-se como Igreja.

2.3.1

Histórico do processo emigratório brasileiro: para onde começaram a ir os brasileiros?

Importante destacar que na década de 1930, com a evolução da Guerra Mundial, o Brasil, como muitos países da América Latina atraíram muitos

¹⁰⁹ Boletim Além Fronteiras, v. 23, p. 2, julho/agosto 2004.

imigrantes, que buscavam fugir da guerra, pobreza e perseguição. Na década de 1970, o Brasil estava passando pelo período do “milagre econômico”, experimentando uma relativa prosperidade. Por isso, houve intensas imigrações para o país. Como muitas barreiras foram impostas, a entrada de muitos imigrantes se dava de forma ilegal.

Com a turbulência econômica da década de 1980 os brasileiros passaram a emigrar para países mais distantes. Dessa forma, países da América Latina que atraíam imigrantes, passaram a ser, progressivamente, centros expulsivos de cidadãos e estrangeiros, que se deslocavam especialmente aos Estados Unidos, Canadá, Japão, Europa e Austrália.

No dizer de Teresa Sales:

O aumento da emigração rumo aos países desenvolvidos é um fenômeno presente em quase todos os países de América Latina, afetando principalmente a mão de obra altamente qualificada, sendo os EUA o principal destino. São os chamados emigrantes da década perdida¹¹⁰.

A migração em massa já não é da Europa para países periféricos, como o Brasil, mas sim no fluxo contrário, rumo novamente ao continente europeu e aos Estados Unidos da América.

Entretanto, as condições desumanas que permeavam a migração italiana de então, por exemplo, persistem na mobilidade humana dos trabalhadores do século XXI.

Segundo fontes oficiais, os Estados Unidos detêm mais de 230.000 pessoas por ano, mais do triplo que há nove anos. O Relatório destaca os casos de detenção indefinida, inclusive de migrantes que fogem de uma situação adversa em seu país de origem. Destaca também, baseado nas informações de defensores dos direitos humanos, a ausência de garantias processuais nos procedimentos de expulsão, a incapacidade para impugnar a legalidade ou a duração da detenção, a prisão de solicitantes de asilo, residentes permanentes e pais de menores cidadãos dos Estados Unidos. Em alguns casos os migrantes detidos passam dias isolados, submetidos a iluminação permanente, calor e frio extremos¹¹¹.

Com emigrados cotidianamente segregados, anunciar, como Santo Irineu, que “a glória de Deus é o ser humano vivo” clama a urgência de um apoio cotidiano em todos os níveis (sociais, políticos e econômicos) a fim de que não se torne palavra morta o anúncio da dignidade dos filhos e filhas de Deus.

¹¹⁰ SALES, T. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez, 1999, p. 28.

¹¹¹ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 174.

Manter uma comunidade viva e seus membros com uma vida digna supõe primeiramente uma luta pela abertura das fronteiras e de mentes. Formas restritivas de políticas migratórias que rotulam o trabalhador estrangeiro de terrorista não podem ser toleradas no atual paradigma de direitos humanos que o mundo vive.

Criminalizar a mobilidade humana é talvez uma das formas mais aparentes de os países retirarem direitos dos migrantes e fomentar, cada vez mais, a xenofobia. Não haverá dignidade para esses cidadãos enquanto o fato de quererem trabalhar honestamente para sustentar suas famílias for razão de perseguição e exclusão.

Efetivar instrumentos internacionais que protejam famílias de trabalhadores¹¹² e diferenciá-los de criminosos e terroristas é a pedra angular de qualquer pastoral que efetivamente cuide e se preocupe com nossos irmãos que estão longe da pátria, da família, da própria terra.

Lembramos que a efetivação desses direitos fundamentais passa pela organização e pela participação política da comunidade no país de residência, a qual deve ser sempre estimulada e fomentada pelas pastorais. Passa, sim, pela participação cada vez mais concreta e atuante das embaixadas e consulados brasileiros na defesa de seus cidadãos como também pela intervenção política dos próprios emigrados.

Tal atitude simboliza um conceito de que a preocupação evangélica pastoral significa uma preocupação real com a cidadania dos fiéis em todas as esferas. Jilyanne Redpath afirmou na 60ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos da ONU: “[...] todos, independentemente de sua nacionalidade, sua raça, credo ou cor, ou situação legal, partilham com os nacionais do país de destino tanto uma humanidade comum quanto o direito a esperar um tratamento decente e humano”¹¹³.

¹¹² A Convenção Internacional para a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes, aprovada em 1990 pela ONU é um dos principais instrumentos que, efetivado no universo das políticas públicas dos países, poderia garantir mais dignidade aos brasileiros no exterior.

¹¹³ REDPATH, J. Representante da OIM. Item 14: Relatório 60ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos da ONU: Direitos dos Trabalhadores Migrantes, 8 de Abril de 2004 (Arquivo de Documentos da OIM, 2004).

Por isso uma das missões da PBE deve ser a de lutar para que os direitos humanos dos emigrantes brasileiros sejam respeitados e, Segundo Farena, os Princípios Concernentes aos Direitos Humanos dos Migrantes¹¹⁴ são:

Princípio da Universalidade. Baseado na ideia de que todas as pessoas são titulares dos direitos humanos. Princípio que é construído na almejada “cidadania universal”¹¹⁵.

Princípio da Igualdade de Direitos e da Não Discriminação¹¹⁶. Estabelece que todos devem ter e desfrutar iguais direitos sem discriminação alguma. Os princípios da igualdade e da universalidade dos direitos humanos impedem qualquer tipo de discriminação, inclusive, no concernente aos direitos fundamentais dos migrantes, pois todos devem gozar iguais direitos, independentemente da nacionalidade, raça, etnia, origem ou qualquer outra circunstância.

Princípio da Indivisibilidade¹¹⁷. Busca convalidar uma compreensão integral dos direitos humanos, pois eles não se restringem às prerrogativas civis e políticas, mas englobam também os direitos econômicos, sociais e culturais.

Princípio da Dignidade da Pessoa Humana¹¹⁸. No plano interno, este princípio é componente inseparável do Estado Democrático de Direito consagrado na nossa Constituição, pois não há democracia sem respeito à dignidade da pessoa humana. O reconhecimento da dignidade humana não implica somente na abstenção, por parte do Estado e de particulares, de atos cruéis e degradantes contra o indivíduo. Ele também resgata o indivíduo da miséria, da situação de objeto para a condição de sujeito de direito. E isso se aplica perfeitamente aos migrantes, cuja dignidade exige sejam vistos como sujeitos de direito, tanto no plano interno como internacional.

Princípio da Prevalência dos Direitos Humanos¹¹⁹. Cuida-se de Princípio que rege tanto a Ordem Internacional (segundo seus instrumentos jurídicos), quanto a nossa ordem interna, alçado pela Constituição a princípio que rege o Brasil nas suas Relações Internacionais (Art.4º, II). Destarte, os direitos humanos

¹¹⁴ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 68-72.

¹¹⁵ Ibid., p. 68.

¹¹⁶ Ibid., p. 69.

¹¹⁷ Ibid., p. 69.

¹¹⁸ Ibid., p. 79.

¹¹⁹ Ibid., p. 71.

não podem ser excluídos em qualquer relação brasileira na órbita internacional, muito menos em qualquer relação de ordem interna, entre o Estado e seus súditos, bem como entre eles mesmos.

Assim, privilegiando o cuidado, acima de qualquer barreira e indo além das fronteiras, a meta é construir uma pastoral transnacional que prove, concretamente, a fraternidade, os direitos humanos e a Boa Notícia outrora pregada por Jesus de Nazaré, que estão além de todos os limites que sociedades e governos tentem construir.

No horizonte, persiste a esperança e a incerteza dos que caminham em busca de uma nova pátria: esperança de conquistar enfim “um lugar ao sol” para si e para a família; incerteza de como fazê-lo em meio a um labirinto de tantas adversidades.

2.3.2

Emigração brasileira para os Estados Unidos atualmente e as peculiaridades da região de Boston

Boston é uma das cidades mais influentes na história norte-americana, sendo responsável diretamente no processo de independência do país. A cidade é o berço da Independência americana, reservando cultura, história e tradição do ensino.

Foi fundada pelos ingleses em 1630 e é o principal centro cultural da América Anglo-Saxônica. Os britânicos retiraram-se da cidade em 1776, depois de várias revoltas entre as quais a célebre *Boston Tea Party*. Durante os séculos XIX e XX tornou-se um centro industrial de grande importância, atraindo imigrantes de todo o mundo, em especial da Irlanda. É a capital e a maior cidade do estado norte-americano de Massachusetts. Possui um extenso centro financeiro, comercial, industrial e universitário.

Boston possui uma comunidade brasileira expressiva e muitos dos brasileiros vêm do estado brasileiro de Minas Gerais. Boston é um dos principais polos educacionais dos Estados Unidos, onde se destacam instituições de educação superior tais como as universidades de Harvard e MIT (Massachusetts Institute of Technology). As estações climáticas dessa cidade são bem demarcadas com calor e frio intensos no verão e inverno, respectivamente e temperatura mais amena na primavera bem florida com magnólias e lilases.

O transporte em Boston é intenso e tumultuado durante a semana. O metrô, simplesmente conhecido como “T”, compõe-se de quatro linhas: Red (vermelha), Green (verde), Orange (laranja) e Blue (azul). A maioria das 160 linhas de ônibus da MBTA cobre áreas que o T não atinge.

Uma das maiores paixões de Boston é seu time de baseball, o Red Sox. O Fenway Park é o estádio que os abriga desde 1912 e o mais antigo em uso atualmente nos Estados Unidos.

Antes da colonização europeia, a área ao redor de Boston era habitada pela tribo algonquina Massachusett, por isso o nome do estado de Massachusetts. Em 1630, John Winthrop liderou um grupo conhecido como Puritanos da Península de Shawmut e fundou a cidade de Boston. Boston é a décima maior área metropolitana dos EUA e tem uma população estimada de 4,6 milhões de habitantes. É a capital de Massachusetts e o centro político, comercial e financeiro da Nova Inglaterra¹²⁰.

O porto fez crescer sua riqueza e sua população, fazendo de Boston a maior cidade da América do Norte britânica até meados do século 18. Tensões entre os colonos e as forças britânicas levaram ao Massacre de Boston em 1770, à Festa do Chá de Boston em 1773 e às Leis (Coercitivas) Intoleráveis em 1774, que tiraram o governo autônomo de Massachusetts e colocaram a cidade sob domínio militar. Em vez de servir de exemplo de advertência a outras colônias, as ações britânicas contra Boston provocaram indignação, resistência e solidariedade. Quando as forças britânicas tentaram apreender suprimentos militares das colônias fora da cidade em 1775, foram detidas pela milícia colonial, dando início à Guerra da Independência¹²¹.

Em 1632, Boston torna-se a capital da Colônia da Baía de Massachusetts. Em 1635 foi inaugurada a primeira escola pública dos Estados Unidos, a Boston Latin School. Já em 1848, a Biblioteca Pública de Boston torna-se a primeira biblioteca municipal gratuita do mundo financiada com recursos públicos. A educação é central à história e à importância de Boston¹²².

Seu bairro de Cambridge abriga a Universidade de Harvard, a instituição de ensino superior mais antiga dos Estados Unidos e uma das universidades mais

¹²⁰ Embaixada dos Estados Unidos da América. *Cidades dos EUA*. Boston, Massachusetts: cidade americana de “primeiros”. Departamento de Estado dos EUA. Agosto de 2013.

¹²¹ Ibid.

¹²² Ibid.

prestigiadas do mundo, mas há outras 66 faculdades e universidades na área de Boston, incluindo o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e a Faculdade de Boston¹²³.

Como o principal porto da Nova Inglaterra, Boston atraiu um fluxo constante de imigrantes de todo o mundo. Segundo o Censo de 2010, a composição racial de Boston é de 53,9% de brancos; 24,4% de afro-americanos, 17,5% de hispânicos ou latino-americanos e 8,9% de asiáticos. Segundo estimativa de 2012, a população da cidade é de 636.479¹²⁴.

Existe um desacordo considerável quanto ao tamanho da população brasileira nos Estados Unidos. Segundo a American Community Survey (ACS) da United States Census Bureau, havia 500.937 indivíduos nos EUA que indicavam o seu local de nascimento no Brasil e / ou diziam ter ascendência brasileira em 2014. Isto é a estimativa mais recente disponível. Com base no crescimento da população até 2016, a estimativa do Censo aumenta ligeiramente para 507.072. Os demógrafos que estimam o tamanho da população não-cidadã não documentada nos EUA calculam rotineiramente que este subgrupo difícil de medir é subestimado pelo Census Bureau em 10% a 15%.¹²⁵ Alguns referiram-se aos brasileiros nos Estados Unidos como "uma comunidade de imigrantes invisíveis" e argumentam que os números do Censo precisam ser ajustados para se aproximar dos 1,39 milhões de brasileiros que vivem nos Estados Unidos pelo governo brasileiro.¹²⁶ Para alcançar essa população de 1,39 milhões, deve-se supor que o Escritório de Censos dos EUA contabiliza brasileiros em 175%.

O quadro a seguir demonstra o número de pessoas nascidas no Brasil ou com ascendência brasileira distribuída pelas Dioceses nos Estados Unidos de acordo com o Censo de 2014 e 2016.

¹²³ Embaixada dos Estados Unidos da América. *Cidades dos EUA*. Boston, Massachusetts: cidade americana de "primeiros". Departamento de Estado dos EUA. Agosto de 2013.

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Pew Research Center. *Unauthorized Immigrants: How Pew Research Counts Them and What We Know About Them*, April 17, 2013. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/2013/04/17/unauthorized-immigrants-how-pew-research-counts-them-and-what-we-know-about-them/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

¹²⁶ REHILL, C. (2013). "4 Things You May Not Have Known About Brazilian Immigrants" Disponível em: <https://ayuda40yearsandcounting.wordpress.com/2013/09/07/4-things-you-may-not-have-known-about-brazilian-immigrants/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

Quadro 1 - Brasileiros nos Estados Unidos nas Dioceses. Estimativas do Censo de 2014 e 2016 com Ajustamentos de Subcontagem. Indivíduos nascidos no Brasil ou com ascendência brasileira.

Brasileiros nos Estados Unidos nas Dioceses, Estimativas do Censo de 2014 e 2016 com Ajustamentos de Subcontagem Indivíduos nascidos no Brasil ou com ascendência brasileira					
	2014	2016 est.	15% under-count	80% under-count	175% under-count
USA	500,937	507,072	583,133	912,730	1,394,448
Boston	59,869	60,602	69,692	109,084	166,656
Miami	44,293	44,835	51,560	80,703	123,296
Newark	25,426	25,737	29,598	46,327	70,777
New York	18,711	18,940	21,781	34,092	52,085
Orlando	15,764	15,957	18,351	28,723	43,882
Los Angeles	14,213	14,387	16,545	25,897	39,564
Bridgeport	13,080	13,240	15,226	23,832	36,410
Palm Beach	12,513	12,666	14,566	22,799	34,832
Philadelphia	12,449	12,601	14,491	22,682	34,653
Fall River	12,359	12,510	14,387	22,518	34,403
San Diego	10,484	10,612	12,204	19,102	29,183
Atlanta	9,717	9,836	11,311	17,705	27,049
Brooklyn	9,635	9,753	11,216	17,555	26,821
Trenton	9,013	9,123	10,491	16,421	25,088
Galveston-Houston	8,338	8,440	9,706	15,192	23,210
St. Petersburg	7,909	8,006	9,207	14,411	22,017
Hartford	7,319	7,409	8,520	13,336	20,375
Oakland	6,585	6,666	7,666	11,999	18,332
St. Augustine	6,553	6,633	7,628	11,939	18,241
Washington	5,713	5,783	6,650	10,409	15,903
Worcester	5,564	5,632	6,477	10,138	15,488
San Francisco	5,493	5,560	6,394	10,008	15,290
Dallas	5,133	5,196	5,975	9,353	14,289
Fort Worth	5,042	5,104	5,870	9,187	14,036
Baltimore	4,973	5,034	5,789	9,061	13,844
Arlington	4,956	5,017	5,770	9,031	13,797
Metuchen	4,935	4,995	5,744	8,991	13,736
Charlotte	4,918	4,978	5,725	8,960	13,690
Phoenix	4,800	4,859	5,588	8,746	13,362
Venice	4,586	4,642	5,338	8,356	12,766
St. Paul and Minneapolis	4,426	4,480	5,152	8,064	12,320
New Orleans	4,312	4,365	5,020	7,857	12,004
Chicago	4,290	4,343	4,994	7,817	11,943
Rockville Centre	3,726	3,772	4,338	6,790	10,373
Manchester	3,661	3,706	4,262	6,671	10,192
Salt Lake City	3,640	3,685	4,238	6,633	10,134
Charleston	3,624	3,668	4,218	6,602	10,087
Orange	3,559	3,603	4,143	6,485	9,908
Las Vegas	3,491	3,534	4,064	6,361	9,719
Sacramento	3,349	3,390	3,899	6,102	9,323
Seattle	3,252	3,292	3,786	5,926	9,053
Paterson	3,198	3,237	3,723	5,827	8,902
Denver	3,137	3,175	3,651	5,715	8,731
Providence	3,059	3,096	3,560	5,573	8,514
Detroit	3,022	3,059	3,518	5,506	8,412
Austin	2,736	2,770	3,186	4,986	7,618
Cincinnati	2,690	2,723	3,131	4,901	7,488
Richmond	2,567	2,598	2,988	4,676	7,145

Raleigh	2,517	2,548	2,930	4,586	7,007
San Bernardino	2,213	2,240	2,576	4,032	6,160
Pensacola-Tallahassee	2,206	2,233	2,568	4,019	6,141
Lansing	2,195	2,222	2,555	4,000	6,111
Kalamazoo	2,089	2,115	2,432	3,807	5,816
Fresno	2,079	2,104	2,420	3,787	5,786
Portland, OR	2,070	2,095	2,409	3,771	5,761
Nashville	2,017	2,042	2,348	3,676	5,616
Reno	2,017	2,042	2,348	3,676	5,616
Camden	1,979	2,003	2,303	3,605	5,508
Santa Fe	1,904	1,927	2,216	3,469	5,299
Cleveland	1,792	1,814	2,086	3,265	4,989
Columbus	1,791	1,813	2,085	3,263	4,986
Oklahoma City	1,782	1,804	2,075	3,247	4,961
San Jose	1,717	1,738	1,999	3,128	4,780
Scranton	1,616	1,636	1,881	2,945	4,499
Harrisburg	1,446	1,464	1,684	2,635	4,026
Rochester	1,377	1,394	1,603	2,509	3,834
Memphis	1,363	1,380	1,587	2,484	3,795
Wheeling-Charleston	1,272	1,288	1,481	2,318	3,542
Pittsburgh	1,255	1,270	1,461	2,286	3,493
Colorado Springs	1,237	1,252	1,440	2,254	3,443
Rockford	1,129	1,143	1,314	2,057	3,143
Toledo	1,122	1,136	1,306	2,045	3,124
Savannah	1,099	1,112	1,279	2,002	3,058
Davenport	1,096	1,109	1,275	1,996	3,050
St. Louis	1,067	1,080	1,242	1,944	2,970
Birmingham	1,028	1,041	1,197	1,874	2,863
Allentown	921	932	1,072	1,678	2,563
Stockton	862	873	1,004	1,571	2,401
Biloxi	854	864	994	1,555	2,376
Little Rock	846	856	984	1,541	2,354
Milwaukee	842	852	980	1,534	2,343
Tucson	819	829	953	1,492	2,280
El Paso	780	790	909	1,422	2,173
Portland, ME	777	787	905	1,417	2,164
Covington	766	775	891	1,395	2,131
Wilmington	726	735	845	1,323	2,021
Mobile	721	730	840	1,314	2,008
Tyler	721	730	840	1,314	2,008
Jefferson City	715	724	833	1,303	1,991
Albany	712	721	829	1,298	1,983
Bismarck	702	711	818	1,280	1,955
Knoxville	698	707	813	1,273	1,944
Indianapolis	680	688	791	1,238	1,892
Grand Rapids	675	683	785	1,229	1,878
Springfield, IL	664	672	773	1,210	1,848
Springfield, MA	654	662	761	1,192	1,821
Monterey	645	653	751	1,175	1,796
Honolulu	642	650	748	1,170	1,788
Syracuse	642	650	748	1,170	1,788
San Antonio	605	612	704	1,102	1,683
Omaha	597	604	695	1,087	1,661
Madison	568	575	661	1,035	1,581
Springfield-Cape Girardeau	554	561	645	1,010	1,543
Yakima	550	557	641	1,003	1,532
Kansas City-St. Joseph	539	546	628	983	1,502
Peoria	525	531	611	956	1,460
Fort Wayne-South	507	513	590	923	1,411

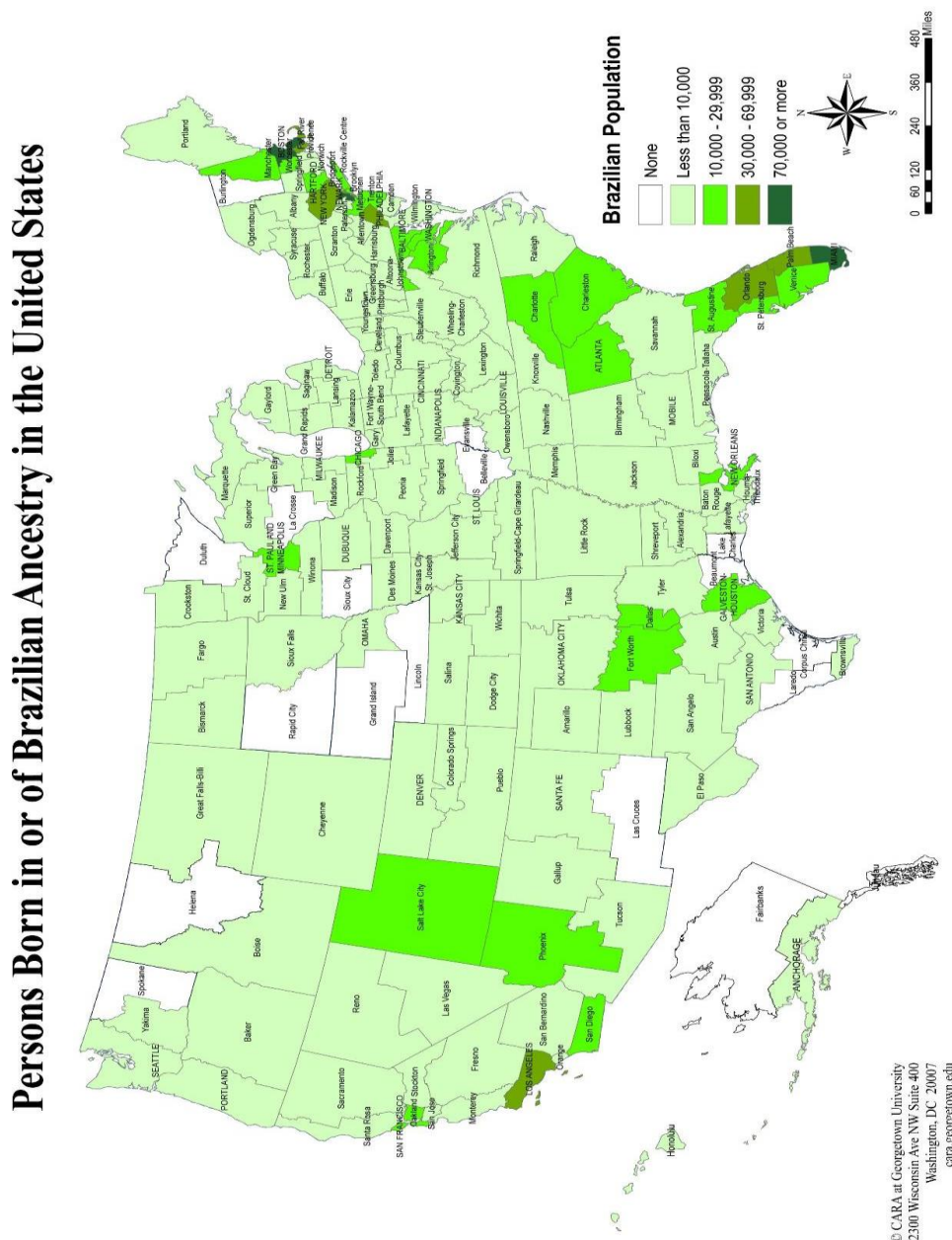
Salina	500	506	582	911	1,392
Wichita	486	492	566	886	1,353
Joliet	464	470	541	846	1,293
Brownsville	457	463	532	833	1,273
Buffalo	457	463	532	833	1,273
Altoona-Johnstown	441	446	513	803	1,227
Lexington	408	413	475	743	1,136
Norwich	395	400	460	720	1,100
Sioux Falls	385	390	449	702	1,073
Crookston	376	381	438	686	1,048
Anchorage	371	376	432	677	1,034
Santa Rosa	360	364	419	655	1,001
Saginaw	352	356	409	641	979
Boise	331	335	385	603	921
Lafayette, IN	330	334	384	601	919
Amarillo	282	285	328	513	784
Erie	260	263	302	473	723
Pueblo	230	233	268	419	641
Greensburg	223	226	260	407	622
Dubuque	186	188	216	338	517
Kansas City, KS	186	188	216	338	517
Youngstown	172	174	200	313	479
Baker	165	167	192	301	459
Ogdensburg	165	167	192	301	459
Winona	162	164	189	295	451
Alexandria	160	162	186	292	446
Marquette	160	162	186	292	446
Baton Rouge	156	158	182	284	435
Shreveport	151	153	176	275	421
Gallup	143	145	167	261	399
St. Cloud	140	142	163	256	391
Jackson	139	141	162	254	388
Dodge City	133	135	155	243	371
Houma-Thibodaux	112	113	130	203	311
Steubenville	109	110	127	198	303
Lafayette, LA	103	104	120	187	286
Louisville	102	103	118	185	283
Lubbock	100	101	116	182	278
Cheyenne	98	99	114	178	272
San Angelo	96	97	112	175	267
Tulsa	92	93	107	167	256
Superior	86	87	100	157	239
Victoria	73	74	85	133	204
Fargo	65	66	76	119	182
Green Bay	56	57	66	103	157
Gary	48	49	56	88	135
Gaylord	43	44	51	79	121
New Ulm	33	33	38	59	91
Owensboro	21	21	24	38	58
Beaumont	--	--	--	--	--
Belleville	--	--	--	--	--
Burlington	--	--	--	--	--
Corpus Christi	--	--	--	--	--
Duluth	--	--	--	--	--
Evansville	--	--	--	--	--
Fairbanks	--	--	--	--	--
Grand Island	--	--	--	--	--
Helena	--	--	--	--	--
Juneau	--	--	--	--	--
La Crosse	--	--	--	--	--

Lake Charles	--	--	--	--
Laredo	--	--	--	--
Las Cruces	--	--	--	--
Lincoln	--	--	--	--
Rapid City	--	--	--	--
Sioux City	--	--	--	--
Spokane	--	--	--	--

Fonte: PBE (Assessoria: CAB E CNBB). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Bonton: 26 a 29 de outubro de 2016.

Também no mapa a seguir é possível observar a distribuição das pessoas nascidas em ou de ascendência brasileira nos Estados Unidos.

Figura 1 – Mapa de distribuição das pessoas nascidas em ou de ascendência brasileira nos Estados Unidos.



Fonte: PBE (Assessoria: CAB E CNBB). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Bonton: 26 a 29 de outubro de 2016.

© CARA at Georgetown University
2300 Wisconsin Ave NW Suite 400
Washington, DC 20007
cara.georgetown.edu

De acordo com o geógrafo Alan P. Marcus, alguns demógrafos estimaram que a contagem baixa de brasileiros era de 80% nas contagens anteriores do Censo.¹²⁷ Marcus, “É provável que as estimativas do censo dos EUA de 2000 não reflitam com precisão as populações de imigrantes brasileiros em cada estado, porque os brasileiros podem ter sido confundidos com perguntas vagas do censo sobre raça e etnia”.

Embora se acredite que o Censo dos Estados Unidos conta com os brasileiros que vivem nos Estados Unidos, também é amplamente compreendido que a Igreja Católica no Brasil estima demais quantas pessoas no país se auto identificam como católicas. Em 2014, as dioceses brasileiras estimaram que 85% dos habitantes do país eram católicos.¹²⁸

Uma revisão abrangente da população mundial que se auto identifica como cristã, conduzida pelo *Pew Research Center* em 2011, estima que 69% dos brasileiros são católicos.¹²⁹ Se se pressupõe que a afiliação religiosa entre os brasileiros nos Estados Unidos é semelhante às estimativas de Pew’s para o Brasil, então se poderia supor que o número de católicos brasileiros nos Estados Unidos seja 349.880 (população base ACS) ou 962.169 (assumindo 175% de baixa contagem).

Como apresentado na tabela anterior, esperamos que as maiores comunidades de católicos brasileiros estejam nas arquidioceses de Boston, Miami, Newark, Nova York, Los Angeles e Filadélfia, bem como as dioceses de Orlando, Bridgeport, Palm Beach, Fall Rio, e San Diego.

Ao todo, 63% dos nascidos no Brasil ou que são de ascendência brasileira nos Estados Unidos falam português em casa. Apenas 33% dos brasileiros nasceram nos Estados Unidos (ou nascidos no exterior, de pais dos EUA). Outros 25% nasceram em outros lugares e se tornaram cidadãos norte-americanos por naturalização. Mais de quatro em cada dez, ou 42%, não são cidadãos americanos.

¹²⁷ MARCUS, A. P. “Brazilian Immigration to the United States and the Geographical Imagination”. In: *Geographical Review*, Vol. 99, No. 4 (Oct., 2009), p. 489.

¹²⁸ Segreteria di Stato. Libreria Editrice Vaticana (LEV). *Annuario Statisticum Ecclesiae*, 2014. Vaticano, 2016.

¹²⁹ *Pew Research Center. Table: Christian Population in Numbers by Country* (2011). Disponível em: <http://www.pewforum.org/2011/12/19/table-christian-population-in-numbers-by-country/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

Entre os brasileiros para os quais o inglês não é a sua primeira língua, 84% dizem que sabem falar inglês "muito bem" (60%) ou "bem" (24%). Dizem que não têm um bom inglês 12% e 4% afirmam não falar inglês. Este nível de fluência em inglês entre brasileiros não-nativos que falam inglês é semelhante ao de todos os americanos para quem o inglês não é uma primeira língua.

Entre todos os brasileiros (crianças e adultos), 41% são casados, 10% são divorciados ou separados, 2% são viúvos e o restante nunca se casou (47%). Isso é geralmente semelhante ao dos não-brasileiros nos Estados Unidos. Das mulheres brasileiras com idades entre 15 e 49 anos, 6% tinham dado à luz nos 12 meses anteriores à entrevista do Censo. Novamente, isso não é diferente entre os não-brasileiros no país. Desses brasileiros, 53% são do sexo feminino e 47% são do sexo masculino.

O brasileiro médio nos Estados Unidos tem uma renda que está 307% acima do nível de pobreza. Isso é muito semelhante a todos os não-brasileiros que têm, em média, uma renda 297% acima do nível de pobreza. Dezoito por cento dos brasileiros têm uma renda abaixo da linha de pobreza que é essencialmente a mesma que outros americanos.

Ao todo, 359.289 residentes dos Estados Unidos indicam que nasceram no Brasil. Se se pressupõe uma sub contagem de 175% desta população, então este número aumenta para 988.045. Um total de 136.074 pessoas que dizem ser de ascendência brasileira relatam ter nascido nos Estados Unidos. Se se assume que esta população é subestimada em 175%, esta população mede 374.204. Com 988.045 nascidos no Brasil e 374.204 nascidos nos Estados Unidos, isso significa que 32.200 outros brasileiros nasceram em algum lugar além dos EUA ou do Brasil.

Um total de 210.952 brasileiros nos Estados Unidos são não-cidadãos. Ajustando para baixa contagem, esta população é assumida para número aproximadamente 580.118. Não é possível, usando somente os dados do Censo, saber quantos são os não-cidadãos não-documentados. O Instituto de Políticas de Migração estima que cerca de um quinto dos não-cidadãos brasileiros são indocumentados.¹³⁰ Isso resulta em uma população estimada de 116.024 imigrantes indocumentados do Brasil. Como no caso do tamanho total da

¹³⁰ ZONG, J.; JEANNE, B. *Brazilian Immigrants in the United States* (2016). Disponível: <http://www.migrationpolicy.org/article/brazilian-immigrants-united-states>. Acesso: 08 ago. 2016.

população, há estimativas variáveis da porcentagem de não-cidadãos imigrantes brasileiros que são indocumentados. Em algumas áreas locais, este valor foi estimado em 71%¹³¹.

De acordo com o Instituto de Políticas de Migração, "A população brasileira de imigrantes nos Estados Unidos dobrou durante a década de 1980, quase triplicou na década de 1990 e depois estabilizou após a Grande Recessão de 2007-09"¹³². Ainda não há evidências de que o crescimento da população brasileira voltou a níveis observados na década de 1990 ou início de 2000.

Como os dados do Censo não incluem informações sobre afiliação religiosa ou se os não-cidadãos estão documentados ou não, a obtenção de estimativas diocesanas para esses fatores requer um método padronizado. Para estimar aproximadamente o tamanho da população católica brasileira, a orientação seria multiplicar a população total por 69 ou 69%. Para obter a porcentagem de não-cidadãos não-documentados, multiplicar a população total por 0,08 ou 8%.

Estimava-se em 23 mil o número de brasileiros detidos em prisões estadunidenses, à espera da deportação. Esses dados não contabilizam os que conseguem ludibriar a vigilância e são bem sucedidos na travessia clandestina entre México e Estados Unidos. Uma vez dentro de Estados Unidos seu sucesso depende de ter muita sorte. Os brasileiros basicamente procuram trabalho e uma vida melhor nesse país¹³³.

É bem conhecida a irracionalidade existente no processo de solicitação e concessão de visto de turista a brasileiros pela Embaixada dos EUA no Brasil (longa espera, papelada excessiva, decisões extravagantes), que termina levando muitos brasileiros a optar pela irregularidade¹³⁴.

O Centro do Imigrante Brasileiro tem uma organização consolidada por um *Board of Directors* de nove membros, um *staff* de seis membros (três trabalhando em tempo integral e três em tempo parcial) e tem recebido suporte financeiro de cerca de doze fundações norte-americanas. Sua missão é a defesa da comunidade brasileira em Massachusetts em questões de educação, direitos trabalhistas - seu principal foco de atuação - e outros direitos do imigrante.

¹³¹ MORTON, M. "Study Shows most Brazilian immigrants here illegally". In: Metro West Daily News, October 18, 2009. Disponível em: <http://www.metrowestdailynews.com/article/20091018/NEWS/310189962>. Acesso em: 08 ago. 2016.

¹³² ZONG, J.; JEANNE, B. *Brazilian Immigrants in the United States* (2016). Disponível: <http://www.migrationpolicy.org/article/brazilian-immigrants-united-states>. Acesso: 08 ago. 2016.

¹³³ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 178.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 178.

A Massachusetts Alliance for Portuguese Speakers (MAPS) é uma organização criada em 1993 pela fusão de duas agências: a ex-Liga Americana Portuguesa de Somerville (SPAL) e a Organização de Amigos Portugueses de Cambridge (COPA), que atuou separadamente por mais de 20 anos. Eles se fundiram para melhorar a prestação de serviços e unificar a comunidade de língua portuguesa, incluindo imigrantes de oito países ao redor do mundo. O seu trabalho é com e para comunidades brasileiras, portuguesas e outras comunidades de língua portuguesa para aumentar o acesso e eliminar barreiras à saúde, educação e serviços sociais através de serviços diretos, advocacia, liderança e desenvolvimento comunitário.¹³⁵

Entre as organizações dos imigrantes brasileiros, existem algumas que são especialmente voltadas para atividades culturais. É o caso do grupo de Capoeira fundado pelo baiano Deraldo em Cambridge e de um teatro financiado pela então empresa aérea TAM, hoje LATAM - companhia brasileira e chilena de aviação. Entre as várias *performances* e shows que ali se apresentam ao ar livre para deleite dos passantes, tem sempre um grupo de capoeira, que é hoje uma das marcas culturais do Brasil pelo mundo afora.

Segundo Sales (2005), o ex-ministro da Cultura Gilberto Gil, quando esteve em Boston para um diálogo com a comunidade brasileira, propôs que um Ponto de Cultura fosse montado no Grupo de Capoeira de Deraldo.¹³⁶

Um horizonte que se vislumbra para a expansão das atividades culturais e organizativas da comunidade brasileira em Boston é disponibilização de um prédio, pertencente à Paróquia de Santo Antônio, para atividades da comunidade brasileira. A ideia inicial é que se juntem organizações, como o Grupo Mulher Brasileira, o Centro do Imigrante Brasileiro, o Grupo de Capoeira de Deraldo, e aos poucos o espaço seja transformado também em um Centro Cultural Brasileiro¹³⁷.

¹³⁵ Disponível em: <http://www.maps-inc.org/maps-historical-background/>. Acesso em: 15 mar. 2016.

¹³⁶ SALES, T. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA. *São Paulo Perspec.* [online]. 2005, vol.19, n.3, pp. 44-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2016.

¹³⁷ Ibid.

Os brasileiros em Boston se destacam, sobretudo, nos bairros de Allston e East Boston. Alguns grupos conversam entre si, como é o caso do Grupo Mulher Brasileira, do Centro do Imigrante Brasileiro, e da MAPS.

Nos Estados Unidos, a tradição é de as organizações sem fins lucrativos (ONG) se voltarem unicamente para a prestação de serviços, sem ênfase em conteúdos políticos. A MAPS, por exemplo, cuja expansão tem sido notável em Boston, tem essa visão muito clara e vem conseguindo apoio do governo norte-americano e das diversas fundações que lhe dão suporte financeiro.

Apesar disso, os estudantes brasileiros às vezes se entusiasmam quando assistem às reuniões das lideranças e se propõem a ajudar à comunidade, revelando o anseio por uma mobilização política, que em geral se acirra em momentos de campanhas por alguma reivindicação, como a legalização, a anistia, em que os líderes brasileiros, às vezes com uma base social muito menos sólida do que outros grupos imigrantes têm condições, se colocam à frente das lutas, exatamente por causa dessa bagagem que levaram consigo do Brasil.

A classe média politizada, que é constituída pelos chamados líderes, no decorrer desses últimos dez anos, vem se articulando não apenas entre si nas suas próprias reuniões e mobilizações políticas, como também na órbita do Consulado brasileiro de Boston.

Os conceitos de assimilação e integração são a pedra angular dos programas e políticas migratórias dos países receptores de imigrantes. A assimilação, bastante criticada, busca que os imigrantes se transformem e adotem a cultura, os valores e costumes da sociedade de acolhida¹³⁸.

A integração procura que o imigrante se adapte à nova sociedade, adote linhas de comportamento social e respeite os costumes e cultura da sociedade de acolhida, sem perder sua própria identidade. Como não existe uma sociedade perfeita, a integração depende das políticas aplicadas, da preparação e capacidade do imigrante e do apoio e ajuda do meio ambiente como ONGs, igrejas, dentre outras.

¹³⁸ PBE (Assessoria: Cab E Cnbb). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pbeus.com/encontro.html>. Acesso em: 14 Set. 2016.

Normalmente o imigrante deixa para trás uma comunidade sólida e seus pontos de referência. Mediante uma outra sociedade, sente-se desorientado, sozinho, sem saber como atuar, vivenciando um verdadeiro choque de cultura.

A Igreja e os Migrantes - até o século XVIII, embora não houvesse uma pastoral para os migrantes estruturada e organizada desde a Santa Sé, as igrejas eram os únicos lugares de refúgio para as pessoas perseguidas¹³⁹.

O fundamento para a proteção era o conceito sempre latente de que todo ser humano é imagem e semelhança de Deus, sem distinção de raça, cor, nacionalidade ou classe social, e por isso, sujeito de direitos e dotados de dignidade. Com a Revolução Francesa, o próprio Estado se atribui o direito de proteção ainda que alicerçado em outros princípios. Somente em 1948, as Nações Unidas proclamaram a Convenção sobre os Direitos Humanos, logo subscrita pela maioria das nações.

O atuar da Igreja na História e os Documentos Pontifícios de uma ou outra forma demonstram que a Igreja sempre se preocupou pelo presente e futuro dos migrantes e peregrinos, mesmo porque o cristianismo nasceu com as migrações e a fé cristã se espalhou pelo mundo também através das migrações. No universo da Igreja, não cabe o conceito de estrangeiro.

Ninguém é estrangeiro para ela, menos o imigrante, porque nele a Igreja vê espelhado o seu rosto de peregrina que caminha da morte à ressurreição. A nenhum membro do Corpo Místico, lhe desconhece o seu direito à existência e o pertencer a uma comunidade. Em palavras simples, nenhuma igreja pode fechar as portas ao imigrante que chega.

O Papa Pio XII ao publicar a Constituição Apostólica *Exsul Familia* (1952), escreve que, em virtude do ministério apostólico, nós, os religiosos, enquanto Igreja, não podemos deixar de intensificar o grande amor para com os filhos que se encontram em dificuldades no exílio e, sem deixar de dar os primeiros socorros materiais, devemos esforçar-nos em proporcionar-lhes a assistência espiritual.¹⁴⁰

Numa breve retrospectiva histórica, encontram-se em Santo Ambrósio, já no século IV, registros de grande preocupação, depois da batalha de Andrianópolis, com os migrantes. Durante a Idade Média, já surgiam muitas instituições para a

¹³⁹ PBE (Assessoria: Cab E Cnbb). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*.

¹⁴⁰ Pio XII. Constituição Apostólica *Exsul Familia*. Roma: Vaticano, 1952.

atenção de peregrinos, e procuravam-se sacerdotes da mesma nacionalidade para uma melhor atenção. Ainda no século XII, o papa ordenou severamente que nas dioceses onde houvesse migrantes de outras nacionalidades, os ofícios divinos fossem celebrados em diversos ritos e idiomas. Durante a Revolução Francesa e nos anos posteriores, os papas Pio VI e VII organizaram a assistência aos refugiados. Mais de 20.000 prófugos foram recebidos no Estado Pontifício durante três anos. Em 1912, por influência do Bem-Aventurado Scalabrini, fundador dos Missionários e Missionárias de São Carlos para os migrantes, e chamado pelo papa “Pai dos Migrantes”, o Papa Pio X instituiu no Vaticano um ofício especial para a emigração que hoje se chama: Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes¹⁴¹.

Em 1914, Bento XV proclama o dia Mundial do Migrante. Em 1951 o Papa Pio XII aprovou em Genebra a CCIM (Comissão Católica Internacional para os Imigrantes), para apoiar economicamente as organizações que trabalham com imigrantes no terceiro mundo¹⁴².

O Papa João XXIII na Encíclica *Mater et Magistra* (MM) se refere ao direito que as famílias têm de emigrar e da responsabilidade que cabe ao Estado tanto de expulsão como de recepção¹⁴³.

O Papa Paulo VI publica *Pastoralis Migratorum Cura* (Cuidado Pastoral aos Migrantes) revisando e melhorando as normas contidas na Exul Familia, como a figura dos capelães, dos delegados diocesanos de migração, das paróquias pessoais, exortando às Conferência Episcopais assumir o cuidado pastoral dos migrantes, refugiados e “desplazados”. Esse documento foi atualizado recentemente através do Pontifício Conselho¹⁴⁴.

O Papa João Paulo II durante todo o seu pontificado preocupou-se com a problemática e, anualmente, por ocasião do dia Mundial do Migrante enviava uma mensagem aos bispos, sacerdotes e agentes de pastoral, orientando e solicitando uma atenção especial.

Por que Pastoral Migratória? Falar de Pastoral é falar de presença e ação da Igreja e da Vida de Deus entre os homens. A Pastoral das Migrações é a pastoral

¹⁴¹ PBE (Assessoria: Cab E Cnbb). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*.

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ João XXIII. *Encíclica Mater et Magistra*. Roma: Vaticano, 1961.

¹⁴⁴ Paulo VI. *Pastoralis Migratorum Cura*. Roma: Vaticano, 1969.

da Igreja aplicada a um grupo específico de pessoas: migrantes, refugiados, ciganos, marinheiros, “desplazados”; linhas gerais com características próprias. A espiritualidade do agente dos migrantes deve ser motivada e impulsada pela convicção interior de que todo ser humano é imagem de Jesus – “O que fazeis a um desses pequeninos, a mim o fazeis”; e que acolher o migrante mais necessitado é acolher a Cristo – “Eu era migrante e tu me acolheste”- É a espiritualidade da encarnação ¹⁴⁵.

2.3.3

Possibilidade de compreensão da emigração brasileira à luz das teorias migratórias

A emigração brasileira é um fenômeno recente, iniciado no século XX, nos meados do ano de 1970. Estima-se que mais de 2 milhões de brasileiros tenham emigrado ao longo destes 45 anos e mais de um terço vive clandestinamente sem visto de permanência, ou sem documentação apropriada. Os principais destinos são EUA, Europa e Japão. Só na América do Norte, os brasileiros passam de 1 milhão. Vale aqui lembrar que os primeiros lugares de emigração brasileira foram países utilizados como de passagem como o Paraguai e Chile. São considerados países de fronteira. A partir dos anos de 1980 e 1990, de modo principal, o fator econômico impulsionou a preferência dos brasileiros e migrantes pelos destinos como EUA e Japão. É claro que, ao tratar desse campo como motivo da migração de brasileiros, há que se ressaltar os processos de globalização que eliminaram muitos postos de trabalho e, por conseguinte, abriram outros, e as novas tecnologias que também abriram muitas fronteiras e facilidades para a migração.

Os países desenvolvidos sempre tiveram a preferência da emigração. Os EUA, mais precisamente nas cidades de Nova York, Boston e Miami fazem parte do maior fluxo dos migrantes brasileiros, o famoso e conhecido sonho americano. Aqui é bom abrir parênteses e ressaltar que a maioria dos trabalhos executados por brasileiros nessas cidades são de pouca qualificação, como lavar, cozinhar, ser ajudante de pedreiro, garçom ou cuidador de crianças e idosos. Mesmo com esse tipo de trabalho, alguns poucos voltam com suas economias para abrir seus próprios negócios.

¹⁴⁵ PBE (Assessoria: Cab E Cnbb). XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. *Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*.

A emigração sempre foi um movimento populacional muito comum na história, quando pessoas espontaneamente se deslocam de uma região para a outra, de um mesmo país ou de um país para o outro. É fundamental deixar claro que todos os dias ocorrem migrações, a todo momento as pessoas migram de um lugar para o outro, portanto: imigração é a entrada de estrangeiros em um país que não é de sua origem e emigração é a saída espontânea de um país para o outro, provisória ou definitivamente. Portanto, migração, você sai de algum lugar, imigração você veio de algum lugar e emigração você vai a algum lugar.

As teorias migratórias nos ajudam, em parte, a compreender os emigrantes brasileiros. Porém, nenhuma teoria explica toda realidade da mobilidade humana. Não há uma teoria que elabore o todo do fenômeno migratório. A função das teorias é, por outro lado, fundamental para a qualidade da pesquisa e para a análise dos dados. As teorias ajudam e favorecem uma maior abrangência, alcance dos aspectos do fenômeno das migrações e uma maior “compreensão integral das forças sociais e econômicas responsáveis pelas migrações internacionais entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento”¹⁴⁶.

As teorias clássicas e neoclássicas, de modo muito especial, sobre trabalho e economia ajudam a compreender parcialmente a migração brasileira. A emigração é um fato social, portanto, não estático; é um projeto sempre refeito, reconfigurado, transformado e reconstruído. Por isso, emigração sem o trabalho seria uma contradição, um “imigrante desempregado é um paradoxo”¹⁴⁷. Outro elemento importante na compreensão das teorias são as abordagens econômica, que nos mostram que os emigrantes decidem racionalmente, com cálculos exatos de custo benefício, suas partidas. Podemos dizer que, no Brasil, a migração teve e tem várias características, mas duas delas se destacam: da economia e do trabalho.

O processo migratório funciona em modo similar em qualquer lugar [do mundo], no que se refere ao mercado de trabalho segmentado, à segregação residencial e à formação de grupos étnicos. As principais diferenças devem ser encontradas nas atitudes públicas e nas políticas dos governos sobre imigração, inserção, cidadania e pluralismo cultural¹⁴⁸.

¹⁴⁶ MASSEY, D. S. et. al. *Words in motion*. Understanding international at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005.

¹⁴⁷ SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 54-55.

¹⁴⁸ CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of Migration: International population movements in the modern world*. 4ª. ed. New York / London: The Guilford Press, 2009, p. 48.

Como vimos em nosso estudo, nunca há uma única razão para explicar o fenômeno migratório, mas uma combinação de motivos diversos. As migrações não podem ser entendidas apenas por teorias e abordagens. A mobilidade migratória é um projeto que se reelabora e precisa ser compreendido como um todo. As teorias ajudam a ter uma visão global:

A primeira é que a migração cria um “espaço unificado” que engloba, ao mesmo tempo, o ar de origem e o ar de destino, de modo que, para compreender a migração é necessário levar em consideração este espaço unificado. A segunda é que a migração não é que um dos processos que ligam o ar de origem e o de destino: está em estreita relação com outros processos, os quais são, muitas vezes, profundamente enraizados na história. A terceira é que a migração é notadamente suscetível de evoluir. A quarta é que o estado joga um papel crucial na determinação dos fluxos migratórios internacionais e a quinta é que faz-se necessário identificar os mecanismos através dos quais as forças macro, que influenciam os fluxos migratórios, se traduzem em determinantes da migração em nível micro, naquele nível em que os indivíduos tomam as decisões¹⁴⁹.

2.4 Perguntas que Emergem do Quadro Emigratório Brasileiro para a Região de Boston

Essa tese não procura uma teoria migratória, mas uma hermenêutica à luz da fé para o serviço pastoral e de evangelização nas comunidades migrantes. “Cada teoria captura alguns elementos da realidade”¹⁵⁰. Na medida em que a tese não objetiva procurar uma teoria migratória para explicar a presença brasileira na região norte americana em torno da grande Boston, mas uma hermenêutica à luz da fé cristã para o serviço pastoral e evangelizador junto a esses grupos de brasileiros, importa identificar de maneira mais precisa possível, quais são as questões especificamente teológico-pastorais que emergem dessa realidade.

Vimos nesse capítulo que a sociedade contemporânea é cada vez mais uma rede¹⁵¹, com uma série de projetos e episódios de curto prazo. A mobilidade tem gerado um estado de provisoriedade permanente e um exemplo marcante desta provisoriedade são as migrações. “Hoje em dia estamos todos em movimento”.¹⁵²

¹⁴⁹ ZLOTNIK, H. *Théories sur les migrations internationales*. In: CASALLI, G.; VALLIN, J.; WUNSCH, G. (Ed.). *Demographie: analyse et synthèse*. IV. Les determinants de la migration. Paris: Editions de L’Institut National d’Etudes Démographiques, 2003, p. 70.

¹⁵⁰ POOT, J.; WALDORF, B.; VAN WISSEN, L. (Ed.). *Migration and Human Capital*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2008, p. 106.

¹⁵¹ PERGOLA, G. D., *Viver a cidade: orientações sobre problemas urbanos*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.27.

¹⁵² ALMEIDA, M. I. M. & TRACY, K. M. A., *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.17.

É um estar no mundo em constante busca em uma teia que se reconfigura em velocidade inimaginável envolvendo profundas mudanças no ser e no estar no mundo.

Demonstramos também que há distintos tipos de migrações: por trabalho (migrantes econômicos); por perseguição política (exilados e refugiados políticos); por confrontos armados (desenraizados e refugiados por guerra); por desastres naturais (desenraizados pelas secas, inundações, etc.); por estudo (estudantes estrangeiros e do interior); por intolerância religiosa (grupos fundamentalistas, sem esquecer das migrações forçadas que constituem a escravidão contemporânea); tráfico de migrantes como mão de obra barata; tráfico de pessoas para exploração sexual e tráfico de órgãos. Em tudo isso, constatamos que a realidade migratória é complexa, não podendo em consequência ser tratada sem as devidas cautelas e contextualizações.

Reconhecemos que existem diversas causas para o fenômeno das migrações e desenraizamento maciço de pessoas. Vimos que as causas, mesmo sendo diferentes se interligam, removendo pessoas de suas terras e raízes, raízes essas que são também religiosas.

Consequentemente, algumas indagações devem ser levantadas: a) como evangelizar e facilitar a experiência de Deus nestas realidades? b) a Igreja Católica tem ajudado a fazer o encontro com Jesus Cristo vivo na acolhida e evangelização dessa realidade humana, tendo em vista que o objeto de estudo dessa tese é o migrante brasileiro católico na região da grande Boston? c) ocorrem alterações na compreensão e na vivência da fé ou esses migrantes simplesmente transportam formas e conteúdos religiosos para uma realidade geográfica e cultural diferente? d) em termos específicos de justiça social, como a Igreja tem ajudado a superar a escravidão, o tráfico, a exploração, a desumanização, a xenofobia, o racismo e a discriminação dos que migram para a região estudada? e) a experiência de Igreja encontrada na região sobre estudo, em que se identifica e em que se distancia da experiência eclesial do local de origem? f) de acordo com atual consciência da pastoral migratória no âmbito católico, o que a Igreja do Brasil tem feito para acompanhar esses migrantes específicos? g) e a Igreja Norte-americana, como ela tem enfrentado o desafio da migração especificamente brasileira naquela região? Tais questionamentos serão refletidos, em busca de uma resposta, no decorrer dos próximos capítulos.

Neste capítulo apresentamos, de modo geral, a caracterização atual da mobilidade humana e algumas teorias e abordagens dos processos migratórios contemporâneos. Descrevemos as principais características e os processos para a compreensão dos movimentos migratórios, como também identificamos algumas perguntas que surgem dentro desse quadro migratório específico brasileiro para a região de Boston. No próximo capítulo, traçaremos alguns parâmetros teológico-pastorais para melhor compreender a vivência da fé de forma comunitária.

3

Parâmetros Teológico-Pastorais para a Compreensão do Fenômeno Migratório

Uma vez descrito o objeto material dessa pesquisa, cumpre agora destacar, no conjunto da grande reflexão teológica, aqueles elementos considerados essenciais para o discernimento da ação evangelizadora junto aos migrantes brasileiros na região de Boston.

A partir da evangelização é preciso verificar a atual consciência da Igreja diante da realidade migratória. Com base nessa observação, é importante olhar o que a Igreja Católica, no Brasil como nos EUA, tem feito para enfrentar a questão.

Esses aspectos podem ser pesquisados a partir de documentos, estudos e manifestações oficiais das Igrejas nos dois países. No entanto, se desejamos obter uma melhor visão da realidade migratória, precisamos identificar as percepções de Jesus Cristo por meio da Igreja e buscar identificar o que permanece ou se altera em quem faz a experiência migratória.

Conscientes de que a relação entre os aspectos discernidos para a análise do fenômeno migratório é capaz de receber orientações internas diversas, optamos por considerar como ponto de partida, a atual consciência da Igreja Católica acerca da realidade migratória, pois é ela que nos vai fornecer o primeiro parâmetro para a compreensão dessa realidade.

Assim, buscou-se verificar a atual postura da Igreja Católica no Brasil em relação ao povo brasileiro que migra, especialmente os que vão para Boston, e como a Igreja Católica Norte-Americana aborda essa questão. Os migrantes experimentam rupturas culturais e o desafio de compreender sua fé é grande. Por isso, outro parâmetro da pesquisa consiste em discernir o quanto a fé cristã católica compreende as singularidades pessoais, como também a mensagem de Jesus Cristo e a pertença-participação eclesial.

Não há dúvida que os grandes deslocamentos de massa (migrantes, refugiados, prófugos, itinerantes, marítimos, trabalhadores temporários, etc), dada a sua dimensão estrutural, representam um sinal dos tempos em dupla dimensão. Do ponto de vista quantitativo, as migrações de massa envolvem um número cada vez maior de pessoas, tornando-se ao mesmo tempo mais intensas e diversificadas. Em termos qualitativos, juntamente com a globalização da

economia, aprofunda-se a complexidade desse fenômeno da mobilidade humana. Em ambas as dimensões, os movimentos migratórios constituem simultaneamente causa e efeito de mudanças significativas, tanto de ordem socioeconômica quanto político-cultural e afetam diretamente a fé e a evangelização.

A mobilidade humana se põe como desafio de reflexão pastoral para a teologia, pois é um fenômeno que afeta diretamente a Igreja em sua própria natureza missionária e migrante. A Igreja, como todo o cristianismo ocidental, está historicamente implicada nesses movimentos. Muitas abordagens e reflexões já foram feitas articulando evangelho e migrações, criando até mesmo um termo próprio, a “teologia das migrações”¹⁵³: que é guiada pela compreensão da migração como um lugar teológico¹⁵⁴, mas é preciso investigar como essa teoria funciona na prática pastoral da Igreja.

Dois eixos conduzem a “teologia das migrações” primeiro é o fato migratório interpretado à luz da missão própria da fé cristã, partindo da Palavra de Deus e da Teologia Trinitária como critérios pastorais; e segundo são os próprios migrantes envolvidos, pois pertencem a comunidades, tanto de partida como de chegada.

Nesse panorama teológico contemporâneo podemos, segundo Baggio, definir três realidades: “a) a migração como uma imagem do ‘êxodo existencial’ dos seres humanos; b) a migração como ‘lugar’ especial para o encontro com o ‘outro’; e c) a migração como um permanente desafio à Igreja cristã”¹⁵⁵.

Tassello¹⁵⁶ coloca o foco na questão missionária da Igreja como instância relevante na migração para uma ação mais ampla e inclusiva da catolicidade¹⁵⁷. O

¹⁵³ Uma apresentação do panorama atual das teologias das migrações, em perspectiva histórica, foi proposta por CAMPESE, G. *Non sei più straniera n'ospite. La teologia delle migrazioni nel XXI secolo*. In: MANENTI, R. (diretor). *Studi Emigrazione: International Journal of Migration Studies*. Rivista trimestrale di ricerca, studio e dibattito sul fenomeno migratório. ISSN: 0039-2936, v. 47, n. 178, 2010, pp. 317-345.

¹⁵⁴ Um breve panorama sobre as teologias das migrações encontra-se em LUSI, C. *Mobilidade humana como lugar teológico: elementos de teologia das migrações*. In: CONCILIUM, v. 328, n. 5, 2008, pp. 47-60.

¹⁵⁵ BAGGIO, F. *Introduction*. In: BAGGIO, F.; BRAZAL, A. M. (ed.). *Faith on the move. Toward a Theology of Migration in Asia*. Manila: Ateneo de Manila University Press, 2008, p.XII.

¹⁵⁶ TASSELLO, G. G. *Una pastorale specifica segno e strumento per una chiesa veramente cattolica*. Quaderni della Segreteria Generale CEI, v. 7, n. 11, 2003, pp. 69-85.

¹⁵⁷ Uma das principais referências sobre a catolicidade é a definição da Constituição Dogmática Lumen Gentium - LG 13: “Em virtude da mesma catolicidade, cada uma das partes traz às outras e à toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade”.

migrante carrega sua individualidade e unicidade particulares e deve ser visto no seu todo, integralmente.

O desafio é pensar teologicamente o migrante, superar dicotomias redutivas, pensar as migrações e vê-las de maneira positiva e propositiva. Não são poucos os casos de morte de migrantes, que suscitam iniciativas pastorais e missionárias em defesa da vida à luz do Mistério Pascal. A partir da reflexão *Hispanic* nos Estados Unidos¹⁵⁸, o debate passou a ser da teologia intercultural.

A compreensão intercultural requer de nós a atitude de não mais medir o povo a partir da perspectiva daqueles que põem as questões, que se sentem, por causa disso, a medida em si mesma, com a qual todas as coisas são validadas e entendidas. É tempo que as pessoas de outras culturas sejam acolhidas, não somente para fazer perguntas a partir de perspectivas diferentes daquelas respostas consideradas corretas deste sempre, mas também para participar da formulação de novas respostas exigidas na busca por novas soluções pastorais. Isto significa que uma nova Igreja, acolhedora e inclusiva está nascendo¹⁵⁹.

O Papa Francisco chama a atenção para a dignidade e a paz de toda pessoa humana, como linha mestra da Doutrina Social da Igreja, independentemente de credo e religião, raça e cor da pele, língua, povo ou nação¹⁶⁰. Em maio de 2016, o Pontífice recebeu no Vaticano Ahmad Al-Tayyeb, grande imã da Universidade Islâmica do Cairo Al-Azhar no Egito. Este encontro, de grande significado no quadro do relacionamento entre a Igreja Católica e o Islã, no diálogo inter-religioso e no esforço pela paz internacional e luta contra o terrorismo, teve como tônica, o apelo pelo diálogo e pela paz. Durante uma semana, o discurso foi marcado por incentivos a acolhida, solidariedade, paz e amor para com os refugiados, solicitando “que a nenhum refugiado seja negado acolhimento”¹⁶¹. E afirma:

Não deve haver famílias sem casa, refugiados sem acolhimento, feridos sem curas, nenhuma criança tenha sua infância subtraída; nenhum homem e nenhuma mulher devem ser privados do futuro, não pode haver idosos sem uma velhice digna. Que este evento seja também a ocasião para reconhecer o trabalho daqueles que servem os seus próximos e contribuem para consolar os sofrimentos das vítimas de guerras e calamidades, dos refugiados deslocados e daqueles que assistem a sociedade,

¹⁵⁸ A Latino *Theology* tem suas expressões principais na revista *Journal of Hispanic / Latino Theology e na Academy of Catholic Hispanic Theologians of the United States*.

¹⁵⁹ HERRERA, M. *Response to M. Shawn Copeland*. In: GENKNER, W. (ed.). *The multicultural Church. A New Landscape in U.S. Theologies*. New York; Mahwah: Paulist Press, 1996, p. 30.

¹⁶⁰ Francisco. *Não escravos, sim irmãos*. In: Mensagem do Papa Francisco na XLVIII Jornada Mundial sobre a Paz. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/peace/documents/papa-francesco_20141208_messaggio-xxviii-giornata-mondiale-pace-2015.html. Acesso em: 02 jan. 2015.

¹⁶¹ Id. *Voz da Verdade* - 29.05.2016. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-recebeu-grande-ima-de-alazhar/>. Acesso em: 03 jun. 2016.

especialmente com escolhas corajosas em favor da paz, do respeito, da cura e do perdão. É desta maneira que vidas humanas são salvas. Ninguém ama um conceito, ninguém ama uma ideia, nós amamos as pessoas. O sacrifício de si, a verdadeira doação, brota do amor para com os homens e mulheres, crianças e idosos, povos e comunidades [...] rostos, aqueles rostos e nomes que enchem os nossos corações¹⁶².

O magistério da Igreja, especialmente em sua Doutrina Social (DSI), tem refletido com frequência essa realidade como método privilegiado para uma leitura teológica não só da migração, mas de toda a realidade sócio-histórica. Como exemplo dessa reflexão, pode-se citar as afirmações do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes e do Pontifício Conselho “Cor Unum” argumentando que “O tráfico de seres humanos constitui uma ofensa ultrajante contra a dignidade humana, além de ser uma grave violação dos direitos humanos fundamentais”. As vítimas - acrescenta o documento - “foram enganadas a respeito das suas atividades futuras e já não são livres de decidir a respeito da sua própria vida. Acabam em situações semelhantes à escravidão ou à servidão, das quais é muito difícil fugir”¹⁶³.

O Magistério da Igreja cresceu junto com a defesa dos direitos humanos, mas de modo mais intenso após a segunda Guerra Mundial, chamando a consciência e falando a favor da dignidade migratória. Importante registrar que pode existir a construção de preconceitos e repulsas aos migrantes, através do meio midiático, mas é preciso evitar suspeitas e julgamentos pré-estabelecidos em relação a esse público e não alimentar a chamada “criminalização das migrações”, pois as políticas de enfrentamento ao Tráfico Humano em nenhum momento podem passar pela negação do direito à migração¹⁶⁴.

Segundo o site oficial da Rádio do Vaticano, o Papa Francisco por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado do ano de 2014, tendo como tema “Migrantes e Refugiados: rumo a um mundo melhor”, chama a atenção do mundo para a consciência de que:

Os migrantes e refugiados não são peões no tabuleiro de xadrez da humanidade. Trata-se de crianças, mulheres e homens que deixam ou são forçados a abandonar

¹⁶² Francisco. *Voz da Verdade* - 29.05.2016. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-recebeu-grande-ima-de-alazhar/>. Acesso em: 03 jun. 2016.

¹⁶³ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes e Pontifício Conselho “Cor Unum”. *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força*, 2013, n. 52.

¹⁶⁴ Paulo VI. *Motu próprio Pastoralis Migratorum Cura*. Roma: Vaticano, 1969, n. 7.

suas casas por vários motivos, que compartilham o mesmo desejo legítimo de conhecer, de ter, mas, acima de tudo, de ser mais.¹⁶⁵

Por ser um povo muitas vezes excluído da sociedade, a Igreja coloca as migrações em um lugar central na evangelização e em sua pastoral. Em toda História da Salvação, Deus nos revela como aquele que acolhe a pessoa do migrante. A nossa fé é herança de um povo migrante. Por isso, nos deteremos mais nesse capítulo com a eclesiologia, como e de que maneira a comunidade religiosa católica entra e auxilia na experiência da fé dos migrantes, mesmo porque tanto a identidade como a cultura não são conclusivas ou perfeitas. A identidade é construída não em contraste com a não identidade, mas em contraste com a alteridade e a cultura nunca nos pertenceu como algo acabado, ambas se facilitam no encontro em comunidade. A identidade faz os processos migratórios não serem apenas atitudes individuais das pessoas, pois a pergunta quem sou eu na Igreja passa a ser quem somos nós na Igreja. Solidariedade e hospitalidade são desdobramentos da pastoral profética e partilham uma visão de sociedade e de mundo para todos.

Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética dos atropelos que sofrem frequentemente, como também o esforço [...] para conseguir uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade (DAp, n. 414)¹⁶⁶.

Vejamos como a Igreja tem vivenciado essa missão evangelizadora e orientado as suas ações pastorais.

3.1 Consciência da Igreja sobre a Realidade Migratória

Para uma melhor compreensão católica do fenômeno migratório e sua história, torna-se importante, de maneira resumida, ver as interpelações pastorais que a Igreja já refletiu e vivenciou a respeito dos processos de mobilidade migratória.

¹⁶⁵ Francisco. Mensagem para o *dia mundial do migrante e do refugiado*, 2014. Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-os-migrantes-e-refugiados-nao-sao-p.va>. Acesso em: 27. maio, 2016.

¹⁶⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 414. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

Na carta *Quam Aerumnosa*, de 1888, aos bispos dos Estados Unidos, o Papa Leão XIII chamava a atenção para o abandono dos italianos emigrados¹⁶⁷. O que primeiro tocou o magistério da Igreja foi a saída de emigrantes italianos e o risco de perderem a fé, além das notícias de difíceis condições de vida na terra de destino.

A primeira encíclica pontifícia sobre a questão social, *Rerum Novarum* de Leão XIII - 1891, afirmava que os ricos e os patrões,

[...] não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do Cristo. [...] O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços¹⁶⁸.

Na *Rerum Novarum*, ao defender o direito à propriedade privada com impostos razoáveis, o Papa Leão XIII, de certa maneira, desejou a suspensão da sangria da emigração: "Ninguém, com efeito, quereria trocar por uma região estrangeira a sua pátria e a sua terra natal, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável" (nº 65).

João Batista Scalabrini, preocupado com o abandono da fé, emitiu, em 1912, o Motu Próprio *Cum Omnes Catholicos*, insistindo que se fundassem, nas áreas de origem, comissões diocesanas e paroquiais que preparassem os que iriam migrar para levarem consigo uma fé sólida a ser conservada fielmente¹⁶⁹.

¹⁶⁷ FONDAZIONE. Migrantes della CEI. *Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni* - Documenti magisteriali ed ecumenici sulla pastorale della mobilità umana (1887-2000), p. 73. O "rascunho" dessa carta foi encaminhado por Giovanni Battista Scalabrini ao Papa relatando as condições dos emigrantes italianos e, posteriormente enviada aos bispos americanos. Leão XIII Insistia sobre o agir concreto da Igreja no que tange às migrações.

¹⁶⁸ Leão XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários. Roma: Vaticano, 1891, n. 10.

¹⁶⁹ Em 1908 Pio X fundou as comissões diocesanas e paroquiais a favor dos emigrantes com a finalidade de oferecer apoio e formação aos que partiam (Cf. NEGRINI, Angelo. *La Santa Sede y el fenómeno de la Movilidad Humana*. Roma: Vaticano. People on the Move, nº 88-89 2002). Em 1912 constituiu junto à Congregação Consistorial uma secção especial para os emigrantes católicos de rito latino (PIO X. Motu Próprio *Cum omnes catholicos*, 15.8.1912, in AAS 4, 1912, p. 526-527). O decreto *Magni semper* de 1918, posterior ao Código de Direito Canônico, estabelecia o procedimento de autorização do clero para a assistência aos migrantes, sob a vigilância da Congregação Consistorial (BENTO XV. Decreto *Magni semper*, 30.12.1918, in AAS 11, 1919, p. 39-43). Já no final do século XIX o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, com grande sensibilidade para o drama dos migrantes, tomou algumas providências práticas: fundou uma congregação missionária para acompanhar as migrações italianas, e ele mesmo partiu em visita aos migrantes, conhecendo de perto as condições de vida e as necessidades dos migrantes. Estimulou Francisca Cabrini, que partiu para os Estados Unidos acompanhando os emigrantes e organizando o cuidado aos imigrados. Na mesma direção, mais tarde, em 1932, na Polônia, o Cardeal Augusto Hlond fundou a Sociedade dos Padres de Cristo para acompanharem os poloneses migrantes pelo mundo afora.

O Papa Pio XII criou uma secretaria especial - Ofício para as Migrações - junto à Secretaria de Estado, e publicou a Constituição Apostólica, em 1952, *Exsul Familia*¹⁷⁰, que possibilitou, naquele período de pós-guerra, oferecer particular atenção para com os itinerantes de modo a ajudá-los a conservar a fé e superar obstáculos da vida cristã.¹⁷¹ Trouxe duas novidades: a) o direito humano não só de migrar para buscar melhorar as condições de vida, mas de se estabelecer e de permanecer numa nova pátria; b) a necessidade de um trabalho pastoralmente junto aos migrantes. O documento de Pio XII elabora uma teologia bíblica da migração, começando pela família de Nazaré como exemplo de família refugiada e migrante (n. 1).

A partir do século XX, após fóruns internacionais e nacionais, prevaleceu a prática de limitações e a adoção de regras estatais do sistema de quotas, fixando o número de imigrantes em certo limite, inclusive por nacionalidade. Dessa maneira, ficou restabelecida a obrigação da obtenção de passaporte e de vistos de entrada, de permanência, de trânsito e de saída para os estrangeiros. Hoje, encontram-se notícias de pessoas que, mesmo portando autorização para entrar como estrangeiro em um país são, de maneira arbitrária, devolvidas a seus países de origem¹⁷².

O Concílio Vaticano II, com os Papas João XXIII e Paulo VI, marcou o segundo momento do magistério da Igreja. Deram-se conta de que a mobilidade humana está intimamente conectada com a complexidade da economia, o que torna a migração também um fenômeno crescente e irreversível. Por isso, a migração somente será bem resolvida, levando em conta que, afinal, somos uma grande família humana, para além de qualquer distinção de nação, etnia e credo.

¹⁷⁰ Embora venha a ser substituída pela Instrução De Pastoralis Migratorum Cura de 22 de agosto de 1969, portanto quase duas décadas mais tarde, permanece como referência, seja mais pela sua parte histórica que pelos seus princípios fundamentais que guiaram a sua normativa. A Igreja começa na metade do século XX, depois de um período de estagnação, a empenhar-se com o fenômeno migratório, porém de forma pragmática e fragmentária. Depois da interrupção da guerra dos anos 1915-1918, as migrações tomam vulto. Porém os nacionalismos imperantes na Europa e União Soviética fecham as fronteiras para a imigração, todavia intensificando-se ao término da Segunda guerra mundial. Essa Instrução então se reveste de autoridade e eficácia a ponto de ser acolhida como a Magna Carta das migrações na segunda metade do século XX. Cf. De PAOLIS, Velasio. *Chiesa e Migrazioni*. Quaderni SIMI, 2. Roma: Urbaniana University Press, 2005.

¹⁷¹ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais*. Brasília: CNBB, 2009, p.60.

¹⁷² FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 61.

As referências à migração se encontram em *Pacem in Terris*¹⁷³, *Gaudium et Spes*¹⁷⁴, *Ad Gentes*¹⁷⁵ e, principalmente, o *Motu Proprio: Pastoralis Migratorum Cura*¹⁷⁶, que oferecem diretrizes que ajudam as Igrejas locais a dinamizarem a pastoral e a evangelização no campo da mobilidade humana¹⁷⁷.

A paz não se assenta sobre o equilíbrio das armas ou a ameaça mútua das superpotências e sim, sobre a justiça e o direito – enfatizava a Doutrina Social da Igreja (DSI) nos tempos da “guerra-fria”, especialmente com a publicação da *Pacem in Terris* do Papa João XXIII¹⁷⁸. E o Papa Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio*, afirmou: “O desenvolvimento é o novo nome da paz”¹⁷⁹.

Em 1970, a Igreja Católica criou a Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e do Turismo, atual Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Esta Comissão publicou uma carta às conferências episcopais sobre “Igreja e mobilidade humana”, em 1985¹⁸⁰.

Alguns pronunciamentos pastorais do magistério universal da Igreja que apresentam uma atenção especial para a mobilidade geofísica podem ser citados:

- Encíclica *Mater et Magistra* (1961) do Papa João XXIII – fez exigências de justiça nas relações entre os setores produtivos e o fenômeno do êxodo rural, através dos processos de industrialização.¹⁸¹
- Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* (1971) do Papa Paulo VI – abordou, dentre outras, as questões da urbanização, dos jovens, das mulheres, dos trabalhadores, as discriminações, as comunicações e o meio ambiente.¹⁸²

¹⁷³ "Deve-se deixar a cada um o pleno direito de estabelecer ou mudar domicilio dentro da comunidade política de que é cidadão; e mesmo, quando legítimos interesses o aconselhem, deve ser-lhe permitido transferir-se a outras comunidades políticas e nelas domiciliar-se. Por ser alguém cidadão de um determinado país, não se lhe tolhe o direito de ser membro da família humana, ou cidadão da comunidade mundial, que consiste na união dos seres humanos entre si" (JOÃO XXIII. *Pacem in Terris*, 1ª parte). "O contato direto com pessoas de outra cultura pode constituir precioso fator de enriquecimento intelectual e espiritual, através de um contínuo processo de assimilação cultural" (*ibidem*, 3º parte), enfatizando uma convivência fundada sobre a verdade, a justiça, o amor e a liberdade.

¹⁷⁴ Paulo VI. *Constituição pastoral Gaudium et Spes (GS)*: sobre a Igreja no mundo atual. Roma: Vaticano, 1965, n. 58, 65, 84.

¹⁷⁵ Id. *Decreto Ad Gentes (AG)*: sobre a atividade missionária da Igreja. Vaticano, 1965.

¹⁷⁶ Paulo VI enfatiza a necessidade de renovação e aperfeiçoamento da estrutura da pastoral para os migrantes. In: Id. *Motu Proprio: Pastoralis Migratorum Cura*. Roma: Vaticano, 1969, n. 1.

¹⁷⁷ Em obediência ao Decreto *Christus Dominus* n. 18, que dá as novas diretrizes sobre o cuidado pastoral dos migrantes.

¹⁷⁸ João XXIII. *Carta Encíclica Pacem in Terris*. Roma: Vaticano, 1963.

¹⁷⁹ Paulo VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Roma: Vaticano, 1967.

¹⁸⁰ Pontifícia *Commissione per la Pastorale delle Migrazioni e del Turismo. Chiesa e Mobilità Umana*. Documento della Santa Sede dal 1883 al 1998.

¹⁸¹ João XXIII. *Carta Encíclica Mater et Magistra*. Roma: Vaticano, 1961.

- Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI (1975) - o papa defende que, na interculturalização, os evangelizadores devem observar a autonomia do Evangelho diante das culturas (EM., n. 20). Ao mesmo tempo, os agentes das pastorais dos migrantes devem mostrar que o Evangelho, como boa-nova da acolhida, da solidariedade e da hospitalidade, pode comunicar-se em todas as culturas.

- Carta Circular às Conferências Episcopais (1978) da Pontifícia Comissão para a Pastoral dos Migrantes e do Turismo – Igreja e Mobilidade – enfatizou o fenômeno da mobilidade humana dentro do contexto das mudanças observadas na época. A carta chama para a caridade eclesial que se traduz em hospitalidade, compreensão, valorização, que se tornam, na evangelização, o testemunho cristão.¹⁸³

- O Papa João Paulo II trata da questão missionária nas encíclicas *Laborens Exercens*, (1981), e *Redemptoris Missio*, de 1990¹⁸⁴. Na encíclica *Laborem Exercens*, argumenta: “o trabalho humano tem um seu valor ético, o qual, sem meios termos, permanece diretamente ligado ao fato de aquele que o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre, isto é, um sujeito que decide por si mesmo”¹⁸⁵. Na *Redemptoris Missio*, nos ensina que o missionário é chamado a viver como Cristo viveu, no amor, na renúncia de si mesmo, na compreensão do outro, ou seja, ser testemunha de Cristo.

- A instrução *Erga Migrantes Caritas Christi* – A caridade de Cristo para com os migrantes, (2004), do Pontifício Conselho para Pastoral dos Migrantes e Itinerantes – apresentou uma proposta eclesial às novas necessidades pastorais a fim de transformar a experiência de mobilidade em uma ocasião não só de crescimento na vida cristã, mas de nova evangelização e missão.¹⁸⁶

- *De Accomodata Pastoralis Migratorum Cura* (sobre o adequado cuidado da Pastoral dos Migrantes), documento composto por 104 parágrafos e conclui com um “ordenamento jurídico-pastoral” formado por 22 artigos. O documento busca

¹⁸² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais*. Brasília: CNBB, 2009, p.66.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Nesta Encíclica o Papa se refere ao fenômeno das migrações como algo próprio da época contemporânea, colocando-a entre os novos fenômenos sociais e entre as grandes transformações contemporâneas, com uma característica peculiar (cf. *Redemptoris Missio*, n. 27).

¹⁸⁵ João Paulo II. *Carta Encíclica Laborem Exercens*. Roma: Vaticano, 1981, n. 6.

¹⁸⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais*. Brasília: CNBB, 2009, p.74.

promover atitudes de respeito aos direitos dos migrantes e orienta os bispos, sacerdotes, religiosos e leigos; oferece indicações práticas e objetivas diante de questões suscitadas pela migração. Seu objetivo é adequar a ação da Igreja na dimensão da solidariedade, justiça, sensibilização, formação, coordenação e evangelização, bem como a divulgação da visão cristã sobre a dignidade e a mobilidade humana. Alguns apontamentos importantes podem ser ressaltados desse documento:

- a) A questão das culturas, do pluralismo cultural e da necessidade de pensar o Evangelho de forma inculturada (Parte II).
- b) Incentivo a pastoral da acolhida e da hospitalidade, (n. 34ss).
- c) A liturgia e a religiosidade popular nas comunidades cristãs, com atenção para as relações ecumênicas (n. 44ss).
- d) A necessidade do diálogo inter-religioso (n. 69ss).
- e) Agentes de pastoral com aspectos de comunhão e participação (Parte III, n. 70-88).
- f) Estruturas para a pastoral missionária (Parte IV, n. 89ss).
- g) Desafio prático no horizonte migratório. É tempo de voltar com esperança para uma pastoral de diálogo, de comunhão, como humanidade reconciliada, uma só família (n. 96-97).

• O Documento de Aparecida (DAP) de 2007 - neste documento apontam-se as principais causas de mobilidade, por exemplo: a violência em suas diversas formas, a pobreza, a falta de oportunidades, o trabalho escravo e o vergonhoso tráfico de pessoas. Este documento apresenta propostas para o agir diante deste cenário, como: a experiência religiosa, a vivência comunitária, a formação bíblica-doutrinal e o compromisso missionário de toda a comunidade.¹⁸⁷

O DAP é um dos documentos mais atuais quando se trata do fenômeno da migração na atualidade, daí a necessidade de nos debruçarmos um pouco mais sobre ele. O documento fala sobre a “vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe” (DAP, n. 128)¹⁸⁸ reconhecendo e exaltando a

¹⁸⁷ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais*, p.89 et. seq.

¹⁸⁸ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 128. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

“comunhão e comunicação de povos e culturas indígenas”¹⁸⁹ que o Senhor operou no continente. No texto, os pastores agradecem o protagonismo das mulheres e dos homens deslocados que, não somente enriquecem a Igreja e a sociedade, mas, com suas histórias e seus percursos humanos e socioculturais, constroem relações e agregações (DAp, n. 321)¹⁹⁰.

Aparecida salienta a dimensão de uma só humanidade, uma só família humana sem fronteiras. Insiste numa atitude profética da Igreja em relação à migração, com maior cuidado nas estruturas de acompanhamento e de acolhida ao migrante que deve ser visto como sujeito na comunidade humana e eclesial em que se insere (DAp., n. 411). Enfim, não esquece que o migrante, geralmente, é uma força econômica para suas famílias que estão na pobreza em seus países de origem, o que revela sua forma realista de solidariedade (DAp., n. 416).

Em sua primeira parte, o Documento de Aparecida indica características de conflitos da mobilidade humana, como já mencionado acima: o tráfico de pessoas e o trabalho escravo; a situação particular dos refugiados (DAp, n. 48, 73 e 402)¹⁹¹; a ameaça à integridade e à sobrevivência de comunidades indígenas pela migração forçada, a causa da pobreza (DAp., n. 90)¹⁹²; entre outras. Por isso, faz-se memória que os católicos que migram necessitam de atenção pastoral específica enquanto migrantes (DAp., n. 100)¹⁹³.

O tema da diversidade aparece no nº 170 do DAp, falando da visão de paróquia que os pastores querem e esperam promover. A paróquia, como célula viva da comunhão eclesial é chamada a valorizar e respeitar a diversidade de carismas e de culturas “de seus habitantes”. Mesmo sem citar os movimentos populacionais, sabe-se que é nas paróquias, o lugar onde o desafio da acolhida, da inclusão e da integração dos novos fiéis que Deus une à comunidade por intermédio da mobilidade humana se apresenta em modo mais concreto e viável.

O DAp não esgota todos os aspectos deste *kairós* que a mobilidade humana é para a Igreja e para sua missão. No nº 231, a indicação é clara e pontual, quando indica a mobilidade humana como uma “ocasião propícia para o diálogo ecumênico da vida”. Todavia, o primeiro e principal elemento deste fenômeno que

¹⁸⁹ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 128.

¹⁹⁰ Ibid., nº321.

¹⁹¹ Ibid., nº 48, 73 e 402.

¹⁹² Ibid., nº90.

¹⁹³ Ibid., nº100.

produz uma situação favorável para a Igreja é o fortalecimento e a ampliação de estratégias, forças e modalidades de evangelização.

Podemos fazer uma breve reflexão sobre dois aspectos da migração que o Documento de Aparecida nos traz:

1. Do ponto de vista da revelação e da salvação divina, pode-se perceber a migração como *locus theologicus*, o migrante nos ensina a pensar em Deus de forma cristã e não de forma religiosa em geral. Trata-se da identificação do nosso Revelador e Salvador com os "pequeninos". A migração nos dá uma nova percepção de "lugar" teológico, um lugar "em movimento", muito próximo do Povo de Deus a caminho. Trata-se de um lugar em "des-locamento" ou uma condição humana sem lugar ainda, com o risco de uma vida "nua" - sem nome e sem rosto, como a pura transcendência divina - tomando a expressão "vida nua", institucional e juridicamente desprotegida, conforme o pensamento do filósofo Agamben¹⁹⁴.

2. Do ponto de vista eclesial, ainda que Aparecida coloque a questão dos pobres e dos migrantes na sessão em que trata da "missão" dos discípulos, na verdade, os documentos mais específicos da Igreja vêm tratando cada vez mais os migrantes como "sujeitos" convidados a serem protagonistas e responsáveis na Igreja, sobretudo na pastoral junto aos que vivem com eles o mesmo drama e aventura.

Na linha do Documento de Aparecida, podemos concluir que os migrantes podem ser protagonistas e profetas de uma sociedade mais plural, pacífica e democrática sendo, simultaneamente, a causa e o efeito de mudanças profundas na história das pessoas, dos povos e de toda a humanidade.

Documentos mais recentes:

A Encíclica *Caritas In Veritatis* (2009) do Papa Bento XVI - chama a atenção para o desenvolvimento integral do ser humano, o cuidado de salvaguardar os direitos, tanto os dos indivíduos e famílias, como os da sociedade de acolhimento, pois cada ser é uma pessoa e possui direitos fundamentais

¹⁹⁴ Vida "nua", sem proteções legais, quando a ordem jurídica exclui da sociedade, é o que constitui o "homo sacer" de velha tradição romana. As narrativas e testemunhos de migrantes revelam esta condição que se torna expiatória - alguns recebem a humilhação e o sofrimento que lhes são descarregados por muitos. Sobre o "não lugar" de um lugar teológico em movimento.

inalienáveis que devem ser respeitados por todos e em toda e qualquer circunstância.¹⁹⁵

A Carta Apostólica *Porta Fidei*, de 11 de outubro de 2011, o Papa Bento XVI proclamou o “Ano da Fé”. Ressaltou que a porta da fé abre horizontes novos a uma sociedade que, pouco a pouco, vem perdendo o sentido da vida humana.

A carta encíclica *Lumen Fidei* - constitui um instrumento privilegiado para resgatar a herança recebida nesse Ano da fé, como também, clarear o caminho de nossos passos, especialmente no que diz respeito à questão social. O documento afirma que “a fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais”¹⁹⁶. Assim, lê-se:

A fé, além disso, ao revelar-nos o amor de Deus criador, nos confere maior respeito pela natureza, fazendo-nos reconhecer na mesma uma gramática escrita por Ele e uma casa a nós confiada, para que seja cuidada e cultivada. Ajuda-nos a encontrar modelos de desenvolvimento que não se baseiem somente na utilidade e no lucro, mas que considerem a criação como dom, do qual todos somos devedores. Ensina-nos a identificar formas justas de governo, reconhecendo que a autoridade vem de Deus para estar a serviço do bem comum¹⁹⁷.

Continuando o caminhar da Igreja, o Papa Francisco chama a todos para refletirem sobre o cuidado com toda a vida humana, com o planeta, com a ecologia, com a casa comum por meio da Encíclica *Laudato Si*. Dessa forma, surge o convite para a responsabilidade com todas as coisas que Deus nos confiou, sobretudo, a vida humana. “A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido das várias formas de degradação”¹⁹⁸.

Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), o Papa Francisco não exita em utilizar o termo “grito” para denunciar a situação de tantos seres humanos marcados pela pobreza e exclusão social: grito de pessoas e grito de povos inteiros. Textualmente, diz o Pontífice:

A Igreja reconheceu que a exigência de escutar este grito deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, por isso não se trata de uma missão reservada somente a alguns [...]. A solidariedade é uma reação espontânea de quem

¹⁹⁵ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais*. Brasília: CNBB, 2009, p.81.

¹⁹⁶ Francisco. *Carta Encíclica Lumen Fidei (LF)*. Roma: Vaticano, 2013, n°54.

¹⁹⁷ *Ibid.*, n°55.

¹⁹⁸ *Id.* *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulina, 2015, p. 5.

reconhece a função social da propriedade e a destinação universal dos bens como realidade anterior à propriedade privada (EG, n. 188-9)¹⁹⁹.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* trata de uma profunda serenidade de coração e de espírito, onde nasce da total confiança em Deus, mesmo nos momentos de adversidade e turbulência.

É notória a sintonia e a continuidade com as linhas mestras e os princípios fundamentais, não somente da Doutrina Social da Igreja, mas também com as janelas abertas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e pelos documentos publicados como conclusão das Assembleias dos bispos da América Latina e Caribe (Medellín, Colômbia, 1968; Puebla, México, 1979; Santo Domingo, República Dominicana, 1992; Aparecida, Brasil, 2007). Não só pelo compromisso socio-político com a justiça e o direito; a verdade e a paz formam uma dimensão constitutiva, intrínseca do Evangelho e da evangelização, mas, de uma forma vital, mais profunda e existencial, porque disso decorre a alegria, a felicidade e a salvação dos seguidores de Jesus Cristo. “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”²⁰⁰ (EG, nº 1).

Convém sublinhar os temas desenvolvidos no capítulo quarto da *Evangelii Gaudium*²⁰¹: 1) As repercussões comunitárias e sociais do *kerygma*; 2) Inclusão social dos pobres; 3) O bem comum e a paz social; 4) O diálogo social como contribuição para a paz. Como se pode notar, o Papa Francisco retoma as linhas mestras ou princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja (DSI) ao longo do tempo, bem como seu fio condutor, isto é, a defesa dos direitos e da dignidade da pessoa humana. Mas o atual Pontífice acrescenta-lhes um revestimento especial, uma característica própria de sua índole, uma espécie de olhar paterno/materno sobre os mais necessitados e os indefesos, como o Bom Pastor sobre a “ovelha perdida” ou “o homem caído à beira da estrada”. O primeiro subtítulo da encíclica nos revela a consonância intrínseca entre a confissão da fé e o empenho social.

Esta indissolúvel ligação entre a acolhida do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno está expressa em alguns textos da Sagrada Escritura que vale a pena considerar e meditar atentamente, no sentido de extrair-lhes todas as

¹⁹⁹ Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma: Vaticano, 2013.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ Ibid.

consequências: [...] ‘tudo aquilo que fizeste a um só destes meus irmãos mais pequenos, foi a mim que o fizeste’ – diz o texto citando Mt 25,40²⁰².

Trata-se de palavras já bem conhecidas, lidas e relidas muitas vezes sem fim nos atos litúrgicos, momentos de oração e celebrações eucarísticas. Novo aqui é o fato de reler estas palavras à luz dos gestos, das atitudes e do comportamento do Papa Francisco desde que foi eleito para a cátedra petrina. O modo de tornar-se próximo à população que o busca por parte do atual pontífice confere, a essas e a outras palavras do Evangelho, uma tonalidade e um colorido todo especial.

Outro subtítulo nos convida a escutar o grito dos oprimidos:

A Igreja reconheceu que a exigência de escutar este grito deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, por isso não se trata de uma missão reservada somente a alguns [...]. A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e a destinação universal dos bens como realidade anterior à propriedade privada²⁰³.

Na Doutrina Social da Igreja encontramos que: “Às vezes se trata de escutar o grito de povos inteiros, dos povos mais pobres da terra, porque ‘a paz fundamenta-se não só sobre o respeito dos direitos humanos, mas também sobre os direitos dos povos’²⁰⁴.

Para a Igreja a opção preferencial pelos pobres é uma categoria teológica, antes que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus concede a eles a sua primeira bem-aventurança. Esta preferência tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter ‘os mesmos sentimentos de Jesus’ (Fil, 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma *opção pelos pobres* entendida como uma ‘forma especial de primazia no exercício da caridade cristã, da qual dá testemunho toda a tradição da Igreja’²⁰⁵.

O Papa retoma uma preocupação que nasce no decorrer do século XX, em pleno contexto da Revolução Industrial, com seus avanços tecnológicos e suas consequências de ordem socioeconômica. Em consequência, afirma a exortação pontifícia: “Uma fé autêntica – jamais será cômoda e individualista – implica sempre um profundo desejo de transformar o mundo, de transmitir valores, de deixar algo de melhor depois de nossa passagem sobre a terra”²⁰⁶.

Em perfeita sintonia com o Documento de Aparecida, utilizando não o conceito sociológico de exploração, mas de exclusão social, prossegue o texto:

²⁰² Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma: Vaticano, 2013, nº 179.

²⁰³ Ibid. nº 188-9.

²⁰⁴ Ibid., nº 190.

²⁰⁵ Ibid., nº 198.

²⁰⁶ Ibid., nº 183.

Não se trata mais simplesmente da exploração e da opressão, mas de algo novo: com a exclusão, torna-se atingida na sua própria raiz a pertença à sociedade na qual se vive, desde o momento em que nessa não se está nem nos porões, nem na periferia, se está fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas recusados, ‘descartados’²⁰⁷.

O Pontífice nos convida a *Tomar cuidado da fragilidade*:

Os migrantes me colocam um desafio particular porque sou Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso exorto os países a uma generosa abertura, que em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais [...] Como são belas as cidades que, mesmo no seu desenho arquitetônico, estão cheias de espaços que entrelaçam, põem em relação, favorecem o reconhecimento do outro²⁰⁸.

Depois de sublinhar a situação generalizada de milhões de sem pátria, o texto se detém sobre uma temática bem específica, tema da Campanha da Fraternidade de 2013, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) durante o tempo da Quaresma.

Faz-me sofrer a situação daqueles que são objeto das diversas formas de tráfico de pessoas. Gostaria que se escutasse o grito de Deus que pergunta a todos nós ‘Onde está o teu irmão?’ (Gn 4,9). Onde está o teu irmão escravo? Onde está aquele que você está matando cada dia na pequena fábrica clandestina, na rede da prostituição, nas crianças que você alicia para exploração, naqueles que devem trabalhar escondidos porque não encontram-se em situação irregular? Não façamos de conta que nada existe. Existem muitas complicações. A pergunta se impõe para todos! Nas nossas cidades está implantado este crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos que gotejam sangue por causa de uma cumplicidade cômoda e muda²⁰⁹.

Retomando um tema caro à *Populorum Progressio* de Paulo VI (1967) e à *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II (1987), o Papa Francisco se refere à paz social e afirma que não pode ser interpretada como inércia ou como ausência de violência²¹⁰. A paz social se constrói por meio de atitudes, ações, dando voz a uma minoria que constantemente tem seus direitos humanos violados. Voz que, no caso do atual pontífice, se faz “carne”: gesto, presença, solidariedade, como por exemplo, na visita à ilha de Lampedusa, ponto de chegada dos refugiados e prófugos da África e Oriente Médio que tentam entrar na Europa.

O Vaticano II promoveu vigorosa ‘volta às fontes’ na vida da Igreja, buscando na palavra de Deus e no testemunho patrístico os fundamentos que constroem e

²⁰⁷ Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Roma: Vaticano, 2013, nº, nº 53.

²⁰⁸ Ibid., nº 210.

²⁰⁹ Ibid., nº 211

²¹⁰ Ibid., nº 218.

dinamizam a comunidade cristã. A Igreja retoma seu caráter ministerial, sacramental e missionário, enquanto povo de Deus em comunhão.²¹¹

O desafio é atual e antigo. A Igreja mostra, ao longo da sua história, como foi trabalhando essa nova e antiga realidade, que é a migração. O desenvolvimento humano propõe condições e ações humanas e fraternas com os migrantes.

A migração é atravessada por todas as questões presentes na contemporaneidade, e formam um nó quase impossível de se desfazer. Podemos dizer que a palavra migração pode ser usada para enxergar algo positivo e algo negativo ao mesmo tempo. A migração como deslocamento forçado e a migração, como opção cultural, produz a variação do conceito.

Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e itinerância, em que milhões de pessoas migram ou se veem forçadas a migrar dentro e fora dos seus respectivos países²¹² (DAP, 73).

No entanto, nem sempre é possível distinguir claramente os motivos entre essas modalidades de deslocamento, entre o real e o simbólico, como também seu alcance semântico. A migração nos coloca em um campo de conflito entre dois projetos: o do sistema e o do Reino de Deus. A mobilidade atual está ocupada com a economia globalizada.

Torna-se necessário uma mudança de paradigma da pastoral da mobilidade humana: duma pastoral de conservação da fé, para uma pastoral da conversão; duma pastoral do medo, que vê como ameaça as migrações e o mundo, para uma pastoral da coragem, que reconhece nas migrações e na experiência dos estrangeiros caminhos de presença reveladora e libertadora do Deus da vida; duma pastoral capitalista, preocupada com os números, com a manutenção da quantidade de fiéis (capital humano), para uma pastoral contemplativa, voltada a contemplação da ação do espírito em todos os seus diferentes e surpreendentes caminhos; enfim de uma pastoral eclesiocêntrica, centrada no fortalecimento da instituição, para uma pastoral reinocêntrica, em que a prioridade está na realização da vocação transcendental de cada ser humano²¹³.

A visão eclisiológica de Igreja como comunhão, povo de Deus, ecumênica e dialógica tornou-se a perspectiva central e traduz a volta às primeiras

²¹¹ CAVACA, O. *A Igreja, povo de Deus em comunhão*. In: ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida – SP: Santuário, 2013, p. 101.

²¹² V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 73. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

²¹³ MARINUCCI, R. *Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana: REMHU, vol. 15, n. 28, 2007, p. 105.

comunidades cristãs e suas vivências, experiências e testemunhos no Cristo Ressuscitado.

Logo, além do tema propriamente dito (da colegialidade), surgiu uma redescoberta com uma dimensão mais geral da eclesiologia: a Igreja para um cristão dos primeiros séculos era, antes de tudo, uma Comunhão, e não um critério externo de segurança doutrinal. Era membro ativo de um corpo vivo; na vida deste corpo residia, para ele, o milagre da infalibilidade e da permanência. Na realidade sacramental da Eucaristia, plenamente realizada em cada comunidade local, a Comunhão com o corpo católico da Igreja tornava-se acessível pelo batismo, em união com todos os santos do passado e em Comunhão com todos os que consagram a mesma fidelidade a Cristo²¹⁴.

A eclesiologia de comunhão teve a sua firmação na *Lumen Gentium*. Ela representa, em primeiro lugar, a reconquista da consciência da Igreja de ser “mistério de comunhão” (LG, n. 1-8), como também no plano salvífico. Em segundo lugar, pela manifestação histórica da Igreja no plano salvífico, ela, a Igreja é entendida como “Povo de Deus” (LG, n. 9-17) e por último, enquanto comunidade de fé, a Igreja também precisa de uma organização hierárquica e juridicamente constituída (LG, n. 9-17). O mistério da comunhão da Igreja, a comunhão do Povo de Deus e a comunhão hierárquica constituem assim, a continuação apostólica *Lumen Gentium*.

Em primeiro plano não está a estrutura hierárquica, mas a ‘condição cristã’, que é a liberdade e a dignidade dos filhos de Deus. O dado eclesiológico fundamental não é a instituição, mas é o *homo novus in Spiritu*, que tem por lei a caridade, tem como chefe Cristo e como fim o Reino. Em segundo plano, a Igreja é a *congregatio fidelium*, ou seja, é a comunidade congregada por Deus, de todos aqueles que olham com fé a Jesus Cristo como autor da salvação e princípio da unidade e da paz. E, terceira e última linha, este povo em sua totalidade é constituído sacramento da unidade salvífica. Aquele que Cristo colocou no mundo como sinal de sua oferta de salvação e o enviou a todos os homens²¹⁵.

A ação missionária pastoral torna-se fundamental para a aproximação do evangelho à cultura, não deixando de estar aberto a todas as culturas, porém denunciando estruturas de desigualdade e modelos de falta de dignidade humana, por meio da acolhida, do reconhecimento, da igualdade e dignidade do outro e da justiça social.

A catolicidade não se manifesta somente na comunhão fraterna dos batizados, mas exprime-se também na hospitalidade assegurada ao estrangeiro, qualquer que seja a sua pertença religiosa, na rejeição de toda exclusão ou discriminação racial e no

²¹⁴ MOLLER, C. *O fermento das ideias na elaboração da constituição*. In: BARAÚNA, G. (O.F.M.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965, p. 163-164.

²¹⁵ ACERBI, A. *Due ecclesieologie: ecclesologia giuridica ed ecclesologia di comunione nella “Lumen Gentium”*. Bologna: Dehoniane, 1975, p. 509-510.

reconhecimento da dignidade pessoal de cada um, com conseqüente compromisso de promover os seus direitos inalienáveis²¹⁶.

Atualmente as nações se deparam com a complexa realidade das migrações, a dos refugiados. É urgente se pensar nas mudanças de identidades presentes nas comunidades eclesiais.

A Igreja é a família das famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim, em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se para todos os efeitos um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, para o hoje da Igreja, será certamente um dom precioso ter em consideração também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja. A preservação do dom sacramental do Senhor compete não apenas à família individual, mas à própria comunidade cristã²¹⁷.

A abertura ao diálogo no Vaticano II aproximou a Igreja da sociedade, graças à constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo. É constitutivo da própria essência da Igreja e da teologia a íntima relação entre teoria e prática. Uma das principais preocupações atuais, inclusive nos espaços migratórios, é como a luz da fé pode cumprir de maneira eficaz a solidariedade e o serviço a todos os seres humanos, em especial os migrantes. A Igreja em sua iniciativa de diálogo com a sociedade, com as realidades da ciência, do mundo do trabalho, da técnica e das culturas, buscou situar-se na história e a partir dela entender, pela *Gaudium et Spes*, a existência cristã. “Não é simplesmente uma nova maneira de a Igreja fazer-se presente no mundo, mas a descoberta do que o mundo e a história significam para a fé cristã”²¹⁸. Para as suas ações pastorais, a Igreja buscou refletir a luz da fé cristã a própria realidade humana.

O fato de ser pastoral não exclui a doutrina; ao contrário, a doutrina fundamenta a pastoral. De fato, a Igreja não deve assumir a sua missão evangelizadora de forma isolada no mundo, sendo a identidade e missão da Igreja, sacramento universal de salvação, ou seja, Igreja de Deus e para Deus, no mundo e para o mundo. Mundo como algo positivo, onde está o gênero humano, toda sua história e cultura. Para o Concílio, Deus

Não é alguém que pretende manter a razão humana sob tutela, suspeitando de todo e qualquer movimento autônomo e independente por parte do ser humano [...]. No

²¹⁶ Paulo II. *Mensagem para o 85º dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados*. Roma: Vaticano, 1999, n. 6.

²¹⁷ Francisco. *Exortação Apostólica: A alegria do amor* (n.87). São Paulo: Loyola, 2016, p. 57.

²¹⁸ PALÁCIO, C. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova condição cristã. In: *Perspectiva Teológica* 73, 1995, p. 337.

entanto, adverte o Concílio que ‘sem o Criador a criatura se reduz a nada’ e que ‘o esquecimento de Deus torna o mundo incompreensível’ (GS, n. 36)²¹⁹.

A partir do Vaticano II, a Igreja passa de uma sociedade perfeita a um Povo de Deus. Isso não exclui os conceitos anteriores, mas amplia e abre a atuação evangelizadora da Igreja. A proposta e orientação é de uma Igreja servidora da humanidade. Os movimentos bíblicos, patrístico, litúrgico e ecumênico, deram a direção e a compreensão de Igreja. O reconhecimento das realidades humanas, como a missão dos leigos na Igreja, vai tecendo a definição que Igreja é mistério de comunhão de todos em Cristo, pela força do batismo.

Esta eclesiologia, antes, apresenta uma realidade global, anterior aos carismas. Este fato nos introduziu numa novidade fundamental, na autocompreensão da Igreja: todos têm o mesmo valor, embora tenham dons diferentes. Por imprimir caráter, isto é, a marca de Deus nos cristãos, o batismo oferece cidadania para todos em igualdade de condições (cf. GL 3, 28). Por isso, todos são irmãos e como família devem viver na casa comum um novo tipo de relações de reconhecimento, acolhimento e respeito das alteridades, através de atitudes de confiança mútua²²⁰.

A doutrina dos sinais dos tempos reconhece que o Espírito do Senhor dirige a história e estabelece sementes do Verbo em todas as culturas, sendo uma teologia pastoral, não apenas alicerçada em dogmas, mas na prática, no testemunho, articulando fé e vida, fé e história - a dimensão comunitária, uma Igreja de relação com a Trindade (LG), com a missão (AG), com o mundo (GS), com outras Igrejas e religiões (UR-NA).

Na comunhão e na sacramentalidade, a Igreja professa, celebra e testemunha a fé. A missão da Igreja se revela no serviço e no testemunho. Portanto, todo homem batizado ou não é sacramento de Cristo. Mesmo não havendo fé, há uma existência não explícita da graça de Deus. O cristão é sacramento de Cristo e da Igreja ao mesmo tempo. O mistério pascal não é origem somente da Igreja, mas também dos sinais sacramentais.

É a partir da filiação divina na qual se sustenta a nossa fé, que podemos melhor compreender a humanidade e as pessoas implicadas nesses processos migratórios como família de Deus. Origem e destino, envio e acolhida,

²¹⁹ BINGEMER, M. C. L. *Deus: experiência, história e rosto humano* – alguns elementos sobre a questão de Deus no concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 193.

²²⁰ TEPEDINO, A. M. Celebrando os 40 anos da *Lumen Gentium: vivemos as flores da “inesperada primavera”*. In: TAVARES, S. S. (org.). *Memória e Profecia: a Igreja no Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 55.

desenraizamento e integração configuram-se na solidariedade, hospitalidade e na gratidão.

3.2

A Igreja Católica do Brasil e o Brasileiro no Exterior

A Igreja Católica Romana tem aproximadamente 1,2 bilhão de membros em todo o mundo e, conforme estimativas do Vaticano e do Banco de Dados Mundial do Cristianismo, a América Latina concentra 40% desse total, sendo o Brasil o país com a maior população de católicos²²¹.

Com o intuito de preservar a tradição, a doutrina e a liturgia da religião, a Igreja Católica conta com uma estrutura de governo hierarquizada e ramificada pelos cinco continentes de atuação. Essa estrutura de governo garante uma melhor eficácia no sentido de garantir certa uniformização da liturgia nos diversos países onde o catolicismo romano é ensinado.

A Igreja Católica tem como princípio de atuação a existência de três poderes: o de ensinar, o de santificar e o de governar. O poder de ensinar é visto como o mais importante nessa estrutura. Na esfera de santificação são aplicados os sete sacramentos (atos rituais): batismo, crisma, eucaristia, unção dos enfermos, reconciliação ou penitência, matrimônio e ordem.

O sacramento da ordem está ligado diretamente à esfera de governo, sendo por meio dele, exercidos os papéis de comando pelos diáconos, presbíteros (padres), bispos e o papa. Cardeal é o título conferido pelo papa, geralmente a um bispo, mas podendo ser a padre ou diácono, e tem a função de auxiliá-lo na instância superior de tomada de decisões, participando também do processo da escolha do novo papa.

Os intercâmbios entre o Catolicismo e a sociedade no Brasil, pós-Segunda Guerra, priorizou a interação da Igreja com a sociedade civil durante o regime de 1964. Dedicou especial atenção ao papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sendo um alicerce para o processo de mudanças no papel sociopolítico da Igreja. O conflito com o poder político, no ápice do regime militar em 1964, provocou uma progressiva desintegração institucional da Igreja, que, desde então, tem procurado ampliar a sua influência no país.

²²¹ FERREIRA, P. *Entenda a hierarquia de governo da Igreja Católica*. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/03/entenda-a-hierarquia-de-governo-da-igreja-catolica>. Acesso em: 17 set. 2016.

A Igreja tornou-se uma força social crítica, um polo de oposição aos regimes autoritários e um poder contestador da ordem estabelecida. Esse papel ganhou força nas décadas de 1970 e 1980, no embate entre a instituição católica e alguns Estados ditatoriais, favorecendo a crise de legitimidade desses regimes. Não só no Brasil, mas na América Latina, a Igreja, teve um papel mediador e pacificador diante dos conflitos políticos, sobrepondo-se ao papel mais “subversivo” dos religiosos e dos leigos empenhados nas lutas sociais; apontam-se também as contradições, no interior da Igreja, entre tradicionalistas e progressistas, no contexto da administração de João Paulo II²²².

Ao contribuir para a retomada da democracia no país em 1985, a Igreja Católica no Brasil adquiriu prestígio, ajudando a enfrentar esse período conflituoso de nossa história. No entanto, nos tempos atuais, passa por outro período desafiador e complexo que é tentar manter sua influência numa sociedade cada vez mais pluralista, também caracterizada pela competição religiosa, dentro de um cenário democrático.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada, em 1952, por iniciativa de D. Hélder Câmara, desempenha um papel central na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização. Durante o Concílio Vaticano II, a Assembleia Geral da CNBB, realizada em Roma em 1964, decidiu assumir o Planejamento Pastoral como seu instrumento metodológico de renovação. Esse processo é concretizado no Brasil através do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), fundamentado, por sua vez, na atuação da Ação Católica e na experiência da CNBB. Com toda essa dinâmica, a Igreja Católica no Brasil tenta estar cada vez mais integrada à sociedade civil e aos movimentos sociais. O principal reforço institucional nessa direção provém das Conferências Episcopais Latino-Americanas, realizadas em Medellín, Colômbia, em 1968; em Puebla, México em 1979 e em Santo Domingo, República Dominicana, em 1982²²³.

Um dos principais campos do engajamento social e político da Igreja é o da defesa e promoção dos direitos humanos, e, nessa área, a Igreja, pouco a pouco, vai

²²² AZEVEDO, D. *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. Rev. Estud., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120: 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2016.

²²³ AZEVEDO, D. *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. Rev. Estud., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120: 2004.

cedendo parte do seu protagonismo para as entidades da sociedade civil organizada. Dentro da mesma dinâmica, a Igreja participa do processo constituinte, entre 1986 e 1988, e se mobiliza em favor de emendas populares à Constituição, com ênfase para a ética na política e para a implementação de políticas sociais, como condição *sine qua non* para a estabilidade democrática²²⁴.

A Igreja no Brasil vem reafirmando, em função de seus documentos de diretrizes de ação, a importância de conhecer a realidade e de traçar metas específicas para a ação evangelizadora. Desde o Plano de Emergência, a Igreja no Brasil nunca interrompeu o rico processo de planejamento pastoral, elaborando diretrizes e planos.

Essas diretrizes que a Igreja no Brasil tem a tradição de traçar são rumos, caminhos, princípios norteadores e urgências irrenunciáveis. As Igrejas Locais atendem a essas diretrizes, com seus planos de pastoral, que compreendem: estudo e iluminação da realidade à luz da fé, objetivos, critérios de ação e metas específicas. A unidade na ação, em âmbito nacional, se dá em torno do Objetivo Geral e às Urgências na evangelização²²⁵.

A CNBB decidiu, na Assembleia Ordinária de 2014, dar continuidade às Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015, apenas fazendo algumas atualizações à luz da Exortação apostólica do Papa Francisco sobre a alegria do Evangelho. Essa decisão foi motivada pela necessidade de dar prosseguimento ao processo de aplicação do Documento de Aparecida, principal referência das Diretrizes 2011-2015. Foi entendido que o renovado empenho missionário que a Conferência de Aparecida nos pede e o amplo processo de “conversão pastoral” que ela propõe estão em pleno curso. O Papa Francisco apresentou a sua Exortação da “Alegria do Evangelho” e apontou caminhos para a trajetória da Igreja, convocando-a a avançar no caminho da conversão pastoral e missionária, a não deixar as coisas como estão e a constituir-se em estado permanente de missão. A recepção da carta do Papa Francisco pela Igreja no Brasil reforça e aprofunda as grandes opções da Conferência de Aparecida assumidas pela CNBB em suas diretrizes para ação evangelizadora²²⁶.

²²⁴ AZEVEDO, D. *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*, p. 115.

²²⁵ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *As Novas Diretrizes de Ação da Igreja no Brasil (2011-2015)*. Disponível em: <http://www.jovensconectados.org.br/wp-content/uploads/2013/10/DGAE-2011-2015-resumo-sint%C3%A9tico.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

²²⁶ Id. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)*. Doc. nº 102. CNBB: Rio de Janeiro.

Importante destacar que a extensão territorial do Brasil é imensa e, por isso, cada Igreja Particular precisa responder às urgências na ação evangelizadora de acordo com as suas realidades sociais e culturais específicas. No entanto, a fidelidade ao Evangelho no atual contexto contemporâneo e o caráter indispensável do *testemunho de unidade*, exigem uma ação orgânica em torno de algumas referências comuns²²⁷.

A Igreja no Brasil também conta com uma forte ação das *missões populares*, em diferentes modalidades e respondendo ao apelo da *Missão Continental*. Elas têm se revelado como um caminho eficaz de evangelização.

No período em que estivemos em Boston, como pesquisador, realizando entrevista de campo e na observação participante para essa tese, percebemos que há muito sofrimento entre os migrantes, como a saudade da família e filhos que ficaram no Brasil e que não veem, muitas vezes, já estão longe por dez, quinze ou vinte anos e isto se dá, geralmente, pela falta de documentação e por estarem ilegais nos EUA, não podendo, assim, sair e voltar com facilidade. Nesse caso, sair para reencontrar com parentes no Brasil significa abandonar o sonho de conquistas nos EUA. Perguntamos a uma entrevistada sobre as alegrias e tristeza de viver e ela assim respondeu:

As alegrias são as esperanças, porque todo mundo chega para conseguir aquilo que os motivaram chegar aqui, uma casa própria [...]. As tristezas eu falaria da saudade da família, a falta [...]. Quando você chega com todos esses problemas de querer trabalhar, de exercer a profissão que exercia no Brasil e chega aqui e se depara com a falta de documentos, a língua também [...]. Mas eu acho que o maior é a saudade de quando você quer voltar para ver os familiares e não consegue [...].²²⁸

Os trabalhos que os migrantes brasileiros prestam nos EUA são, geralmente, de serviços gerais, limpeza de casa, pintura, construção civil etc. Não importa o nível de instrução que se teve no Brasil. Assim, pode ser percebido na fala a seguir:

Eu era músico, professor de música, pianista e me formei no conservatório de Minas Gerais, agora eu sou lavador de carros (risos), mas eu dou aula de música aqui na igreja, voluntariamente²²⁹.

Nesse mesmo sentido, afirmou outro entrevistado, que hoje já tem o seu próprio negócio nos EUA:

²²⁷ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2015-2019). Doc. nº 102.

²²⁸ Pesquisa de Campo realizada na cidade do Boston com brasileiros migrantes.

²²⁹ Ibid.

[...] não pesa se a pessoa vem do Brasil, pensando que com canudo de Advogado, Médico, ou qualquer coisa que seja, é melhor do que quem já está aqui já [...]. Está, completamente enganado, porque aqui com o canudo ou não, todo mundo vai chegar e vai limpar casa, vai trabalhar na construção, vai lavar prato, vai fazer o que o americano não faz, você vai fazer o que americano não faz. Com o tempo sim, daí a pessoa pode se estruturar, aprende o inglês, pode fazer um aperfeiçoamento e usam diploma que tem no Brasil, talvez, pode usar pra cá, não sei. [...]. Eu conheço muita gente que tem canudo no Brasil, é doutora, administrador de empresa e vem aqui trabalha do mesmo jeito que todo mundo trabalho, é lavando prato, é cortando grama, é pintando casa, é limpando vaso de casa de americano, cuidando de idosos [...] não, não, não se iluda achando que vai chegar aqui, vai fazer e acontecer²³⁰.

A cidade que mais tem brasileiros na América, na região de Massachusetts, é Framingham, que fica a 50 km do centro de Boston. Nessa cidade de 80% a 90% dos habitantes são brasileiros. As Igrejas parecem ser alugadas por etapas, cada hora é uma etnia. Agora são os brasileiros, depois americanos, depois hispanos e assim por diante, como será demonstrado no capítulo seguinte.

Existem muitos trabalhos e iniciativas pastorais, porém dão a impressão de que são eventos isolados, sem uma avaliação posterior. Os principais eventos que congregam os brasileiros são as festas tradicionais brasileiras, por exemplo, festa junina, Nossa Senhora Aparecida e outras devoções introduzidas por padres que vem de fora para pregar ou cantar.

No terço dos homens na comunidade de East Boston, tivemos conhecimento de que, dos 27 (vinte e sete) homens presentes só 6 (seis) entraram pelo aeroporto, os demais cruzaram a fronteira do México. O tempo de travessia varia de 5 (cinco) a 90 (noventa) dias, alguns, dois pelos menos, ficaram mais de 6 (seis) meses nas mãos de coiotes. Doze deles já participavam da Igreja no Brasil, mas, como dito por eles, eram de ir à missa aos domingos, os demais começaram a frequentar a Igreja só quando já estavam na América do Norte.

Os motivos se assemelham: necessidade e muita solidão. Três eram de outra denominação religiosa e oito deles primeiro participaram de outras igrejas antes de vir para a Igreja Católica. Apenas dois deles disseram que, dependendo das condições, voltariam a morar no Brasil, ninguém mais deseja isso. O principal motivo dessa recusa é a insegurança financeira de criar filhos e devido à violência no Brasil.

²³⁰ Pesquisa de Campo realizada na cidade do Boston com brasileiros migrantes.

A questão de trabalho e emprego também apareceu como uma inviabilidade de retorno ao Brasil. Nenhum deles dominava o inglês; era apenas o necessário para se movimentar e trabalhar.

Entrevistamos uma senhora que vive há 14 (quatorze) anos nos EUA, em Boston, e até os dias atuais não sabe falar o inglês. Assim, a senhora [...] relatou:

Eu não falo inglês. [...]. Então, eu desde o começo que eu trabalhava, quando eu cheguei, logo arrumei o trabalho, eu trabalhava das três da tarde a meia noite, era o horário de trabalho e daí depois eu peguei dois trabalhos *full-time*, quer dizer 8 horas de cada um. Eu não dormia. [...] ia embora 1h e 45min, 2 horas da manhã e 6h e 30min eu estava de pé. Como é que você consegue estudar? Não tinha cabeça e foi passando [...] ²³¹.

Como essa entrevistada, muitos outros brasileiros, vivem dessa forma nos EUA: para trabalhar, para ganhar dinheiro e sustentar suas famílias no Brasil ou para ter uma maior estabilidade financeira no país em que estão vivendo.

Na cidade de Somerville, o que é mais difícil de se ouvir é o inglês, pois 90% dos habitantes são brasileiros e na maioria, mineiros de Governador Valadares. São famílias inteiras que migraram.

Os problemas sociais e religiosos nessa cidade parece que são outros. No social, existe a exploração de brasileiros sobre os próprios brasileiros; no âmbito religioso, é a questão de rivalidades nas pastorais e serviços litúrgicos.

No dia 07 de julho de 2016, estivemos por duas horas no interior de uma igreja e é impressionante a quantidade de brasileiros e latinos que entram para rezar. Ao conversar com alguns deles, me relatavam o porquê da visita e o que pediam. Rezavam pela família que ficou na América Latina; para amenizar a saudade dos familiares; pelos doentes; datas de aniversário ou falecimentos de entes queridos. Um senhor ali estava rezando com seu filho pela esposa que ficara no Brasil com outra filha e há 12 anos tentava vir para junto deles, mas não conseguia visto de entrada. Quando a esposa entrou, certa vez, de forma ilegal, foi deportada.

O centro de atendimento aos migrantes, dos scalabrinianos, em Massachusetts, funciona, ininterruptamente, de segunda a sexta. É constante nesse centro a presença de brasileiros sem documentos e ilegais, ou com dificuldades de documentação. Além disto, há registros de prostituição de mulheres brasileiras e universitárias na realidade da migração atual.

²³¹ Pesquisa de Campo realizada na cidade do Boston com brasileiros migrantes.

A missa é um grande momento de encontro. Após a cerimônia, um café ou lanche comunitário agrega os fiéis. Há muita fé no povo e a presença de homens na igreja também chama a atenção, pois é muito mais expressiva que no Brasil. Uma entrevistada declara:

A gente tinha um ciclo de amizades, chega aqui você está em estaca zero, então, tem que refazer tudo de novo e a partir da igreja a gente consegue isso. Nos momentos do café depois da missa que a gente começa conversar com um, com outro, da onde que vem, da onde que veio, onde trabalha e assim é que foi surgindo meu novo ciclo de amizades²³².

A terra das oportunidades, de tantas leis e direitos humanos, de severidade ética, ainda está longe de ter uma política trabalhista para os serviços chamados simples e informais, embora o respeito a uma empregada doméstica, a um pintor, a um trabalhador da construção civil seja o mesmo dado a um advogado, empresário, professor, tanto em matéria de leis, direitos e deveres, quanto nos serviços essenciais de saúde, educação e moradia.

Eu trabalhava numa empresa de mudanças por muito tempo de segunda a sexta e no final de semana, no sábado entre o sábado e domingo eu trabalhava mais 30 horas, eu abria e fechava o restaurante lavando pratos, das nove da manhã até meia noite no sábado e domingo eu não tinha, não existiam folgas para mim, muito difícil, às vezes 120 horas por semana [...]²³³

A informação de que o Apostolado Brasileiro atende em 16 (dezesesseis) comunidades, em distintas localidades foi apresentada por uma religiosa entrevistada. Segundo ela, as localidades são: Allston, Cambridge, East Boston, Everett, Framingham, Gloucester, Hudson, Lowell, Plymouth, Marlborough, Maynard, Rockland, Somerville, Peabody, Woburn, Stoughton. Revelou, também, que os migrantes necessitam de uma atenção especial da Igreja Católica, pois têm necessidades bem específicas:

O apostolado Brasileiro tem 16 comunidades de fé, comunidades brasileiras. Eu sou a secretaria do apostolado Brasileiro aqui, o escritório é ali atrás dessa porta. São 16 comunidades de fé, onde se reúne os brasileiros. [...] o migrante não é um católico qualquer [...]. O apostolado Brasileiro faz parte da Pastoral Brasileira no Exterior. [...] Essas 16 comunidades, eu gosto de colocar porque cada comunidade tem a sua característica, tem comunidades que são mais do estilo da renovação carismática, tem comunidades que são mais abertas ao social, tem comunidades que tem o cunho mais cultural, mas assim todas as comunidades tem uma missa e tem comunidades que tem até cinco missas semanais em português. Essas missas têm o seu grupo de cantos, que é uma maravilha²³⁴.

²³² Pesquisa de Campo realizada na cidade do Boston com brasileiros migrantes.

²³³ Ibid.

²³⁴ Ibid.

Existe uma realidade presente entre eles que é o individualismo, inclusive, entre o clero. Isso pode se dar, muitas vezes, em função da vida e rotina de trabalho muito intensas. É, na verdade, uma profunda solidão coletiva. A Igreja tenta trabalhar os dons e carismas dos migrantes, pois, muitas vezes, são vistos, na cultura norte americana, como máquinas de produção e as características da humanidade vão ficando de lado.

Aqui nós temos grupos de instrumentos, todos os dons muito vivos nas comunidades, as celebrações são muito vivas, porque esses dons os migrantes não têm onde colocá-los, aqui eles são só um número: um pintor, um que trabalha na construção o dia inteiro, uma faxineira, onde ela não pode desenvolver os seus dons humanos que ela tem, que Deus deu a ela, então a igreja é um dos poucos, para não dizer o único, espaço para eles desenvolverem e oferecerem e cultivarem esses dons, da música, de ler uma leitura.²³⁵

Dentro de todas as realidades observadas em nossa pesquisa de campo, nenhuma nos causou tanto espanto e indignação como o relato das experiências dos brasileiros que cruzaram a fronteira do México. Neste caso, mais do que em outras entrevistas, o sigilo e a confidência são extremos e, mesmo preservando o anonimato, não pudemos sequer mencionar o ato de gravação. Resumidamente, descrevemos a escuta do que ouvimos.

O fluxo de brasileiros que entram nos Estados Unidos (EUA) via fronteira do México ficou mais intenso nos anos de 1990 a 2000. Isso não significa que antes não acontecia e que nos dias atuais não aconteça, mas, nesse período, a intensidade foi maior. A maioria de brasileiros imigrantes ilegais, que vive na região de Massachusetts, e que veio pela fronteira do México, chegou pelas mãos dos coiotes. Coiotes são chamados os profissionais do tráfico de imigrantes que facilitam a entrada, de forma ilegal, nos EUA. A maioria deles é de nacionalidade mexicana, mas muitos brasileiros também se tornaram coiotes. Os imigrantes deixam claro como foi a travessia noturna pelo deserto até o lado da fronteira americana; os que conseguiram chegar!

Fica visível o sofrimento, a violência e as ameaças tanto dos “coiotes” como da própria polícia de fronteira, especialmente a do México, com a imposição da propina. Falta água, alimentação, higiene pessoal, privacidade e as pessoas transformam-se em mercadorias nas mãos dos profissionais do tráfico. Na verdade, os brasileiros que passaram por essa experiência não sabiam bem o que enfrentariam para conseguir buscar o sonho americano. Do pagamento de propina

²³⁵ Pesquisa de Campo realizada na cidade do Boston com brasileiros migrantes.

a policiais corruptos e prisão. Só depois perceberam que essa tal América dos sonhos não existe da maneira como pensavam. A real vida vivida pelos brasileiros indocumentados é bem diferente.

Nos dois últimos meses do ano passado, 940 brasileiros foram pegos após atravessar ilegalmente a fronteira americana, média de 15,4 por dia. Trata-se de um crescimento de 73% em relação à média diária do ano fiscal de 2016, quando 3.252 brasileiros foram presos (8,9 casos/dia). O ano fiscal de 2016 já havia registrado um aumento de 142% em relação a 2015, quando foram detidos 1.344 brasileiros. [...] No governo Obama, quase 3 milhões de ilegais foram deportados. ‘Mas eram só aqueles com ficha criminal ou que tinham deixado de comparecer a suas audiências; agora não sabemos qual vai ser o critério’, diz Lídia Souza, diretora do New England Community Center.²³⁶

Os que conseguiram chegar ao destino relatam constrangimentos, estupros, assaltos, espancamentos e mortes. Traumas que permanecem por toda a vida. Logo procuram adaptar-se à cultura americana de alguma maneira, sujeitando-se aos trabalhos de limpar casa, cozinhar, subir em telhados, pintar casa, cortar carnes e vegetais, trabalhar em jardinagem, entregar pizzas ou jornais pela manhã. Dormem pouco, comem mal e divertem-se muito pouco. Todos se sentem solitários.

Ninguém parece o mesmo após enfrentar e passar pela travessia do México. Essa realidade muda o migrante, muda a visão da terra de onde saíram, muda a visão da terra onde estão, no caso, Massachusetts.

A política do ‘pegar e soltar’, cujo fim foi anunciado nesta quarta-feira (25) pelo presidente Donald Trump, foi um dos principais motivos para a alta no número de famílias brasileiras emigrando ilegalmente para os EUA acompanhadas de filhos menores de idade. [...] Pelo chamado ‘pegar e soltar’, após a apreensão na fronteira, os imigrantes ficam em centros de detenção por períodos que vão de alguns dias a alguns meses. [...] A maioria dos brasileiros vem pelo chamado ‘sistema cai cai’ – cruzam a fronteira e imediatamente se entregam à polícia. Isso porque não se deportam automaticamente crianças que entram nos EUA de forma ilegal²³⁷.

Já mencionamos anteriormente Framingham. Era uma cidade abandonada, na década de 1980, dominada pelo tráfico de drogas e prostituição. Essa mesma realidade se registrava no bairro de Allston em Boston. Com a chegada de brasileiros, essa cidade e o bairro foram revitalizados. Em Framingham, por

²³⁶ MELLO, P. C. *Reportagem*: Fim da Política ‘pegar e soltar’ assusta brasileiros que migram aos EUA. Folha de São Paulo, Jan. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1853146-fim-da-politica-pegar-e-soltar-assusta-brasileiros-que-migram-aos-eua.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2017.

²³⁷ Ibid.

exemplo, onde moravam 1.600 americanos, hoje a cidade é habitada por 12.000 pessoas, sendo que 90% são brasileiros; a língua falada é o português.

Como a vida é dinâmica, a economia também é. Com a crise do ano de 2000 nos Estados Unidos, o atentado às torres gêmeas, a vida mudou e as perseguições aos migrantes ilegais aumentaram. Quem ouve falar de Boston ou Massachusetts, fala e ouve falar de universidades, arquitetura, qualidade de vida, segurança e modelo de economia, sociedade e educação, porém não imagina a quantidade de brasileiros que ajudam a cidade e a região a ser tudo isso.

Mudou completamente o perfil dos brasileiros que vêm: dez anos atrás, eram pessoas sozinhas ou casais sem filhos; agora, são famílias, por causa da política do ‘cai cai’, afirma Liliane Costa, diretora executiva do Brazilian American Center, em Framingham. [...] Muitos brasileiros vinham com visto de turista e simplesmente iam ficando, além do prazo permitido. Mas a taxa de recusa de visto americano para brasileiros saltou de 5,36% em 2015 (ano fiscal americano, que termina em setembro) para 16,7% neste ano fiscal. Sem conseguir vistos, muitos brasileiros estão recorrendo aos coiotes. [...] A comunidade de brasileiros indocumentados nos EUA era de 140 mil (de um total de cerca de 1,4 milhão) em 2009. Com a crise financeira dos EUA em 2008, houve um êxodo de brasileiros. Mas com a situação econômica se deteriorando no Brasil desde 2004, muitos dos ‘retornados’ voltaram aos EUA.²³⁸

Ampliando o nosso olhar para o mundo, nossa casa comum, percebemos que estamos diante de um forte apelo evangélico e humanitário. Só de janeiro a novembro de 2016, mais de cento e cinquenta e três mil pessoas chegaram à costa da Itália, provindo da África, Oriente Médio e Ásia.

Com dificuldade de conseguir visto legal para os Estados Unidos da América, nos dias atuais, muitos asiáticos tomam o caminho mais longo, o da fronteira do México.

A respeito dos Estados Unidos, a dificuldade de conseguir visto legal para a América, nos dias atuais, faz com que muitos asiáticos tomem o caminho mais longo, o da fronteira do México. Destacam-se também imigrantes provenientes da Índia, China e Bangladesh além de muitos haitianos e africanos que tentam entrar pelo México, pela Califórnia (USA). Entendemos que nem muros, nem ameaças, nem leis antimigratórias são capazes de deter os que fogem da violência e da pobreza.

Num mundo em que já não há pecados originais, Trump segue a mesma lógica dos construtores do muro de Berlim. Com uma diferença: os comunistas queriam separar dois modos de vida bloqueando a saída das pessoas, Trump quer impedir a

²³⁸ MELLO, P. C. *Reportagem*: Fim da Política ‘pegar e soltar’ assusta brasileiros que migram aos EUA. Folha de São Paulo, Jan. 2017.

entrada. [...] O capital do empresário Trump, como todos os outros, se muda livremente para onde ganha mais. Assim sucede também com as pessoas. Normalmente, quem pula o muro está atrás de um futuro que inclua emprego e segurança. E Trump: ‘Em primeiro lugar, os americanos. Em segundo lugar, os americanos. Por último, os americanos.’ [...] Ou cai Donald Trump ou cai o número de pessoas interessadas em pular o muro. Não haverá Big Mac com fritas capaz de compensar a falta de oportunidades.²³⁹

A chanceler alemã Angela Merkel dizendo em tom irônico:

Alemanha e Estados Unidos são unidos por valores — democracia, liberdade, respeito ao Estado de direito, dignidade das pessoas independentemente de sua origem, cor da sua pele, religião, gênero, orientação sexual e visões políticas. Com base nesses valores, me ofereço para trabalhar de perto com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.²⁴⁰

Como testemunha e pesquisador acreditamos que os migrantes são a salvação da Igreja nos EUA.

Em vez de ser uma Igreja apenas que mantém as portas abertas para acolher e receber, procuremos também ser uma Igreja que busca novas estradas e vai em busca, que é capaz de sair de si mesma e ir ao encontro daqueles que não mais vão à Santa Missa, aqueles que abandonaram ou que se tornaram indiferentes²⁴¹.

O atuar da Igreja na história e os documentos pontifícios, de uma forma ou de outra, revelam uma atitude da Igreja sempre voltada para o presente e para o futuro dos migrantes e peregrinos, mesmo porque, o cristianismo nasceu com as migrações e a fé cristã se espalhou pelo mundo também por ela.

3.3 A Igreja Católica Norte-Americana

A Igreja nos Estados Unidos, em geral, é caracterizada por uma grande diversidade de crenças e práticas religiosas. Essa é uma característica mundial, e se dá de uma forma mais intensa nos EUA devido às migrações. Essas religiões que têm a característica multicultural, mais as religiões fundadas no interior do país, fizeram com que os Estados Unidos se tornassem um dos países com maior diversidade religiosa do mundo.

²³⁹ SOUZA, J. *Reportagem*: Trump erguerá um Muro de Berlim às avessas. UOL, Jan. 2017. Disponível em: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2017/01/26/trump-erguera-um-muro-de-berlim-as-avessas/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

²⁴⁰ Ibid.

²⁴¹ Francisco. In: PBE (Assessoria: CAN E CNBB). *XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA*. Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pbeus.com/encontro.html>. Acesso Em: 14 Set. 2016.

De acordo com a Pesquisa Americana de Identificação Religiosa (PAIR) (2008), 76% da população adulta se consideram como cristã, com 25% identificando-se como católicos e 51% como cristãos de outras denominações religiosas, cerca de 30 grupos religiosos diferentes. A mesma pesquisa afirma que outras religiões (incluindo o judaísmo, o budismo, o islamismo e o hinduísmo) compõem cerca de 4% da população adulta; outros 15% da população adulta afirmaram não ter filiação religiosa e 5,2% disseram não saber ou se recusaram a responder²⁴².

A pesquisa *O Pew Reserch Center's - National Survey* (2013) demonstra que a maioria dos latinos (55%) dos cerca de 35,4 milhões de adultos latinos do país – ou cerca de 19,6 milhões de latinos – se identificam hoje com a religião católica. Aproximadamente, 22% são protestantes (incluindo 16%, que se descrevem como nascidos de novo em alguma denominação ou evangélicos) e 18% se identificam como religiosos, sem vínculos de pertencimento a uma igreja²⁴³.

A Conferência Norte Americana dos Bispos (USCCB) adotou, nos anos de 2013-2016, o plano estratégico para a evangelização em suas atividades pastorais, a fé, a celebração e o testemunho. A assembleia recente lançou como propriedades pastorais para a evangelização as seguintes dimensões: família, evangelização, liberdade religiosa, vida humana e dignidade e vocações e formação permanente.

A paróquia torna-se o centro da identidade étnica e religiosa num país de mais de um milhão e trezentos mil brasileiros imigrantes. As paróquias tornaram-se multiculturais, com vários idiomas e nacionalidades reunidos na mesma vinculação paroquial e diocesana.

A integração será facilitada quando todas as partes manifestarem uma mentalidade aberta, conscientes dessas dinâmicas de adaptação e de comunicação entre as culturas conduzirão a forma de facilitar a incorporação de plenos direitos e igualdade de todos os membros da comunidade na vida da Igreja²⁴⁴.

²⁴² KOSMIN, B. A.; KEYSAR, A. *American Religious Identification Survey* (ARIS), 2008. Trinity College, 2009.

²⁴³ ESTRADA, A. A. *Religião e Migração: estudos de mexicanos católicos nas cidades de San-Diego-CA e Phoenix-AZ, nos Estados Unidos da América, no início do século XXI*. Dissertação: PUC-SP, 2015.

²⁴⁴ United States Catholic Conference. *Welcoming the Stranger Among US: Unity in Diversit*, 2000, p. 36.

A Igreja existe para evangelizar e todas as culturas e línguas devem ser aceitas nas paróquias e proporcionar um local acolhedor e seguro para a vivência da fé.

A Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos tem como prioridade estratégica para os próximos anos (2017 – 2020) a Evangelização, abrindo as portas a Cristo. As vias são o discipulado missionário e o encontro pessoal; a família e o casamento, com incentivo às famílias e inspirando católicos para abraçar o sacramento do matrimônio; a vida e dignidade humana, traduzidas pela sacralidade da vida humana desde a concepção até a morte natural, com preocupação especial para os pobres e vulneráveis; as vocações e formação permanente, com o estímulo às vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, e fornecendo formação permanente significativa para o clero, religiosos e leigos ministros; a liberdade religiosa, promovendo e defendendo a liberdade de servir, testemunho e adoração, nos EUA e no exterior²⁴⁵.

Historicamente, a maioria dos católicos imigrantes nos EUA era de origem europeia (irlandeses, alemães, italianos, poloneses, dentre outros), que chegava com seu próprio clero. A Paróquia se tornou o centro da identidade étnica e religiosa dos imigrantes num país onde dominava uma religião alheia (Protestantismo) e uma cultura alheia. No passado, existiam as Paróquias Nacionais e cada grupo étnico tinha sua própria paróquia. Hoje, são Paróquias Multiculturais - várias nacionalidades e idiomas convivendo em uma mesma paróquia.

A Igreja Católica norte americana possui cinco tipos de paróquias dentro de uma mesma diocese: a paróquia americanizada, a paróquia étnica ou nacional, a paróquia missionária, a paróquia dividida, a paróquia integrada. Nesta variedade de paróquias, os migrantes, especialmente os latinos americanos, na maioria católicos, vão conformando o futuro da Igreja Católica Norte-Americana²⁴⁶.

Na Paróquia Americanizadora, o clero e líderes leigos decidem que os imigrantes têm que adaptar-se à maneira como tudo é conduzido. Dizem que a assimilação é necessária para o sucesso do imigrante. Esse tipo de paróquia

²⁴⁵ PBE (Assessoria: CAN E CNBB). *XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pbeus.com/encontro.html>. Acesso Em: 14 Set. 2016.

²⁴⁶ Ibid.

prefere a assimilação à evangelização e os que chegam não se sentem acolhidos nesse espaço.

Na Paróquia Étnica ou Nacional, algumas paróquias, especialmente em áreas urbanas, se tornam centros para a pastoral étnica. Essas são de fato paróquias nacionais, pois os imigrantes procuram viver de forma mais semelhante possível à de seu país de origem.

Na Paróquia Missionária, o pároco e os leigos são americanos ou imigrantes e agem como “missionários”. A maioria dos paroquianos é nativa ou culturalmente imigrante.

Na Paróquia Dividida, os grupos culturais são tratados isoladamente. São mantidas duas ou mais paróquias paralelas e os grupos só se reúnem ocasionalmente.

Na Paróquia Integrada existe uma verdadeira integração em todos os aspectos da vida da paróquia. Os paroquianos conseguem superar barreiras culturais e linguísticas e os bilíngues agem como pontes, ligando as comunidades.

A integração significa o esforço para que o imigrante se adapte à nova sociedade, adote linhas de comportamento social e respeite os costumes e cultura da sociedade de acolhida, sem perder sua própria identidade. Como não existe uma sociedade perfeita, a integração depende das políticas aplicadas, da preparação e capacidade do imigrante e do apoio e ajuda do meio ambiente como ONGs e igrejas.

Normalmente o imigrante deixa uma comunidade sólida e esbarra com uma sociedade individualista. Ao perder seus pontos de referência, sente-se desorientado, sozinho, sem saber como atuar na nova sociedade, num verdadeiro choque de cultura.

A Igreja e os Migrantes até o século XVIII, embora não houvesse uma pastoral para os migrantes estruturada e organizada, as igrejas eram os únicos lugares de refúgio para as pessoas perseguidas. O fundamento para a proteção era o conceito sempre mais latente que todo ser humano é imagem e semelhança de Deus, sem distinção de raça, cor, nacionalidade ou classe social, e por isso, sujeito de direitos e dotados de dignidade. Conforme já mencionado anteriormente, a Revolução Francesa e o próprio Estado asseguraram, naquela época, direitos de proteção, embora, como também já mencionado, os Direitos humanos só foram proclamados em 1948, pelas Nações Unidas.

O XII Encontro Nacional ao Pastoral Brasileira nos EUA, realizado entre os dias 26 a 29 de setembro de 2016, em Boston-MA, teve como tema “Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja”. Foram levantados alguns pontos comuns, necessários e dinâmicos para a existência de uma pastoral mais acolhedora e concluiu-se que:

Todo agente de pastoral é convidado a escutar, respeitar e acolher o imigrante, indo ao seu encontro; Criar espaço e tempo de escuta e partilha; Tornar a comunidade uma grande família, casa comum, porque para a Igreja todo migrante é imagem de Deus – “Eu era peregrino e tu me acolheste” (Mt. 25, 36). Toda a ação pastoral deve ser movida pela ternura, fundada no amor misericordioso de Deus. Todo agente de pastoral deve estar comprometido com a dignidade e integridade da pessoa do imigrante, sendo para ele esperança e alegria. Ajudar o imigrante a integrar-se na sociedade e na comunidade eclesial de acolhida, para não perder a identidade; criar nas comunidades um espaço para acolhida e orientação dos imigrantes. Capacitar as pessoas para que desenvolvam um trabalho sócio humanitário e cultural. Fazer das celebrações dos sacramentos um momento de evangelização, acolhendo com sensibilidade, bom senso, discernimento e misericórdia. O agente de pastoral deve construir pontes de convivência entre as culturas. Realizar celebrações e eventos entre as comunidades étnicas, para uma maior integração²⁴⁷.

A Comissão sobre diversidade cultural da Igreja Católica nos EUA é subdividida em subcomissões de: Assuntos Hispânicos; Assuntos Africanos e Americanos; Assuntos Asiáticos e Ilhas do Pacífico; Assuntos Nativos Americanos; Pastoral dos Migrantes, Refugiados e Viajantes. Atualmente, encontram-se as seguintes comunidades étnicas na região: de brasileiros; de europeus; de africanos; e de caribenhos. E cerca de 30 (trinta) conselheiros atuam na Pastoral Care of Migrants, Refugees and Travelers.²⁴⁸

3.4 Fé e Cultura

A cultura é um conjunto de sentidos e significados, valores e padrões produtivos, transmitidos e recebidos em contextos sócio-históricos, nos quais estão implicadas relações de convivência, portanto, é inevitável a inculturação da fé. “Fiel à própria tradição e simultaneamente consciente de sua missão universal, ela pode entrar em comunhão com as diversas formas de cultura, donde resultará

²⁴⁷ PBE (Assessoria: CAN E CNBB). *XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016.

²⁴⁸ Ibid.

um enriquecimento tanto para a Igreja como para as diferentes culturas” (GS, n. 58).

Para melhor entendermos fé e cultura, precisamos entender melhor esses amplos significados, uma vez que eles não se esgotam em si mesmos. A cultura é um processo vivo e, portanto, possui diversas leituras, interpretações e definições, tornando-se impossível defini-la sem percorrer múltiplas concepções. Mais que entendermos cultura, pois as várias concepções não se opõem, ao contrário, se complementam, é preciso fazer o exercício de interpretação da cultura para entendermos melhor o ser humano, a sociedade e a própria vivência da fé. A cultura nos fornece e cria identidades.

Pela palavra ‘cultura’, em sentido geral, indicam-se todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; [...] torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil pelo progresso dos costumes e das instituições; enfim, exprime, comunica e conserva, em suas obras, no decurso dos tempos, as grandes experiências espirituais e as aspirações, para que sirvam ao proveito de muitos e ainda de todo o gênero humano (GS 53).

Assim como a cultura, a fé é um conceito complexo e que possui experiências diversas na concepção humana. Esta ação divina que é percebida pelo ser humano acontece através da autocomunicação de Deus para a salvação da humanidade. A fé é sempre resposta a um gesto prévio do amor de Deus.

Geertz sintetizou de modo coerente a pesquisa de Kluckhohn sobre cultura, que reunia 126 definições diferentes, da seguinte maneira:

cultura é o modo de vida global de um povo; o legado social que o sujeito adquire de seu grupo; uma forma de pensar, acreditar e sentir; uma abstração do comportamento; uma teoria sobre a maneira pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; um ambiente de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações uniformizadas para os problemas recorrentes; um comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros seres humanos; uma sedimentação da história; e ainda, recordando às metáforas: mapa, peneira e matriz.²⁴⁹

O estudo dos processos migratórios exige um indicativo necessário para o trabalho pastoral e evangelizador das migrações, principalmente, nas “Igrejas locais”. “Do estudo de Gallagher, sobre fé e cultura, emerge um interessante indicativo de itinerário para o encontro multicultural, suscitado pelas migrações

²⁴⁹ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p.14.

nas Igrejas locais”²⁵⁰. Não existem modelos predefinidos para pensar a relação fé-cultura.

O apego à língua e à cultura de origem torna-se fator determinante no que se refere à fé e à comunidade. Os migrantes criam encontros e desencontros mediante culturas diferentes. Por isso, a criação de comunidades que mantêm a cultura e a língua de origem torna-se elemento facilitador nos processos pastorais de evangelização. Nesse sentido, torna-se necessária uma evangelização que contextualize o primeiro anúncio já existente e o desenvolvimento da experiência de fé na realidade cultural em que o migrante se encontra

Toda cultura abraça a totalidade do humano, porém o faz por meio de uma perspectiva contextualizada, que não é absoluta e, por isso, tem necessidade das demais. Todavia, a fecundação recíproca e o enriquecimento intercultural de perspectivas não se obtêm somente pela soma, nem por dialética totalizante, mas pela comunicação entre culturas²⁵¹.

As relações interpessoais são espaços de missão; de um lado, os próprios migrantes são um campo missionário e do outro, a migração incentiva e ilumina a Igreja Eclesial. Ambas as realidades levam a caminhos de integração social e à pertença a comunidades eclesiais. O testemunho, o diálogo, o serviço e a construção de relações fraternas constituem nos migrantes fatores determinantes na sobrevivência e permanência no país de chegada e na própria manutenção da fé. A Igreja passa a representar uma extensão da própria família do sujeito, onde não se sente indiferente, estranho, sozinho, com medo e desprotegido, mas se sente parte de uma comunidade Igreja, que exerce acolhida, segurança e esperança pela fé. A Igreja torna-se um espaço de paz.

A Igreja é o lugar onde o Espírito de Jesus reúne diferentes culturas, transformando as potenciais Babéis em comunidades chamadas a continuar o acontecimento de Pentecostes. Trata-se de “terreno neutro”, onde as culturas podem se encontrar, se ouvir reciprocamente, romper com os estereótipos e afirmar a humanidade e a dignidade do outro²⁵².

Vale aqui recordar o primeiro capítulo deste trabalho, quando apresentamos, de maneira sucinta, que os processos migratórios aparecem como movimentos fundadores da humanidade de cada pessoa, por ser um acontecimento e uma

²⁵⁰ LUSSI, C. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 71-72.

²⁵¹ SCANNONE, J. C. *Cultura Mundial y mundos culturales. Contextualidad y universalidade em las culturas*. In: LUSSI, C. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 57.

²⁵² BLUME, M. *Los migrantes y la tierra*. In: LUSSI, C. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 80.

experiência essencialmente humana e existencial. Fundamentalmente, estrangeiros somos todos nós. Isso nos faz compreender que a ação pastoral e evangelizadora não é uma categoria eclesial, mas sim, uma prática comum e específica da própria ação pastoral da Igreja. Toda pastoral e evangelização deve ser especializada e contextualizada. “A Igreja deve inserir-se em todos esses agrupamentos, impelida pelo mesmo movimento que levou o próprio Cristo, na Encarnação, a sujeitar-se às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu”²⁵³ (AG, n. 10).

A Pastoral se preocupa pela pessoa integral que chega e é necessário que a comunidade de acolhida também cresça em relação à totalidade na pessoa do migrante, sobretudo na fé que implica a totalidade da vida do fiel migrante. Não se trata de experimentar e inventar nada de extraordinário. É na vida eclesial comum que a existência e a fé dos migrantes pode e deve se inserir, fazendo o caminho da comunhão fraterna. A hospitalidade também chamada de diaconia, a própria linguagem litúrgica e a *Koinonia* nos fazem pensar a Igreja como casa que acolhe, serve, evangeliza e zela pelos seus filhos.

A ação evangelizadora nos mostra que as fronteiras não são para dividir os povos, mas para uni-los. Os limites e as diferenças mostram a riqueza das pessoas como criaturas de Deus e nos faz experimentar a própria Graça de Deus agindo. É dessa forma que a Igreja, em sua ação e serviço, proclama que as migrações são momentos vitais para o encontro com Deus e com os outros, pois ela está diretamente comprometida, por meio de sua dimensão missionária *ad intra* e *ad extra*, com os migrantes, em qualquer lugar em que estejam, para que o Anúncio do Evangelho chegue até eles e seja efetivo.

Falar de fé e cultura reporta a diversas leituras, ao longo do tempo. E é no tempo que nos deparamos com o desafio do processo evangelizador e da ação pastoral: anunciar o conteúdo de uma mesma fé num ambiente de contínua mobilidade e pluralidade cultural. Podemos afirmar que esta é uma tarefa difícil, porém, ao mesmo tempo enriquecedora da atividade missionária da Igreja.

A fé ilumina a cultura e a cultura amadurece a fé. É neste ambiente que a Igreja anuncia a Salvação de Deus oferecida em Jesus Cristo. Torna-se, portanto, essencial que o Evangelho esteja encarnado na realidade cultural atual do fenômeno migratório, sendo fonte e farol de identidade na experiência do amor de

²⁵³ Paulo VI. *Decreto Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja. Roma: Vaticano. 1965, n.10.

Deus em Jesus Cristo. Uma experiência salvífica que não separe fé e vida e não se omita do enfoque teológico entre fé e cultura. Este processo de reflexão passa de maneira central pela pessoa de Jesus Cristo como fonte e finalidade da existência da pessoa humana. “Como Cristo, por sua encarnação, se ligou as condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que todas possa oferecer o Mistério da Salvação e a vida trazida por Deus”²⁵⁴ (AG 10).

Percebemos que, para entender melhor o processo de evangelização nas realidades específicas migratórias, precisamos superar este dualismo entre a fé e cultura, dado fundamental para a nossa reflexão. “O autenticamente humano é também autenticamente divino”²⁵⁵.

Portanto, a cultura, na medida que produz vida, justiça, fraternidade, partilha, amor, traz os elementos práticos da fé. Toda fé é interpretação, pois o conhecimento humano é interpretado. Também a razão e a cultura são interpretadas. Enfim, toda as culturas possuem elementos já implícitos da fé, porém a fé transcende a todas elas.

Fundamental é a fé em Jesus Cristo, condição para a experiência salvífica de toda a criatura. A salvação do ser humano é o próprio Deus, que jamais é um conceito. As culturas expressam atitudes salvíficas plurais, embora sempre contextualizadas. Nesse aspecto, a evangelização nas realidades migratórias atuais aparece como um desafio para a Igreja, no que se refere ao anúncio do Evangelho inserido na cultura dos que chegam e saem pelos diversos processos migratórios. Fatores como identidade, referências, experiências, vivências e sentido da vida necessitam de um encontro profundo entre Evangelho e Cultura. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas através do encontro com acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida, com isso, uma orientação decisiva”²⁵⁶.

A relação entre fé e cultura não é secundária, mas estrutural. A fé é um dom, tem sua origem na graça e é celebrada e profetizada mediante ritos diversos fixados na cultura de quem a celebra. Como dimensão testemunhal, a fé é

²⁵⁴ Paulo VI. *Decreto Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja, n.10.

²⁵⁵ MIRANDA, M. F. *Inculturação da fé*: uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001, p. 98.

²⁵⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 243. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

testemunhada na vida de quem crê, e o testemunho é vivenciado na comunidade, na cultura.

Fé e cultura é vista pela Igreja como uma ação dialógica. O diálogo sempre leva ao consenso, ao respeito e a corresponsabilidade. Por tanto, a fé encontra na cultura o instrumento para a expressão de sua verdade. Ela não prescinde da cultura, mas a cultura se enriquece de dignidade pela fé. Essa é a primeira questão a sublinhar na problemática sofrida pelos migrantes e que deve permanecer. A realidade entre a fé e a cultura não é de competição, mas de mútua colaboração para a afirmação da dignidade de todo o gênero humano. A fé tem como objetivo humanizar a vida e a sociedade e, ao mesmo tempo, permite que todo ser humano encontre o sentido e o significado da própria existência. “Com a palavra ‘cultura’ indica-se a maneira particular de como num povo, os seres humanos cultivam suas relações com a natureza, entre si mesmos e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeiro e plenamente humano”²⁵⁷.

Sendo assim, tornam-se fundamentais na realidade migratória as seguintes ações: manter o diálogo entre a Igreja e a cultura; valorizar o pluralismo cultural, apresentando os princípios que o definem e defendem; evitar o consumo cultural e o relativismo. Outros dois aspectos importantes são: iluminar a cultura em seus valores e contra valores e criar relações na Igreja de amor, afeto e de dignidade humana frente à secularização.

Como ser no mundo, o ser humano só se realiza por meio do mundo, e ao se realizar humaniza o mundo. A atuação desse processo é o que chamamos cultura. Ele envolve tanto os meios para a ação humana, como também a finalidade e o sentido que tal ação imprime a esse processo. Nada disso acontece isoladamente, já que o ser humano se realiza sempre no interior de uma comunidade²⁵⁸.

É preciso superar e mudar na realidade problemática dos fenômenos migratórios além da onda de relativismo e indiferença que invade a própria sociedade cristã em todos os níveis. Patologias revestidas de nomes de integralismo e fundamentalismo impedem de acontecer a condição irrenunciável da promoção e da defesa dos direitos humanos fundamentais, baseados no direito à vida e na afirmação da dignidade e da sacralidade do ser humano.

²⁵⁷ Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (III), celebrada em Puebla no México (DP). Petrópolis: Vozes, 1985, n. 264.

²⁵⁸ MIRANDA, M. F. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 46.

A sintonia entre fé e cultura se transforma em proposta e em resposta as questões fundamentais da vida somente quando o que unir e nutrir essa relação for o amor a Deus e ao próximo. Também amar significa oferecer a cultura e a verdade do amor, Jesus Cristo. Não se constrói a paz sem defender a vida, pois ela é o valor e a síntese de todos os direitos do ser humano.

A cultura contemporânea em permanente transformação oferece serviços múltiplos para um mundo que a cada dia exige novas respostas, propõe novas soluções e cria novas necessidades²⁵⁹. A cultura muda. A religião também muda.

Outro ponto muito importante que deve ser destacado no contexto migratório é a identidade. A identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para sua afirmação. Fica claro, portanto, que o contato contínuo com outra cultura supõe um conflito, crise e uma posterior adaptação ao novo ambiente cultural. É também a partir da vivência do encontro com outra cultura que o sujeito amplia suas possibilidades de ser, isto é, sua identidade. Do processo migratório decorrem várias rupturas que exige uma reorganização dos laços e das funções culturais e religiosas. A luz da fé ilumina as identidades culturais nos processos migratórios, e possibilita às pessoas estabelecerem uma interligação entre elas. Essa análise nos remete à necessidade de robustecer nosso argumento, trazendo Tyler que diz:

Cultura ou civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo, é aquele todo complexo que compreende conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade²⁶⁰.

O processo de realização do ser humano em relação com o Outro acontece através da cultura como caminho de humanização. Maturana²⁶¹ ressalta que a cultura contemporânea, na qual a grande parte da humanidade vive hoje, é uma cultura patriarcal, porém é portadora de um conflito cultural permanente que representa uma possibilidade para refletir e realizar uma profunda mudança.

Por fim, a fé deve buscar sempre novas formulações e práticas condizentes com as novas situações, para que o quesito primeiro de Deus de se autocomunicar

²⁵⁹ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 15.

²⁶⁰ TYLOR, E. B. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. 4ª ed. London: John Murray, Albemarle Street 1903, p.1. (TN).

²⁶¹ MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amor y Juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia*. Santiago - Chile: Instituto de Terapia Cognitiva, 1993, p. 19-69.

apareça em sua verdade em meio as culturas, numa interpelação salvífica e superar o dualismo entre fé e cultura, mesmo que a fé só se encontre vivida e expressada numa determinada cultura. Importante compreender que toda a cultura apresenta elementos religiosos ligados a sua identidade.

Todas as culturas gozam de legitimeza para vivenciar a fé cristã. Essa fé porém, transcende todas elas, não porque a sua mensagem seja estranha, mas por se encontrar intimamente com elas, devido a sua raiz em comum. “Na verdade, quando as culturas estão profundamente radicadas na natureza humana, contêm em si mesmas o testemunho da abertura, própria do homem, ao universal e à transcendência” (FR, n. 70).

A fé fundamentada em Jesus Cristo sabe desafiar e combater o que há de desumano na cultura de cada tempo. Jesus Cristo se encarna na história cultural da humanidade e nas características de cada povo. A fé interage com a cultura, orientando e inspirando a solidariedade e a fraternidade. Jesus Cristo revela ao ser humano sua verdade²⁶² (GS, n. 22). É fundamental que a fé cristã sempre esteja inculturada e contextualizada e, assim, possa se expressar e ser vivida em qualquer cultura e em qualquer contexto. Isso é fundamental para os ambientes e situações migratórias.

A fé só é acolhida, vivenciada e transmitida a partir das culturas. A vivência da fé obedece sempre parâmetros culturais. “A fé ilumina o viver social: possui uma luz criativa para cada momento novo da história, porque coloca todos os eventos em relação com a origem e o destino de tudo no Pai que nos ama”²⁶³. A fé reabre os horizontes a novas formas de esperança, sempre atenta a uma leitura atualizada dos *sinais dos tempos*, como sublinhou o Concílio Vaticano II, à luz do Evangelho (Mt 16,1-4).

Em entrevista sobre temas polêmicos, o Papa Francisco afirma que a Igreja é aquela que, em primeiro lugar, deve “curar as feridas”. E mais, “se o indivíduo busca Deus na sinceridade de seu coração, quem sou eu para julgar?”²⁶⁴. É preciso buscar um discipulado de Jesus que, mediante a situação do migrante, construa um movimento humanizador que inclua e incorpore uma Igreja sem fronteiras.

²⁶² Paulo VI. *Constituição Pastoral Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. Roma: Vaticano, 1965, n. 22.

²⁶³ Francisco. *Carta Encíclica Lumen Fidei (LF)*. Roma: Vaticano, 2013, n. 55.

²⁶⁴ João XXIII. *Carta Encíclica Mater et Magistra* de 1961. Roma: Vaticano, 1961.

Essa Igreja tem como missão fazer frutificar e consolidar a fé na diversidade e no pluralismo que caracteriza a vida humana.

Na Igreja ninguém é estrangeiro, e a Igreja não é estrangeira a nenhum ser humano e em lugar algum. Enquanto sacramento de unidade, e, portanto, sinal e força de agregação de todo o gênero humano, a Igreja é o lugar em que também os imigrantes ilegais são reconhecidos e acolhidos como irmãos²⁶⁵.

O Papa João Paulo II, ao sublinhar que a Igreja, como unidade, deve compreender que o migrante não é um estranho, um estrangeiro²⁶⁶; desafia a uma prática de uma catolicidade "aberta", hospitaleira, realmente "sinal de unidade de todo o gênero humano"²⁶⁷.

J. Hagan e H. R. Ebaugh²⁶⁸ afirmam a necessidade de incluir a religião nas teorias sobre as migrações internacionais contemporâneas.

As teorias das migrações internacionais não consideram suficientemente o contexto cultural da migração. Mais especificamente, não aprofundaram o papel da religião no processo migratório, especialmente os recursos espirituais que a religião dispõe para certas populações de imigrantes, na decisão de migrar e nos efeitos psicológicos do compromisso desses migrantes para enfrentar a dureza da migração. [...] Os migrantes fazem apelo aos recursos espirituais das igrejas para atingir ao significado da decisão de migrar e para buscar orientação e proteção durante o processo da viagem internacional²⁶⁹.

Enquanto a cultura contemporânea tende a isolar e fragmentar as diversas dimensões do ser humano, “o amor de Deus, ao invés, unifica todos os elementos da nossa pessoa, tornando-se uma luz nova em direção a uma vida grande e plena”²⁷⁰. “Ser uma etapa de crescimento da fé e do amor”²⁷¹.

Nessa perspectiva que Cruz desafia a abordagem tradicional e reflete que a teologia das migrações “é uma teologia do corpo, que configura o corpo em relação à pessoa/personalidade individual e social/coletiva e captura não somente a paixão [dos corpos migrantes sofridos] e a morte, mas também sua ressurreição”²⁷². De fato, *a luz da fé* “põe-se ao serviço concreto da justiça, do

²⁶⁵ João Paulo II. *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante* de 1995, n. 5.

²⁶⁶ Mensagem para o Dia Mundial do Migrante de 1995, n. 5. In: FONDAZIONE. *Migrantes della Conferenza Episcopale Italiana*. Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni. Documenti magisteriali ed ecumenici sulla pastorale della mobilità umana (1887- 2000). Bologna: EDB, 2001, p. 506.

²⁶⁷ Paulo VI. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Roma: Vaticano, 1964, n.1.

²⁶⁸ HAGAN, J.; EBAUGH, H. R. *Calling Upon the Sacred: Migrants Use of religion in the Migration Process*. In: *International Migration Review*, v. 37, n. 4, 2003, pp. 1145-1162, p. 1159.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 1146.

²⁷⁰ Francisco. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Roma: Vaticano, 2013, n. 27.

²⁷¹ *Ibid.*, n. 55-56.

²⁷² CRUZ, G. T. *An Intercultural Theology of Migration: Pilgrims in the Wilderness*. *Studies in Systematic Theology* 5. Leiden: Brill, 2010, p. 270.

direito e da paz”²⁷³. É assim que, seguindo as diretrizes básicas do Concílio Ecumênico Vaticano II, a fé se torna “uma luz para iluminar todos os relacionamentos sociais”²⁷⁴ e interpessoais.

Marinucci²⁷⁵ sugere mudanças de paradigmas na Pastoral da Mobilidade Humana no sentido do aperfeiçoamento desse processo: de uma pastoral de conservação da fé, para uma pastoral da conversão; de uma pastoral do medo, que vê como ameaça as migrações e o mundo, para uma pastoral da coragem, que reconhece nas migrações e na experiência dos estrangeiros, caminhos da presença reveladora e libertadora do Deus da Vida; de uma pastoral “capitalista”, preocupada com os números, com a manutenção da quantidade de fiéis (capital humano), para uma pastoral “contemplativa”, voltada à contemplação da ação do Espírito em todos os seu diferentes e surpreendentes caminhos; enfim, de uma pastoral eclesiocêntrica, centrada no fortalecimento da instituição, para uma pastoral reinocêntrica, em que a prioridade está na realização da vocação transcendental de cada ser humano.

Pelo batismo, em nome da Trindade, recebemos o dom da fé, que nos une a Cristo, plenitude da vida humana, pelo qual podemos nos dirigir a Deus como Pai. Somos sempre chamados a realizar o dom da fé pelo encontro com a pessoa de Cristo. Também o homem contemporâneo “devido a uma profunda crise de fé”²⁷⁶ (Porta Fidei, n° 2) deve sentir a necessidade do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Readquirir o gosto de se alimentar da palavra de Deus, transmitida fielmente pela Igreja, e do Pão da Vida, oferecido como sustento e encontro com Cristo. “Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação”²⁷⁷.

Deus é presença que se autocomunica em eventos e palavras, propondo a humanidade um diálogo de salvação. Esse diálogo atravessa os tempos, resplandece no cosmo e se torna definitivo na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Criado à imagem do Verbo, o ser humano é interlocutor e hermeneuta da revelação, não só em suas coordenadas universais, mas enquanto sujeito crente e eclesial, inserido na comunidade de fé que é Igreja. Graça e história, fé e razão, Palavra e hermenêutica se cruzam no processo contínuo de ouvir, compreender e testemunhar a Revelação de Deus em Cristo²⁷⁸.

²⁷³ Francisco. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Roma: Vaticano, 2013, n. 51.

²⁷⁴ Ibid. n. 54.

²⁷⁵ MARINUCCI, R. *Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana: REMHU, vol. 15, n. 28, 2007, p. 105.

²⁷⁶ Bento XVI. *Carta Apostólica Porta Fidei*. Roma: Vaticano, 2011, n. 2.

²⁷⁷ Ibid., n. 3.

²⁷⁸ ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida – SP: Santuário, 2013, p. 155.

A fé professada, a fé celebrada, a fé vivida, testemunhada ou anunciada, fazem parte da mesma realidade da fé pessoal e comunitária que brota da relação de Deus com o ser humano e do ser humano com Deus. A fé é dom gratuito de Deus e ato humano livre. Sendo um ato pessoal a fé é, antes de tudo, também um ato eclesial. Cada um é chamado a assumir a fé na Igreja. “A fé é algo mais que um depósito a guardar: é uma vida que se desenvolve”²⁷⁹.

Uma das formas de expressão e transmissão da fé se dá através da liturgia. A pessoa tem a necessidade de passar da relação profética à celebração. Esta sustenta e é sustentada pela comunidade de pessoas. Cada povo, na sua identidade própria, tem necessidade de congregar aqueles que se identificam com os seus fundamentos através de atos celebrativos. A fé cristã, junto a essas características antropológicas e comunitárias é sempre a iniciativa de Deus que chama e é Ele mesmo que se oferece para congregar o seu povo.

Paulo VI assim definiu a liturgia na ação pastoral da Igreja: “A liturgia é a fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, a primeira escola de maior vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que, juntamente conosco crê e ora, e primeiro convite ao mundo [...]”²⁸⁰.

O Concílio Vaticano II sobre a liturgia nos apresenta a importância da ação litúrgica como fonte e cume de toda ação da Igreja. A liturgia coloca-se no dinamismo que alimenta toda a ação da comunidade cristã, não só no seu ser cristão, mas na sua vida de apostolado; e como cume integra variadas formas do cristão e da comunidade cristã se relacionar com Deus, na escuta de sua palavra, na oração, na partilha fraterna, ou seja, em toda a vida cristã.

A liturgia é a expressão mais completa do mistério da Igreja, de tal maneira que se pode afirmar que a comunidade cristã, segundo o modo de viver a celebração litúrgica, exprime e manifesta a experiência de Igreja que ela mesma vive. É importante reconhecer que a celebração da fé se integra no processo de evangelização, partindo do primeiro anúncio, passando pela iniciação cristã, chegando à celebração dos mistérios da fé, culminando na eucaristia, na opção de vida, na partilha fraterna e no testemunho cristão para o mundo.

²⁷⁹ GALOT, J. *Maria tipo e modelo da Igreja*. In: BARAÚNA, G. (O.F.M.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965, p. 1187.

²⁸⁰ Paulo VI. Discurso na segunda sessão do Concílio Vaticano II, 4 de dezembro de 1963.

“A Igreja se torna objeto de fé, não direto, porque somente podemos crer na Trindade, mas indireto, enquanto obra da Trindade”²⁸¹. “Alguém pertence à Igreja através da fé (e do batismo), isto é, por uma decisão pessoal”²⁸². A fé é uma virtude teologal, doada por Deus, transmitida pela Igreja ao longo da história. Segundo o Papa Francisco, uma coisa é transmitir a fé e outra é ensinar as coisas da fé. A fé é dom, não se pode estudar. Estudam-se as coisas da fé para entendê-la melhor. A fé é dom do Espírito Santo, é um presente que vai além de qualquer preparação.

Peçamos ao Senhor a graça de ter uma fé sincera, uma fé que não é negociável, segundo as oportunidades que surgem. Uma fé que a cada dia procuro reavivá-la, ou pelo menos peço ao Espírito Santo que a reviva e assim dê um grande fruto²⁸³.

3.5 Jesus e a Igreja

Como vimos anteriormente, o ser humano é, entre outras dimensões, um ser de cultura e um ser histórico. Uma identidade que se caracteriza pela razão e liberdade. Dizer que a Salvação é trazida por Jesus Cristo é dizer que a Salvação Cristã é vivida e experimentada em cada época, região e cultura. A Salvação de Jesus Cristo é sempre única e a mesma, porém o que muda é o modo de ser anunciada e vivida na contemporaneidade. A Salvação cristã só acontece quando o ser humano se volta para os seus semelhantes, de maneira especial, nos que se encontram em situação de necessidade devido aos diversos fatores de ordem política, econômica, cultural e religiosa.

A vida é, sem dúvida, a maior riqueza que temos, e a Salvação do ser humano é o próprio Deus, a plenitude de sua existência, o sentido último, a realização total diante do poder Salvífico de Deus. Jesus Cristo representa a possibilidade histórica de ter acesso a Deus através da Igreja e, nesse acesso, a realização concreta da práxis do amor em meio à cultura e à história atual. O Reino de Deus torna-se o centro da história que tem sua manifestação definitiva na pessoa de Jesus Cristo que nos permite olhar para toda a Criação e a toda

²⁸¹ LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 109.

²⁸² SMULDERS, P. *A Igreja como Sacramento de Salvação*. In: BARAÚNA, G. (O.F.M.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965, p. 415.

²⁸³ Francisco. *A Fé é Dom do Espírito Santo transmitida, sobretudo, pelas mulheres*. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/26/papa_f%C3%A9_%C3%A8_dom_do_esp%C3%ADrito_santo_transmitido_pelas_mulheres/1120003. Acesso em: 02.06.2016.

história humana. Todos são chamados para o Reino de Deus e Ele acontece através da Igreja, na história, na cultura e nas relações de amor e fraternidade.

A experiência que tiveram os primeiros discípulos com Jesus de Nazaré levou-os a ver Nele não somente o Salvador da humanidade, mas também o sentido último de toda a Criação. Fazendo de sua existência uma vida para os outros, Jesus testemunhou com suas palavras e ações o Deus de amor [...] ²⁸⁴.

Assumir a atitude de Jesus Cristo é condição constitutiva do ser cristão no mundo. A Salvação jamais acontece sem o compromisso com a existência histórica de Jesus Cristo. É Nele que a solidariedade e o amor se identificam na liberdade do chamado de Deus. A noção de liberdade como caminho para a decisão e a resposta é gesto gratuito de Deus, revelado e realizado em Jesus Cristo. Portanto, a nossa Salvação depende de nossa opção e decisão pessoal e a Igreja é mediadora dessa resposta, sendo Cristo a cabeça e a Igreja o seu corpo.

A Igreja, ao definir-se como mistério e sacramento de salvação, supera a sua visão até então de “sociedade perfeita”, e convida o povo de Deus para a comunhão no mistério da trindade. A comunidade se constrói a partir da centralidade da sua fé no Cristo Ressuscitado e em vista da missão no mundo e para o mundo. Esta centralidade e fundamento último da comunidade cristã, foi recuperada pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II. A comunidade cristã, portanto, é um espaço de promoção da plenitude da vida anunciada e vivida por Cristo. É missão iluminar as necessidades fundamentais do ser humano com a luz dos valores do Evangelho. É na comunidade que a pessoa faz a mais profunda experiência de ser humano e, a partir dessa experiência, coloca-se em relação com Deus. Ela é, portanto, o lugar da inclusão de todo ser humano.

Viver em comunhão é uma necessidade vital do ser humano. É nas relações que ele descobre sua identidade e sentido da sua própria identidade humana. “Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno” ²⁸⁵ (Dap, 2007, nº 271). Constituída como povo de Deus, a comunidade é chamada a comunicar o Evangelho a todas as criaturas. A fé é vivida na práxis eclesial, tendo como objetivo a edificação do Reino de Deus e realizado nas mediações de

²⁸⁴ MIRANDA, M. F. *A Salvação de Jesus Cristo*. A Doutrina da Graça. São Paulo: Loyola, 2004, p. 56.

²⁸⁵ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 271. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

diaconia, *koinonia*, *kerigma* e liturgia da fé celebrada. “Quantas vezes os pobres e os que sofrem realmente nos evangelizam!”²⁸⁶ (DAp, n° 272).

O querigma é o anúncio primeiro, pois ele é fundante da fé. Sem conhecimento da vida, da paixão, morte e ressurreição de Jesus, sem essa experiência fundante do Deus que nos amou em seu Filho na ação do seu Espírito, a fé se esvazia de sentido²⁸⁷.

O amor de Deus revelado em Jesus Cristo é o próprio núcleo da Salvação. Na acolhida de quem chega e no amor ao próximo já está presente a Salvação. Um amor que se expressa no encontro com o outro, numa relação interpessoal de amor fraterno. “O fim de tudo é a caridade e Deus é a caridade. Este é o fim, o objetivo. O resto é caminho [...]”²⁸⁸.

Para as realidades migratórias atuais, é necessário e fundamental que o amor fraterno seja vivido na luta pela justiça. A pessoa de Jesus Cristo nos revela o amor e a misericórdia do Pai e uma opção concreta pelos pobres e necessitados para que, na luta pela justiça e dignidade humana, a vida seja valorizada e respeitada em todos os filhos de Deus. No contexto da mobilidade humana, em especial com os migrantes, a missão da Igreja deve orientar-se e constituir-se em ações pastorais e evangelizadoras que transformem a realidade histórica e social por meio do acolhimento fraterno e respeitem a dignidade da pessoa humana e seus direitos fundamentais. “Como nos diz Francisco de Assis com seu ‘cântico das criaturas’, Inácio de Loyola com sua ‘contemplação para alcançar o amor’ e Teillard de Chardin com seu ‘meio divino’”²⁸⁹.

O termo comunhão fundamenta-se nas escrituras como valor teológico trinitário. No Antigo Testamento, a comunhão é expressão de felicidade e de plenitude na relação com Deus e com o outro. No Novo Testamento, a comunhão é, em primeiro lugar, o verbo que se faz carne e habita entre nós, a condição humana de Jesus Cristo. As relações fraternas, o ideal das comunidades cristãs dos Atos dos Apóstolos, representam a comunhão de vida na expressão Eucarística.

Esta comunhão também é expressa pelo verbo morar, habitar. A mútua ‘habitação’, a intimidade do Pai e do Filho: ‘o Pai permanece no Filho e o Filho no Pai [...]’ (Jo

²⁸⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, n° 272.

²⁸⁷ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização e missão profética da Igreja*. Doc. 80. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 26.

²⁸⁸ Santo Agostinho. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. In: MIRANDA, M. F. *A Salvação de Jesus Cristo*. A Doutrina da Graça. São Paulo: Loyola, 2004, p. 133.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 199.

14, 10) é proposta aos discípulos. Jesus ‘permanece’ neles (Jo 15, 4). O Espírito também ‘permanece’ nos discípulos (Jo 14, 23) e eles mesmos ‘permanecem’ Nele (1 Jo 2, 24; 4, 16). Não é possível imaginar comunidade mais sublime, unida por laços mais íntimos que esta anunciada pela palavra de Jesus²⁹⁰.

A vivência da comunhão precisa encontrar meios e estruturas, mas principalmente uma atitude de espírito, um modo de ser e de viver, de relação com a Igreja e de construção da comunidade cristã. Antes de tudo, é preciso promover uma espiritualidade de comunhão em todos os ambientes comunitários e sociais. Essa espiritualidade de comunhão faz ver a presença de Deus nos outros, vistos como irmãos, a vontade efetiva de acolher o outro e saber valorizar o positivo presente no outro e superar tentações egoístas. É ter o outro permanentemente no nosso coração.

Três propostas podem ser destacadas para que possamos viver a espiritualidade de comunhão: 1. Não há espiritualidade de comunhão sem abertura constante e profunda para Deus e seu mistério. Testemunhar o amor salvador de Deus em Jesus Cristo pelo seu Espírito. Amor criador e renovador sempre presente, como a misericórdia, sem preconceitos e sem limites. 2. A espiritualidade de comunhão se desenvolve através de uma preocupação educativa constante na vida familiar, nas comunidades cristãs, nas paróquias, na sociedade fraterna e justa e, de modo único, na abertura, na acolhida e no serviço aos outros. 3. A cultura de comunhão supõe sempre a possibilidade de perdão. Não há comunhão sem reconciliação e misericórdia.

Uma espiritualidade de comunhão tem que se fazer presente na humanidade, provocar mudanças e construir comunidades com valores sólidos. Uma coerência daquilo que se prega com aquilo que se vive. Promover atitudes de verdadeira humanidade, marcadas sempre pela dignidade humana. Descobrir e ajudar a descobrir a dignidade individual de cada pessoa humana. Apresentar dimensões existenciais práticas no relacionamento humano, valores básicos, tais como: respeito pela verdade, coerência nas atitudes, o sentido da honestidade, a responsabilidade pela palavra dada, comportamentos éticos elementares, capacidade de reconhecer erros.

O desenvolvimento dessas qualidades e destes valores humanos fazem parte de uma verdadeira pedagogia de comunhão. A comunidade como espaço de

²⁹⁰ MONLOUBOU, L.; DUBUIT, F. M. *Comunhão*. In: Dicionário bíblico universal. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1997, p. 142.

verdadeira humanidade. Lugar de aceitação e acolhida do outro; ambiente aberto e de acolhimento. Possibilidade de experiência e integração das pessoas na vida e a comunidade. É sentir-se como pertença de uma comunidade cristã, pois é nesse contexto, local existencial, que é possível verificar as condições e os valores reais da comunhão.

A comunhão é concreta, se manifesta, articula e se desenvolve. Por isso, necessita do fomento da dimensão sinodal. É preciso redescobrir a verdadeira natureza da Igreja e o modo como se deve viver dentro dela. O primeiro sinal está na responsabilidade, como Povo de Deus, de caminhar para o Reino definitivo de acordo com as exigências do Evangelho, de modo conjunto e comum a toda consciência de uma mesma missão. Através da tradição, desenvolvem-se formas colegiais e sinodais com o magistério hierárquico.

A sinodalidade é o modo adequado de exercício da autoridade pastoral da Igreja comunhão. Possibilita e fomenta a realização da comunhão e da missão eclesial. É o sentido da pertença na mesma Igreja pelo diálogo, partilha, responsabilidade, participação e decisões; a qualidade da comunicação. O caminhar em conjunto na busca de consensos, procurando encontrar e propor propostas e decisão mais adequadas à luz do Evangelho caracteriza a sinodalidade.

Comunhão não significa uniformidade; é sempre pluriformidade. Ela se realiza na diversidade. Ter consciência de que a visão da Igreja comunhão não aponta para qualquer espaço ideal, sem problemas, tensões, conflitos e ambiguidades. A Igreja comunhão é projeto e interpelação constante. A espiritualidade de comunhão não se apresenta num idealismo abstrato. A vivência da Igreja como comunhão e construção da comunidade não pode deixar passar uma análise rigorosa da realidade da vida eclesial, de ascensão concreta a seus limites, suas dificuldades e contradições.

A cultura de comunhão exige sensibilidade e profundo respeito pelos outros no seu ser diferente. É fundamental perceber e tolerar a diversidade dentro da mesma fé. Deus não é sempre nossas ideias e opções; o Reino de Deus se constrói para além de nossas ideias, realizações e projetos. Reconhecer a pluralidade é fundamental para a vivência da comunhão, pois abre novas perspectivas e enriquece a própria Igreja.

A comunidade cristã só cresce em autenticidade se o serviço e o amor fraterno perpassam toda a sua ação pastoral. O princípio do agir pastoral está no amor. A missão da Igreja é humanizar o ser humano que, por consequência, humaniza o mundo. Bauman em seu livro *Estranhos à nossa porta* citou as palavras do Papa Francisco, dizendo que se trata de uma das poucas figuras públicas que nos alertam sobre a indiferença social em relação aos migrantes:

Quantos de nós, incluindo eu mesmo, perdemos nosso rumo; não prestamos mais atenção ao mundo em que vivemos; não nos importamos; não protegemos o que Deus criou para todos; e acabamos nos tornando incapazes até de cuidarmos uns dos outros! E quando a humanidade como um todo perde o seu rumo, isso resulta em tragédias como a que temos testemunhado. [...] Uma pergunta deve ser feita: quem é responsável pelo sangue desses nossos irmãos e irmãs? Ninguém! Essa é a nossa resposta. Não sou eu; Não tenho nada a ver com isso. Deve ser outra pessoa, mas certamente não sou eu. [...] Hoje, ninguém no mundo se sente responsável. Perdemos o senso de responsabilidade para como nossos irmãos e irmãs. [...] A cultura do conforto, que nos faz pensar apenas em nós mesmos, nos torna insensíveis aos gritos de outras pessoas, faz-nos viver em bolhas de sabão que, embora adoráveis, carecem de substâncias; oferecem uma ilusão efêmera e vazia que resulta na indiferença em relação aos outros; na verdade, leva até a globalização da indiferença. Neste mundo globalizado, caímos na indiferença globalizada. Nós nos acostumamos ao sofrimento dos outros. Ele não me afeta. Não me diz respeito. Não é da minha conta!²⁹¹

É no serviço aos mais pobres e mais carentes que a Igreja comunhão, através da solidariedade, faz nascer a própria fé. Procurar ser coerente nas prioridades pastorais e opções existenciais é o grande desafio que o mundo de hoje nos coloca: a vivência e o testemunho da comunhão eclesial e a construção de autênticas comunidades cristãs.

O dom da *koinonia* (communio – comunhão) nos faz participantes do Deus da salvação no mesmo Espírito, no mesmo Evangelho, no único Batismo, na mesma Eucaristia. Iniciativa e dom de Deus a Igreja, mistério de comunhão no Espírito Santo, une os homens com Cristo e entre si, pelos laços da fé, da esperança e do amor, sempre em sinal de serviço, solidariedade e reconciliação na pluralidade de pessoas e de situações que ultrapassam tempo e espaço. A Igreja “mistério de comunhão” é a vontade divina e a mais profunda identidade do amor trinitário. Na origem, no peregrinar e em sua meta, a Igreja está marcada pelo Deus Uno e Trino.

²⁹¹ BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zaharr, 2017, p. 25-26.

“Na visão Bíblica, o ser humano não é concebido como indivíduo isolado e autônomo. Ele é membro de uma comunidade, faz parte do Povo da Aliança, encontra a sua identidade pessoal como membro do povo de Deus”²⁹². No Evangelho, Jesus nos mostra que é impossível amar a Deus sem amar ao próximo. No amor a Deus e ao próximo está o ato central do Evangelho, além de ser a síntese dos mandamentos e critério decisivo no caminho da salvação. A caridade é a expressão central da experiência cristã. Se a salvação passa pela comunhão, o seu coração é a caridade fraterna.

À luz do mistério de Deus, através do amor e do diálogo, descobrimos o sentido da nossa existência e da própria realidade. O amor nos mostra que Jesus é o sentido do ser e, por isso, somos vocacionados a sermos seres de relação e comunhão. O sentido da vivência humana está na doação e no serviço ao outro. Ninguém se encontra na identidade pessoal, sem sair de si mesmo e ir em direção ao outro. A proposta cristã de comunhão consiste nessa abertura e acolhida, pois ultrapassando o individualismo e o egoísmo, construímos uma autêntica personalidade e crescemos em autenticidade.

A Igreja, povo de Deus em seu agir histórico, não tem outra lei senão a doação e serviço de si mesma a humanidade. É no Evangelho que se funda a identidade cristã e reúne os crentes em comunidade. A Igreja nasce, cresce e vive onde pessoas, reunidas em comunidades, se convertem no Evangelho pela ação do Espírito Santo. Nesse anúncio, a vida em comunidade se enraiza e se fecunda. O Evangelho proclamado, acolhido e anunciado é encontro salvífico. O Evangelho vivido e testemunhado é transmitido pela comunidade dos apóstolos e discípulos de Jesus, que perpassa os séculos, tornando-se profissão de fé de toda a comunidade eclesial.

A comunhão se funda e se fortalece na celebração da mesma fé e através dos sacramentos, de modo central na Eucaristia, cume e fonte da vida da Igreja. Ela assume e concentra todos os elementos constitutivos do mistério da Igreja: ação criadora do Espírito Santo, o anúncio do Evangelho, a dimensão de apostolicidade na presidência do ministério ordenado. A Igreja local não é uma simples parceira da Igreja Universal mas, como povo de Deus, une-se em totalidade e comunhão

²⁹² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Documento da CNBB nº 100*. Comunidade de Comunidade: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. 2ª Ed. 2014, n. 103.

com toda a Igreja. Na Eucaristia, a Igreja local se manifesta em comunhão com todas as Igrejas; é sempre um acontecimento comunitário.

A continuidade da missão dos apóstolos exige a comunhão e para poder mantê-la é fundamental a presença estrutural e a ação institucional do ministério. O ministério ordenado guarda a memória e a tradição eclesial; tem a missão de conservar e fazer crescer a comunhão, seja no anúncio do Evangelho, na celebração da fé ou no serviço fraterno, sendo sempre sinal de comunhão e de ligação entre as comunidades. De modo especial, o ministério episcopal deve manter a Igreja na continuidade apostólica, na fidelidade permanente à doutrina e ao testemunho dos apóstolos. Esse dom, tarefa e dever, também é de cada membro da comunidade. A comunhão eclesial seria vazia ou não verdadeira se não se traduzisse em atitudes práticas de amor e serviço. O serviço é sinal da autenticidade da comunhão, amor fraterno transformado em serviço. Appiah faz a seguinte exortação:

O mundo está ficando mais congestionado: no próximo meio século, a população de nossa espécie, antes nômade, vai se aproximar de 9 bilhões. Dependendo das circunstâncias, conversas através das fronteiras podem ser deliciosas ou apenas irritantes: o que elas são, predominantemente, contudo, é inevitáveis²⁹³.

A Igreja, Povo de Deus, se situa em um contexto sociocultural. Não existe Igreja de Deus abstrata. A experiência de Deus leva sempre a uma atividade prática comunitária e social. Vemos isso de modo claro nas diversas configurações: família doméstica, comunidade de pessoas, numa determinada situação ou experiência vocacional, como comunidade local, como igreja particular e como Igreja universal. A Igreja não pode ter um estilo de vida solitário, isolado da sociedade humana em que se integra, alheia a seus problemas e condicionamentos sociais, culturais, políticos. Situa-se e realiza sua missão num espaço social concreto. Não pode haver compaixão sem uma apurada sensibilidade e inserção na sociedade humana. A particularidade sociocultural, que caracteriza a realidade eclesial, não contradiz a universalidade da Igreja. A Igreja se entende como comunhão nas diferentes realidades, realizações históricas e de diversas culturas humanas. A característica da Igreja sempre foi a evangelização, que nasceu do anúncio da palavra e para este fim sempre viveu. A

²⁹³ APPIAH. In: BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zaharr, 2017, p. 114.

evangelização é um desafio diante de uma realidade contemporânea, que modifica rapidamente a maneira de viver, os limites, os valores e a própria fé.

A dimensão libertadora do Evangelho é parte essencial na missão cristã. Essa deve ser visível, dar testemunho e, portanto, atuar na ação concreta da Igreja, inclusive nos ambientes de migração, pois consiste na eliminação de tudo aquilo que possa oprimir o ser humano.

Um processo de evangelização autêntico será aquele capaz de envolver e dialogar com a racionalidade (cabeça), a afetividade (coração) e a operacionalidade (mãos e pés) da pessoa humana. [...] Sem esta harmonia, parece-nos que a autêntica evangelização não pode acontecer, pois a totalidade da pessoa humana não estará contemplada.²⁹⁴

Quando falamos de uma nova evangelização, não queremos falar de uma reevangelização mas de uma atitude e ações novas em seus métodos, expressões e entusiasmos, em que a Igreja é chamada a viver hoje o anúncio do Evangelho. Os novos desafios “obrigam a Igreja a se questionar de modo novo sobre o sentido de suas ações de anúncio e de transmissão de fé” (L3). A evangelização e a experiência eclesial passam, de modo central e contextual, pelo encontro pessoal com Jesus Cristo. Essa experiência salvífica constituiu a finalidade do anúncio salvífico (DAp, n. 289). Nossas Igrejas, em sua ação pastoral, devem refletir o amor e a misericórdia de Deus. Esta é a razão de ser da Igreja, levar a salvação de Jesus Cristo para toda a humanidade. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN, n. 13). As mudanças socioculturais exigem novas iniciativas evangelizadoras.

Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força de seu Espírito. [...] Esta convicção permite-nos manter a alegria do meio de uma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo (EG, n. 12)²⁹⁵.

A nova evangelização consiste em adequar as necessidades contemporâneas, culturais, sociais e seus fenômenos, como é o caso da migração. Segundo Paulo VI o testemunho tem essencial valor na evangelização: “O homem contemporâneo

²⁹⁴ MORAES, A. O. *O Anúncio do Evangelho na Atualidade: uma introdução à Evangelii Gaudium*. In: Amado, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 43.

²⁹⁵ Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma: Vaticano, 2013.

escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”²⁹⁶ (EN 41).

Alguns passos são necessários e pontuais para a evangelização e a experiência eclesial, como: a iniciação cristã, que mostra e ensina que o encontro com Jesus Cristo nos faz mais conscientes dos sacramentos e a pertença a uma comunidade eclesial que nos chama à conversão. As pessoas procuram lugares em que se sintam acolhidas, valorizadas, onde possam conviver e criar vínculos de solidariedade e afetividade. “Todas as comunidades e grupos eclesiais darão fruto na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus o farol de seu caminho”²⁹⁷ (DAp, n. 180).

É preciso fazer, viver e sentir uma Igreja que seja fiel ao Evangelho, que saiba identificar o rosto de Deus nos mais pobres, excluídos e machucados da sociedade contemporânea, como os migrantes. Quando percebemos as diversas mudanças sociais precisamos refletir na ação evangelizadora através de duas palavras chaves: identidade e missão. Trata-se de uma cristologia de saída, da gratuidade, do encontro, da alteridade e da missão. Um encontro com Jesus Cristo na *Kénosis*, onde o diálogo, o testemunho e o encontro com o outro aconteça independentemente do retorno e feito com gratuidade e amor.

A fé cristã não sobrevive mais nas atuais circunstâncias se não for assumida com uma convicção pessoal e livre. A fé se dá no caminho da experiência pessoal com Deus, realizada na comunidade eclesial. Segundo Pié-Ninot²⁹⁸ o Vaticano II faz a passagem de uma eclesiologia jurídica para uma eclesiologia sacramental de comunhão. Este horizonte nos permite ter consciência de comunhão de vida com Deus, através da humanidade de Cristo e nos aproxima da unidade da Trindade pelo Espírito Santo. Igreja caminhante rumo à plenitude da história.

Os sacramentos são a forma que Deus assume para aproximar-se da pessoa com sua graça, sendo a Igreja instrumento e sinal da manifestação histórica e do mistério de Deus, de que Cristo é o sacramento originário. Portanto, sacramento de Cristo; sacramento da unidade e sacramento universal – “sacramento de

²⁹⁶ Paulo VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Roma: Vaticano, 1975, n. 41.

²⁹⁷ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 180. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

²⁹⁸ PIÉ-NINOT, S. *Introdução à eclesiologia*. São Paulo, Loyola, 1998.

unidade do mundo e da humanidade”²⁹⁹. A Igreja é, em primeira instância, um sinal que se expressa de forma relacional entre a comunidade (povo de Deus) e o seu mistério de comunhão que se dá em uma comunidade contextualizada e transmite o mistério num determinado espaço geográfico e num determinado tempo histórico.

É quando o ser humano, como pessoa, em meio a uma comunidade, se engaja na edificação de uma sociedade justa e solidária que ele próprio se constrói e se realiza, se torna continuador da obra redentora de Jesus Cristo e arauto do Reino de Deus no mundo³⁰⁰.

A experiência pessoal do amor de Deus é a maior descoberta que o ser humano pode realizar. Na dimensão da comunidade, a experiência pessoal de amor dá lugar à fraternidade. Assim, a comunidade eclesial sempre apresenta uma dimensão de amor e de fé, que liga e enriquece seus membros. Uma visão dualista, que não contemple a integridade completa do ser humano, empobrece e fragmenta a vida, levando ao anonimato e ao isolamento egoísta.

A Igreja é o Povo de Deus presente na história do mundo. Sua ação evangelizadora fortalece a comunidade humana e convida novos agentes pastorais e leigos a se juntarem a Ela para, sem triunfalismos, mas de maneira simples e de comunhão com a realidade concreta, serem protagonistas das transformações e mudanças necessárias do Reino de Deus, com total atenção aos sinais dos tempos. A Antropologia Cristã entende que falar sobre Deus implica falar sobre o ser humano, isto pelo mistério da encarnação. E esse Deus que se faz história em Jesus Cristo abre-se como decisão e resposta para toda vocação humana.

O mistério pascal é algo que vale não somente para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça, opera de modo invisível [...]. Em consequência, devemos crer que o Espírito Santo, de uma forma que só Deus conhece, oferece a todos a possibilidade de se associarem a este mistério pascal³⁰¹ (GS, n. 22).

Por fim, a história da salvação e a história humana se fundem numa única história. A identidade de Deus configurada na solidariedade nos permite compreender o ser humano e a própria Igreja, Povo de Deus peregrino, como sinal de unidade e comunhão em meio à história humana, também divina e pecadora.

²⁹⁹ WITTE, J. L. *A Igreja sacramentum unitatis do cosmo e do gênero humana*. In: BARAÚNA, G. (O.F.M.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965, p. 526-556.

³⁰⁰ BRIGHENTI, A. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2006, p. 153.

³⁰¹ Paulo VI. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo atual*. Roma: Vaticano, 1965, n. 22.

O Concílio Vaticano II indica a solidariedade como elemento importante e presente na sensibilidade dos povos. “A centralidade da pessoa no ministério de Jesus, bem como na obra da criação, faz do ser humano o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pastoral”³⁰².

A pessoa também é influenciada pelo meio em que vive. O processo de identificação dos indivíduos é fundamental para a construção da comunidade. Na comunidade eclesial, a identidade na fé, na esperança e na caridade constitui-se o selo de identificação dos seus membros. Todos os povos se identificam culturalmente, o modo de ser, de sentir e de estar no mundo. A Igreja é esta comunidade que acolhe e ajuda na construção do pertencimento e na construção de uma sociedade mais justa e solidária. É na unidade que o povo faz história e todos são chamados a pertencer ao Povo de Deus. Um povo que dialoga numa atitude ecumênica.

O Evangelho não pertence a nenhuma cultura, mas está presente em todas. É preciso ter uma visão pastoral, atenta e atual. Uma Igreja missionária em sua ação pastoral, anunciadora da Boa Nova de Jesus Cristo para suscitar a solidariedade em todos os povos e culturas, dando sentido à vida, nas inquietações humanas e perguntas fundamentais da existência humana.

Esta unidade em Cristo faz de todo batizado cidadãos do Reino e, portanto, participantes e comprometidos a viverem em comunhão na missão universal. Surgem, assim, novas ações pastorais na Igreja, formas de participação, novos serviços e ministérios, dando continuidade e valor à missão dos leigos. Isso foi de tal importância que o fenômeno da secularização, entendido como emancipação do ser humano frente à essência religiosa, fez a Igreja repensar sua estrutura eclesiológica.

Dessa forma, ressalta-se que a Igreja é uma comunhão e uma fraternidade de pessoas; nela está presente um princípio pessoal e um princípio de unidade comunitária e quem os harmoniza é o Espírito Santo. A sua grande riqueza são as pessoas, sendo que cada pessoa é um princípio original e autônomo de sensibilidade, de experiência, de relações, de iniciativas³⁰³.

³⁰² BRIGHENTI, A. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2006, p. 156.

³⁰³ CONGAR, Y. *Creio no Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2005. Edição original francesa, 1980.

Na própria natureza de Igreja surgem notas e propriedades como: unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade. A unidade é uma compreensão e uma extensão da própria unidade de Deus. O princípio da unidade é o Espírito Santo que opera na Igreja para que ela seja fiel ao projeto de Deus em Cristo. Pela Catolicidade, a Igreja é una, porque é corpo de Cristo; é santa, porque é de Cristo e é católica, porque, por Cristo, uma vida capaz de reunir por meio dela e nela todas as coisas que estão no céu e na terra lhe é prometida. Na apostolicidade, a Igreja é unida por meio da doutrina e da tradição ministerial e pastoral, sendo a Igreja dos apóstolos e, como os apóstolos, conduz a Cristo.

Os três atos básicos da Igreja: Martyria – pregação e testemunho; leiturgia – culto divino, sacramentos e oração; diakonia – serviço, amor e comunhão fraterna. Jesus é o fundamento da Igreja. Assim, pode-se resumir a Igreja como comunhão, pois dá testemunho da comunhão trinitária de Deus; Povo de Deus, a universalidade do significado salvífico pela comunidade; corpo de Cristo, enquanto templo do Espírito Santo. A Igreja é a comunidade escatológica da salvação, marcada pela liberdade, de abertura pelos dons que testemunha em meio a história, a atuação criadora do Espírito de Deus; sacramento de salvação, identidade embrionária e sinalizadora do Reino de Deus; sinal de Deus, sinal da salvação de Deus no mundo; Igreja missionária, que serve o mundo como sinal e testemunho da verdade, como imagem de Cristo.

3.6 Justiça Social no Âmbito Migratório

A Igreja está a serviço da vida que é o Reino de Deus, Reino que exige acolhida aos migrantes, carrega esperança baseada na solidariedade de Deus e referência ética nos Direitos Fundamentais. É também a Igreja o lugar do diálogo, é o espaço onde em comunidade o Espírito de Jesus reúne diferentes culturas para celebrar a dignidade do outro, sem obstáculos e atitudes alienantes e individualistas.

O ser humano é sempre chamado, por vocação, em cada tempo e lugar, a recriar espaços de solidariedade e caminhos de defesa da vida. A missão é um serviço a vida e Deus é o princípio da vida. Dentro da história, o Projeto de Deus se constrói mediante a cultura de cada povo e da ação eficaz do Espírito Santo. A identidade cristã é sempre uma identidade de relação e de comunhão com o outro.

Acolhida e diálogo são condições indispensáveis para a ação evangelizadora e eficaz no primeiro anúncio.

A dinâmica da inculturação é essencialmente hermenêutica, pois desse “diálogo” do encontro de cada cristão com uma nova cultura (ou com uma pessoa ou comunidade portadora de uma nova cultura, como ocorre com as migrações) nasce novas potencialidades, quer para o Evangelho, quer para a própria cultura. Em consequência, a fé deve [...] promover a diversidade como única forma humana condizente à unidade³⁰⁴.

Nos ambientes migratórios, a Igreja se coloca como interlocutora e espaço comunitário de Salvação. Esse talvez seja o grande desafio missionário para a Igreja, empenhar-se na Nova Evangelização, sendo capaz de acolher e promover no migrante a sua integração social e eclesial. Nesse aspecto, é a eclesiologia que, de maneira singular, nos dá uma reflexão Teológico-Pastoral nos processos migratórios, quando a Igreja é vista como: Povo de Deus a caminho; uma casa de todos; e acolhedora do estrangeiro. Isso nos ajuda a não afastar as comunidades de migrantes da comunidade de fé já existente dos lugares de origem.

A Igreja tem seu foco e sua reflexão teológica construída sobre a evangelização das respectivas culturas, sua tarefa missionária é de acolher os que já receberam a fé cristã e conhecem a Jesus Cristo e, por outro lado, ajudar a manter viva a fé nos lugares de chegada dos migrantes.

Nossa receptividade, frente à Revelação, sofre influência da cultura, mas do que da clareza filosófica. Raramente vivemos de ideias ou de ideologias, antes, de imagens vivas, a nós comunicadas por nossos mundos circunstantes. Portanto, o universo cultural é de importância determinante para compreender as fortes mudanças que ocorrem no compromisso religioso no momento atual³⁰⁵.

Em uma sociedade dilacerada por tanta violência, as religiões podem e devem oferecer espaços de paz, construir junto aos seus fiéis uma cultura de fraterno convívio, pois assim são entendidas as religiões - um instrumento que fala de paz aos corações. O pluralismo religioso é mais uma confirmação prática da original exigência humana de relacionar-se com o divino.

Berger³⁰⁶, estudioso do fenômeno religioso, entre outras coisas afirma que o ser humano, diferente dos demais animais, necessita ter um ‘sentido para viver’, uma ‘orientação’, uma norma de vida – *nomos*. A religião com suas normas,

³⁰⁴ SANTERINI, M. II diálogo interculturale oggi nella Chiesa, in “Humanitas” (51) 1, 1996. In: LUSSI, C. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 71.

³⁰⁵ GALLAGHER, M. P., *Fede e cultura*. Uma relação crucial. In: *Ibid.*, p. 70.

³⁰⁶ BERGER, P. *Rumor de ángeles: la sociedad moderna y el descubrimiento de lo sobrenatural*. Barcelona: Herder, 1975.

princípios, ritos é de grande ajuda para a pessoa não cair no ‘vazio existencial’.

Sublinha Marinucci:

A única ordem, o único *nomos* está na consciência de que toda a ordem histórica é efêmera, provisória e, portanto, não pode ser absolutizada; a única certeza é que não temos pátria nesta terra, que somos estrangeiros. A única pátria é a alteridade divina³⁰⁷.

Enfim, a partir dessas informações, pode-se levantar como hipótese que a migração, ao provocar o abandono dos referenciais identitários da terra de origem, acaba incentivando uma experiência de transformação e reformulação do universo simbólico da pessoa. Isto não significa, contudo, que todo migrante muda de religião, mas que todos eles se encontram numa situação de maior predisposição à mudança.

Nos cenários de êxodo migratório emergem múltiplas tarefas para a Pastoral do Migrante. Ela é profética, que luta pela justiça maior, denuncia a gênese das estruturas de desigualdade, denuncia os privilégios e os privilegiados em cada país e propõe um novo modelo civilizatório. Nesse modelo, a dignidade humana precede questões da sustentabilidade econômica e do legalismo da região ou do país anfitrião. Solidariedade e hospitalidade são desdobramentos da pastoral profética.

Falar de pastoral é falar da presença e ação da Igreja no mundo, da vida de Deus entre nós. É preciso ter presente duas realidades: por um lado, a doutrina eterna e imutável da Igreja, o Evangelho de Jesus Cristo que deve ser fiel a essa realidade. Por outro lado, deve ter presente o mundo concreto, a realidade dos homens que mudam e lutam e que têm suas próprias formas de serem e de se expressarem. Assim afirma Bauman: “Hospitalidade significa o direito que tem um estrangeiro de não ser tratado de forma hostil pelo fato de estar em território alheio”³⁰⁸.

O Concílio Vaticano II orientou e pediu a Igreja que dê passos firmes nos caminhos ecumênicos, fortalecendo o compromisso com a unidade dos cristãos e todo o gênero humano. Consolidou e ampliou os espaços e tempos humanos para inspirar, à luz do Evangelho, novas ações de justiça e de paz no desenvolvimento humano, no caminho da ética, do cuidado ambiental e no desenvolvimento

³⁰⁷ MARINUCCI, R. *Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana: REMHU, vol. 15, n. 28, 2007, p.102.

³⁰⁸ BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zaharr, 2017, p. 73.

integral da pessoa humana. Pela presença, o serviço passa a dialogar com toda a humanidade para, juntos, responder aos desafios de fraternidade e solidariedade, com sólidas bases na justiça. A reflexão conciliar chamou a atenção para a responsabilidade da Igreja diante de cada pessoa e de todo o universo, categorias interpretativas como historicidade, diálogo, dignidade humana e sinais dos tempos tornaram-se nucleares em suas ações pastorais e missionárias.

A celebração do Concílio Vaticano II torna-se, em ato, um evento ecumênico e de diálogo inter-religioso, pois conta com a presença de observadores não católicos que colaboram com questões e observações. Falar e ver o ecumenismo na Igreja Católica implica refletir sobre autoconsciência da própria Igreja a partir do Vaticano II. Primeiro, porque o Vaticano II propôs uma renovação em sua teologia, estruturas e pastorais; segundo porque nessa renovação o ecumenismo, seja como causa ou como consequência, tem centralidade em sua renovação.

O mundo cristão é caracterizado por um universo de comunidades que afirmam a legitimidade da fé cristã a partir de seus próprios horizontes e vivência, o que configura o atual pluralismo eclesial. Abrir caminhos de encontros, diálogo e cooperação intereclesial é uma das forças e pilares no Concílio Vaticano II. “É significativo o fato de que o anúncio do Concílio aconteceu no final de semana de oração pela unidade dos cristãos”³⁰⁹.

O ecumenismo é compreendido como o caminho mais coerente nesse processo de aproximação. Uma das expressões conciliares mais marcante e direta é o decreto *Unitatis Redintegratio*, estabelecendo bases doutrinárias e orientações pastorais para o ecumenismo da Igreja Católica. O Concílio Vaticano II favorece e convida a quatro atitudes: o ecumenismo como atitude, o diálogo teológico, a cooperação prática e o ecumenismo espiritual. “Aquilo que une é mais forte do que o que o divide”³¹⁰ (UUS, n. 20).

A Igreja é formada por uma nova compreensão do pluralismo eclesial, mostrando uma nova eclesiologia, eminentemente ecumênica. Uma Igreja sempre mais renovada, relacional e dialógica. Uma prática eclesial e ecumênica, uma visão como princípio de vida radicada na vivência comunitária da fé. Desde a

³⁰⁹ ALBERIGO, G. (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 394.

³¹⁰ Papa João Paulo II. *Carta encíclica Ut Unum Sint*. Roma: Vaticano, 1995, n. 20.

Unitatis Redintegratio em 1964 até nossos dias, o magistério, a teologia, a pastoral e a reflexão ecumênica têm construído uma luminosa teologia da unidade.

No mundo contemporâneo, há um aumento na tensão inter-religiosa, incluindo violência e perda de vidas humanas. Fatores políticos, econômicos, religiosos e culturais entre outros, são as causas, em algumas situações, de desumanização, acontece, muitas vezes, com os migrantes. Todos os cristãos estão envolvidos nesses conflitos, de forma voluntária ou involuntária, seja como perseguidos, seja como participantes em atos de violência ou como expectadores de uma realidade.

O Concílio Vaticano II nos convida a superar os obstáculos na busca da unidade cristã e a intensificar os esforços ecumênicos na Igreja Universal e Local. Dessa forma, o diálogo entre as lideranças eclesiais e os organismos ecumênicos, entre o caminho teológico doutrinário e o pastoral, entre a busca da unidade na fé e os esforços pela promoção humana, vêm fortalecendo o compromisso com a unidade de todo gênero humano e são as novas formas de se relacionar e partilhar. Para tanto, é preciso abertura e sensibilidade.

A Unidade da fé construída no diálogo com *sensus fidei* proporciona uma Igreja que se apresenta como servidora através do diálogo na construção de um mundo fraterno e solidário, com sólidas bases na justiça. Na dimensão do diálogo encontramos o eixo por onde passa todo o Concílio do Vaticano II. Diálogo que deve permear a responsabilidade do cristão chamado a viver como pessoa entre as pessoas, como cristão entre os cristãos. O diálogo deve ser a porta pela qual toda atividade apostólica da Igreja se relaciona com o mundo. Qualquer proposta de unidade da Igreja leva em conta três elementos: a dimensão sacramental, a comunhão e o próprio sentido de unidade que não é unívoco, mas inter-eclesial, inter-religioso e social.

A unidade dos cristãos não é algo externo à Igreja, nem apenas um programa de ação, mas decorre do ser mesmo da Igreja enquanto comunhão (*communio/koinonia*). ‘Que todos sejam um’ é princípio evangélico basilar ‘para que o mundo creia’ (Jo 17, 21-23)³¹¹.

A Igreja exorta os fiéis à unidade e reconhece que a divisão contradiz a vontade de Cristo, torna-se escândalo para o mundo e dificulta a pregação do

³¹¹ ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida – SP: Santuário, 2013, p. 282.

Evangelho e afirma: “não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior”³¹² (UR, n. 7). “O caminho ecumênico continua certamente fatigante, e talvez longo, mas anima-nos a esperança de sermos guiados pela presença do Ressuscitado e pela força inexaurível de seu Espírito, capaz de surpresas sempre novas”³¹³ (DAP, n. 12). “Este caminho para a unidade visível necessária e suficiente, na comunhão da única Igreja querida por Cristo, exige ainda um trabalho paciente e corajoso”³¹⁴ (UUS, n. 78). Com a *Unitatis Redintegratio II* desenvolve-se uma eficaz teologia da unidade. O diálogo traz novas ações e perspectivas a serviço da unidade. A Igreja vai oferecendo respostas, sem esquecer a dimensão pneumatológica e seu próprio carisma em oferecer caminhos comuns e diálogos frutuosos para a verdade. Além do ecumenismo, que se refere ao diálogo com as Igrejas cristãs, a Igreja Católica promove em todo o mundo o diálogo inter-religioso, afirmando que “nada rejeita do que há de verdade e santo nessas religiões”³¹⁵.

As religiões participam daquele ‘diálogo salvífico’ aberto pelo Criador a todos os povos, cuja palavra definitiva é o próprio Cristo, Verbo de Deus. Desta apreciação emergem o discernimento sobre o lugar das religiões no plano da salvação e as disposições teológicas para o diálogo inter-religioso³¹⁶.

Por fim, a declaração *Nostra Aetate* afirma que todos os povos se incluem num único plano de Salvação. O diálogo e o anúncio são elementos constitutivos da mesma missão. A missão teológica internacional acredita que:

Quando os não cristãos, justificados mediante a graça de Deus, são associados ao mistério pascal de Jesus Cristo, são também associados ao mistério de seu Corpo, que é a Igreja. O mistério da Igreja em Cristo é uma realidade dinâmica no Espírito Santo: ainda que falte a esta união espiritual a expressão visível da pertença à Igreja, os não cristãos justificados estão incluídos na Igreja ‘corpo místico de Cristo’ e ‘comunidade espiritual’ (LG 8) [...]. Por isso, pode-se falar não só em geral de um *tender* dos não cristãos justificados à Igreja, mas também de uma *vinculação* deles com o mistério de Cristo e de seu corpo, a Igreja³¹⁷.

Os migrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser uma nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e

³¹² Paulo VI. *Decreto Unitatis Redintegratio*: sobre o Ecumenismo. Vaticano, 1964, n. 7.

³¹³ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: *Aparecida, 13-31 de Maio de 2007*. Documento Final, nº 12. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11.02.2015.

³¹⁴ João Paulo II. *Carta encíclica Ut Unum Sint*. Roma: Vaticano, 1995, n. 78.

³¹⁵ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Texto base da Campanha da Fraternidade de 2015, n. 78-79.

³¹⁶ ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida – SP: Santuário, 2013, p. 528.

³¹⁷ *Ibid.*, p. 551.

missionários que trouxeram a fé cristã a nossa América. Cremos que “a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como um problema, mas também e sobretudo, como um grande recurso para o caminho da humanidade” (Dap., 238)³¹⁸.

Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a se fazerem discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer uma valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem.

Como lembra a *Instrução Erga Migrantes Caritas Christi*, “não basta a tolerância ou a justaposição mais ou menos pacífica de pessoas, grupos e povos diferentes”³¹⁹. Mais do que admitir, suportar e tolerar a presença do outro, do estrangeiro e do diferente, requer capacidade de escuta, compreensão e abertura. Tudo isso abre o caminho para o encontro e o diálogo, dando valores a cada tradição cultural.

Somos convidados a ir além de uma simples admiração ou de uma integração meramente folclórica diante dos costumes e tradições diferentes. De fato, como lembra a Doutrina Social da Igreja, que no coração de cada pessoa humana e no coração de cada cultura existem sementes do Verbo Encarnado. Se é verdade que os migrantes seguem sendo vítimas da pobreza, da violência, dos conflitos armados, do tráfico e da exploração. Também é certo que, em seus encontros e reencontros, eles contribuem para o enriquecimento do patrimônio cultural, num processo contínuo de depuração e purificação da própria identidade.

Quantos migrantes sofrem algum tipo de violência, de abandono e de exploração, medo, solidão, rejeição e discriminação? Quantos são vítimas de exploração, violência sexual, tráfico, abuso de autoridades, de policiais e de funcionários corruptos? Quantos adoecem por excesso de trabalho? Quantos estão presos? Quantos jovens são vítimas das drogas e da violência? Quantos acabam como refugiados e desprovidos das condições básicas para viver? Quantos migrantes são explorados e escravizados no agronegócio, nas grandes obras,

³¹⁸ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: *Aparecida, 13-31 de Maio de 2007*. Documento Final, nº 238. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11.02.2015.

³¹⁹ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes. *Instrução Erga Migrantes Caritas Christi*. Roma: Vaticano, 2004.

empresas e megaeventos? Quanta dor e sofrimento carregam os retornados e deportados devido às fronteiras militarizadas e a falta de documentação? E os que se encontram deprimidos, com dificuldade de reintegração social em seus lugares de origem? Quantas famílias se dividem e se desestruturam por falta de apoio?

Essa situação precária de tantos migrantes, que deveria provocar a solidariedade de todos, causa, ao contrário, temores e o medo de muitos, que os olham como um peso, ou como suspeitos e os consideram uma ameaça, com manifestações de intolerância, de xenofobia e de racismo³²⁰ (DAP, n. 377).

Mas há um gesto iluminador que pode nos orientar como pastoral, Igreja e sociedade. Trata-se do encontro que o Papa Francisco teve com os migrantes e refugiados em Lampedusa – Itália:

Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, pela crueldade que reina no mundo, em nós, e naqueles que tomam decisões sócio econômicas, que abrem estradas para dramas como estes. Peçamos perdão pela indiferença com tantos irmãos e irmãs; pelos acomodados, fechados em seus corações anestesiados; perdão por aqueles que, por causa das suas decisões, em nível mundial, criaram situações que se concluem com estes dramas³²¹.

Nesse sentido, há que se reconhecer os migrantes como protagonistas da história. A despeito das violências sofridas, eles representam um caminho novo para a humanidade e nos chamam à convivência intercultural; animam-nos a derrubar as barreiras do etnocentrismo e a construir a utopia da vida social justa e harmoniosa. Quanta riqueza os migrantes levam aos países e às comunidades com as suas culturas, arte e criatividade, linguagens, devoções, resistências e fé. A migração é como terra fértil para brotar o diálogo e a acolhida.

Mas entre pessoas, povos e nações diferentes, não bastam a tolerância e a coexistência pacífica. Não basta o lado quantitativo ou exterior do pluralismo, seja este de caráter religioso ou cultural, seja de natureza política ou ideológica. Não basta cruzar quase que diariamente – na rua e no trabalho, na televisão ou na Internet – com os “mil rostos do outro”. Não basta a letra morta da Declaração Universal dos Direitos Humanos. É preciso um passo adiante.

O espírito da Declaração exige um salto qualitativo no relacionamento com o outro, com o diferente. Requer escuta e atenção, empatia e compreensão,

³²⁰ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: *Aparecida, 13-31 de Maio de 2007*. Documento Final, nº 377. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

³²¹ Francisco. *Papa em Lampedusa: apelo à solidariedade e à acolhida*. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/storico/2013/07/08/papa_em_lampedusa_apelo_%C3%A0_solidariedade_e_%C3%A0_acolhida/bra-708578. Acaesado em: 09.08.2013.

aceitação e diálogo. Nisto encontra-se a chave do verdadeiro encontro. O segredo desse encontro é que os valores de cada pessoa ou cultura, apesar de diferentes (ou precisamente por isso) se enriquecem reciprocamente. Ao dialogarem entre si, tendem a crescer, a se purificar e a se depurar um no outro. No debate aberto, sincero e corajoso, incorporam novas ideias e filtram impurezas acumuladas. Se é no confronto que se constrói a própria identidade, esta aperfeiçoa sua imagem (faz, desfaz e a refaz) diante do espelho que é a face do outro. No dizer de Buber³²² o encontro só é possível entre diferentes.

De fato, enquanto o multiculturalismo pressupõe a coexistência mais ou menos pacífica entre pessoas e povos, costumes e culturas diversas, o *interculturalismo* passa, necessariamente, pelo diálogo e pelo confronto, onde ambas as partes saem mutuamente questionadas e enriquecidas. No primeiro caso, as diferenças se justapõem, convivem lado a lado, toleram-se uma à outra, numa espécie de mistura, mas não mudam absolutamente nada da sua visão de mundo e de seu comportamento. No segundo caso, ao contrário, as diferenças se entrelaçam e se interpelam, uma buscando contemporaneamente aprender e enriquecer a outra. Aqui cada momento de diálogo muda, transforma, faz crescer. Não se trata de mera justaposição, mas de encontro de culturas, onde cada uma se abre aos valores da outra.

O espírito mais profundo da cultura dos Direitos Humanos assenta-se sobre a sabedoria e a grandeza de Humanos Direitos. Estes, numa *conditio sine qua non*, preparam o campo para a conquista, o respeito e a garantia à dignidade de cada pessoa, a qual, por sua vez, constitui o fio condutor da Doutrina Social da Igreja. Se, por um lado, os direitos humanos requerem a existência de humanos direitos, por outro, estes só podem proliferar num ambiente livre, aberto e solidário com todas as pessoas, povos e culturas. Direitos humanos e humanos direitos são duas faces da mesma moeda³²³.

O trigo encontra-se na abertura dialógica entre as pessoas, dando início a uma espécie de movimento espiral de compreensão e respeito, o qual, a partir de

³²² Martin Buber (1878-1965) nasceu em Viena. Teólogo, filósofo e escritor; desenvolveu sua “filosofia dialógica” descrita em uma obra que alia filosofia e teologia. Grande divulgador do Hassidismo e do Judaísmo. Ficou mais conhecido por seu livro *Ich und Du* (Eu e Tu, São Paulo: Centauro). Buber é considerado alicerce e suporte filosófico para numerosas práticas clínicas e referências obrigatórias quando o tema é “diálogo”.

³²³ GONÇALVES, A. J. (Pe). *Direitos Humanos e Humanos Direitos*. Disponível em: <http://www.oarcanzo.net/site/index.php/reflexao/direitos-humanos-e-humanos-direitos>. Acessado em: 08.03.2014.

um encontro eu-tu como ponto central, expande-se em todas as direções e a todas as relações humanas. No centro, no coração, está a pessoa capaz de abrir-se e de escutar, de dar e receber, de ensinar e aprender. É nesse caminho de mão dupla que se levanta o edifício dos Direitos Humanos, independentemente de sexo, cor, raça, língua, credo, nação, bandeira, ideologia, costumes, culturas.

A Boa Nova do Evangelho pressupõe e ao mesmo tempo engendra mulheres e homens novos. Instala-se uma dinâmica espiral entre a conversão pessoal e as transformações de ordem social, econômica, política e cultural. Por uma parte, mulheres e homens convertidos abrem o caminho para a Boa Notícia, por outra, a evangelização alarga as oportunidades para novas conversões. Os dois aspectos são indissociáveis, fazem parte de um único processo evangelizador.

Não existe fórmula para um relacionamento sadio e reciprocamente enriquecedor com o “*outro, estranho e diferente*”. Não existe receita para um verdadeiro contato com quem vem de outro país, fala outra língua, professa outro credo, desfralda outra bandeira e se rege por outras referências culturais. Não existe cartilha para a acolhida ao imigrante, estrangeiro, exilado, prófugo, refugiado. O estabelecimento e o cultivo de novos laços e relações humanas, neste e em outros casos, não seguem a lógica matemática dos conceitos racionais, mas o intrincado labirinto dos afetos, sensações e sentimentos.

A dignidade do ser humano não é quantificável, não diminui ou aumenta em decorrência de fatores externos ou internos. Independentemente de seu *status* ou utilidade social e, até mesmo, de sua moralidade, o ser humano é portador de uma dignidade inalienável e única. Não há pessoas com mais “dignidade humana” que outras. Daqui decorre também a unicidade de cada ser humano que não pode ser trocado ou substituído por outro da “mesma dignidade”. Cada ser humano é único e insubstituível, pois não é uma coisa, um objeto. Nas últimas diretrizes da Ação Evangelizadora, a CNBB enfatiza que o respeito à dignidade humana exige “tratar o ser humano como fim e não como meio, respeitando-o em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade”³²⁴.

Em termos mais concretos, qualquer opinião, argumentação ou postura político-ideológica, bem como qualquer religião, deve ter sim seus fundamentos, sua identidade, sua forma étnica e ética. De acordo com uma intuição de Hans

³²⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2015-2019), n. 107.

Kung³²⁵, em sua clássica trilogia sobre *Hebraísmo, Cristianismo e Islam*, o fundamento não se confunde com o fanatismo cego e surdo, que, guiado por princípios rígidos e ossificados a ponto de tornar-se a-histórico, devasta tudo e todos. Identidade não se confunde com o nacionalismo exclusivista, preconceituoso, xenófobo e discriminatório, que faz do outro/diferente um inimigo a ser eliminado com todas as forças.

A ética, que nos orienta no comportamento diário, não se confunde com o moralismo petrificado no tempo e no espaço, o qual não tem lugar. Fundamento, identidade e ética não podem constituir-se em dogmas cerrados sobre si mesmos. Ao contrário, devem permanecer abertos a um aprendizado contínuo, de acordo com as circunstâncias e os desafios que cotidianamente nos batem à porta.

A sociedade líquida³²⁶ não é sinônimo de ausência de critérios ou princípios, e sim adaptação racional e consciente destes à realidade que nos cerca e que se encontra em constante mudança. Vale aqui o pensamento de Scalabrini, chamado pai e apóstolo dos migrantes: a história muda, avança, corre com velocidade cada vez maior, e nós não podemos ficar para trás. Por isso, dizia ele, “há novos desafios, novos métodos”³²⁷.

A autêntica justiça social quando se mantém aberta ao diálogo, instala uma circularidade de crescimento recíproco com as interrogações levantadas pela história em movimento. Ao mesmo tempo, ilumina seus projetos e acontecimentos.

O Papa Francisco levanta o “grito pela paz”, convidando a todos a baixarem as armas e a buscar uma via de diálogo e diplomacia. “Guerra chama guerra, violência chama violência”³²⁸. E acrescenta: “Existe o juízo de Deus e também o juízo da história sobre as nossas ações, e a estes ninguém pode se subtrair!”³²⁹. E afirma:

Repito em alta voz: não é a cultura do atrito, a cultura do conflito que constrói a convivência nos povos e entre os povos, mas a cultura do encontro, a cultura do

³²⁵ Teólogo suíço, filósofo e professor de teologia. Estudou teologia e filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi ordenado sacerdote em 1954.

³²⁶ BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

³²⁷ GONÇALVES, A. J. (Pe). *Fundamento e Fundamentalismo*. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=77810. Acessado em: 27.07.2014.

³²⁸ Francisco. *Guerra chama a guerra! A humanidade grita pela paz*. (01.09.2013). Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/guerra-chama-guerra-a-humanidade-grita-pela-paz-pa>. Acessado em: 03.01.2015.

³²⁹ Ibid.

diálogo: esta é a única via para a paz. Que o grito de paz se eleve e chegue aos corações de todos, para que deponham as armas e se deixem guiar pelo anseio de paz³³⁰.

O Papa Francisco, na Audiência da Plenária do Pontifício Conselho da Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, declarou que exploradores e clientes em todos os níveis deveriam fazer um sério exame de consciência, diante de si mesmos e diante de Deus. Ao mesmo tempo, renova o forte apelo da Igreja para que sejam sempre protegidas a dignidade e a centralidade de toda pessoa, no respeito dos direitos fundamentais³³¹.

O Documento do Dicastério chama a atenção sobre milhões de refugiados, emigrados e apátridas, tocando também a chaga do tráfico de seres humanos, que sempre cada vez mais envolvem crianças, nas piores formas de exploração e recrutados até mesmo nos conflitos armados.

Portanto, Francisco incentiva o Pontifício Conselho a continuar no caminho do serviço aos irmãos mais pobres e marginalizados, recordando as palavras de Paulo VI no encerramento do Concílio Vaticano II: "Para a Igreja Católica ninguém é um estranho, ninguém é excluído, ninguém está longe"³³².

O Papa conclui: "Estimados amigos, não vos esqueçais da carne de Cristo que está na carne dos refugiados: a carne deles é a carne de Cristo "³³³. Em virtude disso, torna-se urgente a responsabilidade do Dicastério de orientar toda a Igreja, comprometida no campo das migrações, para novas formas de corresponsabilidade, a fim de promover respostas concretas de proximidade e de acompanhamento das pessoas, levando em conta as diversas situações locais³³⁴.

3.7 Conclusão

A reflexão teológica que fizemos sobre as migrações à luz da Igreja não teve a pretensão de esgotar a temática ou trazer todas as soluções no âmbito das

³³⁰ Francisco. *Guerra chama a guerra!* A humanidade grita pela paz. (01.09.2013).

³³¹ Id. *Discurso do Papa Francisco à Plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes*. Roma: Vaticano, 2013.

³³² Paulo VI. *Homilia do Papa Paulo VI na Clausura do Concílio Vaticano II: Solidariedade da Imaculada Conceição*. Roma: Vaticano: 1965.

³³³ Ibid.

³³⁴ Ibid.

migrações. Além disso, no 3º e 4º capítulos desse estudo, muitas considerações ainda serão apresentadas e analisadas.

Em primeiro lugar, é preciso notar que a ação teológica-pastoral se encontra diante de uma realidade flexível e mutante, o fenômeno migratório. Assim, o evangelizador necessita estar em constante diálogo com a realidade complexa e em transformação, nesse sentido, buscar refletir sobre os possíveis caminhos para a ação evangelizadora diante do múltiplo, do movimento, da diferença e da individualização. Em segundo lugar, a fé só pode ser significada se for vivenciada no horizonte da cultura. Ela se concretiza em pessoas e povos, portanto, temos ainda muito que caminhar para superar as relações entre fé e cultura.

A resposta consiste em identificar e dar conteúdo ao que Jesus Cristo significa nesses tempos de modernidade. Em Jesus Cristo a ação pastoral se remete a alteridade, na comunhão com o outro, com o diferente, com o migrante e com o pobre.

O outro e o diferente sempre nos assustam e, quando não conhecemos o outro, como no caso da imigração, várias realidades surgem. São exatamente nessas realidades que deve surgir a força da comunidade (comunhão) e do testemunho, sempre voltado aos mais necessitados e pobres em defesa da vida. No momento contemporâneo de migração é preciso ouvir a voz da Igreja, a voz do Papa, que nos chama à misericórdia e ouvir como forma de ir ao encontro do migrante.

A Igreja como Povo de Deus atua referência para dar respostas a fenômenos migratórios. Poderíamos dizer que a Igreja deve estar em permanente estado de missão, ser uma casa de acolhida, que oferece a seus filhos a iniciação cristã; um lugar alegre na presença de Cristo ressuscitado; uma Igreja comunhão, que vive e testemunha a comunhão em comunidade; e uma Igreja a serviço da vida plena para todos.

A Igreja 'sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano', acolhe o convite a construir uma civilização do amor e compromete-se a realizá-la quer através das suas estruturas internas quer nas suas iniciativas de serviço e de colaboração ecumênica e inter-religiosa. Oferece um amor desinteressado a todos os refugiados; chama a atenção pública para a sua situação; contribui, com a sua visão ética e religiosa, para recuperar e elevar a dignidade de cada pessoa humana³³⁵.

³³⁵ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes Documento Pontifício. *Os refugiados: um desafio à solidariedade*. Roma: Vaticano, 1981, n. 36.

Temos o compromisso e o dever de construir uma cultura da solidariedade de uma justa ordem econômica, uma cultura da tolerância e uma cultura de fraternidade e de paz. É preciso ver nas realidades migratórias não só um problema, mas, sobretudo, uma grande oportunidade para o caminho da humanidade.

Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se veem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países. As causas são diversas e estão relacionadas com a situação econômica, a violência em suas diversas formas, a pobreza que afeta as pessoas e a falta de oportunidades para a pesquisa e o desenvolvimento profissional. Em muitos casos as consequências são de enorme gravidade em nível pessoal, familiar e cultural. A perda do capital humano de milhões de pessoas, de profissionais qualificados, de pesquisadores e amplos setores da agricultura, vai nos empobrecendo cada vez mais. A exploração do trabalho chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Acontece também um vergonhoso tráfico de pessoas, que inclui a prostituição, inclusive de menores. Merece especial menção a situação dos refugiados, que questiona a capacidade de acolhida da sociedade e das igrejas.³³⁶ (DAp, n. 73).

Em outras palavras, é indispensável formar uma mentalidade e uma espiritualidade a serviço da pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas apropriadas que facilitem o encontro com o migrante.

Dentro do contexto da economia globalizada, a realidade das pessoas que se movem e se desenraizam torna-se cada vez mais intensa, complexa e diversificada. Abrem-se fronteiras para o capital, para as mercadorias, as tecnologias e os serviços. Por outro lado, pessoas em processos migratórios sofrem restrições e violações em seus direitos humanos.

De acordo com o Documento de Aparecida os que se movem pelos caminhos do Êxodo são antes de tudo protagonistas da evangelização³³⁷ e, no coração de cada pessoa e no coração de cada cultura há sementes do Verbo. Palavras como: escuta, acolhida, hospitalidade e enculturação não podem estar de fora da ação pastoral, principalmente, para quem estiver distante de sua família, terra ou pátria. Diante dos “rostos sofridos de Jesus Cristo” somos todos interpelados a uma ação profética na pastoral de nossas Igrejas.

³³⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: *Aparecida, 13-31 de Maio de 2007*. Documento Final, nº 73. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

³³⁷ Ibid.

Por fim, a partir do Evangelho e da Doutrina Social e Pastoral, é necessário avançar no reconhecimento, na defesa e na promoção da vida, dos direitos e da dignidade das pessoas em mobilidade migratória, para que desde seus clamores e sofrimentos despertem para a acolhida, a solidariedade e a paz e viver a missão nas realidades mais vulneráveis da sociedade, como é a realidade dos migrantes, para pormos em prática o desejo do Papa Francisco de ser uma Igreja pobre e para os pobres, acolhedora, e uma Igreja em saída.

4

Os Brasileiros Católicos na Região de Boston: pesquisa de campo

Refletir o fenômeno migratório à luz da fé cristã e da vivência do Evangelho conduz a aprofundar o pensar teológico e a prática pastoral, como também, a própria compreensão do ser humano e do que é Ser Igreja. A migração, como já vimos no primeiro capítulo, não é apenas um fato cultural, socioeconômico ou antropológico, mas um fato profundamente eclesial, que nos interpela para uma ação pastoral de comunhão e missão, caminho este que demonstra que é possível viver a experiência cristã na realidade específica da migração.

A partir dos parâmetros para a compreensão do fenômeno migratório no primeiro capítulo e as dimensões do Ser Igreja e da Evangelização no segundo capítulo, a pesquisa de campo nos ajudou a responder, em função da realidade encontrada, qual o rosto do católico brasileiro em Boston – Massachusetts e como a Igreja Católica tem respondido a esta realidade por meio de sua pastoral e evangelização. Na análise das entrevistas, demos maior relevância ao caráter pastoral e eclesiológico entre a vivência da fé e a realidade cultural dos migrantes, identificando o que permanece e o que muda em relação à Igreja.

A Igreja se vê desafiada diante dos novos movimentos migratórios e compreende que o desenraizamento e a acolhida são sinais da própria experiência salvífica no mundo contemporâneo. Tal característica, constitui-se na própria tradição e natureza da história cristã, porque esse traço de sua natureza está na sua origem desde Abraão, passando pela família de Nazaré e chegando à Igreja Apostólica em seu processo evangelizador. A Igreja, por sua natureza, é peregrina desde seus primórdios até a escatologia da vida humana.

O Papa Francisco volta a nos recordar, em sua mensagem para o dia mundial do migrante e refugiados, que as migrações deixam de ser um fenômeno limitado a algumas áreas do planeta para tocar todos os continentes, assumindo, cada vez mais, as dimensões de um problema mundial dramático e acrescenta que “somos guardiões dos nossos irmãos e irmãs, onde quer que vivam”³³⁸.

³³⁸ Francisco. *Mensagem do Papa para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016: Os emigrantes e refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia*. Roma: Vaticano, 2016.

Lembra-nos que esta realidade migratória modifica aspectos importantes da identidade de quem migra e obriga a mudar também quem os acolhe. Esta acolhida promove valores, no aspecto humano, social e espiritual modificando a relação com Deus, com os outros e com a criação.

Na pesquisa de campo, vemos retratado como a Igreja tem respondido a esse desafio, não somente diante da realidade do migrante por estar no país de modo legal ou ilegal perante a lei, mas, principalmente, como a Igreja tem servido e defendido o direito de cada pessoa com dificuldade para viver dignamente, dando as respostas pastorais e missionárias a partir do Evangelho da Misericórdia.

Na raiz do Evangelho da misericórdia, o encontro e a recepção do outro entrelaçam-se com o encontro e a recepção de Deus: acolher o outro é acolher a Deus em pessoa! Não deixeis que vos roubem a esperança e a alegria de viver que brotam da experiência da misericórdia de Deus, que se manifesta nas pessoas que encontrais ao longo dos vossos caminhos! Confio-vos à Virgem Maria, Mãe dos emigrantes e dos refugiados, e a São José, que viveram a amargura da emigração no Egito. À intercessão deles, confio também aqueles que dedicam energias, tempo e recursos ao cuidado, tanto pastoral como social, das migrações.³³⁹

No decorrer desse capítulo, apresentamos a metodologia adotada para a pesquisa de campo junto aos migrantes brasileiros e católicos na região pesquisada, escolhida por ser uma das regiões de maior presença de brasileiros nesse processo migratório mundial. Na análise das entrevistas, com a aplicação do método escolhido, demos prioridade ao objeto material, que é o atendimento religioso católico a estes migrantes brasileiros e ao objeto formal, que é o seu processo evangelizador com suas características e condições para realiza-lo. Nossa intenção foi verificar se existem mudanças na experiência de Igreja e como a acolhida pode suscitar práticas pastorais e de evangelização que favoreçam a experiência da fé e respondem aos conceitos de Ser Igreja e à sua missão evangelizadora a partir da relação fé e cultura.

Sustentamos que o ser humano ao migrar toca e é tocado pela realidade eclesial que o acolhe. A comunidade que o acolhe pode ser tocada ao gerar condições e relações humanas de fé e de comunhão. Portanto, saindo da terra natal (emigração) e ingressando na realidade sociocultural diferente (imigração) o fenômeno migratório é concretizado. Diante disso, analisamos à luz de

³³⁹ Francisco. *Mensagem do Papa para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016: Os emigrantes e refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia*. Roma: Vaticano, 2016.

determinados parâmetros teológicos, as experiências vividas e relatadas pelas próprias pessoas implicadas nesta realidade.

4.1

Metodologia Utilizada

Toda a pesquisa se inicia com o desejo em saber sobre algo:

fruto de uma dúvida, de uma incerteza em relação ao que se conhece ou algo que é tido como dado, como certo. Ou ainda pode ser incerteza em relação ao vivido no cotidiano, quando a organização posta ou os acertos mantidos começam a não fazer sentido. O germe da interrogação está no desconforto sentido.³⁴⁰

Inicialmente, utilizamos as fontes bibliográficas para embasar o trabalho investigativo. Apoiados em referências teóricas, conseguimos obter um trabalho pautado em cientificidade, que nos auxiliou nos estudos e pesquisa de campo. Além disso, o levantamento de dados estatísticos existentes é essencial para podermos ter uma visão mais concreta dos casos presentes na atualidade. O trabalho de campo permite aproximar o pesquisador da realidade e dos atores da pesquisa conforme afirma Minayo:

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teorias³⁴¹.

O método de pesquisa qualitativo vem sendo cada vez mais utilizado nas últimas décadas, o que, de certa forma, confirma sua cientificidade. Esse tipo de método procura “desvelar” processos sociais que são pouco conhecidos ou pertencem a grupos particulares. Por isso, enquadra-se perfeitamente nesta pesquisa com os migrantes, em que se investigam as possibilidades de imigração e emigração, objetivando proporcionar a construção de novas abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno.

³⁴⁰ BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta*. Revista pesquisa qualitativa. Ano 1, n. 1. São Paulo: SE&PQ, 2005, p.09.

³⁴¹ MINAYO, C. *O Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta*, p. 26. In: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 31ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2012; p. 61 a 79.

De acordo com Minayo³⁴², a pesquisa social pode ser compreendida como mais um modo de investigação que observa e estuda o ser humano em sociedade, enfatizando suas relações e instituições, sua história e sua produção simbólica.

Além disso, a autora destaca que, a partir da Filosofia Compreensiva, é possível apontar para diferentes abordagens metodológicas, como: a Fenomenologia Sociológica, a Etnometodologia, o Interacionismo Simbólico, as Histórias de Vida e os Estudos de Caso³⁴³. Dessa forma, Minayo afirma, referindo-se as diversas formas de abordagens, que não se pode falar em uma ciência geral, mas sim em práticas científicas diferentes.

Minayo³⁴⁴ ainda ressalta que a pesquisa qualitativa se ocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com significados, motivos, crenças, valores e atitudes.

Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.³⁴⁵

Conforme Creswell³⁴⁶ existem várias estratégias que podem ser utilizadas na pesquisa qualitativa, que são: a Etnografia, a Teoria Embasada, os Estudos de Caso, as Pesquisas Fenomenológicas e as Pesquisas Narrativas. Optamos por uma pesquisa qualitativa com uma abordagem fenomenológica. “A escolha do método fenomenológico possibilita uma maior liberdade de estereótipos para toda a ciência”³⁴⁷.

Importante é deixar clara a opção pela pesquisa qualitativa e não a quantitativa. Na verdade esses dois métodos de pesquisa podem, às vezes, se complementar. A diferença está na abordagem de cada método, no objetivo e na amostra. A pesquisa quantitativa, no caso específico da migração, carece de dados precisos e o rigor das ferramentas estatísticas, além de retirar em parte a liberdade dos entrevistados, os migrantes, seu rigor na coleta de dados tende a limitar os

³⁴² MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010, p. 47.

³⁴³ *Ibid.*, p. 47.

³⁴⁴ Id. *O Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta*, p. 26. In: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 31ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2012

³⁴⁵³⁴⁵ *Ibid.*, p. 21.

³⁴⁶ CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

³⁴⁷ GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999, p. 43.

protagonistas dessa realidade que, muitas vezes, estão escondidos de autoridades e têm familiares distantes.

A pesquisa qualitativa não define o número de entrevistas pois a preocupação central é o aprofundamento e não a abrangência³⁴⁸. Segundo Godoy³⁴⁹, nessa perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. O pesquisador busca compreender o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.

Pela natureza do objeto de estudo e dos objetivos a serem alcançados, como já mencionados, escolhemos por uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, por meio de pesquisa de campo. A opção da pesquisa de campo possibilitou um contato direto com os migrantes e demais pessoas envolvidas nesses processos migratórios, possibilitando-nos uma busca mais ampla para definir pontos mais específicos da migração. Minayo afirma que o método qualitativo:

é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos³⁵⁰.

A pesquisa qualitativa permite ter uma visão mais ampla do cenário pesquisado. Claro que também tem suas dificuldades e limitações como, por exemplo, a apuração de todos esses dados, por não serem limitados; a não participação e neutralidade em relação aos dados; e o grande número de informações que existem na pesquisa qualitativa que precisam ser lapidadas e interpretadas da melhor maneira possível.

No entanto, esse aspecto foi de grande valia devido à riqueza de informações recebidas dentro do objetivo desta tese: o atendimento católico aos migrantes nesta região específica da América do Norte, Boston-Massachusetts.

³⁴⁸ MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

³⁴⁹ GODOY, A. S. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Rev. adm. empres. [online]. 1995, vol.35, n.3, pp. 20-29. ISSN 0034-7590.

³⁵⁰ MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*, p. 57.

Em relação ao método utilizado na pesquisa, importante destacar que Minayo apresenta a entrevista como uma técnica privilegiada na coleta de dados e informações:

é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo³⁵¹.

Martins e Bicudo destacam que a entrevista:

é a única possibilidade que se tem de obter dados relevantes sobre o mundo-vida do respondente. Ao entrevistar-se uma pessoa, o objetivo é conseguir-se descrições tão detalhadas quanto possível das preocupações do entrevistado. Não é, tal objetivo, produzir estímulos pré-categorizados para respostas comportamentais. As descrições ingênuas situadas, sobre o mundo-vida do respondente, obtidas através da entrevista, são, então, consideradas de importância primária para a compreensão do mundo-vida do sujeito³⁵².

Minayo³⁵³ traz considerações importantes a serem observadas no contexto das entrevistas: apresentação; menção do interesse da pesquisa; apresentação de credencial institucional; esclarecimentos dos motivos da pesquisa; justificativa da escolha do entrevistado; garantia do anonimato e de sigilo; conversa inicial ou denominado “aquecimento”, apontando também dentre as formas de registro das entrevistas existentes o instrumento de gravação de conversa é o mais fidedigno.

Como instrumento de pesquisa, selecionamos o grupo focal e as entrevistas semiestruturadas, objetivando um trabalho mais enriquecedor, com opiniões diversas.

De acordo com Minayo³⁵⁴, o grupo focal consiste em reuniões com um pequeno número de participantes, em média de seis a doze, e que não passam de uma hora e meia. Essa técnica exige um animador (focaliza o tema, promove a participação de todos, aprofunda a discussão e inibe os monopolizadores da palavra) e de um relator (auxilia o coordenador na organização, sempre atento, faz todo o registro).

É preciso reforçar o papel complementar dos grupos focais, além da sua função específica. [...] Os grupos focais têm ainda a qualidade de permitir a formação de

³⁵¹ MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010, p. 261.

³⁵² MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Fundamentos e Recursos Básicos* – 2. ed. – São Paulo: Moraes, 1994, p. 54.

³⁵³ MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

³⁵⁴ Id. *O Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta*, p. 26. In: *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 31ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2012, p. 61 a 79.

consensos sobre determinado assunto ou de cristalizar opiniões díspares, a partir de argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam ocorrer de forma solitária.³⁵⁵

Para Backes et al.³⁵⁶, essa técnica baseia-se numa entrevista em grupo, em que a interação é parte estruturante; além disso, os diferentes pontos de vista podem ser pontuados, gerando questionamentos e respostas. Estimula-se o debate entre os participantes.

O campo da pesquisa qualitativa se constitui de diversas possibilidades metodológicas, as quais permitem um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados. Dentre essas possibilidades, o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico.³⁵⁷

Para tais autores, essa metodologia é uma fonte que intensifica o acesso às informações, onde, por meio da dialética grupal, pessoas com algo em comum, discutem e trocam novas concepções ou uma ideia em profundidade. “Nessa concepção, há uma intencionalidade de sensibilizar os participantes para operar na transformação da realidade de modo crítico e criativo”.³⁵⁸

No que se refere aos seus limites, observa-se que, em alguns casos, a discussão grupal pode reprimir determinadas posturas que sejam dissidentes dos demais participantes, mas desacordos dentro dos grupos podem ser usados para encorajar a defesa de seus pontos de vista. Podem-se enumerar outros limites associados à utilização da técnica, como a dificuldade de garantir um total anonimato, a possibilidade de interferência quanto aos juízos de valores do pesquisador e o risco de que as discussões sejam desviadas ou dominadas por poucos participantes, gerando uma distorção dos resultados.³⁵⁹

A fenomenologia se firmou como método científico no decorrer do século XX, quando se distanciou dos estudos comparados das religiões. A palavra “fenomenologia” surgiu em 1764, com o matemático e filósofo suíço alemão Johann Heinrich Lambert (1728-1777). No entanto, o alemão Edmund Husserl (1859-1938), é considerado o “pai da fenomenologia”, pelo método fenomenológico que desenvolveu com sua obra “Investigações Lógicas” (1900-1901) com tal critério que grande parcela do pensamento filosófico do século XX

³⁵⁵ MINAYO, M. C. de S. *O Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta*. In: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 31ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2012, p.68-69.

³⁵⁶ BACKES, M. T. S. et al. *Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico*. *Conceptos de salud y enfermedad a lo largo de la historia desde la mirada epidemiológica y antropológica; Concepts of health/disease along history under the light of epidemiology and anthropology*. Rev. enferm. UERJ, v. 17, n. 1, 2009.

³⁵⁷ Ibid., p.438.

³⁵⁸ Ibid., p. 439.

³⁵⁹ Ibid., p.439.

no campo das ciências humanas se constrói sob sua influência. A fenomenologia, como método científico, pode ser utilizada pelas mais diferentes áreas do conhecimento e meios de expressão que o homem possa desenvolver.³⁶⁰

A palavra “fenômeno” vem do grego *phainomenon*, que significa “aquilo que aparece”, “que se mostra”. Então, fenomenologia é “o estudo do que aparece”. Porém, como método científico, o termo vai muito além do seu significado literal.³⁶¹ No caso desta tese, o que se pretendeu mostrar foi como ocorre o fenômeno migratório e suas possíveis implicações no que se refere à igreja católica e seu atendimento pastoral e evangelizador.

A fenomenologia é uma tentativa de compreender a essência da experiência humana, seja ela psicológica, social, cultural ou religiosa, a partir da análise das suas manifestações, do fenômeno. É uma tentativa de compreensão não do ponto de vista do observador, mas do ponto de vista da própria pessoa que experienciou o fato. No meio linguístico e antropológico, isso seria chamado de ponto de vista êmico.

O estudo fenomenológico não é dedutivo, mas parte de princípios considerados como verdadeiros e possibilita chegar a conclusões. Mostra o que é dado e tenta esclarecer esses mesmos dados, considerando sempre o que está presente, a consciência do entrevistado. Por isso, utiliza a transcrição direta da experiência como ela é. A realidade é interpretada, comunicada e compreendida. No caso dos processos migratórios, não existe apenas uma única realidade.

A pesquisa da experiência humana carrega consigo particularidades e possibilidades que transcendem este ou aquele modelo de acesso ao fenômeno. Estas particularidades ficam mais presentes quando utilizamos a perspectiva fenomenológica.

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam

³⁶⁰ SIANI, S. R. CORREA, D. A. CASAS, A. L. Las. *Fenomenologia, Método Fenomenológico e Pesquisa Empírica: O Instigante Universo da Construção de Conhecimento Esquadrinhada na Experiência de Vida*. Revista de Administração da UNIMEP. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016. ISSN: 1679-5350.

³⁶¹ Ibid.

essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte³⁶².

Devido ao modelo de pesquisa cujo foco está na consciência e na experiência, justamente com o método fenomenológico, o método hermenêutico aparece em alguns casos, pois relatam experiências nas quais revelam realidades históricas vividas pelos sujeitos. Essas experiências são continuamente refeitas e interpretadas. Em outras palavras, a base da hermenêutica está na própria experiência. “O Homem cresce sobre si mesmo, é um novelo de experiências. E cada nova experiência é uma experiência que nasce sobre o fundo das anteriores e a reinterpreta”³⁶³.

A fenomenologia posiciona-se como uma atitude reflexiva consciente dos limites epistemológicos de sua abordagem, rompendo com as pré-noções do senso comum.

Conforme esclarece Bruyne³⁶⁴ a reflexão fenomenológica conduz o pesquisador à atitude de colocar problemas, hipóteses, destacar conceitos com vistas à elaboração teórica. Ela é capaz de ajudar a garantir uma fecundidade sempre renovada da pesquisa. Portanto, o método fenomenológico consiste em mostrar, de forma consciente, o que é apresentado e esclarecer este fenômeno. É uma postura, uma atitude de estar livre de conceitos e definições *a priori* do ser humano, para compreender a realidade com ela se mostra. Isso leva o pesquisador à recusa de mitos e da busca da neutralidade e da objetividade. O método caracteriza-se pela ênfase da vida do cotidiano.

Martins e Bicudo argumentam que os fenômenos que não podem ser facilmente quantificados são os mais indicados para serem analisados por esse método, pois é uma metodologia que “busca uma compreensão particular daquilo que estuda [...] ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis [...] o foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual”³⁶⁵. Geralmente são fenômenos para os quais podem ser aplicados os métodos qualitativos em detrimento dos quantitativos. Apesar de as pesquisas

³⁶² MUCCHIELLI, R. *Les méthodes qualitatives*. Paris: Presses Universitaires de France 1991, p. 3 (T.N.).

³⁶³ REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 628.

³⁶⁴ BRUYNE, P. de. et al., *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. 5 ed. Rio de Janeiro - RJ: Livraria Francisco Alves, 1991.

³⁶⁵ MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ/Morais, 1989.

fenomenológicas caracterizarem-se pela flexibilidade, a fenomenologia é um método que segue orientações rigorosas e o pesquisador que pretende encaminhar uma investigação utilizando essa metodologia, precisa também conduzi-lo com rigor de critérios³⁶⁶.

Na pesquisa fenomenológica, a ênfase é colocada na compreensão das experiências vividas dos outros relatadas, por meio das entrevistas. Na pesquisa, o entrevistador deve permitir a livre expressão do entrevistado e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção do foco. “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada, assegura Merleau-Ponty”³⁶⁷.

Toda a pesquisa fenomenológica inicia-se com a pergunta norteadora e precisa, em primeiro lugar, ser vivida pelo pesquisador. Ela não deve, portanto, ser formulada logo no início da pesquisa de campo, pois é importante ter primeiro um diálogo que leve a um estabelecimento de relação com o entrevistado. Como afirma Finlay, no início da pesquisa é preciso fazer a experiência de “sentir-se perdido”³⁶⁸.

É importante salientar que existe uma diferença entre fenomenologia religiosa e a teologia, porque para a teologia existe uma impossibilidade da universalização da experiência religiosa dada pela revelação. Isso significa que cada revelação tem um caráter concreto, pessoal que o universal e o abstrato não abrangem. Explica Tillich:

O teste de uma descrição fenomenológica consiste em sua capacidade de oferecer um quadro que seja convincente, de torná-lo visível a qualquer pessoa que esteja disposta a olhar na mesma direção, de iluminar com ele outras ideias e de tornar compreensível a realidade que estas ideias pretendem refletir. A fenomenologia é uma forma de considerar os fenômenos tal como ‘se apresentam’, sem interferência de pré-conceitos e explicações negativas ou positivas³⁶⁹.

Para Tillich³⁷⁰ a fenomenologia contribui para o entendimento do sentido originário dos fenômenos indo diretamente a eles pela intuição originária saindo,

³⁶⁶ BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos*. In: Id. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 70-102.

³⁶⁷ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.02.

³⁶⁸ FINLAY, L. EVANS, K. *Relational centred qualitative research for psychotherapists and counsellors: exploring meanings and experience*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. (T.N.).

³⁶⁹ TILLICH, P. *Teologia sistemática*. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 2001, p. 120.

³⁷⁰ Ibid.

assim, de abstrações. Enxergar os conceitos teológicos pela fenomenologia significa dar a eles o caráter de certeza.

Importante destacar que existe uma diferença em se utilizar o método fenomenológico no âmbito da Teologia e ser uma fenomenologia teológica. A Teologia Fenomenológica se diferencia da Teologia, porque põe entre parênteses a questão da prova ou não da existência de Deus. Para Maldonado³⁷¹ a teologia fenomenológica tem o objetivo de descobrir todo o sentido da transcendência, que se origina na vivência, ou seja, no campo das vivências.

Poderia ter citado nesta tese outros teólogos e filósofos, porém destaco Paul Tillich foi o pioneiro a incluir o método fenomenológico na teologia, não de forma sistemática, porém, dialogando criticamente com ela. “Teologia sistemática usa o método de correlação. [...] O método de correlação explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas, em interdependência mútua”³⁷².

Importante reforçar, neste ponto em que enfatizamos os percurso metodológico, que o objetivo da pesquisa foi mostrar e colher informações de como os migrantes brasileiros católicos veem, sentem e vivem esta realidade migratória e como a Igreja Católica ajuda ou cerceia esse processo no serviço pastoral. Também se teve o objetivo de contribuir para o debate e reflexão sobre elementos e práticas evangelizadoras nessa realidade específica.

Para a coleta de dados realizou-se a pesquisa de campo utilizamos entrevistas com perguntas semiestruturadas e a observação de campo com anotações pessoais enquanto pesquisador em 16 (dezesesseis) comunidades da Arquidiocese de Boston na região de Massachusetts, já estruturadas no atendimento pastoral e na ação evangelizadora aos migrantes católicos, que são: *Allsto, Cambridge, East Boston, Everett, Framingham, Gloucester, Hudson, Lowell, Plymouth, Marlborough, Maynard, Rockland, Somerville, Peabody, Woburn, Stoughton*³⁷³, como pode ser observado na figura 2 adiante.

³⁷¹ MALDONADO, C. E. *Significado espiritual de la filosofía fenomenológica*. In: Actas del IX Congreso Internacional de Filosofía Latinoamericana. Desafíos de la religión en la época del multiculturalismo y la globalización. [págs. 183-193]. Bogotá: Universidade Santo Tomás, 2003.

³⁷² TILlich, P. *Teologia sistemática*. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 2001, p. 58.

³⁷³ O Apostolado Brasileiro reúne as comunidades de língua portuguesa (Brasil) para que juntas possam organizar a vida de fé das comunidades nos Estados Unidos, com o objetivo de dar um suporte às pastorais e movimentos existentes anunciando o Evangelho, através da acolhida, fornecimento de informações e esclarecimentos, celebrações em português e ações sociais.

A coleta de dados foi feita durante o ano de 2016. As observações de campo, as entrevistas semiestruturadas aconteceram dentro da realidade encontrada entre migrantes, sacerdotes diocesanos e religiosos, religiosas, consagrados, funcionários do Consulado Brasileiro e demais instituições que acolhem, trabalham e vivem diretamente com a realidade migratória.

As entrevistas foram gravadas em MP3 e, após, transcritas na íntegra, podendo ser consultadas nos anexos e devidamente numeradas. Os nomes dos entrevistados foram ocultados, com o intuito de preservar as identidades. Como a pesquisa envolve seres humanos, antes da gravação, todo o protocolo foi cumprido junto aos entrevistados, como os esclarecimentos da pesquisa, a demonstração dos objetivos pelo entrevistador e sobre a importância da participação e do livre consentimento.

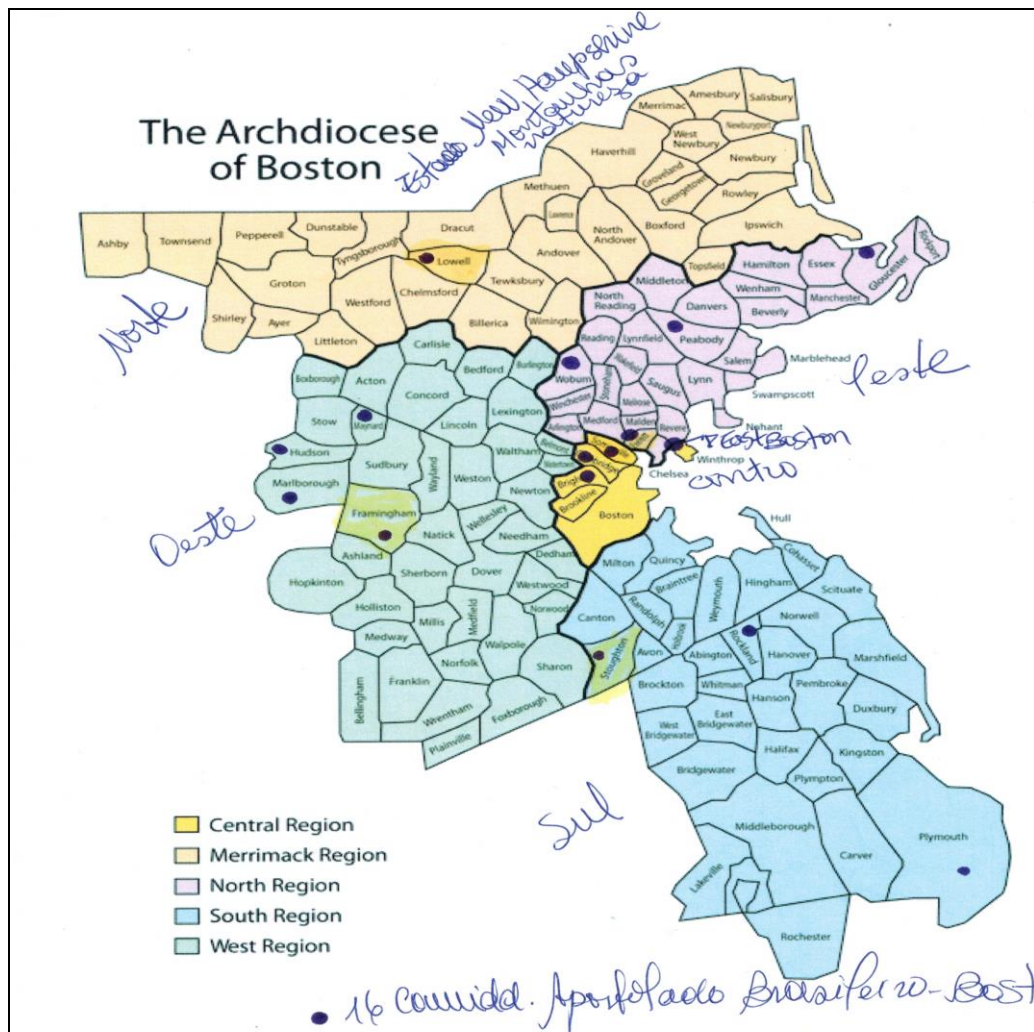
Foi elaborado um roteiro com perguntas semiestruturadas, deixando os entrevistados falarem livremente sobre seus pensamentos e vivências em relação à migração e justiça social, Jesus e a Igreja e evangelização, buscando compreender como essa dinâmica social, política e religiosa acontece nesse meio migratório.

A suspensão de pré-conceitos foi fundamental para o desenvolvimento do fenômeno contemplado. “Só quem reconhece que não sabe, que há ainda muito a ser conhecido empreende uma busca que pode ampliar seu saber”³⁷⁴. Durante as entrevistas, foi mantida uma postura fenomenológica, realizando as apresentações, fazendo a descrição da pesquisa e, após, solicitando a colaboração e entrevista da pessoa, assim como a permissão para gravá-la.

Foram realizadas 84 (oitenta e quatro) entrevistas, com 7 (sete) grupos focais e 4 (quatro) casais. Foram entrevistados 4 (quatro) pastores, 10 (dez) padres, 4 (quatro) irmãs consagradas, 2 (duas) pessoas do Consulado Brasileiro, incluindo a cônsul. No final, foram ouvidas 135 (cento e trinta e cinco) pessoas.

³⁷⁴ RIOS, T. A. *A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 12 – n. 19, p. 80-86, jun. 2016, p.82.

Figura 2: Mapa da Arquidiocese de Boston na região de Massachusetts – EUA



Fonte: Apostolado Brasileiro. Mapa da Arquidiocese de Boston

Neste tipo de pesquisa, o que mais provoca dúvidas é a seleção dos participantes. Por isso, optou-se por migrantes com idade maior de 18 anos, privilegiando os brasileiros atendidos nos 16 apostolados já existentes na Arquidiocese de Boston, Estado de Massachusetts-EUA, como já destacado anteriormente. Foram selecionados os sujeitos capazes de descrever, de maneira mais abrangente, a sua experiência vivida. Não foi possível definir *a priori* o número de participantes, isso aconteceu à medida das oportunidades e da aceitação dos entrevistados.

Para melhor entender e tentar responder à realidade migratória de brasileiros católicos nesta região específica, confrontamos e analisamos as entrevistas realizadas. Foram elas que nos revelaram o rosto do migrante brasileiro dentro da

Igreja Católica da Arquidiocese de Boston, ajudando-nos a compreender melhor esta realidade e a identificar o que permanece e o que muda na visão e na experiência dos migrados em relação a Igreja Católica.

4.2

Análise dos Dados

Na análise das entrevistas, como recurso didático, para melhor explanação sem perder o foco na metodologia escolhida, estabelecemos uma divisão em três eixos temáticos: Migração e Justiça Social, Jesus e a Igreja e Evangelização. Em cada eixo temático destacamos os pontos e tópicos relevantes para a compreensão do atendimento da Igreja Católica aos migrantes em Boston-Massachusetts nos EUA.

No eixo da Migração e Justiça Social, juntamente com uma visão geral deste fenômeno, nos detivemos na motivação, causas, integração, trabalho, leis, saída, chegada, influência, adaptação social e cultural, falta de documentação, medos e inseguranças, alegrias, família, solidão, depressão e fronteira do México.

No eixo Jesus e a Igreja, fizemos referência à acolhida, à pastoral e à experiência cristã. Isto nos deu um retrato do rosto da Igreja Católica e as respostas que ela dá aos migrantes, através das ações pastorais e de evangelização.

No último eixo, vimos a Evangelização e as implicações que a identidade e a cultura causam a este perfil evangelizador.

4.2.1

Migração e Justiça Social

Estima-se que onze milhões de estrangeiro vivem na América. Dentre esses, um milhão e trezentos mil são brasileiros. Falamos América, porque todos os migrantes brasileiros se referem aos Estados Unidos dessa maneira, como também, cada Estado desse país da América do Norte, independentemente da região em que se encontram. Exemplo disso pode ser percebido em suas falas: “[...] bota na cabeça aquele sonho de vir para a América, que é o sonho de todo

mundo vir pra América [...]”³⁷⁵. Como também: “[...] já estão se dizendo que estão se voltando para América”.³⁷⁶

Quanto ao número de migrantes na América do Norte, temos dados aproximados, porém as opiniões dos entrevistados não possibilitam uma exatidão. Isso se deve à grande quantidade de migrantes indocumentados. Utilizamos o termo indocumentado para nos referirmos aos imigrantes que ainda estão vivendo de forma ilegal no país, perante a legislação, pois essa é a maneira que os migrantes e agentes de pastoral preferem pronunciar quando se referem a esse público específico. O Consulado, por sua vez, usa a palavra ilegal. Para os migrantes e agentes de pastoral ninguém é ilegal.

Como vimos no primeiro capítulo, existem pesquisas, inclusive, da própria Arquidiocese e da Conferência dos Bispos americanos que buscam mapear a presença não só de brasileiros, mas de outros migrantes em países nos Estados da América do Norte. São estudos ainda não conclusivos, que estão em andamento, e possibilitam dar uma proximidade dos fluxos migratórios e suas localizações geográficas mais intensas.

O Consulado Brasileiro em Boston é a instituição que nos fornece um número mais preciso, pois tem dados dos brasileiros documentados na região. No entanto, os dados são contestados pelos agentes de pastoral, pois o número de imigrantes indocumentados é grande e eles não entram nessa estatística, como pode ser observado nas falas a seguir:

[...] as pessoas indocumentadas nunca vão responder a um censo. Então, nós não sabemos, nem o consulado brasileiro tem a mínima noção de quantos brasileiros temos no estado de Massachusetts, não temos, porque a gente está muito espalhado.³⁷⁷

Não tenho passaporte, o passaporte está vencido. Sou casado, os filhos são nascidos aqui e moro aqui há 26 anos, na América, nunca fui no consulado, não tenho documento nenhum, nunca registrei, não tenho documento nenhum do Brasil, tenho um passaporte extraviado³⁷⁸.

Como pode ser observado, até o Consulado Brasileiro tem a noção de que seus números não são precisos e nem tem como fornecê-los, devido à realidade da falta de legalização pelos migrantes.

³⁷⁵ Entrevista 10.

³⁷⁶ Entrevista 32.

³⁷⁷ Entrevista 1.

³⁷⁸ Entrevista 9.

sou funcionário do Ministério de Relações Exteriores, servindo aqui nos EUA, no Consulado de Boston. [...] E aqui a comunidade do Brasil é uma das maiores dos EUA, que é aqui em Boston e em Miami também. E estamos fazendo um trabalho aqui de aproximar o Consulado das comunidades, através do Consulado volante, onde saímos para trabalhar fora da cidade de Boston e com isso a gente tem colaborado bastante nas situações de documentos de brasileiros, legalizações, também tem os ‘ID’ que fazemos aqui pra poder dar um respaldo melhor para os brasileiros que não têm documentos aqui.³⁷⁹

[...] No caso da jurisdição deste consulado, que abrange Massachusetts, fala-se em algo em torno de 300, 350.000 e, claro, de novo, números que tem por base estatísticas e estudos que foram feitos tendo como referência remessas [...] Pelos americanos, em suas análises, o número já é bem menor, mas é claro que nós sabemos que as pessoas, nem todas, se declaram.³⁸⁰

Quanto ao número de brasileiros, como mostrado nas entrevistas, não podemos fornecer números precisos e oficiais. Temos o consulado que nos fala de uma estatística sobre o número de brasileiros que procuram seus serviços para regularizar a situação de migrantes e daqueles que já vêm regularizados, ficando em torno de 120 a 140.000.

Ah essa comunidade é grande, uma base de 120 mil brasileiros ou mais em toda redondeza de Massachusetts, porque é grande a cidade é grande e eles estão espalhados. O volume de passaporte aqui por dia que a gente tira é mais ou menos 100 a 150, fora o escritório volante.³⁸¹

Existem também os dados dos migrantes brasileiros dos Agentes da Pastoral Migratória, que afirmam uma presença de mais de 350.000 brasileiros só no Estado de Massachusetts. Ainda sobre a quantidade de brasileiros na região estudada, nos 16 (dezesesseis) Apostolados Brasileiros que atendem brasileiros na Arquidiocese de Boston. Há comunidades que possuem dados que impressionam, como por exemplo a seguinte citação: “Acredita-se que tem 15.000 brasileiros nessa cidade de Everett e na igreja temos 1000 pessoas”.³⁸²

Na comunidade brasileira de Lowell moram aproximadamente 12.000 brasileiros. No entanto, Framingham, na região de Massachusetts, a 50 km do centro de Boston é onde mais tem brasileiros na América do Norte. Nessa região, segundo uma pesquisa feita com dados do centro de atendimento aos migrantes, lugar de acolhida aos migrantes que estão sob os cuidados dos religiosos Scalabrinianos, na comunidade de Everett e Samerville, de 80% a 90% são brasileiros. Nesses centros, pudemos levantar os seguintes dados dos brasileiros

³⁷⁹ Entrevista 70.

³⁸⁰ Entrevista 32.

³⁸¹ Entrevista 70.

³⁸² Entrevista 1.

atendidos no primeiro semestre de 2016: Janeiro – 1.585, Fevereiro – 2.010, Março – 1.612, Abril – 800 (neste mês somente a primeira quinzena foi registrada), Maio – 1.755, Junho – 2.101. Dessa forma, pode-se ter uma visão do fluxo migratório. Importante registrar que estamos falando de duas das dezesseis comunidades do Apostolado Brasileiro em Boston, na Arquidiocese. No decorrer de nossa análise ainda vamos verificar o fluxo de brasileiros para essa região e as diferenças migratórias do início dos anos de 1980 e as contemporâneas.

Apresentaremos a seguir as motivações e causas da migração que validam as teorias migratórias apresentadas no primeiro capítulo. A questão da oportunidade, da família, da segurança, da qualidade de vida, de trabalho, de saúde, fuga da violência e, também, por influência de amigos são causas possíveis de serem identificadas. Contudo, a mais predominante é a causa econômica. Nas nossas primeiras três horas, após o desembarque, ouvimos de um brasileiro a seguinte frase: “todos os imigrantes são gananciosos”. Infelizmente, não tive tempo hábil para a gravação e entrevista.

[...] nós temos também no último ano o número sem medidas de emigrantes que estão chegando do Brasil [...] A maioria são os revoltados da economia, revoltados da Dilma... Eu os chamo de revoltados sem causa e outros revoltados têm necessidade de migrar pela crise econômica do Brasil, mas a grande maioria é que tinha uma classe X no Brasil e que tem condição, sonhos e não querem lidar com alguns desprivilégios [...] desses últimos 25 anos, que para mim é a primeira migração e essa agora é segunda migração, é outro perfil de migrantes, que não querem em hipótese nenhuma limpar banheiro nem trabalhar na construção [...].³⁸³

[...] Chegamos aqui em 96. Na Itália moramos muito bem lá e decidimos voltar para o Brasil dois anos atrás, só que não deu certo e ficamos oito meses no Brasil e retornamos para Itália. Fiquei um ano desempregado até que um amigo abençoado aí me chamou, me chamou pros Estados Unidos, terra das oportunidades, graças a Deus [...].³⁸⁴

[...] E a economia do Brasil, todo mundo sabe, que têm altos e baixos e chegou um período que ficou difícil, aí, eu acabei vendendo todas as minhas coisas no Brasil definitivamente.³⁸⁵

[...] principalmente a pessoa que é nova querendo adquirir para o futuro, chega no Brasil dá com aquele impacto da economia brasileira, com as dificuldades e se sente um peixe fora d'água para conseguir um trabalho e aí bota na cabeça aquele sonho de vir para a América [...].³⁸⁶

³⁸³ Entrevista 1.

³⁸⁴ Entrevista 8.

³⁸⁵ Entrevista 10.

³⁸⁶ Entrevista 10.

É marcante na história da imigração brasileira, que mais o que eu tenho ouvido e observado, que está aumentando muito o número de pessoas vindo de São Paulo e aí, talvez, também pessoas saindo das cidades e que querem melhores oportunidades [...].³⁸⁷

[...] também não é fácil, não é assim, a gente sacode uma árvore e cai dinheiro né, porque tem pessoas que acham que aqui se consegue dinheiro bem fácil, não, não é assim, é vida dura, a gente trabalha mesmo, o trabalho puxado, não é fácil, mas quem quer trabalhar, quem gosta de trabalhar vale a pena.³⁸⁸

Eu vim para cá quando tinha 20 anos, faltava dinheiro no Brasil, meu irmão estava aqui, então surgiu uma oportunidade melhor, fiquei 15 anos aqui, voltei para o Brasil fiquei 8 ou 9 anos no Brasil, novamente o dinheiro acabou, retornei para América para na América ficar.³⁸⁹

[...] eu acho que vale a pena, principalmente com a situação do Brasil, né, a situação econômica do Brasil. Porque aqui você consegue trabalhar e realizar quase todos os seus sonhos. [...] E tenho um irmão que já morou aqui, mas que por vários motivos voltou ao Brasil e eu estou fazendo todo possível pra ele voltar. Ele voltou por motivos familiares, mas agora o financeiro está muito ruim e se Deus quiser ele vai voltar pra cá.³⁹⁰

Apesar de eu ter sofrido muito na imigração, eu gosto daqui, porque aqui é que me dá meu pão pra sustentar meu filho. Infelizmente no Brasil não dei essa sorte. Nem todos têm sorte, alguns têm, outros não, mas a minha sorte foi aqui.³⁹¹

Porque nosso país infelizmente é lindo, maravilhoso, mas não tem trabalho, não tem dinheiro. Na verdade, o motivo é financeiro, vim em busca de uma vida melhor. Eu era professora de Português, mas ser professor no Brasil é problemático.³⁹²

Eu sou intérprete médica, trabalho numa rede hospitalar. [...] Eu tenho amigas que limpam casa, limpam 6 a 7 casas por dia, pra mim é uma coisa quase desumana, né. Mas se você não quiser, tem outros que fazem. E como eu sou da área da saúde, eu vejo todo dia pessoas com dores nos braços, nas costas, indo ao médico e todos esses problemas e você tem que descansar seu corpo. E a pessoa aqui não tem como descansar o corpo. Tem tendinite, túnel do carpo, dor nas costas, hérnia de disco, essas doenças são muito comuns. Tudo causado pelo trabalho excessivo.³⁹³

Eu sou de Recife, eu estou aqui há 15 anos, cheguei aqui em 2002 e desde que eu cheguei aqui, graças a Deus, nunca me faltou trabalho e hoje estou com 67 anos, mas eu limpo casa sou *house cleaner*, sou *housekeeper* e sou *baby sitters*, [...] não tinha ninguém aqui de família, agora eu tenho um neto de 27 anos e uma neta os dois são de 27 anos [...] aí eles trabalha, minha neta também é *baby sitters*, correm tanto quanto eu. Eu durmo toda noite no trabalho, que eu cuido agora, atualmente, eu cuido de uma senhora de 88 anos [...].³⁹⁴

³⁸⁷ Entrevista 32.

³⁸⁸ Entrevista 37.

³⁸⁹ Entrevista 40.

³⁹⁰ Entrevista 51.

³⁹¹ Entrevista 56.

³⁹² Entrevista 61.

³⁹³ Entrevista 49.

³⁹⁴ Entrevista 42.

Alguns entrevistados falaram das dificuldades encontradas no país de chegada e da importância dos mais antigos saberem ajudar os que chegam:

E pras pessoas que querem vim pros Estados Unidos, não coloque na cabeça que é fácil, porque não é. E aqui as pessoas vão te dar muitas oportunidades, mas com essas oportunidades vêm responsabilidades. [...] Não é fácil, a gente sofre muito aqui na América e outra coisa, muitos brasileiros que vem pra cá, começa ganhar dinheiro e deixam o dinheiro subir a cabeça... Então tem que sempre colocar os pés no chão, nunca se esquecer da onde você veio, da onde sua família é... Não é fácil, eu já fiz isso na minha vida, então recomendo não fazer. É você correr atrás e quando você conseguir as coisas agradeça a Deus e tente ajudar a outras pessoas a chegarem onde você chegou também, com as suas experiências, enfim, de qualquer modo [...].³⁹⁵

[...] a facilidade de comprar as coisas, de ter as coisas é o que faz muita, muitas pessoas ficarem aqui, inclusive, também a segurança, porque antigamente as pessoas vinham pra cá fazer dinheiro e voltavam para o Brasil, hoje a maioria das pessoas já vem pra cá pra fazer dinheiro e mudam a mentalidade de querer voltar para o Brasil por causa da segurança que você tem aqui e da facilidade de se adquirir as coisas, nem tanto por juntar dinheiro, porque hoje em dia está muito difícil, mas uma questão de qualidade de vida [...].³⁹⁶

Ao entrevistar um grupo de 8 (oito) homens, perguntei a profissão de cada um e todos estavam relacionadas a serviços gerais: as profissões de quatro deles eram relacionadas à limpeza; duas relacionadas à construção, sendo que um também fazia serviço de pintura; um era motorista e um era relacionado à cozinha.³⁹⁷

Eu mesmo hoje estou com três pessoas lá em casa, que eu estou dando um *help*, uma ajuda, são um casal e a irmã do rapaz, todos os três tem faculdade no Brasil, Economia, Administração e uma se formou em advogada, mas não atuam na área e estão aí, estão todos trabalhando, as meninas limpando casa e o rapaz na construção, a realidade é de imigrante mesmo.³⁹⁸

Eu trabalhei 10 anos em restaurante em Boston. E agora estou nesse aqui faz 4 anos, engraxando sapatos.³⁹⁹

de cinco a uma hora da manhã eu trabalho, às três e meia eu acordo porque vou levar o pessoal para o aeroporto, das quatro até as dez, onze horas, então eu trabalho catorze, quinze horas [...].⁴⁰⁰

O relato seguinte é um testemunho de uma mulher que presenciou um caso de eutanásia na residência onde trabalhava, confrontado com a própria cultura social e de fé do próprio brasileiro:

³⁹⁵ Entrevista 18.

³⁹⁶ Entrevista 30.

³⁹⁷ Entrevista 30.

³⁹⁸ Entrevista 30.

³⁹⁹ Entrevista 71.

⁴⁰⁰ Entrevista 40.

Quando eu cheguei aqui eu trabalhei com uma pessoa que era americana e ele era paraplégico. [...] ele falava que não tinha família. Mas três semanas antes dele morrer apareceu uma irmã e um sobrinho. [...] E ele me surpreendeu muito, assim... porque uma pessoa americana com uma pessoa brasileira que não tinha experiência nenhuma aqui, mas foi bom trabalhar com ele. Na garganta dele não descia nada! [...] Então duas semanas antes dele morrer, eles fizeram uma reunião no hospital [...] chegou no dia que eu fui trabalhar, a menina falou comigo assim: ‘Amanhã você não precisa vir mais trabalhar não porque ele não vai precisar mais de você’. Mas aí ficou umas coisas minhas lá e eu tinha que ir lá pegar e encontrei ele muito debilitado mesmo. Aí o enfermeiro falou comigo assim: ‘Hoje ele vai morrer às oito horas da noite’. Me assustou muito aquilo e ele só naquela ansiedade porque ele já estava com medo de acontecer. Aí eu despedi dele, passei a mão na cabeça dele e falei com ele que Jesus Cristo amava ele e ele abriu o olho e sorriu pra mim. Eles injetaram um remédio e era pra ele morrer até oito horas da noite e ele resistiu até oito horas da manhã (voz embargada).⁴⁰¹

Retornando a questão do trabalho, percebeu-se que o fator econômico é o que move os brasileiros a irem e permanecerem no país que escolheram para migrar e, por necessidade e vontade de crescer e obter as coisas materiais para si e para os seus, acabam se submetendo a muitas coisas que ferem a dignidade do ser humano.

O próprio pessoal nosso é muito difícil. O senhor não imagina o que eles fazem! Lá no Brasil tem coisas erradas que eles fazem, mas aqui, padre, tem muito mais. Muita falsificação, muita coisa mesmo.⁴⁰²

Eu trabalhava muito lá, direto, de segunda a domingo e minha folga era das 10h às 16h de domingo. Aí essa moça que eu conheci disse que eles estavam me fazendo de escrava. E ela me prometeu pagar “X” e quando cheguei aqui ela já falou outra coisa e eu ainda consegui ficar um ano, porque não tinha outra coisa.⁴⁰³

De americano tinha preconceito referente ao trabalho, eles pensam que essa cor assim não cansa (entrevistada é negra), não adocece. Mas do resto não, foi tranquilo.⁴⁰⁴

Como acabamos de ver, não existe um único motivo ou causa para a migração, mas todas elas se identificam mais com a teoria econômica. Os entrevistados a seguir comentam um pouco sobre as motivações de saída do país de origem e que, muitas vezes, acabam sendo ilusões descobertas no país de chegada e com sérias consequências:

E a situação que os brasileiros estão vivendo lá de inflação e desemprego, ficam iludidos e acham que chegando aqui vão encher o bolso de dólar, [...]. Então as pessoas se iludem nessa situação, vêm e pagam um preço muito alto e é um risco porque não conseguem visto, entram pelas fronteiras arriscando a vida, com o risco

⁴⁰¹ Entrevista 52.

⁴⁰² Entrevista 52.

⁴⁰³ Entrevista 54.

⁴⁰⁴ Entrevista 54.

de morrer no deserto, são picados por inseto, por cobra, escorpião e chegam aqui atrás de um sonho e até de uma liberdade que eles não conseguem.⁴⁰⁵

O migrante não é uma pessoa que emigra porque necessita de Deus, mas uma pessoa que emigra porque necessita de dinheiro, de progredir. Muitas vezes, necessita sair de realidades de muita pobreza, ao mesmo tempo, muitos deles precisam sair fugidos do país, seja pelo terrorismo, seja pela violência. Essa é uma primeira característica do imigrante. [...] O imigrante chega aqui e se depara com muitos pontos: em primeiro lugar, o imigrante que vem pela terra são os que passam o pior, porque este imigrante vem com muito sofrimento. Em primeiro lugar, assume a cota da implicação do custo de chegar nesse país. Segundo, as realidades do custo da vida, pois muitos desses imigrantes não chegam e morrem no caminho. E terceiro, chegando nesse país, sentem a necessidade de adaptação ao estilo de vida.⁴⁰⁶

no Brasil tem aquele preconceito da ‘house cleaner’ que eles chamam de empregada doméstica [...] ele chega aqui médico e tem até que trabalhar na construção civil. [...] Não adianta chegar aqui dentista, médico, advogado, professora, seja o que for. A não ser que o brasileiro saiu de lá, veio pra cá, pra estudar, [...] formou dentro da Harvard, aí tudo bem! Mas se vir de lá, pode ser cirurgião plástico [...] se ele não tem a credencial dos EUA como médico ou professor ou, seja lá o que for, ele não exerce o cargo aqui que ele tem no Brasil [...] Pra eles não importa se você é ‘house cleaner’ ou se na família dele formou médico, é a mesma coisa. E inclusive esse trabalho nosso de ‘house cleaner’ aqui eles valorizam demais e só pode ter quem pode pagar, porque nem todos os americanos têm. Ter uma empregada doméstica aqui pra eles é luxo.⁴⁰⁷

Alguns migrantes mais antigos e que conseguiram se estabilizar na América do Norte, já conseguiram abrir seus próprios negócios, mas esses também estão relacionados aos serviços gerais, na maior parte dos casos. No entanto, pode-se encontrar a presença de brasileiros praticamente em todos os setores e frentes de trabalho. Ressalta-se que existem casos de exploração do trabalho de brasileiros por parte dos próprios brasileiros, principalmente, quando aqueles estão sem documentados, até mesmo porque muitos acabem achando que devem aceitar essa realidade ou qualquer tipo de trabalho e em qualquer situação por estarem nessa situação e acabam perdendo a noção de que estão sendo explorados.

essa questão de discriminação, sempre fui muito bem acolhida, agora eu escuto muito pessoas dizerem que estão sendo discriminadas pelos americanos. O que eu, pessoalmente, acho que não, [...] mas a questão de imigrantes discriminar os próprios conterrâneos existe sim, quem chegou já está há mais tempo, tem mais informação, tem mais estabilidade, acabam oprimindo, discriminando, explorando o que chega depois.⁴⁰⁸

⁴⁰⁵ Entrevista 70.

⁴⁰⁶ Entrevista 64.

⁴⁰⁷ Entrevista 73.

⁴⁰⁸ Entrevista 47.

Muitas vezes eles chegam e falam que não estão conseguindo emprego no Brasil, estão devendo muito, estão correndo risco de vida e deixam eles entrarem e ficam com uma pulseira na perna pra cumprir os trâmites da situação, não podem sair daquela jurisdição. E aí eles entram dessa maneira, a maioria sem documento. Eles ficam com os documentos todos que eles entram aqui, do Brasil, identidade e passaporte e dão um salvo conduto e uma pessoa se responsabiliza por eles e o que acontece é que chegam aqui sem documento, vão tirar novamente no Consulado, o Consulado tá aí pra pelo menos amenizar essa situação deles aqui. Eles procuram as igrejas, aquele negócio todo e vivem de uma maneira horrível né. Então aqui é sofrimento demais, porque ele veio dessa maneira e aqui ele cai na realidade de que não era o que tinham falado, que o sonho não era aquilo, aqui a pessoa vai trabalhar das 6h da manhã, na neve, no sol, na chuva e ralando. Se ele trabalhava 8h por dia no Brasil, aqui ele trabalha quase 24h pra conseguir alguma coisa. Se aqui um operário normal, legal aqui no país recebe 18 dólares por hora, os ilegais vão receber 7 a 8 dólares por hora porque não têm documento.⁴⁰⁹

Eu trabalho na empresa do meu pai, sou vendedora e secretária e eu faço faculdade de Administração.⁴¹⁰

Eu fico imaginando aqui... o brasileiro chega do Brasil, onde lá ele ganhava um salário mínimo por mês, aqui alguns ganham um salário mínimo em dois dias, num fim de semana ele ganha quase igual a um médico no Brasil. Ele trabalha 4 horas num local, 4 horas em outro lugar e às vezes quando chega no fim de semana ele tem no bolso 2 mil dólares, 4 mil dólares, então aqui é o lugar onde ele quer viver, aqui ele se realiza. Mas, no entanto, tem que ter cuidado, eu costumo dizer que aqui na América tem 3 coisas baratas: gasolina, roupa e comida. O resto é caro, não é barato não.⁴¹¹

neste país se alguém não tem um número, uma identidade ou uma permissão não é nada. Um imigrante ilegal neste país não é nada, simplesmente uma mão de obra de trabalho e dizer que um imigrante ilegal somente trabalha como um rato no circo, todo tempo.⁴¹²

O 'help' é o seguinte, são pessoas que chegam aqui nos EUA e conseguem montar o trabalho dele. Vamos colocar o 'help' da limpeza de casa, por exemplo, que são as 'house clean', então tem muitas pessoas aqui que tem 50, 60, 70, 10, 20 casas, são essas pessoas que contratam outras pessoas pra trabalhar. Então tem muitas pessoas que são boas, que pagam direitinho, pagam por dia, por semana. E tem aquelas pessoas que usam essas pessoas e não pagam.⁴¹³

O americano é frio, de natureza fria, mas aqui todo mundo é igual: tanto quem limpa uma casa, quanto um médico, quanto um pedreiro de obra, todo mundo tem uma condição de viver bem financeiramente, [...] no futuro se você tiver documento, comprar sua própria casa e crescer aqui. [...] É lógico que pra toda regra tem sua exceção, tem gente aqui que também discrimina o imigrante. Alguns americanos acham que o imigrante tira o trabalho deles. Mas, no geral, [...] as classes são muito mais próximas umas das outras e sem discriminação [...] Todo mundo tem a condição de fazer o seu dinheiro, de ter a vida digna, de viajar, de

⁴⁰⁹ Entrevista 70.

⁴¹⁰ Entrevista 59.

⁴¹¹ Entrevista 62.

⁴¹² Entrevista 64.

⁴¹³ Entrevista 73.

passar, de criar sua família. Então acho que essa discriminação social é muito mais rara de se ver aqui do que no Brasil.⁴¹⁴

Percebe-se que o trabalho e a questão econômica são fortes fatores de influência para o processo migratório, que ocorre de modo mais ou menos intensa conforme a alta ou baixa da economia do país de origem e a de destino. Na região da pesquisa, a migração brasileira teve início por volta da década de 1980, tendo o seu auge entre os anos 1990 a 2000. Depois houve um retorno dos brasileiros para o Brasil nos anos de 2008 e 2009, devido à crise nos Estados Unidos e ao crescimento brasileiro. Após esses acontecimentos, a migração de brasileiros para os EUA ficou moderada. No entanto, nos últimos anos, voltou a crescer devido à crise política e econômica do Brasil.

a emigração para cá começou quando abriram as portas do Brasil depois da Ditadura Militar. Quando abriram as portas e janelas mais ou menos no início... meia metade da década de 80 e foi justamente que aos poucos os brasileiros saíram do Brasil [...] E a Arquidiocese de Boston pediu que eu fizesse um levantamento naquela década de 80, acho que por 85 que eu fiz, e descobri onde os brasileiros estavam escondidos no meio do povo, entende? Onde era o esconderijo da maioria das pessoas, porque estavam sem documentos. [...] Então, realmente, a única entidade que realmente aceitava e abraçava e dava boas-vindas aos emigrantes brasileiros, foi justamente a Igreja Católica.⁴¹⁵

a comunidade mais antiga do Apostolado Brasileiro, começou em Cambridge, porque era uma paróquia portuguesa e os brasileiros se aproximaram dos portugueses por causa da língua, especificamente, conseguiam emprego junto com eles, trabalhavam com os portugueses. A comunidade é antiga, mas Cambridge se tornou uma cidade muito cara, então as pessoas saíram de Cambridge. Tornou-se cara por causa das duas Universidades daqui e as pessoas foram morar nas cidades ao redor, foram se movimentando para Somerville, Everett, Houston, Brighton e outras cidades também. [...] você facilmente encontra gente com 30 anos de América, gente que teve os filhos aqui, os filhos se casaram aqui, tiveram os netos aqui, os netos foram batizados, etc. [...] Quem veio com 20 anos, hoje tem 50, quem veio com 30 tem 60, basicamente isso.⁴¹⁶

Embora eu sinta que, nesse processo migratório, os brasileiros que chegaram há 20 anos aqui o sonho era chegar aqui e comprar algo no Brasil. Agora esse sonho tem mudado um pouco, é chegar aqui e permanecer aqui, porque o sonho do Brasil me parece que nos últimos anos foi se diluindo, foram percebendo que o Brasil não deu mais essa perspectiva de segurança, essa perspectiva de ter lá o futuro da família [...] Então esse movimento que a gente percebe um pouco, porque teve essa chegada deles, a permanência por um período e muitos na crise de 2008, 2009, retornaram ao Brasil e agora estão voltando novamente. Então esse processo vai depender das economias dos países, do desenvolvimento e a segurança que os Governos dão para as pessoas, pra elas permanecerem num país ou outro.⁴¹⁷

⁴¹⁴ Entrevista 83.

⁴¹⁵ Entrevista 84.

⁴¹⁶ Entrevista 82.

⁴¹⁷ Entrevista 77.

Eu sou um peregrino, eu nasci na Paraíba, morei 35 anos no Paraná, constitui a minha família, tenho quatro filhos, né, e morei 10 anos no Cuiabá, Mato Grosso e vim pra ‘qui’ pro nascimento de um neto em 2011 pra ficar 90 dias e já faz cinco anos (risos).⁴¹⁸

Agora está vindo mais a classe média, alta, [...] gente formada, que não achou emprego no Brasil e vem pra cá, [...], trabalhando na pintura, na limpeza, na construção, eles não conseguem nada porque não falam inglês, porque o que eles aprenderam não serve de nada aqui, porque por ter terminado uma faculdade, uma universidade, às vezes, não vale aqui.⁴¹⁹

há 30 anos os imigrantes que aqui vinham eram aqueles imigrantes que eram excluídos do Brasil, [...] imigrantes do campo, imigrantes que não sabiam o que era o sentar numa mesa de escritório, [...], hoje se vê na comunidade grandes empreendedores aqui, que quando cheguei já estavam aqui há muitos anos, que já estão com as suas firmas aqui hoje e tudo são pessoas humildes e simples, agora essa migração que está chegando aqui hoje te deixa um pouco preocupado, porque já são pessoas escolarizadas, já são pessoas diplomadas, às vezes, até ‘mestradas’ [...] então você pensa, eu vou me submeter a limpar um banheiro de uma pessoa, [...] sendo que eu tenho essa escolaridade? Antes o povo que chegou aqui eles não preocupavam com isso, eu quero vencer, hoje não sei, essa é a grande preocupação, a grande diferença do migrante de ontem para o migrante de hoje.⁴²⁰

Importante destacar a oscilação no quadro migratório, que acontece conforme o momento econômico de cada país, como também, uma diferença na classe migratória primeira e a contemporânea, de modo particular, em relação à escolaridade e à classe econômica. No princípio, os brasileiros que migravam para os EUA vinham de cidades do interior e com pouca escolaridade. Hoje, as pessoas que migram do Brasil são de grandes centros urbanos e com o grau de escolaridade maior, muitos com ensino superior completo. Pode-se dizer que os últimos 25 anos foram caracterizados pela primeira geração de migrantes, onde a maioria era dos Estados de Minas e Goiás. A segunda geração de migrantes é a atual, vindo, praticamente, de todos os Estados do Brasil.

na verdade a gente veio com a família toda, eu e meu marido e minhas duas filhas em 1999. Estivemos aqui por nove anos entre idas e vindas...⁴²¹

Nós temos, reiteradamente, escutado que nos últimos tempos tem aumentado o número de pessoas, inclusive, mudanças em relação a Estados de origem, porque a gente sabe que há um núcleo muito importante de Minas, de Goiás, paranaense, do sul, mas é só a origem...⁴²²

⁴¹⁸ Entrevista 17.

⁴¹⁹ Entrevista 30.

⁴²⁰ Entrevista 43.

⁴²¹ Entrevista 11.

⁴²² Entrevista 32.

Já apresentamos nos capítulos anteriores a difícil realidade dos migrantes sem vistos e sem a documentação necessária, como também, a perigosa travessia pela fronteira do México e a severidade das leis na América do Norte. Muitos brasileiros que vivem na região de Massachusetts e que entraram pela fronteira do México, vieram pelas mãos dos coiotes.

A maioria dos coiotes é de nacionalidade mexicana, mas temos também brasileiros que se tornaram coiotes. Os brasileiros que chegaram nos EUA dessa forma e permitiram gravar entrevista, relataram as diversas e duras dificuldades existentes na travessia pelo deserto até o outro lado da fronteira americana.

Ao ouvir tantas narrativas sofridas, ao final de cada abordagem, gravada ou não, fizemos a seguinte pergunta: valeu a pena fazer essa travessia? Quase todos os migrantes responderam que sim, porém, não aconselhariam outros a fazerem, afirmando que é sempre melhor entrar pela porta da frente.

Os relatos seguintes são desses migrantes brasileiros, suas visões e experiências desta realidade, sendo de grande importância essas falas, pois elas que nos revelará mais adiante as dificuldades em relação à família, à importância da Igreja e da própria evangelização, com suas alegrias e desafios.

[...] eu tive um amigo aí, que ele disse que quando saiu de casa até chegar em Boston ficou três meses sem dar notícias à família, hoje está bem, está aqui há 11 anos, porém há 11 anos que não vê a família dele [...] O caminho de volta até pode fazer, só que não pode retornar né?! E ficaram três meses perdido no deserto, com os coiotes.⁴²³

Foram duas primas que vieram com o coiote para entregar aqui em Boston. Na hora bateu a migração e disse: - Correm! Só que na hora do aperto, aí cada uma foi “prum” lado e era de noite, cada um foi “prum” lado se esconder e uma delas foi picada por uma cobra, uma cobra venenosa, infelizmente, o coiote falou: - Não tem condições de levar. Uma só foi e a outra ficou no deserto [...]⁴²⁴

Eu vim pelo Canadá, a minha esposa ficou no Brasil, grávida, aí ela veio seis meses depois e ela veio com um passaporte da irmã dela, que ela também não tinha conseguido visto e veio com passaporte da irmã dela [...] chegou aqui e depois de 22 dias a minha filha nasceu e aí eu deixei os meus filhos lá, todos dois pequenos, estavam com 10 e outro com 2 anos, depois a gente trouxe os meus filhos pelo México. Paguei um cunhado meu para acompanhar eles, porque ele já tinha vindo aqui uma vez pelo México [...]⁴²⁵

⁴²³ Entrevista 8.

⁴²⁴ Entrevista 8.

⁴²⁵ Entrevista 10.

O relato seguinte é muito importante ser destacado, pois é o testemunho detalhado de um imigrante brasileiro que atravessou a fronteira do México, enfrentando os mais diferentes riscos de vida.

Eu vim com dinheiro emprestado de um amigo e chegamos na Cidade do México, ficamos preso no aeroporto das oito da manhã até às cinco da tarde e eu consegui passar, outros foram deportados [...] fui para o hotel e lá ficamos alguns dias. Quem trouxe a gente colocou muita gente dentro do quarto eu estava muito apavorado [...] estava vindo com dívida, com dinheiro emprestado e se eu fosse pego e fosse mandado de volta a minha situação ia ficar bem pior [...] Nos levaram, eu e mais um professor e uma moça com duas crianças até a rodoviária da cidade do México. Fomos de ônibus até Guadalajara. Em Guadalajara nós pegamos um ônibus até [...] deu 16 horas de ônibus e nós fomos orientados a não conversar dentro do ônibus a não falar português [...] a gente ouviu uma pessoa comentando com o motorista do ônibus, tentando convencer ele a trazer brasileiros e a meter a mão no bolso dos brasileiros [...] no outro dia apareceu um coioote lá, pegou a gente e passamos por mais duas barreiras policial até a cidade de São Pedro Monte Cristo. Aí ali ficamos alguns dias e dentro da casa é [...] Dentro da casa tinha um colchão e um quarto que ficamos todos, ali, naquele quarto e dentro do quarto tinham uma imagem de um capeta com duas velas na mão assim [...] Casinha era pequena, a mulher estava grávida, a filha de 16 anos mais dois filhos pequenos [...] E na sala ele fumava maconha ele falava pra mim: - Você sabe o que é isto? Isto são as almas chorando no inferno [...] E eu ali estava muito nervoso, comecei a brigar com o cara que levou a gente, pra sair dali e continuar viagem, e ele disse que não ia me levar porque eu estava muito nervoso e pessoas nervosas costumavam atrapalhar as travessias. Então ele me convidou pra sair, pra comprar uns frangos, uns porco pra comer e eu percebi que ‘se eu sair ele vai me matar lá fora, ele vai fazer alguma coisa comigo’ e eu não fui. Aí ali a polícia bate na porta, é polícia, polícia, e no último dia que a gente saiu de lá entrou dois policiais e um era irmão dele e outro era sobrinho dele que eram policiais. Então eles estavam fazendo aquilo ali pra gente não sair de dentro, pra manter a gente preso [...] ele aí veio e passamos pelo mato na quarta-feira, andamos o dia inteiro, quinta-feira ficamos no mato o dia inteiro escondido, aí acabou a água na quinta-feira e andamos a noite inteira [...] Não chegamos a lugar nenhum e passamos a sexta-feira, o dia inteiro, no mato sem água, sem comida [...] Na sexta-feira que chegamos [...] Frio, estava muito frio e eu pensei que ia morrer de frio [...] No amanhecer eles saíram, foram buscar comida pra gente e a gente viu os ônibus tudo furado de bala [...] Um lugar bem, bem, assustador [...] Aí, nesse ponto, a gente já tinha caminhado por 27 horas, meu sapato já tinha furado de tanto caminhar. Aí, como estava muito difícil a travessia, nós resolvemos rezar, alguém: - Vamos fazer alguma oração pra ver como é que. Pra ver se dá certo. Sempre fui temente a Deus, não era muito religioso [...] eu falei em pensamento, em oração: - Senhor que seja teus olhos os olhos do coioote, porque a gente não está conseguindo chegar a lugar nenhum. E dentro de alguns minutos apareceu um homenzinho, pequenininho, pedindo pra passar com a gente, pra atravessar com a gente e tal. E assim foi. Ele veio, viajou no trem e ele ficou do meu lado, perto do motor lá do trem [...] e quando chegou numa casa lá, porque levaram a gente pra uma casa lá de um traficante, a gente tava com medo de ficar ali e aí eu cogitei que ele poderia ser Deus, Jesus, um anjo enviado, que veio nos ajudar. E nesse momento, ele veio pedir um cigarro para mim e disse, falou bem baixinho: - Fique tranquilo, todos vão chegar! Então, no dia seguinte, eles vieram, pegaram a gente, levaram para outra casa e aí eu concordei com ele, mas só em pensamento, mas meu coração não. Mas aí chegou o último dia e ele desapareceu e da mesma maneira que ele apareceu. E entre nós tinha um ateu que não tinha uma calça e ele deixou uma

pastinha bonitinha que dentro dela só tinha uma calça, então entendi a história e até hoje eu lamento né? Talvez Deus teve do meu lado e eu não [...] Fui embaixo do radiador do trem, foi quando nós saímos desse ferro velho e atravessamos a rodoviária, passamos por um motor e eles colocaram a gente ali, colocaram quatro de um lado e quatro do outro e aí eu me dei conta que a gente estava debaixo do radiador do trem. Aí eu fiquei desesperado, comecei a bater e o cara falou: - Não. - Fica tranquilo, que essa máquina está desligada. Nós ficamos por ali por uma hora e eles falaram: - Não dorme, porque nós vamos passar por um posto de fiscalização e se dormir pode roncar e eles podem ver e pegar a gente. E eu ronco muito e, por incrível que pareça, eu passei dormindo, como não sei, mas eu passei dormindo, (risos).⁴²⁶

Diante desse testemunho detalhado sobre a travessia da fronteira do México, podemos refletir sobre a necessidade de o ser humano ser livre, de realização e de superar os medos e desafios em busca dessa liberdade. Ao mesmo tempo, percebemos a capacidade desse ser humano de explorar a dor, o medo e o próprio sonho e necessidade de vencer na vida.

A primeira vez que eu vim pra cá vim via México, quatro dias para chegar aqui, nadando em rio e tudo, mas cheguei. Na época era \$500,00 para atravessar, era barato né, hoje eles pedem quase R\$40.000, R\$50.000 para atravessar, então é muita diferença, mas eu vim por ali e muito tempo depois eu me legalizei, mas não recomendo.⁴²⁷

E no lugar que eu fiquei que se chama Reynosa, no México, eu encontrei vários brasileiros presos, pessoas chorando porque não tinham como pagar os coiotes. [...] quando eu coloquei o pé dentro da América, dentro de Boston, eu falei com Deus: 'Senhor, vou dar valor a cada momento, a cada minuto, a cada segundo aqui nesse país'.⁴²⁸

Eu vim ilegalmente, eu vim pelo México. Foi uma viagem muito difícil. Eu devo ter gastado uns 15 dias pela estrada. Eu tive que atravessar um rio a nado. Eu vim de São Paulo para o Distrito Federal e depois para o México e do México até aqui de carro.⁴²⁹

Eu vim pelo México. [...] vim dentro do capô de um carro, era um fundo falso de uma van, não tinha nenhum buraco pra respirar, a portinha você trancava por dentro e você vinha de lado. Eu vim rezando o terço no buraco, eu dormi e quando acordei já estava no lugar.⁴³⁰

[...] aqui é um país que a lei funciona, se você está aqui por um objetivo, quer trabalhar e seguir a sua vida em paz, você consegue, agora quem quer outro tipo não é bom, quem gosta de problema aqui não é o lugar.⁴³¹

Eu vim pelo México a primeira vez, fiquei aqui 6 anos, aí fui deportado daqui e fiquei no Brasil 2 meses e voltei de novo pelo México. Fiquei 2 meses no caminho, perdido 4 dias no mato, pelo deserto e paguei 14 mil dólares pra entrar aqui.⁴³²

⁴²⁶ Entrevista 21.

⁴²⁷ Entrevista 40.

⁴²⁸ Entrevista 73.

⁴²⁹ Entrevista 55.

⁴³⁰ Entrevista 60.

⁴³¹ Entrevista 39.

[...] é sempre melhor, assim, vir da maneira que será mais segura, mais estável, mas né?! E que ótimo se a gente tivesse um mundo em que as pessoas não fossem empurradas pelo desespero, pelas faltas de opções, pelas faltas de oportunidades, assim né, em geral, falando no plano global, que bom se as pessoas não precisassem fugir de guerras, que bom se as pessoas pudessem escolher, assim, onde ter o seu trabalho, educar seus filhos e viver em paz.⁴³³

Nesse momento, vamos apresentar mais algumas dificuldades enfrentadas pelos migrantes sem documentação, ressaltando a importância da Carteira de Motorista nesse país.

[...] a carteira de motorista hoje é o essencial na vida do imigrante. É uma situação constrangedora, humilhante, doida até pra gente que graças a Deus tem toda documentação que precisa. Mas às vezes a gente vê um carro parado e a primeira coisa que eu penso é ‘Ô, meu Deus, protege, tomara que não seja um imigrante’. Porque a gente sabe que dali vai pra cadeia [...]⁴³⁴

[...] um número muito grande de brasileiros dirigem aqui, no estado de Massachusetts, onde nós estamos aqui em Boston, sem carteira de motorista, isso causa uma instabilidade muito grande, uma dor muito grande [...] Quer dizer, quando eu saio sem os meus documentos, se eu estiver a 500m longe de casa, a 2 km longe de casa eu volto correndo para buscar os meus documentos, porque eu não me sinto seguro andando sem documento, então eu não gosto dessa ideia, como os brasileiros também não gostam. Então é uma dor muito grande para os nossos brasileiros, que são honestos, trabalhadores, que pagam impostos que, enfim, fazem de tudo para se aproximar da realidade americana e viver como todo e qualquer cidadão merece viver no país onde escolheu para viver.⁴³⁵

Em entrevista a um grupo composto por sete mulheres, encontramos quatro relatos importantes sobre como conseguiram se legalizar nos EUA.

Entramos, assim, com visto de turista e aqui conseguimos ficar e aí depois conseguimos a cidadania americana, pelo trabalho do meu esposo. Aqui eu me casei, tive uma filha e aí eu consegui ser cidadã americana. O meu foi pela relação. Eu, foi pelo casamento também, me casei com um americano, mas todo dia chega gente que veio pelo México, todo dia, todo dia chega gente que passa por esses perigos, México, Cuba, Califórnia, tem vários caminhos, tem gente que vai pra Cuba entra por Miami, são vários os caminhos [...].⁴³⁶

Vimos aqui a difícil realidade dos migrantes sem documentos e a severidade das leis americanas. Aqueles que entram legalmente com vistos têm uma realidade migratória bem diferente, como também aqueles que entram como turistas e acabam ficando após o vencimento dos seus vistos bem como aqueles que vêm

⁴³² Entrevista 71.

⁴³³ Entrevista 32.

⁴³⁴ Entrevista 66.

⁴³⁵ Entrevista 27.

⁴³⁶ Entrevista 34.

com filhos menores e se entregam à migração. Como as crianças tem todo um cuidado perante a lei, com direitos protetivos, essas famílias com filhos não são deportadas e acabam ficando e aguardando julgamento.

Preferimos dar ênfase aos não documentados por serem os que mais sofrem com o status migratório de indocumentados. E embasamos essa reflexão com o seguinte depoimento:

[...] qualquer pessoa que tenha qualquer interesse de vir aos EUA, não venha pelo México, se puder vir, venha pela porta da frente. Mas vem sabendo, que aqui é América, aqui o trabalho é duro, aqui tem um ditado, 'aqui é aonde o filho chora e a mãe não vê; é aonde a mãe chora e o filho não vê'.⁴³⁷

A questão envolvendo a família é uma das realidades mais citadas nas entrevistas, pois ela é um grande fator que envolve sentimentos como: saudade, lembrança, solidão, fazendo surgir também o fator que liga o desenraizamento à acolhida do migrante. A maioria sente falta de familiares e isso se torna um grande desafio pastoral e de evangelização para a Igreja. Toda a família, ou quase toda, na realidade da maioria dos migrantes, permanece no Brasil a não ser no caso daqueles que migram com toda a família nuclear.

[...] meu esposo ficou dezessete anos ilegal e eu fiquei nove anos ilegal, aí conseguimos, né, ser cidadão americano, né, graças a Deus. É o sonho de todos que estão aqui, porque você se sente mais livre, você pode viajar, você pode ver sua família, então isso te dá uma liberdade, né, porque existe a saudade também de ver seus pais, mas é o preço [...].⁴³⁸

Eu vim casado do Brasil, com o propósito de ficar aqui três anos, acabei ficando até hoje, já vai pra 14 anos que estou aqui na luta. Tenho dois filhos com minha ex-esposa, ela ficou no Brasil. Eu vim pra ficar três anos, cheguei a comprar passagem pra ir embora, depois conheci a [...] e acabei ficando por aqui. Mas ainda sou casado no Brasil, não divorciei porque ela é de dentro da Igreja, trabalha na Igreja como eu também fazia no Brasil e por isso que a gente não se divorciou.⁴³⁹

A questão familiar é marcante, principalmente quando envolve casamento. As normas da Igreja representam grandes desafios para a pastoral migratória, como acabamos de observar no relato acima. Muitos migrantes têm duas famílias, a que deixou no Brasil e a que construiu depois de migrar sozinho. Falaremos mais desse aspecto nas análises adiante sobre Igreja e seu atendimento pastoral e evangelizador dentro da realidade migratória.

⁴³⁷ Entrevista 73.

⁴³⁸ Entrevista 36.

⁴³⁹ Entrevista 55.

Muitos citam como principais motivos de não voltarem para a pátria natal, a insegurança, a violência, a corrupção e a falta de oportunidade no Brasil, porém a família é o ponto central de dor que toca a maioria dos imigrantes.

[...] a partir do momento que a gente chega aqui e constrói uma família, tem família, tem filhos, passa a viver nessa terra como se fosse a sua terra. Eu, realmente, gosto muito daqui. Eu tenho um amor muito grande por esse país, porque é um país que tem me dado condições de viver, de progredir, de ter meus filhos [...] Dou orgulho a eles [...] ⁴⁴⁰

Vim sozinha, vim pra poder ajudar meus pais. [...] ou eu vinha ou nós íamos morar debaixo da ponte. ⁴⁴¹

Ressalta-se que o Estado de Massachusetts, região da nossa pesquisa de campo, tem uma localização geográfica onde o clima é muito frio e o sol é praticamente um evento, cuja duração não passa de quatro meses durante o ano, o que faz ampliar o estado de solidão e a saudade que os migrantes sentem de seus familiares. O ritmo de trabalho e suas condições também contribuem para esse vazio sentido pelos imigrantes.

Eu tenho três filhos que ficaram para trás, ficaram no Brasil. ⁴⁴²

Vim com a cara e a coragem. Sozinha. [...] Ninguém da minha família até hoje veio nem me visitar. Eu já posso ir, graças a Deus! ⁴⁴³

Voltando ao fator saudade, percebe-se pelos depoimentos que ela que pode levar os migrantes ao adoecimento, mas também à busca de Deus, de amigos e de encontros. A música Fogão de Lenha de Chitãozinho e Xororó, cantada e tocada de maneira emocionante durante uma entrevista com um grupo de seis amigos, grupo que costuma se reunir para conversar, trocar ideias, cantar e tocar bem retrata esse sentimento. ⁴⁴⁴

A questão familiar causa preocupação para as instituições que auxiliam os migrantes como também para a Igreja Católica, em sua ação pastoral e evangelizadora, principalmente, no que se refere aos sacramentos. As duas causas principais de algumas patologias psíquicas são o estado de solidão e o isolamento que levam, muitas vezes, à depressão. Há relatos de morte ocasionada por isolamento e solidão.

⁴⁴⁰ Entrevista 22.

⁴⁴¹ Entrevista 78.

⁴⁴² Entrevista 13.

⁴⁴³ Entrevista 67.

⁴⁴⁴ Entrevista 14.

Olha, eu fico com muita pena porque muita gente não consegue se adaptar. É como aconteceu comigo mesmo, eu chorei o ano inteiro quando eu vim pra cá de saudade da família, querendo ir embora.⁴⁴⁵

Geralmente as pessoas que vêm sozinhas, ou só a mulher, ou só o marido e deixam os filhos, a adaptação é bem difícil. Eu acho que as pessoas têm que ter um objetivo quando vêm pra cá, ou um objetivo a longo prazo ou a curto prazo, pra poder ficar. Porque senão começa a dar saudade e começam a comparar a frieza das pessoas daqui com o calor humano de lá e acabam voltando.⁴⁴⁶

Infelizmente ou felizmente as pessoas viraram egoístas, tanto faz na Igreja Católica como na igreja crente ou em qualquer outra religião. Não é a religião que faz a pessoa é aquilo que ele nasce, um dom nato. Não existe mais amigo, irmão, primo. Se alguém falou pro senhor que existe, não, isso já acabou.⁴⁴⁷

Quanto à chegada aos EUA e à saída do Brasil, em relação à adaptação e à mudança de cultura, muitos emigrantes relataram, que aconteceu de forma tranquila. Relatam ainda que os mais antigos (a primeira geração de emigrantes brasileiros como já destacado), sofreram mais com a adaptação. Em relação ao Brasil sentem saudades, mas não voltariam. Quanto à acolhida, a maioria diz ter tido boa recepção por parte dos americanos e pelos emigrantes brasileiros que já se encontravam no país.

Acho que essa caminhada que também, às vezes, dói, porque é tanta despedida que dói, mas ao mesmo tempo, né, é bom porque você sempre conhece pessoas novas.⁴⁴⁸

Apesar da saudade se fazer presente de maneira intensa nos migrantes, muitos registram essa dor apenas em relação a seus familiares; em relação ao Brasil, no entanto, alguns têm o sentimento de exclusão do seu território, por não terem conseguido espaço digno de trabalho e de construção pessoal e social.

Até falo com meu esposo que se por acaso eu vier a morrer no Brasil, você me traz de volta, eu não quero ser enterrada no Brasil.⁴⁴⁹

eu gostaria de terminar meus dias lá com meus pais, mas isso não é possível né, porque primeiro, no momento, o Brasil não tem estrutura. Pra mim, ter que largar tudo aqui e voltar. Então, eu estou dando um passo para trás.⁴⁵⁰

No Consulado Brasileiro em Boston-Massachusetts, percebemos que acolher os migrantes brasileiros, informar sobre suas situações e estar próximo de

⁴⁴⁵ Entrevista 49.

⁴⁴⁶ Entrevista 50.

⁴⁴⁷ Entrevista 53.

⁴⁴⁸ Entrevista 20.

⁴⁴⁹ Entrevista 36.

⁴⁵⁰ Entrevista 39.

suas necessidades e dificuldades são atitudes encontradas nessa esfera, como apontado por um de seus funcionários.

é claro que eu não faço as coisas sozinhas, nunca, jamais, mas o que eu preciso é ter uma equipe assim, sintonizada, empenhada em oferecer um atendimento atencioso, acolhedor, humanizado, respeitoso e a gente conversa muito sobre isso aqui internamente. É isto estar perto e quando as pessoas estiverem aqui conosco serem recebidas da melhor maneira.⁴⁵¹

Quando analisamos a adaptação social e cultural dos migrantes no território de estudo (Massachusetts), vemos, no geral, um migrante feliz, mas não sem suas preocupações e medos, referentes principalmente à economia, ao trabalho, à família, à falta de documentos. Não perdendo a maneira de ser do brasileiro, estes migrantes sempre conseguem dar um “jeitinho” para se adaptarem aos costumes, à língua, aos preconceitos, à identidade e à discriminação, esta principalmente, por não saberem falar o idioma local. Poucos são os que falam fluentemente o inglês. Os que sabem aprenderam depois que chegaram ao país, de modo especial, pela necessidade do trabalho.

[...] esses que vieram pra cá já ao redor dos 30 anos ou 25 anos e hoje tem 50, 60, eles estão inculturados, trabalham com americanos e a maioria desses mais antigos tem documentos [...].⁴⁵²

Discriminada não, mas, às vezes, quando você não fala a língua você se sente, assim, um pouco evitada, porque você não sabe se comunicar direito, mas maltratada nunca me senti aqui.⁴⁵³

E quando eles chegam aqui, depois de muito sofrimento, onde passam pelo México, passam um mês, dois meses no deserto do Texas até chegarem na cidade onde eles querem ficar, a primeira preocupação deles é o trabalho. Eles não pensam na Igreja. A Igreja vem muito depois [...].⁴⁵⁴

Todos têm os mesmos direitos e deveres, mas o imigrante ilegal não tem os mesmos benefícios, então acaba sendo marginalizado, vivendo uma vida como um cidadão de segunda classe e é por isso que nós lutamos: pra trazer todos ao mesmo nível.⁴⁵⁵

Em função do processo globalizador no mundo, a questão cultural e de identidade, acaba apresentando traços culturais e características próprias do país de origem no país de chegada dos migrantes. Um exemplo disso é que 60% dos brasileiros continuam assistindo às novelas e aos seriados da Rede Globo. Essas

⁴⁵¹ Entrevista 32.

⁴⁵² Entrevista 82.

⁴⁵³ Entrevista 36.

⁴⁵⁴ Entrevista 62.

⁴⁵⁵ Entrevista 69.

práticas identitárias acabam divulgando a cultura também. Preconceitos e discriminações poucos relatam essa realidade.

É assim uma coisa que todo brasileiro passa, não só brasileiro né, mas de todos os países que vêm e a pessoa que não é legal, às vezes sente que quem é legal discrimina você, não pode falar nada, você não pode fazer nada, porque você não é legal, então a gente se sente assim um pouco excluído, mas isso é normal.⁴⁵⁶

Em relação à segurança e à saúde falam com orgulho do país local, afirmando ser de excelência, se comparada com o Brasil. No entanto, essa facilidade de manter a cultura brasileira por causa da globalização, por outro lado traz um ponto negativo, a do brasileiro não querer se misturar aos americanos, não se permitir inserir-se também nessa cultura.

Do jeito que tá a situação ninguém fala em ir embora não. É ficar por aqui mesmo e só quer caçar uma maneira de se legalizar e ficar tranquilo aqui, morando aqui, criando família.⁴⁵⁷

Por fim, assim como a Igreja Católica e também igrejas de outras denominações religiosas, os organismos que atendem e cuidam dos migrantes prestam maravilhoso serviço. O Apostolado Brasileiro e as congregações religiosas ficam para o nosso próximo tópico. Gostaríamos ainda de dar destaque ao imprescindível serviço do Consulado Brasileiro em Boston, referência nesta análise.

O Consulado é a casa deles fora do Brasil, porque se ele não tem a informação toda, ele tem que procurar um local que dê apoio, o Consulado é pai e mãe, que dá o respaldo à situação toda. Isso é necessário, aqui eles fazem um registro e deixam um contato do Brasil porque em caso de emergência, primeiro nós procuramos pessoas aqui nos EUA, depois damos o apoio aos familiares no Brasil para saber sobre a pessoa que está aqui.⁴⁵⁸

O tom da política, as pessoas ficam preocupadas com tom do debate político. O consulado é claro não se envolve diretamente nessas questões, mas é um observador, porque sabe que isso tem implicações para nossa comunidade aqui. [...] Agora, como tudo, há opiniões diferentes, da mesma forma que existem as pessoas aqui que sejam favoráveis a políticas mais restritivas, de fechamento, também há pessoas muito comprometidas com outra leitura, com outra realidade e eu acho que aqui, por exemplo, no Estado de Massachusetts, até onde minha experiência permite falar, a gente tem lideranças políticas, assim, muito sensíveis aos migrantes e que reconhecem o papel, a contribuição dada das comunidades, como a comunidade brasileira. Isso está evidente neste último relatório do prefeito de Boston, que foi mencionado, ele próprio, filho de uma emigrante irlandesa que disse que tem na sua história de vida essa experiência né? Da mesma forma o prefeito Summer View tem programas interessantes, programas muito edificantes, muito positivos em relação às comunidades emigrantes, onde são tantos brasileiros.

⁴⁵⁶ Entrevista 39.

⁴⁵⁷ Entrevista 30.

⁴⁵⁸ Entrevista 70.

A Procuradoria Geral do Estado também tem uma política muito voltada aos direitos das pessoas. A procuradora faz um trabalho, assim, aliás é muito importante dizer que tem um brasileiro na Procuradoria [...]. Ele é diretor da unidade da Procuradoria para relações externa com a comunidade e a procuradora, ela faz um pouco assim, o que a gente tenta fazer aqui, estar onde estão às pessoas estão.⁴⁵⁹

A gente tava conversando assim, com alguns presos né, e vieram cinco ou seis outros de outras nacionalidades querendo informação, porque eles estavam admirados que o consulado estava lá dentro do presídio, visitando os brasileiros e eles também queriam alguma informação, algum apoio, mas infelizmente a gente não pode estar prestando apoio a pessoas que não são nacionais, até porque a gente não conhece [...].⁴⁶⁰

Dessa forma, levantamos elementos para compreender a realidade migratória nos seus dois movimentos, de saída (emigração) e de ingresso numa realidade sociocultural (imigração). Analisamos alguns aspectos entre tantos outros levantados na pesquisa de campo sobre o fenômeno migratório brasileiro para um local específico. Assim, nos detivemos mais em analisar e restringir ao objetivo material da pesquisa, por entendermos ser essencial para analisarmos e compreender melhor o objeto formal, a realidade migratória encontrada à luz de determinados parâmetros teológicos.

Necessário destacar que algumas instituições que trabalham com migrantes, inclusive, a Igreja Católica, enfrentam esse fenômeno trabalhando o acolhimento e a hospitalidade desses atores sociais. Ao mesmo tempo, denunciam fragilidades e lacunas e revelam as aspirações humanas de se viver a unidade, respeitando as diferenças, por meio de gestos fraternos de solidariedade, que rechaçam qualquer tipo de rejeição e discriminação contra os seres humanos. Percebemos que os migrantes carregam em seus corações o desejo de um futuro melhor, não só para si, mas para suas famílias e entes queridos, sempre com muita confiança e esperança, sendo referência de formas e caminhos de solidariedade fraterna e amizade com os migrantes, que pedem pontes e não muros.

Analisaremos a seguir a Igreja Católica e sua acolhida aos migrantes, as atividades pastorais, como facilitam a experiência cristã nesta realidade específica migratória e como os imigrantes têm contribuído para o crescimento da fé e do catolicismo nos EUA.

Hoje, os Estados Unidos, conta com 66 milhões de católicos. O catolicismo está crescendo muito nos Estados Unidos devido às migrações, seja de filipinos, seja de

⁴⁵⁹ Entrevista 32.

⁴⁶⁰ Entrevista 32.

hispânicos, mexicanos que chega aqui, o brasileiro também chega aqui católico e, alguns, deixam de ser católicos pra ser acolhidos melhor por algumas pequenas comunidades evangélicas pentecostais, mas a maioria vem católico, normalmente, do Brasil. Então os bispos têm consciência do que significa para a Igreja os imigrantes [...] Se você perguntar em todas as comunidades, começaram a rezar a missa no sótão da igreja, foram, digamos assim, no lugarzinho assim pra não incomodar, assim é o início de tudo, de todas as comunidades e aos pouquinhos você vai crescendo e vai se integrando. [...] essa paróquia, do qual sou pároco, é a única paróquia nos Estados Unidos que é composta de 80% de brasileiros, cujo padre é brasileiro, entende?⁴⁶¹

E quanto a Igreja não tenho do que me queixar da Igreja não, acho que a Igreja é o lugar onde mais tem acolhido pessoas sabe, eu participo da comunidade da Somerville.⁴⁶²

4.2.2 Jesus e a Igreja

A Igreja é peregrina sobre a terra e mãe de todos. Ela deve estender seus braços para acolher a todos sem distinções e fronteiras. Um coração aberto ao mundo inteiro. A Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentio* nos diz que a Igreja gera filhos e filhas, sendo incorporados nela; que os abraça com amor e solicitude (n. 14); propaga no mundo a cultura do acolhimento e solidariedade, mostrando que nenhum filho ou filha de Deus é inútil, intruso ou descartável; é sempre vocacionada e orientada pela palavra de Deus, que manda acolher, ajudar, guardar e acompanhar o peregrino, migrante e estrangeiro; põe em prática o mandamento do amor, que Jesus nos deixou.

O caráter multicultural da contemporaneidade desafia a Igreja a assumir os compromissos de solidariedade, comunhão e evangelização, construindo uma convivência harmoniosa entre pessoas e culturas e a ter como base a cultura do encontro para a construção de um mundo cada vez mais fraterno e justo. Como vimos anteriormente, a realidade deste fenômeno causa avanços e retrocessos no campo social, político, econômico, cultural e religioso. A Igreja, juntamente com instituições e organizações, se põe a serviço desta realidade migratória que afeta todos os continentes do mundo, tanto no movimento de imigração quanto o de emigração.

a Igreja percebe que vai crescendo à medida que os migrantes chegam, porque a Igreja Católica vai crescendo com os imigrantes, a Igreja de Boston também, do mesmo jeito. [...] Então hoje a Igreja local vê as migrações diferentemente de 20

⁴⁶¹ Entrevista 25.

⁴⁶² Entrevista 42.

anos, 25 anos atrás, então já não há muita necessidade de organização do apostolado, mas está sempre a fazer uma festa junto. Celebramos a Crisma juntos, alguns gestos assim, pra mostrar a visibilidade da comunidade brasileira aqui na Arquidiocese de Boston.⁴⁶³

A Igreja enfrenta hoje a globalização do fenômeno migratório e busca respostas, em suas ações pastorais e evangelizadoras, em favor da paz que contribuam para condições favoráveis à família humana. A Igreja atenta às mudanças culturais é guiada pela força do Espírito Santo que a conduz, inspira, testemunha e a impulsiona em sua ação pastoral e evangelizadora ao acolhimento e à dignidade de todos os migrantes, sendo condição necessária para a vivência da fé. Uma Igreja de olhos e ouvidos abertos ao momento atual de imigração, que nesse contexto toma uma postura de tolerância e diálogo, fazendo sempre uma leitura positiva e de esperança em favor da vida, libertação, justiça e fraternidade. Assim, está contra tudo o que é desumanizador, anti-Reino, colocando Jesus Cristo no centro de toda a sua ação pastoral, que nos revela o Deus amor e misericordioso.

O serviço aos migrantes que se consolida na vida em comunidade, nos revela o Deus de Jesus Cristo e possibilita fazer a experiência cristã na realidade vivida. A Igreja continua na história a caminho de Jesus Cristo, Bom Pastor, que cuida, acolhe, busca e conhece suas ovelhas, pois Deus continua armando sua tenda no meio do seu povo. Ao analisarmos os depoimentos dos migrantes nas entrevistas, percebemos que o rosto da Igreja se assemelha e reflete uma Igreja de comunhão e participação. A liturgia, os sacramentos e as ações pastorais em muito pouco se distanciam da Igreja latino-americana. O desafio, porém, está na evangelização e na facilitação de fazer a experiência cristã, pois os imigrantes encontram novos desafios que são, por vezes, diferentes dos encontrados nos ambientes de fixidez.

Os imigrantes carregam consigo toda uma cultura, identidade e experiências dentro de si e se deparam com outra realidade diferente encontrada no lugar de chegada, o que se reflete, frequentemente, nos serviços e nas respostas que a Igreja precisa oferecer aos migrantes. Por mais que seja semelhante, a vivência da fé não sofre apenas uma transferência de lugar, mas modifica o modo da própria vivência de fé dos imigrantes, em função dos motivos, necessidades e

⁴⁶³ Entrevista 25.

experiências vividas dentro de uma cultura, língua, trabalho, valores e motivações comunitárias, sociais e religiosas diferentes das experienciadas anteriormente. O rosto da Igreja Católica que encontramos foi, primeiramente, de uma Igreja acolhedora e de referência para esses migrantes, como pode observado nas falas seguintes:

chegando aqui que eu fui ver que a Igreja tem que ser isso, que a Igreja tem que ser comunidade, ir atrás, procurar se a pessoa não veio, o padre tem que saber quando fulano não apareceu, o que aconteceu... Porque a gente vê isso muito nos evangélicos, que quando não apareceu vai ligar, manda o irmão ir atrás... Então aqui eu percebi isso, mas isso não sei se é porque as pessoas sentem falta da família e chega brasileiro e querem trazer pra perto [...]⁴⁶⁴

toda minha família é católica. o avô paterno, o avô materno, pai, mãe e aqui cheguei... assim fui nas igrejas americanas, fui em outras religiões, em outras igrejas quando cheguei [...] fui em *Low* aqui... fui na Igreja Sagrada Família, aí me encontrei, que é a comunidade, e aí estou aqui, firme até hoje.⁴⁶⁵

quando a gente chega aqui, é o que nos sustenta né? Chegar no final de semana, estar lá com a comunidade, poder fazer os amigos, refazer as amizades que a gente deixa no Brasil... A gente tinha um ciclo de amizades, chega aqui você está em estaca zero, então, tem que refazer tudo de novo e a partir da Igreja a gente consegue isso.⁴⁶⁶

Fui muito bem recebido. A comunidade brasileira, ela é muito acolhedora aqui.⁴⁶⁷

[...] desde que eu cheguei essa comunidade me acolheu na segunda semana já. Eu me senti bem acolhida.⁴⁶⁸

Essa acolhida aponta para a grande característica pastoral e evangelizadora dos sacerdotes e agentes de pastoral, bem como para o desafio da evangelização nesta realidade migratória, fazendo pontes entre a realidade da saída e da chegada, ajudando e favorecendo a vivência da fé, a adaptação das pessoas que migram e a sua inserção na própria sociedade local. Isso confirma o que já dissemos anteriormente, que o desenraizamento e a acolhida são sinais da própria experiência salvífica no mundo contemporâneo.

[...] levar um abraço, levar um sorriso, é levar algo que vai deixar a pessoa mais feliz. Porque pra muitas pessoas, às vezes, simplesmente, um abraço que você dá, um sorriso, é aquilo que as pessoas estavam esperando.⁴⁶⁹

A gente participava da comunidade, isso traz um pouco de avivamento na nossa vida e a gente precisa disso, porque a gente sente muita falta da nossa família...

⁴⁶⁴ Entrevista 15.

⁴⁶⁵ Entrevista 19.

⁴⁶⁶ Entrevista 10.

⁴⁶⁷ Entrevista 13.

⁴⁶⁸ Entrevista 16.

⁴⁶⁹ Entrevista 4.

Sente e fica carente... Isso faz com que você se sinta mais entre amigos, acolhido, poder falar sua língua e poder ir e vir dentro de uma comunidade. Foi muito bom para nós.⁴⁷⁰

Acolhido... É família, é impressionante... Os brasileiros que vêm pra cá e deixa sua família, os pais, os familiares e chega e procura se agrupar mesmo, na união, no amor e prova que é a organização que faz a comunidade [...].⁴⁷¹

Aqui as pessoas são muito acolhedoras né, você chega e eu me sinto bem, me sinto bem acolhida dentro da Igreja.⁴⁷²

Ao analisarmos esse aspecto da acolhida eclesial ao migrante, vamos percebendo outros aspectos que resultam deste serviço de acolhida fornecida pela comunidade Igreja que hoje é constituída também por migrantes, por aqueles que vivem fora de sua pátria natal. Por isso, o gesto de acolher revela-se entre os que chegam e os que oferecem a hospitalidade e a solidariedade.

Na minha opinião, pra mim, foi muito diferente, porque aqui a gente participa muito mais do que lá. Lá a gente conhece as pessoas de um oi, oi, oi, aqui não, a gente conhece as pessoas como ser humano, a gente convive muito mais né? Um ajuda muito mais o outro. [...] E aqui as pessoas se envolvem nos mesmos problemas, principalmente, problema de imigração, de carteira... Que todos nós temos e cada um procura ajudar um ao outro.⁴⁷³

Até quando cheguei aqui e descobri minha doença e... Eles me acolheram, me ajudaram com intérprete, me levaram a médico... Eu não sabia nada, não conhecia nada e eles abriram as portas, me acolheu, me levando pra médico, vendo se eu precisava de remédio, comida, de roupa, porque eu tinha chegado e, assim, em um mês, em três meses, quatro meses eu estava fazendo hemodiálise. Só descobri quando cheguei, não sabia de nada... Agora faz um ano, mais ou menos, que eu estou fazendo hemodiálise... Estou nessa luta, nessa cruz com muito sofrimento... Sofri muito assim que eu cheguei aqui, mas essa comunidade, essa igreja, que ela vive mesmo aquela caridade, aquele acolhimento aqui... Foi maravilhoso e se não fosse eles eu não sei o que seria de mim...⁴⁷⁴

Eu fui bem acolhido, eu tenho poucas reclamações, não tenho muitas, tem umas né, que você sabe que a nossa raça é complicada, mas, assim, muitos me ajudaram, a maior parte me ajudou, a maioria me deu apoio e sou muito grato por isso.⁴⁷⁵

Se por um lado o retrato da Igreja Católica Brasileira em Boston nos revela uma Igreja acolhedora e solidária, por outro encontramos modos diferentes no aspecto pastoral de acolher em relação à Igreja Católica Norte-Americana, com modo mais específico na ação pastoral, pois a igreja local é muito mais sacramental do que pastoral, litúrgica.

⁴⁷⁰ Entrevista 11.

⁴⁷¹ Entrevista 16.

⁴⁷² Entrevista 36.

⁴⁷³ Entrevista 13.

⁴⁷⁴ Entrevista 15.

⁴⁷⁵ Entrevista 39.

É bom ter a Igreja Católica aqui, porque tu tá no país diferente... tu tem aquela parte acolhedora né? Tu vai numa Igreja Americana tu não entende, a gente que não entende muito inglês, não entende, é meio estranho...⁴⁷⁶

Sempre fomos bem recebidos. Os padres americanos, todos, sempre dizem que gostam muito da nossa comunidade, que é uma comunidade ativa, animada. Tem muitas crianças e eles gostam muito do barulho das crianças, porque isso é bem difícil nas comunidades deles.⁴⁷⁷

Na verdade não é a Igreja Católica que acolhe a gente, é a gente que acolhe a Igreja Católica. Porque ela não vai me achar, eu que tenho que achar ela. Sempre falta alguma coisinha, um padre com mais vontade, um padre mais jovem, não sei... mas alguma coisinha falta. [...] Na verdade eu fui à Igreja Americana, porque meu marido é americano, mas não me senti bem. Eu falei com meu marido: “A minha fé eu vou professar na minha língua”. Eu gosto da comunidade católica brasileira. O americano é um pouco frio. O brasileiro mostra mais amor, mais afetividade, através das ações dele, o americano é um pouco mais distante.⁴⁷⁸

a Igreja americana não é muito preocupada com pastorais, envolvida com pastorais, ela é muito mais envolvida com prestação de serviço [...] a missa em inglês é muito rápida né, eles reduzem a missa muito, as crianças, a gente não vê muita criança na missa em inglês, jovens menos né, eu acho que a missa brasileira, hispânica, também é muito mais amorosa, muito mais calorosa, com os cantos, com a paz, eu acho essa diferença.⁴⁷⁹

A pastoral Americana é muito sintética, se vai uma paróquia que tem um movimento muito grande, pastoralmente falando, se pode dizer que a pastoral Americana é cultural. É cultural e conservadora. Cultural porque as pessoas simplesmente vão buscar a Igreja propriamente sacramental (batismo, 1ª comunhão, confirmação ou matrimônio). É o comum as pessoas no domingo irem à missa e pronto. Existe um estudo bíblico, porém não tem um desenvolvimento de paróquia como conhecemos em nossos países, onde o desenvolvimento de paróquia foca o aspecto social [...] A Igreja é conservadora no sentido de protecionismo, pois há tantas e tantas possibilidades de credos, budistas, hinduístas, protestantes, mulçumanos, que são tão bombardeadas de muitas outras maneiras... e estas que a Igreja tende a encerrar-se a conservar o que tem, tanto que há uma aceitação das missas tridentinas e em latim. E dificuldade de uma Igreja Conciliar a uma Igreja pós Conciliar, porque o estilo de pastores e o estilo de cultura [...].⁴⁸⁰

O acolhimento da comunidade brasileira pela sociedade norte-americana revelou ser, na maioria das vezes, boa, segundo a visão dos brasileiros que chegam ao país.

por tudo que eu passei aqui, pelo que eu passei aqui que eu achava que os médicos não iam me atender, mas não, eles me atenderam não perguntaram se eu tinha documento, não perguntaram há quanto tempo eu tinha chegado e eles me atenderam na hora. Eles colocaram, assim, o ser humano em primeiro lugar, vamos

⁴⁷⁶ Entrevista 23.

⁴⁷⁷ Entrevista 50.

⁴⁷⁸ Entrevista 61.

⁴⁷⁹ Entrevista 27.

⁴⁸⁰ Entrevista 64.

te atender, não tenha medo e ainda falavam comigo: - nós não vamos te abandonar, não vamos te deixar à mercê.⁴⁸¹

De uma forma geral, eu acho que o americano tem uma visão assim, bem positiva do imigrante né? Porque a maioria do pessoal que vem pra cá é com vontade de trabalhar, é esforçado e eu acho que o povo americano reconhece muito isso e, de uma certa forma, no geral eles têm a receptividade muito boa.⁴⁸²

É uma mãe, eu queria que o nosso país fosse assim, as pessoas fossem mais honestas, que pudessem trabalhar dentro da honestidade, não só para você como para todos. Eu acho que os Estados Unidos é assim, ele recebe as pessoas e as leis funcionam e as pessoas vêm pra cá com mau hábitos e chega aqui você tem que entrar na linha, mesmo porque ela existe e você vai pagar pelo que você faz aqui.⁴⁸³

Eu não tenho experiência ruim nenhuma com americanos. No Brasil ouvi “você saiu do Brasil para ser escravo de americano, pra ser cachorro de americano”, não, pelo contrário, a experiência que eu tenho aqui de brasileiro é brasileiro sendo escravo de brasileiro, brasileiro sendo cachorro de brasileiro, mas tem exceção né, tem muito brasileiro que recebe os outros bem, mas a maioria do nosso povo brasileiro aqui ele não é unido com uma comunidade...⁴⁸⁴

Abriram os braços, sou bem recebida, me tratam bem dentro da casa deles, inclusive tem 11 anos que estou aqui e trabalho para as mesmas pessoas. Não tive preconceito nenhum e nem eles comigo por causa do meu idioma, eu não cheguei falando inglês porque ninguém chega aqui falando inglês fluente. [...]São pessoas muito corretas, honestas, porque eles põem a chave da casa na mão da gente, sem conhecer a gente, sabendo que a gente é imigrante, que a gente tá aqui sem documento, sem nada, mas entregam a casa pra gente entrar pra limpar e na saída a gente traz a chave pra casa.⁴⁸⁵

Nas entrevistas podemos observar que, geralmente, os migrantes se sentem bem acolhidos pelos americanos, tendo algumas exceções, tanto em relação à Igreja como em relação aos próprios norte-americanos.

É, no começo foi difícil, porque eles não nos entendia, mas quando você consegue se comunicar, eles conseguem ter uma abertura melhor.⁴⁸⁶

como em qualquer lugar, tem pessoas boas e pessoas ruins e tem os que te respeitam, os que concordam contigo, porque, afinal, isso aqui é um país de emigrantes e tem aqueles também que são descendentes de emigrantes, os que estão aqui, mas de fato são descendentes de migrantes também... uns compreendem, outros não, mas a maioria te trata bem, te tratam com respeito, tem os ruins que te discriminam, mas faz parte.⁴⁸⁷

Os hispânicos são mais unidos do que os brasileiros... Eu acho que as comunidades brasileiras estão começando, já teve fases melhores e agora a gente está percebendo, por exemplo, que ficou um período que quase não chegava mais

⁴⁸¹ Entrevista 15.

⁴⁸² Entrevista 22.

⁴⁸³ Entrevista 36.

⁴⁸⁴ Entrevista 41.

⁴⁸⁵ Entrevista 92.

⁴⁸⁶ Entrevista 16.

⁴⁸⁷ Entrevista 21.

imigrante e agora está chegando... A gente percebe em todas as missas sempre tem um chegando novo, se apresentando.⁴⁸⁸

Fui bem recebida, mas eu me sinto melhor acolhida na comunidade da igreja. [...]. E eu sinto que aqui é uma grande família, acho q todos se sentem assim. Então a importância é fundamental pra mim. [...] a maioria dos americanos são pessoas mais reservadas.⁴⁸⁹

O acolhimento dos americanos em relação aos brasileiros pode ser melhor observado nessa entrevista de grupo com sete mulheres. As opiniões se divergem devido às suas experiências pessoais, mas a maioria diz ter sido bem recebida pelos norte-americanos. Outros, no entanto, dizem não terem tido uma boa acolhida.

Os americanos pra mim são 10 sempre, 10, nunca fui discriminada apesar de que até hoje não domino a língua, mas nunca fui discriminada e amo os americanos, não tenho nada que falar mal deles. Bem melhor do que os brasileiros pra mim os americanos. Eu também eu também gosto muito deles. Eles não têm discriminação e se chega uma pessoa assim, qualquer tipo de pessoa, na casa deles se a gente chega e essa gente tiver presente, eles falam fulano de tal essa é fulana, esse é fulano de tal, eles apresentam, eles não têm essa discriminação, assim, de empregada, eles não fazem distinção. [...] honestamente, para mim existe discriminação [...] já trabalhei com o cliente que eu fui discriminada pela cliente... some uma coisa na casa dele, várias pessoas entram na casa dele, mas ele vai lá perguntar pra mim, porque eu sou *house cleaner*, então ele está me discriminando [...] pude observar que discriminação sempre vai existir, onde houver ser humano, em qualquer parte do mundo, a discriminação vai existir e a discriminação aqui, às vezes, é, muitas vezes, até por nós próprios imigrantes que discriminamos os outros.⁴⁹⁰

Na época que vim também eu não fui bem recebida por brasileiro não, no primeiro dia que eu cheguei já me espantaram, já falaram mal, já falaram o porquê eu quis vir pra cá, que a situação aqui não estava boa e isso e aquilo. Eu tive mais apoio de pessoas americanas que depois eu conheci do que dos brasileiros. [...] Há 23 anos atrás a comunidade brasileira era de poucas pessoas, eu fui muito bem recebida [...].⁴⁹¹

Pode-se perceber nas entrevistas que algumas dificuldades ainda são encontradas e que devem ser enfrentadas pela Igreja, como vêm sendo, na tentativa de superá-las de forma cada vez satisfatória na busca de valores humanos, sociais e religiosos. Podemos verificar algumas dessas dificuldades nas entrevistas a seguir que tratam de temas como trabalho, liturgia, a realidade dos primeiros migrantes, o preconceito, a língua.

⁴⁸⁸ Entrevista 10.

⁴⁸⁹ Entrevista 58.

⁴⁹⁰ Entrevista 34.

⁴⁹¹ Entrevista 34.

Na época não tinha muitos (brasileiros) e meu marido trabalhava das nove da manhã em um restaurante às duas da manhã, então a recepção não foi muito boa, porque fiquei muito sozinha aqui...⁴⁹²

preconceito existe sim [...] No próprio trabalho às vezes eles dão preferências pra certas raças, pros brancos, pros italianos ou pros hispanos, ou japoneses. Então querendo ou não eles separam.⁴⁹³

Muito mal recebido. Nossa, eu passei muito aperto, eu trabalhava demais, o patrão não pagava, receber era complicado, tomei muito prejuízo, era muito mal tratado. [...] passava o dia todo trabalhando, só chegava em casa, tomava banho, jantava e dormia, a minha vida era essa, os primeiros 6 anos da minha vida aqui.⁴⁹⁴

Eu não sei por que que o brasileiro chega aqui nos EUA se ele tá bem, se ele tem um emprego bom, aí é o momento que ele vê o irmão chegando e precisando e ele usa o irmão, a pessoa pro trabalho, às vezes não paga a pessoa. Eu tenho visto muito isso. [...] A maioria dos brasileiros aqui, eu tenho vergonha de falar isso das pessoas do meu país, normalmente humilham muito o irmão aqui, entregam pra imigração, fazem coisa assim, ameaça de entregar.⁴⁹⁵

Eu senti pelos brasileiros, que ajudam mas não tem tanto interesse e fica um pouco difícil. E pelos americanos, por não saber a língua, eu senti muita discriminação. Não sei se todo mundo sente, mas eu senti embora já falasse inglês.⁴⁹⁶

No início foi uma barreira, porque eu era imigrante, a cor da pele não era branca, não falava o idioma direito, então tem toda essa discriminação aí envolvida.⁴⁹⁷

[...] Ninguém falava português, às vezes você ligava pra algum lugar, se você não soubesse inglês tinha que tentar o espanhol, não havia quem traduzisse pra português e hoje não [...] em tudo tem um brasileiro trabalhando.⁴⁹⁸

Começamos nossa análise pela acolhida, por acreditar ser ela o ponto inicial de toda boa ação pastoral e evangelizadora. Pode-se dizer que, em ambas as partes da Igreja Católica nos EUA, em qualquer de suas igrejas, seja frequentada por americanos ou pelos brasileiros existe a preocupação de acolher, com hospitalidade e solidariedade. A diferença, porém, está na identificação que o próprio migrante tem com a sua maneira cultural de viver a fé.

Destaca-se, nessa análise a acolhida que a Igreja Católica tem disponibilizado aos migrantes, no que se refere aos desafios e às respostas oferecidas, pela seguinte fala de um sacerdote:

Os desafios são o que recebemos deles. A alegria é o que nós podemos responder a eles.⁴⁹⁹

⁴⁹² Entrevista 33.

⁴⁹³ Entrevista 65.

⁴⁹⁴ Entrevista 69.

⁴⁹⁵ Entrevista 73.

⁴⁹⁶ Entrevista 51.

⁴⁹⁷ Entrevista 65.

⁴⁹⁸ Entrevista 69.

⁴⁹⁹ Entrevista 64.

A nossa proposta é o discernimento. Perguntamos: você veio em busca de quê? Qual o teu projeto? Por quanto tempo? Porque se alguém tem essas propostas de discernimento, não só estamos ajudando as pessoas a se encontrarem, pois fique certo que este é um país que pode te prometer muito, porém ao mesmo tempo é um país que pode te condicionar exageradamente [...]. É despertar a parte do homem que talvez esteja adormecida, que negamos por outros fins, outras coisas... Então se ajuda a pessoa a tratar da consciência, porque é que está aqui. É o próprio discernimento vocacional [...]. Por isso se trabalha muito e se propuseram três anos, é muito, ou seja, se der para se dedicarem três anos... Ser o que se propuseram a ser, buscar dinheiro, poder construir a casa da mãe e depois irem embora. Esse é um trabalho claro, me parece, um trabalho migratório, porque se uma pessoa não tem nada afetivamente, está sozinha, isso é a maior carência que se encontra primeiro aqui, a solidão. A solidão os empurra, a tristeza maior da adaptação cada um em seu campo mais variado. A busca de álcool, de drogas e fugas muito maiores de prostituição e de outras coisas, então isso que nós tratamos de evitar, ajudar a pessoa a não se sentir só.⁵⁰⁰

E falando em respostas, os próprios migrantes revelaram:

Eu encontrei pessoas maravilhosas, que me deram todo apoio e a primeira Igreja Católica que eu entrei foi aqui em Boston. [...] A Igreja pra mim foi e é uma família.⁵⁰¹

A Igreja Católica no território da pesquisa, além de apresentar relevante acolhida, revela um perfil de alegria, comunhão e participação nas comunidades que atendem aos migrantes e também de uma Igreja profética atenta aos sinais dos tempos em sua evangelização.

Participava da Igreja lá e eu gostava muito da Igreja de São Judas Tadeu lá em Contagem e cheguei logo participando da comunidade, já tocando piano.⁵⁰²

Tem me ajudado, porque o país oferece muitas coisas, inclusive, o afastamento de Deus, então, a gente precisa cuidar diariamente e a comunidade me ajuda a não ter essa distância, não deixar esse afastamento, então a Igreja me ajuda muito.⁵⁰³

Aqui eu acho que tu sente a Igreja mais próxima do que propriamente na cidade onde o cara tá, porque eu acho que o povo aqui é mais acolhedor pelo sofrimento que tem. Eu acho que eles acolhem mais. E também aqui os padres são mais próximos dos brasileiros do que lá.⁵⁰⁴

Na minha opinião, acho que a Igreja não tem que melhorar, as pessoas têm que se melhorar pra entrar e se firmar na Igreja. A Igreja é toda perfeita né? As leis da Igreja são as leis de Deus né? O ser humano é que tem que se aperfeiçoar nas leis de Deus e seguir, buscar os mandamentos Dele né? Eu acho assim, que todos que estão aqui precisam, de alguma forma, procurar uma Igreja, não importa que seja protestante, evangélico, batista, claro, eu não mudaria a minha Igreja por nada nesse mundo. A minha Igreja é Católica, não porque eu nasci católica, meus pais

⁵⁰⁰ Entrevista 64.

⁵⁰¹ Entrevista 67.

⁵⁰² Entrevista 13.

⁵⁰³ Entrevista 16.

⁵⁰⁴ Entrevista 37.

me criaram Católica não, é porque eu acho que essa é a primeira Igreja de Cristo, é a Igreja Católica né? Então, mas é importante cada um seguir, pelo menos, o caminho de Deus né? Os ensinamentos de Deus, porque você seguindo os ensinamentos de Deus, andar no caminho Dele, você não erra.⁵⁰⁵

Eu sou católica, mas com uma abordagem muito aberta, muito ecumênica, eu tenho uma visão, assim, acho que há sempre o bem em todos os lugares e a melhor religião é a que faz bem à sociedade, a comunidade, a relação entre as pessoas, que são valores, como a gente vê em todas as profissões religiosas. [...] É muito importante o papel da Igreja, eu digo das igrejas, porque as igrejas são... é o apoio mais direto e é quem está mais perto das pessoas, é quem mais pode dar a elas toda orientação, conforto espiritual, enfim as pessoas buscam onde é que estão reunidos os maiores grupos de brasileiros e são nas igrejas, nos templos, então é claro que a igreja quer fazer o bem, a igreja quer apoiar, o exercício de sua missão, a sua missão é a missão de apoiar pessoas em dificuldades, em todos os aspectos, às famílias, às crianças, então nada mais natural e nada mais necessário do que a gente estar e buscar o apoio das igrejas para a gente poder chegar até as pessoas e oferecer, é claro, nosso apoio. [...].⁵⁰⁶

Eu penso que aqui as coisas são mais organizadas, não sei se da onde eu vim, frequentava, assim era uma igreja mais aberta, não havia padres, era mais celebrantes e aqui não, não há celebrantes, tem que ser um padre ou um diácono, então acho que dá uma organização maior, até na celebração, liturgicamente falando se organiza melhor a Igreja.⁵⁰⁷

Eu não sei se foi a idade que me fez aproximar mais da Igreja, eu não sei se foram os padres, se foi a necessidade, se foi a solidão muitas vezes, o medo... Eu não sei bem qual o motivo, mas com certeza eu fiquei mais participativa aqui.⁵⁰⁸

Eu amo a igreja daqui, eu gosto de toda comunidade. Inclusive em 2015 eu quebrei meu pé, fraturei até o joelho e eu fiquei o 2015 todinho parada. [...] Fui muito bem assistida pela Igreja, os ministros da Eucaristia me levavam a comunhão e foi muito bom. E o hospital também fez um trabalho muito bom.⁵⁰⁹

A Igreja me dá força, a Igreja me dá apoio, a gente encontra bons amigos aqui, é tudo! É o essencial aqui, porque você sofre muito, já tá longe dos parentes, longe do seu país, já não fala sua língua, então eu encontrei muita força aqui [...].⁵¹⁰

Eu comecei a frequentar a Igreja Católica com 23 anos, fui batizado, fiz Primeira Comunhão, crismei e casei. Tudo aqui na América.⁵¹¹

Eu nasci em família Católica e aqui eu me sinto mais acolhida. Eu sinto diferença na Igreja aqui, é mais acolhedora. Lá no Brasil eu ia na missa todo domingo, mas simplesmente sentava no banco, acabava a missa e eu ia pra casa. Não tinha esse afeto daqui, aqui a Igreja é mais unida.⁵¹²

⁵⁰⁵ Entrevista 22.

⁵⁰⁶ Entrevista 32.

⁵⁰⁷ Entrevista 33.

⁵⁰⁸ Entrevista 51.

⁵⁰⁹ Entrevista 52.

⁵¹⁰ Entrevista 56.

⁵¹¹ Entrevista 66.

⁵¹² Entrevista 79.

A maioria dos entrevistados se refere à Igreja Católica como uma família de referência. Esse fato pode ser conferido a seguir em um trecho de uma entrevista realizada com um grupo de seis pessoas:

eu quando eu cheguei aqui, eu fiquei, principalmente, em Massachusetts muito tempo só trabalhando, trabalhando em restaurante e não tinha tempo de ir à Igreja e isso me fazia uma falta muito grande, tanto assim que eu fiquei praticamente oito anos sem por a mão em um violão e depois que eu cheguei nessa comunidade aqui, esse aqui foi o descobridor ele sentou perto de mim e me viu cantando e foi falar para ela e ela me chamou para entrar no grupo e depois daquilo não parei mais e foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque, assim, como acabou de cantar nessa música que a nossa casa é onde a gente está, depois que eu entrei nessa comunidade eu encontrei aquela família que faltava em mim, eu encontrei aquela família e nós temos um comportamento de família mesmo.⁵¹³

Em outro relato podemos observar como o entrevistado conseguiu resumir o que a Igreja Católica significa para muitos migrantes:

A Igreja Católica é a família que nós deixamos pra trás, a gente vem aqui e cada um fala um pouquinho da sua família, da sua casa e aquele abraço que falta no final de semana a gente encontra aqui na igreja. A Igreja tem um lado social também, a gente faz amigos, a gente se ajuda, a gente desabafa, chora um pouquinho, ri, conta caso, então acalenta o coração da gente. Porque nós temos uma identidade, somos todos brasileiros e isso nos aproxima, o mesmo Deus, a mesma fé e isso aqui me preenche muito, eu adoro esse grupo. Principalmente esse estudo bíblico que a gente tem, nos ensina a compreender a nossa história de migrantes, porque isso vem de tempos remotos, essa busca pela Terra Prometida tem muito a ver com a nossa história.⁵¹⁴

As principais dificuldades encontradas pela Igreja na sua presença e atendimento aos migrantes são:

uma das coisas que a gente percebe é que as pessoas mesmo quando morava no Brasil quer participar ativos em suas comunidades, nas suas igrejas, quando chegam aqui e se dão com a facilidade de ganhar dinheiro com uma vida melhor, de ter um carro melhor, coisas que não tiveram no Brasil, todo conforto melhor, supre sua prateleira sem dificuldade, acaba esquecendo que tem um poder maior, que deu essa garantia, que foi Deus e acabam se afastando da Igreja [...] muitas vezes destroem a família por causa do lado financeiro, que começa trabalhar 25 horas por dia, oito dias na semana... acaba faltando hora pra família, pra igreja, pros amigos, pro lazer, esquece até de viver por querer o dinheiro.⁵¹⁵

primeiro só tinha missa às sete da noite, mas aí foi feito a experiência da missa da manhã, mas como não tem horário né? Então o horário não é muito bom, o nosso, mas nós temos que nos adaptar à realidade, porque nós ‘tamos’ numa casa, que na verdade é nossa, mas não é...⁵¹⁶

Aqui o dinheiro sobe a cabeça das pessoas, da mulher... Às vezes do marido...⁵¹⁷

⁵¹³ Entrevista 16.

⁵¹⁴ Entrevista 61.

⁵¹⁵ Entrevista 10.

⁵¹⁶ Entrevista 20.

⁵¹⁷ Entrevista 21.

E a questão pastoral, grande índice de carência humana, de maneira geral, em todos os sentidos afetivo e espiritual, né, eu acho que isso é ser padre aqui, e me fez crescer muito, eu posso dizer que essa realidade me ajuda a cada dia, com todos os desafios eu sou feliz com que eu faço, eu me encontro a cada dia e consigo vencer cada desafio.⁵¹⁸

tivemos a grande mudança dessa venda das igrejas, principalmente, da venda da igreja onde a gente estava, a igreja Madonna, ela foi vendida, inclusive, foi vendida para uma igreja protestante, para a gente foi um baque muito grande, foi uma perda realmente porque não era tanto a igreja prédio, mas era o tempo que a gente já tinha naquela comunidade e o fato deles não oferecerem essa igreja para nós tomarmos conta, em vez de passar para frente ou vender, então, mas a gente entendeu, porque realmente eles precisavam do dinheiro para acabar com outros problemas que realmente na época surgiram [...] muita gente achou uma coisa absurda, eu conheço muita gente que, na época, foi para uma outra igreja, protestante, porque acharam isso uma injustiça, mas não cabe julgar, cada um sentiu de uma maneira, sentiu e reagiu, o problema foi a reação, aqueles que levantaram a cabeça e falaram vamos continuar, vamos mudar, vamos levar para frente e estão aqui até hoje, graças a Deus.⁵¹⁹

A pedofilia envolvendo a Igreja Católica é outro tema bastante polêmico nos EUA e que traz grande dificuldade. Sobre o assunto, várias pessoas se manifestaram dizendo ser um grande lamento, mostrando-se cientes, mas alegando que os escândalos foram com a igreja americana e que, por isso, a comunidade brasileira não foi muito atingida. Para melhor explanar essa questão da pedofilia dentro da Igreja, vamos destacar um trecho da entrevista de um sacerdote que abordou o assunto com clareza:

Começar falando é que a tolerância é zero [...] Se você for acusado e é padre, alguém te acusa, você já deixa de exercer o ministério, está suspenso do ministério e você tem que provar que você é bom, porque automaticamente aqui todos os padres são, digamos, são culpados. Então, isso é a realidade de agora, graças a Deus, quer dizer, infelizmente, tudo aquilo que aconteceu na Igreja especialmente aqui na Arquidiocese de Boston, graças a Deus, aconteceu com os padres americanos, né? Porque se tivesse acontecido com os padres brasileiros ou com padre estrangeiro teria sido... Porque você sabe que já é aquilo que dizia, antes de Cristo, muito antes Dele, que é bom a gente ter um estrangeiro entre nós em quem colocar a culpa das nossas culpas, dos nossos defeitos, né? É bom. Então, se fosse o estrangeiro seríamos todos culpados e todos os estrangeiros seriam suspeitos [...] Então houve uma purificação e hoje, claro, que houve uma demandada dos católicos, especialmente, na Arquidiocese de Boston, as igrejas ficaram vazias, mas isso não tocou muito nos imigrantes não, os brasileiros nem sabiam bem. [...] foi uma purificação, como um florescer, como a primavera de vocações a nível de diocese, por incrível que pareça. Nível de religiosos não, mas diocesano foi um florescimento de vocações. Então, a Igreja começou a retomar o seu lugar com todos os seus defeitos, mas com tantas coisas boas também. A Igreja é poderosa aqui, porque a Igreja aqui em Boston é uma Igreja muito rica, entende? Então eles foram pra cima de onde tem dinheiro, houve denúncias certas, houve padres que

⁵¹⁸ Entrevista 26.

⁵¹⁹ Entrevista 33.

foram realmente pedófilos e estão pagando pelos erros, alguns, e outros morreram, se suicidaram, tem gente na prisão... Mas hoje tem um cuidado muito especial no seminário também, a própria comunidade se cuida. Tem todo aquele comportamento né? Se você entrar em uma igreja, vou te mostrar o papel onde o padre se compromete a não tocar em crianças, não fazer isso, não fazer aquilo, é um ato de fé entende? [...] nós temos que ouvir, fazer o curso onde se aprende que não tem que mexer nas crianças, não tem que tocar, tem todo um regulamento feito pela Arquidiocese, pra se defender diante dos advogados, das denúncias, das suspeitas, que os opositores se sentem lesado... A Igreja pagou muito dinheiro, evidentemente, a igreja aqui tem muito dinheiro, as congregações também, mas estamos de pé.... Muitas comunidades tiveram que decretar falência, porque não tinha como pagar e aquilo que você falou, houve muita mentira na nossa congregação, posso falar de um cara que morreu há 50 anos, um cara que era tão querido pelo povo de Boston, coisa que impressiona. Fico chocado porque um cara que nós tínhamos, assim, que você vai falar de um cara que morreu há 50 anos, essas coisas que você não pode provar né? Eu sou advogado, muito bem instruído, eu fui na defesa um dia de um padre, cuja vítima era um artista entende? Dizer aquilo que o advogado dizia que era pra ele falar e chorava quando tinha que chorar e gritava na hora que tinha que gritar e uma mentira muito grande, entende? Então teve de tudo...⁵²⁰

Outros relatos que merecem ser destacados sobre o tema pedofilia, dentro da igreja americana, foram um grupo focal de sete mulheres e outros dois trechos da entrevista feita a um sacerdote.

se o senhor estiver falando sobre a pedofilia os americanos praticamente saíram, as igrejas na América, elas fecharam. Os americanos já não estavam indo muito, aí que não foram mesmo, não tem religião hoje nenhuma, os americanos que eu trabalho hoje eles falam para mim, por que que você reza, você vai rezar para isso acontecer com seu filho? Mas isso não aconteceu com meu filho, eu não posso deixar de seguir a Deus por causa disso, porque eles não têm fé. [...] Uma hoje é um bar, dentro de uma igreja, me dói o coração de ver, fizeram da igreja um bar, aquilo me dói, em Nova Iorque, não aqui, mas a maioria virou casas, apartamentos, mas aquele bar em Nova Iorque me dói de ver e é famoso né, todo mundo quer olhar né [...] a igreja que a gente tinha perto da minha casa, tinha uma igreja de São João Vianney e aquela igreja foi construída por aquele povo que morava ali, naquela redondeza, que deram dinheiro para construir a igreja, não foi nada dado pela Diocese de Boston, essas coisas, e depois que aconteceu essas coisas, como fecharam muitas igrejas, fecharam aquela igreja também entendeu, então é uma coisa que machucou eles, porque a Arquidiocese não tem o direito de ir lá e fechar uma igreja que foi construída com dinheiro do povo, não foi com dinheiro deles, então isso que revoltou os americanos e muita gente, foi como foram feitas as coisas. Mas foram muitas igrejas fechadas, foram 60 igrejas [...] Os americanos, eles somem é só vão na igreja pra batizar, pra fazer primeira comunhão e não sei o quê, aquelas crianças americanas entendem de primeira comunhão, porque só vão só pra tirar fotos e aquela italianada toda, os italianos arrumam as crianças todos pra batizar e depois somem, se não fossem nós brasileiros e hispanos... A igreja de São Tarciso quem sustenta aquela igreja é a comunidade brasileira que sustenta aquela igreja, porque se não fosse a comunidade brasileira estava lá embaixo já. Resumindo, concluindo todo esse assunto, eu acho que o fiel da Igreja além de ter que ter a firmeza na fé, você fecha os olhos para Igreja pecadora, mas a Igreja em determinado momento ela acolhe e em determinado momento ela exclui, então ela

⁵²⁰ Entrevista 25.

prega a palavra que está certa, porque Jesus está falando lá dentro do Evangelho para acolher, mas em um determinado momento a Igreja, enquanto homem, ela exclui, esse é um problema que afasta, porque pra mim não tem pedofilia, não tem coisa nenhuma que afasta mais... O que afasta é que a própria Igreja, homem, no momento em que ela pregou lá no altar vamos acolher, acolhemos, acolhemos, e ela própria exclui o outro... O cara tem que ter muita firmeza na fé pra não sair, para não sair do projeto da fé dele que tem em Jesus Cristo, por isso que muita gente sai.⁵²¹

Eu lembro que quando eu cheguei tinha história assim: o padre na sacristia, chegou uma criança, ele pôs a mão na cabeça da criança, a avó da criança viu isso e já denunciou pra Arquidiocese. Então eu percebo, por exemplo, na minha maneira de ser, que no Brasil era mais afetuosos com as crianças, elas correm até nós e tal, aqui a gente se torna um pouco mais distante nesse sentido, com o tempo. Que é uma precaução sábia da Arquidiocese, que tem esses reflexos na verdade.⁵²²

Templos vendidos. Isso na verdade, o pessoal fala que era pra pagar as dívidas, não é claro isso, não é bem isso, é porque não tinha mais povo. [...] Aqui você já tem o prédio, só que prédio fechado aqui não pode ficar, por causa da estrutura, da construção dos prédios, como eles são criados pra suportar frio e calor extremo, porque se você isola termicamente pro frio, você torna o lugar um forno também no calor. [...] Sem povo você não pode fechar a porta, o bombeiro não deixa o prédio ficar, aqui não tem prédios abandonados, fechados, entendeu? Então tem que vender o prédio. [...] padres, no início do século 21, no ano 2002, 2003, 2004, 2005, foram punidos, processados, o Cardeal foi removido e, portanto, é preciso saber disso, que houve com padres. Então o padre não fica muito próximo de crianças, como se isso fosse uma exigência, entendeu? Ou como se fosse evitar alguma coisa.⁵²³

Um testemunho muito importante que destacamos nessa tese é o de uma religiosa que trabalha no Apostolado Brasileiro e que presencia as mais diversas realidades dos migrantes.

Muitas vezes a comunidade brasileira como tal, ela se sentiu rejeitada porque não tinha espaço, não tinha lugar pra celebrar. Tanto é que começou a celebrar nas casas porque não tinha espaço na igreja. E algumas comunidades tiveram que mudar de igreja, de local físico, pra poder celebrar porque não foram acolhidos. [...] também a visão de Igreja, qual é o tipo de comunidade que nós temos, eu diria que ela é muito mais uma comunidade carismática na maioria das expressões, embora não todos, mas o grupo maior e mais forte e até diria organizado, sistematizado é a Renovação Carismática Católica [...] E é um grupo que mantém viva a fé, que mantém no seu jeito de rezar, no seu jeito de celebrar, mantém os serviços da própria comunidade porque é um povo que de fato se doa, trabalha, quando é pra fazer eles se unem, fazem e ajudam de fato. [...] projeto de evangelização, como atender aqueles grupos que não são carismáticos e que, como proposta mesmo do Apostolado Brasileiro em nível de Arquidiocese, não existe um projeto pastoral, ou como tal, de formação pra essa outra área que a gente deixa completamente descoberta. [...] E aí ainda vejo assim, a diferença dentro da Igreja do estilo de padres que nós temos e que vai fazer a diferença nas comunidades. [...] E temos muitos que, de fato, fazem isso com qualidade, inclusive nas próprias paróquias, oferecendo vários serviços, não só os serviços relacionados aos

⁵²¹ Entrevista 34.

⁵²² Entrevista 82.

⁵²³ Entrevista 82.

Sacramentos, batismo, confissão, casamentos, coisas assim, mas outros serviços na área da própria imigração, como: onde conseguir documentos, como conseguir documentos, em relação à vistos, ajuda a ir nos hospitais pra ajudar esse imigrante a se relacionar com seu médico, fazê-lo entender o que ele está falando... então tem padres também abertos a isso. Mas, tem outros que não são e estão mais voltados e preocupados na questão sacramental. [...] Os desafios nessa área, do jeito de ser Igreja aqui são grandes inclusive pra gente entender como que é de fato a Igreja do Apostolado Brasileiro aqui nos EUA, com essa diversidade, com essa riqueza, com esses desafios.⁵²⁴

Uma realidade desafiadora também encontrada na região pesquisada está relacionada aos sacerdotes que fazem o acompanhamento destes migrantes, que têm pensamentos e opiniões diferentes, refletindo essas suas posições na ação pastoral da Igreja.

O que falta pastoralmente no meu ministério eu acho, aqui, se eu tivesse mais tempo, é formar mais grupos de reflexão litúrgica e litúrgico sacramental e bíblico, baseado na Bíblia, pra que as pessoas conseguissem conhecer mais a Palavra e, a partir disso, conhecer a Igreja também, né.⁵²⁵

Os padres que têm vindo para cá são diocesanos, a maioria, a grande maioria, 90%, 85% são padres de Dioceses. Então os nossos Bispos do Brasil ou no Brasil não foram honestos conosco, enviaram problemas para nós, bem no início, problemas. Depois de um tempo, a PBE, Pastoral Brasileira no Exterior, o Monsenhor, o Bispo [...], então eles fazem uma preparação para quem recebeu licença do seu Bispo para trabalhar no exterior, mas não sei o que eles fazem nessa preparação, mas vou dizer apenas... de jeito nenhum, não preparam bem e não peneiram bem os candidatos. Irmãs religiosas, depois daquelas que retornaram aos Estados Unidos, que nasceram aqui, foram não posso dizer mais do que insolentes, porque eram missionárias.⁵²⁶

...várias categorias os padres que vieram para cá, sem pôr nome em nenhum, tá bom? Veio “o dinheirista”, só interessado em dinheiro, aqui é primeiro mundo [...] Segundo, “o turista”. [...] antes de nós chegarmos na Paróquia onde ele ia morar, perguntou ao outro padre: “Onde compro aquela máquina fotográfica, quanto custa?”. Depois ele veio atrás de mim: “Ó [...], é longe daqui até Nova York? E até a Disneylândia, onde fica? Muito longe?” [...] Então, o que acontece é o seguinte, quem não tinha nada chega num ambiente onde tem o que não tinha, então já tornou-se ou já está na mesma canoa furada dos imigrantes. E como que pode liderar, entende, quando você já está contagiado com materialismo? [...] Olhou o quarto, esse mesmo sujeito: “Ah, esse quarto não é bom”. E o que estava esperando? Morar num hotel? Então “dinheirista”, “turista”, alguns desejavam viajar e fazer turismo aqui. O outro é o “estudante”, só quis estudar aqui, pegar mais grau, mais diplomas. Aqui tem uma abundância de Faculdades, em Boston, e Universidades e pode estudar o que quiser. Não vem aqui para estudar, vem aqui para trabalhar. Problemas com o álcool, mulherego, entende? Então o Bispo estava livrando-se de alguém e não estava sendo honesto conosco.⁵²⁷

⁵²⁴ Entrevista 77.

⁵²⁵ Entrevista 82.

⁵²⁶ Entrevista 84.

⁵²⁷ Entrevista 84.

Como que faz uma pastoral, como que pode projetar uma pastoral com pessoas que sempre estão em rodízio ou em movimento, que vem e vai e vem e vai? [...] Os que realmente são pessoas comprometidas, que têm realmente um espírito missionário, infelizmente, são poucos, pronto. [...].⁵²⁸

Quando chegaram as últimas ondas de imigrantes, entre as quais a comunidade brasileira, pois estamos aqui há mais ou menos 30 anos, desde o início eu sempre tenho o orgulho de dizer e anunciar para todo mundo, principalmente os que são hispanos, que nós temos pago com a nossa vida, assumimos responsabilidade. A Arquidiocese forçou e, assim sendo, para podermos pagar desde os primeiros tempos os nossos padres o salário igual a qualquer padre americano aqui nos Estados Unidos, pagamos também pelos seguros de saúde, pagamos tudo, certo? E nós temos orgulho de lhe dizer isso.⁵²⁹

Pudemos observar que existe algumas mudanças em relação à liturgia da igreja local e dos migrantes brasileiros. Essa é a riqueza de uma Igreja encarnada, comprometida com a cultura e a identidade do seu povo, ao mesmo tempo, que luta para sempre melhorar a sua acolhida em relação ao diferente.

Então, às vezes, algumas datas durante o ano a gente faz uma missa coletiva, entre nós e eles, todo mundo junto, e eles mesmos comentam com a gente quando vêm às nossas missas, que as nossas missas são mais animadas... As deles, assim, são mais calmas, sem aquela animação dos cantos, sem aquele calor humano...⁵³⁰

Essa igreja (Low) é uma igreja americana, porque a igreja dos brasileiros aqui fica mais adiante, mas pelos fatos, os escândalos da pedofilia e outros escândalos que aconteceram, a igreja foi colocada à venda e foi vendido o patrimônio, espaço onde era celebrada as missas dos brasileiros e agora é celebrada, então, através de uma permuta, numa igreja americana, onde tem três comunidades que dividem o espaço da celebração eucarística... Os franceses, os ingleses e os brasileiros. A nossa missa aqui é quinze para o meio dia, às dezoito horas e às seis da tarde.⁵³¹

Eu sinto que a nossa missa, em português, nós brasileiros participamos mais da missa, tem mais participação da comunidade. A missa americana é mais o padre, o coral ali, nós não, nós participamos mais... A nossa missa é mais intimista, né, pelo fato também de ser reduzido, né. Eu acho que a comunidade, por ser mais pequena, então, existe um entrosamento maior dos brasileiros que participam. Porque eu também já participei de comunidades brasileiras, quando morei na Flórida e que era comunidade muito grande, e eu não consegui me entrosar na comunidade porque a comunidade era muito grande. Elas isolam um pouco as pessoas, mas é uma visão que eu tenho. Quando a comunidade é pequena você se aproxima mais e se torna mais dependente do outro... Você conhece quem está contigo.⁵³²

no fundo não é uma paróquia como no Brasil... aqui é uma comunidade brasileira que usa as estruturas da paróquia Americana, mas nós temos um grande problema que é o horário da missa ao meio-dia e tem que ser ao meio-dia, porque tem os outros horários. Então você tem que se adaptar ao que eles querem e isso é... A

⁵²⁸ Entrevista 84.

⁵²⁹ Entrevista 84.

⁵³⁰ Entrevista 10.

⁵³¹ Entrevista 10.

⁵³² Entrevista 14. Grupo de 14 pessoas.

família que trabalha a semana toda e aí chega meio-dia tem que vir pra missa, trazer crianças...⁵³³

A questão cultural também influencia muito na maneira de se viver a fé, como pode ser observado nos trechos das entrevistas a seguir:

a missa americana ela é mais rápida, ela é mais tradicional e a nossa missa aqui é bem brasileira mesmo, mas calorosa, certas cerimônias é bem brasileira né, o americano é bem ritual, é mais conservadora.⁵³⁴

Participamos da comunidade brasileira e aí a gente também participa da comunidade americana, onde os nossos filhos vão na escola... A gente também é membro da Igreja americana, a gente vai um ou dois domingos na brasileira, um domingo na americana pra eles terem esse contato também com a cultura...⁵³⁵

Eu não nasci católica. Não era católica não. Eu fui criada na Igreja Congregação Cristã do Brasil, a igreja do Vêu. [...] Assim que eu fiquei sabendo da comunidade aqui, que eu venho direto. [...] Quando você vem na Igreja Católica, vou falar dessa que estou participando, eu me sinto no Brasil.⁵³⁶

Essa questão da cultura e identidade pode ser bem compreendida e refletida na fala de um sacerdote, que argumentou:

É claro, às vezes, o nosso povo quer implantar o Brasil nos Estados Unidos, isso não existe, você entendeu? Eu brigo sempre, brigo no bom sentido, nós temos que ser Igreja onde nós estamos, estou agora vivendo nos Estados Unidos eu vou obedecer à igreja de Boston e ser Igreja com a igreja de Boston [...] é importante ser Igreja onde nós estamos, não é abandonar o Brasil, mas eu vivo aqui, eu recebo sacramentos aqui, eu devo ser Igreja aqui. Então, essa sempre foi uma dificuldade muito grande, inclusive, às vezes, até com padres também, que não entendo muito isso, até uma questão canônica, canonicamente se eu estou aqui, eu devo servir a Igreja, que obedecer a autoridade da Igreja local, não tem como estar aqui e viver na obediência do Brasil, porque isso é fora de lógica. [...] é uma Igreja diversificada pela cultura, pela tradição de cada povo de cada parte do Brasil, é uma coisa muito bonita e também cada um trazendo seu modo próprio de celebrar, né, de Minas, do Sul, do Nordeste, cada um tem o seu modo próprio de celebrar, a sua comida, isso é muito rico, é uma riqueza imensa e também a questão de estar aqui, a questão de ser solidário, né, de estar com a família, a importância do padre estar junto da família, porque as famílias que estão aqui já estão longe das suas famílias... Estar também na hora da morte, do momento que está na cadeia, no momento da doença, da dor, quando morre alguém no Brasil que eles estão aqui também, a questão de celebrar aqui a missa na realidade de ser Igreja, dentro dessa terra e os desafios que nós enfrentamos, porque nós usamos a Igreja que os americanos fizeram, então querendo ou não tem um espaço deles que nós usamos, mas eles são os donos, já não estão andando mais direito com as próprias pernas, mas, infelizmente, eles têm essa ideia... a Igreja é mais do que isso, então as pessoas estão apegadas por pouca coisa, né, tem esse desafio também... E a questão pastoral, grande índice de carência humana, de maneira geral, em todos os sentidos afetivo e espiritual, né, eu acho que isso é ser padre aqui, e me fez crescer muito, eu posso dizer que essa realidade me ajuda a cada dia, com todos os desafios eu

⁵³³ Entrevista 17.

⁵³⁴ Entrevista 34.

⁵³⁵ Entrevista 22.

⁵³⁶ Entrevista 60.

sou feliz com que eu faço, eu me encontro a cada dia e consigo vencer cada desafio.⁵³⁷

Temos também outras dificuldades enfrentadas pela Igreja Católica na Arquidiocese de Boston, como o número de sacerdotes trabalhando efetivamente na Igreja e também aqueles que chegam ao país em momentos específicos, com interesses próprios ou em função dos movimentos de evangelização, como por exemplo:

eu acho que deve haver mais de 300 padres na ativa. Os Diocesanos eu imagino duzentos e tanto e aí mais tantos religiosos, entendeu? E aí mais o dobro disso de aposentados. E a maioria em vias de aposentar também, porque é um Clero que está envelhecendo muito rápido, é desproporcional. [...] Aqui falam assim, que falta padre, falta muito padre aqui, mas aí se você for ver, não falta padre, perto da realidade brasileira.⁵³⁸

os movimentos em geral devem auxiliar os trabalhos pastorais da igreja, então se a Renovação Carismática e todos esses outros movimentos que estão surgindo originários da Renovação Carismática, Comunidade isso, Comunidade aquilo [...] eles têm um teor carismático e que atrai muito as pessoas e portanto elas vão a esses movimentos. Eles geralmente trazem padres do Brasil, pregadores ou padres que tenham algum carisma, pode tocar ou não, ou pode simplesmente ser ligado a um carisma, ser um bom pregador, fazer um show carismático ou algo assim. Facilmente traz porque as pessoas conseguem o dinheiro pra pagar a passagem, provavelmente devem dar uma ajuda a esses padres; e fazem os encontros geralmente com o nome de 'Cura e Libertação'. Eu falo que deve ter pessoas que têm diploma em cura e libertação pelo tanto de encontro que fez, responde a esse anseio mais emocional que as pessoas têm e que tem esses conflitos todos... que a gente tem de conflito emocional, familiar, associados às durezas da vida de migrante, tudo que você já ouviu que a pessoa passou pra chegar aqui, que passa a viver aqui de modo indocumentado, os problemas que carrega da vida passada, da família, da história de vida com os problemas que encontra aqui, encontra uma ressonância muito grande nesses movimentos que tendem, por meio da oração e do discurso, a trazer um certo alívio psicológico. É quase que uma terapia coletiva, né. [...] sem julgar que imagem de Deus tá sendo passada, que imagem de ser humano tá sendo passada, que imagem de Igreja está sendo passada, sem julgar isso. Acaba sendo assim, de um lado corresponde a esse anseio e é o que as pessoas querem, dizer que é uma Igreja errada, que tá errada, eu não posso dizer pela universalidade da Igreja, pelo tanto que é, talvez não seja de acordo com a Teologia pensada no Brasil, vamos pensar assim. Por outro lado, como as comunidades são pequenas, como eu te disse, uma comunidade de 150 pessoas, que é a maioria das comunidades e das missas, se você faz um encontro de cura e libertação por fim de semana como aconteceu nos anos passados e esse ano também, as igrejas esvaziam, as lideranças não participam. Então aquilo que nós falamos de 'pertença' ao local se dilui num outro tipo de pertença.⁵³⁹

Antes de passarmos a analisar outros aspectos fundamentais, que vão nos ajudar a responder à pergunta central desta tese, qual seja, como acontece o

⁵³⁷ Entrevista 26.

⁵³⁸ Entrevista 82.

⁵³⁹ Entrevista 82.

atendimento da Igreja Católica aos migrantes na região pesquisada, finalizaremos este tópico sobre Igreja mostrando em síntese, através dos relatos, o rosto que a Igreja Católica vem construindo e os desafios que vem enfrentado no diálogo entre Igreja local e a Igreja do Brasil, na verdade, o diálogo entre as culturas que também perpassa o âmbito eclesial. As falas que seguem demonstram esse diálogo:

na medida em que o número de brasileiros foi aumentando, então criou-se uma comunidade aqui, outra comunidade ali e assim adiante, né. Mas a pastoral dos Bispos americanos antigamente era a comunidade imigrante chegou aqui, fez sua igreja, construiu sua igreja, sua escola paroquial e tudo mais. E ficou realmente um tipo de guerra, entende? Os italianos, os irlandeses, grande número de irlandeses aqui e assim em diante, né. [...] Eu acho que fazendo assim nós estamos perdendo muitas pessoas, mas é a mentalidade dos Bispos dos Estados Unidos, não vou dizer norte-americanos, mas dos Estados Unidos. Eles têm um livrinho justamente sobre a pastoral...a visão deles... uma paróquia compartilhada. [...] as pessoas chegando de fora querem sua casa, elas querem seu carro, elas querem sua igreja; e não querem ser cidadãos de segunda e terceira categoria. Então, eu penso que os crentes fizeram o contrário: eles deixaram os imigrantes à vontade, deixaram construir sua igreja [...].⁵⁴⁰

existem modelos de Igreja ou Igrejas, né, dentro da Igreja Católica, essa universalidade que é bonita. Se eu pensar que o modelo correto seria o Brasil, eu facilmente julgaria a realidade aqui e eu não acho que essa é a verdade. Eu acho que elas são diferentes sim, a maneira de compreender a participação do leigo, por exemplo, é um pouco diferente. [...] ser uma Igreja mais baseada no voluntariado, a brasileira, na participação do laicato, na participação das decisões em conselhos e tal. Aqui isso existe, mas não parece ser tão importante.⁵⁴¹

nós tentamos fazer com que as pastorais num modelo mais ou menos geral brasileiro aconteçam aqui, a Igreja funciona à base do voluntariado que é um grande diferencial da Igreja dos EUA, que tem voluntários, mas de um modo diferente. Aqui nós temos frentes pastorais, a participação de leigos nos conselhos é de modo ativo, muitos grupos que se reúnem, muitas atividades, menos sacramental ou sacramentalista do que a atividade pastoral da igreja americana. Então esse seria o diferencial, uma coisa muito básica. Na maioria das igrejas americanas, o Coral tem um regente de Coral ou um organista e é pago a cada missa, a coordenadora de catequese da paróquia é uma funcionária, é paga.⁵⁴²

é impensável para um americano fazê-lo, ir visitar alguém para rezar o rosário é impensável, pois é impensável que tenhamos reuniões nas casa dos ministros, não entra, não entra, a realidade social, o contexto cultural afeta e o contexto da diocese afeta, pois é uma Diocese que não se pode levantar essas questões, todavia, há falta de sacerdotes, há diferença entre sacerdotes. Uma Diocese grande, porém, muito dividida entre sacerdotes velhos e novos. Não há contato inter-relacional, então os novos não querem estar com os velhos, os novos não querem assumir as coisas das paróquias, os velhos não querem deixar as coisas, então é o clima Diocesano, bastante complexo. Não há um compromisso social visível, como podemos ver em outras dioceses, com a nossa presença. Se há algo a fazer nesta terra é o caminho

⁵⁴⁰ Entrevista 84.

⁵⁴¹ Entrevista 82.

⁵⁴² Entrevista 82.

ecumênico, sair ao encontro de outras religiões, sair ao encontro de outro diálogo e ser e mostrar que podemos trabalhar juntos, rezar juntos e estar juntos.⁵⁴³

hoje quem está mantendo a Igreja americana são os migrantes, né [...] a missa em inglês, a missa semanal, a missa se reduz a mais ou menos a 10 pessoas e dessas 10 pessoas acredito que cinco são americanos e as outras são migrantes [...] Aí você vai à missa brasileira ou hispana e a participação é bem maior, então isso revela um pouquinho o rosto da Igreja, da Igreja americana que no fundo também é uma Igreja de migrantes, que é uma igreja irlandesa, polonesa e até mesmo italiana. [...]. Tem a Igreja partilhada, como no nosso caso aqui, a gente tem quatro comunidades, no caso, em uma paróquia né, então toda parte física, a parte estrutural nossa, tem que ser dividida, a sala de catequese, a escola. Pensar no resto, nós temos também uma espécie de calendário onde todas as comunidades que têm uma atividade, têm que reservar aquele espaço antes, porque são quatro comunidades em uma paróquia né, então certamente para nós isso também é um desafio, como lidar com tudo isso.⁵⁴⁴

Uma das melhores maneiras de verificar como é feito o atendimento da Igreja Católica aos migrantes na região estudada é observar como são desenvolvidas as atividades e as ações pastorais, por meio do seu serviço pastoral e de evangelização. Esse tópico veremos mais adiante. A Igreja responde ao seu Kerigma e missão diante do fenômeno migratório, através do seu perfil eclesial, no atendimento de alegrias e desafios dos migrantes, dando respostas com fundamentos teológico-pastorais que incorporam a experiência dos migrantes. Assim, analisando as entrevistas, percebemos muitos avanços e práticas pastorais positivas:

todos os dons muito vivos nas comunidades, as celebrações são muito vivas, porque esses dons os migrantes não têm onde colocá-los, aqui eles são só um número... um pintor, um que trabalha na construção o dia inteiro, uma faxineira, onde ela não pode desenvolver os seus dons humanos que ela tem, que Deus deu a ela, então a igreja é um dos poucos, para não dizer o único, espaço para eles desenvolverem e oferecerem e cultivarem esses dons, da música, de ler uma leitura...⁵⁴⁵

Têm comunidades que tem 15 pastorais, a qual não sei se te interessa listar, mas tem Pastoral Social, Pastoral da Acolhida, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Família, tem serviço de cafezinho, porque o cafezinho é tão importante quanto a missa para os migrantes, porque é um momento deles se encontrarem após a missa... temos a Pastoral do RCC, que é um movimento não é uma pastoral, temos a Pastoral da Juventude, temos a Mãe Rainha que é o momento de visita às casas, temos o grupo da Divina Misericórdia, temos a catequese, temos a liturgia, temos os ministros da Eucaristia... É tudo dividido aqui, porque como é muito grande aqui, o número de pessoas que querem trabalhar aqui é muito grande... Tem comunidades que tem de 30 a 40 ministros da Eucaristia, com 20 a 30 leitores.⁵⁴⁶

⁵⁴³ Entrevista 73.

⁵⁴⁴ Entrevista 44.

⁵⁴⁵ Entrevista 1.

⁵⁴⁶ Entrevista 1.

Lá no Brasil também participava, mas nunca tive aquela oportunidade, não sei porque é que foi tão fácil, tão fácil... Cheguei e o pessoal já chegou me convidando... Lá no Brasil não sei o que acontece, porque ninguém, ninguém, me chamava e eu ia muito na Igreja, conhecia o pessoal que tocava e nunca ninguém, nunca, me convidou.⁵⁴⁷

Um grupo de 15 a 20 homens, vamos nos reunir na Igreja principal desta Catedral, e vamos rezar o terço e tem muita participação de todos e entendemos que o terço dos homens, e nós homens entendemos, que é uma oração muito importante para os outros, para nossa comunidade, para nossa família e, naturalmente, para o mundo inteiro.⁵⁴⁸

Pe [...] foi um pai pra mim, me tirou do mundo das drogas, andamos juntos por 4 anos, eu acho. Ele chegou a me buscar no bar um dia, drogado, me levou pra casa e quando eu estava começando a caminhar com minhas pernas ele teve que partir, mas ele foi um paião pra mim na América.⁵⁴⁹

A importância do COR é unir todas as comunidades, trabalhando todo mundo junto.⁵⁵⁰

A Pastoral Social da Igreja Católica na Arquidiocese de Boston realiza um forte trabalho de inclusão social, formação e informação, ajudando os imigrantes na adaptação comunitária.

como religiosa eu vou dizer assim e eu sou religiosa, mas o trabalho social que realizo é quase uma espécie de assistente social, psicóloga, e vai por aí...⁵⁵¹

trabalhei com o episcopado das imigrações aonde o Papa era o vice-presidente da comissão e, muitas vezes, na reunião conosco lá, ele dava uma assessoria lá na nossa comissão Católica da Argentina de migração. E nós temos também a agência para proteção aos refugiados, na qual eu fui diretor durante oito anos e de lá vim trabalhar nos Estados Unidos.⁵⁵²

O *breezin* é o Brazilian América Center, que é o centro para os migrantes onde acontece tudo o que um migrante necessita ou quer realizar. Então nós temos futebol para criança brasileira, quem é que não gosta disso? Inglês para adultos, zumba, forró, aula de português, cidadania, para se poder se tornar cidadão, palestra sobre trabalho, temos centro de orientação para conseguir trabalho, plano de saúde...⁵⁵³

Existem migrantes que vêm pedir ajuda financeira para pagar o aluguel, mas aqui existe outro tipo de carência, sobretudo, a parte familiar, então hoje a migração também vem com a família, mas acaba dividindo essa família quando chegam aqui, mesmo se, às vezes, estão na mesma casa, mas quando chega aqui, seja pelo horário, seja pelo ritmo de vida, acaba que dividindo, que divide muito, então nosso trabalho nos motiva ainda mais para gente, como brasileiro né, também estar

⁵⁴⁷ Entrevista 13.

⁵⁴⁸ Entrevista 29.

⁵⁴⁹ Entrevista 71.

⁵⁵⁰ Entrevista 74.

⁵⁵¹ Entrevista 1.

⁵⁵² Entrevista 25.

⁵⁵³ Entrevista 25.

próximo disso, visitar as pessoas. Eu vou com a pastoral da família uma vez por semana, a gente vai nas casas das pessoas, visitando com a imagem de nossa Senhora Aparecida né, dentro da casa, rezando um pouco com eles, então assim, para partilhar também um pouquinho nossa fé.⁵⁵⁴

aqui nós temos a seguinte estrutura: das nove horas da manhã até às duas, uma secretária Ítala-americana que atende mais à língua inglesa e à língua italiana, e a partir das duas horas da tarde até às oito horas da noite temos a secretária brasileira, que atende mais à língua espanhola e à língua portuguesa. Por que que a gente dividiu nesse horário? Sobretudo porque a comunidade americana e italiana é uma comunidade mais idosa, então são pessoas que têm mais tempo, que vêm de manhã. E as outras necessidades, a parte religiosa e social, a gente deixou um pouco na parte da tarde, que no caso são os hispanos e os brasileiros.⁵⁵⁵

eu recebi muita ajuda aqui, muita. Na segunda gravidez, por exemplo, eu ganhei a [...] na quinta e ia trabalhar na segunda. Se não fosse o Pe. [...] foi lá em casa e disse: ‘Você não vai, você não tem a mesma idade que você tinha no primeiro filho, a igreja vai ajudar você com o aluguel’.⁵⁵⁶

Na questão social duas coisas impressionam: primeiro o incansável serviço e a boa vontade dos padres, religiosos e religiosos, leigos, atendendo às mais diferentes necessidades dos migrantes, sejam eles católicos ou não, sem distinção, e, muitas vezes, sem descanso; segundo, o cafezinho antes ou depois das reuniões e dos encontros e após as Santas Missas e Celebrações da Palavra, momentos únicos de partilha, comunhão, ajuda e fraternidade.

Nossa Igreja vai procurar quem pode nos ajudar com aquilo. Eu acho que a nossa Igreja Católica aqui dentro das 18 comunidades que nós temos aqui, em nosso estado, faz um trabalho muito bom e a gente tenta levar para esse imigrante que está chegando um pouquinho daquilo que eles vêm nos perguntar e a gente tenta, dentro da nossa simplicidade, você olha nosso escritório aqui não é nada organizado, mas é cheio de amor mesmo pra passar pra ele [...] Quando a gente faz com amor, todo mundo vai passando para o outro, um para o outro.⁵⁵⁷

A princípio assim, quando a gente começou na Igreja, com Padre [...] que trabalhou com a gente, nós tínhamos após a celebração, aqui mesmo, nesse espaço, a gente realizava um café e eu fui coordenadora desse café. A gente dizia um social, mas era um social assim onde os brasileiros trocavam ideias sobre serviço, sobre apartamento, sobre as nossas preocupações aqui, porque chega o inverno, que é muito rigoroso, então a gente instruía os imigrantes que estavam chegando, que não tinha experiência de ter sempre um cobertor, a água, a alimentação dentro de um carro, pois a gente chega não com muito dinheiro, não pode fazer qualquer compra de qualquer tipo de carro.⁵⁵⁸

⁵⁵⁴ Entrevista 44.

⁵⁵⁵ Entrevista 44.

⁵⁵⁶ Entrevista 56.

⁵⁵⁷ Entrevista 43.

⁵⁵⁸ Entrevista 11.

Nota-se que a Igreja Católica da Arquidiocese de Boston procura buscar formas de enfrentar as dificuldades, desafios e dar respostas a esses atores sociais, ou seja, aos migrantes. Vamos primeiro verificar as dificuldades.

A teoria nós temos, mas na prática... de 2013 para cá não foi a lugar nenhum. [...] o plano pastoral, às vezes, é muito complicado, os padres... acho muito complicado... então o que nós temos são muitas atividades... isso sim inúmeras atividades religiosas, sociais e culturais nas nossas 16 comunidades aqui de Boston.⁵⁵⁹

isso aqui é uma benção sabe, então, mas somos acolhidos aqui da melhor forma, nós temos de tudo, não vejo, na minha opinião, não vejo o que falta, não nos falta palavra de Deus em português, não nos falta os padres, não nos falta acolhimento, não nos falta... Talvez, entre nós brasileiros, eu vejo isso entre nós brasileiros, precisava mais união pra fazer como os evangélicos faz. [...]o que falta é a união, a união dos brasileiros, trabalhar mais na comunidade.⁵⁶⁰

O grande desafio é entender os Bispos, lidar com a Diocese, porque nós temos uma mentalidade diferente [...] Então muito, muito difícil sobreviver, crescer, é um desafio extraordinariamente difícil, lidar com cada pároco, é diferente. E quando nós falamos de paróquia compartilhada, deve ser compartilhada, entende? Nós devemos ter voz igual a outros. E também o dinheiro, o dinheiro é [...] difícil. Então às vezes eu faço uma [...] que eu tenho o costume de usar, ou empregar nas minhas conversas que ‘Vocês são bem vindos aqui, mas na saída da igreja vão receber uma caixa de envelopes’ e o povo quer saber o que é essa caixa de envelopes. É um dos sistemas daqui, mas não é o sistema do dízimo que nós trouxemos e nós implantamos aqui.⁵⁶¹

A maioria dos padres estudantes ajudavam nos fins de semana, mas durante semana era só estudo, senão nunca termina. Não é justo nem para sua Diocese mãe e nem pra cá.⁵⁶²

sejamos franciscanos, scalabrinianos, marianistas, jesuítas, seja o que for ... nós somos um grupo de sacerdotes que está fazendo a vez e ajudando, sendo os braços do Cardeal aqui de Boston. Isso aqui é um centro comunitário de assistência da Arquidiocese de Boston. Arquidiocese que está promovendo isso através de nós da Igreja Católica que estamos fazendo isso. Nós temos que criar essa atitude ou mentalidade, senão nós estamos falhando, penso eu.⁵⁶³

As dificuldades encontradas nas pastorais dentro das Igrejas da Arquidiocese de Boston são semelhantes às encontradas no Brasil ou em qualquer lugar do mundo, pois se trata de relacionamentos interpessoais, diálogo, partilha, paciência, compreensão, enfim, características humanas que lutamos para adquirir como cristãos. Como podemos verificar na entrevista 34, realizada em um grupo de 7 mulheres.

⁵⁵⁹ Entrevista 1.

⁵⁶⁰ Entrevista 41.

⁵⁶¹ Entrevista 84.

⁵⁶² Entrevista 84.

⁵⁶³ Entrevista 84.

Eu não faço parte de nenhuma pastoral, eu gosto das novenas, da missa da Mãe do Peregrino, a missa da primeira sexta-feira do mês, do dízimo, mas eu e meu marido não participamos de nenhuma pastoral, meu marido já foi ministro da Eucaristia, já foi professor de catequese, eu nunca me envolvi com essa parte não, mas mesmo eu não me envolvendo com essa parte tem coisas que me aborrecem e eu sou meio cabelo em pé, aí é melhor eu não participar de pastoral. Ai... são tantas coisas que me aborrecem, tem que ter um dia pra sentar e falar. A hipocrisia, às vezes, da pessoa que se envolve com a pastoral e parece que é dona do templo, da igreja, muitas coisas assim, entendeu, que a gente olha, a falsidade e a própria comunidade, um com outro, as panelinhas, os grupinhos, isso me aborrece [...] Nós sabemos que tudo que diz respeito a grupo. Isso existe, em trabalho, em escola, isso não é novidade, isso vai existir desde que o mundo é mundo. Eu participo de duas pastorais, da evangelização e da catequese participava, mas agora sou fiel só. Eu já participei do canto, da colhida, fui da catequese e agora sou do Sagrado Coração de Jesus. Agora vocês falam, porque vocês não entraram ainda nas pastorais, a pastoral da catequese eu achei que fosse uma coisa, que ia ser muito fácil, breve, não, é muita responsabilidade, é muito desafio para quem está coordenando e desafio para gente também, porque hoje não é simplesmente chegar e levar a criança, tem muita coisa envolvida [...] os pais não entendem, mas é muita responsabilidade para nós, muita, até para levar em um banheiro a criança não pode sozinha a gente tem que ir com ela e muitas coisas mais que a gente faz, que os pais ainda reclamam, que isso é um trabalho voluntário, é o grupo de catecismo, costumam falar assim, é muito fácil você falar quando você está sentado aqui, é muito difícil... Mas tem muito teatro também. Eu tenho três crianças na catequese e é muito teatro. A minha filha já fez a primeira comunhão e eu disse vamos ver o Papa, e ela disse, é papa de comer e ela tinha acabado de fazer a primeira comunhão, então é muito teatro também [...].⁵⁶⁴

Após termos demonstrado as dificuldades enfrentadas pela Igreja, ressaltamos que apesar dos muitos desafios que ainda existem dentro desta realidade migratória, muitas conquistas já se evidenciam conforme se evidencia nas falas seguintes, que demonstram mais algumas dificuldades e conquistas.

Eu sinto falta dos retiros que tinha no Brasil, dos encontros que eu sinto falta, dos encontros de família.⁵⁶⁵

trabalhamos no apostolado brasileiro acho que 10 ou 11 padres e, muitas vezes, a gente tem que fazer um esforço grande e fazer com que o outro colega faça esse esforço, para não criar uma diocese dentro da sua paróquia, né, uma igreja particular, então é o desafio que a gente enfrenta. Porque nas comunidades existem coisas que a gente faz em comum, por exemplo, nós temos a festa de nossa Senhora Aparecida que acontece no terceiro domingo do mês de setembro. Deveria ser em outubro, mas não dá por causa do frio [...] Outra coisa é, digamos assim, esse outro aspecto que é o aspecto de pastorais em comum, como a pastoral da família, pastoral do dízimo, enfim, outras pastorais que trabalham em comum, né, a formação do CORE, então, são coisas que são gostosas, mas que é preciso grandes esforços para a comunidade não virar uma espécie de ilha, por causa de querer só trabalhar na minha comunidade. CORE significa curso de orientação religiosa, que é dado uma vez por ano para os jovens e outro para os adultos com mais de 20

⁵⁶⁴ Entrevista 37.

⁵⁶⁵ Entrevista 16.

anos, 22 anos, que é para as pessoas mais adultas é uma espécie de injeção de ânimo para a pessoa participar ativamente da comunidade.⁵⁶⁶

A Igreja que pra mim é excelente. Nessa Igreja da frente aqui, tem o padre que dá vontade de dar uns tapas nele né, me fez casar, risos, teve o casamento comunitário aqui em 2001, 2002 e eu não ia casar e esse padre me convenceu aí... Eu fui o primeiro a casar no casamento comunitário aqui, fomos em 15 casais.⁵⁶⁷

Penso que é uma realidade muito linda que nós temos na nossa comunidade, porque temos quatro comunidades, que se falam em quatro línguas, mas também isso é um grande desafio, porque nós temos que ser inseridos dentro da nossa cultura e também nós temos que ajudar a eles crescer na sua fé, então acho que, por isso, é muito lindo, mas também, e ao mesmo tempo, um grande desafio que nós temos para ajudar, para acrescentar, não somente na parte espiritual, mas também na parte humana, que precisa...⁵⁶⁸

A comunidade brasileira tem dinheiro, são muito generosos, porém, acho que esse muito não rende, ou seja, é preciso saber no que se gasta. Se vai gastar cinco mil dólares para trazer um sacerdote, eu creio que os cinco mil podem ser utilizados bem em outra coisa, pois eu acredito que todos os sacerdotes que falam português são melhores do que aqueles que vem, porque podem dar seguimento. Essas coisas como eventos, eventos e eventos é um tema que alegra muitos sacerdotes e multiplicar eventos não é formativo, porque se tenho um evento para minha comunidade estou dando a minha comunidade a ferramenta que necessita, já um evento para todos, no geral, nunca em particular, não dá formação, mas informação, que é diferente. Eu creio que todos esses sacerdotes que vêm e que vão e que pregam não permanecem, porque as pessoas buscam essas pessoas e a comunidade se divide.⁵⁶⁹

E aqueles que vêm para trabalhar como sacerdotes, cuidar para não se perderem, não esquivar-se de que vieram para ser sacerdotes, para ser pastores, para por Jesus no coração dessas pessoas. Porque senão os outros põem... Há outros que estão pondo outras coisas em seus corações e depois não podemos nos lamentar... As pessoas são assim por nosso descuidado.⁵⁷⁰

Há muitos imigrantes presos, imigrantes brasileiros, mas não há um número exato porque isso muda muito e também como eles são transferidos constantemente entre prisões, não há um número. Isso é feito por questões de segurança. Como os presídios são particulares, isso não é feito a critério do Governo e sim de quem mantém o preso. Agora está sendo criado uma Pastoral Carcerária [...] você tem direito a fazer uma ligação, mas às vezes não sabe pra quem ligar, essas pessoas ficam isoladas. Às vezes, as pessoas morrem lá dentro por problemas de falta de algum remédio, às vezes falta de assistência.⁵⁷¹

Tem atividades pastorais com muito limite por causa dos horários, não há turnos claros. Então eu tento fazer às vezes reuniões e um grupo de 10 pessoas não consegue se encontrar em um horário comum, a não ser perto da missa do domingo à noite porque a maioria não está trabalhando, mas qualquer outro dia as pessoas

⁵⁶⁶ Entrevista 27.

⁵⁶⁷ Entrevista 40.

⁵⁶⁸ Entrevista 46.

⁵⁶⁹ Entrevista 64.

⁵⁷⁰ Entrevista 64.

⁵⁷¹ Entrevista 69.

chegam tarde. Não tem turno das 8h às 6h da tarde e provavelmente às 8h da noite as pessoas podem se reunir. “Ah, mas então faz no sábado”, trabalham, eles têm que trabalhar quando dá. Domingo muitos trabalham e não podem. Então esse desafio pastoral existe.⁵⁷²

Pior grupo é o RCC [...] lá que eles vão jogar mais pedras na minha direção, mas tanto no Brasil como aqui, na comunidade portuguesa e com nossa gente, extremamente difícil. E sempre tem o padre fulano, tem que vir aqui o padre fulano e eles são o grupo que falha mais. Nós tentamos organizar as coisas, o planejamento da nossa vida de apostolado [...] tem dividido e tem causado um desafio ainda maior de criar e ter uma família, uma comunidade. A gente vai celebrar a missa no domingo, entra na igreja e não está todo mundo, depois fico sabendo que um guru está em tal lugar, até em outra Diocese [...].⁵⁷³

Eu acho que o maior desafio, no sentido pastoral, é lidar com os párocos Norte-americanos. [...] E a mentalidade de um padre imigrante, como já mencionei antes, então tem a mesma mentalidade do povo. Então nós tentamos dar orientação para os padres e irmãs, para não caírem nesse negócio que nós já falamos. O povo sabe, a minha alegria é estar com o povo. Eu não tenho mais família, a minha família já foi para Deus, eu vou fazer 84 anos daqui a poucos meses. Então minha alegria, realmente, é estar com o povo brasileiro. Por exemplo, eu nunca na minha vida celebrei a missa e fui embora, nunca, não sei o que é isso, entende? Fico sempre depois da missa, enquanto estiver gente.⁵⁷⁴

Os relatos seguintes demonstram estratégias utilizadas por alguns sacerdotes em suas paróquias em relação à evangelização e à ação pastoral.

as reuniões de formação não são feitas aqui, são feitas nas casas de família, porque não queremos centrar a paróquia como único ponto de referência, temos que sair da paróquia para o encontro nas famílias. [...] Visitar as pessoas... É fácil abrir as portas da Igreja, porém é pobre, pois as pessoas também tem que abrir as suas portas.⁵⁷⁵

A ideia é essa sair do centro, ir para fora, no centro já nos reunimos aos domingos, então fazemos presente a paróquia, santuário, também fora. Essa é a característica pastoral aqui.⁵⁷⁶

precisamos também da dimensão espiritual. Então quem pertence a uma comunidade religiosa pelo menos já tem aquele apoio e também tem mais a oportunidade de espiritualidade, enquanto quem mora sozinho não tem, não é verdade? Vai e vem como quiser, faz o que quiser, não é responsável por ninguém, não pisa em falso. Então eu acho que é algo que temos que pôr na lista e temos que fazer e ser mais uma comunidade de amigos. Às vezes a Irmã chama nossa atenção, que nós devemos apoiar mais uns aos outros e assim vai eliminar muita coisa que não deve estar e não deve acontecer. Então que nós temos que fazer isso e é verdade. [...] Não somos nós, eu não estou aqui como redentorista, há muitos que nem sabe que eu sou redentorista, porque não vou andando aqui com bandeira dos redentoristas. Isso aqui não é Apostolado dos Redentoristas, é o Apostolado da

⁵⁷² Entrevista 82.

⁵⁷³ Entrevista 84.

⁵⁷⁴ Entrevista 84.

⁵⁷⁵ Entrevista 64.

⁵⁷⁶ Entrevista 64.

Igreja da Arquidiocese de Boston que está dando boas-vindas para você. E o povo tem que saber disso.⁵⁷⁷

Como acabamos de observar, muito já vem se fazendo no âmbito da ação pastoral e muitas são as barreiras e interpelações que precisam ser enfrentadas e postas em prática pela Igreja Católica com os migrantes. Procuramos fazer uma retrospectiva dos principais pontos para melhor darmos continuidade a esse estudo.

Em relação à acolhida:

eu já participava de grupo de oração lá e ia aos encontros e tudo, mas aqui é diferente, um pouco diferente, eles te acolhem. Mas eu não sei se é porque tá todo mundo longe, daí quando chega alguém, acolhem. Procuram saber o porquê que você não apareceu, porque que você faltou na missa, porque você não veio no grupo de oração... – Você precisa de carona? – Você está com problema? Então eles te ligam, te procuram, te visitam. Uma solidariedade que é inacreditável.⁵⁷⁸

Em relação à partilha comunitária:

após a participação da missa também tem um cafezinho e a gente bate um papo, tem os amigos né?⁵⁷⁹

Em relação à Arquidiocese:

estamos bem servidos no sentido que a gente tem bastante apoio da diocese de Boston em relação aos imigrantes, eu acho que a diocese de Boston faz um bom trabalho em cima da gente, eu acho que a dificuldade do nosso padre aqui é realmente ter mão-de-obra para ajudá-lo a desenvolver os projetos, o nosso povo brasileiro aqui é um povo muito carente, um povo que é... porque trabalha muito, [...].⁵⁸⁰

Em relação ao Apostolado da Pastoral Brasileira no Exterior (PBE)

nós temos a comunidade de Allston, Cambridge, East Boston, Everett, Framingham, Gloucester, Hudson, Lowell, Plymouth, Marlborough, Maynard, Rockland, Somerville, Peabody, Woburn, Stoughton.⁵⁸¹

Em relação à cultura e à identidade:

Aqui é outra raça, não é a mesma. Se disser que todos são brasileiros, não é não. Eu discordo disso, é outra raça. São brasileiros, falam português, mas são diferentes. E a realidade aqui é totalmente diferente. [...] Então é muito difícil tentar fazer comunidade com pessoas que são desconhecidas. O que nos ajudou muito com isso foi o cafezinho, o cafezinho é uma parte pastoral indispensável para reunir o povo depois da celebração, seja por missa ou outra coisa que se conheceram, entende? E tentamos fazer comum unidade entre o povo e fazendo coisas como quadro negro

⁵⁷⁷ Entrevista 84.

⁵⁷⁸ Entrevista 15.

⁵⁷⁹ Entrevista 35.

⁵⁸⁰ Entrevista 43.

⁵⁸¹ Entrevista 34.

ou outra coisa, tipo onde pode pendurar qualquer coisa nela e nós fizemos o ‘oferece-se’ e ‘necessita-se’ de trabalho, fazer isso, fazer aquilo.⁵⁸²

o nosso carisma é o trabalho com os imigrantes, não simplesmente para conservar a fé, mas para integrar o imigrante na sociedade, na acolhida sem que perca a própria identidade.⁵⁸³

Em relação à alegria:

Fizemos uma festa junina outro dia com 6.000 pessoas, não menos passaram por aqui e vamos nos organizando dessa maneira, porque a cidade assim, digamos, olha pra comunidade brasileira. Tanto assim que no começo, quando cheguei, há quatro anos atrás, ainda não fazia aquela festa grande e quando fizemos a primeira, a polícia, as autoridades do município, ficaram assim muito desconcertados, porque nunca viram tanta gente, montou esquema de segurança achando que ia dar briga, que daria muita confusão... Hoje em dia nem mandam mais polícia entendeu, porque confia e sabe que a comunidade brasileira pode ser bem organizada, na boa, na amizade, na fraternidade, sem causar nenhum problema a não ser do transporte [...].⁵⁸⁴

Em relação ao Centro Pastoral da Arquidiocese:

Uma família católica vendeu esse Centro Pastoral para a Diocese por apenas cem dólares, que foi a forma da família ajudar a diocese que estava falida e não tinha onde colocar as suas secretarias.⁵⁸⁵

Em relação às famílias:

Quando eu cheguei aqui, por exemplo, a frequência na comunidade era em média 120 a 130 pessoas e hoje a gente consegue contar 250, às vezes 300, então a gente percebe que o povo está aos poucos chegando. Tenho feito um trabalho de visita às casas, de benzer as casas, que é quando eu aproveito para evangelizar.⁵⁸⁶

Antes das colocações finais sobre a ação pastoral da Igreja com os migrantes, gostaria de dizer que o serviço prestado pela PBE, com seus sacerdotes diocesanos e religiosos, o trabalho das religiosas e dos leigos comprometidos com o testemunho de ser Igreja, é o que faz a alegria, o crescimento da fé, a união e, enfim, a própria pastoral acontecer. Coisas simples, como uma rádio comunitária mantida por um padre brasileiro na comunidade de Estit Boston, fazem toda diferença na organização pastoral para e com os migrantes, sem falar nos centros de referência e atendimento que algumas comunidades do Apostolado Brasileiro mantêm.

⁵⁸² Entrevista 84.

⁵⁸³ Entrevista 25.

⁵⁸⁴ Entrevista 25.

⁵⁸⁵ Entrevista 31.

⁵⁸⁶ Entrevista 62.

Não poderíamos finalizar essa parte antes de vermos como tudo isso facilita a experiência cristã dessas pessoas com as seguintes colocações feitas pelos próprios migrantes e agentes de pastoral. A primeira visão que trazemos é de um sacerdote diocesano:

Então, a questão aqui nos Estados Unidos não é trabalhar só a questão espiritual, é humana, afetiva, é psicológica. O padre tem que fazer um pouquinho de cada coisa, né, porque realmente tem que ajudar a esse povo a dar um passo, senão eles vêm pra cá em busca de um ideal e acabam morrendo aqui, e é muito triste, quantos... muitos casos que eu vejo... Já vi muitos, já acompanhei muitos, eu tive um caso em Austen que o cara ficou aqui 14 anos, mandava dinheiro para mulher dele no Brasil, todo dinheiro que ele tinha ele mandava e de repente ele ficou doente, muito doente, eu tive que acompanhar e um dia eu fui vê-lo na casa e tudo, tocava campainha e não atendia, tocava e não atendia e eu ia saindo, quando vou saindo eu ouço a porta abrir, ele não estava andando, ele veio se arrastando pra abrir a porta de tão doente que ele estava, aí não tinha nem dinheiro pra ir embora, não tinha mais nada, a mulher pelo telefone despediu ele e todo dinheiro que tinha mandado, que não foi pouco, e eu que tive que comprar a passagem, levar no aeroporto para pôr no avião, pra ir embora. Então, são essas as realidades, mas eu vejo que trabalhar a fé com um povo migrante é um pouco mais complicado, porque, às vezes, não tem muito a sequência, né, até eles questionam aqui a questão dos jovens, mas os jovens? Estão acabando os grupos de jovens? Não tem? Tem uma dificuldade, porque que tem uma dificuldade, o jovem que veio do Brasil ele vem pra trabalhar, ele não quer saber se no sábado tem grupo de jovens, o restaurante escalou ele para trabalhar... Ele está aqui pra trabalhar, pra ganhar o dinheiro dele, ele quer trabalhar, então, isso atrapalha um pouco a questão pastoral, família, juventude, até mesmo a questão da participação nas missas, porque eles estão querendo ganhar o dinheiro deles né? Igual 'Plymouth' que tenho missa toda segunda-feira, que é onde começa a história dos Estados Unidos nessa cidade aqui, no sul... E em 'Plymouth', por ter muitos restaurantes, ser uma região de praia, a missa tem que ser na segunda-feira, porque nem todo mundo está trabalhando, então é na segunda-feira que celebro, então ontem era feriado, teve queima de fogos, então eu vou celebrar hoje...⁵⁸⁷

Os Sacerdotes Religiosos demonstraram a seguinte visão em relação ao trabalho pastoral com os migrantes:

no campo do discernimento, tenho que ajudar as pessoas a olharem e a saberem o caminho e escolher o melhor. O quanto que ele não está só e porque não está só pode integra-se. [...] As pessoas necessitam de Deus. Eles vêm quebrados na fé, por muitas coisas que passam e por muitas coisas que passaram. [...].⁵⁸⁸

Aqui nossa realidade é totalmente diferente, porque aqui a maioria são famílias, tanto no caso da nossa comunidade brasileira, como no caso da comunidade hispana também. Aqui é o contrário praticamente 80% são famílias né, então a migração aqui é diferente, o sentido de migração.⁵⁸⁹

Em entrevista a três religiosas que trabalham na PBE, ficam expressas as suas percepções em relação ao trabalho com os migrantes ao proferirem:

⁵⁸⁷ Entrevista 26.

⁵⁸⁸ Entrevista 64.

⁵⁸⁹ Entrevista 44.

Acredito que a gente tem muito a aprender de Maria, justamente por essa sensibilidade [...] perceber a realidade que o outro se encontra e se colocar junto, não no sentido de dó, de piedade, de coitado, mas ‘para SER com ele’ assim como ‘Ela É com a gente’. Nesse sentido, a gente ainda tem muito a aprender, dessa sensibilidade, desse cuidado amoroso que Ela teve com Jesus e que nos ensina a ter com os outros [...] um projeto pra que a gente possa com mais clareza trabalhar com os imigrantes, em relação às comunidades, a Igreja o que fazer, como fazer, de que maneira fazer.⁵⁹⁰

Na realidade migratória estudada, a Igreja Católica torna-se a referência para a vivência da fé e a experiência cristã. É a Igreja que possibilita fazer este caminho de maturidade, de conversão e de autenticidade no Deus Salvador-Criador revelado em Jesus Cristo. Este é um dos grandes desafios da pastoral dos migrantes na Igreja: ajudar e favorecer um encontro cada vez maior das pessoas que migram com Jesus Cristo.

4.2.3 Evangelização

Como já vimos nas análises anteriores, a Igreja Católica tem enfrentado com coragem e esperança todos os desafios que a realidade migratória tem apresentado, fazendo da acolhida e da participação comunitária o lugar ideal para a maturidade humana e de fé para os migrantes, sempre em uma atitude de abertura ao outro, nunca de fechamento ou isolamento. É claro que ainda tem muito a se fazer em relação à vivência da fé, como também em relação à realidade de adaptação, influências e impactos social e cultural na vida das pessoas que migram.

Em relação à experiência cristã, à ação pastoral e à evangelização da Igreja Católica nesse âmbito migratório, tiveram grande destaque as entrevistas realizadas com os agentes pastorais, sacerdotes e religiosos e as feitas nos centros de atendimentos aos migrantes que têm feito um trabalho exaustivo, com amor e alegria nas múltiplas realidades que a migração traz ou encontra em um país estrangeiro. Entre estas ações, destaco a experiência do Deus de Jesus Cristo, um Deus amor que não se impõe pela força, mas se apresenta e se oferece através da vivência da fé cristã, sempre voltada para a dimensão comunitária. Deus é vivido e celebrado, de modo especial, no ambiente comunitário eclesial.

⁵⁹⁰ Entrevista 77.

Já foram apresentadas, no decorrer desse capítulo, inúmeras experiências cristãs que vão acontecendo ao longo do difícil processo migratório e como já dissemos, os migrantes fazem esta experiência primeiro, porque buscam a Jesus Cristo e sentem falta desse caminho de verdade e vida que só Nele se encontra; segundo, porque em meio ao fator econômico e de tanto trabalho, que consome o tempo e cria outros ídolos, poderiam buscar a Deus como paliativo, mas não o fazem, pelo menos entre aquelas pessoas que entrevistamos; terceiro, porque a experiência de Deus, de Igreja e de Fé só se fortalece se vivida em comunidade e os migrantes são muito unidos nas comunidades do Apostolado Brasileiro da Arquidiocese de Boston. Todavia, muito ainda precisa ser feito, pois, como também já mencionado, o ser humano em geral não migra para procurar Deus, mas, geralmente, para ganhar dinheiro. Isso se torna um desafio à espiritualidade deste migrante e à ação pastoral e evangelizadora da Igreja.

Essa experiência cristã se realiza mais nos encontros e festas comuns, na acolhida e na solidariedade, na liturgia e nos sacramentos da Comunidade-Igreja. Assim, segue um relato de uma mãe-gestante frente a uma proposta de aborto feita a ela pelos médicos dos EUA e a sua resposta baseada em sua experiência de fé:

A gente casou, participando sempre da Igreja, nós éramos catequistas em uma comunidade e chegou o dia: eu realmente engravidei e era um 'boy'. E daí no quarto mês de gestação eles descobriram que o [...] tinha um problema raríssimo, eles não conseguiam ver o coração dele. [...] Houve uma má formação no coração dele. E daí eles falaram que eu podia abortar a qualquer momento [...] Disseram que eu podia sair do Estado, se eu quisesse abortar legalmente até a 23ª semana [...] E daí a gente seguiu com a gravidez [...] eles já sabiam que com 5 dias ele ia ter que passar pela primeira cirurgia e o medo deles é que ele viesse muito pequeno, mas ele veio com 4 quilos, veio um bebê muito forte, o maior bebê do berçário. E daí com 5 dias ele fez a primeira cirurgia, passaram-se 6 meses e o cirurgião nos chamou, dizendo que estava na hora da segunda cirurgia, mas que ele não se sentia confortável em fazer, porque seria a mais difícil de todas. Daí a gente desesperou, mas graças a Deus enviaram novos médicos, novos hospitais e a gente foi pra segunda cirurgia e graças a Deus ele se recuperou muito bem. Seria a mais complicada, onde eles colocariam veias nos lugares certos, onde era pra estar aberto estava fechado e eles abririam, onde estava aberto eles fechariam, muito complicado. E daí o tempo passou e a gente checando a cada 4 meses indo ao cardiologista, até que chegou a próxima cirurgia que foi com 5 anos. E graças a Deus também correu tudo muito bem. E ele teria que fazer mais duas, eles não sabiam quando, daí em março desse ano ele teve uma febre muito alta e ficou internado, foi até na Semana Santa que isso aconteceu e os médicos detectaram que ele pegou uma bactéria e a bactéria se alojou no coração. E os médicos acharam mais seguro trocar a válvula e a gente foi pra mais uma cirurgia. A gente sabe que ele tem mais cirurgia pela frente, mas eles não sabem quando, vai depender do

tamanho dele pra ser trocada a válvula, mas ele venceu. E estamos vencendo, graças a Deus!⁵⁹¹

Eu digo pro meu esposo que hoje eu sei assimilar melhor porque que a gente veio parar aqui. Muito além de ganhar dinheiro, muito além de fazer a vida, hoje a gente entende o sentido real de estar aqui. Primeiro a saúde do nosso filho, porque se a gente tivesse tido ele no Brasil, com certeza ele não sobreviveria e o tanto que a gente cresceu, amadureceu. [...] E hoje eu consigo ver claramente o quanto que eu amadureci, cresci na fé. Foi necessário talvez que a gente estivesse aqui pra que isso acontecesse.⁵⁹²

A seguir, mais alguns testemunhos de brasileiros que vivem nos EUA, onde encontram espaço para manter, amadurecer e até mesmo iniciar a sua caminhada de fé na experiência cristã.

Eu acredito que, independentemente de estar aqui ou no Brasil, eu tenho Deus comigo, eu aprendi assim, que Deus é o apoio que nós temos pra ajudar a superar as coisas. Eu sempre peço que Deus esteja sempre comigo e não me deixe perder a fé.⁵⁹³

a minha família é evangélica no Brasil. Eu nasci na Assembleia, eu congregava na Igreja Evangélica, aí teve um tempo que eu saí, aí vim pra cá e fui pra Católica. Aí eu decidi, batizei na Católica, fiz a Crisma, tudo direitinho. [...] A Igreja Católica é conselheira e faz bem pro coração e pra alma da gente, estamos sempre juntos, na mesma fé.⁵⁹⁴

nunca fui de ir pra Igreja, de estar lá todo domingo, coisa assim... e também porque meus pais são hindus e eles acreditam que... por causa da cultura dos hindus assim, que passa por gerações, você tem que manter o mesmo... Só que a gente foi criado fora da Índia, eu meio que adotei a cultura brasileira, então eu comecei a vim pra Igreja foi em 2012, quando eu fiz catequese aqui com Padre [...] e na Páscoa de 2013 eu fui batizado, crismado. Então, desde então, eu comecei a vir... estou tentando me manter, que eu vou casar, vou ter filhos, eu quero ser um exemplo pra meus filhos.⁵⁹⁵

A Igreja, eu depois que eu vim pra cá aí que eu comecei a frequentar a Igreja aqui de Boston, porque eu era católica, frequentava lá, mas esporadicamente, então eu vi tantas coisas mudarem na minha vida, isso aqui foi um levantar para mim.⁵⁹⁶

essa gente tem fome por essa ajuda na fé. Porque o povo brasileiro é um povo bom, é povo com muita fé. Cada grupo de migrantes que vem para os EUA vem com seus dons. Eu acho que o dom dos brasileiros é a fé católica que pode enriquecer toda nossa nação e precisamos que você reze por nós pra gente continuar a crescer na fé.⁵⁹⁷

⁵⁹¹ Entrevista 65.

⁵⁹² Entrevista 65.

⁵⁹³ Entrevista 61.

⁵⁹⁴ Entrevista 59.

⁵⁹⁵ Entrevista 18.

⁵⁹⁶ Entrevista 34.

⁵⁹⁷ Entrevista 77.

A evangelização possibilita que o ser humano migrante faça experiência de Deus na realidade concreta em que se encontra. O evangelho não pertence ou se identifica somente com uma cultura. Todas as culturas têm valores e sementes do Evangelho. A história da humanidade é uma história de migração, a própria fé confirma: somos todos peregrinos.

A Igreja, em seu serviço de evangelizar, tem refletido sobre o discernimento sociopolítico e sua geopolítica pastoral dos povos e suas culturas e se preocupado com esses temas, ou seja, sobre a necessidade de formar comunidades e sociedades constitutivas no horizonte da fraternidade, da justiça, da paz e dignidade para todos. Um diálogo e uma acolhida que sejam testemunhados com ações pastorais concretas, nas realidades específicas como no caso dos migrantes e refugiados. A verdadeira busca de uma cultura do encontro, de acolhida e diálogo, este não só no reconhecimento de seus iguais, mas na riqueza das diversidades culturais. O desafio talvez seja este de influenciar a vida com uma realidade sócio cultural diferente e anunciar Jesus Cristo, cumprindo a missão confiada aos discípulos de testemunhar e proclamar o Evangelho da alegria e da misericórdia.

A identidade de quem migra é forçada a se modificar em alguns aspectos, o que vai redefinindo a pessoa, da mesma forma que também obriga a mudança da identidade de quem acolhe, como já explanado. Ajudados pela evangelização nestas mudanças, esse movimento pode ser um caminho, uma ocasião para um crescimento humano, social e espiritual, promovendo valores que tornem o ser humano cada vez mais próximo de Deus, dos outros e de toda criação. As migrações criam espaços para a evangelização e para o nascimento de uma nova humanidade como diz o Papa Francisco “toda terra estrangeira é uma pátria, e em que toda pátria é uma terra estrangeira”.⁵⁹⁸ A Igreja responde ao mandamento de Cristo “ide e fazei discípulos meus entre todas as nações” (Mt 28, 19), pois no rosto do migrante está o rosto de Cristo. Rosto que nos revela a dignidade inviolável do ser humano e que deve ser sempre protegido e respeitado.

nós procuramos fazer com que as pessoas conheçam melhor esse Deus e queiram ter intimidade com Ele e querem saber que Ele é bom e misericordioso e que Ele quer abençoar...⁵⁹⁹

⁵⁹⁸ Francisco. *Migrantes e refugiados: rumo a um futuro melhor*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20130805_world-migrants-day.html. Acesso em: 23 de mar. 2017.

⁵⁹⁹ Entrevista 2.

não importa onde você esteja, nós cristãos, nós temos que seguir levando a palavra de Deus a cada um e evangelizar por onde a gente passar e nós estamos aqui nos Estados Unidos como cristãos, temos o dever de evangelizar.⁶⁰⁰

Eu amo minha Igreja e assim, as pessoas que quiserem vir pra cá com esse pensamento de viver aqui, de participar, de procurar a Igreja, de ajudar o próximo, como a gente vê muitas pessoas que se doam mesmo, eu acho que as pessoas são mais do que bem vidas aqui e aqui tem muito campo para trabalhar.⁶⁰¹

O desafio concreto no Santuário da Mãe Rainha é no que diz respeito que somos a evangelização, não nos esquivarmos de fazer e dar o primeiro passo. Educar as pessoas, formar as pessoas e pensar em retomar coisas não tanto extraordinárias, que não ajudam a direcionar, mas sim o ordinário, ou seja, o que seria o ordinário que encontrem o sacerdote na Igreja, que o padre esteja disponível, que o padre atenda o telefone, que o padre aja como padre e além dessas coisas querem encontrar o padre visitando. O padre tem que sair. As coisas extraordinárias têm o efeito da cerveja, muita espuma e pouco conteúdo. O ordinário, eu acredito que seja o contrário sendo o conteúdo aquilo que nós colocamos como atenção.⁶⁰²

Os desafios encontrados no que diz respeito à evangelização também são muitos e dizem respeito à cultura e à identidade dos migrantes, aspecto que trataremos um pouco mais adiante. Porém, como percebemos, a cultura e a identidade já estão presentes nas dificuldades abaixo citadas. Em relação aos evangelizadores:

Eu sou contrário de trazer sacerdote de fora e que vem em sentido eclesial. O que distingue eles de mim, a disponibilidade de continuidade, a emoção passa, o padre e o padre fica, tem que estar. O sacerdote não poder estar todos os dias ao telefone, o sacerdote tem que ser sacerdote, é o que o povo reclama. Talvez ajam pessoas intermediárias que não te permitem chegar ao padre, então envolver... Eu creio que a evangelização é o ponto chave de fazer das pessoas verdadeiros seguidores de Jesus. E criar nas pessoas verdadeiros discípulos, porque, ao contrário, tudo se traduz no que diz o Papa, uma grande ONG. [...] Eu acredito que o grande problema e o grande desafio da evangelização está no sacerdote, em primeiro lugar. Encontrar sacerdotes que sirvam, sacerdotes que sejam sacerdotes e são sacerdotes. O outro ponto é dar as pessoas acolhida, que se sintam amados e queridos na comunidade e que tenham lugar. Para que tenham um lugar precisa ter muito cuidado. A dificuldade dos grupos e os grupos agem como grupos, os grupos não unem, os grupos desunem, dividem. [...] Então para a evangelização temos três coisas: o sacerdote que seja sacerdote; as pessoas que se formem; e o caminho da santidade que é uma proposta clara do Evangelho. Se eu não trabalho em uma comunidade e não a animo à santidade é melhor fechá-la.⁶⁰³

Acho que as comunidades dos migrantes, elas mesmas, criam uma estrutura que exigem atenção do padre. E os padres que estão aqui estudando não têm esse tempo de estar acompanhando, então, por isso, às vezes, se perdem etc.⁶⁰⁴

⁶⁰⁰ Entrevista 14.

⁶⁰¹ Entrevista 28.

⁶⁰² Entrevista 64.

⁶⁰³ Entrevista 64.

⁶⁰⁴ Entrevista 1.

Nem todos os padres estão capacitados pra falar sobre Eucaristia. Eu participo dessa igreja, mas não concordo com bagunça na Eucaristia. É o que está existindo aqui nessa igreja. As crianças não param. Eu gosto de silêncio na igreja e aqui não tem. [...] Isso na igreja americana a gente vê.⁶⁰⁵

Em relação à liturgia:

Nós temos hoje mais de 200, 300 catequistas auxiliares. O nosso programa é em português. As crianças têm materiais, claro que a gente fala como bilíngue, vai falando inglês... Elas têm que pintar uma Nossa Senhora... Os pequenininhos vai pintar uma Nossa Senhora Aparecida, vai contar uma história de Nossa Senhora Aparecida... A criança vai fazer uma oração em inglês, mas ela vai aprender a rezar em português a Ave-Maria, porque ela vai celebrar lá na comunidade de fé [...].⁶⁰⁶

Esse é o presente de Deus é sagrado, esse tesouro que tem hoje a Igreja Santo Antônio e vê esta Igreja, Madonna Queen, com padres brasileiros, espanhóis e italianos é tudo de bom. Naquela época, a gente chorava para escutar o padre celebrar uma missa em português ou celebrar um casamento em português, não existia, hoje nós temos padres em tantas cidades aqui, em tantos locais, uma comunidade que acolhe como esse Centro do Imigrante [...].⁶⁰⁷

E de fato, pra mim, o desafio maior, e aqui eu vou pegar um ponto específico: a catequese. Como responder os desafios da catequese com os brasileiros, quando os pais falam o português apenas, as crianças leem em inglês e os pais querem que elas aprendam o português na catequese? [...] Como trabalhar e como responder a esse grande desafio e que é um grito também dos próprios pais e das comunidades que querem manter a língua, manter o idioma, mas querem aprender, pra mim não no lugar correto que é a catequese [...].⁶⁰⁸

Em relação a outras denominações religiosas:

Há uma necessidade entre as migrações de solucionar problemas imediatos, daí que você pode entender o êxito, às vezes, de seitas evangélicas, eu falo de seitas porque são grupos que se destacam de outras congregações protestantes, onde a Igreja Católica não trabalha bem, onde há muita ausência do sacerdote ou ausência de trabalho do sacerdote, eles têm muito êxito justamente por isso, porque o imigrante ele perde a direção, ele vem aqui sozinho. [...] Se sente sozinho, porque não tem comunidade, não tem família, porque não tem apoio. [...] Então, a tendência das pessoas é buscar soluções imediatas, não é? Seja pra saúde, pra sua solidão, muita gente depressiva... Isso é um problema muito grande aqui, pra nós... Então, se apegam à espiritualidade, especialmente, uma espiritualidade que dá soluções imediatas como é a linha pentecostal, seja os carismáticos dentro da Igreja Católica e os evangélicos. Nem vou falar os pastores que vivem disso tudo, vivem disso porque os pastores vivem do dízimo, mas eles querem dar uma solução na hora certa... Deus te cura, Deus é tudo, Deus soluciona tudo, Deus faz tudo, aí você busca em Deus e paga o dízimo e pensa que vai buscar solução. É claro que nunca soluciona, e, na verdade, Deus ajuda quem se ajuda. Então esse é um problema pra mim, dentro da Pastoral, pra mim, é um problema a ser discutido muito, ser aprofundado e que é muito difícil, muito difícil, porque vêm pregadores do Brasil, numa linha totalmente desencarnada, às vezes. Vem trabalhar aqui numa linha muito desencarnada e vem falar abobrinha, não faz distinção entre bem e mal, entre

⁶⁰⁵ Entrevista 53.

⁶⁰⁶ Entrevista 1.

⁶⁰⁷ Entrevista 41.

⁶⁰⁸ Entrevista 77.

aquilo que é justo e o que não é justo. Então isso é um problema grave do nosso apostolado, é um dos problemas. Esse aí o problema, é justamente esse aí, porque não vamos unir, não caminharmos no mesmo caminho, numa mesma direção.⁶⁰⁹

Em relação à cultura e à integração na comunidade:

nós temos 32 etnias aqui, nessa diocese são 32 etnias, são 32 formas diferentes de ser Igreja na Arquidiocese de Boston. [...] Você imagina 32, é o chinês, japonês, africanos dos mais diversos, dos mais diversos países, culturas, latinos, hispanos, os brasileiros, os indianos, enfim, não faltam etnias para se celebrar, os cabo-verdianos, por exemplo, que é uma comunidade muito grande, então é preciso que a gente entenda, que o brasileiro, nós não precisamos nos desesperarmos com um aspecto cultural, mas com esse outro aspecto, que é o aspecto de ver o que cada cultura tem de melhor para fazer as coisas acontecerem na diocese em que todo mundo possa crescer junto, complementar uma cultura...⁶¹⁰

Em relação à família:

quando a gente está sem a família a gente precisa de Deus cada vez mais, para suprir mesmo essa falta né, dar força para resistir, realizar o sonho né [...] realiza o sonho e aí vêm outros sonhos e acaba ficando aqui né, porque acaba se acostumando e se acostumar com o bom é bem mais fácil né?⁶¹¹

E a gente conversa muito com pessoal, principalmente, nos encontros de batismo... aquele afastamento que depois nasce a criança e dá um peso na consciência, que é o chamado de Deus e que, às vezes, é a criança que está trazendo de volta pra Igreja e a gente conversa, conversa... aí eles começam a justificar... porque eu não participo... e aí eu falo, meu amigo se você é um cara bom, um bom pai de família, um bom trabalhador, um bom operário... cara, Cristo está precisando de tu dentro da Igreja, justamente pra tu dar teu testemunho de vida pra aquelas pessoas que vem na Igreja... tu é um testemunho lá fora.⁶¹²

Também presenciamos testemunhos de esperança dos evangelizadores e evangelizados diante da realidade migratória.

O nosso fundador dizia para levar o consolo da fé e o sorriso da Pátria aos imigrantes. Esse era o lema dele, aquilo que fica na verdade na nossa vida sacerdotal é o carinho, é o amor, às vezes, a ideologia, os partidos, a maneira de pensar. Você fica em crise quando você vê um povo, assim, que os seus líderes são, assim, a nível político, não combina nada sabe, muito manejados pela imprensa, assim, falta doutrina. Mas se você olhar isso só, isso te desanima como sacerdote, você tem que olhar que a sua presença, você, tem que ter amor e como diz na oração do Papa para o ano da misericórdia, quem se aproxima do sacerdote pode sentir o amor de Deus e o perdão de Deus para sua vida. Isso que importa, não é verdade? O que fica é somente o carinho, o amor das pessoas, seja quem for, seja como você pensa, igual ou diferente, dentro da Igreja.⁶¹³

temos um apoio muito grande da Igreja, do cardeal e tudo né, eu acho que a comunidade brasileira começou a ser vista não mais como antigamente, um pouco assim à parte, clandestina, não é clandestina eu digo, clandestina em algumas

⁶⁰⁹ Entrevista 25.

⁶¹⁰ Entrevista 27.

⁶¹¹ Entrevista 36.

⁶¹² Entrevista 17.

⁶¹³ Entrevista 25.

igrejas poderíamos dizer, porque alguns padres na verdade até pouco tempo ouvíamos falar que para rezar uma missa na igreja americana tinha que pagar o aluguel, ou seja, tem que ter, que dar um tanto por mês. Então nessas coisas, me parece que tudo isso está sendo superado, então hoje, por exemplo, nós temos igrejas... essa igreja, por exemplo, é essencialmente brasileira, a igreja de Framingham, por exemplo, não sei se é essencialmente brasileira... mas tem a Everett que tem a Santo Antônio, podemos dizer que apesar das outras etnias que é a espanhola, a comunidades hispana é grande, mas também a comunidade brasileira é muito significativa e aqui os americanos praticamente estão muito gratos pelo fato dos brasileiros entrarem [...].⁶¹⁴

Num grupo e noutra, a comunidade latina em aspectos distintos e com tantas culturas distintas, tratamos de identificar na própria fé, tentamos identificá-los na fé que têm e como seguem a Jesus. Como discípulos, tratamos de identificar a presença e a devoção mariana. Então com esses poucos elementos, trabalhamos a catequese de adultos, o que propriamente é a evangelização. A catequização das pessoas para uma maior identificação com Cristo.⁶¹⁵

As colocações a seguir nos mostram o grande desafio da evangelização no âmbito cultural e identitário que, em certos aspectos, vão modificando o ser pessoa nos ambientes migratórios.

Eu vejo o preconceito aqui quando o brasileiro vem e não quer aprender a cultura deles, não quer aprender a língua. Aí acaba que o próprio brasileiro é preconceituoso com ele mesmo, não é o americano.⁶¹⁶

já acostumei com a cultura americana, mas sempre tem aquele gostinho de Brasil, né, nunca deixaremos de ser brasileiros, porque quando chegamos ao Brasil nos sentimos em casa...⁶¹⁷

quando você vem é um impacto muito grande na sua vida, né, não só língua como os costumes, tudo... Tudo é muito diferente.⁶¹⁸

eu já me acostumei com a cultura americana, o hábito das pessoas, me sinto em casa já. Sinto falta dos meus pais, da família, dos parentes.⁶¹⁹

Tenho muitos amigos americanos, mas a convivência é muito pouca. Não tenho muita vida social, até porque eu não gosto de ter muito esse contato, porque a cultura e a realidade são diferentes.⁶²⁰

A questão da língua é outro aspecto importante da cultura:

Eu cheguei aqui não sabia nem dizer *thank you*.⁶²¹

Não, não falava (inglês). E falo... me viro agora né, mas não falava não, não sabia pedir um pão.⁶²²

⁶¹⁴ Entrevista 48.

⁶¹⁵ Entrevista 64.

⁶¹⁶ Entrevista 75.

⁶¹⁷ Entrevista 5.

⁶¹⁸ Entrevista 11.

⁶¹⁹ Entrevista 60.

⁶²⁰ Entrevista 66.

⁶²¹ Entrevista 10.

Eu tive oportunidade de estudar um pouco, o problema é a língua que você vem sem saber falar nada né, dinheiro que você vem sem né, o frio, no início é muito difícil, mas depois você vai se achegando, vai aprendendo, aos poucos vai conhecendo a cultura, você vai se envolvendo com a cultura e isso te deixa mais confortável, como se fosse a sua casa mesmo.⁶²³

já chamaram atenção porque meu inglês era ruim, mas, infelizmente, tem algumas pessoas que tentam entender, mas outras não, mas não tiro a razão deles não [...].⁶²⁴

uma vez eu estava trabalhando num lugar e eu não sabia falar inglês, e eu fui conversar com o americano e ele disse que eu tinha que falar inglês porque ele não era obrigado a falar português comigo não [...] E ele disse: 'Procura aprender'. E foi uma coisa que eu senti um pouco. Infelizmente não falou nada de errado não, porque eu estou no país deles.⁶²⁵

Não são somente as pessoas que migram que são influenciadas pela cultura, mas a sua família também sofre mudanças.

A gente retornou para o Brasil devido à saúde do meu sogro e a vida também não é só ganhar dinheiro... Então a gente vive uma vida, tenta viver uma vida plena e uma vida em Deus, então a gente resolveu voltar depois de oito anos. A minha filha não se acostumou com o Brasil, por causa de todas as dificuldades que a gente conhece, ela resolveu voltar e o meu marido e eu apoiamos e agora ela está aqui grávida e eu vim dá uma ajudinha para ela, porque ela está passando um pouco mal. Tenho que retornar em agosto porque também tenho uma filha no Brasil, que também está grávida e vai ter bebê em setembro e se Deus quiser em setembro estarei aqui, de volta, mas não pretendo morar como a gente já morou né? A gente vai vir só a passeio.⁶²⁶

Em relação a trabalho, aceitação e discriminação, dentro da realidade econômica, a cultura dos norte-americanos é diferente da cultura do brasileiro e, por isso, é um fator que chama logo a atenção dos que chegam ao país.

Eu trabalho como limpador de carro. [...] A gente é honrado como qualquer médico, qualquer advogado, a gente aqui é tratado como um ser humano, não tem discriminação.⁶²⁷

a discriminação aqui não tem, aqui você pode sair de pijama na rua que as pessoas não olham para você. Isso é muito importante, a gente sai de um serviço sujo entra em um restaurante, em qualquer lugar, que é servido como se fosse um engravatado.⁶²⁸

O serviço braçal aqui é mais valorizado, paga mais o encanador aqui, ganha uma fortuna, mas ele precisa estudar, ele precisa de licença, ter autorização para trabalhar, vai mexer com gás, com essas coisas. A gente tem um amigo que se

⁶²² Entrevista 40.

⁶²³ Entrevista 36.

⁶²⁴ Entrevista 40.

⁶²⁵ Entrevista 55.

⁶²⁶ Entrevista 11.

⁶²⁷ Entrevista 13.

⁶²⁸ Entrevista 13.

formou engenheiro elétrico, mas ele continua trabalhando como eletricista, porque ele ganha mais como eletricista do que ele ganharia como engenheiro.⁶²⁹

O aspecto pastoral da ação evangelizadora da Igreja também trabalha para responder a esses desafios de impactos culturais encontrados pelos brasileiros migrantes.

tem também as organizações em defesa dos migrantes também e aqui nós temos uma líder aqui, nesta comunidade, que ela faz parte de uma organização que tem uma luta aí muito grande pra aprovar uma lei aqui no estado de Massachusetts, pra liberação da carteira de motorista, que é o que mais o pessoal precisa pra trabalhar, porque aqui não é igual lá no Brasil. Lá no Brasil você tem os transportes coletivos mal ou bom ou ruim, mas existe né? Pros trabalhadores se deslocarem aqui, não existe isso, ou você tem carro ou você fica perdido... A não ser que você trabalhe numa empresa que vem os carros de madrugada, você vê muito isso aí, o pessoal com a marmitinha lá na calçada esperando chegar...⁶³⁰

A cultura é muito importante, às vezes, o padre americano, ele gosta dos brasileiros, mas não entende, não entende, porque nunca viveu no Brasil, nunca conviveu com os brasileiros, então além de não entender o idioma, não entende o ser brasileiro, o que é, a maneira como reza, como festejar a vida, como celebra, entendeu? Como faz então... é difícil pro americano entender isso...⁶³¹

No Brasil, a realidade, o território paroquial, aquelas pessoas se ajudam, porque crescem ali.... aqui não, aqui nós temos um Brasil dentro de uma paróquia, que é diferente, né, é gente do sul, é gente do norte, é gente de Minas, São Paulo, de várias partes, com culturas diferentes, realidades diferentes, com grau de escolaridade diferente, então é uma coisa muito interessante... É muito comum encontrar um advogado ou um que fez ciências contábeis trabalhando na construção, né, e tem um nível de conhecimento maior. Outros que já vieram, por exemplo, bem da roça [...] aqui tem pessoas que vivem aqui há 15 anos sem ver ou sem ter contato com a família, porque a família está no Brasil... Alguns, já morreu pai e mãe e não puderam ver, então é uma realidade mais carente de certa forma, porque as pessoas vivem mais sozinhas e dependendo do temperamento da pessoa ela fica mais sozinha ainda, né, ela não se abre, ela não sai de casa, do lugar dela, não entra dentro, um pouco, da cultura americana, mas não perdendo a raiz dela é claro, que isso não deve fazer nunca, isso é uma estupidez, mas entrar e conhecer um pouco da cultura americana, conhecer lugares, realidades, a comida aqui... O brasileiro eu fico vendo, eles só vão em restaurantes brasileiros, ele vai comprar roupa, imagina, roupa que é uma coisa tão barata, tão fácil de ter acesso, ele vai comprar na loja brasileira, que traz lá do Brasil e paga um absurdo [...] A pessoa fica presa nisso ou dentro de casa, dentro do apartamento ouvindo DVD de música brasileira, shows brasileiros...⁶³²

A cultura norte-americana em relação aos cuidados e tratamentos médicos é vista como de qualidade e muito boa pelos migrantes, inclusive, causando surpresa a muitos:

⁶²⁹ Entrevista 22.

⁶³⁰ Entrevista 17.

⁶³¹ Entrevista 25.

⁶³² Entrevista 26.

tem uma coisa que nesse ponto o migrante e o povo não pode reclamar aqui, é que a pessoa, ela chega no hospital e ela é atendida, não importa se ela é preta, branca, se ela tem dinheiro, se ela não tem, ela é atendida e se ela não tem um plano de saúde, por exemplo, a maioria tem um plano do governo que cobre, que faz tudo, e se ela não tem, também o próprio hospital faz um acordo, divide pra pagar durante dois anos, vai pagando aos pouquinhos por mês, mas é atendido e é tratado. A saúde é muito boa aqui.⁶³³

eu achava que os médicos não iam me atender, mas não, eles me atenderam, não perguntaram se eu tinha documento, não perguntaram há quanto tempo eu tinha chegado e eles me atenderam na hora. [...] Agora daí eu me pergunto assim: saudade do Brasil? Você tem é das pessoas que deixou lá [...] mandei trazer os exames, os papéis, os exames que eu fazia lá normalmente e há dois anos eu tinha essa doença, então eles não cuidaram de mim, [...] ainda diziam que eu não tinha nada quando reclamava... então tenho saudade da minha família, dos amigos, mas a estrutura não... Falta de saúde, falta de segurança...⁶³⁴

Os presos que cumprem pena nas cadeias dos EUA também têm tratamento bem diferente do encontrado no Brasil, fato esse que surpreende e assunta os brasileiros que lá se encontram.

a cadeia não é igual no Brasil, que o povo faz guerra, quebra tudo, porque eles não querem comer tal coisa, aqui não, aqui o preso trabalha, ele trabalha, ele pode estudar lá dentro, no caso, como um que eu vou ver hoje, ele está estudando, ele está fazendo economia, pode estudar só que é assim, eles comem, mas eles dão o básico para sobreviver somente e não tem essa de dizer que não quer e depois, se você quiser mais, você tem que comprar, então você tem que pagar, não tem nada de graça não [...].⁶³⁵

Em relação aos costumes, podemos destacar a seguinte fala:

Enfim, na verdade aqui, a criança é muito criança, digamos, assim né, a criança é criança e o adulto é adulto, mas a criança é muito criança. A criança não é um adulto encolhido como no Brasil, muitas vezes, acontece, como acontece com as crianças no Brasil que uma menininha ou menino de oito anos no Brasil é vestida, paramentado, como se fosse uma mulher em miniatura, então esse é o aspecto que eu acho bonito na cultura americana, onde os filhos ganham status de criança durante toda vida da criança e só vai ter autoridade para ser adulto com 21 anos de idade né? Como, por exemplo, uma criança que beber numa festa e, que o pai está ou o pai não está, o pai terá problemas gravíssimos com a Justiça porque o filho bebeu álcool, então uma criança que vai querer entrar em um baile qualquer por aí, né, a criança não entra porque a primeira coisa que eles pedem é o seu bilhete de identidade e eles conferem o bilhete de identidade, porque uma casa de shows pode fechar se ela for denunciada que nela houve uma criança menor de 21 anos de idade [...].⁶³⁶

Outro fator que causa surpresa ao brasileiro é o modo de ser do norte-americano, que é radical em relação à honestidade e à política.

⁶³³ Entrevista 26.

⁶³⁴ Entrevista 15.

⁶³⁵ Entrevista 26.

⁶³⁶ Entrevista 27.

A honestidade do povo, do povo americano em geral, comparado com o povo brasileiro que tem a tendência de achar que tudo é ‘Rock and Roll’, que tudo é festa, que não levam as coisas com muita seriedade. [...] O povo tem que mudar a mentalidade pra que o país possa melhorar também, num contexto geral.⁶³⁷

nós tivemos um Senador que propôs ajudar, mas quando chegaram as eleições (e nós fizemos palanque pra ele, fomos atrás), ele virou pra mim e falou: ‘[...]’, você sabe quantas pessoas dentro de Everett votaram nessas eleições?’, no caso as eleições em que ele estava tentando se reeleger, eu falei: Não! E ele disse que foram apenas 7 pessoas. Uma cidade onde quase a metade da população é de brasileiros; e não é de brasileiros indocumentados, a grande maioria tem documento, mas não vão às urnas. [...] Então o brasileiro não entende que ele tem que votar, que tem que ajudar a construir o país e eles não vão votar. E o pensamento do político é: ‘Então como eu vou ajudar uma comunidade que não mostra que precisa de ajuda, que não vem até as urnas e me elege para que eu possa fazer o trabalho que eles precisam? Como eu vou representar alguém que não tem representação? Como eu vou dizer na Câmara dos Senadores que essa população dessa cidade precisa disso, 7 pessoas não representam 10 mil pessoas’.⁶³⁸

Na questão social:

eu gosto da convivência com o povo, com as pessoas. Aqui é realmente um pouco diferente do Brasil, o povo brasileiro precisa de mais ajuda, né, aqui muito menos. Porque o pobre aqui tem muito suporte do governo também.⁶³⁹

A diferença entre culturas pode ser um importante momento de encontro e de troca de experiências, com aprendizados e crescimentos.

Acho que aqui a gente pega uma experiência diferente né, nunca vamos nos adaptar ao estilo americano, nunca seremos americanos, mas a gente pega aquilo que eles têm de bom, acho que o modo de vida deles né, mais reservado, respeitando mais os outros, o direito dos outros, essa questão da limpeza, da organização [...].⁶⁴⁰

A pessoa que quer viver tranquilamente aqui, decentemente, ela acaba aprendendo a viver como americano e vive, em questão de educação, por exemplo, de trânsito... A lei, a cultura, tudo, se você fizer o que o americano te oferece, o que a América te oferece, se você viver do jeito que eles vivem, com as regras, seguir as regras deles, a lei, você fica tranquilo, de boa aqui, sem problema nenhum, ninguém te atrapalha, mas se você quiser dar o jeitinho brasileiro, aí eles já te exclui... E eu vou falar uma frase que meu pai me falou quando saí do Brasil, tu vai pra América, tu anda na linha, não vai pra esquerda, pra direita, tu vai reto, porque se tu pisa na bola, se tu escorregar tu vai pagar e pronto.⁶⁴¹

Estar convivendo com mais pessoas do meu país... Eu vejo que só tem a enriquecer, cada um de nós, porque essa cultura americana, mesmo a gente que vive no país, aqui dificilmente você vai encontrar isso. Reunir, assim, pessoas que não são parentes, mas que, simplesmente, são do mesmo país. Mais que conviver como irmãos... E eu vejo que nós brasileiros temos isso destacado, principalmente,

⁶³⁷ Entrevista 49.

⁶³⁸ Entrevista 69.

⁶³⁹ Entrevista 49.

⁶⁴⁰ Entrevista 33.

⁶⁴¹ Entrevista 30.

eles, americanos, percebem isso, que a nossa cultura brasileira nós convivemos muito como irmãos, mesmo sabendo que não somos parentes.⁶⁴²

Podemos assim finalizar o aspecto cultural, antes de vermos a questão identitária, com as afirmações abaixo. A mudança cultural é um processo:

Então o imigrante é trabalhador, em sua maioria veio pra cá com o desejo de voltar pro Brasil, ao longo dos anos com o nascimento e crescimento dos filhos desistiram disso mesmo sem declarar que desistiram. [...] Muitos se dão bem aqui porque são trabalhadores muito responsáveis, tem mecânicas, empresas de construção, pintura; e mesmo indocumentados.⁶⁴³

Ah, temos que manter a identidade brasileira, temos! Mas eles estão dedicando a vida deles ao trabalho nos Estados Unidos, os filhos estão crescendo aqui, a vida é aqui. Então, assim, de certo modo o ideal seria realmente uma inculturação até religiosa.⁶⁴⁴

Mesmo tendo claro que a questão cultural e a identidade nesses processos migratórios se interligam, pois o aspecto cultural influencia na identidade e, por conseguinte, a identidade facilita ou cerceia o aspecto cultural, seja pela inculturação ou pela necessidade econômica e social. Decidimos assim separá-las para uma melhor compreensão em nossa análise. Podemos ver essa interação entre cultura e identidade a partir de algumas colocações:

A primeira coisa que eu senti falta do Brasil foi aquele calor humano né? O brasileiro tem muito disso, ele é muito amigável, então você conhece uma pessoa e já está te chamando para um churrasco no mesmo dia, mesmo sem você conhecer... Então é uma coisa que aqui você não tem. Eles (americanos) são mais frios. É a cultura deles, mas você tem que conhecer eles muito pra poder receber esse convite.⁶⁴⁵

Eu conheço pessoas que moram aqui a vida toda que nunca perderam o sotaque, nunca deixaram de comer aquela comida que comiam no Brasil, nunca deixaram os costumes, as manias de antes continuam fazendo, sempre no meio da comunidade brasileira. [...] Não é ruim isso é muito bom, mas essas pessoas precisam entender que estão em outro país e que têm que aprender os costumes e cultura pra conviver. E algumas pessoas se habitua logo no primeiro ano, não deixam suas raízes, mas absorvem toda cultura rapidamente [...]⁶⁴⁶

A Igreja torna-se o fator que mais ajuda a manter e conservar a identidade e a cultura de suas comunidades:

A identidade é muito importante... Identidade do migrante... Porque, em minha opinião, é um dos poucos espaços que eles se sentem brasileiros, no sentido de se manter em uma comunidade...⁶⁴⁷

⁶⁴² Entrevista 14. Grupo.

⁶⁴³ Entrevista 82.

⁶⁴⁴ Entrevista 82.

⁶⁴⁵ Entrevista 18.

⁶⁴⁶ Entrevista 69.

⁶⁴⁷ Entrevista 1.

Olha, uma cidade maravilhosa Boston, o estado de Massachusetts, muito boa a diversidade da cidade, das pessoas. Agora a cultura, a comunidade católica brasileira... quando a gente vem de lá com isso a gente sente falta, então quando a gente acha aqui, que é uma estrutura para a família como eu sou um pai de família tenho uma família nova, é a estrutura da minha família essa casa aqui que... É a pia batismal dos meus filhos, me casei aqui, ou seja, estou crescendo com meus filhos aqui.⁶⁴⁸

E a gente vem para o lugar onde tudo é diferente, a cultura diferente, a língua diferente e vem pra Igreja, aí, aqui, na igreja a gente faz amigos... aí a gente se sente melhor né, aí a gente se sente um pouco no Brasil né, por causa da comunidade, da alegria, faz com que a gente se sinta um pouco mais em casa. O imigrante que é católico e gosta de vir à Igreja... A Igreja é a base de tudo para o migrante. Ela é uma casa acolhedora.⁶⁴⁹

a Igreja é um lugar pra você se agrupar quando você tá sozinho, a nacionalidade é um elemento de unidade por causa da barreira da língua e tal.⁶⁵⁰

cada comunidade tem a sua característica, tem comunidades que são mais do estilo da renovação carismática, tem comunidades que são mais abertas ao social, tem comunidades que tem o cunho mais cultural, mas assim todas as comunidades têm uma missa e tem comunidades que têm até cinco missas semanais em português.⁶⁵¹

A identidade dos migrantes nesta região do estudo foi e vai se modificando a partir de muitos elementos, porém, em relação à Igreja, à família, à educação, aos valores recebidos na infância, essa formação vem marcada, em muitos migrantes, de forma muito sólida e não são passíveis de mudanças. No entanto, alguns migrantes acabam mudando esses valores com o passar dos anos e vivendo em uma cultura diferente da sua.

E o sonho de um dia voltar, a gente sempre carrega isso com a gente... Voltar às raízes... A hora que tiver (de voltar) eu já tenho tempo suficiente no Brasil, porque eu nunca deixei de pagar o meu INPS, já tenho tempo suficiente e só estou aguardando mais um pouco a idade, para não perder tanto né? Minha esposa também, só que os filhos, com certeza, não voltam não, então, a gente vai ter que ter uma vida um pouco lá um pouco aqui.⁶⁵²

a gente sente muita falta da nossa família, dos nossos costumes, de você poder parar no sinal, parar em algum lugar e falar a sua língua.⁶⁵³

Nós celebramos a cultura, fazemos uma festa da cultura brasileira, para que as crianças possam absorver um pouquinho daquilo que é do Brasil, pra conservar essa identidade brasileira [...].⁶⁵⁴

⁶⁴⁸ Entrevista 19.

⁶⁴⁹ Entrevista 30.

⁶⁵⁰ Entrevista 82.

⁶⁵¹ Entrevista 1.

⁶⁵² Entrevista 10.

⁶⁵³ Entrevista 11.

⁶⁵⁴ Entrevista 25.

Eu acho que nós permanecemos os mesmos. Da minha família nós mantivemos a língua portuguesa, meus filhos falam, escrevem, leem perfeitamente a língua portuguesa. Nós mantemos os costumes, como a comida brasileira. As nossas leis brasileiras são colocadas dentro da nossa família. As pessoas que perdem sua identidade, são geralmente pessoas que estão fora do núcleo brasileiro e isso é muito perigoso, porque elas não se sentem nem brasileiras e nem acolhidas pela sociedade americana, porque não são americanos. Então elas ficam meio perdidas.⁶⁵⁵

temos a tendência de misturar muito com o povo do país que nos recebe e a tendência é perder a cultura, não? Perder a língua, perder os costumes, a maneira de rezar, a maneira de cozinhar, de cantar, de festejar a vida... É muito diferente e aqui nós temos um trabalho assim, para que sejamos comuns à própria identidade de ser brasileiro, aqui, na China, em qualquer lugar, mas integrado nesta comunidade que nos recebe, que devemos muito, é uma cidade muito generosa, respeitando as leis e gostando do país onde estamos, vivendo e mantendo a fé, ao mesmo tempo que a fé nos anima, nos alegra, nos alimenta para seguir na vida nessa luta de muito trabalho, porque o prazer aqui se caracteriza pelo trabalho. Todo mundo fala, brasileiro é trabalhador. Isso é o que o povo fala, não? Desorganizado, às vezes, atrasado, tem os defeitos, mas é muito trabalhador e isso é um orgulho para nós.⁶⁵⁶

Concluimos, pois, com as seguintes considerações:

As pessoas são todas diferentes, culturalmente diferentes, inclusive, de formação diferente. É muito diferente falar com um imigrante que é um médico no seu país e aqui faz serviços gerais. É muito distinto falar com um imigrante que é um agricultor e aqui é um cozinheiro, porque isso impacta a pessoa na sua maneira de ser, na sua maneira de como viver tudo isso que está recebendo agora.⁶⁵⁷

Além disso, os migrantes:

Continuam a ser brasileiros, mais ou menos do mesmo jeito, como no Brasil, as comidas são as mesmas, as falas são as mesmas, as discussões são as mesmas, as risadas, o estilo do churrasco, da reunião familiar é muito Brasil, continua a ser. Mas é uma luta você manter, não dá pra manter o Brasil aqui. Dá, dá! Mas você tem que viver as duas realidades [...] Mas a identidade, eu acho, ela é mantida a duras custas, porque por mais que você tenha tanto contato com o Brasil, a imagem que o brasileiro de lá, o familiar de lá e tem daquele que tá aqui, ela acaba por mudar e essa solidão continua.⁶⁵⁸

Numa perspectiva do futuro, percebemos ainda o imenso desafio para a Igreja em sua ação pastoral evangelizadora:

A Conferência Nacional dos Bispos, por não permitirem Paróquias étnicas e assim em diante, porque duram pouco tempo. Duram talvez duas gerações, terceira geração já foi. [...] Às vezes a tradição, um pouquinho, os portugueses, por exemplo. Mas a primeira geração passa para a segunda e eles não falam, não tem interesse em saber sobre os seus costumes e coisas assim, são americanos. E está aí um grande desafio, eu não tenho a solução, apenas estou citando o desafio.⁶⁵⁹

⁶⁵⁵ Entrevista 50.

⁶⁵⁶ Entrevista 25.

⁶⁵⁷ Entrevista 64.

⁶⁵⁸ Entrevista 82.

⁶⁵⁹ Entrevista 84.

4.3 Conclusão

Traçamos, ao analisar as entrevistas realizadas na pesquisa de campo em uma das regiões de maior fluxo migratório contemporâneo de brasileiros, uma leitura de como a Igreja vem desenvolvendo sua missão evangelizadora. Como já mencionamos, distribuimos nossa análise em três grandes grupos: migração e justiça social, Jesus e a Igreja e evangelização, para observar e responder à pergunta central de nossa pesquisa: como a Igreja Católica tem realizado o seu atendimento pastoral e evangelizador nos ambientes como este de migração.

Temos também a consciência da extensão e profundidade dos relatos das pessoas que responderam às perguntas semiestruturadas, que possibilita em que tiveram uma maior liberdade de expressar seus pensamentos e particularidades. Essas falas ainda carecem de mais análises em relação a outros aspectos que não são específicos desta tese, mas que não deixam de ser importantes. Por isso, possivelmente, essas entrevistas poderão servir a outros horizontes de pesquisa na área teológica.

Os aspectos teológico-pastorais analisados respondem às perguntas levantadas para esta tese. Os processos migratórios de saída e de chegada estão ligados à ação de acolhida que a Igreja Católica oferece. Quando existe uma boa acolhida, a vivência da fé é favorecida. A acolhida e a hospitalidade mostram a importância de uma pastoral migratória que suscite práticas pastorais que vão ao encontro da realidade do ser humano migrante.

Esses fundamentos teológico-pastorais podem ser identificados por meio da revelação da experiência cristã dos imigrantes brasileiros nos EUA. Contudo, existe uma tensão entre a vivência da fé e a realidade cultural trazida e encontrada. Esta tensão se faz presente, de modo especial, nos motivos que cada migrante teve para fazer este processo migratório, a realidade social e eclesial do local de destino e a identidade trazida por cada migrante.

Como vimos, ficou claro nas entrevistas analisadas, que nenhum migrante faz essa experiência para procurar a Deus, a Igreja ou uma comunidade, mas pelo fator econômico, de trabalho, de oportunidade, de influência, para fugir da violência ou em busca de melhores condições para a sua vida, de sua família e pela sua própria dignidade de pessoa humana.

A Igreja Católica está atenta à sua própria identidade e origem, pois a mobilidade, a migração, o estrangeiro, o caminho, o peregrino faz parte de sua tradição histórica cristã. Ela vai, por meio de sua ação pastoral evangelizadora, adaptando-se às particularidades socioculturais de cada comunidade de maneira aberta e misericordiosa, ajudando o seu povo a fazer a experiência de Igreja e comunidade. Assim, com muita alegria e esperança na evangelização, busca encontrar parâmetros que possam ajudar os emigrantes a manterem a fé numa realidade cultural diferente.

A Igreja Católica torna-se referência para os migrantes, não só para vivência da fé, mas, de certo modo, para as demais necessidades dos migrantes como: trabalho, documentação, língua, costumes, saudade, solidão e as ações sociais e da própria sobrevivência dos migrantes, que são oferecidas como amor pela Igreja Católica em suas comunidades. “Em resumo, anúncio e testemunho, culto divino e oração, serviço ao amor e comunhão fraterna, são vínculos indispensáveis para a evangelização”⁶⁶⁰.

Diante dos relatos, é possível perceber o rosto acolhedor, fraterno e solidário da Igreja Católica para com os migrantes, respondendo a cada um com o olhar acolhedor, com atendimento religioso e pastoral que facilite o encontro pessoal com Jesus Cristo. Os quatro grandes desafios para a Igreja Católica nos ambientes de migração demonstram ser a questão cultural, a identidade comunitária e paroquial, a realidade familiar e a identificação, e a acolhida a esses migrantes, que não procuram, não sabem ou estão longe dos núcleos paroquiais.

Em relação à cultura, é importante considerar que, pelo fato de os migrantes estarem em outra cultura, com toda a diversidade que as caracteriza e, ainda, por serem de Estados diferentes, aqueles do Brasil, é necessário criar uma comunhão sem uniformizar. A identidade comunitária é muito presente e se constitui numa marca importante para eles.

As carências e necessidades no âmbito emocional que trazem consigo e que partilham nos momentos de encontro; a falta de uma continuidade paroquial e, o afastamento da comunhão familiar, tendo em vista que muitos deixaram mulher e filhos, os impulsionam à construção de novas famílias no lugar migrado.

⁶⁶⁰ GASPARET, M.; AMADO, J. P. *Humanização na Mobilidade: evangelização nos ambientes urbanos atuais*. Rio de Janeiro, 2013. 147p. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ, p. 117.

A abertura e a acolhida para com todos migrantes que ainda não encontraram ou estão afastados da Igreja representam um forte desafio. Podemos citar dentre tais, a rotina de trabalho intensa, que não deixa tempo para a pessoa viver e participar da vida eclesial e a forma e o estilo da Igreja Católica Americana celebrar e viver a liturgia e os sacramentos, com poucas atividades pastorais e ações sociais, certamente dificultadores do encontro. No entanto, esses desafios não tiram o entusiasmo e o esforço dos sacerdotes e dos agentes de pastoral no processo evangelizador de formarem uma Igreja de comunhão e participação, discípula e missionária.

No primeiro momento, poderíamos até achar que acontece uma transferência de cultura e de valores e que nos levaria a uma imagem da Igreja Católica, em sua ação pastoral evangelizadora, que “coloniza” os migrantes. Contudo, isto não é verdade, pois, mesmo existindo uma transferência, são profundamente respeitados e valorizados aspectos locais e pessoais de cultura e de valores, permitindo uma vivência pessoal e comunitária da fé e eclesial em paróquias partilhadas de etnias culturais diferentes.

Podemos observar uma mesma Igreja, uma mesma fé, o mesmo Evangelho que responde de forma nova à realidade específica da migração, onde encontra força e sentido uma teologia da mobilidade, pois é possível falar que a própria evangelização da Igreja se identifica com a mobilidade migratória.

Ao analisarmos o atendimento religioso oferecido pela Igreja Católica aos migrantes brasileiros católicos na região estudada, percebemos que o rosto, a resposta, o perfil, a relação, a semelhança, a diferença, a contribuição, a influência, as inter-relações, as exigências e os parâmetros teológicos, passam, essencialmente, pela ação evangelizadora da Igreja nesses ambientes migratórios.

São os processos evangelizadores, de anúncio, acolhida, formação e comunhão que dão as condições de realização da experiência de fé, no encontro com Jesus Cristo pelo migrante. Ele possibilita falar do Evangelho, mesmo de forma diferente dos contextos de fixidez.

É também nesse processo que o migrante consegue fazer uma relação com uma cultura diferente e descobre o conceito cristão de pessoa. Esses impactos ajudam os migrantes e iluminam a própria Igreja, desafiando-os a serem sinais e ponte da relação entre fé e cultura.

Antes de passarmos para o último capítulo de nossa tese, no qual apresentaremos as nossas conclusões teológicas, os valores e desafios e as interpretações pastorais, concluímos este capítulo afirmando que a Igreja Católica acolhe, acompanha e influencia, de modo positivo, a vida e a realidade dos migrantes, em uma realidade eclesial sociocultural diferente.

Ela ajuda o migrante a se integrar à nova realidade cultural, sem mudar a identidade pessoal e cultural. É gratificante ver uma Igreja Católica em missão, fiel a Jesus Cristo, em unidade enquanto Igreja que, em meio à realidade migratória, se adapta à realidade social, cultural e eclesial com entusiasmo, expectativa e confiança e anuncia, em meio a alegrias e desafios, o Evangelho da esperança e da misericórdia.

5

A Evangelização e os Processos Migratórios

A pesquisa de campo apresentada no capítulo anterior, por meio de uma análise teológica, dialogando e confrontando as entrevistas realizadas com os sujeitos implicados na pesquisa, na realidade da experiência migratória do lugar específico do estudo, nos apontam caminhos, experiências e motivações para a ação evangelizadora da Igreja em sua missão eclesial e pastoral de atendimento aos migrantes contemporâneos.

Os processos migratórios nos revelam e promovem um encontro profundo com a fé e a experiência cristã e de Igreja encontradas na própria realidade em se vivenciou a pertença comunitária.

Neste último capítulo vamos verificar, em um primeiro momento, se as teorias migratórias contemporâneas validam ou não as nossas conclusões teológicas. Após, partilharemos valores e desafios que a migração apresenta para a ação pastoral e evangelizadora da Igreja e, por fim, elencaremos as conclusões e interpelações para a pastoral com e para os migrantes, independente do lugar onde estejam ou das motivações que cada migrante traz de sua realidade pastoral, ou encontra no lugar de chegada.

Algumas considerações necessárias para essa busca de compreender a realidade migratória são necessárias. Primeiro, que dificilmente podemos definir essas experiências de uma forma unívoca, tanto de leitura como de análise. A migração individual ou coletiva se altera muito em função do momento histórico e suas motivações e desafios, sejam eles políticos, econômicos, sociais, culturais, eclesiais ou históricos, que também mudam. É impossível sistematizar toda a sua complexidade, tanto teológica como antropologicamente.

A experiência cristã tanto para quem a vive, como para quem é tocado pela migração, e sua interpretação representam um esforço interminável, pois se modificam e renovam a cada novo migrante. Para o presente estudo, destacamos elementos que indicam valores e desafios essenciais para a ação evangelizadora e pastoral dos migrantes neste lugar específico, Arquidiocese de Boston-Massachusetts, foco do estudo, que nos possibilita o enfoque principal desta pesquisa: o atendimento da Igreja Católica aos migrantes na região, colocando a teologia como interlocutora nestes processos humanos, eclesiais e socioculturais.

Como já vimos na análise das entrevistas, cada migrante pode revelar um novo elemento que agrega, transforma ou modifica os significados e as interpretações de ser e pertencer à Igreja na sua missão profética e evangelizadora. Isso ocorre não tanto ao fenômeno em si, mas na visão do atendimento da Igreja Católica e sua resposta à realidade migratória.

No exercício de compreender e apontar, as respostas e iniciativas positivas que a Igreja Católica oferece à realidade migratória, este estudo não tem a pretensão de concluir e responder a todas as implicações pastorais referentes aos migrantes, mesmo porque aponta e interpela cada vez mais para buscas e aprofundamentos teológicos mais propícios e aplicáveis em sua ação prática da Igreja, em sua missão e evangelização, ininterruptamente. Esse é o fenômeno que desafia a própria Igreja na sua natureza peregrina, onde a ação pastoral e evangelizadora se renova e adapta-se a cada nova realidade e desafios.

O atendimento pastoral da Igreja Católica nesta região específica focaliza a pessoa do migrante em si mesma, sua relação com Deus, com os outros e com a realidade cultural em que se encontra. Tudo isso à luz da fé no Deus Salvador, que é simultaneamente Criador. Nestes processos migratórios, a evangelização busca facilitar o encontro pessoal com Jesus Cristo, frisando a visão unitária do ser humano, para que as relações e motivações imediatas e não duradouras não venham ferir a dignidade de pessoa humana e sua condição de filho de Deus dos migrantes.

Direcionar o modo de ser e viver com responsabilidade, com cuidado, misericórdia e alteridade, conduz e facilita os processos de humanização na realidade urbana atual de mobilidade constante, desde que sempre exista o amor como princípio norteador. A vida deve ser recriada pelo amor no movimento que aponte para a direção da plenificação do amor que é Deus, e uma comunhão com Ele e com todos os seres humanos⁶⁶¹.

A migração não é apenas um fato cultural, socioeconômico ou antropológico, mas também, um fato eclesial e aponta para uma eclesiologia de comunhão e de missão. Esse caminho de fé conduz sempre à vivência e à experiência de comunhão e de comunidade. O diálogo, da mesma forma, torna possível e eficaz o anúncio do evangelho. Diante de desafios, mudanças e

⁶⁶¹ GASPARET, M.; AMADO, J. P. *Humanização na Mobilidade: evangelização nos ambientes urbanos atuais*. Rio de Janeiro, 2013. 147p. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ, p. 118.

alteridades das contingências mais plurais do ser humano, não há melhor forma de acolhida e reconhecimento do que aceitar e conviver com o diferente.

“Conviver com diferentes formas de ser cristão [...] é o primeiro e grande testemunho que somos chamados a dar em nossos dias”⁶⁶².

A Igreja procura, na sua evangelização e na sua ação pastoral, acolher e inserir, no seio da comunidade, todos os migrantes para que cada um possa fazer sua experiência de fé com Deus e com seus irmãos. É no acolhimento humano que o amor de Deus em Jesus Cristo se dá, pela força do Espírito Santo, fazendo com que o migrante encontre no país de destino a sua própria identidade de filho de Deus.

Construir a vida a partir da alteridade como condição para existir, para coexistir. Se nesse momento da história da humanidade, a Igreja em toda a sua exortação, não construir efetivamente para um *ethos* da alteridade, terá falhado em sua missão⁶⁶³.

Como “seres sociais, as pessoas humanas se realizam através da comunhão”⁶⁶⁴. É importante ressaltar que para a Igreja “as migrações constituem um evento que atinge também a dimensão religiosa do homem”⁶⁶⁵.

A evangelização nos processos migratórios procura proclamar, testemunhar e transformar as mais diversas realidades e situações em que os migrantes se encontram. A Igreja nascida da ação evangelizadora de Jesus Cristo e dos doze apóstolos é chamada a evangelizar o seu conteúdo imutável: a salvação em Jesus Cristo, sua promessa de vida eterna e seus reflexos na história. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN, n.14). “Existe, portanto, uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização” (EN, n. 16).

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo influxo transformá-la a partir de dentro e tornar a própria humanidade. (...) A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente essa mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina na mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a

⁶⁶² AMADO, J. P. *Uma Igreja em mudança de época: pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI*. In: REB – Revista Eclesiástica Brasileira. V. 71, 2010, p. 574.

⁶⁶³ Ibid., p. 569.

⁶⁶⁴ TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva*. In: Atualidade telógica. Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, 11, maio/agosto, 2002, p. 161.

⁶⁶⁵ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes. *Instrução Erga Migrantes Caritas Christe* (EMCC). Roma: Vaticano, 2004, n. 39.

consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhe são próprios (EN, n. 18).

“Por isso, o migrante está sedento de “gestos” que o façam sentir-se acolhido, reconhecido e valorizado como pessoa” (EMCC, n. 96).

Como vimos nos capítulos anteriores, a Igreja Católica nos ambientes migratórios tem empreendido cada vez mais esforços para acolher e oferecer gestos de solidariedade, fraternidade e compreensão para os migrantes, profetizando e oferecendo valores que ultrapassam uma mera cultura do descartável, indo em direção a uma cultura do acolhimento e do encontro.

A Igreja se esforça para superar causas negativas, que ferem a dignidade humana, sejam das comunidades de origem ou de destino dos migrantes. Esse duplo movimento de imigração e emigração podem gerar situações de violência, exploração, discriminação marginalização e até o comprometimento da própria liberdade religiosa.

Trata-se de, a partir de nós, ajudar os outros a verem os migrantes não só como um problema a ser resolvido, mas como irmãos a serem acolhidos, respeitados e amados, para a construção de uma sociedade mais justa, de países mais inclusivos, de um mundo mais fraterno e de comunidades cristãs mais abertas, conforme o Evangelho.

De fato, a presença dos migrantes interpela as diferentes sociedades que os acolhem e faz refletir a própria revelação Bíblica da acolhida ao estrangeiro. A Igreja, seguindo o exemplo e as palavras de Jesus Cristo, responde a estas realidades seguindo a direção do Evangelho, que é a misericórdia através do amor gratuito de Deus a todos os seus filhos.

Como acabamos de verificar nas entrevistas aos migrantes, a Igreja, em seu atendimento e ação evangelizadora, não se limita a implicações políticas e econômicas de mera coexistência de culturas diferentes, mas trabalha na defesa e na promoção da pessoa humana, pela unidade e encontro fraterno de todas as pessoas e povos, na riqueza da diversidade cultural.

A primeira atitude da Igreja é ajudar para que cada pessoa viva com dignidade, evitando êxodos impostos pela pobreza, violência ou perseguições. Quando elas acontecem, a Igreja vive e testemunha a raiz do Evangelho, onde acolher o outro é acolher o próprio Deus em pessoa. As migrações deixam de ser

um fenômeno limitado a apenas alguns lugares específicos, mas reconfiguram o ser ou estar no mundo.

Responder a esta realidade tem desafiado constantemente a Igreja em suas ações pastorais e evangelizadoras. É um sinal dos tempos atuais, que desafia e enriquece a Igreja, na proteção e integração dos migrantes e na busca de soluções duradouras.

Neste aspecto, como ouvimos as comunidades eclesiais, a Igreja torna-se o lugar de referência para os migrantes. O testemunho e o anúncio do Evangelho é a melhor resposta às perguntas que um processo complexo como este traz à Igreja, em sua missão. Uma Igreja capaz de se abrir e de acolher os que migram, oferecendo-lhes uma integração social e eclesial, capaz de ir ao encontro de todas as culturas e inseri-los no seio da comunidade cristã.

Para todos os cristãos, a vida é uma itinerância em direção à pátria celeste, portanto o estado migratório de cada ser humano é a mais pura expressão da própria História da Salvação do povo de Deus a caminho. O papa Francisco em seus discursos no IV Fórum Internacional sobre “ Migração e Paz”, nos diz que a nossa resposta à migração como Igreja se fundamenta em torno de quatro verbos “acolher, proteger, promover e integrar”⁶⁶⁶ com urgência todos os migrantes.

Afirma que esses quatro verbos constituem uma espécie de programa para a Pastoral com os migrantes. Cada um destes verbos pode auxiliar na realização de uma série de projetos e iniciativas para com os migrantes, seja em trânsito ou de chegada. Se migrar é um direito, também o é de permanecer no país de nascimento, com dignidade e cidadania.

Se quiséssemos aprofundar, em outro momento, esses quatro verbos veríamos que eles estão ligados intimamente com o credo histórico do povo de Israel, todos na primeira pessoa do singular e pronunciados pela boca de Deus: “eu vi a miséria do meu povo no Egito; ouvi o seu clamor por causa de seus opressores; conheço o seu sofrimento; e desci para libertá-los do poder dos egípcios e para conduzi-los a uma terra fértil onde mana leite e mel”. (Ex 3, 7-10; Dt 26, 5-10).

⁶⁶⁶ Francisco. IV Fórum Internacional: Migração e Paz. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/single-post/2017/02/22/Papa-Francisco-faz-discurso-na-abertura-do-VI-F%C3%B3rum-Migra%C3%A7%C3%A3o-e-Paz-em-Roma>. Acesso em: 03 mar. 2017.

As três primeiras formas verbais do livro do Êxodo e Deuteronômio são análises do fenômeno: ver, ouvir, conhecer. O atendimento pastoral e a evangelização nos processos migratórios nos convidam a descer para a realidade dos migrantes, onde teoria e prática se entrelaçam e se iluminam reciprocamente. Torna-se cada vez mais urgente e atual as palavras do Papa Paulo VI na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, publicada há 50 anos: “o desenvolvimento é o novo nome da paz”⁶⁶⁷ (PP, nº76).

A realidade contemporânea traz, além do dinamismo das migrações internacionais, a ilegalidade o tráfico de drogas, a xenofobia e a usurpação dos direitos fundamentais do migrante. As ações diante desta realidade não devem ser unilaterais; é necessário um esforço conjunto de diálogo e cooperação. Os migrantes são filhos de Deus e atores sociais e suas experiências devem ser valorizadas, uma vez que “o capital humano é um fator de produção, que formalmente não tem livre trânsito entre fronteiras nos dias de hoje... Não existe um mercado global do trabalho. As fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos imigrantes: essa é a grande inconsistência que define o atual momento histórico no que se refere às migrações internacionais”⁶⁶⁸.

O atendimento e o trabalho aos migrantes pela Igreja passam necessariamente pela necessidade de uma profunda compreensão e espiritualidade com e para os migrantes. Não basta entender a problemática das migrações como uma realidade indiscutível e desafiadora diante da mudança do cenário global, mas numa visão que afeta a questão social e a própria Igreja na sua identidade, no que se refere ao respeito aos direitos humanos e na sua totalidade de ser pessoa.

O ser humano migra e é levado, quando não forçado, a migrar. Portanto, não se justifica qualquer desrespeito aos direitos humanos em nome de fronteiras geográficas, políticas, culturais, sociais, econômicas ou religiosas. Tão pouco abarca toda a amplitude da dimensão do ser humano e de sua dignidade, independente do local ou país em que se encontre. A Antropologia ilumina a visão estereotipada ou parcial do ser humano e ampara a ação pastoral e evangelizadora da Igreja no atendimento aos imigrantes. Assim afirma Lussi “A precedência da

⁶⁶⁷ Paulo VI. Carta Encíclica *Populorum progressio*. Roma: Vaticano, 1967, n. 76.

⁶⁶⁸ MARTINE, G. Globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século XXI. In: São Paulo em Perspectivas, V, 19, n. 3, p. 8, junho/setembro. 2005.

iniciativa divina permite o ato migratório como resposta, como reação confiante que anima a decisão de fazer-se migrante ou a coragem de arriscar [...]”⁶⁶⁹.

As migrações contribuem para o futuro da humanidade e o próprio desenvolvimento econômico. Isso nos desperta a refletir o mundo não só com base na contemporaneidade econômica e o fechamento de fronteiras, mas nas ações humanitárias e de solidariedade. As migrações são um ganho antes de serem problemas. É missão da Igreja acolher e ajudar esta realidade a ser fonte de enriquecimento recíproco na construção de uma cultura de paz e de justiça.

A migração é um desafio também para o contexto eclesial. Compreender e refletir de maneira teológica e pastoral as várias formas e causas migratórias torna-se uma realidade urgente para a Igreja, pois, a própria Igreja, de certo modo, está ligada à migração por sua identidade e missão, história, eclesiologia e escatologia. A Igreja está em sua dimensão missionária presente tanto de forma *ad intra* quanto *ad extra* no anúncio de Jesus Cristo. É bom deixar claro que a missão não é algo particular aos migrantes, pois a missão da Igreja é universal, porém, o zelo pastoral nessas realidades passa a ter nas comunidades umas particularidades devido a um universo complexo e plurilateral em que a questão migratória envolve.

A ação pastoral da Igreja Católica desperta na comunidade local a importância do acolhimento, em que a ação evangelizadora possibilita ao migrante a experiência de Deus na realidade concreta em que se encontra. O desafio está mediante a mistura e as reconfigurações que a identidade do migrante recebe.

Sabemos que ninguém pode se construir plenamente um ser humano senão em uma sociedade humana, no interior de uma tradição cultural, no meio de outras pessoas. Esta realidade é fundante. No encontro com outras pessoas ~~que~~ chegamos a nossa identidade pessoal, como também é mediante uma comunidade que interage com seus semelhantes que se realiza a identidade, inclusive, a identidade cristã. A realização do Reino de Deus presente na história não se realiza no individualismo, mas na e em comunhão.

Sacerdotes, religiosos e agentes de pastoral trabalham no serviço ao migrante de maneira ativa e não apenas reativa. Veem a migração como expressão

⁶⁶⁹ LUSSI, C.; TEPEDINO, A. M. *Circularidade entre migrações e fé*. Reflexões sobre alteridade na Igreja de Comunhão. Rio de Janeiro, 2012. 399p. Tese de Doutorado. PUC-RJ, p. 355.

e inerente à própria felicidade de cada ser humano. Para o cristão, toda a vida terrena é uma itinerância em direção à pátria celeste. A Igreja acolhe, protege, promove e integra o migrante em suas comunidades. Talvez seja a melhor resposta a realidade migratória que a Igreja Católica nos dá.

5.1

Confronto entre as Teorias Migratórias e as Conclusões Teológicas

As diferentes experiências foram analisadas e confrontadas a partir da realidade dos próprios migrantes, a fé que testemunham e como vivem esta fé mediante a Igreja que são e a Igreja que encontram. Tanto a fé quanto a migração não existem e dificilmente são compreendidas fora de um contexto existencial e histórico, onde nascem e tomam significado. É neste contexto que se dá a compreensão do ser humano e como ele vê a Igreja Católica na sua pastoral e evangelização contemporânea. É dentro desses espaços culturais que se desvelam novas e antigas configurações comunitárias, pessoais e eclesiais com as quais acontece o seguimento a Jesus Cristo. Este seguimento se dá por experiências diferentes, mas dentro de uma mesma fé, pois a fé pertence ao evento da revelação. Cabe à migração da Igreja permitir e ajudar a fazer essa experiência e encontro com Jesus Cristo.

O cristão não vive de fé se esta não se torna a exigência de uma situação particular na qual se encontra e se ele não se compromete para responder a tal apelo [...]. É tomando posição que ele experiencia uma verdade irredutivelmente sua. Sua decisão significa uma renovação pessoal e uma leitura espiritual do mistério implicado nos acontecimento⁶⁷⁰.

Os Estados Unidos são o país receptor de milhões de migrantes de diferentes nacionalidades. Em um primeiro momento, a migração era vista e avaliada por meio dos processos do desenvolvimento do capitalismo, da industrialização e urbanização. Assim, a migração era vista como uma consequência inevitável da super-população. As causas variavam entre a pobreza, a industrialização e a independência econômica.

Com o passar dos anos, junto aos processos migratórios, aparece a preocupação e o debate frente à presença dos migrantes com a adaptação, a aculturação e a assimilação, que provocam vários estudos, de modo especial nos Estados Americanos, diante do surgimento de muitos grupos étnicos.

⁶⁷⁰ DE CERTEAU, M. *L'étranger ou L'union dans la différence*. Paris: De Sevil, 2005, p. 33.

A questão econômica perpassa todas as teorias migratórias, de maneira maior ou menor. Os migrantes não documentados acabam sendo, particularmente, mais vulneráveis diante do mercado de trabalho e do pluralismo cultural.

Dentre as abordagens econômicas, a neoclássica atribui o sucesso do migrante à sua educação, à sua experiência e ao domínio da língua. Na contemporaneidade, a migração apresenta outras formas de sucesso como a importância da família, amigos, comunidade e origem comum, formando redes sociais e comunitárias que vão além da realidade econômica.

Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração...⁶⁷¹.

O migrante constrói imagens de postura permanente, de abandono de valores padrões, aprendizado difícil de uma nova língua e cultura. Existem os migrantes temporários e os migrantes permanentes. Os estudos clássicos percebem que os migrantes temporários mantêm uma relação com a sociedade de origem, não em contradição, mas em conjunção com a sociedade que o acolhe. Desta forma, o local e o global estão bem mais inter-relacionados que nos primeiros fluxos migratórios.

Os fenômenos migratórios não são, portanto, simplesmente socioeconômicos, mas também fenômenos políticos culturais. Se tomarmos por referência os Estados Unidos, país em que foi realizada pesquisa de campo, cuja história é própria a história da migração, percebemos que nenhuma das teorias dá conta, até o momento, da complexidade do fenômeno migratório. A vida dos migrantes se redefine ao lado do processo migratório e mais do que isso, o migrante contempla múltiplos aspectos e motivos para esse movimento. E nesse caso específico, não corre o risco de limitar os migrantes em categorias preestabelecidas que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir e voltar, de permanecer e reconstruir suas vidas, atravessando essas múltiplas fronteiras.

Os processos migratórios fazem parte da natureza humana ou são estimulados ou forçados. Sob a lógica do mercado econômico impera a lógica do

⁶⁷¹ TILLY, C. *Transplanted Networks*, in YANS-Mc, L. (ed.). Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, p. 79.

lucro onde bens, objetos, valores e pessoas são passíveis de negociação. No final do século XX e início do século XXI sobram a dura lei do mercado, proclamada como única solução.

Os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos mudaram a maneira de ver as migrações, o que no passado era tido como riqueza, agora é visto como ameaça. Alastrou-se um clima de desconfiança e suspeitas, não só em relação aos migrantes, mas para com todos os estrangeiros. Com isso, implementam-se políticas e legislações cada vez mais rigorosas, rígidas, legitimando uma tendência em considerar o estrangeiro uma ameaça econômica e cultural.

Para superar esses desafios não faltam iniciativas da Igreja e de muitos movimentos sociais, étnicos e religiosos, como o Fórum Social Mundial em 2004 com seu lema “um outro mundo é possível”⁶⁷².

Nas últimas duas décadas, a América do Norte passou por um relevante fluxo migratório em relação a outros países. Estima-se que um quarto de toda a migração do mundo esteja nos estados americanos. Contudo, como já vimos, os fluxos migratórios são complexos e voláteis com muitas variações em seus números. No tempo contemporâneo, devido à intensidade e diversidade de culturas, torna-se cada vez mais difícil encontrar, na migração voluntária, as causas que originaram o deslocamento, levantando desafios diversos em cada contexto histórico, os quais se configuram de forma diferenciada, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

A migração clandestina e o tráfico humano são outro grande desafio. Só nos Estados Unidos a estimativa é de mais de 6 milhões de pessoas em situação indocumentada. A restrição das políticas migratórias intensificou e desencadeou outro fator de risco, a formação de organizações destinadas a favorecer o ingresso, legal ou ilegal, de imigrantes, a máfia que explora a vida de pessoas mais pobres, por meio de promessas, encontrando respostas nas classes sociais, que por diversos motivos, sofrem pela falta de oportunidades e perspectivas para o futuro.

Não deixando de ser uma forma de escravidão contemporânea, o drama dos refugiados é, sem dúvida, um dos desafios mais urgentes na conjuntura internacional. Pessoas coagidas a fugir da própria pátria por motivos de guerra,

⁶⁷² SUSIN, L. C.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. Um outro mundo é possível. *Concilium* 308-2004/5; SEOANE, J.; TADDEI, E.. Resistências mundiais. De Seattle a Porto Alegre. Petrópolis: Vozes/CLACSO/LLPP, 2001.

regimes políticos, regimes totalitários, estruturalismo ou pelos apelos fundamentalistas, preconceitos dos mais diversos, pela fome, por sobrevivência. Nestes casos, existe uma aproximação entre os migrantes econômicos pesquisados e a realidade dos refugiados, porém, não há plena identificação.

As questões entre os refugiados e os das migrações econômicas convergem mais. As realidades podem ser diferentes, mas nascem de uma mesma causa. A solução, a nosso ver, após pesquisa de campo, está na redução das causas profundas que originam o fenômeno. Os primeiros três passos seriam: cidades solidárias, fronteiras solúveis e uma acolhida solidária.

As migrações provocam a difusão do pluralismo religioso na Europa, por exemplo, começa-se a falar em “islamização da Europa”⁶⁷³. Nos Estados Unidos, a migração mais intensa provém da América Latina, país predominantemente católico. Essa migração traz consequências tanto religiosas quanto culturais.

A *Erga Migrantes Caritas Christi* descreve os desafios inerentes ao pluralismo religioso:

de um lado, grandes passos rumo a uma abertura mundial, facilitada pela tecnologia e pelos meios de comunicação com universos culturais e religiosos tradicionalmente diferentes e estranhos entre si; do outro, as exigências de identidade local na realidade cultural específica que será instrumento da própria realização⁶⁷⁴.

Dessa forma, pode gerar na presença do outro diálogo e enriquecimento recíproco ou, numa ótica etnocêntrica e fundamentalista, preconceitos e conflitos. Esse é o paradoxo de viver numa aldeia global, cada vez mais individualista, onde o desafio da alteridade é condição essencial.

A intensidade e complexidade do fenômeno migratório interpelam a Igreja. O que no passado era tido como riqueza, passa a categoria de “problema social”⁶⁷⁵. De migrações de colonização e de trabalho, passam a ser migrações temporárias, econômicas, clandestinas e de refugiados. As mudanças e desilusões no mundo e as promessas de novidade mudaram drasticamente nas últimas décadas tanto do ponto de vista econômico, tecnológico, político quanto cultural.

⁶⁷³ KUSCHELL, K. *Euro-Islã: desafio ou chance?* In: Concilium 305-2004/2, p. 78.

⁶⁷⁴ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes. *Erga Migrantes Caritas Christi*. Roma: Vaticano, 2004, n. 35.

⁶⁷⁵ MARMORA, L. *Políticas Migratórias Consensuadas em América Latina*. In: Revista Estudos Migratórios Latinoamericanos, n. 50. Buenos Aires: Celma, abril de 2003.

A migração não é um acontecimento transitório, mas um fenômeno estrutural que se modifica, segundo diversas causas e fatores, em especial, a ordem econômica mundial, que acarreta a grande diferença entre países ricos e pobres, além dos conflitos em determinados países com causas e consequências também diversas.

A pesquisa de campo nos mostrou que a maioria dos migrantes entrevistados tem no fator econômico a sua grande motivação. Destacamos que alguns trabalhos bibliográficos apresentam a falta de influência das religiões cristãs e que existe pouca procura para o suporte eclesial nessa realidade, no entanto, não foi o que a pesquisa apresentou. Observamos que a acolhida e as comunidades eclesiais se fazem presentes e são realidades fundamentais para os migrantes na manutenção da fé, na vivência com outros migrantes, nas situações sociais e na inserção da própria cultura. O atendimento aos migrantes pelas igrejas não é meramente conhecida dos migrantes, mas é uma realidade missionária da própria Igreja viva na América do Norte.

As comunidades dos migrantes nas Igrejas locais são cada vez mais necessárias, apontando para um aspecto vital, não só em relação aos números, mas no envolvimento pastoral e litúrgico dos migrantes. Quanto ao material disponível para o serviço pastoral, temos muitos documentos e orientações pastorais para as migrações vindas do magistério e das conferências episcopais, porém muita escassez de fontes e manuais específicos para uma teologia pastoral junto às migrações.

“Entre os teólogos o tema da emigração é amplamente não documentado”⁶⁷⁶. Só nos últimos anos a Teologia por meio de fundamentos bíblicos e teológicos, vem oferecendo soluções práticas imediatas e tem oferecido suporte à ação pastoral e evangelizadora na realidade migratória, focando na imagem de Deus (a criação) e mostrando a dignidade de toda pessoa; a encarnação de Deus, supremo ato de amor e solidariedade; a dimensão missionária do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo; e a realidade escatológica (o já e o agora não), evidenciando a construção da justiça no peregrinar da própria Igreja e na História da Salvação.

⁶⁷⁶ GROODY, D. G. *La foi sur la frontiere ou la migration comme métaphore de la vie spirituelle*. *Lumen Vitae*, (59), n. 4, 2004, p. 641.

A Pastoral migratória é concebida como acolhida, compromisso e discernimento aos migrantes implicados nas realidades que se encontram, defendendo valores e superando limitações. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* nos mostra duas exigências: a primeira de colocar Jesus na centralidade de toda evangelização e a segunda o desafio de encarnar este anúncio numa determinada cultura, revelando a importância da cultura na transmissão e preservação da fé, pois cada migrante é capaz de exprimir um modo novo e original de viver a fé. Esta visão e reflexão passa o migrante de pessoa carente, de necessidade de assistência, para sujeito da própria vida da Igreja.

Toda cultura tem alguma coisa de sagrado. E é na realidade cultural que se comunica, se partilha, se transcende; é onde nasce o reconhecimento do outro, o princípio da fé, o amor que impulsiona sair de si mesmo. Não somente o migrar muda; a prática pastoral e evangelizadora da Igreja também muda, seus métodos e instrumentos pastorais, a fim de praticar uma pastoral do acolhimento e da comunhão, criando espaço para a diversidade. É importante descobrir qual forma vivencial de comunidade cristã seja possível. Se antes se conservava e ministrava, hoje o novo contexto migratório nos leva a adquirir nova aquisição profética de viver a comunhão nas diferenças.

A missão da Igreja é a de impedir a tentação do etnocentrismo, exclusivismo, autonomia absoluta e sentimento de superioridade, chamando as culturas a viverem numa comunhão entre si, favorecendo o crescimento de todos. O reconhecimento do *outro* é o autêntico acolhimento pastoral e fundamento da vida cristã. A Igreja, em qualquer lugar de migração, é aquela que abre o coração, deixar entrar, vai ao encontro do migrante no qual Deus se revela e nos recorda que estamos todos a caminho da pátria celeste. “A vida cristã é essencialmente a Páscoa vivida com Cristo, ou seja, uma passagem, uma sublime migração para a comunhão total do Reino de Deus”⁶⁷⁷.

A atividade pastoral, na região de Bonston, apresentou uma integração dos grupos étnicos, apesar de acontecer em dias e horários diferentes para cada cultura, de modo especial, no espaço litúrgico. Existe o respeito à diversidade cultural, às tradições, aos usos, às formas de expressão religiosa e acolhimento das

⁶⁷⁷ Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e do Turismo. *Igreja e Mobilidade Humana*. Roma: Vaticano, 1978, n. 10.

riquezas que cada migrante traz consigo, podendo haver uma mudança na cultura. O respeito à igualdade não significa uniformidade. A Igreja local faz todo o esforço para acolher os migrantes e inseri-los na comunidade.

Um dos desafios dessas pastorais está em não criar Igrejas isoladas e paralelas que só enfatizem o agir pastoral, vendo o migrante como objeto de assistência, impedindo de torná-lo sujeito ativo da vida da Igreja. O atuar dessa nova postura é fruto de uma reflexão teológica mais atenta ao contexto migratório, onde a ação pastoral é mais inculturada, afastando-se de uma visão apenas uniforme da identidade cultural. Para que isso aconteça, porém, é preciso ter atenção a todos os aspectos da vida cristã: da liturgia à catequese, da pregação à revelação humana e eliminação das diferenças étnicas e culturais.

O esforço para a incorporação do Evangelho para uma nova visão eclesial lógica nessa nova perspectiva eclesiológica fortalece a identidade cultural e, ao mesmo tempo, torna a missão evangelizadora mais presente e encarnada na realidade, não apenas fazendo Igreja para os migrantes, mas fazendo e tornando Igreja com o migrante, vendo-o e reconhecendo-o não como um problema, mas como um mensageiro e filho de Deus. A Igreja não é uma província com distritos idênticos, mas comunidades diferentes, com histórias diferentes e carismas diferentes, nesta realidade que formamos unidade e somos chamados e vocacionados a viver a fé.

É preciso praticar a espiritualidade da comunhão, a mentalidade da comunhão. A comunhão é plural.

Do único Senhor Jesus Cristo - o mesmo ontem, hoje e sempre – (Hb 13, 8) – foram-nos dados quatro Evangelhos, quatro anúncios diferentes, porque não é a fixidez de um livro, de um escrito, mas a dinamicidade do Espírito Santo que está na origem do Cristianismo. Desde o início há pluralidade de expressão nas Escrituras, de eclesiologia, de concepções cristológicas, de práxis litúrgicas, de testemunhos e formas da missão, de ênfases espirituais⁶⁷⁸.

Na comunidade é que se mostra o caminho que auxilia o migrante a viver sua experiência de vida e agir como os olhos da fé. Igreja chamada a tornar-se sinal. Fazer da Igreja *a casa e a escola da comunhão*: eis o grande desafio que nos espera no milénio em curso, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Que significa isto em

⁶⁷⁸ BIANCHI, E. *Per una spiritualità della comunione: unità nella diversità*. In: TASSELLO, G. G. Teologia Pastoral e Migrações. Revista de Teologia e Cultura. Ciberteologia. ISSN 1809-2888. Ano VIII, n. 37, p. 181.

concreto? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na ação, mas seria um equívoco deixar-se levar por tal impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é preciso *promover uma espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasman o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades.

Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como “um que faz parte de mim”, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade.

Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um “dom para mim”, como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (*Gal 6,2*) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento⁶⁷⁹.

Sacramental autêntico no amor de Deus uno e trino. Projeto que torna participantes todos os cristãos migrantes no plano trinitário da história. Na identidade pessoal e comunitária, o migrante valoriza seus dons e os coloca a serviço da comunidade, dos outros. Comunidades abertas e acolhedoras, como famílias que aceitam os dinamismos da fé vivida, acolhendo a todos no tecido eclesial. “A Eclesiologia Trinitária permite a passagem de uma Igreja com os migrantes para uma Igreja a caminho...” (LG., n. 9)⁶⁸⁰.

⁶⁷⁹ João Paulo II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Roma: Vaticano, 2001.

⁶⁸⁰ Paulo VI. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Roma: Vaticano, 1964, n.9.

Os desafios são novos e velhos na pastoral migratória. Do anonimato e medo dos migrantes não documentados ao trabalho excessivo pelo fator econômico e ao diálogo inter-religioso, aos casamentos, à catequese, à saúde e à moradia. Somam-se a tudo isto a saudade, a língua, a solidão, a diferença litúrgica, os autores, agentes pastorais e sacerdotes apenas de passagens, a adaptação da liturgia, a cultura, a tradição e símbolos e a religiosidade popular. É sempre muito árduo o trabalho pastoral com os migrantes que trazem uma língua mãe em meio a outra cultura.

Não basta aceitar; é preciso adaptar gestos, palavras, cantos e ritos compreensíveis a vários grupos étnicos de imigrantes. Outro desafio é a escassez ou a falta de sacerdotes preparados para animar as comunidades e acolher os imigrantes. A transferência de sacerdotes de uma nação para outra é uma notável dificuldade.

Apesar disso, nos Estados Unidos os padres estrangeiros constituem 16% de todos os padres ativos nas dioceses norte-americanas. Nos Estados Unidos há uma necessidade urgente de sacerdotes e agentes pastorais leigos que desenvolvam seu ministério nas paróquias multiculturais, devido ao grande número de novos imigrantes católicos vindos do Brasil. A presença do sacerdote da mesma nacionalidade tem efeito muito positivo nos programas culturais de orientação e integração.

A missão evangelizadora é de sempre respeitar o papel que o migrante tem de participar de uma comunidade de comunhão e solidariedade, vivendo a proximidade, a relação, o reconhecimento com o *outro* e ajudando a fazer um caminho pessoal, familiar, social e eclesial com a experiência cristã em Jesus Cristo. Ou seja, de anunciar o Evangelho e testemunhar a caridade de Jesus Cristo, por meio do respeito à cultura migratória. Passar do romântico e espectador para a consciência que a Igreja e a sociedade precisam levar a sério a realidade migratória, para a conservação e processo da fé.

A Igreja Católica nos Estados Unidos não está ainda estruturada de forma adequada para atender pastoralmente à grande quantidade de imigrantes e de etnias. Ainda temos um longo caminho a percorrer que se refere à promoção integral da pessoa humana e no respeito aos direitos de todos os migrantes. Temas

como fé e justiça e reconciliação entre diferentes ainda precisam ser refletidos e postos em prática.

Para a fundação, no Espírito de Pentecostes, de uma nova sociedade, na qual as diversas línguas e culturas não constituam mais limites insuperáveis, como depois de Babel, mas na qual, exatamente por tal diversidade, é possível realizar um novo modelo de comunicação e de comunhão. (EMCC., n.89)⁶⁸¹.

A Pastoral migratória é um processo em andamento em que a teologia pastoral no contexto migratório facilita as igrejas locais, em lugares migratórios, a passar de uma cultura única e colocar as pessoas no centro de sua ação pastoral e evangelizadora; na Igreja, abrir fronteiras e romper barreiras de classes, raças e línguas e promover a unidade, a esperança, a salvação de maneira livre, como irmãos em Jesus Cristo.

A busca de soluções para o fenômeno migratório, sendo ele motivado ou não, depende de ações que não sejam unilaterais. O esforço deveria ser em conjunto com diálogo e cooperação. Há muitas questões ainda complexas diante das migrações globais. “Diversidade ética, racismo, multiculturalismo são temas que devem ser tratados de forma conjunta com efeito da distinção entre a população receptora e a população imigrante, frequentemente visto como estrangeiro ou quase cidadã”⁶⁸².

A mobilidade migratória se confunde com a própria evolução da humanidade, pois todos os países têm em sua história e o fenômeno da mobilidade da população. Só entendemos melhor a diversidade cultural, a formação da identidade nacional e a própria dinâmica da economia dentro desse fenômeno. O Brasil é exemplo disso, pois tem, na constituição de seu povo, as diversidades étnicas, tradições e costumes.

Portanto, ver as migrações como parte integrante dos processos de transformação, mais do que um problema a resolver, é analisar continuidades e descontinuidades, aproximar identidades, culturas e tradições, olhar o futuro com esperança de inclusão, mediante a realidade irreversível das migrações. Essas atitudes são indispensáveis para o desenvolvimento e a paz entre as nações.

⁶⁸¹ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes. *Erga Migrantes Caritas Christi*. Roma: Vaticano, 2004, n. 89.

⁶⁸² PATARRA, N. L., *Migrações Internacionais: teoria, políticas e movimentos sociais*. In: *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, 2006, p.13.

5.2

Análise da Realidade Específica dos Brasileiros Migrantes na Região de Boston: valores e desafios

A migração nos coloca num campo de conflitos entre dois projetos de vida: o projeto de vida do sistema capitalista e o projeto de vida do Reino de Deus. O primeiro é um projeto de vida que permite o “bem viver” para poucos. É o projeto concorrencial de produtores, consumidores, clientes e administradores. O segundo projeto visa ao “bem viver” de todos, na base da redistribuição dos bens, da gratuidade simbólica e real, do reconhecimento da alteridade e da justiça maior.

O êxodo migratório, que hoje é um fenômeno acoplado à economia globalizada, beneficia determinados setores da sociedade que se sentem aliviados com a saída das “massas sobrantes”. Incorporam as terras dos migrantes em seus latifúndios e substituem a sua mão de obra por assalariados mais baratos ou por máquinas. Por outro lado, esses mesmos setores vencedores se sentem ameaçados em seus privilégios pelos imigrantes que chegam. Obrigam a classe política, que representa seus interesses e que lhes deve lealdade por causa de suas contribuições no período das eleições, a legislar contra os imigrantes. Estes, muitas vezes sem documentos de imigração, sem carteira de trabalho e sem a rede social de parentes e amigos, são induzidos ao crime e, em algumas situações, inocentemente criminalizados. São vítimas de chantagem e exploração em lugar de possibilidade ou oferta de trabalho. A partir dessas realidades a Igreja é também desafiada, por meio de suas reflexões amadurecidas à luz da própria missão, a apresentar propostas pastorais que ajudem no enfrentamento de realidades injustas e desumanas. Na experiência migratória, a fé vivida nas situações de mobilidade é fundamental para a realidade teológica.

No caso da mobilidade migratória, não raro se veste a roupagem da ideologia da segurança nacional, do protecionismo aos “nossos trabalhadores, ameaçados pela onda de estrangeiros”. Aqui vale lembrar que a própria linguagem nunca é neutra. Quando se faz referência à migração em termos de “onda”, “invasão” (e palavras similares), essas expressões arrastam a ideia de algo desestabilizador ou atemorizador está em curso, o que, induz ao sentimento da necessidade de medidas de proteção. Vale perguntar-se pela possibilidade de substituir a visão negativa de migrante como *problema* por uma concepção

positiva de encontro com o *outro*. Encontro que pode representar intercâmbio de valores no enriquecimento recíproco e na construção da paz.

Do ponto de vista das autoridades de muitos países, tanto os imigrantes quanto os refugiados constituem um problema. Transformam-se, não raro, em caso de polícia, ainda no pano de fundo da ideologia de segurança nacional, que remonta aos tempos da guerra fria. Outras vezes são confundidos genericamente com a realidade do tráfico de drogas, armas e seres humanos. Com isso, é mais fácil fechar-lhes as fronteiras e rechaçá-los. A intolerância cerra portas e janelas à “invasão” do outro. Daí o ressurgimento de grupos neofacistas ou neonazistas diante de maior intensidade e complexidade do fenômeno migratório. Lima, comentando a situação da fronteira Estados Unidos e México relata que:

as estatísticas de 1998, do INS, mostram que 254 migrantes morreram tentando atravessar a fronteira, 84 se afogaram, 84 morreram de exposição ao sol. Os demais morreram de causas não especificadas, mas as autoridades calculam que uns sofreram acidentes de carro e outros morreram de frio ou de fome⁶⁸³.

Estes migrantes não tiveram, em geral, meios de ingressar no país desejado de forma legal. Alguns buscam o acesso temporário, como no caso dos que ingressam como turistas, os que recebem bolsas de estudo, e depois de esgotado o tempo de permanência oficialmente estabelecido, passam à condição de migrantes em situação irregular ou indocumentados. Em sua maioria, os homens e mulheres que buscam estas formas de ingresso no país possuem poucos recursos e em sua terra natal já se encontram excluídos ou em precárias condições humanas e sociais.

Entre esses dois cenários – a guerra fria e o medo do *outro* – convém refletir sobre uma via de alternativa. O fenômeno migratório tornou-se tão vivo e estridente que não permite indiferença. Em lugar de muros e leis cada vez mais rígidas e restritivas, resta-nos o desafio de construir pontes. Desafio que pressupõe, simultaneamente, uma constatação, uma novidade e uma ação. A *constatação* é a de que as diferenças, longe de nos empobrecerem, nos tornam mais ricos. Línguas, povos, culturas e costumes diferentes, quando colocados lado a lado, representam um enorme potencial de recíproco crescimento humano. A identidade de cada pessoa ou nação só se realiza plenamente no encontro com o outro.

⁶⁸³ LIMA, J. M. *EUA querem evitar mortes na fronteira*. In: Correio Braziliense, 28/06/2000, caderno Mundo, p. 3.

Neste caso, longe de ser um problema ou um intruso, o estrangeiro – imigrante ou refugiado – se converte em oportunidade. Oportunidade múltipla de aprendizado, de confluência de energias renovadas e de encontros. Pavimenta-se o terreno para a cultura da solidariedade, da paz e do encontro. Pontes ao invés de barreiras – eis o que precisamos construir. Aliás, *Refugiados e migrantes rumo a um mundo melhor* foi o tema da mensagem do Papa Francisco para O dia Mundial do Migrante de 2014.

As rotas dos deslocamentos humanos de massa, por toda parte, encontram-se quase sempre pontilhadas de cruces, tristes e solitários sinais de morte, apesar de unidos por um trágico destino. As multidões que perdem a vida tentando atravessar as águas do Mediterrâneo e do Mar do Caribe ou as areais do deserto entre México e Estados Unidos e no norte da África, bem como de outras fronteiras particularmente ao sul e ao leste do planeta, vêm crescendo de forma assustadora. Sobem progressivamente às dezenas, às centenas e aos milhares... Ao mesmo tempo, assiste-se à “globalização da indiferença”, como afirma o Papa Francisco diante de tais fatos com suas imagens traumáticas. “Uma vergonha” – disse o Pontífice a respeito dos últimos mortos de Lampedusa, o qual, quando de sua visita à ilha, já havia declarado que “os migrantes e refugiados não são peões na tabuleiro de xadrez da humanidade”⁶⁸⁴.

Não seria exagero falar de “cadáveres insepultos”, uma vez que, na quase totalidade dos casos, sequer lhes são concedidos os costumes fúnebres dos parentes e de sua cultura original. Privados em vida de terra e trabalho, teto e pão, condições mínimas de sobrevivência; privados, mesmo depois da morte, de um velório, uma flor, a luz de uma vela ou uma prece que os assista e conforte os familiares; privados, do berço ao túmulo, do respeito mínimo à dignidade humana.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores, em 2003 havia mais de dois milhões de brasileiros residindo no exterior, ou seja, mais de 1% da população nacional. Atualmente calcula-se que já sejam quatro milhões os brasileiros emigrantes, e estima-se que mais de cem mil brasileiros busquem, a cada ano, melhor emprego e remuneração em outros países. Mais da metade dos que decidem emigrar escolhem os Estados Unidos como principal destino, onde calcula-se que moram oitocentos mil brasileiros, grande parte de forma não documentada⁶⁸⁵.

⁶⁸⁴ Francisco. Papa em Lampedusa: apelo à solidariedade e à acolhida. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/storico/2013/07/08/papa_em_lampedusa_apelo_%C3%A0_solidariedade_e_%C3%A0_acolhida/bra-708578. Acessado em: 09.08.2013.

⁶⁸⁵ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 49.

Para os refugiados, a via da migração tem mão única. Não há qualquer possibilidade de retorno. Para trás, em muitos casos, ficaram as imagens sangrentas da guerra civil, em outros casos, ficaram a pobreza e a miséria. Para trás ficaram as cinzas de uma cidadania abortada, negada, onde a exploração e a violência gera, ao mesmo tempo, concentração de riqueza e exclusão social. Para trás, ficaram as marcas da morte precoce, disseminados pelas regiões e países pobres, periféricos, subdesenvolvidos que, depois de colonizados e saqueados, foram abandonados à própria sorte.

“Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados, sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência, constituem fato novo e dramático” (DAp 411).

A imigração brasileira é vista como tendo uma capacidade muito grande de se adaptar e se subordinar a um mercado de trabalho, em geral no setor terciário, com preponderância feminina. A idade média dos imigrantes gira em torno dos 23 aos 35 anos, com maior presença de homens entre 25 e 30 e mulheres entre 23 e 28.⁶⁸⁶

A mobilidade humana se manifesta no fenômeno migratório de forma mais intensa, complexa e diversificada e apresenta aspectos políticos como a transformação social, rompendo fronteiras, aproximando povos, culturas e religiões, levando a alteridade, apontando e desafiando a própria identidade eclesial, como Igreja discípula missionária.

As migrações podem contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos países que vivem e acolhem essas pessoas que migram e para o futuro da humanidade. O desafio é pensar o mundo não com base na competitividade econômica e o fechamento de fronteiras, mas na cidadania universal, na solidariedade e nas ações humanitárias. É necessário que, nos países receptores, haja a preocupação em adotar políticas que integrem, de maneira positiva os migrantes, vendo-os como riqueza humana e não como um problema. As migrações sempre trazem transformações e inovações, ajudam a gerar solidariedade, encontros, acolhida, diálogo e cabe a cada ser humano fazer com que o novo seja fonte de valores recíprocos na construção de uma cultura de paz e de justiça.

⁶⁸⁶ CARITAS/MIGRANTES. *Immigrazione: dossier statistico 2010*. Roma: Fondazione Idos, 2011.

“Na fé encontramos os rostos cansados dos migrantes que não encontram acolhida digna, os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada e é até desrespeitada [...]” (Santo Domingos, 178). O Antigo Testamento é uma espécie de memorial da fé de um povo peregrino emigrante que confia na ação libertadora de Deus. Assim, Abraão, Isaque e Jacó como os patriarcas do povo de Deus do Antigo Testamento viviam e morriam como estrangeiros. Moisés foi obrigado a refugiar-se em Madian.

Terra e lei são mediações muito importantes entre Deus e o povo. A terra como condição de dignidade e a lei como garantia de identidade. A palavra de Deus no Antigo Testamento cita em vários dos seus livros e nos próprios profetas a preocupação, a acolhida e, também, a rejeição para com os migrantes. No Novo Testamento o próprio Jesus se apresentará como estrangeiro em sua pátria. O Filho de Deus se fez peregrino desde seu nascimento, foi obrigado a deslocar-se e refugiar-se em outro país e educou seus discípulos a viverem a experiência dos que migram para que fossem verdadeiros missionários.

A missão de Jesus vai além de nacionalismos, fronteiras, geografias, políticas, culturais ou religiões. Ainda no Novo Testamento, nos Atos dos Apóstolos, Lucas explica a universalidade do cristianismo, que supera todo sectarismo judaico. Pouco mais adiante vai confirmar isso, rompendo barreiras e muros que dividem seres humanos e não acolhem os que têm origens e culturas diferentes.

Jesus de Nazaré e as comunidades cristãs dos primeiros séculos tinham uma sensibilidade maior aos marginalizados e excluídos, aos estrangeiros, aos perseguidos e aos refugiados. Viviam uma alternativa de acolhida, dignidade e promoção da vida. Cabe à Igreja continuar gerando esses valores do Reino de Deus; que as migrações possam produzir e reproduzir para o crescimento mútuo, tanto dos migrantes como das populações que os acolhem.

Ao falarmos nessa tese de fenômenos migratórios, falamos que há uma relação entre migrações e as realidades culturais, políticas, econômicas e religiosas que englobam essa dinâmica. Por isso, mostramos como a Igreja tem respondido a essa realidade humana, que afeta vários desafios e ações referentes à família, a dignidade do ser humano, aos valores culturais, aos próprios sistemas

políticos, econômicos e religiosos, revelando como importante o trabalho da Igreja Católica nessas realidades.

A migração é atravessada por todas as áreas da Teologia e a grande questão é como acompanhá-la. Contudo, é necessário deixar-se questionar sobre o sedentarismo eclesial e já repetidas práticas pastorais. “Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e itinerância, em que milhões de pessoas migram ou se veem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países” (DAp n. 73).

Entre as preocupações e ações pastorais da Igreja Católica, destacamos algumas que estão diretamente implicadas no contexto da mobilidade migratória, que se consideram cada vez mais necessárias e urgentes, face à multiplicidade de causas desafiadoras que a migração apresenta:

1- Atuar cada vez mais junto aos migrantes, apontando um projeto de vida para esse público específico.

2. Iluminar os migrantes, mediante valores de acolhida, diante da perda de outros tantos valores essenciais para vida. Esse é o preço que, muitas vezes, se paga quando se torna migrante.

3. Educar e catequizar para a realidade migratória que lida com o consumo, a inovação, a tecnologia em função do trabalho, porém, em muitos casos, sacrifica-se o tempo junto à família, para o lazer e para si mesmo.

4. E por fim, a alienação nesses contextos, como o distanciamento ou perda de autonomia e liberdade pessoal. “As aparências na falsa autonomia” (GS 41c.).

A migração não é um paradoxo entre projetos, ou seja, o projeto do Reino de Deus e o projeto econômico e de mercado. Antes, é uma busca por melhorias socioeconômicas de sobrevivência, sempre acompanhada a economia globalizada, que classifica seres humanos e cria desigualdades sociais à custa da produção, do lucro, da acumulação, de privilégios e de disputas políticas, religiosas e culturais. Uma das principais preocupações e desafios da Igreja Católica na ação pastoral e de evangelização se refere à identidade dos que migram.

Os migrantes são herdeiros e construtores de sua identidade na trajetória de sua vida. Somos o que nos tornamos, por meio da cultura, das circunstâncias da vida, da classe social, da criatividade e de tantas outras coisas que nos permitem ser, tanto no individual, quanto no social. A identidade é construída, não em

contraste com a não identidade, mas em contraste com a alteridade; a dos migrantes tem como contraste os “não migrantes” do país receptor.

Identidade e cultura nunca são conclusivas ou perfeitas. Podemos dizer que a identidade não se perde, apenas se transforma diante da cultura. É notório que existem semelhanças entre a reprodução da cultura e a identidade pessoal. No caso específico dos migrantes, não há perda de cultura ou identidade, o que há é uma substituição necessária e adaptativa.

Para os migrantes, a realidade cria solidariedade, alegria e participação nos espaços comunitários, não sem algumas consequências, como a individualidade e a perda de referências. A identidade dos migrantes é sempre uma identidade territorial, uma integração sem assimilação. A exemplo do próprio Evangelho que não pertence a nenhuma cultura específica, mas está presente em todas as culturas. Aqui o sedentarismo eclesial é questionado positivamente no aspecto da própria identidade da Igreja que é a de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Os evangelizadores devem, segundo o *Evangelii Nuntiandi*, observar a autonomia do Evangelho diante das culturas (En. n. 20), mostrando que o Evangelho da acolhida, da solidariedade e da hospitalidade se comunica com todas as culturas, mantendo distância e profetizando as estruturas de pecado que as atravessam. “Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética [...] que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade” (Dap. n. 414).

A Igreja necessita definir tarefas para não confundir os conteúdos do Evangelho, fazendo de sua ação pastoral e evangelizadora revestimento cultural. De maneira profética, fala de Deus que acompanha os migrantes, ao mesmo tempo que contesta as causas injustas e desumanas da migração e luta por uma Igreja discípula e missionária que acompanha e está entre os migrantes. Uma Igreja que acolhe e aponta para o reconhecimento do *outro* como imagem de Deus. Uma Igreja solidária e hospitaleira que acolhe o diferente e que luta para a comunhão fraterna de todos os seus filhos.

A graça de Deus não desmoraliza a mobilização, não substitui a graça; o Reino de Deus, em sua plenitude, é um dom escatológico e como já dito a escatologia, a experiência cristã, é uma experiência migratória. A experiência com e para os migrantes fornece luz e discernimento para a própria Igreja. Não basta

cantar “Jesus é o caminho” e sentar-se, às vezes, na distante cadeira da Teologia. Não basta invocar o protagonismo dos “setores que foram deslocados” (Dap. n. 128). É preciso diminuir a distância, ir ao encontro e como eles caminhar.

5.3 Interpelações para a Pastoral com os Migrantes

Nesse contexto, que podem significar as palavras da Mensagem do Papa Francisco para o Dia do Migrante e do Refugiado de 2014: “Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor”:

A esperança de “um mundo melhor” permanece como um fio demasiadamente tênue para quem sofre um tal pesadelo. Um pesadelo real e concreto, sem o alívio de acordar e dar-se conta de que tudo não passava de um sonho. Pesadelo em que se mesclam e se confundem sentimentos e realidades adversas, tais como o sofrimento da separação, a saudade dos familiares e entes queridos, a precariedade dos acampamentos ou casas de acolhida, o risco constante das autoridades de um lado e outro, a falta de documentação, a insegurança quanto ao porvir... para não falar da solidão como companheira inseparável!⁶⁸⁷

Apesar de tudo, diante do sofrimento oculto de tantos milhões de pessoas (e famílias), que tais palavras do Papa possam efetivamente alertar as autoridades, a Igreja, as instituições e organizações de base, enfim, toda a sociedade para a urgência de novas relações internacionais e de novas leis para refugiados, migrantes e itinerantes – um “mundo melhor” não somente no universo da mobilidade humana, mas em vista da justiça e dos direitos humanos, da paz e do desenvolvimento sustentável em todo planeta.

Mármora alega que existe hoje uma contradição entre aceitação e rejeição do migrante:

Por um lado, abre-se a porta dos fundos para a entrada de trabalhadores clandestinos, pois há necessidade de mão de obra fácil e barata para os serviços mais sujos e pesados nas economias desenvolvidas. Por outro lado, fecha-se a porta da frente, negando aos imigrantes o status de trabalhadores legais e, consequentemente, os direitos de cidadania⁶⁸⁸.

Tornou-se evidente, desde o início, que a convivência democrática entre pessoas, línguas, povos e nações distintas não pode ser dada por solucionado.

⁶⁸⁷ Francisco. *Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor* - Mensagem do Papa para a centésima Jornada Mundial dos Migrantes e Refugiados a ter lugar a 19 de Janeiro de 2014. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/storico/2013/09/24/%E2%80%9Cmigrantes_e_refugiados_rumo_a_um_mundo_melhor%E2%80%9D_-_mensagem_do_papa/por-731414. Acessado em: 03.10.2014.

⁶⁸⁸ MÁRMORA. *Seminário Migrações: Exclusão ou Cidadania?* CEM, Brasília-DF de 25 a 27 de setembro de 2003.

Exige, antes, uma tarefa árdua e conjunta, laboriosa e prolongada, tanto do ponto de vista dos próprios imigrantes quanto das comunidades que os acolhem. Regiões e países de origem, trânsito e destino são interpelados à formação de uma rede de apoio permanente, onde jogam um papel relevante a acolhida e a assistência social, política, jurídica, cultural e religiosa por um lado, e o empenho na busca de leis de imigração menos rígidas e discriminatórias, por outro. A atenção ao migrante e incidência sobre as políticas migratórias constituem duas faces da mesma moeda.

O “Relatório sobre Migração Internacional e Desenvolvimento” divulgado pela ONU, em junho de 2006, destaca que o impacto dos migrantes foi geralmente positivo para as economias nos países de acolhimento e os efeitos negativos dos fluxos migratórios nos salários dos nacionais ou no nível de emprego destes são muito limitados. No Reino Unido, por exemplo, os partidários da imigração defendem que o crescimento da economia britânica é sustentado pelos migrantes, que representam 8% da força de trabalho, mas colaboram com 10% do Produto Interno Bruto e como recebem salários mais baixos, ajudam a manter a economia britânica competitiva e as taxas de juros baixas. Além disso, em 2005, o crescimento da população foi de 0,6%, o maior desde 1962, desempenhando os migrantes um papel fundamental nesse acréscimo⁶⁸⁹.

Igualmente evidente é o desafio de construir uma verdadeira prática democrática num “terreno homogêneo”, como é o campo da mobilidade humana, cada vez mais pluriétnico e multicultural. De fato, as democracias tradicionais muitas vezes têm como base uma certa homogeneidade linguística, territorial, histórica e cultural. Hoje em dia esse “paraíso perdido” desfaz-se progressivamente, sem qualquer possibilidade de retorno. Em lugar disso, levanta-se a tarefa bem mais empenhativa de uma democracia plural em todos os seus aspectos. Em lugar de muros de separação, trata-se de erguer pontes de integração num universo heterogêneo, polifônico e polossêmico. Aliás, é o que se lê na obra *A Inclusão do outro*, de Habermas⁶⁹⁰.

A identidade constrói-se em meio às contradições da existência, dilacerada por medos, traumas e dúvidas. Nas palavras do Evangelho, o joio e o trigo

⁶⁸⁹ Dados citados no artigo *Número de imigrantes explode e provoca reação de britânicos*. Folha de São Paulo, Domingo, 27 de agosto de 2006, Caderno Mundo, p. 24-A.

⁶⁹⁰ Habermas, J. *A Inclusão do Outro*. São Paulo: Loyola, 2007.

crecem juntos. A pressa em separá-los pode fazer perder o trigo juntamente com o joio. O Lévinás, ao contrário de Sartre, afirma que o outro é o caminho para chegar ao próprio eu⁶⁹¹.

O Departamento de Migrantes desenvolve uma tarefa importante também no sensibilizar as Comunidades cristãs com os irmãos marcados pelas feridas que marcam para sempre sua existencia, como: violência, abusos de poder, distância da família, eventos traumáticos, fuga da casa, incerteza sobre o futuro em campos de refugiados.

O Papa exorta a todos a, de fato, colocar em ato “iniciativas e novas abordagens” para tutelar a dignidade dos migrantes diante destas “formas modernas de perseguição, opressão e escravidão”⁶⁹². “São pessoas humanas”, insiste; seres humanos “que precisam de urgente ajuda, mas também e principalmente de compreensão e de bondade”. A sua condição, portanto, “não pode deixar-nos indiferentes”. Um apelo, portanto, vai também a cada Pastor e Comunidade cristã, que deve ter especial cuidado do “caminho de fé dos cristãos refugiados e erradicados à força”, por meio de uma pastoral “que respeite as suas tradições e os acompanhe a uma harmoniosa integração nas realidades eclesiais em que vivem”⁶⁹³.

A imensa multidão dos “sem” tem algo a nos oferecer, desde que estejamos dispostos a abrir-lhe a porta, Atualmente, percebe-se que, apesar da secularização das ideias, infiltradas pela mentalidade neoliberal, desfavoráveis ao sagrado, ou pela acusação da religião como fator de alienação social, motivada pela culpabilização neurótica, repressão sexual, desmotivação política e assim por diante, mesmo assim, a religião não foi expurgada da cultura e tem direito de cidadania nas grandes metrópoles, nos subúrbios e em toda a parte.

A religião, dizem Magalhães e Portella, deve ser buscada

nos diferentes espaços públicos e privados. Nos templos, nas ruas, nos botecos, nas famílias, nas escolas, nos estádios, nos shows, em todos estes lugares encontramos os rastros da religião. Não há dimensão da vida no Brasil que não esteja de alguma forma sendo tangenciada pela religião.⁶⁹⁴

⁶⁹¹ LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.

⁶⁹² Francisco. Discurso do Papa Francisco à Plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Roma: Vaticano, 2013.

⁶⁹³ Ibid.

⁶⁹⁴ MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado. Reflexões sobre o fenômeno Religioso*. Aparecida, Ed. Santuário, 2008, p. 15.

Nesta busca de soluções para as questões existenciais, o ser humano encontra ou pode encontrar vias para solucionar seus quesitos, respostas teóricas e práticas em si e em seu entorno cultural religioso, pois a religião nasce com o ser humano. A religiosidade vai sendo assumida pela pessoa com o passar dos dias. “Todas as dimensões da vida humana, tal como nós a conhecemos hoje, seriam impensáveis sem o alcance e o poder formador da religião.”⁶⁹⁵

Não importa a qual das confissões o homem pertença; não importa até se ele se diz ateu, pois no âmago mais recôndito de cada um medra e geme, explícita ou implicitamente, o desejo de encontrar a divindade, de contemplar Deus, como diz Felipe: “Mostra-nos Deus Pai e isto nos basta!” (João 14,8).

“Não é possível que no século XXI pessoas morram por cruzar uma fronteira”, diz jornalista Nicolás Castellano⁶⁹⁶. Em entrevista a Opera Mundi, Castellano reflete sobre o papel da imprensa ao publicar notícias sobre a imigração. Ele critica o uso de termos que criminalizam os imigrantes e questiona a política migratória praticada pela Espanha e pela União Europeia.

Há mais de 20 mil mortos de imigrantes que tentam, pelo Mediterrâneo, cruzar a fronteira em busca de felicidade. E aqui ninguém repara que deveríamos mudar o discurso e articular outras medidas. As pessoas sempre se moveram. A viagem mais antiga do mundo é migrar. Colocar todas estas dificuldades, a única coisa que se está causando são mortes e sofrimento. Portanto, estas medidas de agora para reforçar a segurança da cerca, desde o meu ponto de vista, servem para tentar legitimar o discurso fácil [...] de criar um inimigo exterior, que supostamente seria um grupo muito grande de subsaarianos e a Espanha tem que se defender desta suposta ameaça. Do meu ponto de vista a migração não é uma pressão, é um movimento natural. A água corre, o migrante se move, as pessoas se movem. Ou eu tenho que falar. O grande problema que existe na percepção da imigração na sociedade é que ela é vista como um objeto eleitoral. Não se pode permitir falar sobre assalto para falar de uma pessoa que está cruzando uma fronteira. Um assalto é uma palavra militar, de uma guerra. Cria-se uma linguagem ou se gera um formato para falar de imigração ou para falar de futebol ou para falar de violência de gênero e todo mundo segue o mesmo caminho. Repetem-se os mesmos clichês, repetem-se os mesmos conceitos. Eu falava sobre a chegada de embarcações nas Canárias, se fala o número [de imigrantes] e a nacionalidade, mas não se fala se têm direito ao refúgio ou porque vêm à Espanha⁶⁹⁷.

⁶⁹⁵ MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. Expressões do Sagrado. Reflexões sobre o fenômeno Religioso, p.26.

⁶⁹⁶ Ganhador Medalha de Ouro da Cruz Vermelha e Prêmio de Direitos Humanos do Conselho Geral da Advocacia Espanhola. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/34588/%E2%80%9Cnao+e+possivel+que+no+seculo+xxi+peoas+moram+por+cruzar+uma+fronteira%E2%80%9D+diz+jornalista+espanhol.shtml>. Acessado em: 11.02.2015.

⁶⁹⁷ Opera Mundi. Entrevistas e Perfis. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/34588/%E2%80%9Cnao+e+possivel+que+no+seculo+xxi+peoas+moram+por+cruzar+uma+fronteira%E2%80%9D+diz+jornalista+espanhol.shtml>. Acessado em: 11.02.2015.

“As migrações internacionais são vistas e consideradas, com razão, como um importante componente estrutural da realidade social, econômica e política do mundo contemporâneo”⁶⁹⁸, assegura a recente Instrução A Caridade de Cristo para com os migrantes. Afirma o Vaticano que

nenhum Estado foge às consequências de algumas formas de migração que, com frequência, estão fortemente ligadas a fatores negativos, como a mudança demográfica nos países de primeira industrialização, o aumento das desigualdades entre Norte e Sul no mundo, a existência de barreiras protecionistas e a proliferação dos conflitos e das guerras civis⁶⁹⁹.

Expressa um “não” à intolerância e ao racismo, afirmando: a precária situação de tantos estrangeiros - que deveria provocar a solidariedade de todos - causa, pelo contrário, temores e medos em muitos, que sentem os imigrantes como um peso, veem-nos como suspeitos e consideram-nos como um perigo e uma ameaça. Isto provoca frequentemente manifestações de intolerância, de xenofobia e de racismo⁷⁰⁰.

Aos problemas enfrentados pelos migrantes nos Estados Unidos, acresce-se a violência dos cartéis da droga mexicanos, que passaram a visar os migrantes em trânsito, como fins de roubo e extorsão. O massacre de San Fernando, em Tamaulipas, México, no qual setenta e duas pessoas foram metralhadas no dia 22.08.2010, inclusive crianças e mulheres grávidas, expõe uma face brutal dessa realidade⁷⁰¹.

As atuais migrações constituem o movimento humano mais vasto de todos os tempos e assim se expressava sobre esta realidade: Nas últimas décadas, tal fenômeno, que afeta neste momento cerca de 200 milhões de pessoas, transformou-se numa realidade estrutural da sociedade contemporânea, constituindo um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral⁷⁰². A caridade de Cristo para com os Migrantes quer ser uma resposta eclesial às novas necessidades pastorais dos migrantes, a fim de conduzi-los, por sua vez, a transformar a experiência

⁶⁹⁸ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. “*Erga migrantes caritas Christi*”, nº 08.

⁶⁹⁹ Ibid.

⁷⁰⁰ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. “*Erga migrantes caritas Christi*”, nº 06.

⁷⁰¹ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p.175.

⁷⁰² Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. *Erga migrantes caritas Christi*, apresentação.

migratória, não somente numa oportunidade de crescimento na vida cristã, como também de nova evangelização e de missão⁷⁰³.

O Vaticano mostra-se consciente da crescente presença de muitos migrantes cristãos não-católicos e de migrantes de outras religiões, em particular da muçulmana, em terras tradicionalmente católica e vice-versa.

Nas relações entre cristãos e membros de outras religiões, reveste-se de grande importância o princípio da reciprocidade, entendida não como uma atitude puramente reivindicativa, mas, sobretudo, como relação fundamentada sobre o respeito recíproco e sobre a justiça nos tratamentos jurídico-religiosos⁷⁰⁴.

É preciso haver respeito aos direitos humanos, uma tomada de consciência sobre o caráter imprescindível do exercício das liberdades fundamentais, do princípio democrático no governo e da correta laicidade do Estado. Haverá que se chegar a uma harmonia entre a visão de fé e a justa autonomia da criação.

O fenômeno migratório suscita uma autêntica questão ética, a busca de uma nova ordem econômica internacional para uma mais justa distribuição dos bens da terra. [...] na visão da comunidade internacional como família de povos. De uma formação à 'mundialidade', isto é, a uma nova visão da comunidade mundial, considerada como família de povos, à qual finalmente são destinados os bens da terra, numa perspectiva do bem comum universal⁷⁰⁵ (n. 8).

Nos EUA tenta-se ainda aprovar uma Reforma da Lei Migratória, mais restritiva em termos de direitos humanos, o "*Border Protection, Antiterrorism, and Illegal Immigration Control Act*", de 17 de Dezembro de 2005. Essa proposta causou numerosas manifestações de protestos dos imigrantes. Entre outras medidas, transforma em crime a residência irregular nos EUA, determina a prisão de todos os imigrantes desautorizados, não-mexicanos detidos nos portos oficiais de entrada, bem como a construção de uma cerca de alta tecnologia em alguns setores da fronteira sul do país, além de facilitar a execução da lei migratória federal por agentes locais, estabelecendo um treinamento sobre a lei de imigração para os funcionários. E além disso, proíbe a entrada a nacionais de países que negaram ou demoraram a aceitar imigrantes removidos dos EUA⁷⁰⁶.

⁷⁰³ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. *Erga migrantes caritas Christi*, apresentação.

⁷⁰⁴ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. *Erga Migrantes Caritas Christi*, nº 64.

⁷⁰⁵ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, 03.05.2004. *Erga Migrantes Caritas Christi*, nº 64.

⁷⁰⁶ FARENA, M. N. F. C. *Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 172.

A Igreja católica condena “o novo capítulo da escravidão” que se verifica no mundo atual com o tráfico de mulheres e crianças, um pouco por todo o mundo, e considera que é fundamental distinguir, no que diz respeito ao acolhimento de migrantes, os conceitos de primeiro acolhimento, de acolhimento propriamente dito e de integração. Essa integração é essencial para que a pastoral *para e com* os migrantes, possa tornar-se expressão significativa da Igreja universal, *missio ad gentes*, encontro fraterno e pacífico, casa de todos, escola de comunhão reconhecida e participada, de reconciliação pedida e dada, de mútua e fraterna acolhida e solidariedade, como também de autêntica promoção humana e cristã.

As políticas puramente restritivas, que gerariam, por sua vez, efeitos ainda mais negativos, arriscando aumentar as entradas ilegais e até favorecer as atividades das organizações criminosas.

uma estreita colaboração entre os países geradores e receptores de migrantes, além de adequadas normativas capazes de harmonizar as diversas disposições legislativas, fim de salvaguardar as exigências e os direitos das pessoas e das famílias migrantes e, ao mesmo tempo, as da sociedade de chegada dos migrantes⁷⁰⁷.

Repensar temas de teologia sistemática pastoral a partir dos fenômenos ligados à mobilidade humana foi a proposta dessa tese. Tal comprometimento é baseado na convicção de que a opção preferencial pelos excluídos é teocêntrica, pois é uma opção de Deus, “revelado no primeiro testamento e em Jesus”⁷⁰⁸, conforme afirma Gutierrez.

primeiro, nosso compromisso para como os pobres e os migrantes refere-se à sua dignidade humana, a qual inclui que eles possam ter seu destino em suas próprias mãos. Mais uma vez estamos diante do processo que exige de cada pessoa que se torne sujeito de sua história. Segundo, a consciência de que a teologia é sempre hermenêutica da esperança. A teologia tem que estar comprometida com a esperança, tendo a capacidade, a liberdade e o empenho de dar atenção às pequenas coisas. Sem esperança não existe personalidade e a esperança está presente mesmo quando se encontra rodeada pelo sofrimento. A verdadeira teologia, a meu ver, deve interpretar as razões da esperança, de alguma maneira. No doloroso caso dos migrantes, somos obrigados a não esquecer disso. Precisamos nos esforçar para superar seu sofrimento enquanto cuidamos de sua vida em suas muitas expressões, mesmo quando são insignificantes e pequenas. A teologia das migrações tem que ser uma hermenêutica da esperança⁷⁰⁹.

Como Guerra, entendemos que a teologia das migrações se define como

⁷⁰⁷ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes. *Erga Migrantes Caritas Christi*. Roma: Vaticano, 2004, n. 8.

⁷⁰⁸ GUTIERREZ, G. P. *Migration and the option for the Poor*. Revista Theological Perspectives, 2008, p. 80.

⁷⁰⁹ *Ibid.*, p. 84.

uma teologia que quer interagir, em perspectiva cristã, com a situação intermediária (in-between) em que se encontram os migrantes entre a realidade de origem e a de destino e, ao mesmo tempo, presta atenção aos lugares em comum (in-both) que mediam socialmente, culturalmente, politicamente e religiosamente as realidades de comunhão entre origem e destino. [...] A teologia das migrações se interessa pelo diálogo-comunhão nos contextos em que a migração gera sociedades com pluralidade e diversidade cultural, religiosa e étnica. Seu objetivo é facilitar o diálogo-comunhão através do reconhecimento da alteridade e das afinidades, em maneira relacional. Trata-se, então, de um diálogo-comunhão que é transformador e no qual as identidades não são mudadas ou trocadas, mas reciprocamente sintetizadas pela prática da proximidade. É desse processo que inicia a transformação intercultural da Igreja e da sociedade⁷¹⁰.

As migrações são um fenômeno de todos os tempos, porém, têm conhecido nessas últimas décadas uma forte explosão gerada por vários contextos como já citamos neste estudo. Calcula-se que mais de três milhões de brasileiros estejam no exterior, com um grande contingente nos Estados Unidos. Neste contexto e desafio, a Igreja promove e realiza uma série de ações pastorais junto aos migrantes, pois a sua missão é sempre um serviço à vida.

Conforme a pesquisa de campo, a maioria dos migrantes está longe de seu país devido a questões econômicas, uma minoria para outros fins como estudar, visitar, etc. Muitos perderam tudo no Brasil, por exemplo, ou já não tinham muito. O processo de saída do Brasil até a entrada na América foi uma verdadeira via sacra para muitos, que tentaram entrar pelo México, onde enfrentaram prisões e chantagens pelos atravessadores de imigrantes e continuavam enfrentando o medo e a insegurança após esta travessia. Uma vez em terra alheia, outros fatores desafiam os migrantes como a moradia, emprego, língua e a saudade.

Nenhuma forma de mobilidade migratória pode ser justificada por atitudes ou leis de desrespeito aos direitos humanos, ou de uma visão estereotipada ou parcial do próprio ser humano.

Entre as ações que nascem dos apelos da realidade ecumênica, pelas exigências do Evangelho, está a ação específica da Igreja a serviço das pessoas que migram e necessitam de acolhida, seguindo Cristo, Bom Pastor, encarnação do amor do Pai, que quer vida para todos. A Igreja vive seu existir evangelizador

⁷¹⁰ CASTILLO GUERRA, J. A *Theology of Migration*. Toward a Intercultural methodology. In: CAMPESE, G.; GROODY, D. (Eds.) *A promised land. A perilous journey. Theological perspectives on migration*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008, pp. 243-270, aqui pp. 254-255.

na defesa e no desafio do Bom Samaritano, independente de raça, credo ou cultura.

Para a realização desse serviço pastoral e evangelizador é indispensável conhecer as constituições que orientam esta ação “*Exsul Família*” (1952); a “*Migratorun Cura*” (1969) e a “*Erga Migrantes Caritas Christi*” (2004) em especial na ação evangelizadora, que orienta a uma consideração especial à promoção da dignidade da pessoa, à renovação das comunidades e à constituição de uma sociedade solidária.

A partir do olhar da fé, que é sempre caminho de esperança, é necessário evangelizar por meio da vida, da mobilização e da participação comunitária. A própria catequese que integra e acolhe o migrante, ajuda a fazer a experiência da fé no encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo. É preciso caminhar com a pessoa do migrante que, muitas vezes, tem costumes, vivências culturais e experiências religiosas diferentes de tal maneira que cultura, religião, direitos humanos, economia, trabalho, moradia, família, documentação, diálogo, acolhida, não sejam assuntos apenas conhecidos teologicamente, mas práticas de vida.

As migrações afetam relações diversas, como família, cultura, língua e o modo de viver a fé. A Igreja utiliza das diversas pastorais para caminhar com os migrantes e, com isso, revela o rosto do próprio Deus nas pessoas que migram, fazendo-se migrante com os imigrantes. Acolhe como fez o próprio Cristo ao longo da história da humanidade e, assim, vai se transformando.

Ao longo do tempo a Igreja passa de uma metodologia pastoral de preservação doutrinária para uma atividade pastoral de acolhida, solidariedade, misericórdia e alteridade. Reconhece a sua própria história em vários momentos do povo de Deus que vão de momentos de êxito a diáspora. Recorda assim o êxodo como evento fundador da história do povo de Israel e sua importância teológica. É o povo de Deus que, de forma livre ou forçada, vai construindo a tenda como sinal do próprio Deus, que caminha com seu povo. Ação da promessa e da revelação da libertação, só entendida à luz do testemunho da ação de Deus na história.

A missão de Jesus é itinerante. A revelação testamentária ensina como amar o estrangeiro. A própria comunidade primitiva, fundada sobre a tradição apostólica segue as características migratórias, quando anuncia de forma peregrina

e itinerante, seguindo a prática dos apóstolos. A Igreja Católica floresce nessa época. O Espírito Santo manifesta-se por meio da ação da Igreja missionária na história da humanidade. A imagem de Igreja mãe fala por si: “a Igreja como mãe deve sentir-se como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores”. (DAp., n. 412)⁷¹¹.

A Igreja faz-se palavra, faz-se mensageira e faz-se diálogo, acolhida e promoção da dignidade humana. “Tudo o que temos dito sobre a dignidade da pessoa humana, sobre as comunidades dos homens e sobre o significado último da atividade humana constitui o fundamento das relações entre a Igreja e o mundo e também a base de seu diálogo mútuo” (GS., n. 40). A Igreja é chamada na sua ação pastoral a defender e promover todos os direitos fundamentais da pessoa e a sua integridade. Desses cuidados, nascem grandes valores que edificam uma convivência ordenada e fecundada. “A libertação das injustiças promove a liberdade e a dignidade humana”⁷¹².

A Igreja faz uma leitura teológica do fenômeno migratório não de forma pragmática e fragmentada, mas na presença e com os migrantes, na acolhida, na riqueza da diversidade cultural, na alteridade, no amor, na construção de uma grande família de irmãos. A Igreja também é a voz dos migrantes e está junto às migrações, acolhendo os filhos de Deus que, muitas vezes, estão no deserto da indiferença.

A ação pastoral deve ter a preocupação de integrar o migrante nas comunidades para que encontre de forma livre e pessoal referenciais que o ajudem a vivenciar a fé e a estabelecer vínculos sociais que o situam no novo espaço cultural. Por isso, a paróquia é convidada a pensar sua ação pastoral e missionária, tendo de um lado a estrutura física e pastoral que acolhe e, de outro, a missão de evangelizar nesta realidade marcada pelos fenômenos migratórios fluidos e múltiplos.

Pensar uma pastoral missionária, sistemática e permanente, mostrando a comunidade paroquial como um lugar de referência para viver momentos significativos do seu dinamismo e as próprias manifestações de fé é um dos

⁷¹¹ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 128. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

⁷¹² Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 137.

desafios enfrentados pela Igreja. Paróquias multiculturais e missionárias, sempre acolhendo e partilhando experiências, lugar de chegada e saída. Os migrantes desafiam a missão da Igreja, tanto quanto ao número das pessoas que se movem, como também quanto aos deslocamentos de massa, cada vez mais intensos, complexos e diversificados.

Outro aspecto desafiador para esses agentes pastorais são as violações à pessoa que vive a realidade de migrante, como por exemplo, na fronteira do México com os Estados Unidos. A Igreja e a própria história sentem o efeito e as profundas mudanças ocasionadas pela mobilidade. A Doutrina Social da Igreja nos diz que no coração de cada pessoa humana e no coração de cada cultura existem sementes do Verbo. A pastoral da Igreja representa um suporte para a integração e o resgate da dignidade dos migrantes. Ações de promoção, acolhida e resgate são urgentes para a Igreja, além de ser uma atitude vital da missão de anunciar o Evangelho a todos e em todos os lugares. “A alegria do Evangelho é para todo povo, sem excluir ninguém”. (EG., n. 23).

A Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB) juntamente com o Apostolado Brasileiro no Exterior (PEB) elegeu as prioridades estratégicas no serviço pastoral e de evangelização para os anos de 2017 a 2020.

1. Evangelização: abrir as portas a Cristo através do discipulado missionário de encontro pessoal entre irmãos e com Jesus Cristo.

2. Família e Sacramento do Matrimônio: incentivar e cuidar das famílias, inspirar católicos para abraçar o sacramento do matrimônio.

3. Vida e Dignidade Humana: defender a santidade da vida humana desde a concepção até à morte natural, com preocupação especial para os pobres e vulneráveis.

4. Vocações e Formação Permanente: incentivar as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, fornecendo formação permanente para o clero, os religiosos e os leigos.

5. A Liberdade Religiosa: promover e defender a liberdade de servir, testemunhar e adorar nos Estados Unidos e no exterior. A evangelização é chamada nas comunidades pastorais a apresentar uma mensagem de salvação para todo povo de Deus, chamando a discípulos a fazerem a experiência pastoral e comunitária com Jesus Cristo.

6. Inspirar a juventude na alegria do relacionamento sacramental com Cristo.

7. Buscar; Convidar; Acolher; Compartilhar; Formar; Integrar: desafiar os que estão na Igreja e buscar os que estão desligados da Igreja a se tornarem uma Comunidade de discípulos.

A acolhida do estrangeiro que caracteriza a Igreja nascente, permanece, no entanto, como a marca perene da Igreja de Deus... A acolhida do estrangeiro é inerente, portanto, à natureza própria da Igreja e testemunha a sua fidelidade ao Evangelho... não basta a tolerância, é necessário simpatia e respeito. (*Erga Migrantes Caritas Christi*, n. 22, 36).

Para a Igreja, evangelizar significa levar a Boa Nova a todas as camadas da humanidade e por meio da sua influência transformá-la a partir do interior e torná-la nova.

A Paróquia se tornou o centro da identidade étnica e religiosa dos imigrantes num país onde dominava uma religião alheia (Protestantismo) e uma cultura alheia e, se no passado, as Paróquias eram Nacionais, em que cada grupo étnico frequentava sua própria paróquia, agora, temos Paróquias Multiculturais, com várias nacionalidades e idiomas na mesma paróquia.

A integração será facilitada quando todas as partes mantiverem uma mentalidade aberta. A integração não pode ser forçada, e aqueles que acolhem os recém-chegados devem estar especialmente conscientes das vulnerabilidades dos imigrantes e o impulso que muitos imigrantes sentem de evitar a interação. Párocos e líderes leigos que estão conscientes dessas dinâmicas de adaptação e de comunicação entre as culturas conduzirão a forma de facilitar a incorporação de plenos direitos e igualdade de todos os membros da comunidade na vida da Igreja.

As evidências atuais na migração sinalizam que os imigrantes lutam para manter seus valores e suas tradições; que a chegada contínua de novos imigrantes alimenta a necessidade e o desejo de preservar suas tradições; e ainda, a segunda e a terceira geração, que facilmente assimilariam a cultura dominante, em geral preservam elementos da cultura dos pais e avós.

A Igreja existe para Evangelizar, todas as culturas e línguas devem ser aceitas nas Paróquias. A Igreja é parte de uma sociedade cada vez mais globalizada. Nossas paróquias deveriam espelhar essa realidade. A maioria das

peessoas preferem rezar na língua materna. A Igreja deve proporcionar um local seguro para as pessoas manterem suas tradições religiosas.

Como já mencionado os modelos de paróquias encontradas foram: Paróquia Americanizadora, Paróquia étnica ou nacional, Paróquia missionária, Paróquia dividida e Paróquia integrada.

À medida que imigrantes latinos se estabelecem em território Americano, eles reavivam a Igreja Católica, e ao mesmo tempo a Igreja os ajuda a se firmarem na nova terra. Imigrantes Latinos, a maioria dos quais são católicos, são fundamentais para o futuro da Igreja nos EUA.

Eu acho que os imigrantes são a salvação da Igreja nos EUA. A força da nossa nação e da nossa Igreja provêm da sua diversidade, como também do trabalho árduo e das contribuições de imigrantes, que vieram para as nossas terras nos últimos duzentos anos. Essa é a nossa identidade e a nossa alma⁷¹³.

Os conceitos de assimilação e integração são a pedra angular dos programas e políticas migratórias dos países receptores de imigrantes. A assimilação, bastante criticada, busca que os imigrantes se transformem e adotem a cultura, os valores e costumes da sociedade de acolhida enquanto a integração procura que o imigrante se adapte à nova sociedade, adote linhas de comportamento social e respeite os costumes e cultura da sociedade de acolhida, sem perder sua própria identidade.

O imigrante deixa uma comunidade sólida e se encontra com uma sociedade individualista, e então ao perder os pontos de referência, se sente desorientado, sozinho, sem saber como atuar na nova sociedade e ali se produz o choque de cultura. Diz-nos o papa Francisco:

Em vez de ser uma Igreja que apenas mantém as portas abertas para acolher e receber, procuremos também ser uma Igreja que busca novas estradas e vai em busca, que é capaz de sair de si mesma e ir ao encontro daqueles que não mais participam da Santa Missa, aqueles que a abandonaram ou que se tornaram indiferentes.⁷¹⁴

A Igreja sempre se preocupou pelo presente e futuro dos migrantes, mesmo porque o Cristianismo nasceu com as migrações e a fé cristã se espalhou pelo mundo através também das migrações. A Igreja vê no migrante o rosto de peregrina que ela mesma tem.

⁷¹³ PBE (Assessoria: CAN E CNBB). *XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA. Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja*. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pbeus.com/encontro.html>. Acesso em: 14 Set. 2016.

⁷¹⁴ Ibid.

Todo agente de pastoral deve ter sempre presente a Palavra de Deus (Sagradas Escrituras, Documentos, Doutrina social) e - A Realidade A Pastoral que anuncia a Palavra de Deus é única, porém diversificada porque tem presente a realidade, que é múltipla. É a mesma Igreja, a mesma verdade com diferentes linguagens para homens e mulheres diferentes. Para o cristão somente existe uma espiritualidade autêntica e válida para todos. Está fundada no seguimento de Cristo. Ela exige uma ordem de valores e algumas atitudes que a caracterizam. Essa espiritualidade move o agente no seguimento de Jesus Cristo. Uma espiritualidade específica não se distingue de outra por ter elementos próprios ou diferentes do evangelho, mas simplesmente porque enfatiza alguns elementos mais que outros. A espiritualidade do agente dos migrantes deve ser motivada e impulsionada pela convicção interior de que todo ser humano é imagem de Jesus.

Neste sentido, as atitudes dos agentes de pastoral devem ser: a) Ter Mente aberta para aprender e coração generoso para acolher; b) Não trazer fórmulas prontas do seu país ou do trabalho anterior; c) Ver, olhar e escutar sem se preocupar em fazer grandes câmbios nos primeiros meses; d) Respeitar a história da comunidade; e) Procurar conhecer a realidade dos imigrantes; f) Transmitir alegria por tê-los na comunidade fazendo-os sentir-se valorizados; g) Sentir-se agradecidos por poder servir.

Os desafios do trabalho com os migrantes são, em princípio, a Pastoral de conjunto, pois, muitas vezes, o migrante muda de lugar mais de uma vez ao ano, mais uma razão da necessidade em não existir fronteira paroquial. Também não se deve trabalhar cada qual do seu jeito, não participando das reuniões, trazendo de fora pregadores de maneira aleatória. É importante integrar a comunidade de imigrantes à paróquia local. O Agente deve ser ponte entre duas culturas.

Diante de tantos desafios, os missionários devem ter como atitude serem misericordiosos. O missionário e a missionária são chamados a fazer de sua voz a voz do Pastor que anuncia com ousadia a Palavra que congrega e guia; do seu olhar, o mesmo olhar amoroso do Mestre; de suas mãos, mãos que seguem curando e enfaixando as feridas com “o bálsamo da misericórdia”, (metáfora utilizada pelo Papa Francisco) que devolve a vida, o perdão e a dignidade. O Evangelho é um anúncio alegre e é fonte de alegria. A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.

O problema maior da Igreja não é, como alguns pensam, a realidade sociocultural e religiosa; não são as distâncias geográficas, a falta de estrutura e de recursos econômicos e humanos. O que a impede mesmo de cumprir bem a sua missão é a falta de missão. Todos esses desafios decorrem da missão. Não é difícil cuidar pastoral e administrativamente de uma paróquia. O grande desafio é cuidar da missão e gerar cultura missionária. O desafio maior que recai sobre nossos ombros é transformar as estruturas paroquiais em algo decididamente missionário (DAP, n. 370).

O desafio imperioso é transformar essa prática sacramental milenar em missão, capaz de gerar esperança e vida nova no coração das pessoas. Não é difícil alimentar a vida do povo com práticas devocionais. Difícil mesmo é converter essas práticas em missão. “A missão não é enfeite, adorno, luxo, na vida da igreja,” nas palavras de Dom Pedro Brito Guimarães, 2016.

Escutar a Palavra que brota do silêncio. As palavras que Jesus dirigiu ao seu Pai brotaram do silêncio. E é difícil permanecer em silêncio, silêncio não apenas de palavras, mas também silêncio do coração... Há tantas coisas que falam dentro de nós... Diz Santo Inácio: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente”.

Desafiar-se para crescer. Acolher a vocação à santidade que recebemos do nosso batismo. Sair da comodidade da margem, do reservar-se e não entregar-se totalmente e assumir um processo sincero de conversão. Abrir-se à ação do Espírito Santo. O encontro com Deus e comigo mesmo não é fruto de um esforço pessoal, somente: é dom. A minha atitude consiste numa entrega humilde e confiante. É preciso aceitar perder tempo com o Senhor: na escuta, no silêncio. É o Espírito que opera a conversão, faz entender as Escrituras, conduz a Cristo.

A alegria do encontro com Cristo no caminho de nossa vida “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (Bento XVI).

No encontro com Jesus Cristo no caminho da vida, Jesus é o modelo de caminhante. Retomando as escrituras, vê-se muito claramente esse caminhar de Jesus. Em sua caminhada humana, Jesus frequentemente toma a iniciativa de se aproximar. Ele se torna presença na vida dos discípulos, os acompanha e caminha com eles. Jesus, ao longo do seu ministério, caminha com seus discípulos e neste caminhar, instruía os discípulos. Para os primeiros cristãos, estar no “caminho” era assumir a proposta de Jesus. É necessário que cada um procure ler nos fatos de

sua vida a presença discreta e atenta de Jesus que caminha a seu lado e ver também como Ele caminha com a Igreja e com a humanidade.

O encontro com Jesus Cristo se dá na Palavra. Só num segundo momento, após ter escutado atentamente, Jesus intervém. Ajuda, com a luz da Palavra de Deus a esclarecer e compreender os fatos da vida. Pela Palavra, os fatos da vida que não tinham sentido, tornam-se cheios de significado.

O encontro com Jesus Cristo se dá na Eucaristia. “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando” (v.29). Jesus, como amigo, aceita o convite e, ao redor da mesa, toma o pão, abençoa, parte e reparte com eles. Ao partir o pão, eles O reconheceram e retornaram ao caminho.

Papa Francisco, nesse sentido, nos indaga:

Eu gostaria que hoje nos perguntássemos todos: Somos ainda uma Igreja capaz de aquecer o coração? Uma Igreja capaz de reconduzir a Jerusalém? Capaz de acompanhar de novo à casa? Em Jerusalém, residem as nossas fontes: Escritura, Catequese, Sacramentos, Comunidade, amizade do Senhor, Maria e os Apóstolos... somos ainda capazes de contar de tal modo essas fontes, que despertem o encanto pela sua beleza? (Discurso aos bispos do Brasil, 27/07/2013, n.3).

“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais”. (EG., n. 264). Somos amados por Deus. A novidade da antropologia cristã é que não somente temos um Deus bondoso e criador, mas que o ser humano é amado por Deus. Diferente do Deus dos filósofos gregos, o Deus de Israel, o Abbà de Jesus ama pessoalmente. Ele amou-nos primeiro e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Deste modo, “eu amo, em Deus e com Deus” o meu próximo. O discípulo vê o outro com os olhos de Cristo.

Fomos encontrados pelo amor do Senhor e quanto mais nos deixamos tocar por este seu amor na vida sacramental, na vida de oração, na vida de trabalho, de tempo livre, tanto mais poderemos entender que sim, encontrei a verdadeira pérola; todo o resto não conta, todo o resto é importante somente na medida em que o amor do Senhor me atribui estas coisas.

Uma Igreja “em saída” deve ir adiantar-se, ir ao encontro, tomar a iniciativa. Todos os agentes de pastoral e todas as organizações das comunidades devem ser postas “em chave missionária” (GE, n. 34). Para isto, é preciso uma “conversão pastoral”. “Fazer com que todas elas [as estruturas eclesiais] se tornem mais

missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade”. (GE, n. 27). A exortação é forte: “Neste momento, não nos serve uma «simples administração». Constituíamo-nos em «estado permanente de missão», em todas as regiões da terra.” (GE, n. 25).

O discípulo que segue Jesus no Seu caminho e procura viver como Ele, sente-se enviado a partilhar, com outros, esta vida que brota d'Ele. Não é somente uma tarefa, é uma atitude permanente de vida.

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. (EG, n. 264).

Somos continuadores da missão de Jesus Cristo: “assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,21). Colocar-se a serviço do Reino. Papa Francisco nos diz: existe um “anúncio fundamental: o amor pessoal de Deus que Se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade”. (EG 128).

Interessante que Jesus está mais preocupado em “como” anunciar a Boa Nova que propriamente com “o que” deve ser anunciado! Ele só diz uma coisa que deve ser anunciada: O Reino do céu! Mas dá diversas recomendações de como devem se portar, como anunciar. Isto significa que “o modo” como anunciamos já é um anúncio! O “como”, a maneira, é tão importante quanto “o conteúdo”.

Os movimentos da contemporaneidade exigem uma Igreja orante e testemunhal, coerente com a fé que proclama; aberta ao mundo, misericordiosa e evangelizadora; humilde, pobre e servidora dos pobres; uma Igreja que dialoga e que seja memória do Concílio Vaticano II.

A evangelização possibilita que o migrante faça a experiência de Deus na realidade concreta em que se encontra, na efervescência do efeito do fenômeno migratório sobre a família e essa experiência em processo merece particular atenção pastoral. É preciso dar testemunho de uma cultura de amor familiar, experimentando o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança. A primeira

verdade é o amor de Jesus Cristo, esse amor que torna a Igreja para a humanidade, casa de acolhida, comunhão, harmonia, esperança e solidariedade.

5.4 Conclusão

Os desafios e valores que a realidade migratória apresenta são analisados, nesta região específica do estudo, à luz de parâmetros teológicos. A partir deles, foram apresentadas algumas interpelações para o agir da Igreja na pastoral evangelizadora, independente do lugar onde a migração aconteça, suas motivações ou causas específicas.

Concluimos que a Igreja diante da migração nestes contextos atuais se revela acolhedora, aberta e inclusiva, agindo por meio de sua pastoral e evangelização, com as características de seu Sumo Pontífice o Papa Francisco, que nos aponta três características nessa missão: a dignidade, a misericórdia e a alegria. A dignidade, pois ela é prioritária em todos os seres humanos e, de modo especial, nos seres humanos mais vulneráveis da contemporaneidade. Os migrantes e os refugiados se encontram entre eles. Francisco insiste em criar pontes e destruir muros, superando a cultura do descarte e da indiferença e promovendo a cultura do encontro e da misericórdia, ação evangelizadora que, às vezes, ultrapassa as fronteiras da própria Igreja.

A misericórdia, expressão da fé e do encontro com Jesus Cristo nos revela o rosto Misericordioso do Pai e nos leva sempre à solidariedade humana e a não excluir ninguém do amor de Deus. Esta centralidade na pessoa de Jesus Cristo revela a “Teologia Cristocêntrica”.⁷¹⁵

Nos processos migratórios, a misericórdia de Jesus não pode ser uma ideia absurda, mas uma realidade concreta na ação pastoral e evangelizadora. Por fim, a Igreja, em sua ação pastoral, face à realidade migratória, deve ser uma Igreja aberta aos problemas reais da humanidade e em constante diálogo com o mundo atual, colocando em prática o concílio Vaticano Segundo, que anuncia Jesus Cristo de maneira alegre, saindo de si mesma e indo ao encontro das sedes existenciais e espirituais dos seus filhos. Uma Igreja doce, consoladora na sua

⁷¹⁵ BINGEMER, M. C. L. *Mística, práxis y misericórdia: el impacto de la Teología del Papa Francisco sobre las teologías de Loy*. In: Congresso Internacional de Teologia, 2016. Disponível em www.congressoteologia2016. Acesso em: 17 jan. 2017.

missão de evangelizar. Os documentos *Laudato Si, Evangelii Gaudium e Amoris Laetitia* nos direcionam a ser esta Igreja, passando da Pastoral “de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”.⁷¹⁶

Alguns pressupostos são indispensáveis para a eficácia do agir pastoral para com os migrantes. Primeiro, a centralidade na pessoa de Jesus Cristo a partir de quem podemos olhar e agir para esta e outras realidades da evangelização. Discernimento capaz de propor caminhos para aqueles que acolhem atos e palavras de Jesus como fonte de vida, mediante as diversas fragilidades humanas e injustiças sociais. Segundo que, por mais que sejam necessários pesquisas e textos, o testemunho sempre será mais eficaz no anúncio do Evangelho e nas atividades pastorais. Esse testemunho também é real e não abstrato e há diversas formas de se realizar. No entanto, essa resposta não será substancialmente a mesma quando for promovida e alimentada por uma cultura do encontro, que compartilhe com amor as esperanças em meio aos sofrimentos, que associamos as dores e sofrimentos de Cristo, conduzindo à fé que liberta. Resposta através de uma antropologia encarnada que ilumina as relações entre pessoas e coisas; entre pessoas e pessoas, e, sobretudo, entre os seres humanos e a realidade em que vivem. Assim, a pessoa pode se alimentar, não em último lugar, da fé que é fortalecida por um exercício espiritual constante de vida em comunidade e de oração, o que leva o cristão a fazer cada vez mais uma experiência de Jesus Cristo e da sua Igreja.

Ao falar de experiências eclesiais, estamos nos referindo a uma Igreja povo de Deus que dialogue; uma Igreja menos piramidal e mais circular que ao mesmo tempo seja Igreja comunhão de pessoas a exemplo da Santíssima Trindade, alicerçada sobre uma base cristológica e movida por Cristo encarnado. É Cristo que impulsiona e chama a Igreja para encarnar-se na realidade concreta, tocando a Sua carne na carne dos migrantes que sofrem. Nessa Igreja, Cristo passa a ser o instrumento de inclusão de todos os povos e culturas.

Quando apresentando Cristo como instrumento, não nos referimos a um objeto de estudo e expressão simbólica e litúrgica, mas como fonte inspiradora de

⁷¹⁶ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. Documento Final, nº 370. Disponível em: http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf. Acessado em: 11 fev. 2015.

uma nova postura pastoral e evangelizadora da Igreja. Igreja samaritana... Igreja como hospital de campanha... Igreja em saída, alicerçada numa pastoral de fronteiras!⁷¹⁷ Uma Igreja para fora de si mesma, na direção de suas origens primeiras e na direção do mundo, das pessoas, de modo particular e urgente, das realidades pastorais mais fragilizadas. Talvez seja, entre outras causas, a que mais me instigou na comparação das realidades dentro da mesma igreja. Aqui os migrantes carregam e procuram a Igreja que encontram, na realidade norte-americana.

O conceito de Igreja e o significado teológico, político, pastoral e espiritual ainda tem um longo caminho a percorrer - “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal, proporcionando mais a evangelização do mundo atual do que a auto preservação”- reforça Francisco⁷¹⁸. Uma igreja aberta e acolhedora, não fechada em si mesma, que não seja o centro, mas o instrumento que nos leva a Cristo Jesus.

Fica claro em toda a pesquisa que a ação pastoral da Igreja, no atendimento aos migrantes, se esforça em poder, de maneira incisiva, evangelizar nas realidades culturais diversas em que o migrante se encontra. Muito se tem feito e muito ainda se tem por fazer no atendimento e acolhida pastoral da Igreja para com os migrantes no que diz respeito ao desafio fé e cultura. Na fenomenologia da religião se fala em volta ao tempo das origens, na sociologia se fala em volta ao carisma e no Cristianismo, em volta às fontes. No caso específico da teologia, a evangelização que volta às fontes é aquela que vai ao coração do Evangelho de onde nos alimentamos, caminhamos e testemunhamos a fé em Cristo Ressuscitado.

Voltar a Jesus Cristo como salvação para a Igreja atual e sua missão evangelizadora. Nesse núcleo fundamental encontra-se “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”⁷¹⁹. Cristo é renova todas as coisas com sua morte e ressurreição e permite rever posturas, uma conversão contínua e a própria maturidade cristã, “pois aquilo que o Evangelho

⁷¹⁷ Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma: Vaticano, 2013.

⁷¹⁸ *Ibid.*, n. 271.

⁷¹⁹ *Ibid.*, n. 36.

nos ensina tem consequências em nosso modo de pensar, sentir e viver”⁷²⁰. Torna-se cada vez mais urgente buscar soluções mais inculturadas, conforme as peculiaridades de cada grupo específico, superando o “anúncio teórico desligado dos problemas reais das pessoas”⁷²¹.

Concluimos este capítulo reafirmando a necessidade de uma pastoral específica e encarnada na realidade migratória. No coração do Evangelho reside a misericórdia como dom de Deus e como valor fundamental dos seguidores de Jesus. A Igreja que busca o outro segue o caminho da Misericórdia, ela é ao mesmo tempo, princípio, caminho e meta da vida cristã e constitui a dinâmica central da economia salvífica, portanto é a razão de ser da Igreja. Entre tantas exigências, todas necessárias, três parecem ser indispensáveis na contemporaneidade.

“Revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras, nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença” (LS, n. 52)⁷²². Segundo, é preciso ter claro que a opção por Jesus Cristo nos faz também optarmos pelos pobres, pois eles ocupam um lugar preferencial no coração de Deus e são eles próprios sinais da nossa própria redenção. O Deus amor, revelado por Jesus Cristo, acolhe, perdoa e integra os pobres e sofredores. Na realidade específica migratória esses pontos são constitutivos por vários fatores, por exemplo: diferença, exclusão, especulação, solidão, divisões familiares, fatores culturais, lucro sem limites, violência, clandestinidade, individualismo, relativismos domesticações etc.

Pobreza é que torna o ser humano escravo, objeto e manipulável. Por esta razão “ninguém na Igreja pode sentir-se exonerado da solidariedade para com os pobres”⁷²³ (EG, n. 201). Cada cristão e comunidades são chamadas a ser “instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que

⁷²⁰ Francisco. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 216.

⁷²¹ Id. *Exortação Apotólica A Alegria do Amor*. São Paulo: Loyola, 2016, n. 201.

⁷²² Id. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 52.

⁷²³ Id. *Exortação Aportólica Evangelli Gaudium* (EG): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma: Vaticano, 2013, n. 201.

possam integrar plenamente a sociedade”⁷²⁴ (EG, n. 187), independente do lugar em que se encontrem.

Por fim, toda acolhida e atendimento ao migrante que a Igreja fizer, como a apropriação pastoral e evangelizadora, terá melhores frutos se vividos e testemunhados na realidade concreta de cada lugar e ambiente em que o próprio migrante se encontra. Uma Igreja encarnada, pois o mistério da Encarnação é a ponte que liga Deus à humanidade, na pessoa de Jesus Cristo, na pessoa do próximo e na as ações missionárias da Igreja. O *outro* é o lugar teológico, antes de qualquer concepção social, política ou religiosa. O *outro* tem sua verdade, que deve ser respeitada e com a qual se deve sintonizar na busca da verdade com todo o processo de evangelização. “A graça supõe a cultura e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe”⁷²⁵ (EG, n. 115). Encontro, afeto, acolhida e solidariedade são atitudes essenciais na experiência da fé e do amor. Deus sempre se encontra com o ser humano, pois a própria História da Salvação, da criação, da escatologia é uma experiência migratória.

⁷²⁴ Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma: Vaticano, 2013, n. 187.

⁷²⁵ *Ibid.*, n. 115.

6 Conclusão

As migrações que ocorrem no mundo contemporâneo nos ajudam a refletir sobre a necessidade da busca pela dignidade e vida de todas as pessoas, de todas as raças, nacionalidades e culturas e o direito pela paz, acolhida e liberdade. A Igreja sente e acolhe o apelo dos migrantes e refugiados, dando continuidade aos desafios da evangelização do mundo contemporâneo. A migração é capaz de proporcionar grandes transformações humanas, pois com ela existe uma troca de experiências, entre os que chegam e os que acolhem. Esse processo faz parte da própria experiência salvífica.

A migração no mundo atual é um grande desafio, inclusive, para a Igreja Católica, tornando-se também uma de suas prioridades pastorais. A Igreja tem se empenhado a ajudar a comunidade mundial a encontrar caminhos e respostas para as realidades migratórias. Na sua identidade de Ser Igreja, toma posição diante do sofrimento de tantos filhos de Deus em realidade de migração e refúgio. Sua ação, por meio de sua experiência pastoral, contribui de forma positiva com os processos migratórios.

A realidade pesquisada apresentou uma grande diversidade nas demandas pessoais e pastorais, por isso, são muitas as iniciativas da Igreja nessa esfera, por meio das conferências episcopais, paróquias e organismos eclesiais que contribuem com atendimentos e ajudas aos migrantes, das maneiras mais diversas possíveis indo ao encontro das realidades pessoais e culturais de cada migrante.

O fenômeno migratório tornou-se tão vivo e presente que não permite indiferença. Em lugar de muros e leis cada vez mais rígidas e restritivas, resta-nos o desafio de construir pontes. O mundo parece tornar-se uma pequena aldeia, o pluralismo multiétnico e a mistura de povos, culturas, religiões e visões de mundo é uma realidade irreversível.

A História da Salvação mostra como o caminho de fé é uma peregrinação constante, uma busca dinâmica, onde Deus caminha conosco. Nesse contexto, precisamos enxergar “o fenômeno migratório como um importante sinal dos tempos, um desafio a ser descoberto e valorizado na construção de uma humanidade renovada e no anúncio do Evangelho da paz” (EMCC, n.14).

A missão é um serviço a vida e Deus é o princípio da vida. Dentro da história, o Projeto de Deus se constrói mediante a cultura de cada povo e da ação eficaz do Espírito Santo. A forma definitiva de sua presença é Jesus Cristo. A Igreja está a serviço da vida que é o Reino de Deus, Reino que exige acolhida aos migrantes, carrega esperança baseada na solidariedade de Deus e referencia ética nos direitos fundamentais. É também a Igreja o lugar do diálogo, é o espaço onde em comunidade Jesus reúne diferentes culturas para celebrar a dignidade do *outro*, sem obstáculos e atitudes alienantes e individualistas. O ser humano é sempre chamado, por vocação, em cada tempo e lugar, a recriar espaços de solidariedade e caminhos de defesa da vida. A identidade cristã é sempre uma identidade de relação e de comunhão com o outro. Acolhida e diálogo são condições indispensáveis para a ação evangelizadora.

Podemos dizer que a migração é um fato antropológico, uma experiência de desterritorialização de transformação da pessoa humana. Nela estão contidos dois movimentos importantes: o da saída e desenraizamento e o da chegada e da acolhida. Observamos que a migração é a mais pura expressão de fé, onde temos um ser humano que sai de si mesmo, deixa suas raízes, a sua cultura, parte da sua identidade em uma atitude de esperança e fé, acreditando na mudança. Contudo, também existe um ser humano que será capaz ou não de acolher esse outro que chega com suas diferenças. Quando nesse encontro acontece uma sincera acolhida, a mais pura atitude de amor se manifesta, a exemplo do próprio Evangelho.

Nos ambientes migratórios, a Igreja se coloca como interlocutora e espaço comunitário de Salvação. Esse talvez seja o grande desafio missionário para a Igreja, empenhar-se na Nova Evangelização, sendo capaz de acolher e promover no migrante a sua integração social e eclesial. Nesse aspecto, é a eclesiologia que, de maneira singular, nos dá uma reflexão Teológico-Pastoral sobre os processos migratórios, quando a Igreja é vista como o Povo de Deus a caminho; uma casa de todos e acolhedora do estrangeiro. Isso contribui para manter a comunidade de migrantes unida à comunidade de fé. A Igreja tem sua ação e sua reflexão teológica construída sobre a evangelização das respectivas culturas sua tarefa missionária é de acolher os que já receberam a fé cristã e conhecem e acolhem a

Jesus Cristo e, por outro lado, ajuda a manter viva a fé nos lugares de chegada dos migrantes.

É importante deixar claro que o fenômeno migratório se desenvolve dinamicamente no tempo e no espaço. Isso revela particularidades próprias de motivações e situações das pessoas migradas. As interpretações, significações, como também os processos pastorais e teológicos da Igreja se adaptam a estas particularidades para elaborar caminhos e ações evangelizadoras para as diferentes realidades e para cada migrante em suas singularidades, buscas e necessidades.

Na região estudada, o pluralismo cultural está intrínseco à realidade e a defesa das diversidades já é um dado adquirido. É no tecido social que o migrante tem o seu primeiro contato eclesial, muitas vezes. O fenômeno migratório atual faz a Igreja descobrir e construir vias a serem alcançadas nos respectivos planos de pastoral para a evangelização. Isso não se constitui como um desafio apenas, mas possibilita uma vivência fundamental para a vida e o ser da própria Igreja peregrina e missionária. A complexidade não é só um desafio, mas uma possibilidade promissora para o dinamismo pastoral. Não só os migrantes recebem da Igreja a acolhida misericordiosa, mas também o próprio contexto eclesial é marcado positivamente pela misericórdia. Essa vitalidade da fé causa um dinamismo na experiência humana e a fé se revigora e renova constantemente na ação evangelizadora.

Constatamos, por meio das entrevistas, que a acolhida e a solidariedade têm iluminado a fé e a esperança de muitos migrantes. Assim, como pode ser observado nas falas dos migrantes, diante de um processo tão complexo, não falta na Igreja Católica o diálogo, a ação e o testemunho de pessoas de boa vontade dispostas a viver o Evangelho, no serviço a Nosso Senhor Jesus Cristo.

A Igreja Católica, no atendimento ao migrante dentro do campo da pesquisa, encontrou diante dessa realidade uma oportunidade de crescimento mútuo, tanto para a comunidade local, como para os migrantes que chegam. Neste encontro de culturas, há um enriquecimento mútuo, seja para a sociedade, seja para a própria Igreja. As diferentes culturas enriquecem e fomentam dons e carismas, iluminam e desafiam o ser cristão e contribuem para a própria experiência de fé.

Promover o desenvolvimento integral de toda pessoa vem sendo a prática e a prioridade nas ações para e com os migrantes, dentro da realidade observada e

pesquisada. Existe um profundo respeito pela dignidade humana e pelos direitos de cada pessoa. O direito a vida é o mais fundamental de todos os direitos e não pode depender do estado de estar legal ou ilegal em um país, para ser respeitado e concretizado.

A migração, como foi definida ao longo da tese, não se dá de maneira unívoca, podendo ocorrer de modo livre, voluntário ou forçado, porém o valor, a segurança e os direitos humanos de cada pessoa que migra independem da forma como esta migração acontece.

Os migrantes desafiam a uma condição de mundo que auxilie a cultura do acolhimento e da solidariedade. As comunidades cristãs têm a missão profética de serem sinais da misericórdia, onde nenhuma pessoa humana seja considerada inútil, intrusa ou descartável. O Papa Francisco exorta para uma maior sensibilidade e atenção diante de tantos clamores humanos, especialmente, dos migrantes e refugiados e pede a ousadia da fé para a superação dos medos, por meio de atitudes de misericórdia que promovem a cultura do encontro. Não é mais possível o silêncio e a indiferença diante de tamanha crise humanitária e de uma realidade já estrutural, como da migração.

O rosto de quem chega revela o rosto do Pai. Sair, chegar, receber e acolher se entrelaçam e mostram o próprio rosto de Deus revelado em Jesus Cristo. A própria experiência cristã é uma experiência de saída e de encontro. O ato de acolhida é uma das expressões da misericórdia na qual o acolhido e acolhedor fazem uma profunda experiência de contato íntimo com Deus, gesto que expressa a própria fraternidade, conforme os ensinamentos de Jesus Cristo. O rosto da misericórdia de Deus tem diversas formas e abrange a totalidade dos filhos de Deus, contudo Deus se revela nos pequenos, nos pecadores e nos mais pobres.

A lógica da misericórdia supera a lógica da lei. Misericórdia e compaixão não devem ser confundidas apenas como mera “emotividade”, mas consideradas como atitudes que provocam mudanças de vida, de mentalidade e geram compromissos e responsabilidades com os crucificados na história; fazem crescer em autenticidade cristã, na vida e na dignidade humana. É a ação do Deus misericordioso e compassivo. Mudanças que se fazem por meio de um coração aberto à alteridade, ao respeito, à fraternidade através da experiência de Jesus de Nazaré que mostra a ação sempre como prática amorosa, que faz crescer a fé, o

agir ético e social, vendo em todos os irmãos migrantes. “Imagem e semelhança do Criador” (Gn 1,26).

A Criação, a Escatologia, a História da Salvação são formas de uma experiência de caminho e o caminho não convida ao medo e sim a evitar muros e a criar pontes. É a intolerância que, geralmente, leva à omissão e à indiferença. Em síntese, abrir as portas e ir ao encontro, como discípulos missionários, para o encontro pessoal com os irmãos e com Jesus Cristo, revela a própria natureza da Igreja. A paróquia torna-se o centro da identidade étnica e religiosa, passam a ser multiculturais e, assim, respeitam os vários idiomas e nacionalidades na mesma comunhão paroquial, diocesana e universal.

O migrante, por vezes, deixa uma comunidade sólida e se encontra com uma sociedade individualista, e então, ao perder os pontos de referência, se sente desorientado, sozinho, sem saber como atuar na nova sociedade e ali se produz o choque de cultura. O papel da pastoral e seu desafio é trazê-lo de modo acolhedor e, assim, cumprir a ação missionária que possibilita o encontro com Jesus Cristo.

A pesquisa de campo apresentou um universo de realizações e conquistas existenciais, econômicas, culturais de progresso e bem-estar dos migrantes. Por outro lado, revelou sentimentos e aspirações humanas que se tornam ilusões e sonhos vazios, deixando, muitas vezes, a própria identidade existencial do migrante à margem do contexto social, não conseguindo saber se estão incluídos ou fora da realidade social, cultural e religiosa.

Refletindo a partir do ponto de vista fenomenológico, percebemos que os migrantes sentem-se orgulhosos de serem reconhecidos e de conseguirem uma nacionalidade americana. No entanto, exprimem que não é fácil equilibrar o essencial, que é o amor humano e divino que define e dá sentido a vida. Além disso, a maioria se divide entre a razão, que com o tempo vai se consolidando no objetivo de ficar no país e o coração que entra em conflito entre ficar ou voltar para sua família e cultura.

É visível que a identidade e a imagem dos migrantes, como as dos não migrantes, dependem em parte de relações interpessoais e, nesse aspecto, entre tantos outros valores, a Igreja Católica tem dado uma importante contribuição para a identidade e imagem dos migrantes em suas ações pastorais nas comunidades em que participam os migrantes brasileiros. A evangelização

possibilita, pois, que o ser humano faça a experiência de Deus na realidade concreta em que se encontra. A História da Humanidade é uma história de migrantes, nossa fé confirma: “somos todos peregrinos”.

O apego à língua e à cultura de origem torna-se fator determinante no que refere-se à fé e à comunidade. Por isso, a criação de comunidades que mantém a cultura e a língua tornam-se facilitadoras nos processos pastorais de evangelização. Os migrantes criam encontros e desencontros mediante culturas diferentes. Sempre se faz necessária uma evangelização que contextualize o primeiro anúncio já existente e o desenvolvimento da experiência de fé na realidade cultural que se encontra.

A experiência de fé pessoal, colocada em prática nas comunidades, fortalece, ameniza sentimentos e saudades dentro da realidade migratória, educando, também, para a maturidade da experiência cristã. Dessa forma, os migrantes tornam-se agentes de pastoral que, por meio da acolhida e solidariedade, fortalecem, alimentam e educam a vida cristã de muitos outros migrantes.

Na vida dos migrantes, é possível encontrar quase sempre um dilema paradoxal: a alegria e a esperança de viver uma vida melhor e a renúncia de pessoas e histórias que ficaram para trás. Assim, nesse momento, podemos destacar uma resposta dos migrantes entrevistados frequentemente encontrada nos relatos: “uma vida sem Deus é vazia”.

Importante destacar também que é por nossa culpa, e aqui me incluo como Igreja, omissão e indiferença que muitos migrantes ainda têm medo de se encontrar consigo mesmo, com os outros e com Deus, preferindo encher-se de coisas que só trarão felicidade e segurança momentâneas. As comunidades facilitam a criação de amizades, não sendo apenas grupos de brasileiros, mas amigos que se autodefinem e se ajudam mutuamente, dando força para vencer os desafios dos ambientes migratórios, construindo na vivência da fé pontes de paz, justiça e amor. Entre as percepções que destacamos na observação participante com os migrantes existem duas realidades desafiadoras e duas animadoras. As desafiadoras são: a deportação e a solidão (saudade). As animadoras são: a esperança e o sonho de vida sendo concretizado.

A migração não pode ser definida apenas como uma simples concepção de causas, estatísticas e números; trata-se de uma forma de viver a própria vida. O reflexo de uma vida peregrina que transcende a um simples modo de lutar pela sobrevivência. O importante na vida de um peregrino migrante é uma mão carinhosa que o acolha com amor e ternura.

Há gestos e ações humanas que são difíceis de explicar com palavras, mas que têm efeitos milagrosos, pois são capazes de transformar corações, pensamentos e comportamentos para o bem e a justiça, dignificando e edificando a vida humana. Percebemos que a Igreja Católica na Arquidiocese de Boston, Massachusetts, nos ambientes migratórios, se esforça para fazer e realiza, de maneira evangélica, este serviço de atender e acolher os migrantes no seio de suas comunidades de fé.

A Igreja no seu campo evangelizador tem refletido e se preocupado sobre o discernimento sociopolítico e a sua geopolítica pastoral dos povos e suas culturas, ou seja, uma sociedade que se constitua no horizonte da fraternidade, da justiça, da paz e dignidade para todos. Um diálogo e acolhida que devem ser concretos nas realidades específicas, como é o caso dos migrantes e refugiados. Diálogo que busque construir uma cultura do encontro. Encontro esse não só no reconhecimento de seus iguais, mas na riqueza das diversidades culturais, formando consciência de uma sociedade mais igualitária para todos.

As relações interpessoais são espaços de missão. De um lado, os próprios migrantes são um campo missionário e do outro lado, a migração incentiva e ilumina toda a Igreja Eclesial e, ambas as realidades levam a caminhos de integração social e à pertença a comunidades eclesiais. O testemunho, o diálogo, o serviço e a construção de relações fraternas constituem nos migrantes fatores determinantes na sobrevivência e permanência no país de chegada e na própria vivência da fé. A Igreja passa a representar uma extensão da própria família, local onde não se sente diferente, estranho, sozinho, com medo e desprotegido, mas se sente parte de uma comunidade Igreja, que vive a acolhida, segurança e esperança pela fé. A Igreja torna-se um espaço de paz, segurança e amor.

Os migrantes são sinais visíveis de Jesus, o rosto da misericórdia do Pai. Rosto esse presente nos migrantes e nas pessoas que acompanham e acolhem prontamente os migrantes. Poder encontrar na pessoa do migrante o rosto de Deus

e poder penetrar nas entranhas de Deus, constitui-se em um dom e uma graça. Este rosto dos migrantes no século XXI nos interpela à comunhão, à dignidade, à igualdade, à humildade e envolve a todos como Igreja da esperança para a construção do Reino de Deus.

A ação evangelizadora mostra que as fronteiras não são para dividir os povos, mas para uni-los. Os limites e as diferenças revelam a riqueza das pessoas como criaturas de Deus e nos permite experimentar a própria Graça de Deus agindo. A Igreja, na sua ação e serviço, proclama que as migrações são momentos vitais para o encontro com Deus e com os outros. Uma Igreja da acolhida, de portas abertas, discípula e missionária da alegria, do anúncio e do Evangelho de Jesus Cristo.

Enfim, por derradeiro, concluímos que a Igreja Católica, por meio do serviço de acolhida aos migrantes, mobiliza a comunidade brasileira de migrantes favorecendo o encontro fraterno e solidário. Essa integração facilita a experiência cristã para a vivência da fé e torna-se um dos fatores essenciais para a superação das dificuldades encontradas.

Estamos certos, pois, de que se faz necessária a presença de uma pastoral específica e encarnada nesta realidade migratória, adequando formas de evangelização que favoreçam o encontro com Deus de Jesus Cristo e com a comunidade dos discípulos, isto é, a Igreja.

7

Referências bibliográficas

ACERBI, Antonio. **Due ecclesiology: ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella “Lumen Gentium”**. Bologna: Dehoniane, 1975.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Recorde de 33 milhões de deslocados pela guerra no mundo**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/recorde-de-33-milhoes-de-deslocados-pela-guerra-nomundo/>. Acesso em: 23 maio. 2016.

ADEY, Peter. **Mobility**. London and New York: Routledge, 2010.

ALBERIGO, Giuseppe, (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (orgs.). **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP: Santuário, 2013.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; TRACY, Kátia de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

AMADO, Joel Portella. **Uma Igreja em mudança de época: pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI**. In: REB – Revista Eclesiástica Brasileira. V. 71, 2010.

_____. FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). **Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

AMAR, Georges. **Homo Mobilis: La nueva era de la movilidad**. Buenos Aires: La Crujía, 2011.

AZEVEDO, Dermi. **A Igreja Católica e seu papel político no Brasil**. Rev. Estud., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S01030142004000300009&lng=en&nr m=iso>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BACKES, Marli Terezinha Stein et al. **Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico**. Conceptos de salud y enfermedad a lo largo de la historia desde la mirada epidemiológica y antropológica; Concepts of health/disease along history under the light of epidemiology and anthropology. Rev. enferm. UERJ, v. 17, n. 1, 2009.

BAGGIO, Fabbio (Ed.); BRAZAL, Agnes M. (Ed.). **Faith on the Move: Toward a Theology of Migration in Asia**. Manila: Ateneo de Manila University Press, 2008.

BARAÚNA, Guilherme (O.F.M.). **A Igreja do Vaticano II**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965.

BAUMAN, Zygmunt. **A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna**. Lisboa: Relógio D'água, 2007.

_____. **Estranhos à nossa porta**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zaharr, 2017.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bento XVI. **Carta Apostólica Porta Fidei**. Vaticano, 2011.

_____. **Migrações: sinal dos tempos**. 92º dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 18.10.2005. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/migration/documents/hf_benxvi_mes_20051018_worldmigrantsday.html.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **Rumor de ángeles: la sociedad moderna y el descubrimiento de lo sobrenatural**. Barcelona: Herder, 1975.

BIANCHI, Enzo. **Per una spiritualità dela comunione: unità nella diversità**. Disponível em: <http://it.ismico.org/content/view/4602/169>. Acessado em 17 jan. 2017.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mística, práxis y misericórdia: el impacto de la Teología del Papa Francisco sobre las teologías de Loy**. In: Congresso Internacional de Teologia, 2016. Disponível em www.congressoteologia2016. Acesso em: 17 jan. 2017.

_____. **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta**. Revista pesquisa qualitativa. Ano 1, n. 1. São Paulo: SE&PQ, 2005.

Boletim Além Fronteiras, v. 23, p.2, julho/agosto 2004.

BRETTELL, Caroline (Ed.); HOLLIFIELD, James (Ed.). **Migration Theory: talking across disciplines**. London/New York: Routledge, 2000.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé.** São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2006

BRUMER, Anita. **Gênero, família e globalização.** Porto Alegre: Sociologias, n. 21, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 out. 2012.

BRUYNE, Paul de. HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica.** 5 ed. Rio de Janeiro - RJ: Livraria Francisco Alves, 1991.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

Caderno Mundo. Dados citados no artigo **Número de imigrantes explode e provoca reação de britânicos.** Folha de São Paulo, Domingo, 27 de agosto de 2006.

CAMPESE, Gioacchino. **Non sei più straniera nè ospite.** La teologia delle migrazioni nel XXI secolo. Studi Emigrazione, v. 47, n. 178, 2010, pp. 317-345.

CARITAS/MIGRANTES. **Immigrazione: dossier** estatístico 2010. Roma: Fondazione Idos, 2011.

CASTILLO GUERRA, J. **A Theology of Migration.** Toward a Intercultural methodology in CAMPESE, G.; GROODY, D. (Eds.) A promised land. A perilous journey. Theological perspectives on migration. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008, pp. 243-270, aqui pp. 254-255.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. **The age of Migration: International population movements in the modern world.** 4a. ed. New York / London: The Guilford Press, 2009.

CAVARZERE, Thelma Thais. **Direito Internacional da Pessoa Humana: A circulação internacional de pessoas.** Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo.** São Paulo: Paulinas, 2005. Edição original francesa, 1980.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **As Novas Diretrizes de Ação da Igreja no Brasil (2011-2015).** Disponível em: <http://www.jovensconectados.org.br/wp-content/uploads/2013/10/DGAE-2011-2015-resumo-sint%C3%A9tico.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.** (2015-2019). Doc. nº 102. CNBB: Rio de Janeiro.

_____. **Documento da CNBB nº 100.** Comunidade de Comunidade: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. 2ª Ed. 2014.

_____. **Evangelização e missão profética da Igreja**. Doc. 80. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Mobilidade Humana no Brasil: orientações pastorais**. Brasília: CNBB, 2009.

_____. **Texto base da Campanha da Fraternidade de 2015**. Brasília: CNBB, 2015, n. 78-79.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (V): Aparecida, 13-31 de Maio de 2007. **Documento Final**. Disponível em: [http://kolping.org.br /site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf](http://kolping.org.br/site/Formacao/documento_de_aparecida.pdf). Acessado em: 11 fev. 2015.

_____ (III). celebrada em Puebla no México (DP). Petrópolis: Vozes, 1985.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES E PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”. **Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força**. Roma: Vaticano, 2013.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. Documento Pontifício. **Os refugiados: um desafio à solidariedade**. Vaticano, 1981.

COMBLIN, José. **Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

CRESWELL, John William. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Gemma Tulud. **An Intercultural Theology of Migration: Pilgrims in the Wilderness**. Studies in Systematic Theology 5. Leiden: Brill, 2010.

DE CERTEAU, M. **L`étranger ou L`union dans la différence**. Paris: De Sevil, 2005.

DE PAOLIS, Velasio. **Chiesa e Migrazioni**. Quaderni SIMI, 2. Roma: Urbaniana University Press, 2005.

DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. United Nations. **Population Dicsion**. Disponível em: <https://esa.un.org/unmigration/>. Acesso em: 15.01.2015.

DUCOLI, Bruno Venancio. **Croci e incroci migratori e culturali**. In: REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobiliade Humana, v. 17, n. 26-27, 2006, p. 55-75.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Cidades dos EUA**. Boston, Massachusetts: cidade americana de “primeiros”. Departamento de Estado dos EUA. Agosto de 2013.

ESTRADA, Andrés Arango. **Religião e Migração: estudos de mexicanos católicos nas cidades de San-Diego-CA e Phoenix-AZ, nos Estados Unidos da América, no início do século XXI**. Dissertação: PUC-SP, 2015.

FAIST, Thomas. **The crucial meso-level**. In: HAMMAR, Tomas (Ed.); BROCHMANN, Grete (Ed.); TAMAS, Kristof (Ed.). **International Migration, Immobility and Development: multidisciplinary perspectives**. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997.

FARENA, Maritza Natalia Ferretti Cisneros. **Direitos Humanos dos Migrantes: Ordem Jurídica Internacional e Brasileira**. Curitiba: Juruá, 2012.

FERREIRA, Priscila. **Entenda a hierarquia de governo da Igreja Católica**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/03/entenda-a-hierarquia-de-governo-da-igreja-catolica>. Acesso em: 17 set. 2016.

FINLAY, Linda; EVANS, Ken. **Relational centred qualitative research for psychotherapists and counsellors: exploring meanings and experience**, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

FONDAZIONE Migrantes dela CEI. **Enchiridion della Chiesa per le Migrazioni** - Documenti magisteriali ed ecumenici sulla pastorale dela mobilità umana (1887-2000).

Francisco. **IV Fórum Internacional: Migração e Paz**. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/single-post/2017/02/22/Papa-Francisco-faz-discurso-na-abertura-do-VI-F%C3%B3rum-Migra%C3%A7%C3%A3o-e-Paz-em-Roma>. Acesso em: 03 mar. 2017.

_____. **A Fé é Dom do Espírito Santo transmitida, sobretudo, pelas mulheres**. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/26/papa_f%C3%A9_%C3%A8_dom_do_esp%C3%ADrito_santo_transmitido_pelas_mulheres/1120003. Acesso em: 02.06.2016.

_____. **Carta Encíclica Lumen fidei**. Roma: Vaticano, 2013.

_____. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Discurso do Papa Francisco à Plenária do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (24.05.2013)**. Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco_mobile/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html. Acessado em: 02.02.2014.

_____. **Exortação Apostólica A alegria do amor**. São Paulo: Loyola, 2016.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Roma: Vaticano, 2013.

_____. **Guerra chama a guerra!** A humanidade grita pela paz. (01.09.2013). Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/guerra-chama-guerra-a-humanidade-grita-pela-paz-pa>. Acessado em 27.11.2014.

_____. **Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016:** Os emigrantes e refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia. Roma: Vaticano, 2016.

_____. **Mensagem para o dia mundial do migrante e do refugiado, 2014.** Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-os-migrantes-e-refugiados-nao-sao-p.va>. Acesso em: 27. mai. 2016.

_____. **Migrantes e refugiados:** rumo a um mundo melhor - Mensagem do Papa para a centésima Jornada Mundial dos Migrantes e Refugiados a ter lugar a 19 de Janeiro de 2014. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/storico/2013/09/24/%E2%80%9Cmigrantes_e_refugiados_rumo_a_um_mundo_melhor%E2%80%9D_-_mensagem_do_papa/por-731414.

_____. **Não escravos, sim irmão.** In: Mensagem do Santo Papa Francisco para a Celebração da XLVIII Jornada Mundial da Paz. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/peace/documents/papa-francesco_20141208_messaggio-xlviiii-giornata-mondiale-pace-2015.html. Acesso em: 02 jan. 2015.

_____. **Papa em Lampedusa:** apelo à solidariedade e à acolhida. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/storico/2013/07/08/papa_em_lampedusa_apelo_%C3%A0_solidariedade_e_%C3%A0_acolhida/bra-708578.

_____. **Voz da Verdade** - 29.05.2016. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-recebeu-grande-ima-de-alazhar/>. Acesso em: 03 jun. 2016.

FUMAGALLI, Anna. **Gesù Straniero**. In: BATTISTELLA, Graziano (org.). *Migrazioni*. Dizionario Socio-Pastorale (MDSF). Milão: San Paolo, 2010, p. 516.

GALOT, Jean. **Maria tipo e modelo da Igreja**. In: BARAÚNA, Guilherme (O.F.M.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1965.

GARCIA JÚNIOR, Armando Alvares. **Direito Internacional:** questões atuais. 2 ed. São Paulo: Aduaneiras, 2005.

GASDA, Élio Estanislau. **Globalização e Migração:** Implicações Ético-Teológicas. *Persp. Teol.*41 (2009) 191-210.

_____. **Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo:** lugar teológico, exigência ética, missão da Igreja. In: CNBB. Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo. II Seminário Nacional. Brasília: CNBB, 2012, p. 18-19.

GASPARET, Murialdo; AMADO, Joel Portella. **Humanização na Mobilidade:** evangelização nos ambientes urbanos atuais. Rio de Janeiro, 2013. 147p. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GENKNER, W. (ed.). **The multicultural Church.** A New Landscape in U.S. Theologies. New York; Mahwah: Paulist Press, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. **Towards a definition of transnationalism:** Introductory remarks and research questions. *Annals of the New York Academy of Sciences*, Vol. 645, ix–xiv. DOI:10.1111/j.1749-6632.1992.tb33482.x, 1992.

_____. **Towards a transnational perspective on migration.** Race, class, ethnicity and Nationalism reconsidered. New York: The New York Academic of Sciences, 1992.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa:** tipos fundamentais. *Rev. adm. empres.* [online]. 1995, vol.35, n.3, pp. 20-29. ISSN 0034-7590.

GONÇALVES, Alfredo José (Pe). **Direitos Humanos e Humanos Direitos.** Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/direitos-humanos-e-humanos-direitos>. Acesso em: 22 jul. 2014.

_____. **Fundamento e Fundamentalismo.** Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=77810. Acesso em: 22 jul. 2014

_____. **Migrantes:** vítimas e sujeitos. Adital: Notícias da América Latina e Caribe. Disponível em: http://www.adital.com.br/hotsite_ecumenismo/noticia.asp?lang=PT&cod=78790. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Mobilidade Humana:** retrato de uma economia enferma. Pastoral do Migrante Regional Sul: Itália, Roma, 12.04.2014. Disponível em: <http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br/p/artigos.html>. Acesso em: 22 jul. 2014

_____. **O mundo como pátria.** Instituto Migrações e Direitos Humanos. Disponível em: http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=247:o-mundocomopatria&catid=88&Itemid=1211. Acesso em: 22 jul. 2014.

_____. **Países de Imigração?** Austrália: Scalabrinians, 09.02.2014. Disponível em: <http://www.scalabrini.org/en/media/archive-our-articles/3985-paises-de-imigracao>. Acesso em: 22 abr. 2014.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.). **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GROODY, Daniel G. **La foi sur la frontiere ou la migration comme métaphore de la vie spirituelle**. *Lumen Vitae*, (59), n. 4, 2004.

GUTIERREZ, G. Poverty. **Migration and the option for the Poor**. *Revista Theological Perspectives*, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro**. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **O futuro da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAGAN, Jacqueline; EBAUGH, Helen Rose. **Calling Upon the Sacred: Migrants Use of religion in the Migration Process**. In: *International Migration Review*, v. 37, n. 4, 2003, pp. 1145-1162.

HAMMAR, Tomas (Ed.); BROCHMANN, Grete (Ed.); TAMAS, Kristof (Ed.). **International Migration, Immobility and Development: multidisciplinary perspectives**. Stockholm: Centre for Research in International Migration and Ethnic Relations (CEIFO), Stockholm University, 1997.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (OIM). **World Migration Report 2008: Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy (Relatório Mundial sobre Migração 2008)**, 02.12.2008. Disponível em: www.iom.int/iomwebsite/Publication/ServletSearchPublication. Acesso em: 24 jun. 2014.

ITZIGSOHN, José; SAUCEDO, Silvia Giorguli **Immigrant incorporation and sociocultural transnationalism**. In: *International Migration Review*, v. 36, n. 3, 2002, pp. 766-799.

João XXIII. **Carta Encíclica Mater et Magistra**. Roma: Vaticano, 1961.

_____. **Carta Encíclica Pacem in Terris**. Roma: Vaticano, 1963.

João Paulo II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. Roma: Vaticano, 2001.

_____. **Carta Encíclica Laborem Exercens**. Roma: Vaticano, 1981.

- _____. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. Roma: Vaticano, 1990.
- _____. **Carta Encíclica Ut Unum Sint**. Vaticano, 1995.
- _____. **Mensagem para o 85º dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados**. Roma: Vaticano, 1999, n. 6.
- _____. **Mensagem para o Dia Mundial do Migrante**. Roma: Vaticano, 1995, n. 5.
- Jornal Missão Jovem. Florianópolis: Mundo e Missão. ID: 5737. Outubro, 2005.
- Journal of Hispanic / Latino Theology e na Academy of Catholic Hispanic Theologians of the United States.
- KEELEY, Brian. **International migration**. The human face of globalization. OECD, 2009.
- KUSCHELL, Karl-Josef. **Euro-Islã: desafio ou chance?** In: Concilium 305-2004.
- KOSMIN, Barry; KEYSAR, Ariela. **American Religious Identification Survey (ARIS)**, 2008. Trinity College, 2009.
- Leão XIII. **Carta Encíclica Rerum Novarum**. Roma: Vaticano, 1981.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIMA, Juliana Moreira. **EUA querem evitar mortes na fronteira**. In Correio Braziliense, 28/06/2000, caderno Mundo.
- LUSSI, Carmem. **A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. **Mobilidade humana como lugar teológico**. Elementos de teologia das migrações. In CONCILIUM, v. 328, n. 5, 2008.
- _____. TEPEDINO, Ana Maria. **Circularidade entre migrações e fé**. Reflexões sobre alteridade na Igreja de Comunhão. Rio de Janeiro, 2012. 399p. Tese de Doutorado. PUC-RJ.
- MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado**. Reflexões sobre o fenômeno Religioso. Aparecida: Santuário, 2008.
- MALDONADO, Carlos Eduardo. **Significado espiritual de la filosofía fenomenológica**. In: Actas del IX Congreso Internacional de Filosofía

Latinoamericana. Desafíos de la religión en la época del multiculturalismo y la globalización. [págs. 183-193]. Bogotá: Universidade Santo Tomás, 2003.

MANENTI, René. (diretor). **Studi Emigrazione**: International Journal of Migration Studies. Rivista trimestrale di ricerca, studio e dibattito sul fenomeno migratório. ISSN: 0039-2936, v. 47, n. 178, 2010.

MARCUS, Alan Patrick. **Brazilian Immigration to the United States and the Geographical Imagination**. In: Geographical Review, Vol. 99, No. 4 (Oct., 2009), pp. 481-498.

MARINUCCI, Roberto. **A Pastoral dos Brasileiros no Exterior**. In: Fórum Social das Migrações. Travessias na desordem global. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Identidade e alteridade religiosa em contexto migratório**. In: Travessia, v. XX, n. 57, 2007, p. 26-32.

_____. **Religião, alteridade e migrações**: a estrangeiridade como caminho de encontro. Em REMHU, n.28, 2007.

MÁRMORA, Lélío. **Derechos Humanos y Políticas Migratorias**. In: Nuevas Dimensiones em la Protección del Individuo. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile, 1991.

_____. **Políticas Migratórias Consensuadas em América Latina**. In: Revista Estudos Migratórios Latinoamericanos, n. 50. Buenos Aires: Celma, abril de 2003.

_____. **Seminário Migrações**: Exclusão ou Cidadania? CEM, Brasília-DF de 25 a 27 de setembro de 2003.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos** - um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Fundamentos e Recursos Básicos** – 2. ed. – São Paulo: Moraes, 1994.

MASSEY, Douglas; et al. **Social Structure, household strategies, and the cumulative causation of migration**. Population, 1990, Index 56 (1): 3-26.

_____. **Worlds in motion**. Understanding international migration at the end of the millennium. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amor y Juego**: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia. Santiago - Chile: Instituto de Terapia Cognitiva, 1993.

MELLO. Patrícia Campos. **Reportagem**: Fim da Política ‘pegar e soltar’ assusta brasileiros que migram aos EUA. Folha de São Paulo, Jan. 2017. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1853146-fim-da-politica-pegar-e-soltar-assusta-brasileiros-que-migram-aos-eua.shtml>. Acesso em: 26 jan. 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Mário de França. **Inculturação da Fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **A Salvação de Jesus Cristo**. A Doutrina da Graça. São Paulo: Loyola, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

_____. **O Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta**, p. 26. In: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 31ª Ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2012.

MONLOUBOU, Louis; DUBUIT, François Michel. **Comunhão**. In: Dicionário bíblico universal. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1997

MORAWSKA, Ewa. **A Sociology of Immigration: (Re)Making Multifaceted America**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MORTON, Michael. **Study Shows most Brazilian immigrants here illegally**. In: Metro West Daily News, October 18, 2009. Disponível em: <http://www.metrowestdailynews.com/article/20091018/NEWS/310189962>. Acesso em: 08 ago. 2016.

MUCCHIELLI, Alex. **Les méthodes qualitatives**. Paris: Presses Universiteires de France, 1991.

MUNIZ, Jerônimo Oliveira. **Um ensaio sobre as causas e características da migração**. UFMG/CEDEPLAR/Demografia. Disponível em: http://www.ssc.wisc.edu/~jmuniz/ensaio_migracao.pdf. Acesso em: 15 jan. 2015.

ORTIZ, Olga Odgers. **Movilidades geográficas y espirituales: cambio religioso y migración México-Estados Unidos**. In: Economía, Sociedad y Territorio, v. VI, n. 22, 2006, p. 399-430.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho escravo no Brasil no século XXI**. Programa de Ação Especial para o Combate ao Trabalho Forçado. Genebra: OIT, 2006.

_____. **Uma Aliança Global contra o Trabalho Forçado**. Relatório Global do Seguimento da Declaração da OIT sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho. Brasília: OIT, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Boletim**, n. 6/050. Disponível em: www.unmigration.org. Acessado em: 15.01.2015.

PALÁCIO, Carlos. **O legado da Gaudium et Spes**: riscos e exigências de uma nova condição cristã. In: *Perspectiva Teológica* 73, 1995, p. 337.

PATARRA, N. L. **Migrações Internacionais**: teoria, políticas e movimentos sociais. In: *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, 2006.

Paulo VI. **Carta Encíclica Populorum Progressio**. Roma: Vaticano, 1967.

_____. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Roma: Vaticano, 1964.

_____. **Constituição pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo atual. Roma: Vaticano, 1965.

_____. **Decreto Ad gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. Roma: Vaticano, 1965.

_____. **Decreto Unitatis Redintegratio**: sobre o Ecumenismo. Roma: Vaticano, 1964.

_____. **Discurso na segunda sessão do Concílio Vaticano II**, 4 de dezembro de 1963.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. Roma: Vaticano, 1975.

_____. **Homilia do Papa Paulo VI na Clausura do Concílio Vaticano II**: Solidariedade da Imaculada Conceição. (08.12.1965). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/homilies/1965/documents/hf_pvi_hom_19651208_epilogo-concilio-immacolata.html. Acessado em: 23.03.2015.

_____. **Motu Proprio**: *Pastoralis Migratorum Cura*, Vaticano, 1969.

_____. **Pastoralis Migratorum Cura**. Roma: Vaticano, 1969.

PBE (Assessoria: Cab E Cnbb). **XII Encontro Nacional da Pastoral Brasileira nos EUA**. Missão entre os Migrantes e a Missão dos Migrantes na Igreja. Boston: 26 a 29 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pbeus.com/encontro.html>. Acesso em: 14 Set. 2016.

PEIXOTO, João. **Tráfico, contrabando e migração irregular**. Os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. In: *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 53, 2007.

Pew Research Center. **Unauthorized Immigrants**: How Pew Research Counts Them and What We Know About Them, April 17, 2013. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/2013/04/17/unauthorized-immigrants-how-pewresearch-counts-them-and-what-we-know-about-them/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

_____. **Table: Christian Population in Numbers by Country (2011)**. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2011/12/19/table-christian-population-in-numbers-by-country/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

PERGOLA, Giuliano Della. **Viver a cidade: orientações sobre problemas urbanos**. São Paulo: Paulinas, 2000.

PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à eclesiologia**. São Paulo, Loyola, 1998.

Pio XII. **Constituição Apostólica Exsul Familia**. Roma: Vaticano, 1952.

PISCITELLI, Adriana. **Procurando vítimas do tráfico de pessoas: brasileiras na indústria do sexo na Espanha**. In: REMHU, ano XIX, n. 37, jul./dez. 2011.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES E PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”. **Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força**, Vaticano, 2013.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. **Instrução Erga Migrantes Caritas Christi**. Roma: Vaticano, 2004.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A PASTORAL DAS MIGRAÇÕES E DO TURISMO. **Igreja e Mobilidade Humana**. Roma: Vaticano, 1978.

POOT, Jacques; WALDORF, Brigitte; WISSEN, Leo van (Ed.). **Migration and Human Capital**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2008.

PORTES, Alejandro; De WIND, Josh. **A Cross-Atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration**. In: *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, pp. 828-851.

_____. **Immigration theory for a new century: some problems and opportunities**. In: *International Migration Review*, v. 31, n. 4, 1997, p. 779-825.

RAVENSTEIN, Ernst Georg. **The laws of migration** in *Journal of the Statistical Society on London*, v. 48, n. 2, 1885, p. 167-227; e, ID. “The laws of migration” in *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 52, n. 2, 1889, p. 241-301. Cf. também ARANGO, J. “Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años después” in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, v. 32, 1985, p. 7-26.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1991.

REHILL, Caroline. (2013). **4 Things You May Not Have Known About Brazilian Immigrants** Disponível em: <https://ayuda40yearsandcounting>

.wordpress.com/ 2013/09/07/4-things-you-may-not-have-known-about-brazilian-immigrants/. Acesso em: 08 ago. 2016.

Relatório 60ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos da ONU: Direitos dos Trabalhadores Migrantes, 8 de Abril de 2004 (Arquivo de Documentos da OIM, 2004).

RIOS, Terezinha Azerêdo. **A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 12 – n. 19, p. 80-86, jun. 2016.

RIST, Gilbert. **El desarrollo: historia de una creencia occidental**. Madri: Los Libros de la Catarata, 2002.

RODRÍGUEZ, Alberto Daunis. **Sobre la urgente necesidad de una tipificación autónoma e independiente de la trata de personas**. Barcelona: Universidade de Salamanca – InDret: Revista para el Análisis del Derecho, 1, 2010.

SALES, Teresa. **Brasileiros Longe de Casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA**. São Paulo Perspec. [online]. 2005, vol.19, n.3, pp. 44-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200500030004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SASSEN, Saskia. **Guests and Aliens**. New York: The New Press, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEGRETERIA DI STATO. Libreria Editrice Vaticana (LEV). **Annuario Statisticum Ecclesiae, 2014**. Vaticano, 2016.

SIANI, Sergio Ricardo. CORREA, Dalila Alves. CASAS, Alexandre Luzzi Las. **Fenomenologia, Método Fenomenológico e Pesquisa Empírica: O Instigante Universo da Construção de Conhecimento Esquadrinhada na Experiência de Vida**. Revista de Administração da UNIMEP. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016. ISSN: 1679-5350.

SÍLVIA, Regina Alves Fernandes. (Org.). **Mudança de religião no Brasil**. Desvendando sentidos e motivações. Rio de Janeiro: CERIS, 2006, p. 131-159.

SINGER, Paul Israel. **Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: SINGER, Paul Israel. Economia Política e Urbanização. Cap. 2: 29-60. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

SOLÉ, Carlota; RUBIO, Sònia Parella y CAVALCANTI, Leonardo (Coords.). **Nuevos retos del acionalismo en el estudio de las migraciones**. Madrid: Observatorio Permanente de la Inmigración, 2008.

SOUZA, Josias de. **Reportagem:** Trump erguerá um Muro de Berlim às avessas. UOL, Jan. 2017. Disponível em: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2017/01/26/trump-erguera-um-muro-de-berlim-as-avessas/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

STEINBECK, John (1939). **As Vinhas da Ira:** Literatura, História e Gênero. São Paulo-SP: Record, 2001.

SUSIN, Luiz Carlos; SOBRINO, Jon; WILFRED, Félix. **Um outro mundo é possível.** *Concilium* 308-2004/5; SEOANE, José; TADDEI, Emilio. Resistências mundiais. De Seattle a Porto Alegre. Petrópolis: Vozes/CLACSO/LLPP, 2001.

TASSELLO, Giovanni Graziano. **Una pastorale specifica segno e strumento per una chiesa veramente cattolica.** Quaderni della Segreteria Generale CEI, v. 7, n. 11, 2003.

_____. **Teologia Pastoral e Migrações.** Revista de Teologia e Cultura. Ciberteologia. ISSN 1809-2888. Ano VIII, n. 37.

TAVARES, Sinivaldo Silva (org.). **Memória e Profecia:** a Igreja no Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 55.

TEPEDINO, Ana Maria. **Eclesiologia de comunhão:** uma perspectiva. In: Atualidade telógica. Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, 11, maio/agosto, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 2001.

TILLY, Charles. **Transplanted Networks,** in YANS-Mc Laughlin (ed.). Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom.** 4ª ed. London: John Murray, Albemarle Street 1903.

United Nations Trends in Total Migrant Stock: The 2005 Revision. Disponível em: <http://esa.un.org/migration>. Acesso em: 18 jun. 2009.

United States Catholic Conference. **Welcoming the Stranger Among US:** Unity in Diversity, 2000.

VERTOVEC, Steve (Ed.). **Anthropology of Migration and Multiculturalisms.** New York: Routledge, 2011.

WOOD, Charles. **Equilibrium and historical-structural perspectives on migration.** *International Migration Review*, 16 (2): 298-318, 1982.

ZANINI, Maria Catarina; PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam (org.). **Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento**. Santa Maria: UFSM, 2013.

ZLOTNIK, Harold. **Théories sur les migrations internationales**. In: CASALLI, Graziella; VALLIN, Jacques; WUNSCH, Guillaume. (Ed.). *Demographie: analyse et synthèse*. IV. Les determinants de la migration. Paris: Editions de L'Institut National d'Etudes Démographiques, 2003.

ZONG, Jie; JEANNE, Batalova. **Brazilian Immigrants in the United States** (2016). Disponível: <http://www.migrationpolicy.org/article/brazilian-immigrants-united-states>. Acesso: 08 ago. 2016.

8 ANEXOS

PESQUISA DE CAMPO – BOSTON-MS-EUA

ENTREVISTA 1.

Pergunta 1. Estamos aqui no convento das Irmãs Scalabrinianas. Quanto tempo você está por aqui que trabalha?

Entrevistado 1. Há 16 anos cheguei aqui, no ano de 2001.

Pergunta 2. Como foi evangelizar nesse tempo, nesse tempo de experiência que você tem aqui? Poderia citar a experiência que teve nessas realidades junto aos migrantes?

Entrevistado 1. Como religiosa scalabriniana junto aos migrantes nesses 16 anos, eu trabalhei cinco anos só na parte espiritual, só no apostolado Brasileiro dentro de nossas igrejas... E no ano de 2006 eu não estava feliz só trabalhando nessa parte espiritual, eu sentia que tinha mais necessidades humanas... Para te dizer a verdade, mais do que espirituais... Muitos problemas sociais... Se alguém pensa que os Estados Unidos não têm problemas sociais se engana, são problemas sociais diferentes, mas tem problemas sociais. Então, em conversa com os padres scalabrinianos, que tem o mesmo carisma junto aos migrantes, a gente viu o que poderíamos fazer, então resolvemos abrir o centro Scalabrini, que é uma ajuda social, que é o meu tempo parcial de trabalho. Que a gente fala *full time* e *part time*, então eu trabalho só pela parte da manhã nesse trabalho social, que já faz 11 anos nesse trabalho, onde se pode evangelizar muito... e tenho esse outro trabalho na Arquidiocese de Boston. Enfim, como religiosa eu vou dizer assim e eu sou religiosa, mas o trabalho social que realizo é quase uma espécie de assistente social, psicóloga, e vai por aí... quando a gente senta com uma pessoa que tem câncer de terceiro grau, que não tem seguro de saúde, que mudou para este país, para este estado agora e etc. e tal... realidades diferentes... um outro detalhe é que tu tem gente de todo de todos os estados aqui, de todas as culturas, é bem interessante o trabalho que você tem que fazer aqui a nível espiritual e também a nível social no meu trabalho.

Pergunta 3. Como é essa consciência de uma pastoral migratória no âmbito católico?

Entrevistado 1. Aqui nessa região, para acompanhar os migrantes, tem várias atividades e, especificamente, os scalabrinianos que fazem. Alguns grupos religiosos, outros padres brasileiros que estão aqui, ou em geral tem consciência dos outros padres aqui... O apostolado Brasileiro tem 16 comunidades de fé, comunidades brasileiras. Eu sou a secretaria do apostolado Brasileiro aqui, o escritório é ali atrás dessa porta. São 16 comunidades de fé, onde se reúne os brasileiros. Eu posso te passar depois o mapa com todas as comunidades onde tem as 16 comunidades a diocese de Boston. Não sei se tem ou começa ter uma consciência... Mas é diferente, não é só os padres scalabrinianos, porque todos os padres que vem trabalhar aqui, eles deveriam estar abertos, que o migrante não é um católico qualquer, o católico migrante não é um católico igual ao que os padres estão acostumados a trabalhar numa paróquia do Brasil ou do Paraguai ou de qualquer outro país, da Itália... Como este padre (...) que veio é diferente, mas para te dizer a verdade os que mais estão abertos a se moldar a realidade migratória, a necessidade dos migrantes, não sei se felizmente ou infelizmente, são os padres religiosos. Isso nós podemos ver no compromisso em nossos encontros entre nós, que chamamos aqui agentes pastorais, na ajuda pastoral, na organização de suas comunidades. Eu digo com tristeza, porque muitas vezes os sacerdotes diocesanos, eles têm outros interesses eles têm, talvez, o interesse econômico ou eles têm um interesse de estudo. Temos vários padres que passaram por aqui, eu posso te mostrar o número nesses 25 anos, eu tenho nome tempo de serviço, tudo catalogado no nosso escritório do apostolado Brasileiro, que muitos deles estiveram aqui no período de três anos específico ou cinco anos específico, que é o que a migração determina, e esse tempo era para fazer um curso na Harvard, era para fazer uma pesquisa, fazer o mestrado, fazer uma especialização ou, pelo menos, para começar. Assim, muitos passaram...

Pergunta 4. Existe um plano pastoral aqui na diocese? Quais as atividades que são oferecidas?

Entrevistado 1. O apostolado Brasileiro faz parte da PBE, Pastoral Brasileira no Exterior (...). Então a Pastoral Brasileira no Exterior existe em vários países aqui nos Estados Unidos: tem o apostolado Brasileiro de Boston, como tem também o apostolado Brasileiro na Flórida, tem o apostolado Brasileiro na região central de Nova Iorque, temos os coordenadores regionais da PBE, Pastoral Brasileira no Exterior, e a gente tem um bispo da Conferência Americana aqui, que é

responsável, que é Dom (...), que está bem aqui, é o único bispo brasileiro na Conferência Americana e ele é o responsável para acompanhar os brasileiros os imigrantes aqui na Conferência Americana. Então, houve no último encontro uma assessoria até da Ir. (...) de Bento Gonçalves, para nós delinear um plano pastoral. Tivemos um encontro de oito dias onde ela passou estratégias, linhas, tudo que você pode imaginar e que precisa para um plano pastoral na teoria. A teoria nós temos, mas na prática... de 2013 para cá não foi a lugar nenhum. Nós teremos agora um encontro em outubro da PBEU, Pastoral Brasileira dos Estados Unidos, que vai ser aqui em Boston. Nós que estamos coordenando esse encontro, onde teremos os dois bispos, teremos todos os que trabalham com comunidades brasileira, para tentar... só que o plano pastoral, às vezes, é muito complicado, os padres... acho muito complicado... então o que nós temos são muitas atividades... isso sim inúmeras atividades religiosas, sociais e culturais nas nossas 16 comunidades aqui de Boston.

Pergunta 5. Esse encontro vai ser em outubro? Em que data?

Entrevistado 1. Vai ser no dia 26 de outubro, quer dizer 26 de setembro a 01 de outubro de 2016.

Pergunta 6. E tem missas em português? Tem catequese? Encontro de casais? O que mais os migrantes procuram de referência na Igreja Católica?

Entrevistado 1. Essas 16 comunidades, eu gosto de colocar porque cada comunidade tem a sua característica, tem comunidades que são mais do estilo da renovação carismática, têm comunidades que são mais abertas ao social, têm comunidades que tem o cunho mais cultural, mas assim todas as comunidades tem uma missa e tem comunidades que têm até cinco missas semanais em português. Essas missas têm o seu grupo de cantos, que é uma maravilha. Aqui nós temos grupos de instrumentos, todos os dons muito vivos nas comunidades, as celebrações são muito vivas, porque esses dons os migrantes não têm onde colocá-los, aqui eles são só um número... um pintor, um que trabalha na construção o dia inteiro, uma faxineira, onde ela não pode desenvolver os seus dons humanos que ela tem, que Deus deu a ela, então a igreja é um dos poucos, para não dizer o único, espaço para eles desenvolverem e oferecerem e cultivarem esses dons, da música, de ler uma leitura... Eu vou contar um exemplo, não sei quantos minutos tu tem mais... O primeiro dia que eu cheguei aqui, na primeira semana que eu fui à missa fiquei muito, fiquei muito, impressionada com

animadora, uma comentarista que a gente fala aqui, ela estava no pódio (ambão) com uma postura que para mim era muito mais do que uma pessoa que estava fazendo a ponte entre o padre e o povo, que é a missão do comentarista em uma missa. No final da missa eu cheguei pra ela, eu vou dizer o nome dela... – (...), meu Deus, eu fiquei impressionada com a tua postura, que você estava com uma eloquência, em um pedestal aí no ambão... Aí ela falou: – Irmã eu sou advogada no Brasil, estar em um ambão irmã é como se eu estivesse diante de um juiz defendendo esse povo... porque ela era *house cleaner* e atividades assim como o músico, que não tem onde cantar aqui, a não ser que ele faça numa roda de música sertaneja, em dois meses de verão que temos aqui no pátio e ainda os americanos podem reclamar que está fazendo muito barulho... Então a Igreja é realmente esse espaço para eles. São muito vivas essas atividades nas comunidades. Têm comunidades que tem 15 pastorais, a qual não sei se te interessa listar, mas tem Pastoral Social, Pastoral da Acolhida, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Família, tem serviço de cafezinho, porque o cafezinho é tão importante quanto a missa para os migrantes, porque é um momento deles se encontrarem após a missa... temos a Pastoral do RCC, que é um movimento não é uma pastoral, temos a Pastoral da Juventude, temos a mãe Rainha que é o momento de visita as casas, temos o grupo da Divina Misericórdia, temos a catequese, temos a liturgia, temos os ministros da Eucaristia... É tudo dividido aqui, porque como é muito grande aqui, o número de pessoas que querem trabalhar aqui é muito grande... Têm comunidades que têm de 30 a 40 ministros da Eucaristia, com 20 a 30 leitores que são treinados, eles precisam ter, eles mesmos exigem, eles mesmos têm os seus grupos que se reúnem uma vez por mês, por exemplo, os comentaristas, com o grupo de comentarista, eles têm que ter uma preparação... Acho que as comunidades dos migrantes, elas mesmas, criam uma estrutura que exigem atenção do padre. E os padres que estão aqui estudando não tem esse tempo de estar acompanhando, então, por isso, às vezes, se perdem etc.

Pergunta 7. Como assim?

Entrevistado 1. Então, a catequese, eu também coordeno a catequese, trabalhando na Arquidiocese nessas 16 comunidades. Temos comunidades que tem 350 crianças, numa comunidade, quer dizer é uma paróquia do Brasil com 350 pessoas... Têm 35 catequistas em uma comunidade... Nós temos hoje mais de 200, 300 catequistas auxiliares. O nosso programa é em português. As crianças têm

materiais, claro que a gente fala como bilíngue, vai falando inglês... Elas têm que pintar uma Nossa Senhora... Os pequenininhos vai pintar uma Nossa Senhora Aparecida, vai contar uma história de Nossa Senhora Aparecia... A criança vai fazer uma oração em inglês, mas ela vai aprender a rezar em português a Ave-Maria, porque ela vai celebrar lá na comunidade de fé, no sábado ou no domingo ela vai rezar em português. As crianças aqui não sabem rezar se os pais não ensinam em casa, ou vão, de vez em quando, numa missa em inglês, que é muito difícil, porque os pais não entendem inglês. As crianças nascidas aqui não sabem rezar o Pai Nosso, nem a Ave-Maria em inglês... Então o programa é em português, têm os movimentos todos, têm movimentos de casais, tem curso de noivos tem tudo...

Pergunta 8. Na questão da evangelização, na presença da Igreja Católica... ela ajuda em que sentido a questão de manter a identidade?

Entrevistado 1. Identidade mais do que a fé... A identidade é muito importante... Identidade do migrante... Porque, em minha opinião, é um dos poucos espaços que eles se sentem brasileiros, no sentido de se manter em uma comunidade... Os que querem... Eles se sentem brasileiros em uma comunidade. No momento em que eles colocam as crianças em um programa de escola em português, que tem os programas sociais, mas acima de tudo celebrará fé e celebra em português... Tem a festa de Nossa Senhora Aparecida, tem suas festas juninas, tem a sua procissão de Santo Antônio, as festas devocionais, as devoções aqui é o desafio, porque cada um vem de uma igreja e tem uma devoção... De Santa Rita, por exemplo... Se o padre da comunidade vai festejar todas, teria que fazer uma procissão a cada semana, pois cada um vem de uma comunidade diferente.

Pergunta 9. Tem uma estatística de quantos brasileiros nós temos aqui em Boston? Em Massachusetts?

Entrevistado 1. Não tem, sabe, porque as pessoas indocumentadas nunca vão responder a um censo. Então, nós não sabemos, nem o consulado brasileiro tem a mínima noção de quantos brasileiros temos no estado de Massachusetts, não temos, porque a gente está muito espalhado. Tem pessoas que acreditam que a Igreja Católica não alcança nem 5% da participação, vergonhosamente para nós... Acredita-se que tem 15.000 brasileiros nessa cidade de Everest e na igreja temos 1000 pessoas, então faça as contas... Temos muitas igrejas evangélicas que tem lá

seus interesses... Que assim como abrem em cada esquina, assim fecham em cada esquina também.

Pergunta 10. Você gostaria de acrescentar, livremente, alguma coisa em relação à migração, à Igreja ou outro assunto que você considera importante pra mim, pra pesquisa em si, nessa entrevista?

Entrevistado 1. Esse apostolado é o apostolado Brasileiro mais antigo de todos... Você poderia ser até um apoio para a gente no próximo encontro da PDE, quem sabe daqui a dois anos você pode voltar, pegar essa realidade, dizer, quem sabe, vocês podiam fazer assim, eu teria essa possibilidade blábláblá... Depois de ouvir também todos os migrantes, a necessidade deles... Isso é o que nós vemos como necessidade hoje, nós temos em nossa comunidade pessoas que estão aqui há 25 anos participando das nossas comunidades, mas nós temos também no último ano o número sem medidas de emigrantes que estão chegando do Brasil e se te interessa isso, no meu outro tempo mais livre podemos ir lá, nós temos no centro scalabriniano, nós temos toda relação de números de novos emigrantes que estão chegando... Esses nós não sabemos o porquê vieram aqui... A maioria são os revoltados da economia, revoltados da Dilma... Eu os chamo de revoltados sem causa e outros revoltados têm necessidade de migrar pela crise econômica do Brasil, mas a grande maioria é que tinha uma classe X no Brasil e que tem condição, sonhos e não querem lidar com alguns desprivilégios, viver de forma mais simples... Isso, podemos falar em outra hora sobre um último capítulo seu, sobre essa nova forma, eu falo sério que você poderia como sugestão, eu não sei nada, você poderia pegar tudo desses últimos 25 anos, que para mim é a primeira migração e essa agora é segunda migração, é outro perfil de migrantes, que não querem em hipótese nenhuma limpar banheiro nem trabalhar na construção... Isso é outro capítulo, onde eles estão chegando é um ônus... Precisamos ver se eles vão ficar, quem se digna a trabalhar nos sub trabalhos que os americanos oferecem e que os migrantes que estão aqui há 25 anos, fazem. E por aí vai o que eu diria que temos duas realidades, uma realidade de padres que se abrem a realidade da migração, que muitos não estão em ordem com os sacramentos, mas assumem realmente a misericórdia de Deus... Vamos falar na prática, batizar os filhos de mães solteiras... Não existe mais mãe solteira segundo o papa, existe mãe. Falar com pessoas que não são casadas... Aqui tem padres da nossa região que não falam se não são casados... Então tem uma realidade muito diversa como Igreja,

nós temos aqui padres religiosos, padres do neocatumenato, nós temos aqui outras posturas teológicas na região metropolitana, as pessoas têm um perfil na região sul, na região metropolitana, as pessoas tem um perfil na região oeste norte ou sul, as pessoas tem outro perfil... Você como pesquisador vai observar isso muito.

ENTREVISTA 2.

Pergunta 1. Estamos em uma festa brasileira aqui em Everett. Estou aqui com um Pastor. Quanto tempo aqui em Boston?

Entrevistado 2. Há 25 anos.

Pergunta 2. Me conta um pouquinho pastor da sua história, a sua história de vida com a evangelização.

Entrevistado 2. A gente, evangélico, quando entra para o meio evangélico, a gente diz: - aceitei a Jesus! E vim para cá com um chamado divino, não foi a igreja que me enviou, foi o próprio Deus, que pelo seu espírito, me convocou pra isso e eu aceitei o seu chamado. Aceitei o seu chamado e vim pra cá há 26 anos e me filiei assembleia de Deus... Hoje nós temos um nome americano (...) para atender melhor... Digamos, assim, com o nome em inglês... Tá certo que eu faço um trabalho de evangelismo, cultos vários, evangelizando nas ruas... Fazendo trabalhos menores do que esse. Esse é um dos maiores, onde a gente traz para as ruas pregadores... Traz para as ruas membros, pessoas que participam... Que faz o contato. É certo que agora é uma experiência nova que estamos fazendo, com o intuito muito de agregar a comunidade brasileira aqui nesta rua, que na realidade a rua da igreja podia ser uma rua qualquer, mas aqui de frente pra igreja, então, a gente primeiro, e como você está vendo é um monte de atividades para que o povo brasileiro se sintam bem... Ter o consulado aqui, que prontamente nos atendeu, é uma benção. O consulado aqui, no nosso estado, e a igreja também... Se disponibilizam a entregar folheto, a convidar, porque se nós podemos dar algo de bom para as pessoas, com relação a pessoa tem a possibilidade da embaixada resolver o seu problema e ver parentes, amigos, conterrâneos, porque uma coisa é verdade, a comunidade brasileira devia ser mais aproximada, ela devia ter mais comunhão, ter mais interação, a exemplo do que acontece com os hispânicos, eles são uma sociedade forte, mas eu espero que com iniciativas como essa, por nós aqui, mas em outras igrejas irmãs, a gente vai se aproximando mais.

Pergunta 3. Acho que a própria igreja, em relação os migrantes, dá uma segurança aos brasileiros que chegam aqui na região de Massachusetts, aqui em Boston, não é?

Entrevistado 2. Olha, se a aproximação de uma pessoa normal, com um conterrâneo normal, porque tem pessoas na posição que pode ajudar de uma forma ou de outra, isso é bom... Agora imagine Padre, o quê que Deus não pode fazer por essas pessoas... Como é bom pra essas pessoas irem a um encontro de Deus, porque nós não somos eternos aqui. Então, nós procuramos fazer com que as pessoas conheçam melhor esse Deus e queiram ter intimidade com Ele e querem saber que Ele é bom e misericordioso e que Ele quer abençoar... Se esse povo descobrisse que Deus só quer abençoar, eles corriam né? Se não recebem, e Deus tem muitas bênçãos pra dar, e se não recebem é porque que rejeitam né? Lamentavelmente rejeita... Esse é o papel da igreja, do cristianismo, não é? Na face da terra...

Pergunta 4. Mas pra finalizar pastor, fiquei feliz porque eu fiquei sabendo da sua trajetória... A religião é sempre aquela que nos faz sempre melhores como pessoa humana. O senhor já foi coroinha, me conta um pouco essa história? Já foi católico, depois recebeu um chamado que tocou no coração, na sua mente...

Entrevistado 2. É... Exato. E todo meu ministério, como o senhor acrescentou, quando jovem eu fiz a comunhão, era coroinha da igreja, meu pai me colocou no seminário, na Paraíba em Cajazeiras. Eu fui, mas eu não tinha uma identificação, de mim com o celibato né? Ele é uma das questões, que possivelmente é o casamento e eu queria me casar... E eu não posso ser uma coisa que eu não me identifico. Então eu fiquei como católico. Então quando cheguei aos meus 32 anos recebi um chamado divino. Um dia pela televisão assisti um pregador, muito renomado no Brasil e que está no Brasil chamado (...), e eu vi uma pregação dele, com muita insistência da minha esposa, que já era evangélica e ouvi e fiquei... Quando terminou a pregação estava em lágrimas, em prantos, e tomei a decisão... Fiquei no Brasil por uns oito anos. Sendo evangélico já abracei a causa evangelística e, por outro chamado divino, um para aceitar e outro para vim pra cá com a minha família e com três filhos e uma esposa sem saber falar inglês, sem saber para onde vir... A princípio foi Califórnia e fiz contato lá. Minha esposa chegou até vir e por uma questão que vou falar, não de destino, mas de Deus, um

amigo meu que veio pra cá, que tinha um parente, diz vamos... Então vim pra cá e aqui permaneci, estou aqui há 25 anos, fazendo a obra de evangelização. Eu já vi muitas pessoas aceitar Jesus, muitas pessoas aceitarem a se converterem, serem obreiro, pastores e evangelistas... Continuamos crendo, porque isso é o que Deus quer que façamos né? Que o mundo precisa, que todo mundo precisa, é que alguém fale do amor de Jesus, porque o mundo está mal a cada dia, o mundo vai de pior etc.

ENTREVISTA 3 (casal).

Pergunta 1. Bem estou aqui com um casal, que estão na festa aqui no Everett... A maioria das pessoas aqui é brasileira... Quanto tempo vocês estão aqui no Everett?

Entrevistados 3. Estou aqui há 27 anos e cheguei aqui com 13 anos de idade e eu estou aqui há uns 20 anos.

Pergunta 2. Qual a importância desse encontro para a comunidade brasileira, para os migrantes que estão aqui?

Entrevistados 3. Uma das importâncias pra nós é mostrar a união né? A gente está fazendo isso pra comunidade brasileira, para os americanos também, mas é pra mostrar comunhão né? Pra mostrar que não somos singulares, mas somos um grupo de brasileiros, pra mostrar o amor maior, mas esse momento é também o momento que chamamos de evangelização né?

Pergunta 3. Qual a importância que a Igreja tem pra questão da identidade?

Entrevistados 3. Isso é um dos objetivos também de fazer essa festa, de unir, de mostrar que nós, como brasileiros, somos um povo caloroso né? A gente gosta de ter festa, a gente gosta de fazer churrasco, a gente gosta de abraçar... Pro povo que está longe, que quer falar mais, aqui é um país muito difícil pra gente ter essa comunicação... Da gente ter amizade... E esse é um dos objetivos da gente, mostrar o amor de Cristo, que a Bíblia diz que nós devemos levar o Evangelho a toda criatura... E a gente preocupa tanto em levar pra fora que, às vezes, o de pertinho da gente mesmo a gente não fala do amor de Cristo, não fala de Jesus pra igreja daqui... E, às vezes, a gente vai pro Brasil, vai pra África, vai pra todos os lugares... E porque não começar da onde que é nossas raízes, dos nossos meios, dos nossos vizinhos? Então esse é o objetivo maior pra mostrarmos que nós somos um povo unido, um povo caloroso, um povo amoroso... Pra levar o amor

de Cristo, porque a Bíblia diz que nos últimos dias o amor de muitos esfriaria, mas a gente quer dizer que o amor de Cristo continua queimando em nossos corações e que esse amor não é pra “nós”... E pra nós compartilharmos com nosso próximo.

Pergunta 4. Que bom, que bom! Fico feliz então... Em ter conversado aqui com esse casal simpático e que trabalha em comunhão com Deus e com os irmãos. De dar essa oportunidade de lazer de vida, de encontro, de fraternidade que essa celebração, que eu tive a honra de participar e estar aqui com vocês nessa tarde... Obrigado, obrigado por essa oportunidade.

Entrevistados 3. Muito obrigado por essa oportunidade que o senhor nos deu, de estar fazendo parte desse seu trabalho...

ENTREVISTA 4 (casal).

Pergunta 1. Bom, estou aqui nesta tarde linda, nesta festa linda, nessa rua que (...) em Everett. Estou aprendendo inglês aqui como migrante que acabou de chegar. Eu tenho a alegria de conversar com esse casal bacana maravilhoso, que também está organizando esse encontro tão bonito com a comunidade brasileira e também americana, com carinho no encontro com Deus numa confraternização de uma tarde. Falo com?

Entrevistados 4. Pastora..., eu gostaria de saudar a todos com a paz do senhor e dizer que Jesus ama todo mundo, amém?

Pergunta 2. Amém! E com quem?

Entrevistados 4. Presbítero (...).

Pergunta 3. Eu gostaria de perguntar a vocês dois e pode responder um ou outro ou os dois juntos. O que isso significa em nível de comunidade brasileira? De migração, que se encontra nesse momento de evangelização, qual a importância que a igreja tem, independente da denominação de Igreja, mas como a igreja se encontra com os brasileiros, o que isso ajuda na questão da identidade e até da saudade por estar aqui, em outro lugar, em outra realidade, dentro das diversas formas de migração que existe, das diferentes realidades, qual a importância esse momento tem?

Entrevistados 4. O objetivo dessa festa, né, dessa celebração, é ganhar almas. Esse é o nosso objetivo. Muitos irmãos nossos, né, que não congregam uma igreja, mas que estão aqui, que estão afastados do Senhor, então a gente, né, teve

um... De Deus pra resgatar aquela alma, almas que estão aí perdidas, porque nós estamos vivendo um mundo que as pessoas estão se sentindo muito sozinha. A depressão está tomando conta por falta das pessoas estarem conversando, ter mais diálogo né? Hoje em dia a tecnologia está tomando essa área do diálogo, então, essa festa é mais para poder resgatar essas almas que estão perdidas. É como se a gente fosse uma família acolhendo essas pessoas, que estão aí sem saber para onde ir. E aqui eles vão encontrar comida espiritual e física, porque a gente vai liberar uma palavra de amor, de carinho, de sorriso, e é esse objetivo né? É mostrar o amor de Deus, o amor de Jesus, né? A gente está passando amor de Jesus através de nossas vidas e cada um que chegar aqui a gente pode dar no sorriso, um simples abraço pode transmitir aquilo que Jesus gostaria de transmitir. Então, a gente fica muito feliz. Essa é a nossa primeira festa, né, mas a gente vai ter todo ano. A gente tem várias barracas com comidas; o consulado brasileiro está aqui também pra ajudar a comunidade, aquelas pessoas que tem dificuldade de ir até Boston no consulado, então, hoje, está tendo acesso mais fácil, né, mas assim, né, o nosso intuito é ganhar almas, é ajudar aquelas pessoas que estão precisando de uma palavra, de um carinho, porque, às vezes, as pessoas ficam preenchendo tempo com coisas que não vão trazer benefícios, então, esse é um tempo que a gente pode preencher com a presença do Senhor. A gente está divertindo, comendo, se alimentando e recebendo, né, a palavra de Deus, porque a gente também tem mais lá pra baixo... Depois eu vou levar vocês lá pra barraquinha do evangelismo onde as pessoas estão evangelizando; a barraquinha da intercessão, que tem onde as pessoas estão orando pelas almas; e se tem aqui alguém que está caminhando, americano e brasileiro, que não conheceu Jesus ainda, ou que não conhece que não sabe quem realmente é Jesus ou até ouvi falar, mas não tem essa experiência com Jesus, a gente tem os irmãos que estão lá na barraquinha intercedendo, orando, dando uma palavra, né, para abençoar a vida das pessoas. Então, a gente está muito feliz porque é a nossa primeira festa para Jesus e está sendo um sucesso, porque a gente está vendo bastante gente, inclusive, é feriado segunda-feira, dia 4 de julho, independência dos Estados Unidos, então até que a gente está com uma quantidade boa de pessoas, porque, geralmente, todo mundo viaja né? Então, a gente está muito feliz porque é o nosso primeiro ano de muitos que Jesus vai nos dar para ganhar almas, pra ir, nós todos, pro céu, juntos.

Pergunta 4. Que bom, pastora, porque eu sou testemunha ocular disso, da acolhida, do abraço... Da hora que eu cheguei... O jeito que vocês me acolheram e o bem querer, me apresentando para as pessoas, com a graça de Deus. Isso é muito bom! Até um louva-a-deus baixou aqui no gravador enquanto você falava.

Entrevistados 4. É, é, Jesus confirmando, glória a Deus! A gente quer deixar bem claro que essa festa, quem é o dono é Jesus, nós somos só os servos fiéis que estamos obedecendo ao que Ele mandou a gente fazer, levar um pouco de alegria. Que só Jesus tem alegria, que só Jesus dá a nossa alegria, porque nós somos um povo alegre, um povo abençoado para contagiar os vizinhos, contagiar a cidade de Everett. Então, a gente está muito feliz de estar fazendo isso. De estar servindo ao Senhor dessa maneira, porque servir ao Senhor, isso é levar um abraço, levar um sorriso, é levar algo que vai deixar a pessoa mais feliz. Porque pra muitas pessoas, às vezes, simplesmente, um abraço que você dá, um sorriso, é aquilo que as pessoas estavam esperando. Tenho testemunha disso, das pessoas que ganharam um abraço que já mudou todo seu dia, então, a gente está muito feliz de estar aqui, podendo fazer esse trabalho, servindo o Senhor com honra.

Pergunta 5. Obrigado pastora. Presbítero, me diz uma coisa, quanto tempo vocês estão aqui no país, aqui no estado de Boston?

Entrevistado 4. Eu tenho 32 anos. Pastora diz: eu cheguei em 98, então bastante tempo.

Pergunta 6. E esse trabalho de evangelização, da Igreja, uma palavrinha sobre esse trabalho... Isso tem ajudado as pessoas a se sentirem acolhidas? Na questão do encontro pessoal com Jesus? Ajuda as pessoas?

Entrevistados 4. Claro que sim, né? Jesus é o caminho, a verdade, então, se Ele está junto com a pessoa, Ele é tudo, entendeu? Então, se ele encontrou Jesus no caminho, na vida dele, ele praticamente tá com tudo. A gente, com Jesus, somos tudo. Então, se a pessoa veio do Brasil e não tem uma base, que é Jesus, fica... Encontrou Jesus aqui é a melhor coisa na vida dele.

Pergunta 7. A distância existe só fisicamente, mas não de alma, de coração, né? Eu fico feliz e quero agradecer muito a vocês pela acolhida. Vai ser muito bom isto, que vai ser vi um trabalho de tese, que vai servir para outras pessoas que migram que vem, o mais importante...

Entrevistados 4. E eu vou te dar um exemplo, um exemplo para concluir... Eu estou aqui muito tempo sem ir ao Brasil, então, é uma saudade que não tem explicação, né, não tem nem como explicar a saudade que fica do meu país, do meu pai, da minha mãe, todo mundo pergunta para mim como você que é filha única aguenta ficar tanto tempo longe da sua família, da sua mãe, do seu pai? E eu sempre respondo sem pensar: Jesus. Seu não tivesse Jesus na minha vida eu não teria forças para ficar aqui, porque quando cheguei, eu estava afastada dos caminhos do Senhor, eu sentia muita tristeza, chorava muito, muita falta dos meus familiares... e quando eu fui para Jesus, eu sinto mais Ele, me ajuda... Ele dá forças para quem está aqui longe dos familiares... e a saudade vem de uma força, fica até fora de si de tanta saudade. Então, eu recomendo, como experiência própria, se agarrar com Jesus, porque Ele vai ajudar, vai ajudar você suportar essa saudade, Ele vai preencher essa saudade que você sente, dos seus familiares... Ele é o nosso consolador, né, para todas as horas difíceis. Então, quero deixar essa experiência do que eu passei para todo mundo, para todas as pessoas que estarão escutando essa reportagem e dizer que Jesus ama todo mundo. Um beijo no coração de vocês e se vocês escutarem e estiver aqui por perto estão convidados para participar do nosso culto, temos culto sábado, dos jovens, oito horas, temos culto domingo de manhã em inglês, onze e meia e a noite, seis e meia da tarde temos o culto, escola dominical domingo às dez da manhã, temos culto de campanha quinta-feira às oito. Então, assim, não tem como dizer não tem dia para mim, porque nós temos culto terça-feira oito horas, a gente tem culto, tem culto quinta, tem culto sexta-feira das irmãs, domingo duas vezes, então, assim, está sentindo sozinho, está sentindo depressão, está sentindo sozinho, está sentindo triste, com problema vem pra Jesus, porque Jesus vai ajudar a amenizar essa dor, amém!

Muito obrigado Pastora. Obrigado presbítero. Foi um prazer, obrigado pela acolhida, Deus continue abençoando muito vocês, o trabalho de evangelização, vossa família, com a graça de Deus. E que vocês continuem cuidando de todos os brasileiros que chegarem aqui.

Entrevistados 4. Amém.

ENTREVISTA 5.

Pergunta 1. Estou aqui muito feliz, por ser acolhido nessa festa aqui no Everett, nessa rua de brasileiros... Estou aqui com o pastor?

Entrevistado 5. Pastor...

Pergunta 2. Foi ele... ele que é o responsável desse momento, desse primeiro encontro, não é verdade? De brasileiros aqui e também americanos, que estão aqui nesse encontro, tem sempre muito, mas primeiro da evangelização... De um encontro com o Senhor, de um encontro com os irmãos... Isso é muito importante, que a gente encontre uma palavra... É muito importante para convivência, até pra evangelização.

Entrevistado 5. Claro, nosso desejo é de alcançar a comunidade. E nós estamos aqui para servir, né? Jesus disse que aquele que é maior é aquele que serve, então, todo aquele que serve está automaticamente fazendo aquilo que Deus ensinou. Então, nosso desejo é de ajudar a comunidade, de unir comunidades, seja você evangélico seja você não evangélico. Não só os brasileiros, mas a vizinhança em geral, nós temos haitianos, nós temos árabes, que estão aqui conosco, além dos árabes, nós temos os ucranianos, americanos que também estão aqui. Fora os americanos, nós temos os hispanos, fora dos brasileiros e o nosso desejo foi realmente de unir o povo para ter um momento de celebração. É o título do evento... É o motivo do evento. Claro que a igreja que está fazendo, nós somos os representantes coordenando a igreja no dia mundial para as nações... Nosso Pastor Presidente é o pastor (...) de Jesus e eu estou na frente desse trabalho, claro, que com a benção de Deus, mas também com (...) ação do nosso pastor pra poder ajudar a todos, né? Esse ano nós estamos aqui com Consulado Geral do Brasil em Boston um consulado móvel aí em Boston, também nós temos um advogado que dá conselhos sobre qualquer área legal, seja pra compra de casa, imigração, ele ajuda a você. Então, esse ano, nós estamos com esse serviço e temos a intenção de aumentar, para servir a necessidade geral da comunidade, sejam pessoas que estão chegando do Brasil, pessoas que estão sem trabalho, estão precisando de um trabalho, então, nosso intuito não é só de fazer uma festa, mas é de servir a comunidade. No meio do serviço à comunidade nós estamos festejando, que também está próximo do quatro de julho, né, então, nós estamos aproveitando para celebrar a liberdade, né? O título do nosso evento é *Liberty Festival*, que é festival da liberdade, e nós sabemos que quatro de julho é segunda-feira. Hoje é dia dois, né, então nós estamos aqui celebrando a liberdade. Claro que aquele que

é evangélico ou católico celebra a liberdade que ele tem em Cristo, mas aquele que não conhece a Jesus ele celebra a liberdade que ele tem na vida, né, aquela que foi conseguida no sangue de muitas pessoas, em guerras nesse país, então, nós estamos aqui dando parabéns para a América também, né, que é o país que nos acolheu e que nos abençoa. E é o país que recebe os emigrantes de coração muito aberto, então, nós estamos aqui como imigrantes em uma terra que abençoa emigrantes e imigrantes, abençoando os americanos na terra, né? Então esse é o desejo do evento de também ter esse momento em família, esse momento alegre, esse momento de comunhão, de serviço à comunidade e para todos saber que a igreja está aqui para abençoar e para amar. Está aqui não para condenar, porque Jesus nos ensinou a não condenar nenhuma pessoa, porque Ele veio ao mundo para salvar, então nós estamos aqui para salvar também, estamos aqui para ser um hospital que ajuda pessoa que está de coração partido, que está aqui perdida e não tem família, não tem ninguém, mas a igreja está aqui como uma família para poder receber, para poder abraçar e poder dizer para essa pessoa: olha, nós te amamos e você não está sozinho, estamos aqui como seus irmãos, estamos aqui como compatriotas, para poder abençoar a sua vida. Então esse é o nosso desejo, nosso desejo de realmente fazer o bem, A bíblia diz que devemos fazer o bem para todos, então nós estamos aqui fazendo o que a palavra de Deus diz, fazendo um bem para todos, seja você evangélico, seja você não evangélico, seja você ateu ou não ateu, nós estamos aqui fazendo o bem para você.

Pergunta 3. Muito obrigado. Faz muito tempo que você está aqui? Você veio do Brasil? Você veio da onde?

Entrevistado 5. Olha eu sou de São Paulo e, praticamente, eu vivi aqui, desde a minha adolescência, então, já faz 22 anos que estamos aqui, estamos servindo ao Senhor. Eu comecei o Ministério cedo, já com 15 anos de idade já trabalhava nas igrejas, servindo. Então é o nosso prazer fazer isso, né, então já estamos muito tempo aqui, né, então já acostumei com a cultura americana, mas sempre tem aquele gostinho de Brasil, né, nunca deixaremos de ser brasileiros, porque quando chegamos ao Brasil nos sentimos em casa, mas quando estamos aqui nos sentimos em casa também, estamos felizes de estar aqui.

Pergunta 4. Muito obrigado, te agradeço imensamente. Primeiramente, agradeço a acolhida que vocês tiveram comigo, todos vocês, desde que eu cheguei. Cheguei na sexta-feira e vim a convite do Consulado. Vocês tem uma

coisa legal e cheguei aqui fui muito bem acolhido, com carinho de todos vocês. Acho que isso é a coisa mais bonita que eu imaginei... Que é sentir que, realmente, esse trabalho que vocês estão fazendo e essa condição de liberdade, e acolher sem ver quem com muito carinho e um espaço de crescimento de vida. Muito obrigado, parabéns pela linda iniciativa. Esse é o primeiro ano, que continue e que Deus os abençoe e muito obrigado.

Entrevistado 5. Muito obrigado meu querido padre. Deus abençoe viu?

ENTREVISTA 6.

Pergunta 1. Eu estou aqui agora com?

Entrevistado 6. (mulher).

Pergunta 2. Quanto tempo você está aqui nessa cidade? Vem da onde do Brasil?

Entrevistado 6. Então, eu nasci aqui, né, estou nessa igreja desde quando eu nasci. Com meus três aninhos eu comecei a cantar e canto até hoje, louvando a Deus.

Pergunta 3. Que bom, que bom! Você tem uma função específica na Igreja... Você faz parte de que ministério?

Entrevistado 6. Eu faço parte do ministério do louvor.

Pergunta 4. Que bom! Então, o quê que para você, significa esse momento? Tiveram outras iniciativas, de outras formas de encontro com Deus e com os irmãos, mas dessa maneira é a primeira vez que vocês estão realizando. Qual a importância disso em um ambiente de acolhida, de identidade, pra quem é de fora pra quem tem saudade de quem deixou longe, e de quem já nasceu aqui também cria uma....

Entrevista cortada.

ENTREVISTA 7.

Pergunta 1. Eu estou aqui com a pastora?

Entrevistado 7. Pastora.

Pergunta 2. E eu gostaria de saber, assim, o quê você está achando desse momento da igreja, como evangelização?

Entrevistado 7. Eu estou achando isso aqui muito inédito, muito lindo, porque quando povo de Deus se reúne algo sempre acontece, né? Eu falei com pastor Soares, que é um dos nossos pastores mais antigos daqui, que o povo de Deus ele

precisa estar unido. E é uma estratégia muito boa que eles fizeram de o consulado estar presente aqui, com as crianças... As mães acabam trazendo as crianças aqui... Estou com americanos aqui agora também, reunindo povos de todas as igrejas... A gente está aqui como corpo de Cristo, todos unidos celebrando a Jesus, celebrando a vitória, a união, a unidade... Isso é muito importante.

Pergunta 3. Eu fico muito feliz e também por saber que você exerce o ministério e louva a Deus, através da música, da canção, né? Você tem quantos CDs?

Entrevistado 7. Eu tenho uns 15 CDs gravados. Uma música que eu gravei com 15 aninhos de idade, que foi a minha primeira música de trabalho, que se chama Anjos de Deus, também foi gravada depois de uns 10 anos pelo padre Marcelo Rossi.

Pergunta 4. Muito bom, muito prazer em ter conhecido e em estar aqui. Um grande abraço.

Entrevistado 7. Que bom, que Deus abençoe, porque Jesus Cristo salva, amém!

Terceiro: E para concluir, gostaria de dizer que o pai dela está aqui desde 1985, 30 anos no Ministério e é o pioneiro desta igreja, que depois surgiram as demais. Ele começou a igreja com 14 pessoa, nosso ministério hoje tem cerca de 400 igrejas espalhadas no mundo. Evidente que algumas ficaram independentes - é verdade - mas muitos pastores aqui abriram outras igrejas, comunidades evangélicas e tem como benção o Ministério de Boston.

ENTREVISTA 8.

Pergunta 1. Pronto eu estou aqui com um amigo que encontrei nessa festa bacana, que tivemos aqui no Everett, no bairro em Boston, estou aqui com um amigo, como é o teu nome?

Entrevistado 8. (homem).

Pergunta 2. Ele está aqui há um ano e vai contar um pouquinho da história dele, dá onde ele era do Brasil e veio pra cá... A história pra gente ter, assim, uma noção dos caminhos da migração.

Entrevistado 8. Bom a gente chegou na Itália e morei 22 anos na Itália. Chegamos aqui em 96. Na Itália moramos muito bem lá e decidimos voltar para o Brasil dois anos atrás, só que não deu certo e ficamos oito meses no Brasil e retornamos para Itália. Fiquei um ano desempregado até que um amigo abençoado aí me chamou, me chamou pros Estados Unidos, terra das oportunidades, graças a

Deus. Chegamos em Boston... Família brasileira muito boa e fui muito bem acolhido... Aqui tem muitos brasileiros e eu acredito que nossa comunidade aqui passe de 5.000 em nossa região aqui, nossa cidade tem 34.000 habitantes aqui... 5000 habitantes que são brasileiros. Eu morava bem pertinho do Vaticano, do lado da capela sistina, 13 anos trabalhei do lado da capela sistina.

Pergunta 3. Que lugar tu é do Brasil então?

Entrevistado 8. De Santa Catarina.

Pergunta 4. Que bom! Pai e mãe estão por lá? Os irmãos?

Entrevistado 8. Graças a Deus tudo bem, tudo bem de saúde, a gente manda uma lembrança muito grande para eles.

Pergunta 5. Então fico feliz. Um grande abraço e obrigado pela entrevista.

Entrevistado 8. Obrigado pela oportunidade, um abraço.

Pergunta 6. Nós vamos continuar a entrevista com nosso amigo, aqui, que tá dizendo que cada migrante tem sua história sua realidade e suas dificuldades. Estava me falando, aqui, de quem passa pelo México, dizendo da dificuldade que passa pela fronteira.

Entrevistado 8. Pois é, eu tive um amigo aí, que ele disse que quando saiu de casa até chegar em Boston ficou três meses sem dar notícias à família, hoje está bem, está aqui há 11 anos, porém há 11 anos que não vê a família dele... O caminho de volta até pode fazer, só que não pode retornar né? E ficaram três meses perdido no deserto, com os coiotes... Essa é uma realidade de muita gente muita. Muita gente entrou pela porta da frente veio da Itália diretamente a Boston... Agora muitos conterrâneos aí, brasileiros, vêm por outros caminhos e se aventuram... Muita gente nem chegou, aqui, dos brasileiros que tentaram a travessia...

Pergunta 7. Muito obrigado. Essa é uma informação importante, porque nos mostra um pouquinho a realidade que não é só de alegrias, mas tem os desafios de toda imigração, de todos os lugares. E outra coisa, assim, tu professa qual religião?

Entrevistado 8. Sou católico, minha esposa é filha de pastor evangélico. Existem duas filhas menores, aí, que estão na evangelização, aí, estamos tentando ensinar a palavra de Nosso Senhor... Deus é um só.

Pergunta 8. Voltamos aqui a nossa entrevista com o nosso amigo, com a história de emigrantes que tentou passar a fronteira...

Entrevistado 8. Foram duas primas que vieram com o coiote para entregar aqui em Boston. Na hora bateu a migração e disse: - correm! Só que na hora do aperto, aí cada uma foi “prum” lado e era de noite, cada um foi “prum” lado se esconder e uma delas foi picada por uma cobra, uma cobra venenosa, infelizmente, o coiote falou: - não tem condições de levar... Uma só foi e a outra ficou no deserto...

Pergunta 9. São histórias tristes...

Entrevistado 9. São histórias tristes que as pessoas contam... a gente até se abala né? Se abala sim, porque a gente imagina sempre com uma história... a história é da realidade é outra... a história de pessoas que enfrentam isso para chegarem aqui.

Pergunta 10. São realidades humanas, assim, muito difíceis que às vezes as pessoas enfrentam para poder ter uma oportunidade de vida, procuram melhorar né? Uma realidade social, até econômica nos países das oportunidades... De sustentar as famílias, viver dignamente...

Entrevistado 8. Eu estava em um país de primeiro mundo, considerado... Mas o mundo hoje está com uma defasagem de empregos... A Itália está chegando em torno de 100.000 pessoas desempregadas por mês.

Pergunta 11. E tem a realidade dos que vão atravessar as fronteiras dos refugiados, que também pesa muito né? Que, às vezes, tira o emprego de quem já está...

Entrevistado 8. Sim, pessoas que chegam da guerra, chegam ali com família... A gente que trabalha ganhando um salário muito mal, eles chegam ali trabalhando por 70% a menos, injusto, mas tem que viver é a hora da oferta e da procura né?

Pergunta 12. Na Europa toda está acontecendo isso...

Entrevistado 8. Sim, está acontecendo com profissionais formados, muito capacitados que trabalham por um preço... Então acaba tendo esse problema aí... É um problema justamente da imigração, porque está tendo por causa das guerras.

Pergunta 13. Você na verdade não entrou como migrante, mas conseguiu a cidadania né?

Entrevistado 8. A cidadania sim, eu tenho descendência alemã e eu tenho descendência italiana.

Pergunta 14. Então praticamente você é cidadão italiano.

Entrevistado 8. Eu sou cidadão italiano, por isso a gente entrou pela porta da frente né? Que não precisa de visto, né, quem é cidadão europeu.

Pergunta 15. Entendi. Muito obrigado, foi um prazer e muito preciosa a tua contribuição.

Entrevistado 8. muito agradecido.

ENTREVISTA 9.

Pergunta 1. Você é da onde?

Entrevistado 9. Eu sou de Ponta Grossa-Paraná. Não tenho passaporte, o passaporte está vencido. Sou casado, os filhos são nascidos aqui e moro aqui há 26 anos, na América, nunca fui no consulado, não tenho documento nenhum, nunca registrei, não tenho documento nenhum do Brasil, tenho um passaporte extraviado... Certidão de nascimento no Brasil só isso.

Pergunta 2. Que realidade! Toda família está assim também?

Entrevistado 9. Tá da mesma forma, os meninos nasceram aqui, o menino meu fez 18 anos agora, mês passado e ele não tem CPF e não tem título de eleitor, só tem certidão, só isso, graças a Deus, já tem um caminho...

Terceiro: Agora vou te dizer os passos: você tem que dizer grupo família tá? Aí vai perguntar o que você vem fazer aqui, fazer o passaporte, registro de casamento, registrar o casamento tá? Passaporte, registro de militar, de eleitor e CPF, tudo... e o militar que você vai querer é a definitiva, que não é reservista, ok? A lei agora diz que todo cidadão estrangeiro que está no exterior, que a gente já pede também automaticamente a definitiva... Você está fora do tempo, aí, vai ter umas multinhas que você vai ter que pagar, aí, você vai pagar, aí, não tem problema né? Tu tá ganhando em dólar vai pagar em dólar lá, faz parte, faz parte...

ENTREVISTA 10.

Pergunta 1. Estamos aqui saindo de Boston, da Madame Queen, do santuário, nos dirigindo para um lugar chamado *Low*, na divisa, uma das últimas cidades, de Massachusetts. Estou aqui falando com?

Entrevistado 10. (homem) Sou natural de Santa Catarina, sou de Criciúma, estou aqui há 18 anos, sempre participando da nossa comunidade católica, ali, da cidade do Low. E em 2000 fundei o grupo de casais, que hoje a gente mudou o nome e passa a ser pastoral da família. E sempre atento, ali, com as coisas da comunidade.

Pergunta 2. O primeiro lugar que você veio como migrante foi pra cá?

Entrevistado 10. Sim. Eu vim diretamente do Brasil para cidade de Low, porque eu já tinha um irmão que morava ali e me erradiquei ali e estou até hoje.

Pergunta 3. Você é de que cidade do Brasil?

Entrevistado 10. Sou de Criciúma.

Pergunta 4. O que te motivou a migrar? Foi porque seu irmão estava aqui? Ou por causa de trabalho?

Entrevistado 10. Sim. Eu tive algumas oportunidades boas no Brasil. Trabalhei 15 anos em uma empresa grande, que inclusive tinha uma filial em Pelotas, uma empresa de embalagens plásticas e depois, com o passar do tempo, eu montei meu próprio negócio, minha esposa tinha comércio e eu tinha caminhões, viajava pelo Brasil... E a economia do Brasil, todo mundo sabe, que têm altos e baixos e chegou um período que ficou difícil, aí, eu acabei vendendo todas as minhas coisas no Brasil definitivamente. Eu tinha meu irmão aqui que sempre me incentivava a vim pra cá e acabei vindo de vez pra cá.

Pergunta 5. E ficou alguém da família pra lá? Ou veio todo mundo?

Entrevistado 10. Não, ficou bastante da família, inclusive, na época tinha um irmão meu e uma irmã aqui e depois eu vim e da família mesmo só nós três... Ainda tenho cinco irmãs no Brasil e na época eu tinha meus pais, ainda eram vivos, e assim que eu cheguei aqui minha mãe sofreu um derrame, ficando seis anos em um leito de uma cama... Ela paralisou um lado e perdeu a voz e quando ela faleceu, eu também não pude estar presente porque eu não tinha documento para poder retornar do Brasil, meus documentos, meu visto, já tinha expirado tudo, mas acabei perdendo a minha mãe sem poder vê-la... E depois, quatro anos depois, meu pai ficou doente e com 42 dias ele também faleceu e, nessa época, eu já tinha documentos. Fui ver o meu pai, mas, infelizmente, eu cheguei um dia depois... É o preço que a gente paga por estar longe da família. A gente vem buscar os sonhos, mas paga algum preço né?

Pergunta 6. E, outra coisa, você foi bem recebido aqui pelos brasileiros? Tem um irmão que mora aqui, mas foi bem recebido?

Entrevistado 10. Sim, sim, fui bem recebido e, na época, também como nossa comunidade estava iniciando o processo e o padre da nossa comunidade era um padre que eu já tinha trabalhado com ele lá em Criciúma, eu era ministro da comunhão, e sempre trabalhei lá na comunidade, lá em Criciúma participava de tudo, então já tinha algum contato com ele e cheguei aqui já comecei a ajudar ele aqui como ministro... Ele se aproveitou um pouco do meu conhecimento e ajudei bastante ele, risos.

Pergunta 7. Então, você está se sentindo bem aqui. Você se considera estar se sentindo bem aqui porque já tinha um passado que conhecia, já tinha seu irmão, já tinha uma acolhida familiar bem legal. Você aconselharia alguém a migrar? É uma oportunidade boa aqui na América ou não?

Entrevistado 10. Com certeza, desde a época que eu cheguei aqui, lá no Brasil vive me pedindo ajuda, apoio, incentivo e sempre vou estar disponível sempre. Dou a minha palavra alguém sempre dando incentivo para quem quiser vir, porque se não se torna até um egoísmo da parte da gente né? Estou aqui, estar tendo oportunidades... E não querer que outros também evoluam também na vida? Isso eu sempre fiz. Uma vez aconteceu de uma irmã minha me falar: - é tanta gente ligando aqui querendo teu telefone, eu não acho certo... Eu falei: - todo mundo que precisar de mim pode dar, porque eu precisei também.

Pergunta 8. Sim quem ajuda é ajudado não é verdade? Que coisa boa. Você fala inglês aqui? Já aprendeu aqui na prática?

Entrevistado 10. Eu não. Eu cheguei aqui não sabia nem dizer *thank you*. A prática me fez, aí eu fui pra escola também, comecei a trabalhando aqui já direto à noite. Coisa que eu nunca tinha feito no Brasil.

Pergunta 9. Hoje você trabalha em que aqui?

Entrevistado 10. Eu sou caminhoneiro. Eu trabalho, eu trabalhei 12 anos em uma empresa, cheguei a chefe geral de uma companhia, na parte dos transportes, depois me desliguei. Comprei um caminhão próprio para mim, aí fiquei dois anos trabalhando entre Nova Iorque e Pensilvânia, mas ficava longe da família, aí, não era conveniente, daí, eu passei o caminhão. Vendi o caminhão e hoje estou trabalhando empregado em uma empresa próximo da minha casa. Vou todo dia em casa. Finais de semana estou sempre em casa, com a família e tenho tempo para poder ir para igreja. Antes eu não estava tendo esse tempo aí.

Pergunta 10. Você tem vontade de retornar para o Brasil um dia?

Entrevistado 10. Não. E o sonho de um dia voltar, a gente sempre carrega isso com a gente... Voltar às raízes... A hora que tiver (de voltar) eu já tenho tempo suficiente no Brasil, porque eu nunca deixei de pagar o meu INPS, já tenho tempo suficiente e só estou aguardando mais um pouco a idade, para não perder tanto né? Minha esposa também, só que os filhos, com certeza, não voltam não, então, a gente vai ter que ter uma vida um pouco lá um pouco aqui.

Pergunta 11. Seus filhos já são naturalizados aqui?

Entrevistado 10. Sim. Já são. Eu tenho dois filhos que vieram do Brasil, mas já são todos os dois legais, e tenho duas filhas que nasceram aqui, elas naturalmente já são americanas.

Pergunta 12. Ah, que bom, que bom! O que mais você sente falta do Brasil? Assim, quando você pensa no Brasil.

Entrevistado 10. É o carinho dos amigos, estar com os amigos, assim, churrasco, aquela coisa da gente poder visitar... Lá no Brasil a gente ia na casa do outro visitar os amigos... Fazer alguma coisa aqui, em função da correria do tempo do trabalho que todo mundo tem horário diversificado para trabalho, não acontece isso.

Pergunta 13. Na verdade você participava da Igreja Católica no Brasil, até já foi seminarista não é?

Entrevistado 10. sim, já fui seminarista orionita por seis anos no Seminário de Siderópolis. Cheguei a fazer um ano de noviciado e depois me desliguei, mas nunca me desliguei dos meus trabalhos na Igreja.

Pergunta 14. Tanto é que agora você vai para lá para um encontro, não é?

Entrevistado 10. Um encontro de ex-seminaristas orionitas. Todos, lá da época de 74 – 80, então, já teve dois e esse ano está sendo o terceiro e eu vou participar.

Pergunta 15. Você se sentiu acolhido pelos americanos aqui?

Entrevistado 10. Sim, sim. Tive boa acolhida, inclusive, nessa empresa que eu trabalhei durante 12 anos eu fui muito bem recebido, a maioria era tudo americano, chefe americano, e o pessoal me respeitava e eu cheguei ao cargo de chefia e o pessoal me respeitava de tal maneira, muito melhor até mesmo do que os próprios imigrantes.

Pergunta 16. E a Igreja Católica? Você já era da Igreja, então, já se sentiu em casa. A Igreja Católica te deu uma sustentação de comunidade, não é verdade?

Entrevistado 10. Sim, foi o que no início, quando a gente chega aqui, é o que nos sustenta né? Chegar no final de semana, estar lá com a comunidade, poder fazer os amigos, refazer as amizades que a gente deixa no Brasil... A gente tinha um ciclo de amizades, chega aqui você está em estaca zero, então, tem que refazer tudo de novo e a partir da Igreja a gente consegue isso. Nos momentos do café depois da missa que a gente começa conversar com um, com outro, da onde que

vem, da onde que veio, onde trabalha... Assim é que foi surgindo meu novo ciclo de amizades.

Pergunta 17. Então esse encontro que tu já tinha feito com Jesus Cristo, foi crescendo ainda mais com os amigos aqui... O que você acha da igreja que você frequenta em Low? Você acha que ela é tranquila, uma Igreja viva, participativa?

Entrevistado 10. Sim. Uma Igreja bem participante. A gente começou praticamente na estaca zero e hoje nós temos todas as pastorais funcionando, temos secretaria, tudo coisa que a gente foi construindo ao longo do tempo e, infelizmente, agora nós estamos sem um padre fixo, que dá o sustento, um porte para a comunidade, porque a comunidade precisa de um padre acompanhando. Então, a gente está sem agora, mas acredito que em pouco tempo estará resolvido, pra poder dar continuidade em nosso trabalho, deixar o pessoal animado para não enfraquecer.

Pergunta 18. Muda alguma coisa na igreja, o que você percebe na igreja do Brasil com essa igreja norte-americana? O tipo de missa celebrada tem diferença?

Entrevistado 10. Sim, sim, tem diferença, os próprios americanos... Assim, periodicamente, algumas missas que a gente usa uma igreja mexicana né? Então tem os horários das missas dos americanos e tem as nossas. Então, às vezes, algumas datas durante o ano a gente faz uma missa coletiva, entre nós e eles, todo mundo junto, e eles mesmos comentam com a gente quando vem as nossas missas, que as nossas missas são mais animadas... As deles, assim, são mais calmas, sem aquela animação dos cantos, sem aquele calor humano... Eles sentem isso. Até nos próprios instrumentos musicais que usam para as nossas missas, para as nossas celebrações, a deles é no máximo um órgão, um piano, às vezes, algumas vezes, um violão. Nós, por exemplo, por muito tempo tinha um senhor que tocava gaita, então, tínhamos até gaita nas missas e isso aí fazia uma diferença...

Pergunta 19. Me diz uma coisa, você teve dificuldades com a questão da migração, ou coisa assim?

Entrevistado 10. Foi tudo tranquilo, eu nunca tive dificuldades... A minha história é um pouco complicada, é que lá no Brasil pra conseguir o visto é um pouco uma questão de loteria né, ganha um, outros não ganham, eu não ganhei o meu visto,

daí eu estava preparado na cabeça de vir para cá, então, eu tentei o visto canadense, aí eu vim pelo Canadá junto com um amigo. A gente veio junto pra não vim sozinho... Eu vim pelo Canadá, a minha esposa ficou no Brasil, grávida, aí ela veio seis meses depois e ela veio com um passaporte da irmã dela, que ela também não tinha conseguido visto e veio com passaporte da irmã dela, grávida de oito meses... Coisa que foi tudo por Deus, porque ela não poderia nem voar com oito meses de gravidez e ela passou na imigração em Nova Iorque perfeitamente, sem problemas, chegou aqui e depois de 22 dias a minha filha nasceu e aí eu deixei os meus filhos lá, todos dois pequenos, estavam com 10 e outro com 2 anos, depois a gente trouxe os meus filhos pelo México... Paguei um cunhado meu para acompanhar eles, porque ele já tinha vindo aqui uma vez pelo México, sabe o processo, o caminho, aí ele veio. Então, dois anos depois que consegui reunir toda minha família de novo... Eu trabalhava numa padaria que meu irmão já trabalhava 14 anos e minha irmã trabalhava 12 anos e eu só cheguei e o patrão lá mandou eu ir trabalhar... Em seguida, em 2001, eu cheguei aqui em 1999, e no início de 2001 saiu a lei que o Clinton assinou, a lei do trabalho e só saiu a lei meu patrão lá, assinou a carteira pra mim e aí logo em seguida eu consegui pro meu guri... Hoje já sou cidadão, as portas foram se abrindo assim pra mim, naturalmente...

Pergunta 20. Que bom! Você tem agora alguma coisa, assim, que gostaria de deixar de mensagem, de acrescentar pra gente?

Entrevistado 10. É a mensagem que eu quero deixar para todos que forem ouvir essa nossa conversa, esse nosso bate papo aqui, agora, dessa sua pesquisa, para que todos que tem um sonho não deixar de realizar, não deixe de correr atrás e não deixe nunca... Deixa Deus no caminho junto, porque só ele vai poder te guiar... Esses nossos passos, nosso horizonte e com Ele a gente sabe que tudo vai ocorrer bem, assim como ocorreu para mim.

Pergunta 21. Que bom, que bom, foi um prazer conversar com você. Jesus te abençoe então.

Entrevistado 10. Amém. E continuando essa mensagem final, uma das coisas que a gente percebe é que as pessoas mesmo quando morava no Brasil quer participar ativos em suas comunidades, nas suas igrejas, quando chegam aqui e se dão com a facilidade de ganhar dinheiro com uma vida melhor, de ter um carro melhor, coisas que não tiveram no Brasil, todo conforto melhor, supre sua prateleira sem

dificuldade, acaba esquecendo que tem um poder maior, que deu essa garantia, que foi Deus e acabam se afastando da Igreja... Então uma das coisas que a gente pede é que as pessoas procuram ser mais consciente na área afetiva, para poder segurar a família porque muitas vezes destroem a família por causa do lado financeiro, que começa trabalhar 25 horas por dia, oito dias na semana... acaba faltando hora pra família, pra igreja, pros amigos, pro lazer, esquece até de viver por querer o dinheiro.

Pergunta 22. Você acha que os brasileiros aqui, eles são unidos ou tem uma dificuldade de unidade? Os hispânicos são mais unidos do que os brasileiros?

Entrevistado 10. Não. Os hispânicos são mais unidos do que os brasileiros... Eu acho que as comunidades brasileiras estão começando, já teve fases melhores e agora a gente está percebendo, por exemplo, que ficou um período que quase não chegava mais imigrante e agora está chegando... A gente percebe em todas as missas sempre tem um chegando novo, se apresentando. E acredito que também tenha em outras igrejas dos evangélicos... Todo domingo está chegando gente nova, então agora o pessoal já está começando a sentir esse calor... De poder ir a missa novamente até pelo fato de estar acolhendo essas pessoas, que estão chegando... Mas já foi um pouco mais unido, deu uma estabilizada, assim, uma parada, mas agora a gente percebe que realmente está começando a elevar de novo esse patamar aí.

Pergunta 23. Eu ontem conversei com uma pessoa que ficou 20 anos na Itália com esposa, trabalhando 20 anos e ficou difícil por causa da crise e voltou para o Brasil e ficou um ano e meio lá e veio para cá faz um ano que está aqui, está agora com a esposa e os filhos aqui um ano, porque estava ficando difícil... As pessoas estão voltando e nem sempre é do Brasil, muitos estão vindo dos países da Europa, não é?

Entrevistado 10. Exatamente. Na Europa eu tinha vários sobrinhos, parentes que estavam na Europa e voltaram para o Brasil por causa das dificuldades e pensam no sonho até de vir para cá e depois que começa a viver fora do Brasil, principalmente a pessoa que é nova querendo adquirir para o futuro, chega no Brasil dá com aquele impacto da economia brasileira, com as dificuldades e se sente um peixe fora d'água para conseguir um trabalho e aí bota na cabeça aquele sonho de vir para a América, que é o sonho de todo mundo vir pra América.

Pergunta 24. Outra coisa importante aqui a gente conversando, aqui nessa viagem agradável, indo celebrar a Eucaristia Santa, na missa em *Low*... Nós estávamos conversando exatamente que eu não tive muita dificuldade na migração, porque na verdade foi apenas fazer o toque de mão, que se chama (...) nas duas mãos e passei tranquilamente... Aí estávamos falando que a realidade, por exemplo, se eu tivesse visto religioso, ou se eu tivesse alguma identificação ficaria até mais difícil eu fazer a imigração... Exatamente pelas dificuldades que houve aqui de algumas situações... Que são na verdade algumas coisas que nós que somos igrejas... Mas que fazem parte, porque a Igreja é santa e pecadora. A gente se esforça, mas tenta fazer o melhor, às vezes, nem consegue fazer o que se deve... O que Deus nos pede... A gente vai se ajuda dentro da miséria humana, mas é um pouco isso não é?

Entrevistado 10. E vamos até, talvez, pagando pelo erro dos outros, que cometeram crimes, o erro da carne e tal. E aqui teve muito isso, exatamente o que a gente estava conversando, talvez o visto religioso hoje, inclusive, lá no Brasil poucos padres conseguiriam o visto religioso para vir pra cá em função dessa rigorosidade que existe hoje com a migração, com relação à Igreja, com relação à Igreja católica pelo acontecido no passado.

Pergunta 25. A questão de pedofilia... Foram vários casos?

Entrevistado 10. Foram vários casos e a Igreja Católica, principalmente, aqui na nossa área de Boston, que foi muito afetada, está pagando muito caro por isso, para se reerguer, mas está difícil, mas está se conseguindo e já mudou bastante.

Pergunta 26. E já mudou bastante, tem um cardeal aí, diferente que tem um rigor maior... Mas você conhece muita gente que se afastou por causa disso? Da igreja?

Entrevistado 10. Sim. Porque... falar... a fraqueza também levou a isso, não tem nada a ver uma coisa com a outra, tem pessoas que se afastam da igreja porque não gostam do padre, acho que não tem nada a ver... Claro que o padre ajuda, mas nada que deve abandonar a Igreja.

Relatando o final da viagem com o Entrevistado: Nós acabamos de chegar aqui, na igreja de *Low*, nós estávamos conversando... Essa igreja é uma igreja americana, porque a igreja dos brasileiros aqui fica mais adiante, mas pelos fatos, os escândalos da pedofilia e outros escândalos que aconteceram, a igreja foi colocada à venda e foi vendido o patrimônio, espaço onde era

celebrada as missas dos brasileiros e agora é celebrada, então, através de uma permuta, numa igreja americana, onde tem três comunidades que dividem o espaço da celebração eucarística... Os franceses, os ingleses e os brasileiros. A nossa missa aqui é quinze para o meio dia, às dezoito horas e às seis da tarde.

ENTREVISTA 11.

Pergunta 1. Então, acabamos de celebrar a Eucaristia na comunidade de Low. Aqui eu falo com?

Entrevistada 11. (mulher).

Pergunta 2. É natural de onde?

Entrevistada 11. Eu sou natural de Curitiba e atualmente eu moro no interior de São Paulo em Limeira.

Pergunta 3. E você está passeando por aqui? Me conta um pouquinho a sua história.

Entrevistada 11. Então, na verdade a gente veio com a família toda, eu e meu marido e minhas duas filhas em 1999. Estivemos aqui por nove anos entre idas e vindas... A gente participava da comunidade, isso traz um pouco de avivamento na nossa vida e a gente precisa disso, porque a gente sente muita falta da nossa família... Sente e fica carente... Isso faz com que você se sinta mais entre amigos, acolhido, poder falar sua língua e poder ir e vir dentro de uma comunidade. Foi muito bom para nós. A gente retornou para o Brasil devido à saúde do meu sogro e a vida também não é só ganhar dinheiro... Então a gente vive uma vida, tenta viver uma vida plena e uma vida em Deus, então a gente resolveu voltar depois de oito anos. A minha filha não se acostumou com o Brasil, por causa de todas as dificuldades que a gente conhece, ela resolveu voltar e o meu marido e eu apoiamos e agora ela está aqui grávida e eu vim dar uma ajudinha para ela, porque ela está passando um pouco mal. Tenho que retornar em agosto, porque também tenho uma filha no Brasil, que também está grávida e vai ter bebê em setembro e se Deus quiser em setembro estarei aqui, de volta, mas não pretendo morar como a gente já morou né? A gente vai vir só a passeio.

Pergunta 4. Está certo seu coração de mãe tem que se dividir várias vezes, não é verdade? Pode ter certeza que isso vai dar o nascimento de duas crianças abençoadas, vindo com saúde com certeza. E me conta uma coisa,

isso significa então que a sua filha quer ficar por aqui e vai querer morar por aqui então... Como vocês foram recebidos, na primeira vez que vieram aqui, pelos americanos? Primeiro pela comunidade brasileira, depois pelos americanos.

Entrevistada 11. Então, na verdade, assim, quando você vem é um impacto muito grande na sua vida, né, não só língua como os costumes, tudo... Tudo é muito diferente. Então, você acaba aprendendo a viver novamente, porque quando você chega aqui você não tem um inglês muito bom, você acaba não sabendo falar, ler e não sabendo escrever você acaba sendo meio que um analfabeto, então, aos pouquinhos, a gente vai se melhorando, aprendendo os costumes, a língua e, com isso, entre a comunidade que nos ajuda muito. Para mim, foi muito interessante as meninas irem para a catequese na igreja. A gente morava muito próximo e eu ia quase sempre lá... E pensava, eu preciso achar alguém que me diga se vai ter catequese, se não vai ter, porque eu queria que minhas filhas fizessem isso, porque eu tive isso, então, eu queria que minhas filhas fizessem. Então, graças a Deus, eu tive e na época era uma senhora que se chamava Coca, então ela dava a catequese para as crianças e era uma alegria para nós. Tivemos um padre, o padre Pedro... Então era muito poucas pessoas, porém a gente foi lapidando, chamando as pessoas. Fui muito bem recebida e a comunidade americana, na verdade, assim, a experiência que eu tive, eu fui muito bem tratada, sempre com respeito. A gente pra ter respeito, se a gente quer, a gente tem que dar. Então, se a gente está no país deles a gente não pode invadir trazer os nossos costumes e simplesmente jogar, a gente tem que respeitar as pessoas... Acho que é isso né?

Pergunta 5. O que mais você sente falta do Brasil e o que mais você sente falta de Boston?

Entrevistada 11. Do Brasil, obviamente, a gente sente muita falta da nossa família, dos nossos costumes, de você poder parar no sinal, parar em algum lugar e falar a sua língua e ser cem por cento entendidos, a gente sente muita falta realmente dos pais, irmãos e tudo mais... De Boston a gente sente falta de muita coisa, principalmente, quando a gente conhece, sabe que é um lugar tranquilo e é muito limpo, muito organizado, é seguro e você sente, assim, fazendo parte daquilo, parece que não existe, é um lugar - nossa! - parece surreal, mas é real, é um lugar muito gostoso para se viver.

Pergunta 6. Muito bem, então você participa da igreja lá e participa da igreja aqui. Isso é uma coisa que já vem de família, tradição?

Entrevistada 11. Sim, na verdade quando a gente é assim, aprende tudo pequenininho com os pais e batizou e crismou, fez tudo e chega numa idade, na adolescência, maior, dá uma “afastadinha”, foi o que aconteceu comigo, porém quando as minhas meninas cresceram e casamos na Igreja e tudo, quando as minhas filhas estavam na idade da catequese foi quando a gente voltou para Igreja e a Igreja pede, tem que trazer os pais... isso é uma coisa primordial para mim, isso foi uma coisa que me trouxe de volta para Igreja, me colocou para ajudar a servir o irmão e a gente já estava praticando isso lá e chegamos aqui sentimos falta, que a gente precisava muito disso. Sem Deus a gente não é nada nessa vida e foi muito importante, porque eu tenho duas filhas, graças a Deus, muito abençoada, marido que está lá no Brasil cuidando das nossas coisas, que também é uma benção de Deus, agradeço muito a Deus por ele e aqui estou, aqui, muito feliz. Assim que eu cheguei pensei: preciso ir na Igreja, preciso ir na Igreja, preciso muito agradecer a Deus por tudo que acontece na minha vida.

Pergunta 7. A Igreja Católica é uma referência para migrantes, para quem está por aqui, como uma colhida até para o encontro com outras pessoas, mesmo que não sejam do mesmo pensamento, da mesma religião diferente. A igreja é um lugar de acolhida, não é verdade? Para o migrante...

Entrevistada 11. Com certeza. A princípio assim, quando a gente começou na Igreja, com Padre (...) que trabalhou com a gente, nós tínhamos após a celebração, aqui mesmo, nesse espaço, a gente realizava um café e eu fui coordenadora desse café. A gente dizia um social, mas era um social assim onde os brasileiros trocavam ideias sobre serviço, sobre apartamento, sobre as nossas preocupações aqui, porque chega o inverno, que é muito rigoroso, então a gente instruíamos os imigrantes que estavam chegando, que não tinha experiência de ter sempre um cobertor, a água, a alimentação dentro de um carro, pois a gente chega não com muito dinheiro, não pode fazer qualquer compra qualquer tipo de carro. O perigo de você parar na pista e você ficar sem o aquecedor do seu carro, sem uma água para beber, por exemplo, muito perigoso, sem alimentação, então, a comunidade fazia esse trabalho muito bonito e muito importante... A gente trocava ideias sobre trabalho, um *help* no carro, na limpeza, pra mim foi muitíssimo importante.

Pergunta 8. E para finalizar, você gostaria de acrescentar alguma coisa? Ou deixar uma mensagem, que você gostaria de dizer sobre a experiência de vida?

Entrevistada 11. A experiência de vida minha é que sem Deus a gente não é nada e que a gente precisa mostrar isso para nossos filhos, enquanto eles são jovens, porque eles no começo, a princípio, eles são novinhos têm uma certa resistência, mas eles vão lá no futuro eles vão ver como foi bom ter puxado a orelha, ter levado e que na vida da gente a gente não leva nada, simplesmente, Deus, o amor e o próximo. Isso é muito, muito, muito importante.

Pergunta 9. Muito, muito obrigado. Deus abençoe e Deus sabe de todas as coisas... Quem sabe a gente não cruze pelos netos aí da vida... Deus sempre faz as suas... Das suas “deuscidências”, não as coincidências... Deus providencia sempre...

Entrevistada 11. Sempre.

ENTREVISTA 12 (casal).

Pergunta 1. Então, estamos aqui com uma família linda, abençoada, não é verdade? Vou pedir o nome de vocês.

Entrevistados 12. (um casal e dois filhos).

Pergunta 2. Vocês são de que lugar?

Entrevistados 12. Nós somos de Vitória, Espírito Santo.

Pergunta 3. É, quanto tempo vocês estão aqui?

Entrevistados 12. Seis meses.

Pergunta 4. Então vocês são recém-chegados, que bom! E Eu estou aqui há três dias e vocês há seis meses, risos, quase igual, quase igual... E vocês vieram pra ficar?

Entrevistados 12. Sim.

Pergunta 5. Assim, vocês vieram pra ficar e aí vieram com a família toda e o Braian nasceu aqui?

Entrevistados 12. Sim, os dois, os dois nasceram aqui. Ela (filha) em uma outra viagem.

Pergunta 6. O que motivou vocês a migrarem? Uma questão econômica, financeira?

Entrevistados 13. Foi uma... Para cumprir uma meta, um objetivo pra mim, de estudar inglês. A minha intenção é de estudar agora e aprender inglês.

Pergunta 7. Ficou gente pra trás lá? Os familiares?

Entrevistados 14. Ficaram meus pais, meus irmãos... E eu também deixei dois filhos também com.. com...

Pergunta 8. Ah, com outra esposa?

Entrevistado 12. Com outra esposa.

Pergunta 9. Como vocês foram recebidos aqui pelos brasileiros?

Entrevistados 12. Os brasileiros aqui, eles ficam muitos felizes aqui, os brasileiros eles fazem festas.

Pergunta 10. Ah, que bom. Então, assim, o que mais... É quando você pensa no Brasil nesses últimos seis meses o que mais você sente falta?

Entrevistados 12. Eu sinto falta das amizades antigas que eu tinha. Tinha muitas amizades e chega a dar um nozinho na garganta... e eu sinto falta das reuniões de família que tinha...

Pergunta 11. Vocês participavam da Igreja lá?

Entrevistados 12. sim.

Pergunta 12. Então vocês participavam e aqui vocês encontraram a comunidade igreja aqui de novo né?

Entrevistados 12. É e, por incrível que pareça parece, até coincidência, nós nos casamos na paróquia São Francisco de Assis em Laranjeiras e aqui é Sagrado Coração e nós fomos muito bem recebidos.

Pergunta 13. E outra coisa, a Igreja ajuda a vocês? Tipo, assim, a matar a saudade, tipo amenizar a saudade, tipo a encontrar outros brasileiros, conversar com outra gente, ter outras experiências, ajuda?

Entrevistados 12. Ajuda sim a gente... É como a gente entrasse em casa de novo né? Você se sente acolhido, em casa.

Pergunta 14. E agora para finalizar, qual a diferença que vocês acham que existe entre a igreja daqui americana com a Igreja do Brasil?

Entrevistados 12. Essa pergunta não posso te responder porque eu não participei de uma missa americana, só participei de brasileira.

Pergunta 15. Só brasileira, que bom, que bom... Eu agradeço imensamente e desejo que vocês tenham muito sucesso e já tem já muitas bênçãos de Deus. Você está segurando uma delas em seu colo, o (...) e a (...). Que Deus abençoe

vocês. Permaneçam sempre na paz e na graça de Deus. Vocês querem mandar uma mensagem, assim, uma mensagem final?

Entrevistados 12. Nós que agradecemos você, por estar passando a palavra de Deus pra gente, nos sentimos bem abençoado com a sua presença aqui.

Pergunta 16. Amém. Muito obrigado. Obrigado mesmo pelo carinho de vocês.

Entrevistados 12. Você é muito carismático, parece que todo mundo acolheu você e se você fosse ficar ia até ter muito sucesso.

ENTREVISTA 13.

Pergunta 1. Estou aqui com meu amigo, tomando uma cervejinha, em um lugar tão agradável na casa dele, uma comidinha depois da celebração da missa, com um churrasquinho, uma linguiça muito bem preparada, embaixo do parreiral que dá a uva, tem pimenta... Nós vamos perguntar, qual é o seu nome?

Entrevistado 13. (homem).

Pergunta 2. Você é de onde mesmo do Brasil?

Entrevistado 13. Eu sou de Minas Gerais.

Pergunta 3. Minas Gerais... Governador.

Entrevistado 13 (esposa): Eu sou de Belo Horizonte. Contagem.

Pergunta 4. Há quanto tempo você está por aqui?

Entrevistado 13. Tem dois anos e meio.

Pergunta 5. E você trabalha aqui?

Entrevistado 13. Eu trabalho como limpa carro, limpador de carro.

Pergunta 6. E você pode me dizer como que é isso aqui? Esse é um trabalho de dignidade aqui?

Entrevistado 13. Honrado... A gente é honrado como qualquer médico, qualquer advogado, a gente aqui é tratado como um ser humano, não tem discriminação.

Pergunta 7. Muito bem. E como você foi recebido aqui pelos brasileiros?

Entrevistado 13. Fui muito bem recebido. A comunidade brasileira, ela é muito acolhedora aqui. Cada um sabe o que a gente enfrenta, problemas que já enfrentaram né? Como todo imigrante enfrenta problemas, muitos entram ilegais, que vivem aqui depois que o visto já venceu... A gente é muito bem recebido, principalmente, na nossa comunidade. É fora de sério.

Pergunta 8. E ficou alguém para trás?

Entrevistado 13. Eu tenho três filhos que ficaram para trás, ficaram no Brasil.

Pergunta 9. Isso dá saudade de vez em quando?

Entrevistado 13. Muita saudade, minha mãe também faleceu e eu já estava aqui, não podia ir ao enterro... Ficou muitos irmãos, assim, eu tenho nove irmãos lá no Brasil e ainda muita parentada.

Pergunta 10. E você já fala inglês? Ou tá aprendendo ainda aí com a galera?

Entrevistado 13. *I don't speak, more less, more less* (risos).

Pergunta 11. *More less* é mais ou menos. Que bom, dá pra se virar, não é verdade? E gostaria de perguntar o que é que mais você sente falta no Brasil?

Entrevistado 13. Dá saudade só da minha vida, das minhas filhas, dos parentes, dos meus irmãos... Mais nada. Só família, porque o país não dá saudade.

Pergunta 12. Você se sentiu acolhido pelos americanos aqui?

Entrevistado 13. Não tive nenhuma discriminação, nenhuma, nada, fui muito bem acolhido mesmo e sem falar inglês. As pessoas compreende muito a gente, a gente fala que não sabe falar inglês e elas falam assim: - *ok no problem, no problem*. E faz a gente se sentir como se a gente fosse de casa, se comunica assim mesmo, sem saber falar e as pessoas entendem.

Pergunta 13. Me diz uma coisa, você participava de igreja lá (no Brasil) e participa da Igreja aqui?

Entrevistado 13. Participava da Igreja lá e eu gostava muito da Igreja de São Judas Tadeu lá em Contagem e cheguei logo participando da comunidade, já tocando piano.

Pergunta 14. E aí, a igreja também é um lugar de referência, de acolhida, não é verdade?

Entrevistado 13. É verdade, a gente conhece muitas pessoas aqui, e que ajudam a gente mutuamente, uns ajudam os outros.

Pergunta 15. E outra coisa que eu queria perguntar pra já ir finalizando nossa conversa, com nosso amigo, que é importante, assim, qual a diferença que tu acha entre América e o nosso país?

Entrevistado 13. Risos... Principalmente o preconceito, a discriminação aqui não tem, aqui você pode sair de pijama na rua que as pessoas não olham para você. Isso é muito importante, a gente sai de um serviço sujo entra em um restaurante, em qualquer lugar, que é servido como se fosse um engravatado.

Pergunta 16. Tipo assim, você tem que cumprir as leis, porque é um país sério, mas você também tem o respeito das pessoas...

Entrevistado 13. Eu acho que todo lugar tem que cumprir a lei, infelizmente, no Brasil não se cumpre.

Pergunta 17. Muito bem, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado 13. Bom, eu acredito que... Não sei... O pessoal fala, mas eu estou aqui há dois anos e meio e eles me perguntam: - você volta para casa? Pro Brasil? Eu falo: - não sei se volto, eu não me vejo mais no Brasil, sinceramente, eu não me vejo mais no Brasil... Assim, a vida que eu já tenho aqui, é como eu estava comentando aquela hora, que eu consegui nesses dois anos e meio eu nunca conseguiria no Brasil em 50 anos.

Pergunta 18. Muito bem. Muito obrigado. Vamos continuar o nosso bate-papo agora aqui, nossa pesquisa, numa linguiça bem assada, num churrasquinho, numa cervejinha... risos... Continuando nossa pesquisa, uma pergunta muito importante, com experiência de Igreja do Brasil e com a experiência de Igreja aqui foi diferente?

Entrevistado 13. Na minha opinião, pra mim, foi muito diferente, porque aqui a gente participa muito mais do que lá. Lá a gente conhece as pessoas de um oi, oi, oi, aqui não, a gente conhece as pessoas como ser humano, a gente convive muito mais né? Um ajuda muito mais o outro.

Pergunta 19. Muito bem, que coisa boa, que bom, que bom. Isso faz uma diferença muito grande para pessoas que precisam se sentir, não só se sentir acolhidas, mas que precisam começar uma nova realidade, no ambiente novo, de identidade nova.

Entrevistado 13. E aqui as pessoas se envolvem nos mesmos problemas, principalmente, problema de imigração, de carteira... Que todos nós temos e cada um procura ajudar um ao outro, né, com conhecimento, com dicas do que se pode fazer pra ficar...

Pergunta 20. Pra tentar legalizar a documentação, porque aqui é muito difícil, né, porque aqui a lei é muito difícil... Cara, eu estava ouvindo aqui, vindo pra cá, falando com Pedro que me dizia que cada Estado aqui tem suas normas e tem que ter sete ou oito carteiras de motorista para o cara brincar, andar de um lado para o outro, não é verdade?

Entrevistado 13. É verdade, é verdade, risos.

Pergunta 21. Então tá bom, obrigado...

Terceiro: Ele é o nosso pianista...

Pergunta 22. Isso é uma benção, por isso que Deus age nas pessoas. Você fazia o que no Brasil, porque isso você não me falou, na outra entrevista anterior. Você era o que no Brasil?

Entrevistado 13. Eu era músico, professor de música, pianista e me formei no conservatório de Minas Gerais e agora eu sou lavador de carros (risos), mas eu dou aula de música aqui na Igreja, voluntariamente.

Pergunta 23. O mais importante você não perdeu, que é tocar voluntariamente para Deus.

Entrevistado 13. Lá no Brasil também participava, mas nunca tive aquela oportunidade, não sei porque é que foi tão fácil, tão fácil... O pessoal... Cheguei e o pessoal já chegou me convidando... Lá no Brasil não sei o que acontece, porque ninguém, ninguém, me chamava e eu ia muito na Igreja, conhecia o pessoal que tocava e nunca ninguém, nunca, me convidou. Aqui fui chegando e no primeiro dia já me ligaram dizendo: - estamos precisando muito de um pianista, quer vim pra cá? Vem pra cá.

ENTREVISTA 14 (Grupo de 6 Amigos – 2 mulheres e 4 homens).

Pergunta 1. Estamos aqui na cidade de Low, não é isso? Acertei? Com os amigos aqui, amigos que vamos fazer uma entrevista... E vamos começar, primeiramente, antes de falar coisas sérias, vamos falar coisas mais sérias ainda, porque quem canta reza duas vezes, quem canta também aproxima saudades, distâncias e vamos ouvir cantando e depois continuamos nossa entrevista.

Música: (violão) “Tô com saudade de tu, meu desejo. Tô com saudade do beijo e do mel. Do teu olhar carinhoso. Do teu abraço gostoso. De passear no teu céu. É tão difícil ficar sem você. O teu amor é gostoso demais. Teu cheiro me dá prazer. Quando estou com você. Estou nos braços da paz. Pensamento viaja. E vai buscar meu bem-querer. Não posso ser feliz, assim. Tem dó de mim. O quê que eu posso fazer”.

Pergunta 2. Que maravilha, estamos aqui e esse também é o ministério de música, não é verdade, da comunidade de Low, de Nossa Senhora... da Igreja sagrada Família. Que bom, eu falo aqui com?

Entrevistados 14. Seis pessoas (duas mulheres e quatro homens).

Pergunta 3. Há tempo estão aqui em Boston?

Entrevistados 14. Vai fazer 12 anos; já há 14 anos; 17 anos; 2 anos.

Pergunta 4. Muito bem, muito bem. Vocês foram recebidos bem aqui pelos brasileiros quando chegaram aqui?

Entrevistados 14. É, como sempre, o chegar em terra diferente tem um certo problema, quando chega, mas depois eu vou me adaptando, caminhando com as próprias pernas e, depois, eu fui bem recebido na minha comunidade e quando comecei a fazer o que fazia no Brasil antes, até então estava vivendo assim meio solto, com amizades não frutíferas, agora estou maravilhado com essas pessoas que me rodeiam...

Pergunta 5. Isso significa que a Igreja aqui, a Igreja Católica, tem sido uma referência, uma força acolhedora?

Entrevistado 14. Sim, muito acolhedora e é uma base de sustentação para saciar, para recompor um pouco da saudade que a gente tem do Brasil e solucionar nossos problemas e pra não cair, não se perder no álcool, nas drogas, nas amizades que não são boas... E a sustentação da Igreja é fundamental.

Pergunta 6. Isso significa, assim, se eu perguntasse assim: o quê que vocês sentem mais saudades no Brasil?

Entrevistados 14. Família, família, família, família.

Pergunta 7. E o que mais vos agrada em Boston?

Entrevistados 14. Comunidade, comunidade também, comunidade, aqui eu encontro minha família, que não está presente, a convivência com todos os brasileiros aqui é muito bom.

Pergunta 8. Muito bem. Outra pergunta: vocês já frequentavam a Igreja Católica lá no Brasil ou passaram a frequentar aqui?

Entrevistados 14. Não. Eu já trabalhava lá, desde os 15 anos, eu fui catequista e também trabalhei com o coral das crianças lá e aqui tentei exercer a mesma função. Eu participava do grupo de canto lá na Igreja, de festivais, atuava como músico também, fazendo shows e estou fazendo o mesmo aqui, é que também eu cresci vendo meu pai tocando na igreja e com meus 16 anos aprendi a tocar violão, comecei a tocar na igreja e toquei na igreja durante muito tempo violão, teclado e atuei na PJ por 13 anos no Brasil. Eu era mais que turista na igreja, aqui

que eu passei a participar mais e isso me fez muito melhor, com certeza, uma experiência muito rica poder participar aqui.

Pergunta 9. O que mais eu tenho para perguntar para vocês importante é... Tem diferença da igreja brasileira para igreja que norte-americana, o estilo de celebração, de vida de liturgia?

Entrevistados 14. É um pouquinho diferente. Eu sinto que a nossa missa, em português, nós brasileiros participamos mais da missa, tem mais participação da comunidade. A missa americana é mais o padre, o coral ali, nós não, nós participamos mais... A nossa missa é mais intimista, né, pelo fato também de ser reduzido, né. Eu acho que a comunidade, por ser mais pequena, então, existe um entrosamento maior dos brasileiros que participam. Porque eu também já participei de comunidades brasileiras, quando morei na Flórida e que era comunidade muito grande, e eu não consegui me entrosar na comunidade porque a comunidade era muito grande. Elas isolam um pouco as pessoas, mas é uma visão que eu tenho. Quando a comunidade é pequena você se aproxima mais e se torna mais dependente do outro... Você conhece quem está contigo.

Pergunta 10. Uma pergunta importante para ser feita é o seguinte, vocês migraram para outro lugar ou o primeiro lugar foi aqui mesmo?

Entrevistados 14. Eu vim de Boston e fiquei 14 dias em Boston, depois estou aqui em Low...

Pergunta 11. Quantos brasileiros vocês acham que tem aqui em Low?

Entrevistados 14. Uns 14.000 brasileiros aqui. Já tem muito brasileiro aqui, já foram muitos embora...

Pergunta 12. Então uma mensagem final, assim, para concluir, pode ser religiosa, de esperança, de saudade...

Entrevistados 14. A mensagem que eu quero deixar é que não importa onde você esteja, nós cristãos, nós temos que seguir levando a palavra de Deus a cada um e evangelizar por onde a gente passar e nós estamos aqui nos Estados Unidos como cristãos, temos o dever de evangelizar, e se estamos no Brasil, ou em qualquer parte do mundo, assim eu penso, e por onde eu passar eu quero evangelizar. Bom, a minha mensagem é um refrão de uma música de Arnaldo Antunes, porque essa música é muito importante para mim, porque eu cantava para os americanos no hospital, doentes, quando eu estava acidentado e eles amavam e cantava em inglês para eles e a gente fazia uma brincadeira lá, um dia por semana, uma música

assim: “a nossa casa é onde a gente está; a nossa casa é em todo lugar; a nossa casa é onde a gente está; a nossa casa é em todo lugar; a nossa casa é o nosso corpo. Eu acho que como uma mensagem final o que eu poderia deixar é o seguinte, eu quando eu cheguei aqui, eu fiquei, principalmente, em Massachusetts muito tempo só trabalhando, trabalhando em restaurante e não tinha tempo de ir a Igreja e isso me fazia uma falta muito grande, tanto assim que eu fiquei praticamente oito anos sem por a mão em um violão e depois que eu cheguei nessa comunidade aqui, esse aqui foi o descobridor ele sentou perto de mim e me viu cantando e foi falar para ela e ela me chamou para entrar no grupo e depois daquilo não parei mais e foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque, assim, como acabou de cantar nessa música que a nossa casa é onde a gente está, depois que eu entrei nessa comunidade eu encontrei aquela família que faltava em mim, eu encontrei aquela família e nós temos um comportamento de família mesmo. E os músicos, o pessoal da liturgia, a gente sempre tem aquele grupo que a gente tem afinidade, cantamos juntos, fazemos festinhas nas casa juntos, quer dizer eu acho que o importante, como mensagem, é você se sentir família com outras pessoas, mesmo não sendo da sua família de sangue.

Pergunta 13. E esse encontro é o exemplo exatamente disso. Eu que estou chegando há três dias, dois dias e pouco, estou me sentindo em casa, inventando moda, entrevistando vocês aqui, mas, tipo assim, me sentido extremamente em casa e muito bem acolhido. Isso vocês não só dizem como é uma coisa, não só teórica, mas é prática, eu estou falando por testemunho mesmo, em uma comunidade que fui muito bem acolhido. Vocês não tem nove horas, não tem frescura, vamos dizer assim, todo mundo junto, conversa e se ajudam e faz aqui, faz ali, e faz com amor, porque tudo que é feito com amor, já dizia São Benedito, que dizia isso o negro né, construir uma catedral ou descascar batatas, as duas coisas, são maravilhosas, contanto que se faça com amor.

Entrevistados 14. Reúne e se não der em nada, nós assume (risos). Bom, a mensagem que eu deixo é que a alegria brasileira, essa harmonia, que eu me encontrei aqui, principalmente, depois que eu passei a frequentar a comunidade. Estar convivendo com mais pessoas do meu país.... Eu vejo que só tem a enriquecer, cada um de nós, porque essa cultura americana, mesmo a gente que vive no país, aqui dificilmente você vai encontrar isso. Reunir, assim, pessoas que

não são parentes, mas que, simplesmente, são do mesmo país. Mais que conviver como irmãos... E eu vejo que nós brasileiros temos isso destacado, principalmente, eles, americanos, percebem isso, que a nossa cultura brasileira nós convivemos muito como irmãos, mesmo sabendo que não somos parentes. Acho que ninguém aqui é parente, mas nós estamos aqui vivendo melhor do que se fôssemos parentes. Vejo que isso é uma riqueza grande, que eu encontrei aqui nos Estados Unidos e que deixo como mensagem, que nós brasileiro nunca perdemos isso, essa riqueza que nós temos, esse carinho, esse carisma acolhedor de alegria, que nos unimos em todos os cantos do mundo em que nós formos, levamos isso conosco, meu nome é (...).

Pergunta 14. Vocês já me disseram de qual lugar vocês são?

Entrevistados 14. Eu sou de Minas; eu sou de Ipatinga, Minas Gerais; eu nasci no Paraná, mas me criei em Rondônia no norte do país; eu de Capitão Andrade, mas sou naturalizado em Ipatinga, Minas Gerais.

Pergunta 15. Então agora para finalizar uma música, assim, de amizade...

Música: “Amizade sincera é um santo remédio, é um abrigo seguro, é natural da amizade um abraço, um aperto de mão, um sorriso, por isso se for preciso conte comigo amigo, disponha, lembre-se sempre que mesmo modesta a minha casa será sempre sua, amigo, os verdadeiros amigos do peito de fé, os melhores amigos, não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias, sabe entender o silêncio e manter a presença mesmo quando ausente, por isso, mesmo apesar de tão raros não há nada melhor do que um grande amigo, amizade sincera é um santo remédio, é um abrigo seguro, é natural da amizade um abraço, um aperto de mão, um sorriso, por isso, se for preciso conte comigo amigo, disponha, lembre-se sempre que mesma modéstia a minha casa será sempre sua, amigo, os verdadeiros amigos do peito de fé, os melhores amigos não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias, sabe entender o silêncio e manter a presença, mesmo quando ausente, por isso que apesar de tão raro não há nada melhor do que um grande amigo, amigo, amigo, amigo, amigo, amigo, amigo, amigo, amigo....”.
Palmas.

Música: “Espere minha mãe estou voltando. Que falta faz pra mim um beijo seu. O orvalho das manhãs cobrindo as flores. Um raio de luar que era tão meu. O sonho de grandeza, ó mãe querida. Um dia separou você e eu. Queria tanto ser alguém na vida. Apenas sou mais um que se perdeu. Pegue a viola, e a sanfona

que eu tocava. Deixe um bule de café em cima do fogão. Fogão de lenha, e uma rede na varanda. Arrume tudo mãe querida, que seu filho vai voltar. Mãe eu lembro tanto a nossa casa. As coisas que falou quando eu saí. Lembro do meu pai que ficou triste. E nunca mais cantou depois que eu parti. Hoje eu já sei, ó mãe querida. Nas lições da vida eu aprendi. O quê eu vim procurar aqui distante eu sempre tive tudo e tudo está aí”.

ENTREVISTA 15.

Pergunta 1. Eu estou aqui com uma amiga que está aqui, imigrante... Qual é o teu nome?

Entrevistada 15. (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 15. Curitiba, Paraná.

Pergunta 3. Faz tempo que você está aqui?

Entrevistada 15. Dois anos.

Pergunta 4. Ficou muita gente pra lá ainda, pro Brasil?

Entrevistada 15. Sim, minha família, filho, neto... Vim só eu, meu marido e uma filha com 13 anos.

Pergunta 5. Você foi bem recebida pelos brasileiros aqui?

Entrevistada 15. Muito bem recebida. Até quando cheguei aqui e descobri minha doença e...

Pergunta 6. Me fale um pouco sobre sua doença.

Entrevistada 15. Eles me acolheram, me ajudaram com intérprete, me levaram a médico... Eu não sabia nada, não conhecia nada e eles abriram as portas, me acolheu, me levando pra médico, vendo se eu precisava de remédio, comida, de roupa, porque eu tinha chegado e, assim, em um mês, em três meses, quatro meses eu estava fazendo hemodiálise.

Pergunta 7. Você descobriu depois que você chegou aqui?

Entrevistada 15. Sim, sim... Só descobri quando cheguei, não sabia de nada... Agora faz um ano, mais ou menos, que eu estou fazendo hemodiálise... Estou nessa luta, nessa cruz com muito sofrimento... Sofri muito assim que eu cheguei aqui, mas essa comunidade, essa igreja, que ela vive mesmo aquela caridade, aquele acolhimento aqui... Foi maravilhoso e se não fosse eles eu não sei o que seria de mim...

Pergunta 8. Que bom, que bom, que maravilha! E acho que você resumiu tudo que eu ia perguntar, porque ouvir isso é muito importante... Eu tenho que perguntar ainda, tipo assim, o que mais você sente saudade do Brasil?

Entrevistada 15. Olha, por tudo que eu passei aqui, pelo que eu passei aqui que eu achava que os médicos não iam me atender, mas não, eles me atenderam não perguntaram se eu tinha documento, não perguntaram há quanto tempo eu tinha chegado e eles me atenderam na hora. Eles colocaram, assim, o ser humano em primeiro lugar, vamos te atender, não tenha medo e ainda falavam comigo: - nós não vamos te abandonar, não vamos te deixar à mercê. Agora daí eu me pergunto assim: saudade do Brasil? Você tem é das pessoas que deixou lá, não como estrutura e a minha doença eu mandei trazer os exames, os papéis, os exames que eu fazia lá normalmente e há dois anos eu tinha essa doença, então eles não cuidaram de mim, eles não ligaram para aquele sinalzinho que deu a doença e foram deixando e ainda diziam que eu não tinha nada quando reclamava... então tenho saudade da minha família, dos amigos, mas a estrutura não... Falta de saúde, falta de segurança...

Pergunta 9. Você participava da Igreja Católica lá?

Entrevistada 15. Sim, eu já participava de grupo de oração lá e ia aos encontros e tudo, mas aqui é diferente, um pouco diferente, eles te acolhem... Mas eu não sei se é porque tá todo mundo longe, daí quando chega alguém acolhem... Procuram saber o porquê que você não apareceu, porque que você faltou na missa, porque você não veio no grupo de oração... – Você precisa de carona? – Você está com problema? Então eles te ligam, te procuram, te visitam... Uma solidariedade que é inacreditável.

Pergunta 10. Que bom ouvir isso! Então você pode me dizer assim, que a Igreja é uma força muito grande na vida de quem está nesse processo?

Entrevistada 15. Nossa, muito, muito, não sabia que era tanto assim, porque chegando aqui que eu fui ver que a Igreja tem que ser isso, que a Igreja tem que ser comunidade, ir atrás, procurar se a pessoa não veio, o padre tem que saber quando fulano não apareceu, o que aconteceu... Porque a gente vê isso muito nos evangélicos, que quando não apareceu vai ligar, manda o irmão ir atrás... Então aqui eu percebi isso, mas isso não sei se é porque as pessoas sentem falta da família e chega brasileiro e querem trazer pra perto... Mas o nosso padre aqui era assim, né, ele não era muito carismático assim, mas sempre tava assim, como o

senhor estava aqui, todo domingo ele não ia embora já ficava na casa de alguém, todo domingo alguém fazia um almoço pra ele.

Pergunta 11. Hoje foi maravilhoso aqui.

Entrevistada 15. Então, fazer o almoço pra ele, pra ele ficar pra tarde pra fazer a missa da tarde... E sempre tem um café, toda vida nós temos um café à tarde. Eu não sei se aconteceu alguma coisa, o pessoal viajou, mas de manhã e à tarde tem um café, tem uma turma que cuida do café, porque no final você ainda tenta conversar e o padre quando terminou a missa se troca e vem com a gente participar junto com nós.

Pergunta 12. Que bom! Eu te agradeço imensamente, foi muito bom falar com você. É bom saber desse calor que a Igreja tem com você, que Deus te abençoe muito, te abençoado, te dando essa coragem, essa força, esse carinho... Os mais amados de Deus são provados...

Entrevistada 15, Obrigada! É verdade, é verdade... Amém! Espero que você venha mais vezes aqui e reza com a gente.

Pergunta 13. Deus abençoe sua família toda e obrigado.

Entrevistada 15. Obrigada.

ENTREVISTA 16.

Pergunta 1. Eu estou aqui com uma pessoa muito especial, ela está grávida, ela já tem uma menina maravilhosa, ela me ajudou a dar a bênção para todo mundo no final da missa. Qual é o seu nome?

Entrevistada 16. (mulher).

Pergunta 2. De qual lugar do Brasil você é?

Entrevistada 16. Minas Gerais, interior de Minas.

Pergunta 3. Quantos anos faz que você está por aqui?

Entrevistada 16. 10 anos e meio.

Pergunta 4. Então, sua filha nasceu aqui? E essa também vai nascer aqui né? Então, te pergunto assim: a tua família ficou por lá?

Entrevistada 16. Eu tenho a minha mãe aqui e meu irmão que ficou lá e meu pai já é falecido.

Pergunta 5. Você escolheu vim pra cá porque já tinha gente pra cá?

Entrevistada 16. A minha mãe veio primeiro e daí ela tentou trazer eu e meu irmão e daí o meu irmão também veio, mas ele voltou e eu fiquei com ela.

Pergunta 6. Você se sentiu bem acolhida pelos brasileiros?

Entrevistada 16. Assim, desde que eu cheguei essa comunidade me acolheu na segunda semana já... Eu me senti bem acolhida por essa comunidade, até então.

Pergunta 7. Tu já veio falando inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistada 16. Não, aprendi aqui (risos).

Pergunta 8. Então... E você tem vontade de um dia retornar pro Brasil?

Entrevistada 16. Tenho, tenho vontade de retornar e rever os amigos, a família...

Pergunta 9. E pra morar?

Entrevistada 16. Pra morar talvez, talvez, porque o período de decisão acho que eu já estava aqui...

Pergunta 10. Me diz uma coisa, quando você tem saudades do Brasil você pensa em quê?

Entrevistada 16. Meu irmão, da família, da liberdade que a gente tem no nosso país, porque aqui é mais difícil um pouco, então é disso que eu recordo...

Pergunta 11. Muito bem... Como é que tu te sentiu acolhida pelos americanos?

Entrevistada 16. É... no começo foi difícil, porque eles não nos entendia, mas quando você consegue se comunicar, eles conseguem ter uma abertura melhor.

Pergunta 12. Você já frequentava a Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 16. Já e continuo aqui né.

Pergunta 13. A Igreja tem te ajudado?

Entrevistada 16. Tem me ajudado, porque o país oferece muitas coisas, inclusive, o afastamento de Deus, então, a gente precisa cuidar diariamente e a comunidade me ajuda a não ter essa distância, não deixar esse afastamento, então a Igreja me ajuda muito.

Pergunta 14. O quê que você mais gosta aqui na Igreja, dessa acolhida?

Entrevistada 16. Bom eu sou suspeita, porque eu faço parte do ministério de música, então gosto de cantar, de música, de tocar...

Pergunta 15. E o quê que você sente falta?

Entrevistada 16. Eu sinto falta dos retiros que tinha no Brasil, dos encontros que eu sinto falta, dos encontros de família, porque faz pouco tempo que eu me casei, então eu sinto falta desses encontros que tinham de família, eu sinto muita falta.

Pergunta 16. Em termos, assim, de justiça social, os acontecimentos, assim, a situação que aconteceu aqui você participou, porque já faz 10 anos que tu tá

por aqui, né, isso machucou um pouquinho como Igreja... Até mesmo os membros da igreja que, às vezes, não tem uma fé sólida, uma caminhada...

Entrevistada 16. É... E muitos deixaram, desanimaram... E outras oportunidades de religião, de oferecer outras coisas que a Igreja Católica não oferecia...

Pergunta 17. Infelizmente apresentou uma miséria da vida humana, né, na verdade... Você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre migração, Igreja, outro assunto que você considera importante ou quer deixar uma mensagem, você que é abençoada... Se pensar bem é a mãe da (...), agora vai ser a mãe da (...), que já está no sétimo mês, duas vezes abençoada assim... Que é o dom mais precioso que é o sacramento de gerar a vida, a própria vida, então tem uma mensagem pra nos dar?

Entrevistada 16. Pedi para as famílias do Brasil rezem pelas famílias daqui, padres, para que nós consigamos manter nossos filhos, nossa família no caminho de Deus, porque aqui distante da nossa terra, distante de tudo, nós enfrentamos muitas dificuldades e são as orações mesmo que nos mantém de pé, nos dá força pra gente continuar aqui nessa terra, ou em qualquer outro país da parte do mundo que não seja nosso Brasil...

Pergunta 18. Amém e muito obrigado. Deus te abençoe! Abençoe a sua família.

Entrevistada 16. Obrigada, amém!

ENTREVISTA 17.

Pergunta 1. Estou aqui com um amigo da comunidade. Como é o nome do senhor?

Entrevistado 17. (homem).

Pergunta 2. De que lugar do nosso país, Brasil, você é?

Entrevistado 17. Eu sou um peregrino, eu nasci na Paraíba, morei 35 anos no Paraná, constitui a minha família, tenho quatro filhos, né, e morei 10 anos no Cuiabá, Mato Grosso e vim pra “qui” pro nascimento de um neto em 2011 pra ficar 90 dias e já faz cinco anos (risos).

Pergunta 3. Que coisa boa, que coisa boa... E como que você se sentiu acolhido aqui pelos brasileiros?

Entrevistado 17. Acolhido... É família, é impressionante... Os brasileiros que vem pra cá e deixa sua família, os pais, os familiares e chega e procura se agrupar

mesmo, na união, no amor e prova que é a organização que faz a comunidade, porque no seu jeito de ser, no seu sofrimento, nas suas angústias... Eu sou muito... impressionante aqui como a acolhida, o interesse deles, né... Eu faço parte da comunidade aqui, das pastorais... Eu trabalho na pastoral do batismo, nós temos o encontro pra preparação pro batismo, nós somos em dois casais, né, já passou mais de 320 pessoas pra preparação pro batismo por mim e faço também é participar do trabalho também da pastoral de adultos para o crisma há cinco anos, né, então a gente todo ano prepara quatro a cinco grupos de 45 pessoas para o crisma... Uma vez por ano, toda vez de maio tem o crisma em Boston e a gente faz essa caminhada junto... A gente aprende muito com o sofrimento deles, as angústias, as dificuldades de documentos, sem uma carteira de motorista, vivem correndo do carro de polícia...

Pergunta 3. Fica difícil, né, até ter paz, paz, paz pra viver, tadinho...

Entrevistado 17. Paz, porque vieram, porque bota na cabeça, 99% das pessoas, aquela história do construir um pé-de-meia pra mim lá nos Estados Unidos e...

Pergunta 4. E não é bem assim... não é bem assim... Você vem direitinho ou senão você sofre com isso...

Entrevistado 17. Sofre... é uma experiência muito rica aqui... de fé e sofrimento.

Pergunta 5. Sofrimento... Ou seja, a comunidade da América, essa terra, que é um lugar de oportunidade, mas é um lugar de lei e a lei vem acima de todas as coisas...

Entrevistado 17. São muito injustiçados, porque eles prendem a questão da liberação prum cidadão que vem do Brasil pra aqui trabalhar, pra constituir uma família... o brasileiro pega qualquer serviço que aparece e no fim você não tem nada né?

Pergunta 6. Entendi, entendi, tem isso... Ai a Igreja tem ajudado muito na questão da migração, porque é onde esse pessoal todo se refugia, encontra força, encontrar amigos, pode conversar, pode conviver...

Entrevistado 17. Conviver... tem também as organizações em defesa dos migrantes também e aqui nós temos uma líder aqui, nesta comunidade, que ela faz parte de uma organização que tem uma luta aí muito grande pra aprovar uma lei aqui no estado de Massachusetts, pra liberação da carteira de motorista, que é o que mais o pessoal precisa pra trabalhar, porque aqui não é igual lá no Brasil. Lá no Brasil você tem os transportes coletivos mal ou bom ou ruim, mas existe né?

Pros trabalhadores se deslocarem aqui, não existe isso, ou você tem carro ou você fica perdido... A não ser que você trabalhe numa empresa que vem os carros de madrugada, você vê muito isso aí, o pessoal com a marmitinha lá na calçada esperando chegar... Hoje é domingo né? E hoje... teve uma manifestação aqui, foi feita uma caminhada com faixas, reuniu diversas comunidades aqui da região, se ajuntamos na pracinha que tem aí no local aí e foi feito discursos e fotos, cobertura da imprensa pressionando pessoas ligadas ao governo, deputados, sei lá o que existe tudo isso aí né?

Pergunta 7. O que você sente mais saudades do Brasil?

Entrevistado 17. A vida, porque lá é diferente, pra mim, né, porque eu tenho dois filhos aqui, tenho uma filha e um filho e eu não sinto muita saudade do Brasil, porque eu me integrei na comunidade, né, e aqui a gente é uma família.

Pergunta 8. O senhor já era católico lá?

Entrevistado 17. Sim, eu me batizei há 75 anos...

Pergunta 9. 75 anos... que bênção, que bênção (risos) e aqui continua firme, atuante em tudo que precisa na comunidade?

Entrevistado 17. Sim, sim... quando me mudei eu morei 35 anos no Paraná, 27 anos eu morei na diocese de Toledo, né, no Paraná, inclusive, Dom (...), que faleceu lá em Joinville, foi meu professor. Eu fiz um curso de liturgia nos anos 78/79 e ele foi meu professor de história da Igreja no Brasil. Matéria pesada, né, a Igreja no Brasil... e trabalhei na diocese na época de Dom (...), que foi bispo de Toledo e na sua época que surgiu os movimentos das comunidades eclesiais de base na diocese de Toledo...

Pergunta 10. Como Igreja, em termos de evangelização, o quê que você mais sente falta aqui? Se você tivesse, assim, alguma coisa que pudesse dizer, por exemplo, assim como Igreja o que faz falta aqui?

Entrevistado 17. Aqui... É porque existe uma convivência normal, porque no fundo não é uma paróquia como no Brasil... aqui é uma comunidade brasileira que usa as estruturas da paróquia Americana, mas nós temos um grande problema que é o horário da missa ao meio-dia e tem que ser ao meio-dia, porque tem os outros horários. Então você tem que se adaptar ao que eles querem e isso é... A família que trabalha a semana toda e aí chega meio-dia tem que vir pra missa, trazer crianças... existe uma... aqui, principalmente nessa comunidade aqui né, eu não sei se em outras comunidades, mas eu sinto... eu vi o último padre aí, eu trabalhei

cinco anos com ele aí junto, sempre na caminhada e ele se esforçou muito pra esse tipo de coisa... organização da comunidade, dos grupos de canto, a liturgia teve muita dificuldade no começo... e a história direcionou tudo pra um caminho que deixou tudo bem organizado aqui. Aqui a catequese no ano passado tinha mais de 150 crianças...

Pergunta 11. E uma coisa... a questão, assim, dos escândalos da Igreja. O que aconteceu... isso afastou muita gente também?

Entrevistado 17. Eu não sinto isso aqui, parece que existe uma coincidência... Os escândalos da Igreja faz parte da presença da miséria do homem e a Igreja não é feita de Santos... Santo só Jesus Cristo, por isso que a gente concorda que a Igreja é santa e pecadora, santa porque foi constituída por nosso Mestre sem pecado e pecadora porque somos nós.

Pergunta 12. Então na verdade a gente pode dizer assim, que é tipo uma desculpa que vai usar pra poder...

Entrevistado 17. E aqueles que usam essa desculpa pra se afastar da Igreja é porque já é afastado...

Pergunta 13. Isso... isso é fundamental, isso é tudo, isso é verdade sabe... já estão longe antes dizer que...

Entrevistado 17. e aí, aí aproveita... E a gente conversa muito com pessoal, principalmente, nos encontros de batismo... aquele afastamento que depois nasce a criança e dá um peso na consciência, que é o chamado de Deus e que, às vezes, é a criança que está trazendo de volta pra Igreja e a gente conversa, conversa... aí eles começam a justificar... porque eu não participo... e aí eu falo, meu amigo se você é um cara bom, um bom pai de família, um bom trabalhador, um bom operário... cara, Cristo está precisando de tu dentro da Igreja, justamente pra tu dar teu testemunho de vida pra aquelas pessoas que vem na Igreja... tu é um testemunho lá fora.

Pergunta 14. Isso mesmo, isso mesmo. Que bom ouvir isso e pra finalizar gostaria de perguntar assim, você gostaria, assim, de deixar uma mensagem? Livremente falando... falar alguma coisa sobre migração, Igreja Católica... fica à vontade, um tempinho livre...

Entrevistado 17. Minha mensagem é que eu sou muito feliz dentro da Igreja Católica, né, com toda minha família dentro da Igreja. Eu tenho meu filho lá em Toledo, mora em Toledo no Paraná com dois filhos, minha nora é ministra da

eucaristia e ele faz parte da comunidade. Nós conversa muito por telefone, né? Tenho minha filha em Cuiabá que faz parte da Pastoral familiar, fez curso e está dando catequese, então, a gente conseguiu manter a família dentro da caminhada, mesmo com as dificuldades da Igreja. E essa semana tive uma conversa com meu filho e ele reclamando, né, desse tipo de coisa dentro da comunidade e eu disse: - filho você não vai achar uma comunidade que não tem atritos... e aí eu convivo muito bem com todo mundo, a minha linha de pensamento é um pouco diferente é porque não é que a renovação carismática não seja o movimento muito bom dentro da Igreja, jamais a gente vai fazer isso... agora eu sou mais daquela linha das comunidades eclesiais de base, do social, do trabalho, da luta pelos direitos humanos... Eu admirei muito a Teologia da Libertação, apesar de um pouco de exagero que existiu um pouco no começo, né, do padre (...) em si, risos... Hoje, já pede aí que seja assim...

Pergunta 15. Então, que bom, que bom... Desejo muita saúde, abraço, muito obrigado. Deus abençoe, foi um prazer.

ENTREVISTA 18.

Pergunta 1. Estou aqui com meu amigo, como é que o teu nome?

Entrevistado 18. (homem).

Pergunta 2. Tu é da onde?

Entrevistado 18. Minha história é um pouco assim, diferente né, mas meus pais são indianos e eu fui criado no Brasil, mas eu sou nascido aqui nos Estados Unidos.

Pergunta 3. Teus pais são indianos, você foi criado no Brasil e nasceu aqui nos Estados Unidos.

Entrevistado 18. Isso, isso...

Pergunta 4. Maravilha, maravilha... tu aqui, nesse lugar, assim, o que você acha, por exemplo, você que viveu no Brasil... o que tu acha que tu tem mais saudades de lá?

Entrevistado 18. Olha eu... Eu penso no Brasil a todo tempo né? Então... eu moro aqui já faz 14 anos e quando eu vim pra cá, primeiramente, eu senti muita falta do Brasil. A primeira coisa que eu senti falta do Brasil foi aquele calor humano né? O brasileiro tem muito disso, ele é muito amigável, então você conhece uma pessoa

e já está te chamando para um churrasco no mesmo dia, mesmo sem você conhecer... Então é uma coisa que aqui você não tem.

Pergunta 5. Os americanos têm uma acolhida diferente?

Entrevistado 18. É... eles são mais frios. É a cultura deles, mas você tem que conhecer eles muito pra poder receber esse convite e também [...] eu percebi que não tem tanta gente assim na rua andando muito por causa do frio...

Pergunta 6. E o frio também tornam as pessoas mais frias... o recolhimento das pessoas mais dentro de casa... E tu já veio falando inglês?

Entrevistado 18. Não, eu tive que aprender, reaprender, na verdade.

Pergunta 7. Tu trabalha no quê?

Entrevistado 18. Então, eu sou engenheiro eletricista, eu me formei aqui, então eu trabalho no ramo.

Pergunta 8. Muito bem. E me diz uma coisa, a Igreja tem te ajudado no quê nesse processo de migração nesse tempo?

Entrevistado 18. Então, eu quando vim pra cá eu nunca fui de ir pra Igreja né?

Pergunta 9. Da de lá você não participava?

Entrevistado 18. Não, não... eu via meus colegas, eu estudei numa escola presbiteriana, mas a gente estudava um pouco a bíblia, mas nunca fui de ir pra Igreja, de estar lá todo domingo, coisa assim... e também porque meus pais são hindus e eles acreditam que... por causa da cultura dos hindus assim, que passa por gerações, você tem que manter o mesmo... Só que a gente foi criado fora da Índia, eu meio que adotei a cultura brasileira, então eu comecei a vim pra Igreja foi em 2012, quando eu fiz catequese aqui com Padre (...) e na Páscoa de 2013 eu fui batizado, crismado. Então, desde então, eu comecei a vir... na verdade, estava parado e agora que estou voltando de novo... então é um processo. É sim, você tem que ter isso sempre na cabeça. Tem gente que vem aqui toda hora, todo domingo está aqui. Eu vejo que Seu (...) e (...) estão sempre aqui, estou tentando me manter, que eu vou casar, vou ter filhos, eu quero ser um exemplo pra meus filhos.

Pergunta 10. Tá namorando então? Tá noivo?

Entrevistado 18. Estou noivo de uma gaúcha e ela, na verdade, está no Brasil, está terminando doutorado lá e ela vai mudar pra cá, daqui a duas semanas.

Pergunta 11. Que maravilha... termina o doutorado lá e vem pra cá... do Rio Grande do Sul... Muito bem, coisa boa. E (...), uma mensagem que você gostaria de deixar aqui pra gente sobre migração, sobre Boston, os lugares...

Entrevistado 18. E... Uma coisa assim, é que eu sou muito abençoado, porque os meus pais sempre esteve aqui comigo né? E pras pessoas que querem vim pros Estados Unidos, não coloque na cabeça que é fácil, porque não é. E aqui as pessoas vão te dar muitas oportunidades, mas com essas oportunidades vêm responsabilidades. Então nas pessoas que acreditam eles dão um papel pra você fazer e eles acreditam que você vai cumprir esse papel, então tem que ter muita dignidade, tem que ter muita responsabilidade, tem que ter muito respeito a outras pessoas e por aí vai né? Não é fácil, a gente sofre muito aqui na América e outra coisa, muitos brasileiros que vem pra cá, começa ganhar dinheiro e deixam o dinheiro subir a cabeça... Então tem que sempre colocar os pés no chão, nunca se esquecer da onde você veio, da onde sua família é... Não é fácil, eu já fiz isso na minha vida, então recomendo não fazer. É você correr atrás e quando você conseguir as coisas agradeça a Deus e tente ajudar a outras pessoas a chegarem onde você chegou também, com as suas experiências, enfim, de qualquer modo...

Pergunta 12. Muito bem (...), foi um prazer, muito obrigado pela entrevista. Deus te abençoe, bom casamento e se a gente não se encontrar sucesso para sua família, para sua vida.

Entrevistado 18. Amém, obrigado.

ENTREVISTA 19.

Pergunta 1. Estou aqui com um amigo, como é teu nome?

Entrevistado 19. (homem).

Pergunta 2. Você é da onde?

Entrevistado 19. Eu sou de Minas, eu sou de BH.

Pergunta 3. Mineiro, coisa boa, muito bem... Quanto tempo você está aqui?

Entrevistado 19. Eu estou aqui há 23 anos.

Pergunta 4. 23 anos você está aqui, então você é um dos pioneiros aqui?

Entrevistado 19. Pode se dizer, pode se dizer... risos.

Pergunta 5. Você conhece muitos brasileiros?

Entrevistado 19. Muito, muito... A comunidade brasileira aqui é enorme, aqui na região de Massachusetts, Low, é enorme.

Pergunta 6. Enorme... E o que que tu mais sente falta lá do Brasil?

Entrevistado 19. Muita coisa... Um bom papo no finalzinho da tarde... que é que, às vezes, nem sempre é semelhante aqui... a gente tem um ritmo de vida mais acelerado, a família também toma tempo, então a gente não tem, então é mais, assim, um fim de semana onde entra a comunidade que dá força e faz a gente lembrar.

Pergunta 7. E lá você era católico?

Entrevistado 19. Sim, sim... toda minha família é católica. o avô paterno, o avô materno, pai, mãe e aqui cheguei... assim fui nas igrejas americanas, fui em outras religiões, em outras igrejas quando cheguei, porque você vai conhecendo as pessoas, é a maneira de conhecer a cidade, as pessoas aqui, mas aí depois me deu uma vontade... e aí você ainda não foi na sua casa ainda, aí depois achei que a minha casa estava bem pertinho... fui em Low aqui... fui na Igreja Sagrada Família, aí me encontrei, que é a comunidade, e aí estou aqui, firme até hoje.

Pergunta 8. Ficaram muitos parentes teus no Brasil?

Entrevistado 19. Ficou a maioria, a maioria... Cheguei solteiro né? Agora já estou com a minha família, me casei com uma paranaense e hoje sou um pai de família de três, agora já tenho a minha família agora.

Pergunta 9. E você trabalha em que aqui?

Entrevistado 19. Eu trabalho com [...] de uma companhia de reciclagem.

Pergunta 10. Ah! De reciclagem, show de bola. E me diz uma coisa, qual mensagem que tu deixaria, assim, pra eu gravar, assim como Igreja, como testemunha, como migração, fala pra mim da cidade de Boston, da migração dos brasileiros, da Igreja Católica, fala pra mim...

Entrevistado 19. Olha, uma cidade maravilhosa Boston, o estado de Massachusetts, muito boa a diversidade da cidade, das pessoas. Agora a cultura, a comunidade católica brasileira... quando a gente vem de lá com isso a gente sente falta, então quando a gente acha aqui, que é uma estrutura para a família como eu sou um pai de família tenho uma família nova, é a estrutura da minha família essa casa aqui que... É a pia batismal dos meus filhos, me casei aqui, ou seja, estou crescendo com meus filhos aqui.

Pergunta 11. Que maravilha! Fico até emocionado de ouvir isso, que bom, que coisa boa. Deus abençoe sua família, os três filhos, não é verdade? Na

saúde, na paz... Deus nos abençoe e a gente se encontra no caminhar da vida, com Deus.

Entrevistado 19. Com certeza, se Deus quiser, obrigado.

ENTREVISTA 20.

Pergunta 1. Então, estamos aqui com uma entrevista muito abençoada...

Qual seu nome?

Entrevistada 20. (mulher).

Pergunta 2. Você é de que lugar?

Entrevistada 20. Eu sou de Toledo, Paraná... quer dizer, eu era mais do interior né? São Pedro do Iguçu, realmente lugar de que eu vim.

Pergunta 3. Sim, sim, que bom. E você, quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 20. 15 anos.

Pergunta 4. 15 anos... E você trabalha aqui? Você trabalha também aqui na secretaria, você ajuda a Igreja?

Entrevistada 20. Eu ajudo aqui, eu tenho quatro horas de trabalho na secretaria da igreja de segunda a sexta.

Pergunta 5. De segunda a sexta, então você já passou por vários, alguns, padres que passaram por aqui né?

Entrevistada 20. Passou.

Pergunta 6. O último foi Padre (...)?

Entrevistada 20. O último Padre (...).

Pergunta 7. Cinco anos ou seis anos?

Entrevistada 20. Seis.

Pergunta 8. Seis anos aqui na comunidade. Essa comunidade tem muito brasileiro, isso?

Entrevistada 20. Tem, tem muito brasileiro.

Pergunta 9. Tem muitos brasileiros e aí...

Entrevistada 20. Tem, mas quando eu cheguei, era na comunidade Sagrado Coração de Jesus, aí era cada semana mais gente, vinha muita gente e daí foi diminuindo a imigração, né, porque daí foi parando na época de 2001, 2002... eu acho que era de 98 a 2001/2002 que o pessoal veio muito pra cá, então a igreja era bem cheia... E quando mudou pra cá, porque aí foi fechada a igreja por causa de manutenção... essas coisas... e primeiro só tinha missa às sete da noite, mas aí foi

feito a experiência da missa da manhã, mas como não tem horário né? Então o horário não é muito bom o nosso, mas nós temos que nos adaptar à realidade, porque nós “tamos” numa casa, que na verdade é nossa, mas não é... porque foi uma experiência também bonita que eu vi aqui, que quando eu cheguei, tipo assim, pagava aluguel pra igreja... a brasileira era os brasileiros que pagavam aluguel pra igreja e juntava \$1000,00 lá e dava... Aí quando veio pra cá né? Nesse intervalo e outro padre, o pároco falou assim: não a Igreja é uma, nossa, da paróquia, aí vocês fazem parte da paróquia que é a comunidade brasileira... aí começou a contabilidade, essas coisas... tudo só tinham padres, aí quando eu cheguei a comunidade completou cinco anos e ela está com 19, a comunidade brasileira.

Pergunta 10. 19 anos e você vai completar 14 anos aqui ou 15?

Entrevistada 20. 15.

Pergunta 11. Aí 19 anos tem a comunidade brasileira, então você passou por todo esse processo da Igreja e eu passei por uma igreja agora de tarde, uma igreja que ele virou motel, não é verdade?

Entrevistada 20. Não, é apartamentos.

Pergunta 12. Apartamentos, então três que aconteceram isso, que aconteceu devido a situações que a Igreja aqui Católica passou né?

Entrevistada 20. Na verdade juntou... então na vinda pra cá a impressão que já diminuiu o pessoal e também de participação... de você ter assim, as pessoas... Tivemos um padre que eu fiquei, acho que cinco anos, trabalhando, inclusive comecei a trabalhar na secretaria, porque eu ajudava né? Então envolve... e acabou que eu, que ele falou: - você faz mais trabalho que a própria secretária, então é melhor você ficar... Foi isso, assim, acontecendo... eu estava na equipe do dízimo, aí acabou que eu vim pra secretaria e não tem jeito de sair não... é uma coisa assim, não tem jeito, eu fico me questionando... Essa semana mesmo eu me questionei: Deus quer mesmo que a gente fique... é isso que eu sinto, estou... porque, às vezes, da vontade de chutar o balde né?

Pergunta 13. E tu pretende voltar para o Brasil? Quer dizer, você me contou que sua irmã teve aí, passou um tempo, depois seu sobrinho...

Entrevistada 20. É... veio minha irmã, meu sobrinho, depois de 14 anos, 13 e pouco... Ela veio em maio, eles chegaram em maio, daí em março desse ano ela foi embora, então ela nem ficou um ano, ela veio em maio do ano passado, foi um

tempo bom, mas ela retornou, ela falou: - eu vim pra te buscar, mas acabou que eu estou aqui.

Pergunta 14. Você chegou falando inglês ou não?

Entrevistada 20. Eu não falo inglês.

Pergunta 15. Não e nem tem necessidade?

Entrevistada 20. Não. Eu me viro, o pessoal fala: - (...) como que você... pessoal mesmo fala como ela se vira com o padre, dom... E eu me entendo... Então eu desde o começo que eu trabalhava, quando eu cheguei, logo arrumei o trabalho, eu trabalhava das três da tarde a meia noite, era o horário de trabalho e daí depois eu peguei dois trabalhos *full-time*, quer dizer 8 horas de cada um. Eu não dormia, eu ia pra casa. Daí era esse trabalho que eu fazia de oito horas. Eu, às vezes, na maioria, numas épocas tinha que fazer *part-time*, que são 2 horas obrigatórias, que você era obrigado a fazer aquelas horas, então você ia embora 1:45, 2 horas da manhã e 6:30 eu estava de pé. Como é que você consegue estudar? Não tinha cabeça e foi passando... – não ano que vem não vou fazer isso... e tal e foi indo, foi indo, foi indo... é incrível... Daí eu me envolvi na comunidade e na hora que eu tinha tempo... e interessante, que eu acho assim e sempre dou graças a Deus, porque quando eu tinha dois *full-time* eu nunca precisei faltar à missa, nunca bateu horário, assim, que eu não pudesse vim à missa... mas também é só a Igreja que me sustenta né? Porque daí, né, porque é aqui que é a minha casa... aí é então interessante porque... O padre... E eu não dirigia, eu fiquei três anos e eu saía dos dois trabalhos, de cada um, e o Pe. (...) falava, né, que engraçado ninguém tem esse trabalho sem dirigir... Porque você tem que ter carro aqui. Aí foi uma graça também de Deus que eu consegui dirigir assim, sem... eu morria de medo, no Brasil não conseguia e aqui eu consegui e, assim, eu dou carona pra quem... pra aquela senhora, que estava ali, que está fazendo hemodiálise, eu levava duas vezes por semana ela pra fazer hemodiálise, agora a filha dela veio do Brasil, então ela leva... Então, assim, eu falo, eu sei o que é depender de carona, mas são todas experiências, assim, que você... é bem interessante...

Pergunta 16. É isso... bem interessante... Você entrega jornal, você também falou...

Entrevistada 20. É um emprego de entregar jornal e daí eu entregava. Eu comecei a entregar jornal de casa em casa, que é assim que você vai entregar. Depois eu parei um tempo, depois eu fiquei de entregar só para as pessoas que ia entregar,

mas agora comecei de novo, porque pra aproveitar entendeu? Acaba que daí eu não estudei inglês, daí eu começo a estudar, daí a minha cabeça não ajuda... Daí o que eu ia falar desse trabalho... Gente teve uma vez, no meu trabalho lá que a gente carregava caixa, trabalhava num depósito de loja... e lá tinha os hispanos, os coreanos... teve numa sexta-feira uma coreana estava na mesma linha que eu, carregando caixa, e daí eu passei, né, assim estava pesado e eu sorri pra ela e ela sorriu pra mim, eu sorri pra ela e ajudei a ela carregar no carrinho dela, depois passamos de novo e ela me ajudou. Aí eu fiquei assim... Não precisou a gente falar, só, sabe?, por gestos e eu... foi na minha cabeça assim, muitas vezes aconteceu já de eu falar assim: - não precisa... Daí na segunda-feira, isso foi na sexta-feira e na segunda-feira nós sempre tínhamos a reunião antes, daí o chefe pegou e falou assim, pediu um minuto de silêncio que tinha acontecido um acidente com uma funcionária e era aquela mulher e eu falei: - gente que coisa impressionante... eu senti uma coisa assim dentro de mim padre, tão engraçado, porque eu falei assim: - aquele sorriso, o gesto que a gente teve foi, eu acho, que é Deus mostrando que a gente né... Foi impressionante... Uma vez eu estava entregando jornal numa rua, assim, e eu com pressa querendo terminar e eu falei assim, - hoje eu vou terminar cedo. Eu estava indo na rua assim, daí parei, eu paro o carro e vou entregar a mulher... uma mulher na casa, assim, me fazia sinal e eu parei pra entregar e ela veio pro meu lado e essa mulher estava desesperada e falava e falava e eu falei, meu Deus!, embarca do meu jeito e eu falei com ela e ela falou... Ela está no meu carro... nunca esqueço dessa história... Falei, assim, foi ação de Deus também, porque não precisa falar... Como que essa mulher entrou... Eu achei que ela queria ir para o centro, aí estou passando a rua e ela falou que era para lá, então tá bom “vamo” e tal... Aí começamos a conversar do nosso jeito... a gente conversou assim, aí estamos indo e era a rua do cemitério, - vai a um velório - aí eu falei: - ai Senhor e eu queria terminar logo e essa mulher aqui... que que o senhor quer de mim? Aí parei, eu falei assim: - o quê que adianta a gente correr tanto? Agora vou ter que parar... porque que a gente vai parar e daí entraram para o cemitério e eu fui com a mulher, não sabia onde eu ia. Aí chegando perto de uma escola ela falou que era lá, na escola... - Aguenta um minuto aí. Entende assim e tal... Aí ela foi lá e veio correndo e daí ela só falava assim: - obrigada, *thank you*... e não sabia como me agradecer e eu falei ok, ok... Só sei que ela foi lá pra dentro e veio com uma chave e eu: - Jesus amado, que que é essa mulher? Eu

não entendia o que tinha acontecido... Aí na verdade chegamos de volta na casa, daí ela abriu a porta ela falou assim: - vem, vem, vem... Daí eu falei: - porque ela falou vem? E fez questão de me levar e ela abriu a porta... Ela tinha ido estender a roupa lá fora, coisa que a gente não vê aqui, e trancou a porta, ela não tinha como entrar... e ela tinha uma criancinha lá dentro, uma criança... Me arrepiava aquela criança, assim, chorando, desesperada e essa mãe desesperada, porque ela não conseguia abrir a porta. Aí eu levei ela lá pra pegar a chave, não sei com quem, filho... E aí ela me abraçou e virou aquela coisa... então, assim, são experiências...

Pergunta 17. Da vida... que nos mostram o caminho... e que a linguagem universal é a do amor mesmo... O quê que tu mais sente saudades do Brasil?

Entrevistada 20. Do que todo mundo fala né? Da família...

Pergunta 18. Da família, né, muita saudade... isso mesmo...

Entrevistada 20. Porque tenho uma filha...

Pergunta 19. Tu tem uma filha lá e ela mora lá?

Entrevistada 20. Mora lá e eu tentei trazer ela e não consegui... Na verdade eu adotei ela quando tinha quatro anos...

Pergunta 20. Que bom, que bom, coisa bonita...

Entrevistada 20. É outra história bonita... Eu sozinha, solteira... e se você falar com ela assim né... Hoje ela tem dois filhos e ela está de conselheira no Conselho Tutelar eu estava falando pra minha irmã ontem, como que é engraçado... (...) amadureceu tanto... Porque (...) e ela está indo em reuniões e ela fala pra mim: - mãe eu queria tanto que você tivesse comigo aqui, pra poder a gente ir nessas reuniões, contar nossa experiência... Daí eles têm, tipo assim, uma associação de pais adotivos ela disse que tá indo...

Pergunta 21. Que benção gente, que coisa linda... E aí tu não conseguiu trazer?

Entrevistada 20. Não, mas vou tentar.

Pergunta 22. Tem os filhos, porque aí tem mais dois...

Entrevistada 20. Agora ela está bem, com o marido né? porque... Mas a minha vontade era ir embora, mas aconteceu umas coisas... Eu fiz um investimento num apartamento e não foi entregue padre...

Pergunta 23. Ai, entendi, entendi...

Entrevistada 20. Era 2011, era certeza que eu ia embora e a construtora não entregou até hoje... Agora está na Justiça, um grupo com muitas pessoas que

compraram... E era uma maneira, né, porque eu já estou aposentada lá e também, assim, seria uma renda, porque Natal é uma coisa mais linda, mas deu zebra... então eu paguei tudo, então a gente está com um grupo, mas parece que vão resolver até o fim do ano que vem e é por isso que, sei lá, mas eu não estou mais desesperada não...

Pergunta 24. Calma, Deus escreve direitinho, Deus escreve não por linhas tortas, escreve direitinho, bem direitinho, a gente tem que acreditar na providência de Deus, não é verdade?

Entrevistada 20. É sim... E aqui estou na Igreja e estou nessa sempre e daí veio o Pe. (...), esse que veio do Brasil pra ficar no lugar do Pe. (...). Daí eu vou sair, eu pedi pra sair da secretaria e tal né? Mas daí a mulher que entrou também não deu muito certo e aí o padre americano pediu pra eu voltar e ela pediu também pra sair né? Eu voltei, mas aí, nesse intervalo, o Pe. (...), Dom (...) não aceitou mais ele e aí foi embora, aí aquela confusão com padre... Vinha um, vinha outro, assim, e a comunidade assim não vai, né padre?

Pergunta 25. É porque não pode ser paraquedas né? Por exemplo, assim, uma coisa é a eventualidade, mas o bom é uma continuidade, um padre acompanhando, animando, conhecendo as pessoas, visitando as famílias, tendo essa interação.

Entrevistada 20. É necessário... Ainda mais que as pessoas são, assim né como que eu te falei, carentes... Aí veio um padre numa semana santa Pe. (...), que estava estudando, né? Aí ele começou a fazer um trabalho bem bom, foi muito bom, assim, só que aí ele também não ficou, chegou o momento que não se adaptou, o pai dele estava doente e ele não ficou...falou: - sabe o que, eu estou indo embora... Daí veio Pe. (...), que era estudante...

Pergunta 26. Um monte de estudante gente, até eu (risos). Mas estou passando...

Entrevistada 20. É... Pe. (...) também recém formado padre, assim, ele é jesuíta e ele está em Belo Horizonte e ele é diretor lá do colégio maior, colégio dos... Como é que é dos jesuítas? É o colégio Santo Inácio... é um colégio enorme né?

Pergunta 27. O quê você acha de diferente da igreja nossa pra a igreja americana aqui?

Entrevistada 20. Eu acho que essa própria acolhida, né, das pessoas. Apesar de que, eu vejo assim, que nem nós aqui na nossa comunidade... No começo o padre

brigava muito com nós sabe? Assim, no sentido de que, porque a gente bagunçava... na verdade, as crianças riscava e a gente deixava porta aberta, nesse sentido assim... O Pe. (...), Dom (...) falava assim: - um dia vocês vão aprender e tal... Mas no sentido mesmo, assim, que na verdade eles que são muito rígidos, muito, muito na verdade... Aí o Pe. (...) sempre falava pra nós que nós tinha que dar graças a Deus, porque ele conhecia a maioria das comunidades e que ele não pode fazer o que nós podemos fazer aqui, entendeu?

Pergunta 28. Pra finalizar, uma mensagem, assim, diz alguma coisa pra eu levar com carinho e eu fui muito bem tratado, muito bem acolhido... “cê” me serviu, acho que você está morta de cansada de cuidar de mim, me conduzia a tarde inteira, desde de manhã e eu estou aqui... uma mensagem rápida...

Entrevistada 20. Não... A mensagem que eu digo é que é isso né? É muito bom a gente sempre conhecer novas pessoas entendeu? Acho que essa caminhada que também, às vezes, dói, porque é tanta despedida que dói, mas ao mesmo tempo, né, é bom porque você sempre conhece pessoas novas.

Pergunta 29. E porque a gente sempre deixa um pouco e leva de cada um... Que bom, então que Deus abençoe por tudo, pela acolhida... Deus vos guarde e eu sempre digo assim, que na caminhada de Deus não existe tchau é até logo, até logo, mas a gente sempre se acha...

Entrevistada 20. Sim... Quem sabe... Que eu estava até precisando confessar assim, esse ano...

ENTREVISTA 21.

Pergunta 1. Bom, eu estou aqui com um amigo. Como é o teu nome?

Entrevistado 21. (homem).

Pergunta 2. E quanto tempo faz que você está aqui, nessa região de Boston? Essa região se chama?

Entrevistado 21. É (...) é essa uma região de Boston né? E faz 14 anos que estou aqui.

Pergunta 3. Faz 14 anos... Você veio do Brasil direto para cá?

Entrevistado 21. Vim do Brasil direto para cá, pelo México.

Pergunta 4. Pelo México?! E quer me contar um pouquinho como foi a entrada? É importante...

Entrevistado 21. Foi bem difícil chegar aqui. Eu vim com dinheiro emprestado de um amigo e chegamos na Cidade do México, ficamos preso no aeroporto das oito da manhã até às cinco da tarde e eu consegui passar, outros foram deportados, foram embora dali e eu fui para o hotel e lá ficamos algum dia. Quem trouxe a gente colocou muita gente dentro do quarto eu estava muito apavorado, muito assustado, porque estava vindo com dívida, com dinheiro emprestado e se eu fosse pego e fosse mandado de volta a minha situação ia ficar bem pior e aí é... Nos levaram, eu e mais um professor e uma moça com duas crianças, até a rodoviária da cidade do México. Fomos de ônibus até Guadalajara. Em Guadalajara nós pegamos um ônibus até [...] deu 16 horas de ônibus e nós fomos orientados a não conversar dentro do ônibus a não falar português, para eles não saber que a gente era brasileiro e dentro do ônibus a gente ouviu uma pessoa... Como a gente estava no banco da frente a gente ouviu uma pessoa comentando com o motorista do ônibus, tentando convencer ele a trazer brasileiros e a meter a mão no bolso dos brasileiros, no dinheiro dos brasileiros e aquilo foi bem assustador... A gente chegou no hotel, chegando lá eu estava bem nervoso, bem preocupado... Aí no outro dia apareceu um coite lá, pegou a gente e passamos por mais duas barreiras policial até a cidade de São Pedro Monte Cristo. Aí ali ficamos alguns dias e dentro da casa é... Dentro da casa tinha um colchão e um quarto que ficamos todos, ali, naquele quarto e dentro do quarto tinham uma imagem de um capeta com duas velas na mão assim... Casinha era pequena, a mulher estava grávida, a filha de 16 anos mais dois filhos pequenos... E na sala ele fumava maconha com uma ma... e a ma... fazia um barulhinho assim “zimp” e ele falava pra mim: - (...) você saber o que é isto? Isto são as almas chorando no inferno... E eu ali estava muito nervoso, comecei a brigar com o cara que levou a gente, pra sair dali e continuar viagem, e ele disse que não ia me levar porque eu estava muito nervoso e pessoas nervosas costumavam atrapalhar as travessias. Então ele me convidou pra sair, pra comprar uns frangos, uns porco pra comer e eu percebi que ‘se eu sair ele vai me matar lá fora, ele vai fazer alguma coisa comigo’ e eu não fui. Aí ali a policia bate na porta, é polícia, polícia, e no último dia que a gente saiu de lá entrou dois policiais e um era irmão dele e outro era sobrinho dele que eram policiais. Então eles estavam fazendo aquilo ali pra gente não sair de dentro, pra manter a gente preso... ele aí veio e passamos pelo mato na quarta-feira, andamos o dia inteiro, quinta-feira ficamos no mato o dia inteiro escondido, aí acabou a

água na quinta-feira e andamos a noite inteira... Não chegamos a lugar nenhum e passamos a sexta-feira, o dia inteiro, no mato sem água, sem comida... Na sexta-feira que chegamos... Frio, estava muito frio e eu pensei que ia morrer de frio... No amanhecer eles saíram, foram buscar comida pra gente e a gente viu os ônibus tudo furado de bala... Um lugar bem, bem, assustador... Aí, nesse ponto, a gente já tinha caminhado por 27 horas, meu sapato já tinha furado de tanto caminhar. Aí, como estava muito difícil a travessia, nós resolvemos rezar, alguém: - vamos fazer alguma oração pra ver como é que... Pra ver se dá certo... Eu, como não era muito católico na época, não era muito de ir na igreja, mas confiava em Deus, tinha fé né? Sempre fui temente a Deus, não era muito religioso, mas sempre fui temente, sempre tive consciência de que tudo que eu fizer eu vou ter que pagar, eu vou sofrer as consequências né? Aí eu, naquele momento, sem saber o que dizer eu falei em pensamento, em oração: - Senhor que seja teus olhos os olhos do coiole, porque a gente não está conseguindo chegar a lugar nenhum... E dentro de alguns minutos apareceu um homenzinho, pequenininho, pedindo pra passar com a gente, pra atravessar com a gente e tal. E assim foi. Ele veio, viajou no trem e ele ficou do meu lado, perto do motor lá do trem, lado da máquina do trem, depois quando saia pra fora ele “tava” do meu lado e quando chegou numa casa lá, porque levaram a gente pra uma casa lá de um traficante, a gente tava com medo de ficar ali e aí eu cogitei que ele poderia ser Deus, Jesus, um anjo enviado, que veio nos ajudar. E nesse momento, ele veio pedir um cigarro para mim e disse, falou bem baixinho: - fique tranquilo, todos vão chegar! Então, no dia seguinte, eles vieram, pegaram a gente, levaram para outra casa e aí eu concordei com ele, mas só em pensamento, mas meu coração não... Mas aí chegou o último dia e ele desapareceu e da mesma maneira que ele apareceu... E entre nós tinha um ateu que não tinha uma calça e ele deixou uma pastinha bonitinha que dentro dela só tinha uma calça, então entendi a história e até hoje eu lamento né? Talvez Deus teve do meu lado e eu não...

Pergunta 5. A providência de Deus, que às vezes, envia pessoas que a gente nem espera. Aí, na verdade, são presenças dele mesmo né?

Entrevistado 21. E quer dizer, perde a chance de, talvez, conversar com Ele, de dizer, e sei lá... de mandar recado, enfim...

Pergunta 6. Me conta aquela história que nessa travessia teve que ficar dentro do carburador, quanto tempo ficou?

Entrevistado 21. Fui embaixo do radiador do trem, foi quando nós saímos desse ferro velho e atravessamos a rodoviária, passamos por um motor e eles colocaram a gente ali, colocaram quatro de um lado e quatro do outro e aí eu me dei conta que a gente estava debaixo do radiador do trem... Aí eu fiquei desesperado, comecei a bater e o cara falou: - não... - fica tranquilo, que essa máquina está desligada. Nós ficamos por ali por uma hora e eles falaram: - não dorme, porque nós vamos passar por um posto de fiscalização e se dormir pode roncar e eles podem ver e pegar a gente. E eu ronco muito e, por incrível que pareça, eu passei dormindo, como não sei, mas eu passei dormindo, risos...

Pergunta 7. Graças a Deus! São 14 anos né? Foi uma história que graças a Deus as orações de pai e mãe, não é verdade, é o que sustenta a vida da gente... pelo trabalho, pelas orações, por tudo que aconteceu que bom. Eu gostaria de perguntar assim, tu é de que lugar do Brasil?

Entrevistado 21. Sou de Criciúma.

Pergunta 8. Criciúma! E eu gostaria de te perguntar o que mais você sente saudades do Brasil?

Entrevistado 21. Da minha mãe, da minha vó.

Pergunta 9. E o que você poderia me dizer, assim, daqui, desse Estado Americano, me fala um pouquinho dos americanos aqui, como é que eles são... bom, tranquilo?

Entrevistado 21. São pessoas boas... Tem, como em qualquer lugar, tem pessoas boas e pessoas ruins e tem os que te respeitam, os que concordam contigo, porque, afinal, isso aqui é um país de emigrantes e tem aqueles também que são descendentes de emigrantes, os que estão aqui, mas de fato são descendentes de migrantes também... uns compreendem, outros não, mas a maioria te trata bem, te tratam com respeito, tem os ruins que te descriminam, mas faz parte.

Pergunta 10. E você, participava da igreja lá no Brasil? E aqui?

Entrevistado 21. Não... no Brasil não costumava ir a igreja não. Aqui, eu costume... eu aprendi a ir na igreja.

Pergunta 11. E a Igreja Católica é importante, assim, pra reunir, pra agrupar?

Entrevistado 21. A Igreja ela é importante, eu penso... Aqui nessa terra, pra nós imigrantes, ela deveria ter uma participação... Algo mais profundo... Pra cuidar da família, porque esse lugar destrói a família por completo. Aqui o dinheiro sobe a cabeça das pessoas, da mulher... Às vezes do marido... As mulheres, a maioria das mulheres, chegam aqui e acha que elas trabalham, fazem dinheiro igual os homens e até mais, elas acham que pode tudo e esse lugar... Tu pode ter as coisas boas, tu pode viver bem, mas pra família não é bom.

Pergunta 12. E aí a Igreja poderia ter um papel um pouquinho mais presente e atuante...

Entrevistado 21. Poderia ter uma preocupação, pra cuidar assim, da família, mas na realidade eu acho que a Igreja não pode fazer nada quando o coração do ser humano não permite. Existem pessoas que estão dentro da Igreja rezando, fazem tudo dentro da Igreja e sai dali e são perversas, mentirosas, manipuladoras. Existem pessoas que vão ali só... eu venho na igreja, rezo, então sou santo, posso fazer o que eu quiser, Deus está do meu lado... E não é assim... Aqui são pouquíssimas as pessoas que tu pode confiar. Pouquíssimas são as pessoas que tu pode confiar, que tu pode contar e... Enfim, isso aqui muda o ser humano, se tu não for uma pessoa que tenha princípios e seja fiel aos teus princípios, aqui te perde completamente, te perde...

Pergunta 13. Eu te agradeço e gostaria que assim tu deixasse uma mensagem final, seja ela, assim, pra quem... uma mensagem de alguém que passou por uma experiência toda... que te constrói um pai de família né? Tu tem três filhos, é casado, um filho já casado morando no outro Estado aqui, nos Estados Unidos, um adolescente, na verdade dois adolescentes, um de 11 anos né... Uma mensagem que tu gostaria de deixar...

Entrevistado 21. A mensagem que eu tenho que deixar, que eu acho que as pessoas têm... que é, acima de tudo, valorizar a família né? Marido, a mulher respeitar, assim, que a mulher sabe que ela não é submissa ao marido quando ela respeita, quando ela apoia ou segue ele e sim ela é a razão pelo qual ele trabalha, pela qual ele vive, pela qual faz as coisas... Então quero dizer que a mulher jamais será submissa ao homem, ela é que ajuda, o que faz crescer, ela tem todo poder que ela quiser, ela é muito maior que ela possa imaginar, ela tem que ter essa consciência, que a família depende dos dois, mas, principalmente, dela.

Obrigado tá. Deus abençoe.

ENTREVISTA 22.**Pergunta 1. Qual é o seu nome?**

Entrevistado 22. (homem).

Pergunta 2. De qual lugar do Brasil você é?

Entrevistado 22. Eu sou de Palotina, Paraná.

Pergunta 3. Paranaense... Faz quanto tempo você está aqui?

Entrevistado 22. Já fazem 15 anos padre.

Pergunta 4. 15 anos que você está aqui nessa região de Boston né, aqui?**Como é que é o nome desse lugar?**

Entrevistado 22. Aqui nós estamos em Link, que é norte de Boston.

Pergunta 5. Você mudou pra cá já casado ou casou aqui?

Entrevistado 22. Não, não... A princípio eu vim pra cá... Primeiro eu vim pra cá em 2000 e, por algum motivo, eu estava no Brasil um pouco desanimado e, de certa forma, queria buscar uma aventura... Eu vim como estudante em 2000, tirei o visto e vim pra cá... Não conhecia ninguém, até tenho uma longa história de como cheguei aqui, sem conhecer ninguém... Eu cheguei aqui primeiro em 2000, solteiro e fiquei seis meses. Daí eu voltei, fiquei quatro meses no Brasil e aí (...) veio comigo, que é a minha esposa, em 2001 nós viemos juntos.

Pergunta 6. Hoje tu tem três, são três filhos né?

Entrevistado 22. São três filhos, o (...) de dez, o (...) de oito e a (...) de quatro.

Pergunta 7. Que coisa boa... Como você foi recebido pelos brasileiros aqui, quando você chegou?

Entrevistado 22. Olha, pra minha surpresa, excepcionalmente bem, eu... que nem quando eu falei, eu não conhecia ninguém aqui nos Estados Unidos, eu vim em busca de uma aventura, eu vim com visto de estudante, mas eu não conhecia ninguém padre... Então eu comprei um pacote de duas semanas lá no Brasil e nesse pacote estava incluído estudo durante duas semanas, estava incluído o transporte e a moradia na escola, a escola providenciava a moradia para mim... Então pensei assim: - bom nesses 15 dias eu tenho lugar garantido para morar, pra comer e pra morar né? Depois eu tenho que me virar, que dar os pulos, mas, por incrível que pareça, eu cheguei aqui, eu nunca esqueço, foi uma manhã de sábado às 10:00 da manhã, peguei o táxi no aeroporto até a escola, daí eu cheguei na escola e fiz o *check in*... Me registrei e tudo, subi pro meu quarto, fechei minha mala e desci, porque a escola é um lugar muito bonito... Um Convento antigo...

Antigamente era um convento e o pessoal remodelou e fez uma escola né? Então é um prédio assim, muito bonito, muito antigo e tem muitas escadas onde as pessoas sentam, os alunos ali sento conversam, então falei assim: - vou lá fora, vou caminhar e conhecer o lugar. Eu saí na porta da escola e de repente fiquei só observando... Muita gente ali né? Naquele dia, e por coincidência, tinha uma família brasileira, que estava em frente ao estacionamento da escola conversando em português. Aí eu fiquei surpreso já no primeiro dia nos Estados Unidos né, foi... Para alguém falando português foi Nossa Senhora... Aqui têm brasileiros, porque naquela época não tinha contato aqui, eu não sabia da quantidade de brasileiros que existiam aqui. Daí eu pensei: - vou chegar e vou conversar com esse pessoal, vou puxar conversa e cheguei, perguntei, vocês são brasileiros, meu nome é (...), cheguei hoje e tal e começamos a conversar e, pelo incrível que pareça, eles tinham vindo buscar o sobrinho deles que tinha chegado naquele mesmo dia na escola. Então eles estavam ali esperando o sobrinho deles e, pela graça de Deus, naquele mesmo sábado que eu cheguei aqui as quatro, cinco horas da tarde, eu já estava na casa dessa família, que por sinal é aqui em Link. Nós estávamos comendo churrasco e tomando cerveja. A coisa é fantástica assim, como que Deus providenciou para as coisas.... Então e daí, nesse mesmo final de semana, eu fiquei na casa desse pessoal brasileiro, que por sinal é em um condomínio que fica depois do lago, passei o sábado e o domingo com eles e na segunda-feira eles nos levaram de volta à escola, eu e esse sobrinho deles. No outro final de semana vieram buscar a gente de novo pra passar o final de semana na casa deles, com eles né? E foi assim que começou uma amizade que dura até hoje.

Pergunta 8. E pelos americanos que aqui estão?

Entrevistado 22. Olha foi bom. De uma forma geral, eu acho que o americano tem uma visão assim, bem positiva do imigrante né? Porque a maioria do pessoal que vem pra cá é com vontade de trabalhar, é esforçado e eu acho que o povo americano reconhece muito isso e, de uma certa forma, no geral eles têm a receptividade muito boa.

Pergunta 9. Você já veio falando inglês?

Entrevistado 22. Não, muito pouco padre.

Pergunta 10. Aprendeu aqui, na escola?

Entrevistado 22. Aprendi na escola, nesse tempo que fiquei na escola. Aí mesmo depois desse período que eu fiquei na escola durante dois ou três, mais de três anos, quando (...) já estava aqui a gente continuava estudando, pagando professor particular e fizemos vários cursos. Nunca, nunca, a gente deixou de estudar...

Pergunta 11. O que você mais sente falta do Brasil?

Entrevistado 22. Do Brasil... eu acho que a primeira coisa é aquele lado social da família, a convivência, fim de semana... a tarde quando você sai do trabalho, você já passa pega uma cerveja, pois é sexta-feira... Vai jogar um futebol na quarta-feira, que é dia de futebol... O inverno aqui é um pouco rigoroso, que é um pouco depressivos digamos assim... O inverno é bem depressivo aqui, mas no geral o que a gente sente mais falta é da família. Quando a gente chega né? No começo, porque agora não. Quando a gente já socializa, a gente se diverte...

Pergunta 12. Você voltaria um dia pra lá ou não?

Entrevistado 22. Olha, eu volto... Se eles me mandarem embora... (risos) Se eles me mandarem embora, forçado, risos, a gente construiu uma vida aqui né padre?

Pergunta 13. E me diz uma coisa assim, você já participava da igreja no Brasil?

Entrevistado 22. Já a gente já tinha uma história de Igreja. Muitos anos eu participei do catecumenato no Brasil né? É o caminho né? Meus pais, já fazem 35 anos que participam no caminho e eu também participei desde os meus 16 até os 22 anos, quando vim pra cá... A gente participava do caminho.

Pergunta 14. E aqui você participa?

Entrevistado 22. Participamos da comunidade brasileira e aí a gente também participa da comunidade americana, onde os nossos filhos vão na escola... A gente também é membro da Igreja americana, a gente vai um ou dois domingos na brasileira, um domingo na americana pra eles terem esse contato também com a cultura... Que também, pelo fato da gente ser paroquianos da Igreja americana né? Eu acho que é importante a participação...

Pergunta 15. E a questão da Igreja Católica, ela é presente na vida dos migrantes aqui ou ela é um pouco distante?

Entrevistado 22. Olha vou falar da comunidade brasileira, porque a americana já é assim mais fria né? Com relação a comunidade brasileira, eu acho que os pastores ainda fazem um trabalho melhor, digamos assim, do que os nossos padres aqui. Eu acho assim, que o trabalho poderia ser melhor... Talvez, porque nas

comunidades já estão, em cada esquina, aparecendo uma igreja evangélica... E talvez por ser o número menor de congregados, né? Tem umas igrejas pequenas de 30, 40, 50 pessoas, então o pastor, talvez, faça um trabalho melhor... Mas eu acho também que isso vai muito da própria pessoa buscar né? Se a pessoa não busca é difícil, porque, por exemplo, a nossa comunidade são pessoas... Nós temos na nossa comunidade... Vem membros de 5, 8, 10 municípios diferentes né? Então é difícil pro padre atender todo mundo, não tem como, porque a comunidade é grande, de 500, 600 pessoas né? Tem a missa de Páscoa, de Natal que dá muito mais que isso... Então a dificuldade é maior, mas eu acho que vai muito do interesse de cada um, né, buscar, né, mas eu acho que tem espaço pra se trabalhar isso. Pode se melhorar e muito...

Pergunta 16. É sim... Pra finalizar deixa uma mensagem pra nós. Aí como pai de família, como brasileiro, como americano, porque teus filhos estão aprendendo português amarrados... Nós estávamos conversando que eles estão aprendendo português amarrados, não é verdade? Fala pra nós... Então, deixe uma mensagem...

Entrevistado 22. Ai... eu acho que o quê eu tenho a dizer é que a partir do momento que a gente chega aqui e constrói uma família, tem família, tem filhos, passa a viver nessa terra como se fosse a sua terra. Eu, realmente, gosto muito daqui, eu tenho um amor muito grande por esse país, porque é um país que tem me dado condições de viver, de progredir, de ter meus filhos... Dou orgulho a eles... Eu não tenho os motivos pra reclamar daqui, eu gosto muito daqui, eu acho que Deus tem uma história na vida de cada um e ele me trouxe aqui e tem uma história na minha vida também, então eu acho que eu estou aqui por um motivo, não é por nada. Eu olho pra trás e eu não sei se hoje eu estaria casado se eu tivesse no Brasil, se eu teria filhos e nada então...

Pergunta 17. Você casou aqui? Tua esposa é brasileira também?

Entrevistado 22. Eu casei aqui, mas ela é brasileira também.

Pergunta 18. Ela é da onde?

Entrevistado 22. Ela é da mesma cidade, aí ela veio pra cá, nós ficamos aqui durante três anos e depois a gente casou né? E a gente casou na comunidade brasileira também né? O padre brasileiro e foi em 2004, estamos casados há 12 anos, fez 12 anos ontem de casado.

Pergunta 19. Parabéns! Eu te agradeço, e agradeço não só a entrevista. Primeiramente, porque você me acolheu em sua casa, acolheu a gente aqui, foi um churrasco maravilhoso, uma música, um almoço abençoado, foi um momento muito bacana e eu como cheguei sexta-feira passada posso dizer assim, que se toda acolhida fosse assim ninguém mais saía desse país, risos.

Entrevistado 22. Graças a Deus! E a minha família, a do (...), a gente já está num... Porque tem muita gente que vem aqui no começo e quando chega aqui chega pra trabalhar mesmo, então existe muito pouco esse lado social da coisa, mas a gente já está em uma outra rotina sabe, a gente trabalha de segunda a sexta e a gente vive no sábado e domingo. Tem muita gente que não vive, que vive aí é pra trabalhar, com outro objetivo né? Claro, a pessoa vem com objetivo e trabalha, trabalha, como a gente fazia também no começo, porque quando a gente chegou aqui agente trabalhava 70 horas por semana 2, 3 trabalhos... Eu trabalhava numa empresa de mudanças por muito tempo de segunda a sexta e no final de semana, no sábado entre o sábado e domingo eu trabalhava mais 30 horas, eu abria e fechava o restaurante lavando pratos, das nove da manhã até meia noite no sábado e domingo eu não tinha... não existiam folgas para mim, muito difícil, às vezes 120 horas por semana... Então nossa vida era essa... Agora, depois que vimos que a vida aqui também não é só trabalhar, que a gente pára para alisar, “poxa, mas se eu vivi 10 anos aqui só para trabalhar, o que eu aproveitei dessa terra? Nada?” Então um... Qual é o objetivo de estar aqui trabalhando, deixando o ouro da gente aqui, que nem diz o outro né? Pra quem? Pros filhos, pros parentes aproveitar? Não, nós temos que aproveitar um pouco né, então hoje em dia eu já tenho uma visão bem diferente de quando eu cheguei aqui. Além de trabalhar pra ter, a gente quer viver também, viver a vida.

Pergunta 20. Geralmente assim, pra finalizar, geralmente as pessoas que chegam aqui já tem muitas dificuldades né? Mesmo por tentar ter e se sujeitam a qualquer trabalho que vier, porque...

Entrevistado 22. E tem aquele, viu padre, não existe diploma, não pesa se a pessoa vem do Brasil, pensando que com canudo de Advogado, Médico, ao qualquer coisa que seja, é melhor de quem já está aqui já... Está completamente enganado, porque aqui com o canudo ou não, todo mundo vai chegar e vai limpar casa, vai trabalhar na construção, vai lavar prato, vai fazer o que o americano não faz, você vai fazer o que americano não faz. Com o tempo sim, daí a pessoa pode se

estruturar, aprende o inglês, pode fazer um aperfeiçoamento e usam diploma que tem no Brasil, talvez pode usar pra cá, não sei.... de fisioterapeuta, dentista, advogado tem as portas, elas vão se abrindo. Mas quando você chega, você não é melhor que ninguém aqui. Eu conheço muita gente que tem canudo no Brasil, é doutora, administrador de empresa e vem aqui trabalha do mesmo jeito que todo mundo trabalho, é lavando prato, é cortando grama, é pintando casa, é limpando vazo de casa de americano, cuidando de idosos... não, não, não se iluda achando que vai chegar aqui, vai fazer e acontecer. Aqui é a vantagem que tu chega aqui e é tratado igual, não existe essa distinção, chega no hospital e não sabe quem que é o médico se não te disser, você não sabe quem que é o médico. É pra todo mundo ser tratado igual, porque todo mundo é igual na rua, todo mundo tem a possibilidade de ter o mesmo carro, então ninguém sabe quem é melhor que alguém, nem quem é quem. Então, aqui quando tu chega pra limpar uma casa quando termina eles dizem “muito obrigado por tu ter vindo”... Então os americanos quando tu chega eles dizem “ai que bom que tu veio, obrigado por ter vindo limpar a minha casa”. Há uma educação diferente, e um respeito pelo trabalho que tu faz, seja qual for o trabalho, seja limpar o banheiro dele, seja limpar o jardim, seja pintar a casa.... Posso até tá enganado, mas quando a gente está no Brasil e fala do trabalho que a gente faz aqui no Brasil é considerado um subemprego né? As pessoas são discriminadas, digamos assim a palavra certa... O engenheiro civil vai ganhar entre 70 e 90.000 por ano se ele arruma trabalho depois de formado. Um imigrante aqui está ganhando \$600 por semana trabalhando, no mês ele faz \$30.000 no ano sem estudo, sem nada, \$30.000 no ano se ele tiver dois trabalhos, ele ganha \$1200 por semana, ele já faz o salário de um engenheiro, porque se tu vai trabalhar no banco aqui eles pagam \$10 a hora, \$11 dólares a hora, se tu vai trabalhar na pintura, na carpintaria, tu vai ganhar 15, 16 dólares, o bom profissional pode ganhar até 20, 25...

Pergunta 21. Então tu ganha até mais do que na pintura, do que se trabalhar no banco?

Entrevistado 22. Mais...

Pergunta 22. É diferente do nosso país, o nosso país é tipo assim, o cara trabalha no banco, olha!

Entrevistado 22. E se você trabalha no escritório é uma coisa, se você trabalha na rua é outra coisa. O serviço braçal aqui é mais valorizado, paga mais o encanador

aqui, ganha uma fortuna, mas ele precisa estudar, ele precisa de licença, ter autorização para trabalhar, vai mexer com gás, com essas coisas. A gente tem um amigo que se formou engenheiro elétrico, mas ele continua trabalhando como eletricitista, porque ele ganha mais como eletricitista do que ele ganharia como engenheiro.

Pergunta 23. Muito bem, então a América é a terra das oportunidades, porém oportunidades você tem que saber agarrá-las, trabalhar duro e ficar firme, não é verdade? E contar também com a sorte na verdade e a graça de Deus.

Entrevistado 22. Sorte, ética, respeito, sempre tentar fazer o melhor. Isso é muito importante né, que as pessoas confiam em você e essa confiança ela é recíproca, se você transmite confiança ela é recíproca, as pessoas confiam em você, também eu acho que a receita é trabalhar duro, com honestidade sempre, dá o melhor de você e essa é a receita do sucesso na América.

Pergunta 24. Valeu, valeu.

Entrevistado 22. Tem gente que tem chegado aqui nos últimos tempos, eu tenho visto, ele que tem uma companhia de pintura e a mulher que tem uma companhia de limpeza e aí, eles vem trabalhar com a gente e fica “pô, ele cobrou tanto pra pintar esta casa e só vai me pagar tanto”, “ela cobra cem pra limpar uma casa, se limpo cinco casas no dia faz 500, e vai me pagar só cem o dia?” Mas eles não sabem o tempo que a gente já está aqui antes, e o tempo que levou para construir isso... Eles chegam e não tem carro, não tem seguro, não fala inglês, não tem cliente e eles querem ganhar igual, a mesma coisa, querem a metade, querem ganhar igual patrão entendeu? Eles não reconhecem isso e eles ficam vendo lá, que a pessoa está bem de vida, trabalhando, mas no início trabalhou muito, não é fácil limpar sete casas no dia, oito casas em um dia, não é fácil passar o dia inteiro pendurado numa escada pintando casa, carregando madeira “prum” lado, carregando madeira pro outro, construindo, trabalhando com máquina pesada... Então, eles chegam aqui, eles acham que eles têm que ter a mesma coisa que o outro tem, acha que o brasileiro está explorando o outro, não é verdade, eles que estão explorando, porque eles não pagam o carro, eles não pagam seguro e se pega fogo numa casa de quem é responsabilidade? Se quebram um objeto caro numa casa de quem é responsabilidade? Objeto de valor sentimental quem é que vai ter a responsabilidade, quem é que vai ter que chegar para o dono da casa e dizer olha

aconteceu isso, esse acidente, quem é que vai perder o cliente? E nós já estamos estabelecido, já temos carro, já temos casa, mas nós chegamos aqui já tem 16 anos, chegamos aqui trabalhamos muito também, trabalhamos...

Então tá bom, foi uma conversa muito agradável. Deus abençoe a gente, isso tudo são desafios da vida, mas tudo com Deus é mais fácil, pode ter certeza disso, mesmo que Ele, de vez em quando, a razão briga com ele mas o coração não permita, risos.

ENTREVISTA 23 (casal).

Pergunta 1. Bom, eu falo com quem?

Entrevistados 23. (casal).

Pergunta 2. Vocês são casados, namorados?...

Entrevistados 23. Somos casados, mas só no civil, não somos casados no religioso.

Pergunta 3. Casados aqui, muito bem. E quanto tempo vocês estão aqui?

Entrevistados 23. Hoje, dessa vez, faz quatro meses, mas nós já tivemos aqui há 13 anos atrás, por cinco anos.

Pergunta 4. Por cinco anos... Isso foi uma palavra que eu ouvi lá em inglês, que foi o quê, como é que se chama?

Entrevistados 23. Risos. E... como é que é? E... Como é que eles falaram ali? Back, Back, Back...

Pergunta 5. Oi gente! Eles são o quê, quando vem e voltam, eles são o quê? O que é mesmo?

Outros: Back Four, risos.

Pergunta 6. São “Back Four” risos.

Pergunta 7. Você (marido) também faz esse tempo aqui?

Entrevistado 23. nós viemos juntos, estamos quatro meses aqui, ficamos cinco anos aqui há 13 anos, atrás.

Pergunta 8. Tem alguma diferença de cinco anos atrás pra agora?

Entrevistados 23. Tem, tem, que aquela vez a gente veio com o propósito de vim e construir alguma coisa no Brasil né? Esse ano a gente já veio com outro propósito, esse ano a gente veio pra se curtir um pouco mais, vir atrás de uns tratamentos... então já mudou um pouco mais a visão da vinda.

Pergunta 9. E me conta uma coisa, vocês são de que lugar mesmo?

Entrevistados 23. Nós somos do sul, Santa Catarina.

Pergunta 10. Os dois?

Entrevistados 23. Isso, da mesma cidade.

Pergunta 11. Você morou um ano na, na...

Entrevistados 23. Na Itália, pra conseguir um documento pra vim pra cá pela primeira vez né?

Pergunta 12. Como cidadão italiano aí, aí... Você conseguiu bem mais rápido, já tinha conseguido bem mais rápido?

Entrevistados 23. Que eu consegui o meu documento por lá mesmo, não precisei ir na Itália, meu avô fez o pedido, então a gente pegou lá. Aí ele teve que ir até a Itália pra tirar documentação.

Pergunta 13. E... Vocês sentem mais o quê de saudade do Brasil agora?

Entrevistados 23. Família, família... Sempre família, a saudade sempre família né? Pai, mãe, avós, agora que eles já tem até um pouco mais de idade então, a gente já fica até com pouco mais de medo né, mas é a família que a gente deixa pra trás.

Pergunta 14. Quando vocês chegaram aqui pela primeira vez, como vocês foram recebidos pelos americanos e pelos brasileiros?

Entrevistados 23. É, eu posso dizer que muito bem. Aquela vez, há 13 anos atrás, poucos conhecidos, mas... Sempre, sempre, tem as dificuldades né, mas... Pela recepção, acho que no geral foi bem. No geral foi bem.

Pergunta 15. Muito bem. E vocês participavam da Igreja Católica lá no Brasil?

Entrevistados 23. Sim, no Brasil sim, tanto no Brasil quanto aqui.

Pergunta 16. E o que vocês acham da importância da Igreja aqui na América? Da Igreja Católica?

Entrevistados 23. É bom ter a Igreja Católica aqui, porque tu tá no país diferente... tu tem aquela parte acolhedora né? Tu vai numa Igreja Americana tu não entende, a gente que não entende muito inglês, não entende, é meio estranho... eu já fui duas ou três missas, que a gente foi ali na Igreja do meu sobrinho... tu ter a Igreja Católica aqui é bem mais acolhedora tem participação aqui né? Com eles já é diferente...

Pergunta 17. Vocês trabalham no quê? Você é estudante?

Entrevistados 23. Não, eu trabalho em limpeza. E eu trabalho na pintura.

Pergunta 18. Na limpeza e na pintura, isso mesmo... Outra coisa que eu gostaria de perguntar pra vocês, o que vocês acham, assim, que seria bom e que vocês percebem, como Igreja, que ajudaria a acolher melhor quem migra? Vocês já são veteranos, já vieram, já voltaram, já tem uma experiência de vida, já tem uma legalidade de permanência, uma história de construção... Claro que a gente nunca para de ter sonho, nunca para de querer construir e crescer, ter mais... está na hora de tratamento... está na hora de um baby também, não é verdade? As crianças também são importantes em seu propósito, imagino... Como padre tem os sonhos... Mas de tudo isso, o que vocês gostariam, assim, de dizer como positivo? Vocês já colocaram que é a questão da acolhida, referência que nos faz mais em casa da onde a gente veio, como raiz, como história, como sangue da nossa pátria mesmo... que a nossa casa seja onde a gente está, mas a gente sempre tem as raízes da onde a gente veio, da terra da gente... dentro de tudo isso, o que vocês gostariam de dizer, tipo assim, que é que ainda precisa para a Igreja seja mais presente?

Entrevistados 23. Aqui eu acho que tu sente a Igreja mais próxima do que propriamente na cidade onde o cara tá, porque eu acho que o povo aqui é mais acolhedor pelo sofrimento que tem. Eu acho que eles acolhem mais. E também aqui os padres são mais próximos dos brasileiros do que lá.

Pergunta 19. É muito importante ouvir isso.

Entrevistados 23. Pelo menos na diferença da nossa cidade a gente percebe isso... aqui há uma proximidade muito maior.

Pergunta 20. As pessoas se encontram melhor...

Entrevistados 23. A gente percebeu muito, a gente foi na paróquia tanto de Boston e Cambridge, em todas elas a gente percebeu isso do padre, ele está em contato com o pessoal que está lá dentro, ele conhece cada um que está lá dentro, ele brinca com as crianças, ele dá benção pras crianças, coisa que, tipo, na nossa cidade, pelo menos a gente não vê isso, a gente vê que, tipo assim, certo pessoal que trabalha na Igreja tem conhecimento do padre, tem aquela proximidade com o padre, agora fora isso não... quando a gente chegou aqui agente comentou isso... o padre é mais próximo, chega te cumprimenta na porta, te cumprimenta na saída... É diferente... que lá no Brasil, né, não sei se é porque não tenha tempo lá... tem mais pessoas... pouco padre...

Pergunta 21. E de repente as comunidades, assim, são maiores né? Mas também pode ser também uma questão de referência com uma entidade, né, porque aqui todo mundo é migrante, né, tem sonhos diferentes, mas um mesmo sonho, próximo... Tem dificuldades diferentes, mas as mesmas dificuldades pra todos... isso também facilita a integração, a intimidade...

Entrevistados 23. Não é? Bem legal...

Pergunta 22. Que bom. E pra finalizar o que vocês gostariam, assim, de dar uma mensagem, tipo assim, vou te perguntar e se alguém estivesse com vontade de migrar pra cá o que você diria uma pessoa que gostaria de vir, que quisesse vir pra cá?

Entrevistados 23. Que venha e que corra atrás dos sonhos, porque a primeira vez que vim, tinha 18 anos, éramos noivos quando a gente veio. Então venha correr atrás dos seus sonhos. É difícil não vou dizer que não é. É complicado, mas tudo é possível, é lutado, é sofrido, às vezes, mas no final de tudo isso tu tem boa realização ver o futuro... Aquela vez que a gente veio a gente ficou cinco anos, quando a gente voltou nós tínhamos nossa casa... Tu valoriza... É... tu trabalhou, teu esforço... É difícil, mas... Mas eu falo... É oportunidade. Quem tem a chance de vim venha, pelo menos, eu não diria outra coisa pra pessoa não vir não, eu digo vá, se tu tem esse sonho vai correr atrás, porque a gente voltou... Como os outros, que também tem esse sonho de ter um filho, a gente não conseguiu no Brasil a gente veio pra cá, pra tentar aqui, então é um sonho, tem que ir pra lá de novo, então vamos... é porque tem que nascer americano....

Pergunta 23. Isso mesmo risos. Deus sabe de todas as coisas, o tempo, a hora certa, Deus não falta. E o que você não aconselha alguém a fazer?

Entrevistados 23. Não fazer... Tem muita história do pessoal vindo ilegal... Não adianta vim, porque o risco é grande né? Tenta fazer as coisas da maneira certa, né, pra vim pra cá, né.

Pergunta 24. A coisa certa é, por exemplo, tipo assim, você pode até tentar se aventurar numa realidade do México, ter risco de vida, mas não é só o risco de vida, porque quando você chega aqui, você fica também exposto demais...

Entrevistados 23. Vai ter que andar com documentação falsa, isso também não compensa, é melhor não ter... Tu chegar aqui fazer as coisas falsas... Podia ter feito os documentos falsos, mas não compensa...

Pergunta 25. É porque a longo prazo tu vai sofrer as consequências.

Entrevistados 23. E vai sofrer as consequências... é mais complicado...

Pergunta 26. É porque ninguém fica no mesmo lugar, porque a gente sempre procura andar pra frente... ajuda agora e amanhã quando você quiser já não te ajuda mais, essa é uma dificuldade... Bom, eu agradeço imensamente, desejo que vocês sejam, já são, muito abençoados, felizes... Deus cuide de vocês e que nossa Senhora guarde vossa vida, vossa caminhada, vossa história aqui, vossos trabalhos e que nunca falte aquilo que não pode faltar para ninguém, esperança, amor e Deus na vida da gente.

Entrevistados 23. Amém! Amém, com certeza!

ENTREVISTA 24.

Pergunta 1. Bom, nós estamos aqui, como é o seu nome?

Entrevistada 24. (mulher).

Pergunta 2. Lívia, quanto tempo você está aqui na América?

Entrevistada 24. 13 anos.

Pergunta 3. 13 anos e ficou gente do seu coração, da sua família?

Entrevistada 24. Ficou.

Pergunta 4. Ficou. E o que mais te dá saudade no Brasil?

Entrevistada 24. Meu pai.

Pergunta 5. Teu pai, da saudade do teu pai né? Quando você chegou aqui há 13 anos foi bem acolhida pelos brasileiros aqui?

Entrevistada 24. Posso dizer que sim, sim, sim, eu digo que fui bem acolhida assim...

Pergunta 6. E pelos americanos?

Entrevistada 24. Eu levei um tempo até me entrosar com os americanos, mas também acho que fui bem recebida.

Pergunta 7. Tu já veio falando inglês?

Entrevistada 24. Não... aprendi aqui.

Pergunta 8. Você já participava da Igreja? Tu é da onde?

Entrevistada 24. Santa Catarina.

Pergunta 9. Santa Catarina. E você já participava da Igreja lá?

Entrevistada 24. Sim.

Pergunta 10. E aqui, você participa também da Igreja Católica?

Entrevistada 24. Participo.

Pergunta 11. O que tu acha, assim, da Igreja Católica, ela é presente na vida, ajuda muito quem está aqui, vocês migrantes.... desde que você chegou... como é que você se sentiu?

Entrevistada 24. Eu acho que a Igreja é o alicerce de tudo, né? Se não tiver a Igreja embaixo e a gente se firmar em cima dela, a gente fica perdido né?

Pergunta 12. É... que bom. E o que eu gostaria de dizer... tu gostaria de deixar uma mensagem assim, uma mensagem pra quem migra, uma mensagem da importância da Igreja, da vida na Igreja Católica, no caso, a importância da Igreja e se ela sempre foi presente, por exemplo, a Igreja Católica foi presente desde que você chegou nesses 13 anos? Ela tem uma presença boa? Ela sempre foi presente ou, em resumo, o que de bom tu vê e o que precisa ainda melhorar?

Entrevistada 24. Na minha opinião, acho que a Igreja não tem que melhorar, as pessoas têm que se melhorar pra entrar e se firmar na Igreja. A Igreja é toda perfeita né? As leis da Igreja são as leis de Deus né? O ser humano é que tem que se aperfeiçoar nas leis de Deus e seguir, buscar os mandamentos Dele né? Eu acho assim, que todos que estão aqui precisam, de alguma forma, procurar uma Igreja, não importa que seja protestante, evangélico, batista, claro, eu não mudaria a minha Igreja por nada nesse mundo. A minha Igreja é Católica, não porque eu nasci católica, meus pais me criaram Católica não, é porque eu acho que essa é a primeira Igreja de Cristo, é a Igreja Católica né? Então, mas é importante cada um seguir, pelo menos, o caminho de Deus né? Os ensinamentos de Deus, porque você seguindo os ensinamentos de Deus, andar no caminho Dele, você não erra.

Pergunta 13. Que bom, que bom, eu fico feliz... Conversei aqui com nossa amiga, faz 13 anos que está aqui. É casada com?

Entrevistada 24. (...).

Pergunta 14. E vocês estão juntos aqui, vocês têm quantos filhos, três né?

Entrevistada 24. Três.

Pergunta 15. Eu fiquei sabendo que tem um filho que está na Flórida, é isso?

Entrevistada 24. Califórnia.

Pergunta 16. Califórnia isso... já casado né?

Entrevistada 24. Já é casado.

Pergunta 17. Já tem criança?

Entrevistada 24. Não, não, casou esse ano.

Pergunta 18. Que bom, que Deus abençoe e abençoe também os outros dois filhos e guarde vocês com a graça de Deus está bem?

Entrevistada 24. Obrigada!

ENTREVISTA 25.

Pergunta 1. É uma alegria estar aqui, nesse dia, é uma terça-feira de manhã, sendo recebido nesse lugar chamado Lanchester. É isso, acertei?

Entrevistado 25. Não... é Framingham.

Pergunta 2. Lanchester é onde eu passei, aqui é Framingham... Eu estou com o padre?

Entrevistado 25. (...), assim conhecido. (...), mas todo mundo me chama de (...), porque isso é muita confusão com (...).

Pergunta 3. É muita confusão com (...) é... Você é padre quanto tempo?

Entrevistado 25. Eu sou padre há 34 anos, nascido lá no Rio Grande do Sul, Rondinha, lá pelo interior e me formei no Brasil e logo em seguida fui para Argentina e fiquei vinte anos na Argentina. E é parte sul da América Latina, Chile, Bolívia, Uruguai e trabalhei também com os refugiados, trabalhei com o episcopado das imigrações aonde o Papa era o vice-presidente da comissão e, muitas vezes, na reunião conosco lá, ele dava uma assessoria lá na nossa comissão Católica da Argentina de migração. E nós temos também a agência para proteção aos refugiados, na qual eu fui diretor durante oito anos e de lá vim trabalhar nos Estados Unidos. Uma missão aí em espanhol, português em Orlando e fiquei e fiquei super feliz aqui, trabalhei em Orlando, trabalhei em Everest, Diocese de Boston, Arquidiocese de Miami e agora estou aqui de volta em Framingham, na Arquidiocese de Boston.

Pergunta 4. Que bom! E assim, com referência a migração, com o teu conhecimento durante tua vida, o que você poderia dizer para os brasileiros? Especialmente os daqui, que tem muitos nessa paróquia onde você trabalha, de modo especial aqui, sobre migração o que você me diria assim a muitos brasileiros, como que ele se encontram...

Entrevistado 25. Eu sou padre scalabriniano né, a nossa característica, o nosso carisma é trabalhar com os migrantes, deveríamos ser *expert* em migrações não? Mas não chegamos até aí não, mas é o nosso tema na migração, por isso estou aqui, lugar que tem muito migrante, Framingham, que é norte aqui dos Estados

Unidos. É o lugar que tem mais imigrantes brasileiros, logo depois vem Miami, região de Miami é o segundo lugar em número de brasileiros, depois Nova Iorque, depois esparramados por todo Estados Unidos. Estima-se que aqui no norte, na região de New Ingran, passa de 220 mil brasileiros. Há uma migração já de 30 anos atrás na nossa comunidade aqui de Framingham, onde 20% da comunidade está há mais de 15 anos aqui. Mais de 15... 20 anos... Tem gente aqui com mais de uns 25 anos que pertence... Desde que a comunidade católica brasileira começou, desde a primeira missa eles estão aqui, tem um grupo aqui dos velhos aqui é a parte do fermento é a parte mais habitada pelos brasileiros... se não fosse pelos brasileiros a cidade teria caído, porque estava um desastre. Vieram os brasileiros, inclusive, fizeram um mutirão aí pra pintar os prédios da cidade. Você anda aí no centro e você vai ver lojas, restaurantes, tem tudo, oficinas mecânicas, escritórios... Brasileiros a cada três metros, quer dizer, todas as quadras habitadas por brasileiros, muitos brasileiros.

Pergunta 5. E todos eles assim... ainda tem pessoas, na questão migratória, com dificuldades com parentes longe, com saudades, outros ainda procurando legalidade pra poder permanecer, ainda tem muito, muito isso né? Na questão migratória.

Entrevistado 25. Tem. Essa não é a comunidade, digamos, a mais pobre né, mas aqui é considerada parte mais pobre da cidade, o norte é a mais rica. O pessoal chega aqui para trabalhar e quando cresce no estabelecimento social vai para outro bairro, porque... vieram irlandeses, depois vieram os italianos e cresciam, casavam, iam embora... vieram os portugueses, que também aconteceu a mesma coisa, os filhos nasceram, cresceram, casaram e mudaram-se. Ficaram alguns portugueses ainda e agora estão os brasileiros e muitos hispanos, evidentemente. E está chegando o pessoal do Brasil, estamos em um momento em que estamos recebendo muitas famílias do Brasil. Nós temos um trabalho social muito grande aqui, acho que é uma referência do trabalho social com os imigrantes, pois é nossa característica, o nosso carisma é o trabalho com os imigrantes, não simplesmente para conservar a fé, mas para integrar o imigrante na sociedade, na acolhida sem que perca a própria identidade. Nós, quando saímos do Brasil, normalmente, temos a tendência de misturar muito com o povo do país que nos recebe e a tendência é perder a cultura, não? Perder a língua, perder os costumes, a maneira de rezar, a maneira de cozinhar, de cantar, de festejar a vida... É muito diferente e

aqui nós temos um trabalho assim, para que sejamos comuns a própria identidade de ser brasileiro, aqui, na China, em qualquer lugar, mas integrado nesta comunidade que nos recebe, que devemos muito, é uma cidade muito generosa, respeitando as leis e gostando do país onde estamos, vivendo e mantendo a fé, ao mesmo tempo que a fé nos anima, nos alegra, nos alimenta para seguir na vida nessa luta de muito trabalho, porque o prazer aqui se caracteriza pelo trabalho. Todo mundo fala, brasileiro é trabalhador. Isso é o que o povo fala, não? Desorganizado, as vezes, atrasado, tem os defeitos, mas é muito trabalhador e isso é um orgulho para nós.

Pergunta 6. E como Igreja, você que está aqui e já passou por tantas experiência de Igreja, de Diocese, de Arquidiocese, como Igreja, como você vê o olhar, por exemplo, diante dos migrantes? Há o incentivo, um apoio, ainda falta alguma coisa?

Entrevistado 25. Hoje os Estados Unidos conta com 66 milhões de católicos. O catolicismo está crescendo muito nos Estados Unidos devido às migrações, seja de filipinos, seja de hispânicos, mexicanos que chega aqui, o brasileiro também chega aqui católico e, alguns, deixam de ser católicos pra ser acolhidos melhor por algumas pequenas comunidades evangélicas pentecostais, mas a maioria vem católico, normalmente, do Brasil. Então os bispos têm consciência do que significa para a Igreja os imigrantes, tanto assim que no ano 2000 eles fizeram o movimento muito bonito... dando as boas-vindas a todos os imigrantes e é um trabalho a ser feito e que está se fazendo também para aceitação na comunidade... Se você perguntar em todas as comunidades, começaram a rezar a missa no sótão da igreja, foram, digamos assim, no lugarzinho assim pra não incomodar, assim é o início de tudo, de todas as comunidades e aos pouquinhos você vai crescendo e vai se integrando. O pároco vai entendendo que pessoas que vem vindo aí não conhecem e começam a simpatizar, porque os brasileiros são muito simpáticos né, então começa a dar o seu lugar, essa paróquia, do qual sou pároco, é a única paróquia nos Estados Unidos que é composta de 80% de brasileiros, cujo padre é brasileiro, entende? Não há problema de integração absoluta, absolutamente, porque os outros 20% são americanos, alguns descendentes de italianos, outros de portugueses, então eles falam só em inglês, mas nós integramos muito bem, principalmente, porque nós somos a maioria e o padre é brasileiro também entende? A cultura é muito importante, às vezes, o padre americano, ele gosta dos

brasileiros, mas não entende, não entende, porque nunca viveu no Brasil, nunca conviveu com os brasileiros, então além de não entender o idioma, não entende o ser brasileiro, o que é, a maneira como reza, como festejar a vida, como celebra, entendeu? Como faz então... é difícil pro americano entender isso... Então quando é um brasileiro facilita muito e aqui nós temos a sorte, aqui nessa comunidade. E por isso, que nossa comunidade é muito dinâmica, muito grande, inclusive, as festas aqui sempre rende muitas festas. Fizemos uma festa junina outro dia com 6.000 pessoas, não menos passaram por aqui e vamos nos organizando dessa maneira, porque a cidade assim, digamos, olha pra comunidade brasileira. Tanto assim que no começo, quando cheguei, há quatro anos atrás, ainda não fazia aquela festa grande e quando fizemos a primeira, a polícia, às autoridades do município, ficaram assim muito desconcertados, porque nunca viram tanta gente, montou esquema de segurança achando que ia dar briga, que daria muita confusão... Hoje em dia nem mandam mais polícia entendeu, porque confia e sabe que a comunidade brasileira pode ser bem organizada, na boa, na amizade, na fraternidade, sem causar nenhum problema a não ser do transporte, que evidentemente pára o trânsito na cidade e é difícil se mover naquele dia, mas são 7:00 por ano.

Pergunta 7. Que bom, que bom ouvir isso. E a paróquia que é São Tarcísio né? São Tarcísio que é o patrono aqui. E falando então em São Tarcísio, nessa questão da festa junina, das festas populares, essa presença do migrante, do brasileiro aqui, dos católicos, perguntar assim existe, assim, aqui, eu sei que deve ter trabalho pastoral já estruturado e a nível, assim, diocesano, de outros lugares eu cheguei aqui com Padre (...), não é verdade, lá é outra realidade, estive também com Irmã (...), ela foi me colocando... 16 núcleos é isso mesmo? Existe um trabalho de conjunto?

Entrevistado 25. Existia e agora existe um pouco, não muito, porque a realidade é diferente de 25 anos atrás, quando começou a Pastoral dos brasileiros, necessitávamos um do outro, não é? Uma comunidade da outra, pra sentimos brasileiros, sentirmos católicos, pra nos ajudar... Hoje algumas comunidades já estão muito integradas. No caso a nossa aqui, em Everest, já não há muita necessidade de apoio de outras comunidades, algumas comunidades pequenas talvez necessitem um pouquinho mais então, mas não como antes. Então, já não é uma organização como antes, um apostolado Brasileiro... É simplesmente alguns

momentos, que existe algumas prioridades que a gente vai trabalhando junto, que é o caso da juventude, da família, da catequese, ajudando um pouquinho e também porque a Igreja, eu queria falar isso, estava falando antes que a Igreja percebe que vai crescendo à medida que os migrantes chegam, porque a Igreja Católica vai crescendo com os imigrantes, a Igreja de Boston também, do mesmo jeito. Entendem hoje a importância dos imigrantes aqui na Arquidiocese, então já veem com bons olhos, aceitável. O Cardeal é muito bom com os imigrantes. O Cardeal de antes o (...), que teve problemas aqui com a imprensa eu acompanhei, por causa dos escândalos de sexo, teve que se retirar no Vaticano, mas ele era muito querido pelos migrantes brasileiros. Um defensor dos imigrantes. Então hoje a Igreja local vê as migrações diferentemente de 20 anos, 25 anos atrás, então já não há muita necessidade de organização do apostolado, mas está sempre a fazer uma festa junto. Celebramos a Crisma juntos, alguns gestos assim, pra mostrar a visibilidade da comunidade brasileira aqui na Arquidiocese de Boston.

Pergunta 8. Que bom padre e assim ouvindo essa colocação é... vamos assim, sem abusar do seu tempo que eu sei tem compromisso a vida aqui da paróquia é intensa, mas gostaria de perguntar assim, falamos sobre migração, falamos sobre Igreja, pastoral e no começo você teve uma experiência, inclusive, pessoal... encontrar agora o Papa, no tempo da Argentina, no trabalho com refugiados, com migrantes, como trabalho dessa realidade onde ele também sempre se mostrou muito, como ele é, como presença humana, de presença de vida, quando a gente fala em nova evangelização é porque não existe uma nova evangelização é a mesma evangelização, porém essas fórmulas, que vão as formas, que vão mudando de pessoas... E o quê que você poderia falar sobre nova evangelização? O quê que seria interessante, como Igreja, que a gente poderia vislumbrar como evangelização? Ontem mesmo eu entrevistei um que viveu na Itália 20 anos e que pela crise lá e que pela entrada de muitos refugiados a desculpa dele foi essa voltou para o Brasil, no Brasil não deu certo, veio pra cá, chegou faz seis meses com família, filhos, mala e cuia. Então como evangelização o que você poderia me dar como luz para essa pesquisa?

Entrevistado 25. Acho que o Papa está certo, está no caminho certo e eu comungo 1000% com o Papa e a Igreja tem que mostrar o rosto misericordioso, porque dentro da Igreja há todos os movimentos, todas as ideologias, todos os caminhos,

então a Igreja é mãe, porque recebe todos. Há uma necessidade entre as migrações de solucionar problemas imediatos, daí que você pode entender o êxito, às vezes, de seitas evangélicas, eu falo de seitas porque são grupos que se destacam de outras congregações protestantes, onde a Igreja Católica não trabalha bem, onde há muita ausência do sacerdote ou ausência de trabalho do sacerdote, eles têm muito êxito justamente por isso, porque o imigrante ele perde a direção, ele vem aqui sozinho. É assim, como você falou, ele veio agora com a família, mas com muitos problemas, não fala o idioma, não conhece a cultura, por isso quebra as regras, muitas vezes. Se sente sozinho, porque não tem comunidade, não tem família, porque não tem apoio. Hoje facilita um pouquinho mais, por causa dos meios de comunicação que logo coloca em contato com a família, mas você está sozinho aqui, sozinho chega nas festas, está sozinho. Então, a tendência das pessoas é buscar soluções imediatas, não é? Seja pra saúde, pra sua solidão, muita gente depressiva... No inverno é muito complicado aqui, são seis meses de frio, o mês em que o sol aparece, poucas vezes, então você não tem amizade, não convive com ninguém, com pessoas, assim, pra se animar, às vezes, você entra em depressão. Isso é um problema muito grande aqui, pra nós... Então, se apegam a espiritualidade, especialmente, uma espiritualidade que dá soluções imediatas como é a linha pentecostal, seja os carismáticos dentro da Igreja Católica e os evangélicos. Nem vou falar os pastores que vivem disso tudo, vivem disso porque os pastores vivem do dízimo, mas eles querem dar uma solução na hora certa... Deus te cura, Deus é tudo, Deus soluciona tudo, Deus faz tudo, aí você busca em Deus e paga o dízimo e pensa que vai buscar solução. É claro que nunca soluciona, e, na verdade, Deus ajuda quem se ajuda. Então esse é um problema pra mim, dentro da Pastoral, pra mim, é um problema a ser discutido muito, ser aprofundado e que é muito difícil, muito difícil, porque vêm pregadores do Brasil, numa linha totalmente desencarnada, as vezes. Vem trabalhar aqui numa linha muito desencarnada e vem falar abobrinha, não faz distinção entre bem e mal, entre aquilo que é justo e o que não é justo. Então isso é um problema grave do nosso apostolado, é um dos problemas. Esse aí o problema, é justamente esse aí, porque não vamos unir, não caminharmos no mesmo caminho, numa mesma direção.

Pergunta 9. O sentido é muito mais fácil e simples, mas muito menos pastoral, evangelizador, tipo assim, ser religioso, um padre, ou de uma

comunidade religiosa, seja brasileira, ou seja de uma outra seita da Teologia da Prosperidade, que quem vem, vem pra uma oportunidade de vida, de passagem, vem aqui faz um discurso, vende o livro, faz não sei o que, não sei o que lá e depois some, vem sem um comprometimento, sem uma caminhada, não é isso?

Entrevistado 25. É muito isso, muito, muito, muito, muito... Por isso você pode distinguir dentro do apostolado, que sempre traz esses pregadores do Brasil, que nunca são comunidades que progridem muito, fica sempre no mesmo lugar.... Entendo, porque isso não faz comunidade, pode avivar, eu gosto que venha gente assim, um Padre (...) digamos, assim uma vez por ano é ótimo, entendo porque dá um revivamento... nós chamamos então uma vez, duas vezes por ano, está ótimo, viver disso não é Igreja pra mim. Pra mim, Igreja se faz com comunidade e com compromisso, entendo então que existe.... se eu falar aqui, na Igreja São Tarcísio, que vai vir um padre exorcista, falar sobre exorcismo, vai dar muitas pessoas até em cima dos bancos, entende? Porque nós somos curiosos de coisas diferentes, ver fenômenos, ver milagres, ver coisas assim, mas não é por aí que vai a pastoral. Eu assinalo isso porque é um pouquinho aquilo que nos toca no apostolado, aqui, em todo apostolado dos Estados Unidos. Assim, a influência evangélica dos pentecostais, o evangelismo pentecostal e a influência dos carismáticos católicos também, quantos nós perdemos... quantos só nessa linha nós perdemos... não é a linha do Papa. O Papa fala em misericórdia... e eu penso que assim é minha fé, fala assim, posso estar errado, mas acredito nisso né?

Pergunta 10. Que bom, que bom... ouvir isso é uma alegria, porque mesmo de outro lado vindo, do Brasil, nós somos gaúcho de nascimento, do mesmo estado, mas somos onde nós estamos não é verdade? Não é assim que Scalabrini dizia, não é assim, nós somos de onde nós somos, da casa onde nós estamos, que nos acolhe não é?

Entrevistado 25. Quem nos dá o pão é a pátria.

Pergunta 11. Isso facilita essa experiência de Igreja, nessas realidades, pra evangelizar. Quando há um trabalho concreto de acompanhamento, de coisas básicas, que acontece no trabalho de caminhada, não apenas, tipo assim, pros isolados, sem direção ou por interesses próprios, não é?

Entrevistado 25. É porque acabou depois, acabou a pregação e acabou tudo, não é?

Pergunta 12. Então, assim, existiu um plano pastoral aqui, tem atividades, tem missa em português, catequese, tem movimentos, deve ter encontro de casais, tem tudo estruturado aqui, tem a crisma que acontece junto com Arquidiocese...

Entrevistado 25. Sim a crisma com Arquidiocese... Temos 60 crismando, queremos fazer aqui com a grande festa de 25 anos da nossa comunidade, aqui com a presença do Cardeal também. Acho que a terceira, quarta missa que celebrou foi aqui, em português, então mais ou menos essa época há 25, 27 anos atrás, houve a primeira missa em Boston. No próximo ano nós temos 14, 15 pastorais, não é. E tem um curso que nos distingue, desculpe minha falta de humildade, não, mas como dizia em humildade ninguém me ganha, risos, é que formamos o *breezin*. O *breezin* é o *Brazilian América Center*, que é o centro para os migrantes onde acontece tudo o que um migrante necessita ou quer realizar. Então nós temos futebol para criança brasileira, quem é que não gosta disso? Inglês para adultos, zumba, forró, aula de português, cidadania, para se poder se tornar cidadão, palestra sobre trabalho, temos centro de orientação para conseguir trabalho, plano de saúde.... e um *scalabrinianas center*, que estamos trabalhando, que seria um filhinho desse aqui, que lá nós fundamos em miniatura, esse aqui em grande escala, porque nós temos todo o espaço necessário aqui, tem espaço, tem gente, tem criatividade, tem pessoas que participam, leigos que são líderes e dinheiro também, então podemos trabalhar.

Pergunta 12. Eu ouvi também que tem uma escola, uma escola aqui da comunidade.

Entrevistado 25. Sim, tem a escolinha, que é pra criancinha, mas tem a escola de tudo, que tem português, inglês, tudo aquilo que ajuda o imigrante, não é? Nós celebramos a cultura, fazemos uma festa da cultura brasileira, para que as crianças possam absorver um pouquinho daquilo que é do Brasil, pra conservar essa identidade brasileira, porque é importante ir aprendendo idiomas, porque se não fica só com inglês, mas quando for pedir trabalho eles vão perguntar quantos idiomas você fala, porque está tudo misturado, quando vai pedir trabalho sem falar inglês é muito complicado a vida dela, dele, porque vai ter três americanos, três pessoas no dia que vai comprar isso, então tem que saber outro idioma....

Pergunta 13. Muito bem, porque é muito bom e não só por ter tomado chimarrão aqui, risos, mas porque é muito bom, pela vida, pela experiência,

experiência sacerdotal, é muito gratificante isso, nos anima, nos ajuda entre irmãos no sacerdote... Só perguntar uma coisa, assim, houve, por exemplo, entre os migrantes brasileiros, de modo especial entre os católicos, diante daquilo que a Arquidiocese de Boston passou, que passou a ser uma realidade vista no mundo todo, dos escândalos, nos sofrimentos etc. Muitos deles inverídicos, como no Brasil também, nós temos no Brasil caso de um padre que ficou dois anos preso inveridicamente, sem dever nada, acabaram com a dignidade, não só na questão do sacerdócio, mas a alma do padre e que depois a pessoa disse, eu inventei porque meu filho não sei o quê, por uma questão, é pessoal ou de ideologia religiosa, sei lá, aqui esses acontecimentos afastaram, como é que foi sentido de quem está aqui, sentiu um pouquinho dentro dos Estados Unidos aqui, na América...

Entrevistado 25. Começar falando é que a tolerância é zero, de tolerância agora né? Faz 12 anos, 10 anos, que começou... Se você for acusado e é padre, alguém te acusa, você já deixa de exercer o ministério, está suspenso do ministério e você tem que provar que você é bom, porque automaticamente aqui todos os padres são, digamos, são culpados. Você tem que provar que você não é culpado se alguém te denuncia. Então se você está de mal e uma mulher falar que você deu um tapa na bunda dela é suficiente para você ser suspenso do ministério sacerdotal até você provar que isso não é verdade, entende? Então, isso é a realidade de agora, graças a Deus, quer dizer, infelizmente, tudo aquilo que aconteceu na Igreja especialmente aqui na Arquidiocese de Boston, graças a Deus, aconteceu com os padres americanos né? Porque se tivesse acontecido com os padres brasileiros ou com padre estrangeiro teria sido... Porque você sabe que já é aquilo que dizia, antes de Cristo, muito antes Dele, que é bom a gente ter um estrangeiro entre nós a quem colocar a culpa das nossas culpas, dos nossos defeitos, né? É bom. Então, se fosse o estrangeiro seríamos todos culpados e todos os estrangeiros seriam suspeitos, graças a Deus, foi com os americanos não sei se felizmente ou infelizmente, porque na verdade purificou a Igreja... não há nada de ruim que não há algo de bom, não é assim na vida? Então houve uma purificação e hoje, claro, que houve uma demandada dos católicos, especialmente, na Arquidiocese de Boston, as igrejas ficaram vazias, mas isso não tocou muito nos imigrantes não, os brasileiros nem sabiam bem. Soube disso só os brasileiros que leem em inglês, que podem se inteirar disso um pouquinho, os outros não ficaram

nem quase sabendo, eles não admitem que um padre brasileiro tenha feito isso, então graças a Deus, não aconteceu. Não é que ninguém é santo aqui né? Todo mundo tem os seus pecados, mas não chegou a isso não. Então, atingiu a comunidade inglesa, americana, esvaziou muito, muitas igrejas esvaziaram, mas não atingiu os imigrantes, muito pouco, mas também foi uma purificação, como um florescer, como a primavera de vocações a nível de diocese, pelo incrível que pareça. Nível de religiosos não, mas diocesano foi um florescimento de vocações. Então, a Igreja começou a retomar o seu lugar com todos os seus defeitos, mas com tantas coisas boas também. A Igreja é poderosa aqui, porque a Igreja aqui em Boston é uma Igreja muito rica, entende? Então eles foram pra cima de onde tem dinheiro, houve denúncias certas, houve padres que foram realmente pedófilos e estão pagando pelos erros, alguns, e outros morreram, se suicidaram, tem gente na prisão... Mas hoje tem um cuidado muito especial no seminário também, a própria comunidade se cuida. Tem todo aquele comportamento né? Se você entrar em uma igreja, vou te mostrar o papel onde o padre se compromete a não tocar em crianças, não fazer isso, não fazer aquilo, é um ato de fé entende? Pro padre aqui de hoje em Boston, porque pra gente é ridículo entende, mas pra eles vale a lei, nós temos que ouvir, fazer o curso onde se aprende que não tem que mexer nas crianças, não tem que tocar, tem todo um regulamento feito pela Arquidiocese, pra se defender diante dos advogados, das denúncias, das suspeitas, que os opositores se sentem lesado... A Igreja pagou muito dinheiro, evidentemente, a igreja aqui tem muito dinheiro, as congregações também, mas estamos de pé.... Muitas comunidades tiveram que decretar falência, porque não tinha como pagar e aquilo que você falou, houve muita mentira na nossa congregação, posso falar de um cara que morreu há 50 anos, um cara que era tão querido pelo povo de Boston, coisa que impressiona. Fico chocado porque um cara que nós tínhamos, assim, que você vai falar de um cara que morreu há 50 anos, essas coisas que você não pode provar né? Eu sou advogado, muito bem instruído, eu fui na defesa um dia de um padre, cuja vítima era um artista entende? Dizer aquilo que o advogado dizia que era pra ele falar e chorava quando tinha que chorar e gritava na hora que tinha que gritar e uma mentira muito grande, entende? Então teve de tudo...

Pergunta 14. Que bom, fico feliz e finalizando, então, agora sua mensagem final, deixando assim, de tudo que nós conversamos, Igreja, evangelização,

trabalho, vida sacerdotal e dessa luta e é bom servir quando a gente ajuda também é ajudado, a nossa missão...

Entrevistado 25. O nosso fundador dizia para levar o consolo da fé e o sorriso da Pátria aos imigrantes. Esse era o lema dele, aquilo que fica na verdade na nossa vida sacerdotal é o carinho, é o amor, às vezes, a ideologia, os partidos, a maneira de pensar, você fica em crise quando você vê um povo, assim, que os seus líderes são, assim, a nível político, não combina nada sabe, muito manejados pela imprensa, assim, falta doutrina. Mas se você olhar isso só, isso te desanima como sacerdote, você tem que olhar que a sua presença, você, tem que ter amor e como diz na oração do Papa para o ano da misericórdia, quem se aproxima do sacerdote pode sentir o amor de Deus e o perdão de Deus para sua vida. Isso que importa, não é verdade? O que fica é somente o carinho, o amor das pessoas, seja quem for, seja como você pensa, igual ou diferente, dentro da Igreja. Homossexual que vem pedir consolo, que tem fé, entende? Você tem que ter um coração misericordioso. O Papa nos faz refletir sobre o coração de Jesus, que é manso e humilde e misericordioso também... Amém!

Pergunta 15. Amém! Muito obrigado e realmente eu sou testemunha disso tudo, dessa misericórdia, dessa caridade, porque eu fui muito bem recebido em poucos minutos que eu estou aqui, nunca nos vimos e com muita alegria né? Que bom, que Deus continue nos ajudando, nos abençoando em nossa missão, cada um em um lugar no seu trabalho, no seu exercício...

Entrevistado 25. Obrigado!

ENTREVISTA 26.

Pergunta 1. Padre faz quanto tempo que você está aqui na diocese?

Entrevistado 26. Eu cheguei aqui em janeiro de 2006, então já completaram-se 10 anos.

Pergunta 2. Você é natural...

Entrevistado 26. Eu sou natural do Estado de São Paulo, eu nasci em uma cidade chamada Mogi Guaçu, interior de São Paulo e a minha diocese é também a diocese São João da Boa Vista.

Pergunta 3. E (...) sobre migração, me fala um pouquinho sobre migração, sua experiência com brasileiros católicos residentes aqui na diocese de Boston, na comunidade onde você trabalhou, trabalha hoje, sei também da

Pastoral carcerária, que você é capelão do Hospital... São realidades realmente muito, muito, humanamente falando, assim, próximas né?

Entrevistado 26. Olha, a questão de imigração, né, a realidade do povo brasileiro que vive nessa terra é bem diferente... Eu fui pároco algumas vezes no Brasil, com alguns meses de padre eu fui pároco no Brasil e tenho mais tempo de padre nos Estados Unidos do que no Brasil, vou completar 16 anos de padre em novembro e ser padre no Brasil é uma realidade, no exterior, falando de uma maneira particular dos Estados Unidos, é diferente. No Brasil a realidade, o território paroquial, aquelas pessoas se ajudam, porque crescem ali.... aqui não, aqui nós temos um Brasil dentro de uma paróquia, que é diferente, né, é gente do sul, é gente do norte, é gente de Minas, São Paulo, de várias partes, com culturas diferentes, realidades diferentes, com grau de escolaridade diferente, então é uma coisa muito interessante... É muito comum encontrar um advogado ou um que fez ciências contábeis trabalhando na construção, né, e tem um nível de conhecimento maior. Outros que já vieram, por exemplo, bem da roça, eu vi um caso de uma pessoa que foi ver avião quando veio pra cá, ela quando se deparou no aeroporto com o tamanho que era um avião, que ela via só passando no ar que não dá pra ter noção, ela ficou assustada e nem queria entrar no avião, porque nunca tinha visto então ela veio bem do interior mesmo, então são muitas as realidades e ao mesmo tempo é um trabalho bem interessante porque é que as pessoas... No Brasil você trabalha e a pessoa está no meio da família dela, no máximo está em outro Estado, mas vê de vez em quando ou a família mora na mesma cidade, o pai os filhos moram tudo na mesma cidade... Aqui não, aqui tem pessoas que vivem aqui há 15 anos sem ver ou sem ter contato com a família, porque a família está no Brasil... Alguns, já morreu pai e mãe e não puderam ver, então é uma realidade mais carente de certa forma, porque as pessoas vivem mais sozinhas e dependendo do temperamento da pessoa ela fica mais sozinha ainda, né, ela não se abre, ela não sai de casa, do lugar dela, não entra dentro, um pouco, da cultura americana, mas não perdendo a raiz dela é claro, que isso não deve fazer nunca, isso é uma estupidez, mas entrar e conhecer um pouco da cultura americana, conhecer lugares, realidades, a comida aqui... O brasileiro eu fico vendo, eles só vão em restaurantes brasileiros, ele vai comprar roupa, imagina, roupa que é uma coisa tão barata, tão fácil de ter acesso, ele vai comprar na loja brasileira, que traz lá do Brasil e paga um absurdo, então é tudo uma questão, né, muito difícil de entender

as vezes... A pessoa fica presa nisso ou dentro de casa, dentro do apartamento ouvindo DVD de música brasileira, shows brasileiros, não consegue dar esse salto e realmente alcançar o objetivo no qual veio buscar. Então, a questão aqui nos Estados Unidos não é trabalhar só a questão espiritual, é humana, afetiva, é psicológica... O padre tem que fazer um pouquinho de cada coisa, né, porque realmente tem que ajudar a esse povo a dar um passo, senão eles vêm pra cá em busca de um ideal e acabam morrendo aqui, e é muito triste, quantos... muitos casos que eu vejo... Já vi muitos, já acompanhei muitos, eu tive um caso em Austen que o cara ficou aqui 14 anos, mandava dinheiro para mulher dele no Brasil, todo dinheiro que ele tinha ele mandava e de repente ele ficou doente, muito doente, eu tive que acompanhar e um dia eu fui vê-lo na casa e tudo, tocava campainha e não atendia, tocava e não atendia e eu ia saindo, quando vou saindo eu ouço a porta abrir, ele não estava andando, ele veio se arrastando pra abrir a porta de tão doente que ele estava, aí não tinha nem dinheiro pra ir embora, não tinha mais nada, a mulher pelo telefone despediu ele e todo dinheiro que tinha mandado, que não foi pouco, e eu que tive que comprar a passagem, levar no aeroporto para pôr no avião, pra ir embora... Então, são essas as realidades, mas eu vejo que trabalhar a fé com um povo migrante é um pouco mais complicado, porque, as vezes, não tem muito a sequência, né, até eles questionam aqui a questão dos jovens, mas os jovens? Estão acabando os grupos de jovens? Não tem? Tem uma dificuldade, porque que tem uma dificuldade, o jovem que veio do Brasil ele vem pra trabalhar, ele não quer saber se no sábado tem grupo de jovens, o restaurante escalou ele para trabalhar... Ele está aqui pra trabalhar, pra ganhar o dinheiro dele, ele quer trabalhar, então, isso atrapalha um pouco a questão pastoral, família, juventude, até mesmo a questão da participação nas missas, porque eles estão querendo ganhar o dinheiro deles né? Igual “Plymouth” que tenho missa toda segunda-feira, que é onde começa a história dos Estados Unidos nessa cidade aqui, no sul... E em “Plymouth”, por ter muitos restaurantes, ser uma região de praia, a missa tem que ser na segunda-feira, porque nem todo mundo está trabalhando, então é na segunda-feira que celebro, então ontem era feriado, teve queima de fogos, então eu vou celebrar hoje... É outra realidade também, a Igreja acaba sempre ficando... Bem diferente da realidade Brasil, né, domingo é dia de missa, o povo está todo montado na missa, né, e tem quermesse, tá todo mundo na quermesse, aqui não. Agora, por exemplo, esquenta porque o verão é

muito curto, ontem foi domingo, mesmo com feriado, final de semana, feriado e o calor que estava não tinha quase ninguém na missa, então você trabalha com essa realidade tendo que contar com tudo isso.

Pergunta 4. E na realidade aqui... o nome desse lugar aqui é, que eu esqueci?

Entrevistado 26. Aqui é... essa cidade foi praticamente reconstruída pelos portugueses, era uma cidade muito velha, muito largada e é fora da grande Boston e os portugueses chegaram aqui há mais de 50 anos, então chegaram com suas famílias e começaram a trabalhar, construir e hoje a maior parte daqui da população que tem casa que conseguiu, os portugueses e as famílias aqui também, então eu trabalho com a comunidade portuguesa e brasileira.

Pergunta 5. Ah, e esse trabalho que o senhor tem no hospital e que tem também o trabalho da Pastoral carcerária, essa realidade é, por exemplo, de migrante brasileiro, você encontra nessas realidades, tanto na Pastoral carcerária, como no hospital?

Entrevistado 26. Sim, no hospital há dois meses atrás eu cheguei no hospital de manhã, estava lá na minha lista... Eu tenho uma lista das pessoas que eu vou ver e tal, e tinha lá o nome (...) e eu disse, parece brasileira e fui até o quarto e ela disse, eu estou bem, eu estou bem, eu tive umas dores e o médico mandou... vou fazer um exame aí... Isso foi numa quinta-feira, eu trabalho de segunda a quinta no hospital, quando foi na outra semana, na segunda que eu cheguei, ela já estava variando, já estava... num “tava” boa e na outra semana ela já veio a falecer, um câncer que tomou conta dela, assim, em uma semana e pouco, foi uma coisa horrível. Então, eu trabalho com essa realidade brasileira. Só que tem uma coisa que nesse ponto o migrante e o povo não pode reclamar aqui, é que a pessoa, ela chega no hospital e ela é atendida, não importa se ela é preta, branca, se ela tem dinheiro, se ela não tem, ela é atendida e se ela não tem um plano de saúde, por exemplo, a maioria tem um plano do governo que cobre, que faz tudo, e se ela não tem, também o próprio hospital faz um acordo, divide pra pagar durante dois anos, vai pagando aos pouquinhos por mês, mas é atendido e é tratado. A saúde é muito boa aqui. Agora a questão carcerária é um pouco mais complicado, não só pra questão carcerária dos migrantes, mas de todo mundo aqui, a cadeia não é igual no Brasil, que o povo faz guerra, quebra tudo, porque eles não querem comer tal coisa, aqui não, aqui o preso trabalha, ele trabalha, ele pode estudar lá dentro, no caso, como um que eu vou ver hoje, ele está estudando, ele está fazendo

economia, pode estudar só que é assim, eles comem, mas eles dão o básico para sobreviver somente e não tem essa de dizer que não quer e depois, se você quiser mais, você tem que comprar, então você tem que pagar, não tem nada de graça não, então... A cada 15 dias eu vou. Está aqui pra eu não esquecer... E eu compro, é um tipo de um cheque, (...), eu compro e deixo lá, que é tipo de um dinheiro pra ele comer alguma coisa, comprar produtos de higiene pessoal, essas coisas que tem que ter, mas é muito diferente da realidade brasileira, totalmente, é muito... Não tem bochecha, não tem nada, é muito ali e todo mundo tem que estar dentro, né, mas é uma realidade bem triste também e também de ver, como o povo fala que tem muito brasileiro... não tem muito brasileiro. Eu vou a muitas cadeias e não vejo muito brasileiro e dou Graças a Deus. Há muitos anos atrás calculava-se 350.000 brasileiros aqui nessa parte, era muita gente, mas tem muito mais do que isso, eu sei que (...) eles calculam por consulado, mas tem mais do que isso, mas pela quantidade o número que encontra-se em cadeia e tal, aqui encontramos a questão da exportação... Aqui geralmente tem a cadeia onde os presos vão pra lá, são geralmente os presos que vão ser deportados, mas também, às vezes, a pessoa faz um alarme, assim, porque estão deportando muita gente, não é nada disso, é tudo coisa sem informação, deportam sim, mas também não é desse jeito que andam deportando, muitos conseguem, eu acompanho muitos casos que por ter um filho, conseguem o direito... Tipo um asilo aqui, porque tem a criança que depende, a criança, de certa maneira, ela tem direito, ela não pode ser obrigada a voltar pro Brasil, por esse caso, muitas vezes, conseguem, né, a residência aqui e é uma realidade diferente.

Pergunta 6. Padre finalizando assim mais duas perguntas, uma pergunta e depois uma mensagem. Primeiro uma pergunta, você passou quantos anos conduzindo aqui o apostolado aqui?

Entrevistado 26. É... na primeira vez... é na verdade não queria fazer isso... porque é... o Padre (...) sabe como é, né, mas o cardeal me conhecia bastante, me conhece e eu fui indicado, nomeado por ele, que na época eram três padres, inclusive, um era lá de Boston e tinha três ou quatro nomes aí eu fui indicado, fui nomeado por ele por dois anos, no final de dois anos, quando eu fui entregar ele pediu mais dois anos e acabei ficando dois anos e pouco, quando outra pessoa assumiu a coordenação do apostolado Brasileiro, que somos 16 comunidades em algumas cidades daqui, dessa região de Boston.

Pergunta 7. Isso... e nesse tempo de apostolado o quê que você colocaria de positivo e quais as dificuldades que você encontrou?

Entrevistado 26. De positivo eu acho que eu pude conhecer uma realidade, um pouquinho de cada realidade, de cada comunidade, porque eu andei muito, isso foi muito bom e mesmo sem ser coordenador eu sempre fiz isso, onde precisa eu estou indo, como (...) também, a gente sempre vai, né, não tem barreira a gente vai onde o povo precisa, porque eu acho que esse é o nosso papel aqui e acho que foi muito válido sabe, foi muito válido a aproximação da igreja de Boston... Conhecer um pouco mais da realidade da Igreja de Boston, com isso eu estava lá quase todo mês em reunião e isso fez eu conhecer mais, inclusive, estou nesse processo de incardinação e depois a própria... A Arquidiocese me convidou pra participar e atuar, mas agora a dificuldade... É claro, às vezes, o nosso povo quer implantar o Brasil nos Estados Unidos, isso não existe, você entendeu? Eu brigo sempre, brigo no bom sentido, nós temos que ser Igreja onde nós estamos, estou agora vivendo nos Estados Unidos eu vou obedecer à igreja de Boston e ser Igreja com a igreja de Boston, como você sabe, nós sabemos, eu não sou padre por minha conta eu dependo do cardeal aqui, no caso lá no Brasil é do meu bispo lá, senão eu não sou padre, né, eu acho... Faço pela autorização dele, então eu digo para eles que é importante ser Igreja onde nós estamos, não é abandonar o Brasil, mas eu vivo aqui, eu recebo sacramentos aqui, eu devo ser Igreja aqui. Então, essa sempre foi uma dificuldade muito grande, inclusive, as vezes, até com padres também, que não entendo muito isso, até uma questão canônica, canonicamente se eu estou aqui, eu devo servir a Igreja, que obedecer a autoridade da Igreja local, não tem como estar aqui e viver na obediência do Brasil, porque isso é fora de lógica.

Pergunta 8. Agradecido pela entrevista, por ter nos recebido...

Entrevistado 26. Porque nós estamos aqui para servir o povo e essa é uma grande dificuldade, porque, às vezes, dentro do próprio clero, os próprios colegas criam muito empecilhos com próprio povo, que está aqui para servir ele entendeu? Não é com todos, infelizmente, que a gente pode contar...

Pergunta 9. Padre sou testemunha disso, porque eu falei com (...) pelo telefone e ele falou, vem pra cá rapaz, ele nem me conhecia, eu nunca conheci o (...)

Entrevistado 26. E eu tive uma vez no Brasil, fazendo uma visita a um pessoal lá, porque a minha comunidade tinha muita gente, em Valadares, eu fui até essa

senhora que me levou na Catedral, ela faleceu com 92 anos, e eu fui vê-la várias vezes, eu fui para o Brasil, minha casa em São Paulo para Valadares é outra viagem e eu pegava dois aviões para ir vê-la, a mãe da (...), e um dia ela me levou, de manhã eu ia pra missa, e ela foi me apresentar o pároco e o bispo. O bispo muito simpático, que era... agora já não me lembro, mas ele foi muito bom, sempre muito atencioso com a gente, aí depois ela foi me apresentar para o pároco da Catedral, o homem simplesmente me ignorou, me deixou falando sozinho e chamou o outro que estava do lado dele conversando, chamou para um café e me deu as costas, eu disse nossa, e eu sempre acolho os padres, companheiros, é quando morava lá em Austen, uma casa muito boa, muito grande, acolhia, sempre acolho os padres pra retiro, vinha do Brasil e ficava lá, aqui que está em reforma e ainda não tem muita condição, mas sempre acolho e é importante, porque a mesma Igreja, os amigos, são irmãos no sacerdócio...

Pergunta 10. Padre, uma mensagem, assim, que você gostaria de deixar, assim, como dentro das quatro dimensões que eu perguntei, que nós conversamos, que você me falou, dimensão, assim, migração, evangelização, pastoral, Igreja, uma mensagem.

Entrevistado 26. O que eu deixo a todos é essa realidade de migrantes que vivemos aqui nos Estados Unidos. Primeiro é uma Igreja diversificada pela cultura, pela tradição de cada povo de cada parte do Brasil, é uma coisa muito bonita e também cada um trazendo seu modo próprio de celebrar, né, de Minas, do Sul, do Nordeste, cada um tem o seu modo próprio de celebrar, a sua comida, isso é muito rico, é uma riqueza imensa e também a questão de estar aqui, a questão de ser solidário, né, de estar com a família, a importância do padre estar junto da família, porque as famílias que estão aqui já estão longe das suas famílias... Estar também na hora da morte, do momento que está na cadeia, no momento da doença, da dor, quando morre alguém no Brasil que eles estão aqui também, a questão de celebrar aqui a missa na realidade de ser Igreja, dentro dessa terra e os desafios que nós enfrentamos, porque nós usamos a Igreja que os americanos fizeram, então querendo ou não tem um espaço deles, que nós usamos, mas eles são os donos, já não estão andando mais direito com as próprias pernas, mas, infelizmente, eles têm essa ideia... Nós não... esquece, né, e as vezes é um pouco difícil, quando você vê isso porque a Igreja é mais do que isso, então as pessoas estão apegadas por pouca coisa, né, tem esse desafio também... E a

questão pastoral, grande índice de carência humana, de maneira geral, em todos os sentidos afetivo e espiritual, né, eu acho que isso é ser padre aqui, e me fez crescer muito, eu posso dizer que essa realidade me ajuda a cada dia, com todos os desafios eu sou feliz com que eu faço, eu me encontro a cada dia e consigo vencer cada desafio, né, com ajuda de cada um na sua realidade, na sua cultura, do seu jeito me ajuda, com certeza, e agora também a comunidade portuguesa que é muito grande...

Pergunta 11. Que bom, agradeço, muito obrigado pela acolhida, pelo carinho como você nos recebeu, me recebeu, Pe. (...) já é de casa e me recebeu e me atendeu também, um abraço.

Entrevistado 26. Sempre disponível!

ENTREVISTA 27.

Pergunta 1. Eu estou aqui com o Padre que me acolhe aqui. O Padre é religioso e está aqui há quanto tempo?

Entrevistado 27. Estou aqui há cinco anos cheguei agorinha em agosto de 2011, cinco anos de trabalho aqui, na diocese de Boston.

Pergunta 2. E você já trabalhou em outros lugares também?

Entrevistado 27. Sim, eu tenho 21 anos de padre e tenho 17 praticamente fora do país, doze anos em Cabo Verde em uma paróquia, depois mais um numa outra e junto com essa paróquia tinha mais duas e dava conta também em de outra em uma ilha. Cabo Verde é um arquipélago composto de ilhas e essas ilhas, então, digamos assim, tinha uma lá que estava faltando padre, então eu ia uma vez por mês para fazer as atividades de responsabilidade paroquial.

Pergunta 3. Você é de Santa Catarina?

Entrevistado 27. Eu sou catarinense, eu sou perto de Chapecó e já faz muitos anos que eu não vou lá, acho que desde criança, mas sou de Santa Catarina.

Pergunta 4. Padre me fale um pouquinho sobre migração, sua visão sobre a questão migratória, os brasileiros que estão aqui em Boston, nesses cinco anos que você está aqui na comunidade, na paróquia Nossa Senhora Rainha...

Entrevistado 27. É Mãe Rainha, chama-se de Mother Queen em inglês e em português significa Mãe Rainha e nós trabalhamos ali na comunidade, então é como se chama este santuário Nacional, mas temos a comunidade brasileira que

está ali há oito anos, naquela comunidade e naturalmente é um trabalho bastante interessante porque a comunidade gira em torno de 500 pessoas por fim de semana, não na altura do verão, mas em torno de 500 pessoas por fim de semana, onde que temos gente de todas, de todos os Estados do Brasil trabalhando. Em um aspecto pastoral, em um aspecto caritativo, catequese, ministros, crisma, enfim, muitas atividades. Então, graças a Deus, a nível de migração, nós temos um grupo já mais antigo, gente que está ali há 25 anos na comunidade, gente que está ali a menos anos, talvez, o grupo que está em um maior número de pessoas é que está ali há 10, 12 anos de estadias aqui no Estados Unidos.

Pergunta 5. Você tem percebido que aumentou um pouco a migração durante esse tempo?

Entrevistado 27. Quando cheguei aqui em 2011 muita gente voltou, foi embora para o Brasil. Nós fazíamos praticamente todo fim de semana celebração de despedida de alguém, que era última missa que estava ali. Nesse momento a imigração inverteu, nesse momento nós temos mais gente voltando do que indo, em 2011 e princípio de 2012 muita gente voltou para o Brasil. A situação econômica, outros motivos... mas basicamente eu penso nas questões econômicas... Em 2011 a questão econômica no Brasil estava bem favorável, nesse momento a questão econômica no Brasil, pelo que nos consta, não está tão favorável e isso faz com que muita gente que pode venha, principalmente, os que têm documentos. E uma situação interessante atualmente é que muita gente está conseguindo visto para vir, no passado era menos fácil para conseguir o visto, e as pessoas vinham mais pelo México. Hoje praticamente todo mundo que está vindo está vindo com visto de turista, mas está vindo.

Pergunta 6. E você deve conhecer muitas histórias, assim, de sofrimento, de realidade, assim, porque tem a parte boa do estar aqui, a busca de um sonho, de um futuro, mas também tem as mazelas, os sofrimentos, não é Padre?

Entrevistado 27. E um dos sofrimentos maiores, tirando a questão econômica que é a ausência de comida, da fome, o de não ter onde morar, essas coisas todas.... Nós temos a presença da solidão, nós encontramos vários casos em que a pessoa morreu e que a pessoa foi encontrada pelos vizinhos depois de 15 dias, né, ou coisa parecida, assim, com muita complicação, porque sentiram depois que o corpo começou cheirar dentro do apartamento, né, e as cartas só aumentavam no correio, na caixa do correio da pessoa... Então isso fez com que várias pessoas

morressem de solidão, morreram de tristeza, porque as pessoas se isolam por demais, porque o imigrante é um ser humano aventureiro, digamos assim né. Um imigrante nem sempre é assim tão sério, com relação a seu companheiro assim, o imigrante vai atrás de vencer e muitas vezes pela ausência de não ter o pai por perto ou a mãe por perto, os amigos por perto, ele acha que pode fazer o que ele quer com as outras pessoas, porque essas pessoas não tem nada a ver comigo, então não tem nada a ver com eles, então quer dizer o que você tem a ver com minha vida? Nada. E muitas vezes também acontece com muita frequência a ideia do cidadão está muito ocupado no sentido do consumo, essas coisas todas, e não está ocupado com a ideia dos valores, por exemplo, tanto religiosos como morais, não é? Muitas vezes acontece isso, então o que a pessoa faz? A pessoa vem, esquece dos valores, porque a mãe não está aqui, o pai não está aqui, a esposa não está aqui, os filhos não estão aqui, a namorada não está aqui, então me lembro de uma vez que uma pessoa me dizia que um dia ela estava sozinha em casa, porque o namorado ainda não tinha chegado e tinha uma outra pessoa sozinha em casa também e alguém, um terceiro, falou para aquela senhora, ela está sozinha como você e de repente você vai lá matar um pouco a solidão, nesse sentido e a pessoa falou não, mas eu tenho responsabilidade, sou uma pessoa religiosa. Uma pessoa é voluntária sim a ponto de fazer isso, mas nós temos um problema bastante grande que é o sentido dessa situação de solidão, temos outros aspectos, que é o aspecto bom que é a partilha de muitas culturas, né, eu diria aquilo que vocês estão estudando hoje no Brasil, que a paróquia é uma comunidade de comunidades, hoje nós vivemos isso muito presente, na América, porque na comunidade que eu vivo nós temos catarinenses, do sul, de Santa Catarina, nós temos gente de Minas Gerais, gente do Espírito Santo, gente de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do nordeste, do norte, do Mato Grosso, então quer dizer, nós temos uma miscelânea de cultura muito grande, que quando a gente faz uma festa das comunidades é muito interessante, porque aquilo que é culturalmente gostoso para mim não era necessariamente gostoso para o outro mesmo nós todos sendo brasileiros. Muitas vezes as pessoas pensam assim, bom qual é a comida predileta do brasileiro? Feijoada né e muitos de nós não gostamos de feijoada, porque não faz parte do nosso cardápio, assim, eu que sou do sul, você que é do sul, um churrasco substitui uma feijoada por longos quilômetros de distância, digamos assim, porque pra nós a comida da festa é uma boa cuca e é um bom churrasco, não é? Uma boa

salada, uma sopa de capeletti, se a gente tende mais para descendência italiana, e assim por diante né, então é muito diversificado assim. O que enriquece bastante a comunidade por outro lado também, juntando tanto com o aspecto dos que vieram e dos que nasceram aqui, que são filhos de brasileiros, mas que são americanos. Por exemplo, uma casa aqui que eu fui, que nós fomos ontem, o pai e a mãe falam português, mas os filhos têm muita dificuldade de falar português, porque na escola só falam inglês, entre os colegas só falam inglês, entre os irmão só falam inglês e os pais, muitas vezes, não se esforçam para que os filhos aprendam a língua portuguesa, então é preferível o pai, a mãe, falar mal inglês, mas falar a língua dos filhos do que os filhos falar mal português, mas falar a língua dos pais completando assim positivamente o aspecto, que faz a pessoa crescer, porque duas línguas que você souber falar, três línguas que você souber falar, você tem um leque de possibilidades muito maior do que aquele que fala só uma língua, né, somente o inglês, mas isso são realidades que vão se juntando, tanto no aspecto religioso, que as crianças assumem muito com os pais, como o aspecto cultural que os pais tem que participar da vida ativa dos filhos. E aqui os pais trabalham muito com a questão dos filhos, assim, digamos assim, por exemplo, os pais trabalham muito na questão dos filhos e levam pra lá e trazem pra cá, então os pais correm muito atrás do filho, para levar para o balé, para levar pro futebol, para levar pra dança, outros esportes. Enfim, na verdade aqui a criança é muito criança, digamos, assim né, a criança é criança e o adulto é adulto, mas a criança é muito criança. A criança não é um adulto encolhido como no Brasil, muitas vezes, acontece, como acontece com as crianças no Brasil que uma menina ou menino de oito anos no Brasil é vestida, paramentado, como se fosse uma mulher em miniatura, então esse é o aspecto que eu acho bonito na cultura americana, onde os filhos ganham status de criança durante toda vida da criança e só vai ter autoridade para ser adulto com 21 anos de idade né? Como, por exemplo, uma criança que beber numa festa e, que o pai está ou o pai não está, o pai terá problemas gravíssimos com a Justiça porque o filho bebeu álcool, então uma criança que vai querer entrar em um baile qualquer por aí, né, a criança não entra porque a primeira coisa que eles pedem é o seu bilhete de identidade e eles conferem o bilhete de identidade, porque uma casa de shows pode fechar se ela for denunciada que nela houve uma criança menor de 21 anos de idade, então é muito complicado. Outro aspecto também positivo e acho que ajuda bastante as

peças a tomar conhecimento dessa realidade, digamos assim, as festas aqui começam cedo e terminam cedo, as festas aqui vão terminar por volta da meia-noite, uma da manhã, enquanto em outras realidades, outras culturas, nessa hora que elas estão começando as festas... Então são aspectos que a gente vai misturando tanto com a cultura brasileira quanto com a cultura americana e vai fazendo essa miscelânea de aspectos bonitos e grandiosos, que valem a pena serem colocados no sentido de abertura, aprendizado e crescimento.

Pergunta 7. Outra coisa, assim, que eu vi várias vezes, é que tem uma facilidade muito grande do individualismo... isso pode acontecer tanto dentro da comunidade, mas pode acontecer também no clero, entre os padres mesmo, entre a própria vida paroquial, entre a própria vida Diocesana de encontro e de vida...

Entrevistado 27. É... isso é verdade, é possível, com muita facilidade, quer dizer que se a gente não se policiar a gente se torna, verdadeiramente, uma ilha dentro de uma grande comunidade, nós temos a nível de padre, padres que... trabalhamos no apostolado brasileiro acho que 10 ou 11 padres e, muitas vezes, a gente tem que fazer um esforço grande e fazer com que o outro colega faça esse esforço, para não criar uma diocese dentro da sua paróquia, né, uma igreja particular, então é o desafio que a gente enfrenta. Porque nas comunidades existem coisas que a gente faz em comum, por exemplo, nós temos a festa de nossa Senhora Aparecida que acontece no terceiro domingo do mês de setembro, deveria ser em outubro, mas não dá por causa do frio, então a gente faz toda uma festa grande, com vários acontecimentos, convite para todas as comunidades participarem, porque é uma forma da gente se sentir comunidade. Outra coisa é, digamos assim, esse outro aspecto que é o aspecto de pastorais em comum, como a pastoral da família, pastoral do dízimo, enfim, outras pastorais que trabalham em comum, né, a formação do CORE, então, são coisas que são gostosas, mas que é preciso grandes esforços para a comunidade não virar uma espécie de ilha, por causa de querer só trabalhar na minha comunidade. CORE significa curso de orientação religiosa, que é dado uma vez por ano para os jovens e outro para os adultos com mais de 20 anos, 22 anos, que é para as pessoas mais adultas é uma espécie de injeção de ânimo para a pessoa participar ativamente da comunidade.

Pergunta 8. Padre, assim, para ir finalizando, o que é que estaria faltando na questão da evangelização, Igreja, pastoral, o quê que ainda precisa caminhar que você acha para os migrantes brasileiros católicos que aqui estão?

Entrevistado 27. Eu acho que nós temos um caminho muito grande, muito bonito né, e esse caminho que é muito grande, muito bonito, ele sempre vai ter que ser completado com mais alguma coisa, talvez mais unidade, talvez mais partilha, o que é desafiador em todos os momentos e em todas as sociedades e, principalmente, quando estiver com mais de duas pessoas em um mesmo lugar, não é? Então, digamos assim, o que nós precisamos realmente é ter essa tranquilidade de fazer com que todas as paróquias não se sintam invadidas, mas que se sintam membros de uma pastoral extremamente importante e necessária que a Pastoral Étnica, no caso nosso a brasileira, porque nós temos 32 etnias aqui, nessa diocese são 32 etnias, são 32 formas diferentes de ser Igreja na Arquidiocese de Boston. Se você for levar isso em consideração é muito, é um número muito grande né? Você imagina 32, é o chinês, japonês, africanos dos mais diversos, dos mais diversos países, culturas, latinos, hispanos, os brasileiros, os indianos, enfim, não faltam etnias para se celebrar, os cabo-verdianos, por exemplo, que é uma comunidade muito grande, então é preciso que a gente entenda, que o brasileiro, nós não precisamos nos desesperarmos com um aspecto cultural, mas com esse outro aspecto, que é o aspecto de ver o que cada cultura tem de melhor para fazer as coisas acontecerem na diocese em que todo mundo possa crescer junto, complementar uma cultura... a africana é toda colorida, por exemplo, numa missa é muito belo, numa cultura brasileira onde a gente gosta de fazer teatro, apresentações, onde a gente gosta de dançar, enfim, isso tudo é muito belo...

Pergunta 9. Mas é diferente aqui da igreja americana, aqui a igreja americana é mais tradicional, né?

Entrevistado 27. A Igreja Americana ela depende muito do padre também né? Mas a Igreja americana não é muito preocupada com pastorais, envolvida com pastorais, ela é muito mais envolvida com prestação de serviço, né, talvez disso precisamos nós brasileiros, né, e eu dou a minha mão à palmatória se nós estivermos errados, mas é uma igreja onde praticamente não há pastorais, onde não há encontros, reuniões, não sei, mas há pouquíssima coisa nesse aspecto em que os americanos participam, tanto é que muitas vezes as festas que acontecem,

são entre as culturas que não envolve, necessariamente, a cultura americana, infelizmente.

Pergunta 10. E entre todos esses brasileiros que estão aqui, muitos ainda procuram documentação, estão iligais com a vida aqui, não é?

Entrevistado 27. Na verdade a gente diz indocumentados né, porque ninguém é ilegal no planeta terra né, muitos dos nossos aqui são indocumentados. Temos gente aqui que tem 10 anos, 20 anos, infelizmente, para eles é um grande sofrimento é uma grande dor, porque muitas vezes a gente não vai visitar a nossa família, porque a gente não tem tempo, porque a gente não pode porque se for a gente não pode voltar, porque é uma coisa assim... As pessoas que estão aqui, gostam daqui, já se adaptaram-se a viver como comunidade imigrante brasileira no estrangeiro e gostam daqui e gostam muito, então na verdade se pudessem ter um documento para poder ir ao Brasil ou trabalhar com mais segurança, porque um número muito grande de brasileiros dirigem aqui, no estado de Massachusetts, onde nós estamos aqui em Boston, sem carteira de motorista, isso causa uma instabilidade muito grande, uma dor muito grande... Quer dizer, quando eu saio sem os meus documentos, se eu estiver a 500m longe de casa, a 2km longe de casa eu volto correndo para buscar os meus documentos, porque eu não me sinto seguro andando sem documento, então eu não gosto dessa ideia, como os brasileiros também não gostam. Então é uma dor muito grande para os nossos brasileiros, que são honestos, trabalhadores, que pagam impostos que, enfim, fazem de tudo para se aproximar da realidade americana e viver como todo e qualquer cidadão merece viver no país onde escolheu para viver.

Pergunta 11. Muito obrigado Padre, um abraço.

Entrevistado 27. Bom trabalho para você, que Deus abençoe seu trabalho, estamos juntos, acho que é muito importante para nós e para o conhecimento nosso essa realidade, que precisamos conhecer para poder trabalhar com mais capacidade aqui, o que nós estamos fazendo ao longo de nossa vida, como missionário durante nossa vida aqui nos Estados Unidos.

ENTREVISTA 28.

Pergunta 1. Estamos aqui com o Qual a sua profissão?

Entrevistado 28. Eu trabalho na construção civil.

Pergunta 2. De qual lugar que você migrou do Brasil para cá pra Boston ou veio de outro país?

Entrevistado 28. Em 2003 eu saí do Brasil e fui para Portugal, estive lá por um ano aí depois eu fui pro Brasil, me casei, aí nós viemos pra cá e estamos aqui desde 2005.

Pergunta 3. E de qual lugar do Brasil você é?

Entrevistado 28. De Minas Gerais.

Pergunta 4. Tua família então veio junto com você?

Entrevistado 28. A minha esposa e todos os filhos que nós tivemos, nós tivemos aqui. Temos três filhos.

Pergunta 5. Então ficou gente por lá?

Entrevistado 28. Ficou os parentes né, no caso pai, mãe, irmãos, sobrinhos...

Pergunta 6. E depois que você saiu de Portugal, porque escolheu vir pra cá?

Questão de oportunidade?

Entrevistado 28. Eu sempre sonhei vim pra cá, desde criança, porque eu via os pais dos amigos, os amigos virem né, então eu sempre sonhei vim e a minha esposa também e como nós tivemos oportunidade, não pensamos duas vezes, né.

Pergunta 7. E como é que tu está se sentindo aqui?

Entrevistado 28. Em casa né, aqui o sonho da liberdade não tem preço...

Pergunta 8. Você aconselharia outras pessoas a migrarem, a virem pra cá e tentarem isso?

Entrevistado 28. Se eles tiverem o mesmo projeto que nós tivemos, de vim e não pensar só em ganhar dinheiro e mandar para o Brasil, eu diria que sim, porque a gente vê muitas pessoas aqui que vem e só trabalham, não se alimentam, não cuida da saúde, voltam para o Brasil e todo dinheiro que conseguiu é pra cuidar da saúde quando voltar...

Pergunta 9. E acabam trabalhando, trabalhando, não vivendo né, e não aproveitando a liberdade desse país, quer dizer, a lei aqui é bastante rígida, mas também existe a oportunidade...

Entrevistado 28. Também tem a oportunidade que é muito grande, então se for olhar para este lado eu aconselho as pessoas virem, porque se for só para juntar o dinheiro eu diria que não.

Pergunta 10. Você chegou falando inglês aqui ou aprendeu aqui na marra?

Entrevistado 28. Eu cheguei e eu não sabia falar nada. Aí eu cheguei com três meses que eu estava aqui, eu trabalhava na construção civil já, e três vezes por semana eu ia para aula de inglês, eu estudei lá seis meses e paguei, fiz três níveis e aí eu parei, foi só continuar trabalhando e praticando inglês mesmo.

Pergunta 11. Faz quanto tempo que você está aqui?

Entrevistado 28. 11 anos.

Pergunta 12. E nesses anos todos o que você acha que mudou em você aqui na América?

Entrevistado 28. A maturidade primeiramente, porque na verdade quando eu vim, queria mais buscar conseguir um dinheiro e voltar para o Brasil né, mas quando nós chegamos aqui eu fui me aproximar de Deus primeiro, da família, os pensamentos já foram mudando, os objetivos já foram outros e hoje já não são mais os mesmos de quando nós chegamos em 2005. O ciclo de amizade já não é mais o mesmo, então assim mudou bastante coisa.

Pergunta 13. O que mais tu sente falta do Brasil?

Entrevistado 28. Meus pais só e mais nada.

Pergunta 14. Você se sente realizado aqui como pessoa?

Entrevistado 28. Muito, muito, muito, muito, as coisas que nós temos aqui, a maneira como a gente vive, a condição financeira que a gente tem, de saúde, segurança, eu sou muito realizado, tanto eu quanto minha esposa.

Pergunta 15. Teus filhos nasceram aqui né?

Entrevistado 28. Todos nasceram aqui.

Pergunta 16. E eles falam português?

Entrevistado: O (...) fala português com a mãe e o inglês com pai e a (...) também quer agora falar o português com a mãe e o inglês com pai.

Pergunta 17. Você participava da igreja lá no Brasil?

Entrevistado 28. Na verdade eu passei um tempo na igreja protestante né, uns quatro anos, foi quando conheci a minha esposa, aí nós ficamos juntos nove meses e eu fui para Portugal e lá mesmo eu tive um encontro com Jesus lá e Maria...

Pergunta 18. E aqui você participa da igreja aqui?

Entrevistado 28. Aqui nós quase que vivemos na igreja né, somos da renovação carismática de Boston, então assim é segunda, quarta, sexta e domingo é sagrado, né?

Pergunta 19. Como você se sentiu acolhido pelos brasileiros quando você chegou?

Entrevistado 28. Quando nós chegamos, nós fomos para casa de uma amiga da minha esposa desde da época da escola, então, assim, como ela estava em casa eu também me senti em casa e com o passar do tempo a gente vai descobrindo amigos em volta, que não estamos sozinhos aqui, né, eu me senti em casa.

Pergunta 20. E os americanos?

Entrevistado 28. Pelos americanos não tenho muito problema com eles.

Pergunta 21. E a Igreja que te ajudou a fazer esse encontro com Jesus Cristo e permanecer na fé?

Entrevistado 28. Eu amo a Igreja e defendo minha Igreja com unhas e dentes, não me venha falar mal dela sem provas, porque senão a gente acaba perdendo as estribeiras...

Pergunta 22. Qual a diferença maior da igreja norte-americana aqui e a igreja brasileira, assim a maneira de ser?

Entrevistado 28. Primeiro a missa em inglês é muito rápida né, eles reduzem a missa muito, as crianças, a gente não vê muita criança na missa em inglês, jovens menos né, eu acho que a missa brasileira, hispânica, também é muito mais amorosa, muito mais calorosa, com os cantos, com a paz, eu acho essa diferença, primeiramente nas crianças e nos jovens, que é que a gente não vê muito e na comunidade brasileira tem muita criança...

Pergunta 23. Que bom e finalizando, para não te cansar, em termo de justiça social você ainda acha que existe muita coisa para se trabalhar como Igreja, pra ajudar na questão da acolhida de quem chega das mais diversas realidades, situações das mais diversas, tem gente que vem tranquilamente, tem gente que vem por outros caminhos, gente que sofre, gente que consegue brincar, gente que quer voltar e que não pode voltar...

Entrevistado 28. Assim, a Igreja assim, pelo tempo que a gente vive na igreja, eu creio que a única diferença são os sacerdotes né, alguns são mais receptivos que o outro né, principalmente aqui que tem muitas culturas diferentes, a gente tem sacerdotes de outros países, acho que essa é a maior diferença que nós temos em relação aos brasileiros, falando só dos brasileiros, eu acho que a receptividade é boa.

Pergunta 24. Você gostaria de acrescentar livremente alguma coisa sobre migração, Igreja, uma mensagem final, você que é uma pessoa de Igreja, tem uma caminhada...

Entrevistado 28. Eu amo minha Igreja e assim, as pessoas que quiserem vir pra cá com esse pensamento de viver aqui, de participar, de procurar a Igreja, de ajudar o próximo, como a gente vê muitas pessoas que se doam mesmo, eu acho que as pessoas são mais do que bem vidas aqui e aqui tem muito campo para trabalhar e a messe é grande e os trabalhadores aqui também são poucos...

ENTREVISTA 29.

Pergunta 1. Estou aqui com um grande amigo na Igreja Madonna Queen qual seu nome?

Entrevistado 29. Meu nome (homem), sou italiano, natural da Cecília, vivo aqui nos Estados Unidos há 27 anos, sou emigrante, como muitos brasileiros que vivem nesta comunidade de Dono Orione. Essa comunidade é dos padres da comunidade de Dono Orione onde tem o Pe. (...), Pe. (...), que é brasileiro e o outro é argentino, é uma boa comunidade, mas que tem toda uma dificuldade. São duas comunidades, com duas culturas diferentes, mas vamos adiante...

Pergunta 2. E você é casado com uma brasileira não é?

Entrevistado 29. Sim, sou casado com uma brasileira, ela se chama (...) é uma pessoa muito linda muito, carinhosa, ela participa muito da comunidade brasileira, serve a todos. Nós fazemos parte do grupo do Sagrado Coração de Jesus, que toda quinta-feira celebramos e toda primeira sexta-feira do mês celebramos a missa dedicada em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Nós somos coordenadores dessa atividade pontifícia há seis anos, que é de seis em seis anos, depois teremos que dar a oportunidade a outra pessoa da comunidade...

Pergunta 2. É ministro da Eucaristia?

Entrevistado 29. Sim e depois disso aqui fui nomeado por Pe. (...), o atual pároco desta comunidade, porque ele sentia até mesmo eu sentia uma grande atração de celebrar a Eucaristia, gosto muito de fazer adoração ao Santíssimo. Toda quinta-feira sou responsável por coordenar estas celebrações, toda quinta-feira fazemos esta devoção e exposição com as celebrações e depois chega Pe. (...) que dá a bênção final. Somos um grupo de pessoas que toda quinta-feira fazemos esta adoração. Pe. (...) também tem uma grande devoção pelo Santíssimo e me chamou

um dia e perguntou se eu gostaria de ser ministro da Eucaristia e eu disse: padre eu não tenho muita experiência, não sou não sei como fazer esta atividade, e ele disse: não se preocupa, e definitivamente aceitei.

Pergunta 3. E também tem o terço dos homens não é?

Entrevistado 29. Pois é, também tem essa outra atividade, que Pe. (...) quis isso de todo coração, fazer uma atividade que é o terço dos homens, porque efetivamente estava uma carência em toda nossa comunidade de como rezar o terço de Nossa Senhora e essa atividade tem ajudado a muitos homens e é um esquema de oração para nossas senhoras e que acontece toda segunda-feira de toda semana. Um grupo de 15 a 20 homens, vamos nos reunir na Igreja principal desta Catedral, e vamos rezar o terço e tem muita participação de todos e entendemos que o terço dos homens, e nós homens entendemos, que é uma oração muito importante para os outros, para nossa comunidade, para nossa família e, naturalmente, para o mundo inteiro.

Pergunta 4. E já finalizando, como você vê a comunidade brasileira aqui, como igreja, como filho de Deus, como comunidade?

Entrevistado 29. É padre, neste ponto eu vou fazer uma pequena crítica, porque a Igreja tem que ser uma comunidade, tem que ser uma família, uma bela família e estamos sempre tendo problemas, grupos de não entendimentos, tem grupos que ficam de um lado, outros de outro lado e neste ponto tem que se trabalhar muito, porque a Igreja deve ser aberta a todos e ser uma Igreja, como o Papa disse que deve acolher a todos, todo pensamento de todos e todos temos que caminhar na mesma direção, naturalmente, do meu ponto de vista... Eu quando era pequeno e andava na escola e queria aprender e era muito duro para aprender e lá usavam métodos não convencionais, mas por esses métodos eu penso que hoje tem me ajudado muito, como é hoje em toda escola e em toda comunidade que você não pode nem criticar, nem dizer que a pessoa está errada ou direcioná-la a uma boa direção que ela fica muito nervosa, contra você e eu penso que nesse ponto, para criar uma boa comunidade, fraterna, amiga, com coração de amor, você tem que trabalhar muito, não só nesta comunidade, mas eu penso que em toda Igreja, porque eu penso que o mal está sempre na porta e colocando uns contra os outros e eu penso que hoje para salvar a Igreja é a adoração ao Santíssimo, porque só fazendo uma boa adoração a Jesus e perguntando por todos os nossos problemas, porque somente Ele pode dar uma condução, um conselho, direcionar em uma boa

estrada, nós todos devemos buscar a Ele, que está presente aqui em todos, está presente no Sagrado, na exposição ao Santíssimo, nos sacramentos... Eu penso que toda comunidade, que os padres modernos de hoje, está mudando essa devoção ao Santíssimo, porque essa devoção do Santíssimo, do meu ponto de vista... penso que todos os Santos. todos têm uma forte adoração ao Santíssimo, conversava com Jesus e Jesus dava a eles o caminho da santidade e penso que todos nós devemos buscar a santidade.

Pergunta 5. Que bom e a sua profissão é Náutico né, comandante de navio, que bom...

Entrevistado 29. Esta era minha profissão inicial, na Itália, aqui nos Estados Unidos trabalho na construção.

Pergunta 6. Quero dizer que você é uma pessoa muito carismática, muito presente na comunidade e muito obrigado, muito obrigado pela sua presença, por tudo...

Entrevistado 29. Que Deus abençoe você.

ENTREVISTA 30 (Grupo do terço dos homens – 8 homens).

Pergunta 1. Eu estou aqui com um grupo de amigos do terço dos homens, aqui da paróquia de Boston Madonna Queen. Como é o nome dos amigos aqui?

Entrevistados 30. Grupo de homens.

Pergunta 2. Que coisa boa. De onde vocês são de qual lugar vocês são?

Entrevistados 30. Minas, Goiás, Itália, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Santa Catarina.

Pergunta 3. Quanto tempo faz que vocês estão por aqui?

Entrevistados 30. 9 anos, 12 anos, 11 anos, 27, 16, 15, 19, 24.

Pergunta 4. Todo mundo aqui tem a idade de 30 e poucos anos né?

Entrevistados 30. Isso... de 30 para 40 anos, por aí, risos.

Pergunta 5. Vocês já eram católicos lá no lugar onde vocês estavam?

Entrevistados 30. Sim, sim, sim, todos...

Pergunta 6. Como vocês foram recebidos aqui pelos brasileiros quando vocês chegaram?

Entrevistados 30. Eu fui recebido bem, porque na época que eu cheguei, 1992, a comunidade brasileira era muito pequena, era grande, mas assim espalhada, então

fiquei no grupo com amigos lá de onde eu vim de Criciúma. Fui muito bem recebido por todos. Assim é, tranquilamente, todos foram bem recebidos. Assim a minha mãe já morava aqui né, então facilitou mais.

Pergunta 7. Todos têm os familiares por aqui ou tem gente que está no Brasil?

Entrevistados 30. Tem gente no Brasil... eu acho que o da maioria está lá.

Pergunta 8. O que é que vocês têm mais saudade do Brasil?

Entrevistados 30. É a família né? Só a família...

Pergunta 9. Como que vocês veem a presença da Igreja na vida de vocês aqui?

Entrevistados 30. Olha, vou falar do terço, porque o terço me mudou bastante, como gente, como pessoa. Eu acho que a gente tem que rezar pelas pessoas que precisam. Eu me sinto muito bem vindo aqui. Eu já trabalhava no Brasil com grupo de jovens. Eu participava de grupo de oração e eu cheguei aqui já procurei logo a comunidade brasileira. Eu estou na comunidade desde quando eu cheguei aqui e hoje eu sou coordenador do terço dos homens e trabalho com a Pastoral da Família, já fui coordenador da pastoral da família e hoje eu faço parte da liturgia da comunidade. O que vem e o que me dão eu faço.

Pergunta 10. Alguém pensa em voltar um dia para o Brasil?

Entrevistados 30. Do jeito que tá a situação ninguém fala em ir embora não. É ficar por aqui mesmo e só quer caçar uma maneira de se legalizar e ficar tranquilo aqui, morando aqui, criando família. Eu nem poderia voltar para o Brasil porque minha esposa é da Colômbia, então com certeza ela não queria viver no Brasil.

Pergunta 11. Vocês trabalham no que?

Entrevistados 30. Eu tenho uma companhia de limpeza. Limpeza. Limpeza. Construção. Limpeza. Motorista. Construção e pintura. E eu cozinha.

Pergunta 12. E a comunidade americana o quê vocês podem dizer, assim, do povo daqui?

Entrevistados 30. A gente tem que entrar no sistema deles né? Eu acho que não tenho nada que reclamar. Eu me sinto muito em casa aqui. Eu não tenho nada que reclamar, só que eu acho que o costume americano é muito diferente do nosso costume, então a gente tem que se adaptar ao costume deles para gente viver aqui, mas a gente se adapta a cultura deles ao costume deles e tudo fica em paz. É e é questão de se acostumar, você pode ter os seus hábitos do Brasil, assim, a questão

alimentar essas coisas, mas certas coisas que é da convivência americana, aí você tem que ser do sistema deles. A pessoa que quer viver tranquilamente aqui, decentemente, ela acaba aprendendo a viver como americano e vive, em questão de educação, por exemplo, de trânsito... A lei, a cultura, tudo, se você fizer o que o americano te oferece, o que a América te oferece, se você viver do jeito que eles vivem, com as regras, seguir as regras deles, a lei, você fica tranquilo, de boa aqui, sem problema nenhum, ninguém te atrapalha, mas se você quiser dar o jeitinho brasileiro, aí eles já te exclui... E eu vou falar uma frase que meu pai me falou quando saí do Brasil, tu vai pra América, tu anda na linha, não vai pra esquerda, pra direita, tu vai reto, porque se tu pisa na bola, se tu escorregar tu vai pagar e pronto. Se você anda na linha está tudo bem, mas se você escorregar for pra direita, for pra esquerda... os americanos são pessoas que gostam da verdade, não gostam da mentira, são muito justo, honestos e justos e se você quer fazer um contrato com os americanos tem que ser uma pessoa justa e honesta e dizer sempre a verdade, porque se ele entende que você está mentindo algo muito, muito diferente da verdade, aí não dá, porque diz que enganação não existe aqui... Porque esse estado ele é todo construído com os migrantes, com a imigração, tudo que está aqui, tudo foi construído com os migrantes, tipo assim, eles confiam muito na gente e vai pegando confiança, que nem quando a gente limpa a casa, tem casa que a gente tem a chave, tem casa que tem joia, que tem dinheiro e tem tudo na casa, eles confiam muito na gente e o momento em que eles perdem a confiança na gente, aí você perde tudo...

Pergunta 13. Vocês acham que tem quantos brasileiros por aqui em Boston, na redondeza, em Massachusetts? Da pra calcular?

Entrevistados 30. Não tenho ideia não, tenho ideia que mais que 200.000, mas não tenho ideia. Coisa de dois anos, três anos atrás a população brasileira que era mais de 2000 habitantes só nessa região... Deve ter mais de 500.000...

Pergunta 14. Teve uma época que vieram mais migrantes, depois parou e agora parece que estão voltando né?

Entrevistados 30. Agora está vindo mais a classe média, alta, gente que tem dois anos de faculdade, três anos de faculdade, gente formada, que não achou emprego no Brasil e vem pra cá, tem muita gente agora vindo do Brasil, mas eles chegam aqui e acabam vivendo a realidade, a vida, de imigrante mesmo, trabalhando na pintura, na limpeza, na construção, eles não conseguem nada porque não falam

inglês, porque o que eles aprenderam não serve de nada aqui, porque por ter terminado uma faculdade, uma universidade, às vezes, não vale aqui. Eu mesmo hoje estou com três pessoas lá em casa, que eu estou dando um help, uma ajuda, são um casal e a irmã do rapaz, todos os três tem faculdade no Brasil, Economia, Administração e uma se formou em Advogada, mas não atuam na área e estão aí, estão todos trabalhando, as meninas limpando casa e o rapaz na construção, a realidade é de imigrante mesmo. Aqui não é o que vocês eram no Brasil, a não ser que você venha estudar tudo de novo aqui, pegar o seu diploma e seguir a sua carreira aqui, que é muito difícil... E você pode até fazer, mas as condições financeiras faz com que fique muito difícil você cursar o mesmo curso que você fez no Brasil, porque custa muito dinheiro. E eu vou falar, a pessoa vem, mas, por exemplo, no trabalho ganha \$500,00 dólares por semana e \$500,00 no Brasil é R\$1.500,00 reais e trabalhando sete dias por semana e em quatro semanas ela faz \$2.000,00 e \$2.000,00 no Brasil é muito dinheiro, então eles pensam que eles estão ganhando dinheiro, mas eles não estão ganhando dinheiro, porque tem telefone pra pagar, tem seguro, tem aluguel pra pagar, tem gás pra pagar, tem aula, pagar o custo de vida é alto, mas ainda sobra, paga tudo e ainda sobra no final do mês, sobra comparando com o Brasil, que você trabalha o mês inteiro e não sobra nada, aqui sempre sobra, por isso que as pessoas vêm e acabam se acostumando, e tem oportunidade pra todo mundo, tem e sobra com você gastando. Mas não sobra, porque aqui todo mundo quer um carro... por que você precisa do carro para trabalhar e por isso você acaba também gastando mais, porque tem seguro, gasolina, é manutenção e a facilidade de comprar as coisas, de ter as coisas é o que faz muita, muitas pessoas ficarem aqui, inclusive, também a segurança, porque antigamente as pessoas vinham pra cá fazer dinheiro e voltavam para o Brasil, hoje a maioria das pessoas já vem pra cá pra fazer dinheiro e mudam a mentalidade de querer voltar para o Brasil por causa da segurança que você tem aqui e da facilidade de se adquirir as coisas, nem tanto por juntar dinheiro, porque hoje em dia está muito difícil, mas uma questão de qualidade de vida, assim, educação, saúde, pra você ter filhos, a saúde não tem nem comparação.

Pergunta 15. Pra finalizar uma mensagem rápida sobre Igreja, Migração, Família.

Entrevistados 30. A imigração é uma luta né, porque você larga tudo pra trás está entendendo, você chega no lugar onde você não conhece ninguém, aqueles amigos

que você tinha desde a infância, do dia-a-dia, ficou pra trás e você tem que começar tudo novamente, uma vida nova... Às vezes é um sacrifício, pra certas pessoas que é muito ligado às raízes... E a gente vem para o lugar onde tudo é diferente, a cultura diferente, a língua diferente e vem pra Igreja, aí, aqui, na igreja a gente faz amigos... aí a gente se sente melhor né, aí a gente se sente um pouco no Brasil né, por causa da comunidade, da alegria, faz com que a gente se sinta um pouco mais em casa. O imigrante que é católico e gosta de vir à Igreja... A Igreja é a base de tudo para o migrante. Ela é uma casa acolhedora. Eu vou falar uma coisa, vou falar que a oportunidade está sempre do teu lado e, às vezes, você não vê a oportunidade do teu lado, você passa do lado dela e fala não é essa, que eu não, quero não, mas a oportunidade está ali, então você tem que botar isso na cabeça, você vem para América a oportunidade está batendo na tua porta e você está virando as costas para ela. Eu só queria dizer uma coisa, eu sou brasileiro, gosto muito do Brasil, eu gosto muito dos Estados Unidos, mas eu amo o Brasil, deixei pessoas queridas lá, deixei amigos, pai, mãe, irmãos... Essa terra é uma terra de oportunidades, mas nossa terra mãe o Brasil, podemos não ser cidadãos americanos, mas somos cidadãos natos brasileiros, e é só isso...

Eu agradeço então e vamos rezar, obrigado gente!

ENTREVISTA 31.

Pergunta 1. Estava ouvindo aqui do Padre a história do Centro Pastoral, dizendo que quando a diocese perdeu tudo, não é Padre?

Entrevistado 31. Foi, foi vendido... e uma família católica vendeu esse Centro Pastoral para a Diocese por apenas cem dólares, que foi a forma da família ajudar a diocese que estava falida e não tinha onde colocar as suas secretarias.

Obrigado!

ENTREVISTA 32.

Pergunta 1. Então estou aqui, e é uma alegria, aqui no consulado brasileiro em Boston eu falo com?

Entrevistada 32. (mulher), eu sou a cónsul-geral aqui em Boston desde janeiro de 2005 e é um prazer recebê-los, espero que seja só o começo de uma frutífera cooperação.

Pergunta 2. Muito obrigado! De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 32. Eu sou de Minas Gerais, de Monte Carmello, vizinha da região do Triângulo Mineiro.

Pergunta 3. É o primeiro consulado?

Entrevistada 32. É o meu primeiro consulado como embaixadora, quer dizer, na verdade, claro, eu não atuo, eu sou a ministra de primeira classe, que equivale ao cargo de embaixador, mas aqui eu exerço as funções da cônsul-geral.

Pergunta 4. A senhora professa alguma prática religiosa?

Entrevistada 32. Eu sou católica, mas com uma abordagem muito aberta, muito ecumênica, eu tenho uma visão, assim, acho que há sempre o bem em todos os lugares e a melhor religião é a que faz bem à sociedade, a comunidade, a relação entre as pessoas, que são valores, como a gente vê em todas as profissões religiosas.

Pergunta 5. Qual a função do consulado, a função básica do consulado?

Entrevistada 32. Nós cuidamos de muitas coisas, nós que cuidamos dos serviços consulares clássicos, que diz respeito à documentação, a um passaporte, registros, procurações, como nesse aspecto fôssemos, assim, da Polícia Federal no sentido de documentação internacional, para viagens. Isso supre uma boa parte do nosso tempo, dos nossos recursos e é muito importante para os brasileiros que estejam devidamente documentados perante a legislação nacional. E temos também outra frente, que é a frente educacional, cultural na área de saúde, que a gente chama de serviços consulares de segunda geração, por estarem, assim, em sintonia com a comunidade e procurar quais são as necessidades nacionais aqui, promover iniciativas, como divulgação de cultura pra uma promoção do português, porque isso é muito importante para as famílias, para o bem-estar das famílias, para a comunicação entre pais e filhos e para preservação da nossa cultura né? E do enriquecimento de cada jovem de ter a oportunidade de manter a língua dos pais, que no mínimo será ótimo no mercado de trabalho, porque quem fala duas línguas estará com currículo melhor do que quem fala só uma língua.

Pergunta 6. Em termos de estatística, existem alguns dados, assim, da América do Norte da quantidade de brasileiros? Falo assim, da América do Norte, do Estado de Massachusetts e Boston, o norte em geral, Massachusetts em geral e Boston né?

Entrevistada 32. Eu vou passar para o senhor depois o acesso ao nosso Portal Consular, onde nós temos essa informação para o conjunto dos Estados Unidos e essa informação é sempre atualizada. Vou comentar um pouquinho do conjunto, do país, o número vai bem além de 1 milhão de pessoas, porque existe alguma oscilação, isso é tudo feito com base em produções que não são estatísticas, fruto de uma pesquisa robusta, com uma metodologia, mas são projeções, estimativas. No caso da jurisdição deste consulado, que abrange Massachusetts, fala-se em algo em torno de 300, 350.000 e, claro, de novo, números que tem por base estatísticas e estudos que foram feitos tendo como referência remessas, agora são números também que são disputados... Pelos americanos, em suas análises, o número já é bem menor, mas é claro que nós sabemos que as pessoas, nem todas, se declaram. Elas tem o temor de participarem de um Censo, então, assim, há muita discussão sobre esses números. Eu vou passar para senhor a última informação que se tem, que é de um pesquisador brasileiro, com quem eu recomendo a você conversar também, que o senhor (...), ele é pesquisador, economista, ele trabalha na prefeitura de Boston há muito tempo e é uma referência muito importante, porque ele fez um trabalho sobre remessas e ele estudou a comunidade brasileira. Ele tem um conhecimento interno, inclusive, da ótica da prefeitura e como pesquisador e ele há pouco tempo publicou um texto sobre o Brasil, porque o prefeito de Boston lançou uma iniciativa, eles mudaram recentemente o nome do escritório da prefeitura que cuida de migrantes. Esse escritório chamava de (...) e conforme comentou o próprio autor muitos migrantes já estão aqui a tanto tempo e continuam nessa categoria de migrantes e, por isso, vamos atualizar esse nome, eles disseram. Então eles mudaram para *Immigrant Advancement*, com uma ideia de progresso, de crescimento, de prosperidade. Esse escritório faz um trabalho muito importante e é da prefeitura e lançaram um estudo sobre as principais comunidades aqui e é claro que o Brasil está lá em cima. Existe um texto, que são perspectivas de grupos, e o conjunto do estudo e a média dos grupos, e há um sobre o Brasil, que é o textos do (...), que é o que há de mais recente que eu também recomendo olhar, que é uma boa referência, a melhor que nós temos.

Pergunta 7. E existe uma diferença, através dos anos, sobre as migrações? Houve um tempo maior, outro tempo menor, isso se dá pelas questões econômica?

Entrevistada 32. Muito, as condições de vida lá e as condições de vida aqui, então assim, não há estudos metodologicamente, profundos, mas o que se fala é que há uma oscilação em função da condição de vida, porque, assim, quando o Brasil estava, alguns anos atrás, com uma maior prosperidade econômica, aí o que se esperava era um movimento significativo de retorno, algumas pessoas disseram que houve retorno, mas já estão se dizendo que estão se voltando para América. Nós temos, reiteradamente, escutado que nos últimos tempos tem aumentado o número de pessoas, inclusive, mudanças em relação a Estados de origem, porque a gente sabe que há um núcleo muito importante de Minas, de Goiás, paranaense, do sul, mas é só a origem... É marcante na história da imigração brasileira, que mais o que eu tenho ouvido e observado, que está aumentando muito o número de pessoas vindo de São Paulo e aí, talvez, também pessoas saindo das cidades e que querem melhores oportunidades, quer dizer, aí tudo isso é uma questão de pesquisar, de ver quais são as motivações, mas assim acho que tudo depende muito das percepções, do grau de confiança. Agora depende também do que estiver acontecendo aqui, há também processo políticos, porque isso vai significar... O tom da política, as pessoas ficam preocupadas com tom do debate político. O consulado é claro não se envolve diretamente nessas questões, mas é um observador, porque sabe que isso tem implicações para nossa comunidade aqui.

Pergunta 8. Os acontecimentos recentes que sempre existiram, mas não de uma maneira tão divulgada ou apresentada em relação aos refugiados na Europa, de várias situações, das mais diversas realidades, têm afetado, em algum sentido, à questão migratória aqui?

Entrevistada 32. Eu acho que isso tem influência, porque influencia as percepções da sociedade, isso influencia as percepções dos agentes públicos, às vezes, aplicação de um dispositivo legal, que sempre tem uma margem de interpretação... É possível que um policial, a depender de como ele esteja vendo a realidade, não só daqui, mas do mundo, ele pode estar mais propenso ao menos propenso a determinadas atitudes, a gente sabe disso, porque a gente aqui não está falando de física, nem de matemática, a gente está falando de relação entre humanos, então a lei passa por isso né? Então o debate político dos segmentos da sociedade mais diversos, talvez sejam menos propensos a reconhecer os benefícios da imigração, a contribuição dada, enfim isso vai criando um estado,

no geral, assim, que é a política cultural individual. É difícil, assim, ser mais específica nesse comentário, mas é claro que essa questão existe na sociedade e está nos debates entre os candidatos, até a presidência isso perpassa né? Na comunidade, em seus diferentes segmentos, então eu acho que o mundo todo, quando você fala de migração, de refugiados, “cê” vê que tem aumentado muito o número de pessoas deslocadas, obrigadas ao deslocamento de alguma outra maneira. Eu acho que isso acaba, isso pode ser visto de uma forma positiva para algumas pessoas, isso pode ser visto de uma forma negativa quando se tem sofrimento, quando se tem origem, quando se está em guerras, as situações difíceis de encaminhamento, a gente vê os impactos, isso a gente vê o que está acontecendo na União Europeia, a gente vê o que aconteceu no Reino Unido recentemente, a decisão sobre a União Europeia... Agora, como tudo, há opiniões diferentes, da mesma forma que existem as pessoas aqui que sejam favoráveis a políticas mais restritivas, de fechamento, também há pessoas muito comprometidas com outra leitura, com outra realidade e eu acho que aqui, por exemplo, no Estado de Massachusetts, até onde minha experiência permite falar, a gente tem lideranças políticas, assim, muito sensíveis aos migrantes e que reconhecem o papel, a contribuição dada das comunidades, como a comunidade brasileira. Isso está evidente neste último relatório do prefeito de Boston, que foi mencionado, ele próprio, filho de uma emigrante irlandesa que disse que tem na sua história de vida essa experiência né? Da mesma forma o prefeito Summer View tem programas interessantes, programas muito edificantes, muito positivos em relação às comunidades emigrantes, onde são tantos brasileiros. A Procuradoria Geral do Estado também tem uma política muito voltada aos direitos das pessoas. A procuradora faz um trabalho, assim, aliás é muito importante dizer que tem um brasileiro na Procuradoria, que é uma pessoa que eu recomendo muito falar, que é o (...). Ele é diretor da unidade da Procuradoria para relações externa com a comunidade e a procuradora, ela faz um pouco assim, o que a gente tenta fazer aqui, estar onde estão às pessoas estão. É muito comum nós ouvirmos relatos que ele esteve em tal lugar, se encontrou na comunidade brasileira, na comunidade da Espanha... Ele vai até os locais, ele ouve as pessoas. A defesa, assim, dos direitos dessas pessoas é algo que eu acho que está muito marcante nessa administração dela, então, assim, tudo isso faz parte de um conjunto né, onde “cê” tem muitos desafios né?

Pergunta 9. Eu fiquei muito encantado no sábado com a educação, com o carinho e também com a firmeza, o respeito, do pessoal do consulado e foi uma coisa impressionante a beleza e a quantidade de pessoas e eu fiquei o tempo por todos os lados, do início ao final, e a presença da senhora também lá, ficando lá com o pessoal, do início ao final, sempre muita gente procurando... A necessidade, muitas vezes, de orientação, de ser ouvido, isso é algo muito bonito, porque isso ainda mostra como tem gente ainda dentro da migração, de pessoas com necessidades de documentação, seja por outras várias realidades...

Entrevistada 32. É isso, é verdade, e por isso que a gente precisa estar junto às pessoas para conhecer, para saber do que elas precisam, para conhecer a realidade delas, porque essa é a matéria-prima para nosso trabalho. Claro que a gente conhece muito, o Itamaraty tem a política, nós temos pessoas assim muito dedicadas, o departamento, as comunidades brasileiras no exterior têm uma chefia que administra. A chefia que é a ministra (...) tem a experiência da atividade consular, já trabalhou muitos anos nessa área, são pessoas muito dedicadas e muito competentes naquilo que fazem e eu acho assim que a gente procura seguir nesse mesmo espírito aqui, de ir lá, de conhecer e a gente sempre aprende, não há a menor dúvida, eu digo que por mais que, às vezes, eu esteja cansada, porque por mais que depois de um dia de trabalho, às vezes, tem um evento à noite, mas 99% dos casos eu saio revigorada, porque eu sempre ganho alguma coisa em termos de até inspiração para o trabalho, então acho isso muito importante, muito importante e é claro que eu não faço as coisas sozinhas, nunca, jamais, mas o que eu preciso é ter uma equipe assim, sintonizada, empenhada em oferecer um atendimento atencioso, acolhedor, humanizado, respeitoso e a gente conversa muito sobre isso aqui internamente. É isto, estar perto e quando as pessoas estiverem aqui conosco serem recebidas da melhor maneira. O que não significa que não ocorram problemas, infelizmente, há casos, enfim que a gente, às vezes, até porque a pessoa não tem formação, a pessoa não poderia receber de outra maneira aí a frustração pode levar a outras atitudes, mas assim, são casos isolados né, na grande maioria das vezes a gente tem um ambiente que a gente espera que seja agradável, acolhedor, sereno. Um ambiente consular sereno e acolhedor, para que a gente... para que as pessoas fiquem bem, cheguem bem, fiquem bem e saiam bem e também para os funcionários né, ter um ambiente tranquilo de trabalho,

porque é um trabalho muito, muito, puxado, cansativo, porque ele não para, ele não para o atendimento. A gente sabe que não é simples e uma observação interessante aqui é a visita ao presídio de migração.

Terceiro: A gente tava conversando assim, com alguns presos né, e vieram cinco ou seis outros de outras nacionalidades querendo informação, porque eles estavam admirados que o consulado estava lá dentro do presídio, visitando os brasileiros e eles também queriam alguma informação, algum apoio, mas infelizmente a gente não pode estar prestando apoio a pessoas que não são nacionais, até porque a gente não conhece, mas tiraram boa parte do tempo para tentar buscar ajuda. Então eu acho interessante também apontar que também não são todos os consulados fazendo isso, esse tipo de trabalho, e os presídios, principalmente, de migração abrem as portas para a gente, reconhece o nosso trabalho. Então acho que quando uma pessoa tem um representante do Consulado isso é um suporte muito interessante para eles, assim, no geral, na visão deles, principalmente, porque são poucas as pessoas que vão visitá-los e até mesmo de outros pontos de vista, de quem está de fora, perceberem que eles não estão sozinhos, independente da situação, da natureza, até mesmo porque a gente não está para julgar ninguém. E outra coisa que aconteceu também, apresentando o consulado, mostrando que aquela pessoa não está sozinha, abriu portas e aquela pessoa busca, com a ajuda do consulado, ainda que aquela pessoa esteja errada ou certa, ela buscou uma ajuda e o consulado representando, dando suporte para essa pessoa, ela conseguiu abrir algumas portas como visita a família, filhos, esse tipo de coisa.

Esse foi o relato da (...), que é do setor da psicologia e presta uma assistência.

“Eu sou a (...) e trabalho aqui dando um suporte na parte do apoio a saúde e bem-estar do consulado”.

Pergunta 10. A Igreja tem um fator importante quando ela se une em parceria com o consulado para esse trabalho de presença?

Entrevistada 32. É muito importante o papel da Igreja, eu digo das igrejas, porque as igrejas são é o apoio mais direto e é quem está mais perto das pessoas, é quem mais pode dar a elas toda orientação, conforto espiritual, enfim as pessoas buscam onde é que estão reunidos os maiores grupos de brasileiros e são nas igrejas, nos templos, então é claro que a igreja quer fazer o bem, a igreja quer apoiar, o exercício de sua missão, a sua missão é a missão de apoiar pessoas em dificuldades, em todos os aspectos, às famílias, às crianças, então nada mais

natural e nada mais necessário do que a gente estar e buscar o apoio das igrejas para a gente poder chegar até as pessoas e oferecer, é claro, nosso apoio. É como que eu faço aqui, é claro que as pessoas tem a sua fé, suas opções, suas crenças, então, tem os católicos, os evangélicos, diversas variações, e não cabe ao consulado, até mesmo porque o Estado é um Estado laico, nós não somos uma instituição religiosa, mas nós atuamos com as instituições, porque nós atuamos com a sociedade e a sociedade está nas instituições, então é sempre com esse cuidado de atuar assim, de uma maneira imparcial e comprometida, é nosso objetivo. Nós queremos apoiar esse grupo que frequenta a comunidade católica, então eu digo bom, vamos lá, mas também temos outra corrente, mas está tudo bem é positivo para as pessoas, somos parceiros, nós somos atores na sociedade, nosso papel, do Estado, e das instituições religiosas, em seus diferentes papéis.

Pergunta 11. Senhora cônsul, querida (...), se assim posso me dirigir a vocês, Padre (...) também está aqui, finalizando uma mensagem... Você comentou que tem filhos, esposo que está no Brasil, então uma mensagem, você que é mãe, que vive aqui, você que lida com o ser humano, que lida com todo tipo de realidade humana, de necessidade, uma mensagem, assim, se você fosse dizer para os migrantes, para quem fosse migrar do Brasil para cá, o que você poderia dizer pra quem quer vir pra cá, que pode vir, é um lugar bom, mas venha dessa maneira, uma mensagem assim...

Entrevistada 32. Eu acho assim, é sempre melhor, assim, vir da maneira que será mais segura, mais estável, mas né... eu gostaria muito, que as pessoas pudessem viver com tranquilidade, fazer seu trabalho, ter seus filhos, seus filhos estudando, podendo se movimentar, eu acho sim que a gente quer que as pessoas estejam bem, onde é que elas estiverem, se elas puderem estar bem em seus países de origem... a gente sempre está com saudades da nossa terra não é não? A gente quer nossa terra bem e a gente podendo viajar, passear, vir aqui e fazer opções, fazer escolhas bem informadas, cuidadosas, eu acho que, sobretudo, assim né, o que a gente deseja é que as pessoas possam, assim, fazer boas escolhas em benefício da sua família, do seu bem-estar, das pessoas próximas, dos amigos e que sejam escolhas “ok”, embaladas por sonhos, mas em sonhos realistas, que não coloquem em risco a própria pessoa, seus entes mais próximos... É que ótimo se a gente tivesse um mundo em que as pessoas não fossem empurradas pelo desespero, pelas faltas de opções, pelas faltas de oportunidades, assim né, em

geral, falando no plano global, que bom se as pessoas não precisassem fugir de guerras, que bom se as pessoas pudessem escolher, assim, onde ter o seu trabalho, educar seus filhos e viver em paz.

Muito obrigado, agradeço imensamente o carinho, muito obrigado!

ENTREVISTA 33.

Pergunta 1. Estou aqui com a secretária da paróquia Leste Boston, Madonna Queen, Nossa Senhora Rainha. Como é o seu no nome?

Entrevistada 33. (mulher).

Pergunta 2. Qual é a sua idade?

Entrevistada 33. 46.

Pergunta 3. Profissão?

Entrevistada 33. Secretária.

Pergunta 4. De qual lugar do Brasil você é?

Entrevistada 33. Eu sou do Espírito Santo, mas fui criada em Minas, Ipatinga.

Pergunta 5. O que te motivou a migrar?

Entrevistada 33. Ah, primeiramente eu vim porque o meu esposo já estava aqui então eu vim por causa dele.

Pergunta 6. Então a quanto tempo você está aqui?

Entrevistada 33. Há 23 anos.

Pergunta 7. Ficou gente da família por lá, pelo Brasil?

Entrevistada 33. Meu pai, minha mãe, dois irmão e tem um agora aqui comigo.

Pergunta 8. Como você foi recebida aqui, pelos brasileiros?

Entrevistada 33. Na época não tinha muitos e meu marido trabalhava das nove da manhã em um restaurante às duas da manhã, então a recepção não foi muito boa, porque fiquei muito sozinha aqui...

Pergunta 9. E pelos americanos?

Entrevistada 33. Pelos americanos a gente não conhecia muito, a gente quase não tinha muito contato...

Pergunta 10. Como tu tá te sentindo hoje?

Entrevistada 33. Hoje eu me sinto em casa né, já estou há 23 anos e tenho 23 anos de Brasil.

Pergunta 11. Você aconselharia alguém a migrar?

Entrevistada 33. Depende da situação não é fácil né, chegar aqui e como está o país acho que não é muita vantagem no momento...

Pergunta 12. Você quando chegou falava inglês?

Entrevistada 33. Não.

Pergunta 13. E seu marido?

Entrevistada 33. Não.

Pergunta 14. Foi aprendendo aqui...

Entrevistada 33. Foi aprendendo aqui

Pergunta 15. Você conhece alguém que veio e voltou porque não aguentou de saudade do Brasil, dos familiares?

Entrevistada 33. Sim, muita gente...

Pergunta 16. Você pretende voltar para o Brasil?

Entrevistada 33. Só para passear.

Pergunta 17. Teus meios de migração, você veio por onde?

Entrevistada 33. Eu tive um problema em 92 eu tentei vir e fui deportada e voltei para o Brasil no mesmo dia, vim por Miami e depois, um ano depois, eu voltei de novo só que vim por NY, vim pelo aeroporto, não atravessei a fronteira.

Pergunta 18. O que você acha que mudou em você nesse período que você está aqui? Lembrando do Brasil, assim, como pessoa, mudou alguma coisa, visão de mundo.

Entrevistada 33. Acho que aqui a gente pega uma experiência diferente né, nunca vamos nos adaptar ao estilo americano, nunca seremos americanos, mas a gente pega aquilo que eles têm de bom, acho que o modo de vida deles né, mais reservado, respeitando mais os outros, o direito dos outros, essa questão da limpeza, da organização, tudo isso é coisa que a gente tem que se adaptar e que é bom né, o que é bom a gente pega pra gente.

Pergunta 19. Quando você pensa no Brasil, o que mais você sente falta?

Entrevistada 33. Dos familiares.

Pergunta 20. Você participava a igreja no Brasil?

Entrevistada 33. Assiduamente.

Pergunta 21. E aqui você participa?

Entrevistada 33. Assiduamente.

Pergunta 22. Como é a Igreja Católica, como é que você se sentiu acolhida pela Igreja Católica aqui?

Entrevistada 33. Com certeza, porque eu descobri a comunidade de Boston depois de uns dois ou três meses que eu estava aqui, então foi o que me deu mais tranquilidade para falar a mesma língua, celebrar no mesmo idioma.

Pergunta 23. Então quer dizer que a Igreja aqui te ajudou a permanecer na fé que você já tinha no Brasil?

Entrevistada 33. Com certeza.

Pergunta 24. O que você mais gosta na igreja que você frequenta?

Entrevistada 33. De tudo.

Pergunta 25. O que você menos gosta?

Entrevistada 33. De nada.

Pergunta 26. Qual a principal diferença entre igreja norte americana e a igreja do Brasil, como estilo de liturgia?

Entrevistada 33. Eu penso que aqui as coisas são mais organizadas, não sei se dá onde eu vim, frequentava, assim era uma igreja mais aberta, não havia padres, era mais celebrantes e aqui não, não há celebrantes, tem que ser um padre ou um diácono, então acho que dá uma organização maior, até na celebração, liturgicamente falando se organiza melhor a Igreja.

Pergunta 27. Mudou alguma coisa, assim, no teu jeito de se relacionar, participar da comunidade Igreja, nesses 21 anos que você está por aqui?

Entrevistada 33. A verdade é o seguinte que a gente conhece pessoas e pessoas, então a gente tem que se adaptar as pessoas e não elas se adaptarem a gente e se a gente não tiver essa tolerância, paciência, sabedoria de lidar com o povo nunca vamos nos adaptar a lugar nenhum e aqui, realmente, como eu tenho uma experiência grande dessa própria comunidade, eu já vi muita gente indo, muita gente vindo, então a gente que fica, a gente tem que ser uma referência né, pra essas pessoas que passam.

Pergunta 28. Em termo de justiça social, você que há 21 anos que está por aqui, já participa da igreja a muito tempo em termos de preconceito, você que já passou por muitos momentos aqui, inclusive, momentos difíceis da Igreja aqui, onde a Igreja teve que vender patrimônio, foi acusada de muitas coisas, que infelizmente são misérias da nossa vida né, santa e pecadora, mas outras coisas foram injustiça, perseguição, imprensa, isso foi uma coisa assim que afastou muita gente da Igreja?

Entrevistada 33. Sim, na época que nós tivemos a grande mudança dessa venda das igrejas, principalmente, da vende da igreja onde a gente estava, a igreja Madonna, ela foi vendida, inclusive, foi vendida para uma igreja protestante, para a gente foi um baque muito grande, foi uma perda realmente porque não era tanto a igreja prédio, mas era o tempo que a gente já tinha naquela comunidade e o fato deles não oferecerem essa igreja para nós tomarmos conta, em vez de passar para frente ou vender, então, mas a gente entendeu, porque realmente eles precisavam do dinheiro para acabar com outros problemas que realmente na época surgiram...

Pergunta 29. Então você imagina que você que tem mais experiência de Igreja, mais resistência, aguentou firme, mais resistência, mas imagina quem não tem uma caminhada de Igreja...

Entrevistada 33. É, muita gente achou uma coisa absurda, eu conheço muita gente que, na época, foi para uma outra igreja, protestante, porque acharam isso uma injustiça, mas não cabe julgar, cada um sentiu de uma maneira, sentiu e reagiu, o problema foi a reação, aqueles que levantaram a cabeça e falaram vamos continuar, vamos mudar, vamos levar para frente e estão aqui até hoje, graças a Deus.

Pergunta 30. Disse que teve um tempo aí que chegaram a ser vendidas 30 a 40 igrejas no mesmo dia...

Entrevistada 33. Sim, no mesmo dia foram fechadas muitas igrejas, principalmente, aqui em nossa região de Boston, foram fechadas muitas igrejas por causa desses problemas.

Pergunta 31. Para finalizar, o que você pode identificar que tem na sua igreja de origem e na igreja que você participa hoje, tipo assim, o que você tem encontro de casais?

Entrevistada 33. Não, tem encontro de casal de uma outra maneira que é a pastoral da família.

Pergunta 32. Tem catequese?

Entrevistada 33. Tem.

Pergunta 33. Tem preparação para o crisma?

Entrevistada 33. Sim.

Pergunta 34. Ontem eu participei de um grupo do terço dos homens...

Entrevistada 33. Sim, o terço dos homens.

Pergunta 35. Tem o Apostolado da Oração, da sexta-feira, do Sagrado Coração de Jesus...

Entrevistada 33. Sim, toda primeira sexta-feira do mês.

Pergunta 36. Então são várias pastorais aqui na comunidade que funcionam... você gostaria de deixar uma mensagem?

Entrevistada 33. Para todo mundo que pensa em fazer parte de uma comunidade, que realmente participe, que não venha com cobranças, comparações de pessoas, que não venha com esse tipo de preconceito, porque, realmente, para viver em comunidade não é fácil, assim como no casamento, na vida social, como no trabalho, então, na comunidade não é diferente, na comunidade também tem que se respeitar e se dá o respeito, tem que conviver e viver né, eu falo como todo mundo um minha comunidade, se você for olhar as coisas, as picuinhas, as conversas não existiria uma comunidade e a comum unidade não é fácil, mas também não é impossível, estamos aqui nós para podermos mostrarmos isso, entendeu, e eu vivo e convivo nessa comunidade a 23 anos eu digo que vale a pena, vale a pena fazer parte de uma comunidade, porque a comunidade aqui nos EUA para nós é a nossa família.

Pergunta 37. Que bonito! Eu te agradeço! Vocês têm filho?

Entrevistada 33. Dois. Um de 17 anos e outro de 13 anos. Já são jovens, adolescentes. Continuam frequentado à Igreja, graças a Deus! Foram criados aqui dentro dessa família.

Que bom! Bendito seja Deus! Muito Obrigado.

ENTREVISTA 34 (Grupo de mulheres – 7 mulheres).

Pergunta 1. Estamos aqui com um grupo de mulheres adoradores e também com nosso irmão junto, que participa desse momento, e nós vamos fazer, então, uma entrevista coletiva, porém também individual, pois cada um é uma pessoa, não é verdade, diante da graça de Deus. Então eu falo com esse grupo começando por você, qual é o seu nome?

Entrevistadas 34. Meu nome é (1), eu venho de Minas, completo nesse mês 23 anos aqui e a minha profissão é *house cleaner*, no Brasil seria doméstica. Meu nome é (2), eu vim de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e daqui uns dias eu completo 25 anos de América, no Brasil eu era professora e aqui eu sou *housekeeper* e *house cleaner*. Meu nome é (3) eu sou portuguesa, já estou aqui há

49 anos e já não trabalho, já estou em casa, eu trabalhava antes, eu trabalhava e era contratada pra trabalhar no edifício grande, mas agora já estou em casa. Meu nome é (4), eu sou de Vitória, Espírito Santo, e também sou *house cleaner*, estou aqui há 23 anos. Meu nome é (5) e eu trabalho também como *house cleaner* e sou de Guará e morei em Fabriciano muitos anos, trabalhei na USINEC e tenho 33 anos de América. Meu nome é (6), eu nasci na Bahia, mas a minha cidade, que eu amo de paixão, é Rio de Janeiro e é onde eu vivi toda minha vida e aqui eu estou há 19 anos e sou *housekeeper* também. Meu nome é (7) eu sou de Minas, Ipatinga e vou fazer 16 anos que estou aqui e sou *house cleaner* também.

Pergunta 2. Vocês ainda têm familiares no Brasil, assim no geral?

Entrevistadas 34. Todos da minha família está, todo mundo, no Brasil. Só eu, meu esposo e meu filho que moramos aqui. Tenho toda minha família morando lá, mas tem irmãos e sobrinhos morando aqui, mas a maioria está no Brasil. Também tenho um irmão morando aqui e três irmãs lá no Brasil. Eu tenho mãe irmãos aqui, tios e tias aqui a outra metade foi embora, mas tem familiares pra vir ainda. Direto que mora lá eu só tem uma irmã.

Pergunta 3. Vocês escolherão vir para cá por quê? Qual motivo?

Entrevistadas 34. É... o Collor nos obrigou a vir pra cá, porque nós tínhamos lá o nosso restaurante e faliu com tudo, tomou nosso dinheiro, então, mas viemos pra cá para dar uma oportunidade melhor para o nosso filho. Eu vim atrás da minha família.

Pergunta 4. Quando vocês chegaram aqui, vocês foram bem recebidos pelos brasileiros?

Entrevistadas 34. Quando eu vim, tinha pouquíssimos brasileiros, mas eu vim com uma família lá do Brasil, então, assim, eu vim eu morei aqui em Boston e fiquei mais ou menos um mês com ela, depois eu consegui um emprego para eu mudar e viver. Eu vim e eu fui a primeira da minha família a estar aqui, eu abrir as fronteiras para os outros. Eu, a família do meu marido já tinha um primo que morava aqui aos 15 anos, aí a mãe dele estava aqui nessa época, então viemos. Na época que vim também eu não fui bem recebida por brasileiro não, no primeiro dia que eu cheguei já me espantaram, já falaram mal, já falaram o porquê eu quis vir pra cá, que a situação aqui não estava boa e isso e aquilo. Eu tive mais apoio de pessoas americanas que depois eu conheci do que dos brasileiros. Há 23 anos, atrás, a comunidade brasileira era de poucas pessoas, eu fui muito bem recebida,

as únicas festinhas que tinha, eu achava engraçado que no Brasil eu detestava festa junina e aqui a festa junina que era só pra nós, era coisa do outro mundo vir pra festa junina e a gente vinha como se fosse igual um casamento, então os brasileiros eram muito unidos, trabalhavam para *morrer*, mas unidos mesmo, independente de religião, crente era amigo do católico, é assim, mais ou menos né, hoje tem uma diferença muito grande, é lógico que as coisas vão mudando e nós temos que entender isso, a geração é outra hoje, é gente mais novo, que vem com outra cabeça... E outra coisa vim para casa da minha família, então não tinha como não ser bem recebida, eu fui a terceira da minha família chegar aqui, depois de uns 15... Eu vim com a cara e a coragem, sem conhecer ninguém, eu tinha era só uma informação de uma pessoa sobrinha de uma amiga minha e aí eram nove homens em uma casa e eu para lá fui.

Pergunta 5. E pelos americanos?

Entrevistadas 34. Os americanos pra mim são 10 sempre, 10, nunca fui discriminada apesar de que até hoje não domino a língua, mas nunca fui discriminada e amo os americanos, não tenho nada que falar mal deles. Bem melhor do que os brasileiros pra mim os americanos. Eu também eu também gosto muito deles. Eles não têm discriminação e se chega uma pessoa assim, qualquer tipo de pessoa, na casa deles se a gente chega e essa gente tiver presente, eles falam fulano de tal essa é (...), (...) esse é fulano de tal, eles apresentam, eles não têm essa discriminação, assim, de empregada, eles não fazem distinção. Mas essa afirmação depende de onde você trabalha com quem você trabalha, porque eu, assim, quando cheguei aqui, por exemplo, meu primeiro trabalho foi em restaurante, primeiro fui trabalhar em hotel e, honestamente, para mim existe discriminação, existe e se a gente falar que não existe discriminação a gente é cego e a gente é ignorante, não estou chamando (...), desculpa, estou colocando, assim, perdão tá, estou colocando, assim, no sentido de onde você vive né, claro né gente, perdão, porque, assim, a gente trabalha, por exemplo, já trabalhei com o cliente que eu fui discriminada pela cliente... some uma coisa na casa dele, várias pessoas entram na casa dele, mas ele vai lá perguntar pra mim, porque eu sou *house cleaner*, então ele está me discriminando, aí na casa dele entrou um monte de gente, sumiu uma coisa, e ele vem perguntar pra mim, por favor, né, isso é discriminação, estou colocando assim o ponto de vista de onde, dos lugares, que eu passei, então pude observar que discriminação sempre vai existir, onde houver

ser humano, em qualquer parte do mundo, a discriminação vai existir e a discriminação aqui, às vezes, é, muitas vezes, até por nós próprios imigrantes que discriminamos os outros. Já concordo com você agora. Têm americanos aqui da terra que nos tratam até melhor do que o outro né, mas assim que a discriminação em geral ou é da raça italiana, hispana ou é do programa americano, depende da sorte que você tem, da onde você vai conviver... o que eu estava falando é das pessoas que eu trabalho, eu trabalho com elas, que eu tenho pessoas que eu trabalho com elas já há 25 anos, há 15 anos, há 10 anos, então, assim, eu não tenho nada pra reclamar dessas pessoas e, muito pelo contrário, tenho pra agradecer, agora pode existir sim discriminação, mas, assim, com as pessoas que eu trabalho eu não sinto nem um pouco discriminada, mas eu estou falando da minha experiência. Não acho que assim...

Pergunta 6. É... mesmo porque cada um faz uma experiência pessoal, não tem como a gente dizer, assim, a minha experiência é igual a sua. É a mesma coisa que religião, a minha experiência com Jesus é diferente da experiência do outro mesmo sendo o mesmo Jesus.

Entrevistadas 34. Mas quanto mais como quando eu cheguei aqui, que eu fui a primeira a chegar, eu nunca tive intenção de vim para esse país, nunca imaginei, principalmente, por não saber nem um sim em inglês, eu vim por influência de uma amiga minha, que de tanto que insistiu pra mim vir, eu vim com ela, tanto que o nosso plano era de ficar dois anos e ela ficou seis meses, porque ela não gostou e eu como eu gostei desde quando pisei por aqui, nesse chão, e eu fui trabalhar num restaurante que só tinha americano e duas pessoas espanholas e duas inglesas e ela foi embora nesses seis meses e a gente morava junto, tanto que um americano falou você vai ficar sozinha, você vai ficar sozinha não tem ninguém aqui, então vou falar com os meus pais e você vai morar na minha casa e foi quando eu morei na casa de americanos que nem nunca sabia da onde eu tinha vindo e não falavam a minha língua e nem eu falava a língua deles, então eu não posso falar que eu fui discriminada por eles, nem por outros, graças a Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo colocou só pessoas boas no meu caminho, tantas pessoas que estão aqui também e também assim até hoje eu acho, eu tenho, eles como família e eles me tem como família.

Pergunta 7. Então quer dizer que vocês se sentem bem aqui, muito bem, todas se sentem bem, primeiro América depois Brasil, risos. Vocês todas falam inglês, compreendem?

Entrevistadas 34. Eu não falo não padre, ela fala muito bem, ela fala muito bem. Eu me defendo. Eu me defendo.

Pergunta 8. Vocês tem vontade de voltar um dia para o Brasil?

Entrevistadas 34. É... eu pra passear com certeza. Até eu se pudesse duas ou três vezes por ano, porque eu tenho a minha irmã, minha mãezinha que tem 82, 83 anos, todas as minhas irmãs e nós somos em 10, só eu estou aqui perdida, mas Deus está comigo e agora pra morar não. Eu mal pra passear, só mesmo para ver os meus parentes, não tenho saudade nenhuma. Eu voltarei daqui uns meses. Eu, se meu marido quisesse, nós íamos hoje. Eu tenho vontade, porque eu acho que a velhice aqui é muito triste, então, assim, principalmente pra mim, que tenho filha tenho uma neta, mas ela vai ter a vida dela e eu vou ter a minha, não quero envelhecer aqui, ficar aqui sozinha, então eu quero viver a minha velhice no Brasil.

Pergunta 9. Então poderíamos dizer assim, que o que vocês mais sentem falta no Brasil é da família?

Entrevistadas 34. Sim da família, sim família, sim família, família, família, porque eu sou muito agarrada com a minha família, os meus amigos são os meus irmãos.

Pergunta 10. Vocês participavam da igreja lá no Brasil?

Entrevistadas 34. Não, eu nunca participei padre. Sim, desde que nasci. Eu ia à igreja, mas eu não frequentava, não participava de pastorais, eu não participava de nada só ia à missa. Eu fui criada na igreja, porque a minha mãe sempre foi católica, quando me tornei adolescente me afastei um pouco, aí quando cheguei aqui eu estava muito perdida, foi o que me fez sentir bem, o que me acolheu foi a Igreja. Eu comecei na Igreja na comunidade dos portugueses aí depois uma amiga minha falou que tinha comunidade brasileira, aí me trouxe para a comunidade de Boston que eu estou até hoje... Eu, na minha infância, eu frequentei muito, cruzadas, usei aquelas faixas todas, na adolescência, às vezes, eu ia à missa aos domingos, aqui é que eu deslanchei mais, eu acho que foi a necessidade também, a saudade da família, de alguém assim se apegar Deus né, e aí eu me agarrei, fiquei mesmo.

Pergunta 11. Como vocês se sentiram acolhidas na Igreja agora, pelos brasileiros e também pelos americanos?

Entrevistadas 34. Quando cheguei aqui nós não tínhamos ainda comunidade brasileira, então eu frequentava, eu frequentava a igreja, que era a comunidade espanhola, então, depois chegou aqui o padre (...) que foi a nossa primeira missa, da comunidade brasileira, foi na capelinha em East Boston, embaixo, e o Padre (...) que fez a celebração, deveria ter mais ou menos umas 30 ou 40 pessoas só e fomos muito bem acolhidos pela comunidade brasileira.

Pergunta 12. E existe diferença de ser da igreja católica e da igreja americana?

Entrevistadas 34. Existe diferença, a missa americana ela é mais rápida, ela é mais tradicional e a nossa missa aqui é bem brasileira mesmo, mas calorosa, certas cerimônias é bem brasileira né, o americano é bem ritual, é mais conservadora. Eu já assisti missa americana e ela levou 40 minutos e leva até menos, é menos... é fria igual a eles... Quando tem, no máximo, tem um canto e é bem rápida.

Pergunta 13. E vocês, vieram assim tranquilamente, conseguiram a documentação depois que estavam aqui...

Entrevistadas 34. Não, minha família, eu e meu esposo, porque meu esposo é cozinheiro, ele é chefe e cozinha muito bem, foi pelo trabalho dele que entrei, eu e meu filho, entendeu? Entramos, assim, com visto de turista e aqui conseguimos ficar e aí depois conseguimos a cidadania americana, pelo trabalho do meu esposo. Aqui eu me casei, tive uma filha e aí eu consegui ser cidadã americana. O meu foi pela relação. Eu, foi pelo casamento também, me casei com um americano, mas todo dia chega gente que veio pelo México, todo dia, todo dia chega gente que passa por esses perigos, México, Cuba, Califórnia, tem vários caminhos, tem gente que vai pra Cuba entra por Miami, são vários os caminhos, Deus que me livre, nunca faria isso e eu que tenho um filho de sete anos, quando nós chegamos aqui meu filho tinha sete anos, hoje meu filho está com 28.

Pergunta 14. A Igreja que tem ajudado a vocês a fazerem uma experiência de fé?

Entrevistadas 34. Tem, muito, qualquer comunidade, todas elas promovem...

Pergunta 15. Você gosta da igreja que você frequenta?

Entrevistadas 34. Eu gosto. Eu frequento duas e gosto das duas. Eu gosto. Eu gosto, tenho 33 anos de comunidade e gosto, às vezes, tem coisas que aborrecem, mas eu continuo na comunidade.

Pergunta 16. O quê que aborrecem vocês?

Entrevistadas 34. Ah! São muitas coisas, eu não faço parte de nenhuma pastoral, eu gosto das novenas, da missa da Mãe do Peregrino, a missa da primeira sexta-feira do mês, do dízimo, mas eu e meu marido não participamos de nenhuma pastoral, meu marido já foi ministro da Eucaristia, já foi professor de catequese, eu nunca me envolvi com essa parte não, mas mesmo eu não me envolvendo com essa parte tem coisas que me aborrecem e eu sou meio cabelo em pé, aí é melhor eu não participar de pastoral. Ai... são tantas coisas que me aborrecem, tem que ter um dia pra sentar e falar. A hipocrisia, às vezes, da pessoa que se envolve com a pastoral e parece que é dona do templo, da igreja, muitas coisas assim, entendeu, que a gente olha, a falsidade e a própria comunidade, um com outro, as panelinhas, os grupinhos, isso me aborrece, aí eu prefiro não me envolver. Eu tenho uma amiga que me chama, vamos pra pastoral da família, tem pastoral da família, me convida, mas eu, não, e falam como a (...) não se envolve e eu tenho uma resposta boa, eles me perguntam, você não quer participar do dízimo, a resposta, olha é muito cacique pra pouco índio, então não vale a pena de chegar, estar lá tomando conta do dízimo, mas eu também tenho as minhas amigas, meu grupo maravilhoso que eu gosto de todo mundo da comunidade, mas tem muita coisa, assim, que tem que ser corrigido entendeu, aí não dá chance pro outro. Nós sabemos que tudo que diz respeito a grupo isso existe, em trabalho, em escola, isso não é novidade, isso vai existir desde que o mundo é mundo. Eu participo de duas pastorais, da evangelização e da catequese participava, mas agora sou fiel só. Eu já participei do canto, da colhida, fui da catequese e agora sou do Sagrado Coração de Jesus. Agora vocês falam, porque vocês não entraram ainda nas pastorais, a pastoral da catequese eu achei que fosse uma coisa, que ia ser muito fácil, breve, não, é muita responsabilidade, é muito desafio para quem está coordenando e desafio para gente também, porque hoje não é simplesmente chegar e levar a criança, tem muita coisa envolvida, por trás disso tem muita coisa, tem muita coisa, por trás disso que, às vezes, os pais não entendem, mas é muita responsabilidade para nós, muita, até para levar em um banheiro a criança não pode sozinha a gente tem que ir com ela e muitas coisas mais que a gente faz,

que os pais ainda reclamam, que isso é um trabalho voluntário, é o grupo de catecismo, costumam falar assim, é muito fácil você falar quando você está sentado aqui, é muito difícil... Mas tem muito teatro também. Eu tenho três crianças na catequese e é muito teatro. A minha filha já fez a primeira comunhão e eu disse vamos ver o Papa, e ela disse, é papa de comer e ela tinha acabado de fazer a primeira comunhão, então é muito teatro também só que eu não vou falar, eu não vou fazer nada, porque eu estou aqui, mas é muito teatro, como tudo. Teatro, como assim? Teatro muita coisa que é teatro, que as crianças hoje em dia estão aprendendo, que elas estão aprendendo, só que eu não vou falar, porque também é mais fácil estar sentado aqui, porque vocês que estão lá ensinando as crianças, vocês que estão levando ao banheiro e depois que eles terminam, você pergunta a todos eles, vocês querem voltar? Não, na época do meu filho não queriam voltar. Olha, eu estive esse ano na catequese, eu não fui para ensinar, fui para ajudar e eu tenho certeza que a catequista que eu ajudei ela é uma pessoa supercompetente e olha o que ela faz para aquelas crianças para aprender... ela fez de tudo, o possível e o impossível e olha que nós tivemos três crianças com problemas mentais. Isso não é fácil sabe, então, assim, eu estava lá com ela e olha que tem dia que a gente fala assim, meu Deus como é que a gente vai levar isso pra frente? A turminha de iniciação com crianças de sete a oito anos e, assim, ela é uma pessoa supercompetente e olha que tudo que foi falado pra ensinar ela ensinou...

Pergunta 17. Esses são os desafios da Pastoral que no Brasil, na minha paróquia, também é assim. Vocês não se preocupem, porque eu enfrento isso diretamente lá na paróquia, um desafio muito grande que a gente tem é a catequese hoje. É um desafio conduzir para se fazer essa experiência com Jesus Cristo, é complicado nos dias de hoje...

Entrevistadas 34. Mas padre, sabe, eu amo a minha religião, amo minha comunidade, só saio da minha comunidade no dia em que eu me mudar daqui, enquanto não me mudar de Boston, daqui eu não saio.

Pergunta 18. E a questão social da Igreja aqui em Boston, como em todo lugar a Igreja é santa e pecadora, vou perguntar pra vocês uma coisa, assim, bastante delicada, as situações que aconteceram aqui, de venda de igreja, os escândalos que aconteceram pelas misérias humanas, porque a gente nunca pode apontar o dedo, porque a gente é pior do que, às vezes, os outros, então

a gente tem que amar todos, mas aconteceu e a gente sabe que aconteceu, não adianta varrer para baixo do tapete e a gente sabe que a Igreja cresceu, mas quando ela foi provada errou lá atrás, mas também foi perseguida, ela crescia... Isso que aconteceu afastou muitas pessoas, vocês conhecem pessoas que ficaram magoadas e desistiram ou foram para outra religião?

Entrevistadas 34. Padre, se o senhor estiver falando sobre a pedofilia os americanos praticamente saíram, as igrejas na América elas fecharam. Os americanos já não estavam indo muito, aí que não foram mesmo, não tem religião hoje nenhuma, os americanos que eu trabalho hoje eles falam para mim, por que que você reza, você vai rezar para isso acontecer com seu filho? Mas isso não aconteceu com meu filho, eu não posso deixar de seguir a Deus por causa disso, porque eles não têm fé. Houve sim né, e fecharam muitas... Uma hoje é um bar, dentro de uma igreja, me dói o coração de ver, fizeram da igreja um bar, aquilo me dói, em Nova Iorque, não aqui, mas a maioria virou casas, apartamentos, mas aquele bar em Nova Iorque me dói de ver e é famoso né, todo mundo quer olhar né, é o espírito do mal com o espírito do bem que tinha lá dentro. Mas o problema também é o seguinte padre, porque o meu marido ele é americano e ele foi coroinha de igreja quando ele era criança então depois começou acontecer essas coisas, mas como ele diz ele é italiano misturado com monte de raça, então ele sempre morou aqui em Boston em uma área de italianos. E como ele falou, a igreja que a gente tinha perto da minha casa, tinha uma igreja de São João Vianney e aquela igreja foi construída por aquele povo que morava ali, naquela redondeza, que deram dinheiro para construir a igreja, não foi nada dado pela Diocese de Boston, essas coisas, e depois que aconteceu essas coisas, como fecharam muitas igrejas, fecharam aquela igreja também entendeu, então é uma coisa que machucou eles, porque a Arquidiocese não tem o direito de ir lá e fechar uma igreja que foi construída com dinheiro do povo, não foi com dinheiro deles, então isso que revoltou os americanos e muita gente, foi como foram feitas as coisas. Mas foram muitas igrejas fechadas, foram 60 igrejas. A igreja onde eu casei quem comprou agora foi aquele pastor o tal do (...), ele que comprou, aí a igreja onde eu casei, Nossa Senhora Estrela do Mar, e também porque os americanos não tem religião. É a minoria que é católico, eles falam que eles são protestantes, mas ninguém frequenta e até os protestantes agora, a maioria são os brasileiros, hispanos, então deve ter sido também por causa da pedofilia também,

que por causa disso as igrejas foram fechando, porque se não é a nossa comunidade católica e hispana, a italiana e americana, porque na americana só tem velho que vai na Igreja, uma “velharada” lá, não sou contra velho não, porque eu também estou ficando velha, mas não tem uma criança, um adolescente, um jovem. Os americanos eles somem é só vão na igreja pra batizar, pra fazer primeira comunhão e não sei o quê aquelas crianças americanas entendem de primeira comunhão, porque só vão só pra tirar fotos e aquela italianada toda, os italianos arrumam as crianças todos pra batizar e depois somem, se não fossem nós brasileiros e hispanos... A igreja de São Tarciso quem sustenta aquela igreja é a comunidade brasileira que sustenta aquela igreja, porque se não fosse a comunidade brasileira estava lá embaixo já. Resumindo, concluindo todo esse assunto, eu acho que o fiel da Igreja além de ter que ter a firmeza na fé, você fecha os olhos para Igreja pecadora, mas a Igreja em determinado momento ela acolhe e em determinado momento ela exclui, então ela prega a palavra que está certa, porque Jesus está falando lá dentro do Evangelho para acolher, mas em um determinado momento a Igreja, enquanto homem, ela exclui, esse é um problema que afasta, porque pra mim não tem pedofilia, não tem coisa nenhuma que afasta mais... O que afasta é que a própria Igreja, homem, no momento em que ela pregou lá no altar vamos acolher, acolhemos, acolhemos, e ela própria exclui o outro... O cara tem que ter muita firmeza na fé pra não sair, para não sair do projeto da fé dele, que tem em Jesus Cristo, por isso que muita gente sai.

Pergunta 19. Finalizando agora, a mensagem final, uma palavrinha que vocês queiram dizer sobre Igreja, Pastoral, cada uma escolhe uma coisinha que queira falar...

Entrevistadas 34. A Igreja, eu depois que eu vim pra cá aí que eu comecei a frequentar a Igreja aqui de Boston, porque eu era católica, frequentava lá, mas esporadicamente, então eu vi tantas coisas mudarem na minha vida, isso aqui foi um levantar para mim. Eu depois que eu vi pra cá eu encontrei, mas não é dizer que não tinha Deus na minha vida, mas estava muito afastada, não sei se é porque quando eu era jovem eu queria só ir pras baladas, as festas, baladas, mas depois que eu tive o meu filhão para botar na igreja.... agora ele se afastou um pouquinho, porque está adolescente, mas eu torço. Meu marido que não tinha muita religião, acho que nem fez a primeira comunhão, era mais negócio de centro de espiritismo, ele agora ele vem, toda vez que eu estou na igreja ele está comigo,

virou mesmo católico fiel a Deus. Fé é a única coisa que leva a gente a um determinado caminho e nós temos que ter força para a gente conseguir. O que diz respeito a migração, a religião, a nossa fé, nós temos que ter força e esperança. Eu já nasci dentro de uma igreja, o meu padrinho é um padre, a minha mãe era muito amiga dele, a minha mãe era dona da igreja, risos, não tinha pastoral naquele tempo, então era ela que fazia tudo, o padre perguntava para ela o que tinha, era ela que limpava os vasos, buscava as flores, ia visitar os doentes, levar o padre para extrema unção, encomendar a hóstia, quer dizer um acidente na igreja, mas a minha fé é muito mais forte do que aquilo que aprendi desde criança, a minha fé é aquela que ninguém derruba. É padre eu sou portuguesa, já estou aqui há muitos anos, desde que eu deixei o meu trabalho tenho sido muito unida a gente brasileira, nunca vinha a igreja portuguesa, nem a igreja americana, porque as minhas irmãs, as minhas amigas vinham aqui, então lido com muita gente brasileira. É porque eu que sou muito devota a Nossa Senhora, então Nossa Senhora me chama eu amo Nossa Senhora, eu sou apaixonada pelo amor de Deus, Nossa Senhora é tudo pra mim, ela é minha mãe, é tudo, tudo, depois de Deus, a mãe de Jesus, então ela me trouxe com esse amor. Era mais isso também que eu ia falar, que Nossa Senhora eu acho que a partir do momento que eu fui convidada para ser a zeladora da Mãe do Peregrino, então, a partir desse momento, eu acho que a minha fé, principalmente, Nossa Senhora aumentou muito mais e eu espero que ela continue ajudando e evoluindo minha fé, a minha esperança no chamado né, eu acho que é isso aí seu chamado né, porque como eu falei nunca fui de frequentar a igreja, eu ia a missa, mas nunca frequentei pastoral, o café... nada então a primeira vez que eu frequentei foi quando fui convidada pela Mãe Peregrina então acho que isso a minha fé, a partir disso, aumentou mais entendeu? Então isso que me trouxe mais a igreja, foi Nossa Senhora.

Agradeço imensamente todas vocês, obrigado pela disposição, pelo tempo, pelo carinho, pela beleza de coração. Deus abençoe a todas!

ENTREVISTA 35.

Pergunta 1. Qual é o seu nome?

Entrevistado 35. (homem).

Pergunta 2. A sua idade?

Entrevistado 35. 71 anos, sou mineiro, sou de Conselheiro, mas minha residência sempre foi em Governador Valadares.

Pergunta 3. A sua profissão?

Entrevistado 35. Eu trabalho aqui em um asilo há 17 anos.

Pergunta 4. E o primeiro lugar que você migrou foi pra cá ou já foi para outro?

Entrevistado 35. Só aqui, a primeira vez que eu vim pra cá foi em 68 e voltei em 71 para o Brasil e depois voltei em 75, depois voltei em 85, depois em 99 bati o pé e não saio daqui.

Pergunta 5. O que te motivou a migrar, a primeira vez assim?

Entrevistado 35. Foi a convite de amigos, eu tinha acabado de me formar em técnico de contabilidade, tinha dois irmãos aqui, um deles voltou ao Brasil aí falou, convidou, aí eu falei que tenho medo de contar isso até pro meu pai, aí foi quando ele falou pro pai e aí o pai falou, mas ele nunca me pediu e me deixou vir.

Pergunta 6. E você deixou alguém da sua família para trás?

Entrevistado 35. Irmãos, pai e mãe. Pai e mãe já são falecidos, então hoje ficou só irmãos, mas os filhos deles estão aqui, meus sobrinhos estão aqui.

Pergunta 7. Por que você escolheu vir para cá?

Entrevistado 35. Não sei, eu não tinha perspectiva nenhuma lá no Brasil, então eu vim para conhecer e aqui gostei e fiquei.

Pergunta 8. Você foi bem recebido pelos brasileiros aqui ou você foi um dos primeiros?

Entrevistado 35. Na época nós éramos os primeiros.

Pergunta 9. E pelos americanos aqui?

Entrevistado 35. Muito bem, eu trabalhei normal, tirei carteira, tudo normal.

Pergunta 10. Você está se sentindo bem aqui?

Entrevistado 35. Graças a Deus muito, daí eu não tenho muita vontade de voltar não.

Pergunta 11. Você aconselharia alguém vir aqui para essa terra?

Entrevistado 35. Se for pessoas legais, bacanas, não tem problema nenhum, é direito de todos, é oportunidade de todos, mas as vezes que eu entrei aqui eu entrei de forma legal, não foi escondido, foi normal.

Pergunta 12. Você conhece muita gente aqui?

Entrevistado 35. Demais da conta e sou muito bem quisto aqui e tenho muita amizade, inclusive, Ir. (...), que é meu braço direito, minha perna direita e meu amigo aqui também.

Pergunta 13. Você chegou falando inglês?

Entrevistado: Não e até hoje dou uma arranhada.

Pergunta 14. O que você acha que mudou na sua maneira de pensar depois que você chegou? A sua maneira de pensar é igual de como era a sua maneira de pensar no Brasil?

Entrevistado 35. Diferente! É que você trabalha e você vê eu tenho 71 anos e eu trabalho normal. Onde eu trabalho todos só falam inglês, nada de outra língua, e eu sou muito bem recebido no meu serviço.

Pergunta 15. E o que mais você sente falta do Brasil?

Entrevistado 35. É aquela vontade de ir e voltar, mas como não tenho documentação para isso, estou aguardando a oportunidade, estou esperando, tive chance, mas como na época eu fiquei com medo de fazer, muitos amigos fizeram e conseguiram e eu fiquei com medo, perdi a chance.

Pergunta 16. Como pessoa o senhor se sente realizado, não é?

Entrevistado 35. Graças a Deus e tenho 71 anos e sou professor de dança também.

Pergunta 17. Você participava da Igreja lá no Brasil?

Entrevistado 35. Sim, já era também católico, toda família.

Pergunta 18. E aqui, você participa?

Entrevistado 35. Participo, só que em três igrejas né, não tenho mais uma fixa, num lugar só não, dá vontade de ir em uma eu vou, mas na maioria que eu vou é Framingham porque os meus cunhados, a maioria, vive em Framingham, são imigrantes aqui e já documentados e vivem lá, então saio para dançar e no domingo não trabalho, então sábado eu vou à igreja lá.

Pergunta 19. Você foi bem acolhido na Igreja Católica aqui?

Entrevistado 35. Nossa e como.

Pergunta 20. Qual a diferença maior que o senhor sente da igreja, onde tem os brasileiros participando e onde tem os americanos participando?

Entrevistado 35. É... eles fazem a liturgia uma parte em inglês e outra parte em português.

Pergunta 21. Outra coisa, a Igreja tem ajudado ao senhor a manter a fé e manter assim a fé na Igreja Católica, feliz?

Entrevistado 35. Eu acho que sim e porque nós devemos ir, pelo menos, domingo cumprir com nossa obrigação de católico.

Pergunta 22. O que é que o senhor mais gosta na Igreja aqui?

Entrevistado 35. De tudo, de participar, após a participação da missa também tem um cafezinho e a gente bate um papo, tem os amigos né?

Pergunta 23. E o quê que o senhor não gosta de repente, tem?

Entrevistado 35. Sim, às vezes tem muito aquela... que tem uma turma que é mais fechada e tem uma turma que mais social, tem uma turma que fica naquele bolinho, mas a grande parte se mistura.

Pergunta 24. Em termo de justiça social, você aqui sentiu algum preconceito?

Entrevistado 35. Não, sempre fui tratado muito bem, muito bem e eu trabalho no asilo que tem 400 e tantos velhinhos e os que me conhecem, desde 99 e que estão vivos ainda e me conhecem, sempre me cumprimentam, mexem, brincam, só não posso dar nada a eles, nem água, só com o consentimento de uma enfermeira e se estiver do lado e eu respeito, porque não é o meu dever de dar nada, também não posso receber nada deles.

Pergunta 25. Isso faz com que esse trabalho, tipo assim, seja gratificante, não é verdade?

Entrevistado 35. É.

Pergunta 26. O senhor gostaria de deixar uma mensagem, do seu trabalho, de Igreja, alguma coisa que seja importante?

Entrevistado 35. É... algo que eu tenho fé ainda é que eu vou receber meu documento, a minha esperança, eu poderia já estar aposentado aqui ou no Brasil, como eu vim pra cá e estou aqui. Eu fiquei com medo de fazer meu documento aqui, senão já estaria aposentado com 65 anos e eu já tenho 71, se houver a chance eu vou aposentar aqui se não houver eu vou juntar meu trabalho daqui com do Brasil e tentar no Brasil com um salariozinho.

Pergunta 27. Então você pretende voltar de repente?

Entrevistado 35. Aí sim, se não sair nada, eu vou esperar até a próxima eleição agora, porque até agora está difícil demais.

Pergunta 28. E quem o senhor acha que vai ganhar a eleição?

Entrevistado 35. A democrata, eu vou torcer e pedir a Deus e espero que vá valer alguma coisa pra gente né, porque o marido dela foi muito bom para os

brasileiros, pra gente e o republicano parece que é mais seguro dessa parte né, não sei...

Pergunta 29. Muito obrigado, eu agradeço, imensamente, a sua entrevista, a sua boa vontade, a sua participação e foi um prazer enorme conhecê-lo.

Entrevistado 35. Igualmente, também.

ENTREVISTA 36.

Pergunta 1. Qual seu nome?

Entrevistada 36. (mulher).

Pergunta 2. Que idade você tem?

Entrevistada 36. Vou fazer 50.

Pergunta 3. Você é de que lugar, você é de que lugar do Brasil?

Entrevistada 36. Do Rio, da Baixada Fluminense.

Pergunta 4. O primeiro lugar que você migrou foi para cá?

Entrevistada 36. Foi.

Pergunta 5. E quanto tempo faz?

Entrevistada 36. Vai fazer 20 anos.

Pergunta 6. O que te motivou a migrar?

Entrevistada 36. Qualidade de vida, porque até os trintas, você chegar e não conseguir trabalhar e desde os 16 procurando, então, e eu não sabia que chegando aqui seria tão bom e se eu soubesse teria vindo a mais tempo.

Pergunta 7. Ficou alguém da tua família por lá?

Entrevistada: Toda, eu vim sozinha, todo mundo mora por lá e eu escolhi vir pra cá por causa de uma perspectiva melhor né, porque com 30 anos lá e você não consegue nada e aqui com 20 anos, básico, você já conseguiu estar trabalhando honestamente né? Então essa cidade para mim é como se fosse uma mãe. Eu trabalho numa padaria, trabalho há 17 anos no mesmo lugar.

Pergunta 8. Você foi bem recebida quando você chegou aqui?

Entrevistada 36. Muito bem. Eu tive oportunidade de estudar um pouco, o problema é a língua que você vem sem saber falar nada né, dinheiro que você vem sem né, o frio, no início é muito difícil, mas depois você vai se achegando, vai aprendendo, aos poucos vai conhecendo a cultura, você vai se envolvendo com a cultura e isso te deixa mais confortável, como se fosse a sua casa mesmo.

Pergunta 9. E pelos americanos como é que foi? Você se sentiu acolhida?

Entrevistada 36. Bem, muito bem, são muitos receptivos, mesmo você não falando inglês. Quando eu comecei a trabalhar, no mercado, não falava nada e todo mundo me tratava com carinho, através de sinais, não sentia essa diferença social.

Pergunta 10. Então você está se sentindo bem aqui, como se fosse sua casa?

Entrevistada 36. É uma mãe, eu queria que o nosso país fosse assim, as pessoas fossem mais honestas, que pudessem trabalhar dentro da honestidade, não só para você como para todos. Eu acho que os Estados Unidos é assim, ele recebe as pessoas e as leis funcionam e as pessoas vem pra cá com mau hábitos e chega aqui você tem que entrar na linha, mesmo porque ela existe e você vai pagar pelo que você faz aqui.

Pergunta 11. Então você aconselharia a quem tem boas intenções a vir para cá?

Entrevistada 36. Quem tem boas intenções eu acho que sim, eu acho que se a pessoa tiver coragem para lutar, porque não é fácil, não é fácil você estar longe da família, o frio, então não é fácil, mas eu acho que pra quem tem garra, esse país tem oportunidades.

Pergunta 12. E assim como você entrou?

Entrevistada 36. Eu entrei pelo aeroporto.

Pergunta 13. Muita gente ainda sofre com documentação não é verdade?

Entrevistada 36. Muito, meu esposo ficou dezessete anos ilegal e eu fiquei nove anos ilegal, aí conseguimos, né, ser cidadão americano, né, graças a Deus. É o sonho de todos que estão aqui, porque você se sente mais livre, você pode viajar, você pode ver sua família, então isso te dá uma liberdade, né, porque existe a saudade também de ver seus pais, mas é o preço, né, que você tem que pagar pela sua opção, né?

Pergunta 14. O quê que você sente mais falta do seu país, é exatamente a saudade?

Entrevistada 36. É a família né, família e os amigos que você deixa para trás, mas hoje em dia com a internet tudo né você consegue...

Pergunta 15. Você pensa em voltar?

Entrevistada 36. Não. Até falo com meu esposo que se por acaso eu vier a morrer no Brasil, você me traz de volta, eu não quero ser enterrada no Brasil.

Pergunta 16. E vocês têm filhos?

Entrevistada 36. Temos dois filhos nascidos aqui, todos os dois americanos.

Pergunta 17. Eles falam português?

Entrevistada 36. Português um pouco, é mais inglês né? Eu coloco na escola da igreja né, que você paga, mas aprende um pouco, não é muito, mas dá pra você, pelo menos, se comunicar quando vai no Brasil né?

Pergunta 18. Você participava da Igreja no Brasil?

Entrevistada 36. Não. Na realidade eu só fui batizada na Igreja Católica, foi aqui e foi aqui que eu vim fazer a primeira comunhão, vim fazer tudo. Não eu não participava...

Pergunta 19. Como é que você se sentiu acolhida pela Igreja Católica?

Entrevistada 36. Aqui as pessoas são muito acolhedoras né, você chega e eu me sinto bem, me sinto bem acolhida dentro da Igreja.

Pergunta 20. E tem alguma diferença da Igreja Católica daqui da Igreja Católica, assim, de tradição americana?

Entrevistada 36. A diferença tem um pouco né, mas eu acho que cada um tem a sua cultura né, e a maneira né, nós somos mais barulhentos, bem mais, aqui as pessoas daqui são bem mais tranquilas né?

Pergunta 21. Então quer dizer que a Igreja aqui tem te ajudado a fazer uma experiência com Jesus Cristo e a permanecer na fé?

Entrevistada 36. Com certeza, aqui é o que eu falei, quando a gente está sem a família a gente precisa de Deus cada vez mais, para suprir mesmo essa falta né, dar força para resistir, realizar o sonho né, que cada um tem um sonho né, cada um vem pra cá com um sonho, então chega, realiza o sonho e aí vem outros sonhos e acaba ficando aqui né, porque acaba se acostumando e se acostumar com o bom é bem mais fácil né?

Pergunta 22. O quê que você mais gosta da Igreja?

Entrevistada 36. O que eu mais gosto, eu acho que da alegria que o brasileiro traz pra dentro da Igreja, então, isso nos deixa feliz né e você está ali com Deus e você está feliz, isso é muito bom, isso te dá resistência pra você continuar a vida com outros.

Pergunta 23. O que você menos gosta?

Entrevistada 36. Não tem nada que eu menos gosto, eu gosto de tudo.

Pergunta 24. Em termos de justiça social, você se sentiu alguma vez discriminada, alguma vez não bem tratada, seja pelas autoridades desse país, seja pela questão do trabalho, da vida?

Entrevistada 36. Não. Discriminada não, mas, às vezes, quando você não fala a língua você se sente, assim, um pouco evitada, porque você não sabe se comunicar direito, mas maltratada nunca me senti aqui. Mesmo você não falando a língua, se um policial te para por uma carteira ou outra coisa, ele vai cumprir com a lei né, mas você também tem que se por no lugar do país, que eles estão cumprindo com a lei e que você está burlando a lei, então é... mas eu nunca me senti maltratada não, até mesmo porque eu gosto de andar dentro da lei, por isso que eu amo esse país, porque a lei funciona, então eu ando dentro do limite de carro, eu gosto de andar certo, eu sou uma pessoa bem certa, então pra mim não sinto nenhum problema de estar aqui, porque é... mas muita gente não né?

Pergunta 25. E você gostaria de passar uma mensagem, acrescentar alguma coisa?

Entrevistada 36. Eu acho que independente de você estar no país fora do Brasil, que te dá uma outra visão de vida, então eu acho que em qualquer lugar você consegue vencer, mas você tem que ter coragem para lutar, coragem de acordar cedo, de trabalhar, não pensar tanto na aparência, porque eu acho que nós brasileiros pensamos muito na aparência e vivemos através disso e você tem que parar de se preocupar com as pessoas e viver e viver aquilo que te deixa feliz, ter o seu caráter e eu acho que felicidade não está no que você tem, está no que você é.

Pergunta 26. Muito bem, eu te agradeço, muito obrigado pelo teu carinho, pela tua participação.

Entrevistada 36. Obrigada Padre e boa sorte aí no seu trabalho.

ENTREVISTA 37 (Duas amigas).

Pergunta 1. Qual o nome de vocês?

Entrevistadas 37. (mulheres).

Pergunta 2. Vocês são de que lugar?

Entrevistadas 37. De Minas, Engenheiro Caldas. Goiânia.

Pergunta 3. Quanto tempo faz que vocês estão aqui?

Entrevistadas 37. 11 anos mais ou menos. 12 anos, 11 anos, por aí...

Pergunta 4. O primeiro lugar que vocês vieram foi pra cá mesmo?

Entrevistadas 37. Isso, Boston direto. Sim.

Pergunta 5. Vocês são casadas aqui?

Entrevistadas 37. Sim, tenho ele.

Pergunta 6. Qual a profissão de vocês?

Entrevistadas 37. Limpo casa. Também com limpeza de casa, *House Cleaner*.

Pergunta 7. Vocês falam inglês?

Entrevistadas 37. A gente se vira. Eu me viro, dá pro gasto.

Pergunta 8. Ficou família pra trás, lá no Brasil?

Entrevistadas 37. Sim, ficou pai, mãe por lá. Minha família toda é do Brasil.

Pergunta 9. Vocês escolheram vir para cá por quê?

Entrevistadas 37. Pra mudar a vida né, uma oportunidade. E eu sempre tive vontade de vir, conhecer lugares diferentes também, trabalho.

Pergunta 10. Como vocês foram recebidos pelos brasileiros que moravam aqui?

Entrevistadas 37. Eu fui muito bem. Ai, eu também fui muito bem.

Pergunta 11. E pelos americanos?

Entrevistadas 37. Nós não temos nada a reclamar nem dos brasileiros nem dos americanos.

Pergunta 12. Vocês estão se sentindo bem aqui?

Entrevistadas 37. Sim, apesar dos anos, não é nada fácil a saudade né?

Pergunta 13. E do que vocês mais sentem falta?

Entrevistadas 37. Da família né?

Pergunta 14. Você aconselharia alguém a migrar, a um brasileiro vir para cá?

Entrevistadas 37. É... do jeito que eu tive vontade né, as outras pessoas também podem vim se eles tiverem vontade, mas a gente fala a realidade que é aqui, como que é, porque se a gente não falar, eles não vão saber. Igualzinho a meu caso que as pessoas falavam, vai não porque é difícil, e pra mim não foi né, não é bem assim. Eu tinha uma parente minha, que morava lá na Califórnia e ela sempre dizia, não aqui é difícil demais e aí, outra pessoa que me ajudou e deu certo. Hoje em dia não está tão fácil, mas também não é tão difícil, mas também a vida que também não é fácil, não é assim, a gente sacode uma árvore e cai dinheiro né, porque tem pessoas que acham que aqui se consegue dinheiro bem fácil, não, não

é assim, é vida dura, a gente trabalha mesmo, o trabalho puxado, não é fácil, mas quem quer trabalhar, quem gosta de trabalhar vale a pena.

Pergunta 15. E vocês, conheceram alguém que queria ficar e não puderam por causa da documentação?

Entrevistadas 37. E conseguir documentação do *Green Car* não é fácil, não é fácil, a maioria vive aqui indocumentado.

Pergunta 16. E vocês vieram assim, com a família, vieram pelo aeroporto, vieram por onde?

Entrevistadas 37. Eu vim pelo aeroporto. Eu vim pelo México, foi difícil, não foi tão difícil, mas não é uma coisa que eu aconselho. E eu também não, e até perguntaram para mim se eu queria vir desse jeito e eu disse que não, eu tenho muito medo e não aconselho ninguém a vir desse jeito, eu não aconselho porque... E eu vim assim tipo, eu saí dia 17 de abril e dia 23 estava aqui dentro, foi muito rápido. É difícil alguém vir rápido assim, só que uma coisa é certa, você vem e não sabe o que está te esperando, é um pulo no escuro mesmo. Exatamente.

Pergunta 17. Vocês participavam da Igreja no Brasil?

Entrevistadas 37. Sim, eu sempre participei. Participei.

Pergunta 18. E aqui vocês participam?

Entrevistadas 37. Da celebração, sim, da Santo Antônio. Isso, também.

Pergunta 19. O quê que vocês mais gostam, como Igreja Católica, o quê que vocês mais gostam? O quê que ela significa assim, é um lugar interessante?

Entrevistadas 37. Olha para mim, muito interessante, só de eu vir na igreja, deu estar lá. Eu acho que a gente também, quando a gente cresce naquela religião ali, como se fosse sua casa, encontra outras pessoas que são brasileiros...

Pergunta 20. Vocês voltaria algum dia para o Brasil?

Entrevistadas 37. Sim, sim, eu amo o Brasil. Tranquilamente voltaria. Eu também, tranquilamente.

Pergunta 21. Que bom, que bom e vocês sentem alguma diferença entre Igreja Americana e a Igreja Brasileira, assim, no jeito de celebrar a fé, no jeito de conduzir de ser, porque a Igreja é uma só né, mas esse tipo de diferença?

Entrevistadas 37. Não, não, pelo menos eu não. Eu também não. Eles são bem tranquilos. Não sinto diferença, já fui na Igreja Católica Americana, já fui na Brasileira, só que quando vou na Americana não entendo muito, porque eles falam

umas coisas que não entendo, mas eu entendo o rito, que é igualzinho, o rito é o mesmo e quando saio de lá, saio outra pessoa.

Pergunta 22. O quê que vocês mais gostam da Igreja?

Entrevistadas 37. Eu, em especial é da missa. É... pra mim, também é a missa, os encontros é bom e tudo, mas a missa é o melhor.

Pergunta 22. Vocês participam de alguma pastoral, coisa assim?

Entrevistadas 37. Não, não.

Pergunta 23. Em questão de Justiça Social, vocês sentiram algum tipo de rejeição por causa da língua, por serem estrangeiras alguma coisa assim?

Entrevistadas 37. Não. Não. É tranquilo. É como se estivesse o Brasil e aqui o negócio é o seguinte aqui, lá no Brasil a gente não sai de casa de qualquer jeito, aqui não, você vai em qualquer lugar, vai em loja e não pensa nesse negócio, ninguém repara em ninguém. Esse negócio de idade... as pessoas trabalham e sei lá, é diferente. Você vai nessas lojinhas, supermercados grandes, e o pessoal trabalhando, aquela senhora trabalhando. Lá no Brasil não, eles olham isso e se não tiver uma pessoa nova, bonita no trabalho... Isso você pode olhar, porque no trabalho lá no Brasil é pela aparência e se eu chego lá de qualquer jeito em uma loja eles não vão me atender e aqui não, você entra, você compra.

Pergunta 24. Você é casada aqui também?

Entrevistadas 37. Solteira, moro com uns amigos. A família são meus amigos.

Pergunta 25. Vocês gostariam de deixar uma mensagem, alguma coisa assim que vocês gostariam de dizer, dessa experiência, alguma mensagem sobre Igreja, migração, América do Norte?

Entrevistadas 37. Pra mim eu desejo boa sorte para todo mundo, para quem quiser vir, se for da vontade de Deus, que eles venham e pensamento positivo, seja quais forem os obstáculos deles, o quê que eles estão querendo e que eles venham. É... e quem tem a oportunidade de vir antes, ver como é que é para depois voltar, venha e se a família completa quiser, venha ver como é que é e depois vem outro, acho que tem que pensar antes de vim todo momento. Não vai vender nas coisas lá não. Porque eu conheço uma família que chegou agora, vendeu tudo que tinha lá, acho que só não vendeu a casa e veio com a cara e a coragem e está aí morando com parentes, mas está ficando numa sala, tá doida atrás de um apartamento, de emprego e não está conseguindo, tá difícil, não tá fácil não, então tem que pensar muito antes, porque você vem pro lugar que não fala sua língua, não é seu país,

também não é fácil aqui. É bom. E tudo que você quer é ganhar dinheiro, não vem não, pois vem fácil, mas você ganha por semana, mas também não é como todo mundo acha, que achou serviço, achou uma casa pra morar e também está bem complicado, as coisas não são assim não. É, assim, aqui é bom sim, porque você vai, faz o serviço e a pessoa te paga, a pessoa nem te conhece, mas você ganha por semana, mas também as contas são quase que por semana. Então tem o dia certo e se não pagou, também a pessoa pode te mandar sair da casa, então... As contas chegam aqui e chega mesmo, o custo de vida também é alto. E lá no Brasil parece que demora mais de um mês, lá demora, demora... e aqui não, aqui passa rápido e o custo de vida é alto.

Pergunta 26. E esqueci de falar, qual é a sua idade?

Entrevistadas 37. É 37.

Pergunta 27. E a sua?

Entrevistada: 55.

Pergunta 28. E você só ele de filho?

Entrevistadas 37. Não. Eu tenho ele, a irmã dele de 13 anos no Brasil e estou grávida de três meses.

Pergunta 29. Você está grávida de três meses e tem uma irmãzinha dele no Brasil e ela não pensa em vir não?

Entrevistadas 37. Vou pensar se eu trago...

Pergunta 30. E uma mensagem, porque você não me deu uma mensagem.

Entrevistadas 37. (entrevistada se emociona e chora, lembrando-se da filha que está Brasil).

Pergunta 31. Eu te falo como padre tá (...), eu sei que é difícil, é um desafio, mas não tenha medo Deus sempre resolve, tu sabes disso, de muito mais longe tu já veio, muitas outras realidades você já sofreu, já passou, mas é saudade né, como mãe, grávida e aí o (...) tá aí e a outra lá, você vai ver o tempo passa e você vai ter os filhos todos juntos, Deus sabe do amanhã. E é só você continuar na luta, no trabalho, que Deus resolve. Olha eu agradeço imensamente.

Entrevistadas 37. Saudades para todos e um beijão para todos no Brasil né!

Pergunta 32. Tá bom, eu agradeço imensamente, obrigado, obrigado, Deus te abençoe tá criança?

Entrevistadas 37. Amém! Amém!

Pergunta 33. (Criança), que você continue crescendo em idade e graça diante de Deus. Já tem nome, tu tá grávida, já tem nome?

Entrevistadas 37. Não, não, ainda não, ainda não se sabe se é menino ou menina.

Pergunta 34. E que Deus te abençoe em sua gravidez e abençoe sua família, abençoe a família de vocês.

Entrevistadas 37. Amém!

ENTREVISTA 38.

Pergunta 1. Qual é o seu nome?

Entrevistado 38. (homem).

Pergunta 2. Qual a idade que tu tem?

Entrevistado 38. Tenho 26 anos.

Pergunta 3. E a tua profissão?

Entrevistado 38. Eu dou um *help* aqui, entendeu?

Pergunta 4. De qual lugar do Brasil que tu é?

Entrevistado 38. Eu sou de Minas Gerais.

Pergunta 5. Quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistado 38. Estou há 10 meses.

Pergunta 6. O primeiro lugar que tu veio foi pra cá?

Entrevistado 38. Foi.

Pergunta 7. Você veio pra cá por quê? Por uma oportunidade?

Entrevistado 38. É. Por uma oportunidade e vim também conhecer né, fazer uma experiência de vida.

Pergunta 8. Ficou alguém da sua família lá pelo Brasil?

Entrevistado 38. Ficou meu pai, minha mãe, minha irmã.

Pergunta 9. Tu é casado não, né?

Entrevistado 38. Não.

Pergunta 10. Você escolheu vir para cá porque tem algum motivo, assim, mais específico?

Entrevistado 38. Não, só queria conhecer um lugar diferente.

Pergunta 11. Você foi bem recebido pelos brasileiros?

Entrevistado 38. Muito bem, logo quando cheguei todo mundo me tratou muito bem.

Pergunta 12. E pelos americanos?

Entrevistado 38. Também, principalmente, pelos americanos.

Pergunta 13. Você está se sentindo como aqui?

Entrevistado 38. Eu estou me sentindo bem aqui, normal.

Pergunta 14. Você aconselharia alguém a vim pra cá?

Entrevistado 38. Eu aconselharia. É uma experiência boa que eu tenho, porque eu já estou aqui já então...

Pergunta 15. Você fala inglês?

Entrevistado 38. Não, estou aprendendo alguma coisinha, já entrei no curso.

Pergunta 16. Tu veio pelo aeroporto ou tu veio pelo México?

Entrevistado 38. Aeroporto, normal, assim, com visto.

Pergunta 17. Você tem todos os documentos ou você está encaminhando?

Entrevistado 38. Estou encaminhando.

Pergunta 18. Quando você pensa no Brasil, nesses últimos 10 meses, do que que você mais sente falta?

Entrevistado 38. Eu sinto mais falta dos meus amigos, da minha família, principalmente, da minha família né?

Pergunta 19. Você participava da Igreja lá?

Entrevistado 38. Participava, eu ia todo domingo à Igreja lá no Brasil. A missa era uma vez por mês, porque era na roça que também era uma vez por mês, mas todo domingo tinha culto, todo domingo.

Pergunta 20. De que lugar você é mesmo?

Entrevistado 38. Sou de Santa Rita do Itueto, Minas Gerais.

Pergunta 21. Como que tu vê a Igreja que tu participa?

Entrevistado 38. Eu participo às vezes.

Pergunta 22. E como que tu vê a Igreja?

Entrevistado 38. É boa, tudo bem legal, tranquila.

Pergunta 23. E tu participou, aqui, da Igreja de brasileiros?

Entrevistado 38. Zero de Missa brasileira.

Pergunta 24. E mudou alguma coisa no teu jeito de ver o mundo, a ideia, assim, de migração, nesses 10 meses aqui?

Entrevistado 38. Mudou muito. Muda um pouco né, a gente muda, as leis são mais rigorosas aqui, então a gente muda um pouco.

Pergunta 25. Em termo de justiça social. Sentiu algum preconceito, alguma coisa assim?

Entrevistado 38. Nada, nada, nada de preconceito, nada, é só não incomodar ninguém, que você não é incomodado.

Pergunta 26. Você gostaria de acrescentar, assim, alguma coisa em relação à Igreja, migração, assim, passar uma mensagem?

Entrevistado 38. Rapaz... não, não.

Pergunta 27. Então tá bom, eu te agradeço, muito obrigado, sucesso. Você pretende ficar ou voltar?

Entrevistado 38. Eu vou ficar mais uns tempos aqui, mais um ano, talvez.

Eu te agradeço muito, obrigado por ter dado essa entrevista tá? Que Deus te abençoe e sucesso na sua vida.

ENTREVISTA 39.

Pergunta 1. Qual é o teu nome?

Entrevistado 39. (homem).

Pergunta 2. E quanto de idade?

Entrevistado 39. Tenho 37.

Pergunta 3. De qual lugar do Brasil que você é?

Entrevistado 39. Ceará.

Pergunta 4. A tua profissão aqui?

Entrevistado 39. Eletricista.

Pergunta 5. Quantos anos faz que você está aqui?

Entrevistado 39. Vai fazer dois anos.

Pergunta 6. O primeiro lugar que você veio, o país que você veio, foi pra cá?

Entrevistado 39. Sim. É... eu já estive na Europa, mas só a passeio.

Pergunta 7. E o quê que te motivou a migrar para cá?

Entrevistado 39. A dificuldade do nosso país, isso aí todo mundo sabe né?

Pergunta 8. Ficou alguém da sua família para lá?

Entrevistado 39. Minha família toda mora lá, uma parte em São Paulo e a outra no Ceará.

Pergunta 9. Você é casado?

Entrevistado 39. Não, sou solteiro.

Pergunta 10. Como você foi recebido aqui pelos brasileiros?

Entrevistado 39. Eu fui bem acolhido, eu tenho poucas reclamações, não tenho muitas, tem umas né, que você sabe que a nossa raça é complicada, mas, assim,

muitos me ajudaram, a maior parte me ajudou, a maioria me deu apoio e sou muito grato por isso.

Pergunta 11. E como você foi recebido pelos americanos?

Entrevistado 39. Os americanos eu não tenho nada a reclamar dos americanos, eu gosto muito, eles falam, não você vai se dá bem, você vai se acostumar, você vai se adaptar, é uma questão de tempo só isso.

Pergunta 12. Você aconselharia alguém a vir pra cá, que quisesse vir para cá?

Entrevistado 39. Assim, conselho. A primeira coisa que aqui nos Estados Unidos, aqui é um país que a lei funciona, se você está aqui por um objetivo, quer trabalhar e seguir a sua vida em paz, você consegue, agora quem quer outro tipo não é bom, quem gosta de problema aqui não é o lugar.

Pergunta 13. Você conhece gente que teve que voltar por causa disso?

Entrevistado 39. Não. Tenho pouco tempo.

Pergunta 14. E tu veio pelo aeroporto?

Entrevistado 39. Sim, eu vim normal, vim com visto.

Pergunta 15. Quando você pensa no Brasil, do que mais que tu sentes falta?

Entrevistado 39. Do Brasil que eu sinto falta, primeiramente, é da minha família e algumas coisas, dos amigos né? Algumas coisas particulares, a diversão, assim, poucas, mas eu não tenho muita saudade não.

Pergunta 16. Você se sente realizado como pessoa aqui, nesses dois anos?

Entrevistado 39. Sim a minha vida mudou praticamente 90% depois que eu vim para cá, a minha vida mudou muito, pra melhor, se eu tivesse lá estaria em outro caminho, porque é muito complicado e eu tinha muitas companhias, morava em São Paulo, nem sempre as companhias são as melhores e lá pra você trabalhar é complicado, a alternativa foi migrar para cá.

Pergunta 17. Tu tens vontade de um dia voltar a morar lá no Brasil?

Entrevistado 39. Um dia, um dia... eu gostaria de terminar meus dias lá com meus pais, mas isso não é possível né, porque primeiro, no momento, o Brasil não tem estrutura. Pra mim, ter que largar tudo aqui e voltar. Então, eu estou dando um passo para trás.

Pergunta 18. Você participava da Igreja lá no Brasil?

Entrevistado 39. Sim eu ia lá na minha Igreja em Diadema, SP.

Pergunta 19. E aqui você participa?

Entrevistado 39. Ainda não. É porque eu trabalho, às vezes alternado, mas eu estou buscando para poder renovar.

Pergunta 20. Você se sentiu alguma vez, assim, discriminado nesses últimos dois anos?

Entrevistado 39. Às vezes sim né? É assim uma coisa que todo brasileiro passa, não só brasileiro né, mas de todos os países que vem e a pessoa que não é legal, às vezes sente que quem é legal discrimina você, não pode falar nada, você não pode fazer nada, porque você não é legal, então a gente se sente assim um pouco excluído, mas isso é normal.

Pergunta 21. Você gostaria, assim, de deixar uma mensagem, assim, sobre Igreja, vida, nesses dois anos nesse país, migração?

Entrevistado 39. Bom, a mensagem que eu deixo, assim, que eu desejo tudo de bom para todo mundo, para todas as pessoas que querem tentar a vida aqui nos Estados Unidos, que assim muitos falam mal, muitos falam bem, mas, na minha opinião, eu só falo bem daqui, o país é um país acolhedor, ele acolhe todo mundo, que nem o Papa falou, um país de imigrantes e, realmente, é. Não é um país pra quem vem pra baderna né, mas para quem vem em busca de algo, de um objetivo mesmo, melhor para sua vida, para sua família, o país ajuda sim, isso eu tenho experiência própria e assim eu estou falando de coração, porque eu sei como eu estou vivendo aqui nesse pouco tempo, mas gosto muito daqui.

Pergunta 22. Você já fala inglês ou está aprendendo?

Entrevistado 39. Não, eu estou aprendendo um pouco.

Pergunta 23. Que bom, muito obrigado, obrigado pela tua disposição, que Deus te abençoe.

Entrevistado 39. De nada. Amém!

ENTREVISTA 40.

Pergunta 1. Qual é o teu nome?

Entrevistado 40. (homem).

Pergunta 2. Qual idade?

Entrevistado 40. 43.

Pergunta 3. Profissão?

Entrevistado 40. Taxista.

Pergunta 4. O primeiro lugar que você migrou foi para cá?

Entrevistado 40. Sim.

Pergunta 5. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistado 40. Criciúma, SC.

Pergunta 6. O quê que te motivou a migrar?

Entrevistado 40. Eu vim para cá quando tinha 20 anos, faltava dinheiro no Brasil, meu irmão estava aqui, então surgiu uma oportunidade melhor, fiquei 15 anos aqui, voltei para o Brasil fiquei 8 ou 9 anos no Brasil, novamente o dinheiro acabou, retornei para América para na América ficar.

Pergunta 7. E ficou gente da família lá?

Entrevistado 40. Minha mãe né, mas minha esposa e meus filhos estão junto comigo.

Pergunta 8. Você escolheu vir para cá porque aqui é melhor, bom como migração?

Entrevistado 40. Pra trabalhar. Depende da pessoa, depende de ti para ganhar dinheiro no serviço, dois serviços tu consegue. E é mais segurança para meus filhos, né, oportunidade para eles estudar, que lá no nosso colégio é difícil, assim, é um colégio municipal, mas agradeço a Deus porque meus filhos estavam num bom colégio, assim, tranquilo.

Pergunta 9. Eles nasceram aqui ou lá?

Entrevistado 40. Eu adotei os três, eles nasceram lá, são adotados.

Pergunta 10. Como que você foi recebido aqui pelos brasileiros?

Entrevistado 40. Quando eu vim era menos gente né. E a primeira vez fui recebido muito bem, porque meu irmão estava aqui também, fui um dos pioneiros aqui, né? O recebimento foi muito bom, mas problema a gente não tem com americano não a gente tem com a nossa própria raça, os brasileiros.

Pergunta 11. E pelos americanos, foi bem recebido?

Entrevistado 40. Não posso reclamar em nenhum momento, sempre fui bem tratado.

Pergunta 12. Você está se sentindo bem então aqui?

Entrevistado 40. Me sinto bem, muito bem.

Pergunta 13. Você aconselharia alguém a migrar de lá para cá ou não?

Entrevistado 40. Dependendo da situação financeira... É tipo, teve uma enquete agora no Jornal, um jornalzinho aqui de Boston, falando uma pessoa ganhando mais ou menos, que tinha uma vida com o salário mais ou menos, mas vir pra cá

ilegal eu acho que não vale a pena, porque é que hoje não está como 20 anos atrás que o pessoal vinha para ganhar dinheiro e voltava. Se tu vem para ficar, beleza, ótimo, tem que vir mesmo, mas se for para ganhar dinheiro e voltar, com três filhos como eu vim é querer passar necessidade, é difícil. Eu vim com \$25.000,00 e no começo \$6.000,00 foi de saída para arrumar casa mais \$4.000,00 para um carro e o dinheiro vai rapidinho.... Aqui a gente ajuda sim, um mês na casa, porque o dono logo vai vir e reclamar porque tem muita gente em uma casa, então tem que estar ciente de que a despesa é alta, não é brincadeira não, a despesa é alta.

Pergunta 14. Você falava inglês na primeira vez que veio para cá?

Entrevistado 40. Não, não falava, e falo, me viro agora né, mas não falava não, não sabia pedir um pão.

Pergunta 15. Você veio pelo aeroporto ou veio pelo México?

Entrevistado 40. A primeira vez que eu vim pra cá vim via México, quatro dias para chegar aqui, nadando em rio e tudo, mas cheguei. Na época era \$500,00 para atravessar, era barato né, hoje eles pedem quase R\$40.000, R\$50.000 para atravessar, então é muita diferença, mas eu vim por ali e muito tempo depois eu me legalizei, mas não recomendo.

Pergunta 16. Tem gente ainda que faz esse caminho?

Entrevistado 40. Tem, tem, muita gente chegando aí por \$40.000,00, R\$ 50.000,00 é um risco né, fronteira, tudo, a doença, tudo ali é um risco.

Pergunta 17. O que mais tu sente saudade do Brasil?

Entrevistado 40. Do Brasil, meus pais né, olha, não muita coisa, porque aqui não está com muita diferença de lá, final de semana deixo pra fazer um churrasco com os amigos, tem muito brasileiro aqui, pessoal lá come feijão, aqui tem feijão, tem farinha, tem tudo, não tem torresmo, vai na padaria compra barriga de porco, faz um torresmo pra nós, não falta nada.

Pergunta 18. Mas quando tu chegou aqui não era assim né?

Entrevistado 40. Não tinha, era uma lojinha portuguesa que vendia produtos brasileiros, coxinha de galinha, essas coisas, em Somerville, então a gente viajava duas horas para comer uma coxinha aqui e em Somerville, hoje em qualquer esquina tu vai em um restaurante brasileiro, então quando ouvi pela primeira vez tive que caminhar bastante, agora não, qualquer lugar tem produto brasileiro.

Pergunta 19. Outra coisa, tu se sente realizado como pessoa aqui?

Entrevistado 40. Sim, sim, muito, eu e minha esposa, graças a Deus. Minha esposa tem o serviço dela e temos a nossa vida, que não podemos reclamar não.

Pergunta 20. Você participava da Igreja no Brasil?

Entrevistado 40. Participava, começamos a participar aqui, depois fomos para o Brasil, mas participava também da Igreja de lá, minha esposa como ministra, dando catequese para adultos. Ela abriu um espaço para pessoas de 40, 50 anos fazer catequese, que não tinha feito ainda e quando veio pra cá ela estava palestrando então...

Pergunta 21. E a Igreja aqui, tem ajudado na questão dos migrantes?

Entrevistado 40. Eu acho que sim, tipo assim, é plano de saúde, nessas coisas que a gente procura, é muita gente que chega aqui e quer ser atendido na hora, mas tem fila né, e às vezes sai falando mal porque não é assim, meu dia de folga e eu vou lá, mas tem o agendamento. Eu mesmo estou aqui hoje pedindo uma informação e não marquei nada, aí passei na frente e aí eles falaram vem amanhã, não tem nada, então é assim, não é toda hora, não é na hora que a gente quer, tem fila.

Pergunta 22. O quê que você mais gosta da Igreja, quando você frequenta, você e sua família?

Entrevistado 40. A questão da música né, quando a gente vem aqui, os músicos... Antigamente tinha música ali, com um violãozinho, hoje tem uma orquestra né, as missas são boas, então o acolhimento é bom, e aqui tem algumas festas que eles fazem para o pessoal da comunidade, tudo é muito bom.

Pergunta 23. E o quê que você não gosta?

Entrevistado 40. O padre não ser brasileiro, o padre saiu agora né, três meses com um padre brasileiro, paulista, três meses atrás tinha um hispano, eu, particularmente, não gosto, me perco, a minha esposa até comentou noutro dia, mas são as coisas, infelizmente, né, mas é o rodízio de padres né, então é assim, eu com padre hispano não consigo prender a concentração.

Pergunta 24. A maneira de celebrar, de se viver da Igreja Católica brasileira é diferente da dos americanos?

Entrevistado 40. Não, eu acho que não, a minha esposa, às vezes, vai na missa americana, mas eu acho que não, eu nunca fui na missa americana assim, mas eu acho que não tem não.

Pergunta 25. Você tem algum serviço assim, a sua esposa foi ministro da Eucaristia, vocês têm algum serviço agora, participam?

Entrevistado 40. Eu... agora que a gente chegou, eu não estou, se eu não estou participando ali, mas, às vezes, eu ajudo a servir o cafezinho, na igreja antiga eu fiquei cinco anos ajudando a servir, tinha os ministérios só que não estava fixado nisso, mas todo final de semana eu participava do cafezinho, que era ajudar a lavar e servir e ali então, por cinco anos, a gente ficou, depois eu fui para morar em Miami e a minha madrinha e o meu padrinho ficaram mais um tempão ali também.

Pergunta 26. Então tu morou em Miami também e a família foi?

Entrevistado 40. Morei, foi eu e minha esposa né, na época era só eu e minha esposa, então depois a gente foi para o Brasil, adotou as crianças, e agora voltamos todo mundo.

Pergunta 27. Que idade tem teus filhotes?

Entrevistado 40. Agora estão com sete, nove e treze.

Pergunta 28. Em questão de justiça social. Sentiu alguma vez algum preconceito, alguma coisa assim?

Entrevistado 40. Não, às vezes, um americano ou outro, na dificuldade do inglês que a gente tem eles reclamam, mas nós estamos no país deles, então é a regra deles né, eu nunca fui desrespeitado, assim, já chamaram atenção porque meu inglês era ruim, mas, infelizmente, tem algumas pessoas que tentam entender, mas outras não, mas não tiro a razão deles não, porque quando eles vão no Brasil, eles tem que se virar no português, muitas vezes, então tem que se virar, mas preconceito não.

Pergunta 29. Você gostaria de deixar uma mensagem, assim, uma palavra sobre migração, Igreja, pastoral?

Entrevistado 40. Bom, migrar de lá pra cá, se a pessoa vem pra cá ela tem que estar ciente de que tem despesa, que tem tudo aqui, muitas vezes, a gente é taxado por ruim, porque dá *help* as vezes na tua casa. Só que pode ficar com a pessoa 2 ou 3 meses e quando ela sai da tua casa, tu é ruim, porque disse pra arrumar um quarto para ela, não, não é que a gente é ruim, é porque é que tem as regras daqui, tipo na minha casa eu não posso ter uma casa de dois quartos, porque eu tenho dois meninos e uma menina, eu tenho que ter uma casa de três quartos, porque a escola vai na minha casa, fiscalizar quem mora lá, se estão bem instalados, se tem

lugar para menina e para o menino, mesmo sendo criança, não pude alugar uma casa de dois quartos, quer dizer, em vez de eu pagar \$1.500,00 eu estou pagando \$2.000,00 pela casa, porque tem que ser três quartos, porque é de sexo diferente, não importa se é criança, então é regra daqui. A Igreja que pra mim é excelente. Nessa Igreja da frente aqui, tem o padre que dá vontade de dar uns tapas nele né, me fez casar, risos, teve o casamento comunitário aqui em 2001, 2002 e eu não ia casar e esse padre me convenceu aí... Eu fui o primeiro a casar no casamento comunitário aqui, fomos em 15 casais. Pe. (...) né, então tranquilo, todo mundo ajudou, uma festa bonita que a comunidade fez para nós, excelente, não posso reclamar de nada aqui e as pessoas que querem vir pra cá, ter consciência né, ter força de vontade, porque tem oportunidade para todos, mas tem que pensar bem. Assim, eu até fiz um vídeo essa semana, botei no Facebook, que muita gente vê eu no churrasco, vê eu com carro e diz, está bem, porque ganha \$5.000,00, \$4000,00, então já calcula R\$16.000,00 por mês, aí eu botei ali eu ganho R\$16.000,00 só que eu pago \$2.000,00 de aluguel, pago mais seguro de carro, prestação de carro, telefone, internet, calor mais \$1.000,00, já foi \$3.000,00, mais uns \$1.300,00 de comida, \$4.500,00, tu vai na casa de um amigo, qualquer coisa, vai levar um lanche, uma cerveja, um negócio lá, vai mais \$50,00, então eu e minha família é \$5.000,00, então, quer dizer eu tenho que batalhar bastante, aí nesse dia que eu fiz um vídeo eu fiz o vídeo, primeiro fiz um as cinco horas da tarde, aí e o povo diz, ah mas você estava no churrasco, e nesse dia foi cinco horas que eu passei no churrasco na casa de um amigo meu, minha esposa estava com os filhos, bati foto e estava na internet, ah, mas é só churrasco? Não é só churrasco, eles não sabem que a gente dá uma passada rápida, bate uma foto, e acham que tá bem pra caramba, então as pessoas acham no Brasil que é fácil, mas não é, tem que correr atrás. Essa terra dá oportunidade para todo mundo, é só querer, então, eu agradeço, eu estou aqui de novo, pretendo agora morar, comprar casa, morar aqui e não voltar para o Brasil, só a passeio mesmo. Aconselho quem quiser vir para cá venha, mas vem consciente que o primeiro ano é uma dificuldade só, para se alojar, arrumar emprego, às vezes, vai deixar filho no Brasil. Tem que pensar muitas vezes, essa terra é boa, ela te dá tudo, mas também ela te dá uma separação, ela te dá droga, te dá tudo, vai pro pacote o ruim também, não vem só no pacote o bom, então, assim, tenho muitos amigos aqui que os pais estão no Brasil, que perguntam, como meu filho está aí, eu sei que está afogado na droga,

fumando, mas não vou dizer está aqui assim, para o pai ficar mais de cabelo branco lá, então é dificuldade aqui, droga rola e quem tem filho, tem que pensar muito, muito bem, é jovens né, porque aqui é o país da oportunidade, oportunidade de comprar um carro, oportunidade de comprar uma moto, tudo tem aqui, de bom e de ruim, então né, a pessoa tem que pensar bem.

Pergunta 30. Muito obrigado, eu te agradeço imensamente o tempo de disponibilidade.

Entrevistado 40. Eu que agradeço padre.

ENTREVISTA 41. (Mulheres - 4)

Pergunta 1. Eu estou aqui então com duas, três, quatro senhoras. Qual o nome?

Entrevistadas 41. (mulheres).

Pergunta 2. Idade?

Entrevistadas 41. 55 anos.

Pergunta 3. Profissão?

Entrevistadas 41. Bom, a minha profissão aqui é, a gente trabalhamos em tudo, em tudo um pouquinho. Eu sou cabeleireira. Eu trabalho em diversas coisas, trabalho em lojas, diversas coisas.

Pergunta 4. Da onde você é do Brasil?

Entrevistadas 41. Sou de Minas Gerais.

Pergunta 5. O primeiro lugar que você migrou foi pra cá?

Entrevistadas 41. O primeiro lugar que eu migrei foi para os Estados Unidos.

Pergunta 6. Qual o seu nome?

Entrevistadas 41. Meu nome é (mulher), eu tenho 56 anos, eu vim para América em 1986, já tenho filhos que fez faculdade, já tenho netos de cinco anos.

Pergunta 7. De que lugar tu é?

Entrevistadas 41. E sou de Governador Valadares, Minas Gerais e a única coisa que eu tenho que falar é que se todo brasileiro que chegasse aqui hoje e soubesse o que era 20 anos atrás, 30 anos atrás, meu casamento, eu ainda tive muita sorte, porque ele foi celebrado metade em português, metade em inglês, assim, falando, cortando, porque o padre que fez o meu casamento tinha morado no Brasil e ele falava algumas coisas em português e a única comunidade católica que a gente tinha aqui na época era a comunidade dos portugueses... Esse é o presente de

Deus é sagrado, esse tesouro que tem hoje a Igreja Santo Antônio e vê esta Igreja, Madonna Queen, com padres brasileiros, espanhóis e italianos é tudo de bom. Naquela época a gente chorava para escutar o padre celebrar uma missa em português ou celebrar um casamento em português, não existia, hoje nós temos padres em tantas cidades aqui, em tantos locais, uma comunidade que acolhe como esse Centro do Imigrante, que se todo mundo parasse um pouquinho tirasse um “dolinha” do bolso pra ajudar seria bem-vindo e faria mais pra isso não cair. Ir. (...) é uma benção de Deus, isso aqui é uma maravilha, isso aqui é uma benção sabe, então, mas somos acolhidos aqui da melhor forma, nós temos de tudo, não vejo, na minha opinião, não vejo o que falta, não nos falta palavra de Deus em português, não nos falta os padres, não nos falta acolhimento, não nos falta... Talvez, entre nós brasileiros, eu vejo isso entre nós brasileiros, precisava mais união pra fazer como os evangélicos faz. Eu falo isso porque na época que não tinha, eu participei muito de igreja evangélica, porque eu tenho muitos amigos evangélicos e os evangélicos falam “você vai à igreja hoje eu passo aqui, você não tem carro não, eu te levo” e os brasileiros não são muito de fazer isso não, em dez, um faz e eu vejo que na comunidade evangélica em dez, nove fazem, não faz então entre nós brasileiros, precisa mais união, levar o povo, falar, nós temos essa comunidade, nós temos comunidade. Você não tem carro aí não, então eu passo te “panho”, o que falta é a união, a união dos brasileiros, trabalhar mais na comunidade.

Pergunta 8. E tem diferença entre a Igreja, a Igreja é a mesma né, mas tem diferença entre a Igreja americana e a Igreja brasileira, é na forma de celebrar aqui?

Entrevistadas 41. Pra nós que gostamos muito de barulho, sabe a comunidade americana Católica aqui ela é muito pouca, ela não é bem assídua como a nossa, se existem comunidade católica jovem, que participam, fazem e acontecem eu desconheço eu não sei eu sei porque... minha filha estudou em escola católica, eu estou falando da minha experiência, a minha filha fez toda escola católica americana e as missas, nas coisas que existiam, eram muito sem graça e é muito pouco, muito pouco mesmo e ela fez, ela começou no quarto ano de escola católica e pra mim foi uma negação eu venho nas missas, já a americana a maioria é mais a terceira idade, se você tem um evento como tinha na Igreja Católica é de adolescente, antes da terceira idade, tudo um pouco, muito devagar, não que não

tenho fé, não quero dizer isso, mas mais devagar ou porque então nós somos mais barulhentos eu não sei.

Pergunta 9. E vocês foram bem acolhidos pelos brasileiros que aqui já estavam?

Entrevistadas 41. Eu fui bem recebida, porque fui para dentro da casa da minha tia então eu sentia que tinha os meus vestidos, lacinho de cabelo, então foi uma benção para mim e assim todos aqueles outros meios que vieram depois.

Pergunta 10. E pelos americanos?

Entrevistadas 41. Eu não tenho experiência ruim nenhuma com americanos. No Brasil ouvi “você sai do Brasil para ser escravo de americano, pra ser cachorro de americano”, não, pelo contrário, a experiência que eu tenho aqui de brasileiro é brasileiro sendo escravo de brasileiro, brasileiro sendo cachorro de brasileiro, mas tem exceção né, tem muito brasileiro que recebe os outros bem, mas a maioria do nosso povo brasileiro aqui ele não é unido com uma comunidade... Os portugueses, eu não sei muito sobre os detalhes, mas os portugueses, o brasileiro, aqui gosta muito de subir em cima do outro, eles esquecem que quando eles fazem a mala lá, deviam trazer, então, uma escada dessas que fecha, né, pra chegar aqui subir rápido, mas eles são muito ruins pra brasileiro, então eu com o americano não tive problema nenhum e não tenho até hoje.

Pergunta 11. O quê que vocês mais sentem falta do Brasil?

Entrevistadas 41. Eu da minha mãe, só da minha mãe. Do Brasil eu não sinto falta de nada, não sinto falta da alimentação que a gente foi criado, não sinto saudade do pé de jabuticaba, não, o tempo já passou, não sinto, o que eu sinto falta do Brasil são nossas raízes, família, porque em termos de cultura, daquela coisa lá, nada funcionou, talvez se eu tivesse vindo aqui como filho de elite, deputado, vereador, pessoas que vem pra cá pra estudar, com bolsas de estudo, que nenhum pobre teria, eu falaria “não, sinto falta disso, daquilo”, mas lá no Brasil não existe pobre, aliás não existe pobre não, desculpa, não existe classe média ou é rico ou pobre, quem tem, tem e quem não tem, bate palma, então, eu não sinto saudades de nada.

Pergunta 12. Vocês voltariam para o Brasil um dia?

Entrevistadas 41. Se eu tiver que voltar, eu não falo que eu não volte, Deus é que sabe de tudo, o que ele fizer para mim está bom, mas se eu tiver chance, se Ele me perguntar, assim, eu vou te dar uma penitência você vai rezar isso, vai fazer isso,

eu faço, sim meu Pai, mas me deixa aqui, pelo amor de Deus, eu vou implorar nos pés Dele, deixa eu fazer isso aqui, mas não me deixa ir pro Brasil, mas não, nunca mais, não quero, nunca, nunca.

Pergunta 13. Vocês participavam da igreja no Brasil?

Entrevistadas 41. Ah! Sim, participava sim. Sim, eu também criei dentro da Igreja Católica, eu fui daquele tempo que eu ia para missa com os meus pais, principalmente, pelo meu avô porque meu pai trabalhava muito e era aquele tempo em que você tinha que ir com o “veuzinho” na cabeça, branco, tinha que tomar banho, porque tinha que ir com o corpo limpinho, porque não podia comungar se tivesse tomado café. É a gente ia sem tomar café, mas isso pra gente não era castigo, era muito bom, então fui batizada, crismada, eu cheguei aqui eu fiz, 28 anos atrás vai fazer quando eu me casei, tudo conforme os conformes da Igreja Católica. Como meu esposo não era católico praticante ele teve que aprender as orações, Pai-Nosso, Ave-Maria, tudo que o padre exigiu para que ele realizasse o casamento e ele aprendeu e ele era católico, mas ele não sabia essas coisas que o padre fez a exigência e, graças a Deus, eu continuo na minha religião, vou sempre a igrejas evangélicas, tanto americana como as brasileiras... mas gosto muito da nossa religião, da nossa maneira, da nossa Igreja.

Pergunta 14. O quê que você mais gosta e o quê que você menos gosta?

Entrevistadas 41. Dentro da nossa Igreja o quê eu mais gosto é o amor que a gente tem por Maria, isso é que eu mais gosto, eu até já brinquei se a igreja crente falasse de Maria eu ia ser evangélica, mas eu gosto dos louvores, porque graças a Deus, agora com a renovação carismática e os grupos de oração então, vieram perguntar o que eu sentia falta, quando eu ia na igreja evangélica, e, se Deus quiser, um dia eles também vão falar de Maria, se Deus quiser. É o que eu menos gosto dentro da Igreja, não por falta de boa vontade, mas talvez isso teria que vir lá do Vaticano, é muitas orações repetitivas, eu não gosto muito de coisas assim. Hoje chegou preparou aquilo, não gosto muito de ficar presa dentro da Bíblia. Não, hoje a leitura traz, tem que fazer isso e isso desse jeito eu gosto, mas prefiro que o Espírito Santo sobre e que o pastor... eu não sei se esse exemplo que eu estou falando está certo, ele hoje vai chegar ali vai falar de acordo com o coração, com o povo, com a necessidade, em vez da gente ficar muito, assim, com o terço das 1.000 Ave-Marias né, que eu participei. No dia nós vamos pra igreja onze da noite, então ali, rezando ali, até uma hora da manhã, aí, as vezes, você já está

rezando aquela Ave-Maria, já não aguentando mais, aquele cansaço, a mente já está longe, então talvez vale mais uma Ave-Maria bem rezada, bem ferver, do que 1000 com você nem já sabendo mais o que você está repetindo, mas então você dobra o joelho em meia hora, clamou o sangue de Cristo, clamou o Espírito Santo e vai embora, fica preso nesse negócio, naquelas orações muito repetitivas, Ave-Maria. Eu amo o Pai-Nosso, eu amo uma Ave-Maria, mas aquelas orações, mas muita coisa repetitiva ali, aquele dia não deu pra rezar o Pai Nosso, mas todo mundo em louvor, em oração, chegou a hora da comunhão, aquilo é especial, a gente não vive sem aquilo ali, aquilo tem que ter mesmo, mas muitas orações repetitivas, você está de acordo com aquilo ali que vem lá do Papa. Eu acho que o povo está precisando uma sacudida em cima de sacudida. Espírito Santo, louvor e vamos que vamos.

Pergunta 15. Você é casada aqui?

Entrevistadas 41. Sou casada vai fazer 28 anos, esse padre (...) na Catedral de Boston fez a preparação toda nessa época, eu ia a missa em inglês na capela do prudente no Center, então a minha filha também batizei a minha filha no Brasil, porque meu irmão, as pessoas estavam lá, mas a crisma ela já fez aqui, a primeira comunhão lá. Meu neto já foi batizado aqui e tenho fé em Deus que vai fazer a primeira comunhão, sabe o bom. O que eu mais gosto na nossa Igreja é que a mesma missa que é rezado lá na Europa, onde for, ela é a mesma missa rezar aqui, ela é o mesmo salmo, primeira leitura, segunda leitura, Evangelho, a não ser em ocasiões especiais, mas é a mesma missa rezada lá no cantinho, lá na roça, é a mesma e não tem nada na nossa Igreja que eu fale, assim, eu não gosto, eu gosto de tudo, eu viajo rezando terço eu imagino Nossa Senhora cuidando da casa, cuidando de Jesus, tudo isso e não existe nada que eu não goste, amo tudo em nossa Igreja.

Que bom, que bom, te agradeço imensamente, muito obrigado.

ENTREVISTA 42.

Pergunta 1. Qual é o teu nome?

Entrevistada 42. Meu nome é (...).

Pergunta 2. A senhora é da onde?

Entrevistada 42. Eu sou de Recife, eu estou aqui há 15 anos, cheguei aqui em 2002 e desde que eu cheguei aqui, graças a Deus, nunca me faltou trabalho e hoje

estou com 67 anos, mas eu limpo casa sou *house cleaner*, sou *housekeeper* e sou *baby sitters*, o que aparece, trabalho em salão de beleza, já abri salão e já fechei, porque não deu pra tocar era muito trabalho para mim, sozinha, porque não tinha ninguém aqui de família, agora eu tenho um neto de 27 anos e uma neta os dois são de 27 anos, um de cada filho, eu tenho depois de 11, 12 anos que eu estou aqui, graças a Deus, agora chegou meu primeiro neto, minha primeira neta, há quatro anos atrás, aí eles trabalha, minha neta também é *baby sitters*, correm tanto quanto eu. Eu durmo toda noite no trabalho, que eu cuido agora, atualmente, eu cuido de uma senhora de 88 anos e a minha neta também, nos finais de semana ela vai pra mim, pra poder revezar e a vida da gente aqui é isso. E quanto a Igreja não tenho do que me queixar da Igreja não, acho que a Igreja é o lugar onde mais tem acolhido pessoas sabe, eu participo da comunidade da Somerville, antes participava de Cambridge, onde eu morava, mas depois, por causa desse trabalho que eu tenho que estar a noite lá e sempre está disponível também, aí não podia ensaiar, eu cantava no coral, aí não podia mais ensaiar aí sai de lá e vi para Somerville e em Somerville me agreguei lá e participo do grupo de intercessão e eu vejo que a melhor saída, o melhor caminho para as pessoas migrantes é realmente a Igreja. Eu acho que a Igreja tem sido, assim, uma força muito grande, não tenho do que me queixar. Todas as Igrejas onde eu participei eu vejo isso sabe, a acolhida é muito boa lá em Somerville, nós temos o grupo de oração, arca da aliança toda segunda-feira é um grupo que cada dia cresce mais, que nós temos tudo sabe, temos estudo bíblico, temos seminário de vida no Espírito, seminário de dança, vem muitos padres do Brasil e é assim a nossa vida aqui entendeu?

Pergunta 3. E me diz uma coisa do quê que você mais sente saudades do Brasil?

Entrevistada 42. O que eu mais sinto saudade é da canjica e da pamonha sabe e a praia, porque aqui a gente vai à praia só para caminhar, porque dá muito pouco pra gente mergulhar, mas o mar é lindo sabe, mas é muito bonito, a gente vai com aquela sede de entrar e quando bota o pé... o sol não dá para descongelar a água e se eu entrar vai dar choque anafilático, porque é muito congelado a água, não dá, então eu tenho saudade da praia e da comida de milho que nós temos lá no Brasil, é a canjica é a pamonha, porque é diferente o sabor daqui, é muito diferente, a minha boca enche d'água, fruta não, nós temos todas aqui, até jaca que eu amo tem aqui, outro dia eu comprei fruta-pão, porque nordestino adora essas coisas,

sabe como é nordestino né, mas tenho saudade também do sarapatel do Brasil, mas agora depois desses anos todos eu acho que eu nem vou conseguir comer mais, porque a idade agora né, 65 anos, pesa. Eu vim aqui, eu vim para cá com 52 entendeu, então...

Pergunta 4. Muito bem, uma mensagem final, assim, para minha entrevista assim...

Entrevistada 42. Uma mensagem que eu dou para sua entrevista ou para o meu povo que vai escutar?

Pergunta 5. Pro seu povo, pro seu povo...

Entrevistada 42. Pro meu povo que vai escutar ele não fique... se você é católico, se você veio do Brasil e não tinha uma religião, você dizia ser católico e você hoje encontra uma igreja que diz assim, venha pra cá que aqui você vai ser... Não se iluda com igreja não, eu sei que Jesus é um só, mas Jesus não cobra, Jesus não anda com chicote para bater na gente, cobrando se a gente vai dar quanto, que a gente vai dar, não se iluda, não se iluda, venha para Igreja Católica, lá não é estipulado para você dar 10%, você paga o seu dízimo por obrigação, você faz por obrigação, mas não é preciso você pegar 10%, dizer que se você não pode hoje dá 10%, você divide 10%, você dá 50% você faz caridade, você dá sua oferta na medigaria. Você ganha, graças a Deus, aqui não falta, sempre dei meu dízimo, fiz minhas ofertas, não precisa a gente botar um dólar de esmola na Igreja sabe, mas se você não tiver naquela hora, você bota um dólar sabe, mas não se iluda. Tem igreja dizendo assim, venha pra cá que essa igreja vai te dar riqueza. Não! Queira Jesus, queira pregar o amor, queira pregar a caridade entendeu, não queira pensar que você vai para igreja enriquecer, não, é pensar que eu vim sem nada do Brasil, pensa que a igreja que essa igreja vai me dar tudo, não, a Igreja é atuação, fé, o teu coração não vai se iludir achando que certas igrejas “seitas” vão te deixar ricas, entendeu, e você abandonando o seu Deus a igreja que você foi batizada, porque o Espírito Santo você recebe uma só vez quando você recebe no batismo, é uma só vez entendeu, isso que eu digo não se iludam, venham para a Igreja Católica, venha, faça sua parte, não é isso que a palavra diz, faça sua parte, que eu te ajudarei, esta é a Igreja, esta aqui, para abraçar tudo.

Pergunta 6. Tem muitas igrejas de outras denominações?

Entrevistada 42. Credo têm muitas igrejas pregando, sabe, a riqueza, sabe, a prosperidade, nossa, mas nós somos próspero, porque o nosso Deus Ele é rico, Ele

não cobra, Ele não quer nada em troca, nosso Deus é maravilhoso, esse ano que é o ano da misericórdia, Deus é amor, Deus é misericórdia, Deus está aqui sabe, Ele sabe que nós somos sofrendores imigrantes, a gente está aqui porque nós não tivemos oportunidade no Brasil, nós não temos lá, o Brasil está a pior tristeza entendeu, a gente está aqui por isso, nós somos lutadores, nós somos lutadores e a gente não vai dar o nosso sangue aqui pra mais tarde tá dando pra charlatão, pelo amor de Deus minha gente, vamos raciocinar, vamos pensar, desperte esse Deus que está dentro do teu coração, Deus está dentro de ti, aflora esse Deus, não é o pastor que vai te aflorar esse Deus dentro de ti, a prosperidade, nada na tua vida não, quem vai fazer tudo isso é Deus, desde que haja uma conversão, haja uma mudança de vida e venha pra cá para trabalhar, respeitar, ajudar o teu próximo, procurar ver a necessidade do teu irmão, visitar, conversar, não fique na Igreja parado, aperta a mão do teu irmão olhando pra outro, aperta a mão do teu irmão e diz a paz, que bom que você veio, isso que a gente precisa fazer, porque aqui a gente se sente só, sozinho, eu até reconheço que muita gente passa por isso, porque eles se sentem só, a solidão é triste, mas procure o lugar certo e não vai para igreja só pensando em prosperar, vai para a igreja e vê quem está do teu lado, vai receber a palavra e vai olhar para o teu lado, pro teu irmão da direita e teu irmão da esquerda e, as vezes, estar sozinho pensando e, as vezes, estar olhando ali pro sacrário e não estar nem lembrando que ali é o sacrário, sabe? A cabeça está a mil, porque deixou pai com problemas lá no Brasil, com isso, com aquilo ou a mãe que está separada do pai, o filho, mil e um problemas, todo mundo tem, sabe? Olha pro teu irmão, olha no olho dele e diz, meu irmão, diz meu irmão que bom que você veio sabe, não fique dando essa de americano não, porque os americanos hoje já estão aprendendo com a gente a tocar. O toque sabe, meu irmão, você está bem, isso que a gente tem que fazer, isso é a mensagem que eu tenho para meus irmãos.

Pergunta 7. Muito, muito, muito obrigado, que Deus abençoe, nos abençoe sempre, cada vez mais.

Terceiro: Inclusive eu ia na missa, foi muito bom ouvir isso de você, inclusive, na missa em inglês que eu ia lá em Miami o padre ele era hispano, então ele estava falando né, que realmente a nossa Igreja precisa desse contato que a nossa irmã estava falando e que ele ia procurar, assim, as pessoas para terem mais acolhida na Igreja, que é isso que está faltando nas missas em inglês, no horário da missa onde

os americanos participam, porque os hispanos já têm isso, a igreja em espanhol fica cheia, então ele estava vendo essa diferença. Eu ia nas duas, tanto em espanhol, como em inglês e esse calor humano né, é isso aí que ele estava falando.

Pergunta 8. Que bom, muito obrigado, Deus te abençoe. Deus abençoe a sua vida, sua história.

Entrevistada 42. Amém, muito obrigada.

ENTREVISTA 43.

Pergunta 1. Qual é o teu nome?

Entrevistada 43. (mulher).

Pergunta 2. Qual é a atual função aqui na...

Entrevistada 43. Na igreja?

Pergunta 3. É na igreja?

Entrevistada 43. Ah Padre, eu sou bombril, eu sou bombril, pau pra toda obra, onde o padre pede ajuda eu estou aqui para servir, graças a Deus.

Pergunta 4. Quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 43. Nos Estados Unidos eu cheguei aqui em 81, quer dizer 85.

Pergunta 5. De que lugar tu é do Brasil?

Entrevistada 43. Governador Valadares.

Pergunta 6. Me diz uma coisa, assim, em matéria de imigração o que você poderia dizer sobre os brasileiros que estão aqui nessa região de Massachusetts-Boston, o que você poderia dizer assim, as alegrias, as dificuldades dos migrantes?

Entrevistada 43. Padre, as alegrias é essa esperança que todo mundo chega, para conseguir aquilo que os motivaram chegar aqui, uma casa própria... As tristezas eu falaria a saudade da família, a falta, quando chega com todos esses problemas, de querer trabalhar, de exercer a profissão que exercia no Brasil e chega aqui e depara com a falta de documentos, a língua também, mas eu acho que o maior é a saudade, de quando você quer voltar para ver os familiares e não consegue.

Pergunta 7. Em questão de Igreja, por exemplo, eu tive oportunidade de passar aqui com vocês nessa manhã e eu e a quantidade de pessoas mesmo, a maioria de outras denominações religiosas, mas a referência que é aqui no centro scalabriniano que é como referência do Apostolado Brasileiro, o serviço, o sofrimento, a questão emocional de saúde, documentação, às vezes,

até de referência de pergunta, de apoio, qual a importância da Igreja na vida dos migrantes aqui?

Entrevistada 43. Oh padre, olha, a Igreja para mim, eu acho que a Igreja exerce uma função importantíssima, eu acho que a primeira referência, independente de religião que for. Nós chegamos aqui e a gente se depara com qualquer tipo de problema, os primeiros... Nossa Igreja vai procurar quem pode nos ajudar com aquilo. Eu acho que a nossa Igreja Católica aqui dentro das 18 comunidades que nós temos aqui, em nosso estado, faz um trabalho muito bom e a gente tenta levar para esse imigrante que está chegando um pouquinho daquilo que eles vêm nos perguntar e a gente tenta, dentro da nossa simplicidade, você olha nosso escritório aqui não é nada organizado, mas é cheio de amor mesmo pra passar pra ele e aí isso aí eu acho que é esse espaço que propaga e forma. Quando a gente faz com amor, todo mundo vai passando para o outro, um para o outro. Isso deu para perceber que 90% das pessoas no qual vem aqui são evangélicos e a gente está aqui para servir.

Pergunta 8. Você falou que tem 18 comunidades brasileiras que se encontram, você se recorda de todas elas?

Entrevistada 43. Olha vamos tentar recordar todas elas aqui dentro da nossa possibilidade, - irmã me ajuda a listar, nós temos a comunidade de Allston, Cambridge, East Boston, Everett, Framingham, Gloucester, Hudson, Lowell, Plymouth, Marlborough, Maynard, Rockland, Somerville, Peabody, Woburn, Stoughton. O clima antes foi gostoso e todo mundo que vier para o nosso lar aqui pode saber que tem um cantinho católico, bem Mariano para acolher vocês.

Pergunta 9. Muito bem e como Igreja, existe ainda e quais os desafios maiores que você acha que tem como Igreja Diocesana dos religiosos, sacerdotes, até irmãos e leigos consagrados a Igreja Diocesana de Boston. A Igreja é religiosa e quem trabalha mais diretamente com os migrantes brasileiros, que são as comunidades aqui scalabriniano lá onde estou reza e tem o Don orione que são comunidades assim de padres, quais são as maiores dificuldades ainda nesse trabalho?

Entrevistada 43. Eu acreditaria, falando assim, a realidade da nossa comunidade que eu acho que nós estamos bem servidos no sentido que a gente tem bastante apoio da diocese de Boston em relação aos imigrantes, eu acho que a diocese de Boston faz um bom trabalho em cima da gente, eu acho que a dificuldade do

nosso padre aqui é realmente ter mão-de-obra para ajudá-lo a desenvolver os projetos, o nosso povo brasileiro aqui é um povo muito carente, um povo que é... porque trabalha muito, eles querem isso, é pouco de tempo que eles têm, quando se vem a igreja a gente tenta passar para eles aquilo ali, mas eu acho que o padre aqui fica carente de gente para nos ajudar, porque todo mundo só quer trabalhar, trabalhar, trabalhar muito... Mas a nossa diocese ajuda muito a gente.

Pergunta 10. Quer dá uma mensagem final, assim, do teu trabalho... Eu ouvia a Irmã aqui falando que você na verdade é a segunda força dessa casa que tudo que precisa... os padres, eles mesmo, te perguntam como fazer, o que fazer. Deixa uma mensagem, assim, geral do teu trabalho, da tua experiência de Igreja, de vida com os migrantes.

Entrevistada 43. Olha, eu cheguei aqui em 85 era muito nova e a Igreja, toda vida, sempre foi uma referência para mim, quando cheguei era só uma comunidade portuguesa e os brasileiros eram poucos e eu acho que hoje o nosso povo migrante chegando encontra todas as comunidades para os abraçar, isso é grandioso, me alegra, como que cresceu, você vê que a Igreja conseguiu ver a carência do nosso povo, chegando e, com isso, foi crescendo e hoje a gente... vai todo mundo chegando, tendo do nosso próprio idioma, a nossa fé católica, isso era longe e eles estão longe, 15.000 milhas de distância do nosso Brasil, do nosso povo, mas eu deixo uma mensagem muito grande, que Deus age em qualquer lugar do mundo, não importa língua, não importa nada e basta a gente abrir o coração e querer ajudar, mas a gente tem que orar por nossos padres hoje, pedir a Deus por eles, porque também é difícil para eles realizar esse trabalho. E eu tiro por mim mesmo, dou graças e glórias a Deus pelos padres que na minha vida passaram e admiro muito o trabalho de cada um deles.

Pergunta 11. Muito obrigado, eu agradeço muito e peço que Deus continue abençoando e soprando seus bons ventos do Espírito Santo nesse trabalho com tanta gente, como aqueles que precisam como os migrantes brasileiros...

Entrevistada 43. Obrigada Padre.

Pergunta 12. Você me dizia da beleza de ter percebido o crescimento das comunidades, que foi um padre americano que foi pro Brasil e ficou lá um tempinho...

Entrevistada 43. Ele foi pro Brasil e ele ficou seis meses e a maioria do tempo dele no Brasil, ele ficou na região de Minas Gerais, na região de Valadares,

porque aqui havia muitos valadarenses e ele queria saber como que o povo vivia, aprender a língua e quando ele regressou já veio no coração essa vontade abrir um espaçozinho para ter uma missa brasileira. Ele é um padre muito dedicado e se apaixonou por esse povo e conseguiu esse espaço na cidade de Somerville e logo após e ele abriu em Allston no qual cresceu demais, então eu acho que ele também, a gente deve colocar uma sementinha, e uma das primeiras sementinha que foram plantadas aqui foi por Padre (...) e Padre (...). Padre (...) brasileiro e padre (...) americano.

Pergunta 13. E você me dizia também a questão da preocupação, não é verdade, numa mudança no fluxo migratório que é diferente de quando vocês chegaram aqui...

Entrevistada 43. Isso padre há 30 anos os imigrantes que aqui vinham eram aqueles imigrantes que eram excluídos do Brasil, no sentido de que aqui eram imigrantes que não tinham a oportunidade de uma escola, imigrantes do campo, imigrantes que não sabiam o que era o sentar numa mesa de escritório, ter escolaridade, nada, e eles vinham com o quê, com a força do braço, com a força física e desbravaram isso aqui, sem saber a língua nem nada, hoje se vê na comunidade grandes empreendedores aqui, que quando cheguei já estavam aqui há muitos anos, que já estão com as suas firmas aqui hoje e tudo são pessoas humildes e simples, agora essa migração que está chegando aqui hoje te deixa um pouco preocupado, porque já são pessoas escolarizadas, já são pessoas diplomadas, às vezes, até “mestradas” e vencer nos Estados Unidos não é brincadeira, sem documento, então você pensa, eu vou me submeter a limpar um banheiro de uma pessoa, eu vou me submeter a trabalhar em um restaurante, fazer o jardim de um fulano, limpar uma casa, pegar uma escada e quebrar uma parede, sendo que eu tenho essa escolaridade? Antes o povo que chegou aqui eles não preocupavam com isso, eu quero vencer, hoje não sei, essa é a grande preocupação, a grande diferença do migrante de ontem para o migrante de hoje.

Pergunta 14. E tem chegado muitos?

Entrevistada 43. Muitos, o número é assustador.

Pergunta 15. Muito obrigado.

Entrevistada 43. De nada.

ENTREVISTA 44.

Pergunta 1. É uma alegria ser recebido aqui, na casa paroquial da igreja Santo Antônio, no bairro de Everest, aqui com padre scalabriniano, como é o seu nome?

Entrevistado 44. (homem).

Pergunta 2. Padre nos recebe aqui onde passei toda manhã, onde têm vários trabalhos, várias iniciativas com os migrantes brasileiros. Quanto tempo você está por aqui?

Entrevistado 44. Eu cheguei em outubro do ano passado, então tem assim, mais ou menos, alguns meses.

Pergunta 3. Quanto tempo de padre que você tem?

Entrevistado 44. Menos de um ano, uns 10 meses.

Pergunta 4. Que coisa boa, me fala assim, um pouquinho como padre, como é a migração, o que você sentiu nesses últimos meses aqui?

Entrevistado 44. A migração para nós scalabriniano já nasce dentro do nosso carisma e nesses últimos dois anos, não sei se o padre conhece o Instituto que nós temos em Roma, que é específico dentro da Teologia Pastoral, dentro das migrações, então nós nos preparamos lá um pouquinho, para lidar com a migração, certamente que ali é a parte um pouquinho mais teológica, até mesmo teórica e também já na prática no contexto da Itália, temos essa experiência, mas chegando aqui, essa migração que tem aqui nos Estados Unidos, para mim, agora está sendo tudo, tudo, tudo novo, então não tem nem como comparar e, por exemplo, ali nós trabalhamos sobretudo com as mulheres e 80% das pessoas que frequentava nossa comunidade na Itália eram mulheres, então o desafio pastoral era montar um trabalho voltado para como trabalhar com as mulheres migrantes. Aqui nossa realidade é totalmente diferente, porque aqui a maioria são famílias, tanto no caso da nossa comunidade brasileira, como no caso da comunidade hispana também. Aqui é o contrário praticamente 80% são famílias né, então a migração aqui é diferente, o sentido de migração.

Pergunta 5. E na migração nesses poucos meses, qual o desafio maior na migração que você acha que existe aqui?

Entrevistado 44. O desafio maior é como transformar a nossa paróquia, a nossa Igreja, seja ela comunidade brasileira, seja ela comunidades hispana, em uma comunidade acolhedora né. Nós temos aqui pessoas que já tem uma migração, que já está aqui e no próximo mês de outubro, dia 3 de outubro, festejamos 15 anos da

nossa comunidade né e muitas pessoas que já tem essa experiência de comunidade e muitas através da migração. Conhecer uma Igreja né, começar a participar da Igreja, mas agora o nosso maior desafio é como fazer a nossa Igreja, uma Igreja acolhedora, a própria Igreja de migrante não tanto a paróquia americana né, mas a comunidade migrante como uma comunidade que consiga acolher essa nova geração, que é totalmente uma migração diferente e dos que chegaram aqui, também o nível de estudo é diferente, antes eram pessoas que vinham do interior, sobretudo da região de Governador Valadares e hoje na migração a pessoa tem o nível de estudo mais alto, maior, são pessoas que já vem de outras cidades, sobretudo do Paraná e de São Paulo, certamente que ainda continua chegando muitos mineiros né, mas hoje a migração aqui, no sentido da realidade brasileira, é mais diversificada.

Pergunta 6. Como Igreja o que você sentiu com o que você encontrou nesse pouco tempo de ordenado né, o costume da Igreja, no costume da Igreja, assim, que a gente vai construindo na nossa formação, a Igreja americana aqui, como você sentiu, porque na verdade a Igreja Católica é uma, dizem americana, brasileira, pelo país que a gente está né, mas como que você sentiu?

Entrevistado 44. Hoje nos termos como projeto né, porque hoje quem está mantendo a Igreja americana são os migrantes né, se o padre tiver a oportunidade de vir aqui um dia durante a semana vai ver que a missa em inglês, a missa semanal, a missa se reduz a mais ou menos a 10 pessoas e dessas 10 pessoas acredito que cinco são americanos e as outras são migrantes né, mas aí é lógico que isso é durante a semana né? Aí você vai à missa brasileira ou hispana e a participação é bem maior, então isso revela um pouquinho o rosto da Igreja, da Igreja americana que no fundo também é uma Igreja de migrantes, que é uma igreja irlandesa, polonesa e até mesmo italiana. Tem aqui também a questão de ver como está chegando esse grupo de imigrantes. Tem a Igreja partilhada, como no nosso caso aqui, a gente tem quatro comunidades, no caso, em uma paróquia né, então toda parte física, a parte estrutural nossa, tem que ser dividida, a sala de catequese, a escola, pensar no resto, nós temos também uma espécie de calendário onde todas as comunidades que tem uma atividade, tem que reservar aquele espaço antes, porque são quatro comunidades em uma paróquia né, então certamente para nós isso também é um desafio, como lidar com tudo isso. Tem

durante a semana né, entre bodas, matrimônio, grupo de jovens, catequese, então todo esse movimento, como existir em um final de semana em uma paróquia, temos também o desafio que aqui nos Estados Unidos aqui se usa muito carro né, então não é uma coisa indiferente e quase todo mundo que vem na missa, vem com carro, então como reservar também estacionamento, acabando a missa né, não é que uma missa que se prolonga né, então às vezes, tem que estar ali contando os minutos. Então tudo isso é um desafio dentro dessa Igreja americana né, que é “americana” mas que na verdade é uma Igreja de migrantes.

Pergunta 7. Padre vocês são quantos padres aqui?

Entrevistado 44. Nós agora ficamos em 2, até 1 de julho tinha outro padre colombiano, que era o administrador paroquial, agora o vigário assumiu como administrador paroquial, então somos em 2, o padre colombiano e eu brasileiro, o padre (...).

Pergunta 8. Sim, sim, eu conheci, dois padres jovens não é verdade, com o desafio. E uma mensagem, assim, que gostaria de deixar para finalizar Padre, sobre migração, Igreja e serviço pastoral.

Entrevistado 44. Eu acredito que pra nós, sobretudo, pra mim, padre jovem né, ter a possibilidade de trabalhar e começar o meu ministério com a comunidade que é tão ativa, no sentido que seja de pastorais, de movimento, isso é uma coisa desafiadora, mas ao mesmo tempo, para mim, é enriquecedora, porque eu tenho essa possibilidade de desempenhar a parte sacramental do Ministério e outras coisas que aqui a gente não encontra, por exemplo a pobreza que vem bater à porta, essas coisas assim... Existem migrantes que vêm pedir ajuda financeira para pagar o aluguel, mas aqui existe outro tipo de carência, sobretudo, a parte familiar, então hoje a migração também vem com a família, mas acaba dividindo essa família quando chegam aqui, mesmo se, às vezes, estão na mesma casa, mas quando chega aqui, seja pelo horário, seja pelo ritmo de vida, acaba que dividindo, que divide muito, então nosso trabalho nos motiva ainda mais para gente, como brasileiro né, também estar próximo disso, visitar as pessoas. Eu vou com a pastoral da família uma vez por semana, a gente vai nas casas das pessoas, visitando com a imagem de nossa Senhora Aparecida né, dentro da casa, rezando um pouco com eles, então assim, para partilhar também um pouquinho nossa fé.

Pergunta 9. Muito obrigado Padre, obrigado pelo carinho, por ter me recebido, te desejo assim um frutuoso ministério, um bom trabalho, Deus

abençoe, guarde sua vida, seu coração, Deus aqueça o frio que vai chegar, porque agora está quente, tempo bom, mas com a graça de Deus sejam bênçãos atrás de bênçãos para esse povo brasileiro aqui, para os hispanos, para todos que precisarem da gente, um grande abraço.

Entrevistado 44. Obrigado, obrigado também, pela visita e bom trabalho.

Pergunta 10. Então Padre você estava me dizendo...

Entrevistado 44. Então, aqui nós temos a seguinte estrutura: das nove horas da manhã até as duas uma secretária Ítala-americana que atende mais a língua inglesa e a língua italiana e a partir das duas horas da tarde até às oito horas da noite temos a secretária brasileira, a (...), que atende mais a língua espanhola e a língua portuguesa, porque que a gente dividiu nesse horário? Sobretudo porque a comunidade americana e italiana é uma comunidade mais idosa, então são pessoas que tem mais tempo, que vem de manhã. E as outras necessidades, a parte religiosa e social, a gente deixou um pouco na parte da tarde, que no caso são os hispanos e os brasileiros.

ENTREVISTA 45.

Pergunta 1. Tu é da onde?

Entrevistada 45. Sou de Minas.

Pergunta 2. E é a secretária aqui, você faz a parte da tarde já descobri, a parte espanhola e brasileira, não é isso?

Entrevistada 45. Sim.

Pergunta 3. Prazer em te conhecer, obrigado. Uma mensagem para os brasileiros.

Entrevistada 45. Que todos os brasileiros sejam bem-vindos, então, estamos aqui à disposição para ajudá-los.

Amém, obrigado.

ENTREVISTA 46.

Pergunta 1. Estou aqui com o padre?

Entrevistado 46. Padre.

Pergunta 2. Padre, agora você é o superior aqui né, que coordena a comunidade aqui scalabriniana? Você veio da onde?

Entrevistado 46. Eu sou da Colômbia.

Pergunta 3. Você chegou a quanto tempo?

Entrevistado 46. Tenho dois anos aqui na comunidade de Everest.

Pergunta 4. Me dá uma mensagem, assim, rapidinha sobre migração, Igreja e pastoral.

Entrevistado 46. Penso que é uma realidade muito linda que nós temos na nossa comunidade, porque temos quatro comunidades, que se falam quatro línguas, mas também isso é um grande desafio, porque nós temos que ser inseridos dentro da nossa cultura e também nós temos que ajudar a eles crescer na sua fé, então acho que, por isso, é muito lindo, mas também, e ao mesmo tempo, um grande desafio que nós temos para ajudar, para acrescentar, não somente na parte espiritual, mas também na parte humana, que precisa...

Muito obrigado, um abraço.

ENTREVISTA 47.**Pergunta 1. Qual é o teu nome?**

Entrevistada 47. (mulher).

Pergunta 2. E a tua idade?

Entrevistada 47. 49.

Pergunta 3. A tua profissão?

Entrevistada 47. Atualmente trabalho como assistente administrativo.

Pergunta 4. De que lugar do Brasil que tu é?

Entrevistada 47. Sou de Guarapuava, no Paraná.

Pergunta 5. Quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 47. 15 anos.

Pergunta 6. A tua família mora por lá ou não ou veio todo mundo para cá?

Entrevistada 47. Não. Moram hoje em Curitiba e também em Guarapuava, ninguém veio para cá não.

Pergunta 7. Tu é casada?

Entrevistada 47. Não, sou solteira, nunca casei e não tenho filhos.

Pergunta 8. Leiga consagrada?

Entrevistada 47. Sou leiga consagrada na Comunidade Canção Nova.

Pergunta 9. Como tu foi recebida há 15 anos pelos brasileiros que moram aqui?

Entrevistada 47. Fui recebida muito bem, muito bem, muito acolhedores o pessoal de Minas Gerais, que foram os primeiros que eu conheci.

Pergunta 10. E pelos americanos?

Entrevistada 47. Alguns poucos, que eu não lembro muito, friamente no início, mas depois se tornaram mais amigáveis, alguns que eu conheço até hoje e se tornaram mais próximo.

Pergunta 11. E como que tu está se sentindo aqui?

Entrevistada 47. Em que sentido?

Pergunta 12. No sentido, assim, de vida, de realização pessoal, de profissão, de espiritualidade...

Entrevistada 47. A questão da espiritualidade foi muito importante para mim, as experiências aqui foram muito fortes, fortaleceu muito a minha fé. Na questão profissional eu progredi um pouco, mas depois de certo... (a entrevista cortou)

Pergunta 13. Você participava da Igreja lá no Brasil né e aqui você participa da Igreja?

Entrevistada 47. Sim. Eu participo também da comunidade ativamente.

Pergunta 14. E tem alguma diferença, a Igreja é a mesma né, mas tem alguma na maneira de celebrar e tradicionalmente a Igreja americana e a brasileira?

Entrevistada 47. Sem dúvida, tem os dois aspectos, a comunidade americana que tem os seus rituais muito mais reservados do que nós brasileiros, pela cultura deles muito formal, muito dentro das normas. Eu frequento pouco, mas observo que seja assim, apesar de ter pessoas que muito participam ativamente também. E a comunidade brasileira tem a diferença também do Brasil, porque hoje a Igreja acaba sendo uma casa onde se procura trabalho, onde se procura amizades, muitos procuram informação, não é somente a questão espiritual, mas a Igreja aqui acaba tendo essa característica de social, muitos buscam por uma ajuda também, que não ocorre tanto no Brasil que a gente vai à igreja por ir e tem outros locais onde buscamos por outras ajudas que não é a igreja.

Pergunta 15. O quê que você mais gosta na Igreja que você participa e o que você menos gosta?

Entrevistada 47. O que eu mais gosto aqui da igreja que eu participo, eu gosto de ver o povo se aproximando de Deus, porque muitos vêm e ficam muito no trabalho e acabam buscando a Deus quando precisam, por causa de uma doença,

numa dificuldade financeira, gosto de ver quando as pessoas se aproximam por amor a Deus, buscam pela saudade de estar com Deus. Isso é bem interessante para mim, sinto uma coisa, uma paz, uma coisa muito boa de ver um filho voltando para Deus, por Ele, por amor. Agora o que eu não gosto é que existe muita competição entre o povo, existe muita questão de, “eu sou dono dessa posição e ninguém me tira”, de posse de uma posição dentro da igreja, isso pra mim não é uma coisa boa, eu não gosto, não gosto dessa competição de ver a igreja como local de oportunidade e não de levar as pessoas para Deus.

Pergunta 16. Muito bem, você poderia dizer assim que na questão do âmbito de justiça social você acha, por exemplo, que os brasileiros que aqui estão, brasileiros e hispanos também, mas principalmente os brasileiros, você acha que eles são tratados assim com dignidade, você percebeu algum preconceito, alguma discriminação na dimensão de ser, de pessoa, você percebeu alguma coisa nesse tempo em que você está aqui nesses 15 anos ou não?

Entrevistada 47. Você fala dos americanos para com os imigrantes?

Pergunta 17. É americano para com os imigrantes e dos próprios imigrantes entre si, dos próprios brasileiros.

Entrevistada 47. Como experiência pessoal eu nunca tive essa questão de discriminação, sempre fui muito bem acolhida, agora eu escuto muito pessoas dizerem que estão sendo discriminadas pelos americanos. O que eu, pessoalmente, acho que não, porque é um país cheio de imigrantes e eles acabam vendo que o mundo inteiro está aqui e se eles discriminassem não seria assim, mas a questão de imigrantes discriminar os próprios conterrâneos existe sim, quem chegou já está há mais tempo, tem mais informação, tem mais estabilidade, acabam oprimindo, discriminando, explorando o que chega depois. Talvez se sentindo ameaçado pelo seu espaço, mas acaba sendo também uma discriminação de pessoas do mesmo país.

Pergunta 18. Para finalizar, você gostaria assim de deixar uma mensagem, você que é migrante há 15 anos aqui, você que é uma católica praticante, fervorosa, uma prática de experiência com Jesus Cristo na tua fé, você gostaria de deixar uma mensagem, da importância desse encontro com Jesus Cristo, pra quem é migrante, pra quem está fora da sua pátria e que vai construindo também a sua pátria onde está não é verdade?

Entrevistada 47. Assim, algo que sempre eu me compadecia do povo, porque eu não fiz essa experiência de estar longe da família, de estar indocumentado aqui, porque foi muito rápido a minha legalização, foi uma providência de Deus, não porque merecesse mais do que ninguém, mas, talvez, porque eu precisasse talvez Deus me conheça nesse sentido e Ele fez com que eu não passasse por isso, mas eu reconheço a dor do povo sempre, me compadeço ouvindo as experiências, ouvindo o longo tempo do povo longe da tua família, então eu gostaria de dizer que nem sempre quando a gente está do outro lado a gente tem que estar alheio ao sofrimento de quem está passando por ele, mas sim se botando no lugar, estar junto, ajudando no que a gente puder, porque é isso que Jesus pede, um coração misericordioso, ser amigo no que puder, ser sincero e saber que Ele sempre está conosco, embora, muitas vezes, a gente sinta que não, mas Ele sempre está conosco, com seu povo, com os pequenos, com os considerados pequenos no mundo e amados por Deus.

Pergunta 19. Muito bem, Deus te abençoe, muito obrigado, bom recomeço, você falou que tu a dois anos recomeçou né, não é verdade, uma nova caminhada, Deus te abençoe e obrigado pela entrevista.

Entrevistada 47. Eu que agradeço pela oportunidade padre, agradeço a sua benção.
Deus abençoe.

ENTREVISTA 48.

Pergunta 1. Eu estou aqui com padre?

Entrevistada 48. Padre (...).

Pergunta 2. Padre (...) é gaúcho?

Entrevistada 48. Gaúcho, charqueada, moro em Porto Alegre.

Pergunta 3. Você está aqui em Boston há quanto tempo?

Entrevistada 48. Há seis anos e meio.

Pergunta 4. Você é scalabriniano?

Entrevistada 48. Scalabriniano.

Pergunta 5. E trabalha aqui, na igreja?

Entrevistada 48. Na igreja de Santo Antônio, em Somerville.

Pergunta 6. Padre, a primeira pergunta assim sobre migração, há muitos brasileiros migrados para aqui?

Entrevistada 48. Bá, essa paróquia teve muito mais brasileiros, porque foi uma das primeiras paróquias a ter missa em português aqui, acho que primeiro foi Cambridge, mas depois veio pra para cá e foi uma das maiores daqui, também depois de certos anos me parece que se desapegou, porque começaram a subir os preços aqui dos imóveis e eles foram para Everett, então foram para lá, assim, como hoje estão continuando a vir pra cá por causa dessa Harvard ser aqui pertinho, então está entrando muito pessoal profissional e esse lugar está sendo muito valorizado, então, por isso, os imigrantes voltam, porque aqui é... Começaram a vim antes, desde do início, então o grupo é muito grande ainda que continua aqui, muito significativo. A paróquia tem um espaço bastante bom para aproveitar, para acomodar todas as pessoas entende, então é isso que a gente está tentando levar pra frente, manter a paróquia, manter a pastoral com os migrantes.

Pergunta 7. Em matéria de Igreja e evangelização como que é trabalhar aqui na Arquidiocese de Boston?

Entrevistada 48. Bom, aqui a liberdade é muito grande, de trabalhar com as etnias, porque cada grupo... antes era uma pastoral brasileira, agora está muito mais engajada com a diocese e tudo. E a comunicação é muito maior, mas está sendo muito bom aqui, temos um apoio muito grande da Igreja, do cardeal e tudo né, eu acho que a comunidade brasileira começou a ser vista não mais como antigamente, um pouco assim a parte, clandestina, não é clandestina eu digo, clandestina em algumas igrejas poderíamos dizer, porque alguns padres na verdade até pouco tempo ouvíamos falar que para rezar uma missa na igreja americana tinha que pagar o aluguel, ou seja, tem que ter, que dar um tanto por mês. Então nessas coisas, me parece que tudo isso está sendo superado, então hoje, por exemplo, nós temos igrejas... essa igreja, por exemplo, é essencialmente brasileira, a igreja de Framingham, por exemplo, não sei se é essencialmente brasileira... mas tem a Everett que tem a Santo Antônio, podemos dizer que apesar das outras etnias que é a espanhola, a comunidades hispana é grande, mas também a comunidade brasileira é muito significativa e aqui os americanos praticamente estão muito gratos pelo fato dos brasileiros entrarem e não ter tido muito atrito. Você me entende, assim foi uma troca boa assim né?

Pergunta 8. É e eu agradeço imensamente essa acolhida, essa sua colocação e desejo, assim, muitas bênçãos, muitos frutos no seu trabalho pastoral, na sua evangelização, no seu serviço aqui, nos seus desafios na peleja de cada dia...

Entrevistada 48. Na peleja de cada dia, isso mesmo, mas está sendo bom, acho que sabe, sempre tem o que renovar, a refazer, a andar, mas as coisas estão andando e eu acho que, assim, os desafios sempre aparecem, mas acho que as organizações ao redor, também agora, cada vez mais buscando mais espaço para trabalhar, então o que a gente pode fazer junto com os outros também a gente faz.

Pergunta 9. Você é padre há quanto tempo?

Entrevistada 48. Há 29 anos, vou para 30 agora.

Pergunta 10. Eu fiz 20 agora há pouco tempo, ontem eu fiz 20.

Entrevistada 48. Parabéns, parabéns, e não teve festa, não fez um bolo?

Pergunta 11. O pessoal lá de East Boston fez lá e eu te agradeço, Deus te abençoe está bem e um bom e frutuoso trabalho para você.

Entrevistada 48. Obrigado e tudo de bom.

ENTREVISTA 49.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 49. (mulher).

Pergunta 2. Que idade?

Entrevistada 49. 65, padre.

Pergunta 3. 65... Que bênção! Graças a Deus, né?

Entrevistada 49. Graças a Deus!

Pergunta 4. Quanto tempo que tu tá aqui em Boston?

Entrevistada 49. Já tem 30 anos.

Pergunta 5. 30 anos... Então é uma pioneira aqui...

Entrevistada 49. Uma das pioneiras. Tem gente que chegou aqui mais cedo.

Pergunta 6. De que lugar do Brasil que tu é?

Entrevistada 49. Eu sou lá do Vale do Aço, lá de Coronel Fabriciano, lá de Ipatinga, não sei se o senhor conhece...

Pergunta 7. Sim, sim, E tu faz o que aqui? Qual a tua profissão?

Entrevistada 49. Eu sou intérprete médica, trabalho numa rede hospitalar.

Pergunta 8. Tu interpreta os que não entendem português, tu dá um jeito de...

Entrevistada 49. É, entre médicos e enfermeiros, né? O que eles chamam de “providers” ... os provedores da saúde.

Pergunta 9. E ficou gente da tua família ainda lá no Brasil?

Entrevistada 49. Toda minha família mora lá, basicamente.

Pergunta 10. E tu escolheu vir pra cá por quê?

Entrevistada 49. Bom, na época, quando eu morava no Brasil, eu tinha muita vontade de aprender inglês. Então, eu tinha um bom trabalho e tudo, mas a minha irmã que morou fora, morou no Canadá, morou na Inglaterra, falou assim: “Melhor forma de se aprender a língua é você conviver com o povo da terra. Você tem que sair e morar fora pra você conseguir ter uma boa fluência”. Então eu decidi vir pra cá. E meu sobrinho na época morava aqui. Minha história é um pouquinho longa... eu saí de lá e vim com minha prima e uma amiga e nós fomos para o Canadá porque elas não conseguiram visto americano, então nós fomos pro Canadá. Minha irmã morava na Noruega na época e ela ia ter bebê e ela falou: “Ah, (...), vem pra cá me ajudar porque todos os outros irmãos tiveram suporte de família e eu tô longe...”. E ela chorou tanto no meu ouvido que eu fui e fiquei com ela três meses na Noruega. Ela morava em Oslo. Eu sentia muita saudade da família, eu queria ir embora pra casa. Aí minha irmã falou: “Não Eliane, você já tem seu objetivo, seu sonho e tudo. Cumpra sua meta primeiro, depois você vem, fica calma”. Aí resolvi vir para os Estados Unidos e aí fiquei. Então inicialmente eu vim, eu queria aprender o inglês o mais rápido possível e disse: eu quero ser babá. Eu quero morar com uma família americana. E com seis meses, padre, meu inglês estava deslanchado.

Pergunta 11. Que interessante... só na convivência e na prática.

Entrevistada 49. É, mas eu fui pra escola também né? Eu estudei quatro anos em escola e inglês como segunda língua, né. Inclusive os professores disseram que eu podia ir embora, pra dar espaço pra outra pessoa, mas eu queria ficar mais um ano, porque eu adorava. Mas aí eu tomei conta dessa criança, ela nasceu com problema de saúde e veio a falecer, tadinha, com quase sete anos de idade. E pra mim foi muito difícil, porque ele era quase um filho pra mim. Então aí eu resolvi sair, fazer um curso de turismo, trabalhei como agente de viagem, depois cansei, porque é muito cansativo também e aí eu fiz um curso de intérprete, que foi de um ano e meio na Faculdade.

Pergunta 12. E você foi bem recebida aqui pelos americanos?

Entrevistada 49. Fui.

Pergunta 13. O que mais tu sente falta do Brasil?

Entrevistada 49. O que eu mais sinto falta do Brasil é da minha família.

Pergunta 14. Você voltaria um dia pra lá?

Entrevistada 49. Eu tô indo embora no ano que vem.

Pergunta 15. Ah, depois de 30 anos de América, você vai embora?

Entrevistada 49. Sim, vou embora, vou voltar.

Pergunta 16. Aí deixa um monte de amigos aqui também, né?

Entrevistada 49. Sim.

Pergunta 17. Quando você veio, veio pelo aeroporto mesmo?

Entrevistada 49. Sim, sim. Eu tinha visto.

Pergunta 18. O que você acha que mudou em você nesses 30 anos fora da tua pátria? Depois de 30 anos de convivência aqui... a tua experiência de vida?

Entrevistada 49. A honestidade do povo, do povo americano em geral, comparado com o povo brasileiro que tem a tendência de achar que tudo é “Rock and Roll”, que tudo é festa, que não levam as coisas com muita seriedade. Eu vejo que no Brasil as pessoas não têm muito respeito à vida, porque aqui a vida é muito respeitada, você tem que obedecer as leis, se você não obedecer as leis, você se dá mal, né, então eles levam tudo muito a sério. E no Brasil, infelizmente, essa mentalidade é bem diferente (não posso generalizar). É algo que eu acho que teria que mudar no Brasil. O povo tem que mudar a mentalidade pra que o país possa melhorar também, num contexto geral.

Pergunta 19. Certo. Você participada da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 49. Eu participava, mas não era tanto quanto aqui não. Aqui eu mudei mais.

Pergunta 20. E aqui tu participa assiduamente? O que tu mais gosta na Igreja?

Entrevistada 49. Sim. Olha, eu gosto da convivência com o povo, com as pessoas. Aqui é realmente um pouco diferente do Brasil, o povo brasileiro precisa de mais ajuda, né, aqui muito menos. Porque o pobre aqui tem muito suporte do governo também. Ao passo que no Brasil a gente não vê tanto isso. Tem muita coisa que a gente poderia fazer, mas aqui não tem necessidade. Eu lembro quando eu morava no Brasil que tinham os vicentinos que iam nas casas, tinha a campanha do quilo, então a gente sempre estava envolvida nisso.

Pergunta 21. Lá tinha necessidades pra suprir, dar solidariedade.

Entrevistada 49. Exato. Aqui não tem isso. Às vezes acontece da gente fazer qualquer coisa assim semelhante, mas a necessidade do povo do Brasil é muito maior do que das pessoas que vivem aqui.

Pergunta 22. Em termos de Igreja... a Igreja é uma só, mas cada nação tem sua maneira de celebrar, seus ritos, sua liturgia. Tem diferença entre as celebrações da missa em português e das missas em inglês?

Entrevistada 49. Depende muito do padre. Quando eu morava em Arlington, em Massachusetts, nessa cidade quase não tinha brasileiro, então eu frequentava a igreja americana mesmo, e era uma missa muito corrida, muito simples e aí não se envolvia muito com a igreja em si, era uma coisa tipo assim: sapecada. Depois eu fiquei sabendo de uma outra igreja onde tinha mais jovens, né, então era uma missa mais alegre, com mais cerimônia... e que isso eu acho que atrai. É uma atração maior. Então as pessoas se envolvem mais e você fica sabendo de outras coisas que estão acontecendo na comunidade. Eles tinham um folheto que mostrava os programas da semana. E aí depois eu comecei, mesmo morando lá, a frequentar a igreja aqui de Boston, através de uma amiga minha que falou que tinha missa em português aí eu comecei a frequentar. Então de vez em quando eu vinha, porque é um pouquinho distante, mas eu vinha a missa aqui e comecei a me engajar e me sentir bem com a comunidade e continuei.

Pergunta 23. Que bom! Em termo de questão social, de justiça social ... faz 30 anos que você está aqui e você acompanhou a igreja em vários momentos que aconteceram por aqui... momentos bonitos da igreja, né, na América e momentos também que foram momentos assim da igreja Santa e pecadora, do sofrimento da Igreja Católica diante de alguns acontecimentos entre padres e situações. Isso afetou a Igreja? Tem gente que deixou de ser católico? Tem gente que foi pra outras igrejas? Você percebeu alguma coisa assim?

Entrevistada 49. Da comunidade brasileira? Não fiquei sabendo não.

Pergunta 24. E da comunidade americana?

Entrevistada 49. Bom, de comunidade americana houve, em termos de noticiário que algumas pessoas ficaram mais descrentes, mas eu não saberia dizer se a pessoa realmente mudou de religião por causa disso.

Pergunta 25. Foi muito mais sensacionalismo da imprensa, né? Aconteceu sim, mas a imprensa deu um valor muito maior do que devia, né?

Entrevistada 49. Como sempre, né. Quando surge um tópico aquilo ali fica pelo menos a semana inteira, só falando aquilo em todos os canais de televisão.

Pergunta 26. Se alguém quisesse migrar pra cá e dissesse: “eu quero ir pra América, pra Boston, Massachusetts”, o que você aconselharia?

Entrevistada 49. Olha, eu fico com muita pena porque muita gente não consegue se adaptar. E como aconteceu comigo mesmo, eu chorei o ano inteiro quando eu vim pra cá de saudade da família, querendo ir embora. E minha família lá me incentivava a ficar mais. Eu tinha o incentivo deles, porque eu tinha meu objetivo. Então eu fui ficando e assim você acaba acostumando. Mas eu sei que muitas pessoas vendem tudo pra vir pra cá, mas a vida não é fácil. Existe muita exploração da mão de obra para os brasileiros. Porque quem tá aqui há muito tempo e que já tem as suas companhias, eles vão contratar essas pessoas pra, por exemplo, se uma pessoa já trabalha na construção ou mesmo na limpeza de casa que a maioria das pessoas trabalham são nessas áreas, ao invés de pagar 15 dólares por hora, por exemplo, eles vão pagar 10 dólares. Eu tenho amigas que limpam casa, limpam 6, 7 casas por dia, pra mim é uma coisa quase desumana, né. Mas se você não quiser, tem outros que fazem. E como eu sou da área da saúde, eu vejo todo dia pessoas com dores nos braços, nas costas, indo ao médico e todos esses problemas e você tem que descansar seu corpo. E a pessoa aqui não tem como descansar o corpo. Tem tendinite, túnel do carpo, dor nas costas, hérnia de disco, essas doenças são muito comuns. Tudo causado pelo trabalho excessivo.

Pergunta 27. Finalizando, então, nossa conversa, deixe uma mensagem, você que veio num sonho de aprender inglês e ficou, foi conquistando dia a dia, ano a ano seu espaço, sua vida. No ano que vem você diz que volta pro Brasil, né, que está se programando pra voltar. Deus sabe de todas as coisas, onde Ele coloca a gente. Dá uma mensagem assim, você que participa da igreja, que tem essa visão de mundo e de igreja, de fé, uma mensagem final.

Entrevistada 49. Bom, a minha mensagem então é que, eu peço a Deus pra que Ele me abençoe e continue abençoando, né, porque eu tenho recebido as bênçãos diárias e espero que ao retornar ao Brasil, eu possa continuar na minha fé católica e continuar a ajudar naquilo que eu puder. E também acho que lá no Brasil as pessoas são mais necessitadas. E que eu possa me envolver, que eu encontre portas abertas pra que eu possa também ajudar nesse sentido.

Pergunta 28. Te agradeço imensamente, Deus abençoe e continue te abençoando e te guardando aqui na América. E te aguardamos com carinho lá no Brasil.

Entrevistada 49. Obrigada, se Deus quiser!

ENTREVISTA 50.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 50. (mulher)

Pergunta 2. Quanto tempo que você tá aqui?

Entrevistada 50. 18 anos.

Pergunta 3. Que idade você tem?

Entrevistada 50. 57, fiz quarta-feira.

Pergunta 4. Que bênção! Deus abençoe!

Entrevistada 50. Amém!

Pergunta 5. Margarida, de que lugar do Brasil que você é?

Entrevistada 50. Eu sou do interior do Espírito Santo, de Colatina.

Pergunta 6. E o que te fez migrar pra cá?

Entrevistada 50. Eu sou professora de português por formação e trabalhei 25 anos como professora no Brasil. E meu irmão morava aqui há uns 10 anos e eu sempre quis morar num lugar maior, num lugar grande, que eu pudesse ver, conhecer. A minha cidade é bem pequena e eu gostaria de conhecer um lugar maior, dar uma possibilidade melhor para os meus filhos, que eram uma criança de 10 anos e dois adolescentes de 14 anos. E foi com essa intenção que eu vim e com o suporte do meu irmão.

Pergunta 7. E as crianças ficaram pra lá, hoje já são moços, ficou gente pra lá?

Entrevistada 50. Não, todos vieram comigo, meu esposo e as minhas três crianças.

Pergunta 8. Muito bem. Como você foi recebida aqui?

Entrevistada 50. Olha, nós chegamos em Nova York e meu irmão foi nos buscar e eu e meu marido olhamos pra esse lugar e achamos que parecia que nós tínhamos nascido aqui. Gostamos muito, logo no começo. E tivemos, como eu disse, o apoio do meu irmão e da minha cunhada. Entramos na escola de inglês, meus filhos também entraram na escola, né. Os dois mais velhos numa High School e a menor entrou no Ensino Fundamental ainda.

Pergunta 9. E pelos americanos? Também foram bem recebidos?

Entrevistada 50. Sim, os vizinhos e conhecidos dos meus irmãos (eu tinha uma irmã aqui também, há pouco tempo).

Pergunta 10. Você conhece alguém, algumas famílias, pessoas que vieram e que não conseguiram se adaptar aqui e tiveram que voltar?

Entrevistada 50. Ah sim. Geralmente as pessoas que vêm sozinhas, ou só a mulher, ou só o marido e deixam os filhos, a adaptação é bem difícil. Eu acho que as pessoas têm que ter um objetivo quando vêm pra cá, ou um objetivo a longo prazo ou a curto prazo, pra poder ficar. Porque senão começa a dar saudade e começam a comparar a frieza das pessoas daqui com o calor humano de lá e acabam voltando.

Pergunta 11. E o que você sente mais saudade do Brasil?

Entrevistada 50. Eu sinto saudade das pessoas. Dos meus amigos, dos meus parentes que ficaram lá.

Pergunta 12. Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 50. Sim. Eu sempre fui católica, eu era catequista, sempre participei.

Pergunta 13. E aqui também participa?

Entrevistada 50. Sim. Desses 18 anos eu morei 6 anos e meio na Flórida e eu fui catequista 5 anos na Flórida. E aqui eu já fui Ministra Extraordinária da Eucaristia e participo de outras pastorais.

Pergunta 14. Que bom! A Igreja é a mesma, Católica Apostólica Romana, mas existe diferença litúrgica, no rito, entre a igreja americana e o jeito de celebrar do Brasil, dos hispanos?

Entrevistada 50. Eu acho a igreja um pouquinho mais conservadora aqui. Eu sinto isso. Mas no geral é a mesma coisa. Eu costumo dizer que aqui nós praticamos a igreja de Minas Gerais, os cantos, o jeito, porque a maioria das pessoas é de Minas Gerais e eles trazem essa religiosidade, esse jeito, a liturgia.

Pergunta 15. A gente pode dizer que vocês, como família, foram bem recebidos tanto pela igreja católica quanto pela igreja daqui do local, né?

Entrevistada 50. Sim. Sempre fomos bem recebidos. Os padres americanos, todos, sempre dizem que gostam muito da nossa comunidade, que é uma comunidade ativa, animada. Tem muitas crianças e eles gostam muito do barulho das crianças, porque isso é bem difícil nas comunidades deles. Um padre americano me disse que os mais velhos católicos não formaram os novos cristãos, os novos católicos e

por isso a igreja que eu ia frequentar quando cheguei ia ser desativada por falta de fiéis, de pessoas que frequentavam. Eles não podiam mais arcar com as despesas da igreja e a nossa comunidade assumiu todas as despesas, inclusive uma grande reforma na igreja.

Pergunta 16. Que bom! E, finalizando, em termos de justiça social: esse país é um país que tem suas leis muito rígidas, muito observadas, vamos dizer assim, não há espaço pra mentira, pra facilidade, pelo que eu tenho percebido nesses 8 dias que estou por aqui. Na justiça social, a igreja é Santa e pecadora... os acontecimentos que aconteceram da igreja aqui afastaram alguns cristãos? Foram coisas que machucaram a comunidade católica?

Entrevistada 50. Olha, isso aconteceu logo que nós chegamos aqui. E as pessoas diziam que não iam dar mais o dízimo, porque esse dízimo não estava sendo bem empregado, ele estava sendo usado para outras finalidades, etc. Mas depois tudo voltou ao normal. As pessoas compreenderam.

Pergunta 17. Compreenderam a miséria humana e não dá pra justificar todos do mesmo jeito.

Entrevistada 50. Não, não. É uma parte ínfima do clero que comete deslize como todos os seres humanos, acho que todo mundo compreendeu.

Pergunta 18. Que bom! E pra finalizar, sua experiência de vida, de pessoa, nesse tempo em termo de igreja, de migração, de América, deixe uma mensagem.

Entrevistada 50. Olha, a todas as pessoas que vêm pra um país que não é o dele, pra um país estrangeiro, eu acho que as pessoas não mudam. Se elas frequentam igreja, se elas se envolvem com a igreja do seu país, elas também vão procurar a igreja aqui. Agora, os que não frequentavam, os que não tinham contato com a igreja, eles também vão procurar, mas geralmente eles eram católicos e são meio que seduzidos pelas igrejas evangélicas. Tem muita igreja evangélica aqui... só no Sul da Florida tem 150 igrejas evangélicas brasileiras. Eu não sei até que ponto isso é bom, não sei. Mas as pessoas estão procurando sim, elas procuram por causa da solidão. Se não procuram pela prática, procuram pela solidão.

Pergunta 19. Em termo de identidade, de cultura, depois de um tempo que se mora aqui, a gente perde nossa identidade, perde nossa raiz cultural ou permanece a mesma, só se adapta ao local?

Entrevistada 50. Eu acho que nós permanecemos os mesmos. Da minha família nós mantivemos a língua portuguesa, meus filhos falam, escrevem, leem perfeitamente a língua portuguesa. Nós mantemos os costumes, como a comida brasileira. As nossas leis brasileiras são colocadas dentro da nossa família. As pessoas que perdem sua identidade, são geralmente pessoas que estão fora do núcleo brasileiro e isso é muito perigoso, porque elas não se sentem nem brasileiras e nem acolhidas pela sociedade americana porque não são americanos. Então elas ficam meio perdidas.

Pergunta 20. Muito obrigado! Deus abençoe sua família, sua vida. Você voltaria a morar no Brasil?

Entrevistada 50. Se fosse necessário eu voltaria. Eu gosto muito do Brasil, eu amo o Brasil, eu amo tudo que tem lá, mas eu estou bem por aqui, vou ficando por aqui.

Pergunta 21. E seus filhos também já tem...

Entrevistada 50. Eu já tenho netos americanos, genro americano. A minha filha que veio pra cá com 10 anos ela já é um pouco americana também. Mas eu não teria problema nenhum de morar no Brasil.

Pergunta 22. Que bom! Deus abençoe sua família, abençoes seus netos, que são os preferidos de Deus e que Deus guarde a gente sempre na paz e na Tua bênção, onde quer que a gente esteja, esteja Ele conosco.

Entrevistada 50. Amém!

ENTREVISTA 51.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 51. (mulher).

Pergunta 2. Quanto tempo faz que você tá aqui?

Entrevistada 51. Eu já moro aqui já a quase 20 anos, padre. Esse ano completa 20 anos.

Pergunta 3. E você vem de onde, lá do Brasil?

Entrevistada 51. Eu venho de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Pergunta 4. Me diz uma coisa, que idade você tem?

Entrevistada 51. Eu fiz 59 anos.

Pergunta 5. O que te motivou a migrar?

Entrevistada 51. Padre, eu sempre tive muita vontade de sair do Brasil por vários motivos e os Estados Unidos era o meu objetivo e eu vim pra cá e estou muito feliz aqui.

Pergunta 6. Ah que bom! Ficou gente da tua família pra lá?

Entrevistada 51. Ficou todo mundo.

Pergunta 7. Todo mundo, só veio você? Na coragem veio embora?

Entrevistada 51. Com a cara, a coragem e Deus.

Pergunta 8. Muito bem. Você foi bem recebida aqui quando você veio?

Entrevistada 51. Mais ou menos, padre. Não é fácil não. Você tem que lutar muito. Mas eu agradeço muito tudo que eu tive na época. Mas a gente sofre muitas barreiras.

Pergunta 9. Isso mais pelos brasileiros que já estavam aqui, ou pelos americanos?

Entrevistada 51. Eu senti dos dois lados. Eu senti pelos brasileiros, que ajudam mas não tem tanto interesse e fica um pouco difícil. E pelos americanos, por não saber a língua, eu senti muita discriminação. Não sei se todo mundo sente, mas eu senti embora já falasse inglês.

Pergunta 10. Você já falava, mas não era o fluente.

Entrevistada 51. Não era o fluente, não era o completo, era um inglês partido, um inglês com vocabulário pequeno... Então eu aprendi muito e ainda estou aprendendo e tenho muito o que aprender, 20 anos.

Pergunta 11. E você aconselharia alguém a migrar?

Entrevistada 51. Muito, muito. Inclusive, eu acho que vale a pena, principalmente com a situação do Brasil, né, a situação econômica do Brasil. Porque aqui você consegue trabalhar e realizar quase todos os seus sonhos. Eu recomendo sim, inclusive, eu estou com dois sobrinhos aqui, estou fazendo todo possível para que eles se adaptem por aqui, tenham uma vida aqui. E tenho um irmão que já morou aqui, mas que por vários motivos voltou ao Brasil e eu estou fazendo todo possível pra ele voltar. Ele voltou por motivos familiares, mas agora o financeiro está muito ruim e se Deus quiser ele vai voltar pra cá.

Pergunta 12. O que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 51. O que mais eu sinto saudade? Daquela convivência com a família. Mas eu aprendi a conviver sem ela também. Eu tô bem, eu tô feliz aqui. Eu tenho até uma família americana maravilhosa.

Pergunta 13. Que bom! E você tem filhos, é casada?

Entrevistada 51. Eu não tive filhos, eu sou casada, tenho um americano, mas não sou casada ainda não, padre, até hoje, 20 anos que estamos juntos, mas não consegui ainda leva-lo no altar.

Pergunta 14. Devagarzinho...

Entrevistada 51. Mas tá muito devagar (risos)... mas não desisti ainda não, padre. É um grande companheiro, é uma pessoa que tá do meu lado já a quase 20 anos, me respeita muito, respeita minha família. Minha mãe está aqui comigo, depois de quase 20 anos eu consegui traze-la e ela tá vendo a minha vida aqui, não é perfeita, mas não é ruim também não. Tá fazendo um ano que ela veio pela primeira vez e tá voltando pela segunda vez agora.

Pergunta 15. Agora ela vai ficar de vez?

Entrevistada 51. Não, não. Ela vai voltar. Em agosto estamos voltando. Ela vai vir todo ano aqui. O problema foi que também o meu pai estava doente e era difícil pra ele ficar fazendo uma viagem desse tamanho e isso que segurou muito tempo a minha mãe lá e ele não pôde vir, Tem 3 anos que papai faleceu, aí a gente começou a trabalhar mais pra ela vir.

Pergunta 16. E você participava da igreja no Brasil?

Entrevistada 51. Participava.

Pergunta 17. E aqui?

Entrevistada 51. Participo muito mais.

Pergunta 18. Você estava me falando que você foi secretária, trabalhou e ajudou muito de perto o padre brasileiro, o Padre (...) e iniciou também esse encontro dos brasileiros no Santuário da Divina Misericórdia aqui em Boston, na Arquidiocese e que ele foi um profundo conhecedor e animador da comunidade brasileira aqui... Você percebe alguma diferença na maneira de celebrar, o rito da igreja americana, da igreja dos brasileiros que participam da liturgia, dos hispanos que participam da liturgia e dos americanos, apesar da igreja ser a mesma?

Entrevistada 51. Ah, deixa eu ver, padre... Eu não sei se foi a idade que me fez aproximar mais da igreja, eu não sei se foram os padres, se foi a necessidade, se foi a solidão muitas vezes, o medo... Eu não sei bem qual o motivo, mas com certeza eu fiquei mais participativa aqui. E talvez maior proximidade porque você tá num país diferente, com outra língua, outra cultura diferente, você quer ficar

mais próximo do seu povo... Parece que aqui a igreja precisa mais de você do que precisa lá, porque eu quis cada vez participar mais, eu senti esse processo muito claro na minha vida aqui. Eu lembrei que um dia eu estava com muita dificuldade de trabalho, financeira, eu queria rezar, aí eu falei assim: “Uai, eu não tenho nem onde rezar? Eu não tenho um Jesus aqui na minha casa”. Aí na próxima viagem que eu fiz ao Brasil eu disse: “Mãe, eu preciso de um crucifixo, eu não tenho onde rezar no meu apartamento”, aí ela ficou toda feliz, correu e me deu um crucifixo. Eu acho que eu tenho até hoje. Eu já senti essa necessidade. Eu comecei o relacionamento com essa pessoa que eu estou até hoje e eu notei que eu tava perdendo a missa, eu não estava indo à missa e falei: “Isso não tá certo, eu não posso sair pra ir à missa de manhã porque eu saí a noite com ele, tivemos uma noite maravilhosa e eu não vou à missa. Eu vou à missa sim e se ele não quiser, eu vou deixar ele, não vou deixar a igreja não”. Algumas coisas assim foram bem claras na minha vida. Aí falei com ele assim: “(...), eu tenho que ir à missa, você me leva, eu tenho que ir hoje”. E comecei a ir, comecei a procurar longe da minha casa, comecei a procurar um brasileiro aqui e ali, onde tinha a missa em português. Encontrei, comecei a ir, gostei, não gostei, tive um grande probleminha aqui, ali, parei, mas aquilo sempre tava na minha cabeça. E fui cada vez indo mais, aproximando mais, até que um dia conheci Padre (...), eu tava desempregada até, tava sem trabalho, tava até muito preocupada. Aí ele estava pedindo a alguém pra ajudar na igreja, uma secretária, aí eu falei assim: “Sou eu essa secretária que o senhor tá procurando”. Depois da missa o procurei... eu tinha um pouco de medo de participar da igreja porque minha mãe é muito religiosa e eu via que ela tinha problemas na igreja, probleminha aqui, probleminha ali... e eu me afastava um pouco de participar pra não ter problemas. Mas esse dia que ele falou isso eu disse: “Não quero saber se tem problemas dentro da igreja não, eu quero participar, eu acho que eu sou a pessoa certa pra essa posição aí”. E aí eu fui procurar o Padre (...). Ele queria alguém que falasse inglês, alguém que era documentado, alguém que tinha algumas outras características e eu não tinha dúvidas que era eu. Aí eu tinha que atender telefone, ligar pra isso, para aquilo e eu já fazia isso tudo. Aí eu disse: “Padre, eu sou a secretária que o senhor tá procurando”. Ele disse: “Tudo bem, tem outros candidatos e a gente tem q ver, tem que decidir, não é só decisão minha, tem o conselho”. Eu disse: “Não, tudo bem, eu tô esperando e eu acho que eu sou essa pessoa”. E continuei procurando

por ele e falando com ele que eu estava à disposição. Tinha até um salário. Eu disse: “Padre, não quero saber se tem salário não, eu posso trabalhar sem salário”. Ele disse: “Não, essa posição tem um salário. Se você quiser é isso, isso, isso,...”. Eu disse “Não, quero sim”. Ele disse: “Você não vai fazer um trabalho quando você quiser, quando você puder, não! Você vai estar aqui todos os dias, todos os horários, fazendo isso, aquilo, por isso é uma posição remunerada”. Eu falei: “Ótimo, eu tô precisando mesmo, tô desempregada”. Aí começou aquela coisa né, encaminhando, depois de certo tempo ele conversou com várias pessoas e me chamou pra dizer que a posição era minha e como eu estava desempregada eu fiquei tão entusiasmada com tudo que comecei a procurar outro emprego que eu só trabalhasse à tarde, porque de manhã já tinha a igreja. De manhã eu tinha compromisso com a comunidade brasileira. E arrumei esse emprego que estou até hoje, embora não seja mais a secretária, mas no emprego estou até hoje. Eu trabalho mais a tarde pra noite. Então, tive problemas sim, muitos problemas, vários, vários, alguns que eu nem esperava ter, maiores do que eu imaginava...

Pergunta 19. Mas te fizeram crescer, te fizeram uma pessoa melhor?

Entrevistada 51. Foi, me fizeram. Então eu estou na comunidade, estou muito feliz, cresci muito. O Pe. (...) foi muito importante na minha vida religiosa porque foi o padre que eu mais me identifiquei, ele foi muito importante, trazendo muita coisa boa pra nossa vida, uma delas é a Divina Misericórdia que nós não conhecíamos. Na época que ele passou pra gente era novo essa Divina Misericórdia. O Papa tinha acabado de aprovar isso e virar realmente uma devoção e o Pe. (...) trouxe pra gente com muito zelo, com muito carinho, com muito esclarecimento pra todo mundo. Eu sou uma pessoa chata em certos pontos, eu quero saber de tudo. Eu gosto só de rezar porque a vida inteira eu rezei. Eu quero saber o porquê. Eu sempre tive problemas com minha mãe porque ela rezava o terço lá em casa e mais umas dez orações que a gente repetia e não sabia nem o que estava falando. E eu queria saber porque a gente estava rezando, pra quem a gente estava pedindo. Um as palavras a gente nem sabia o que era e eu queria saber o que eu estava falando, o que eu estava rezando. Eu sou curiosa. E essa Divina Misericórdia ele explicou tão bem, com tantos detalhes, o que a Irmã (...) passou, os escritos delas, o esquecimento disso por muito tempo, o interesse do Papa trazer isso tudo de volta, explicava tudo lá como era na Alemanha, ...

Pergunta 20. Diante de tudo que você coloca, daria pra dizer que no Brasil a gente se sente um pouquinho anônimo e aqui você se sentiu necessária, útil no serviço?

Entrevistada 51. É, talvez por aqui ter menos pessoas, menos fiéis né? Então eu senti mais necessidade de ajudar por isso. Inclusive foi muito devagar. O senhor já ouviu falar no COR? Curso de Orientação Religiosa. Eu já trabalhava com o Pe. (...) quando ele disse que eu ia fazer o COR.

Pergunta 21. Sim, sim. Inclusive vai ter agora em agosto, ne?

Entrevistada 51. Sim, é sempre no final de agosto. O pessoal já está preparando pra isso. E eu fiz, mas até que não gostei muito não. Eu tive algumas críticas, eu sou um pouco crítica. Mas o COR foi muito importante pra minha vida também. Outra coisa, aqui em Boston teve o “Levanta-te” (depois até mudou o nome) e o Pe. (...) começou junto com alguns padres dessa diocese a trabalhar com isso. Ele pegou com muita força esse “Levanta-te”, sabe? E começou a juntar alguns líderes da comunidade, começou a fazer o trabalho, ele queria doze pessoas, como se fossem os doze apóstolos. Um trabalho muito bonito que foi feito aqui pela Arquidiocese. Inclusive tem em várias línguas, não só em português. E ele queria que toda comunidade participasse desse projeto. Era um chamado lindo que ele fazia, muito organizado. E um dia eu quis fazer e no encontro foi falado sobre os dez mandamentos e muita gente nem sabia quais eram os dez mandamentos. Um encontro muito bacana. Esse dia foi maravilhoso! Porque nesse dia o tema era “quem te ensinou a rezar, quem colocou Deus na sua vida?” E eu comecei a lembrar da minha mãe, da minha avó, e lembrei da importância da família levar os filhos pra igreja. E depois nunca mais larguei, sempre trabalhei no “Levanta-te”. Um dos líderes morou na minha casa e eu chamei ele pra estudar o evangelho comigo, estudar a bíblia. E ele aceitou e nós fizemos um grupo grande pra estudar as leituras e o evangelho do domingo. A gente já ia pra missa sabendo o evangelho do dia. Aprendi sobre o Ano Litúrgico, que eu não sabia. Aprendi sobre Paulo, não o conhecia. Agora quero estudar os Salmos e o Antigo Testamento, que é muito confuso, é muito complexo.

Pergunta 22. Eu sempre ajudo as pessoas a imaginarem assim ... Antigo Testamento e Novo Testamento comparados a um botão de rosa. O botão de rosa fechadinho, que não abriu ainda é o Antigo Testamento, não deixa de

ser uma rosa e não deixa de ser belo. Quando ele abre é porque desabrocha a salvação em Jesus Cristo e aí é o Novo Testamento.

Entrevistada 51. Que lindo, padre! Então... é assim minha caminhada na Igreja daqui de Boston. E sou muito feliz vivendo assim.

Pergunta 23. Que bom! Muito obrigado! Deus abençoe seu trabalho, sua família, sua caminhada!

Entrevistada 51. Amém! Eu que agradeço ao senhor.

ENTREVISTA 52.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 52. (Mulher).

Pergunta 2. Quanto tempo você tá aqui?

Entrevistada 52. Tem 13 anos

Pergunta 3. E você é da onde, lá do Brasil?

Entrevistada 52. Sou de Belo Horizonte.

Pergunta 4. E você faz o que aqui?

Entrevistada 52. Eu sou *house keeper*.

Pergunta 5. E que idade você tem?

Entrevistada 52. Eu tenho 56 anos.

Pergunta 6. Ah que bom! Porque você escolheu vir pra cá? Já tinha parentes aqui?

Entrevistada 52. Não padre, na verdade eu não tinha parente nenhum aqui. Eu tinha só um amigo que morava aqui. Eu tava passando por uma dificuldade de morar num lugar muito perigoso e resolvi vir. E eu perguntei pro meu irmão se ele vinha e ele disse que não tinha coragem. E eu disse pra ele: “Então eu vou”. E uma amiga minha disse: “Meu marido tá lá e ele te recebe lá”. Que a gente é assim como irmão. E aí eu vim. Eu nunca tinha saído do Brasil, não conhecia nada, eu saí de lá sozinha e consegui chegar aqui, graças a Deus! E eu pensava comigo assim: “Meu Deus, quando eu chegar lá em Boston como que eu vou fazer de Nova York pra Boston?”. Mas aí eu consegui. Foi Deus mesmo, padre.

Pergunta 7. Deus vai ajudando, né?

Entrevistada 52. Foi Ele que me segurou pelas mãos, que até aqui em Boston eu descí sozinha, saí do lado de fora, peguei um táxi e o táxi me deixou na porta.

Pergunta 8. Que bênção! E a família ficou por lá?

Entrevistada 52. A família ficou. Só tem eu aqui.

Pergunta 9. O que mais você sente saudade do Brasil?

Entrevistada 52. Eu sinto muita saudade dos meus irmãos, dos meus amigos.

Pergunta 10. Você já participava da igreja lá no Brasil?

Entrevistada 52. Participava. Desde pequenininha minha mãe sempre levou nós todos pra igreja, então é uma continuação que não dá pra parar.

Pergunta 11. E você gosta da igreja daqui?

Entrevistada 52. Eu amo a igreja daqui, eu gosto de toda comunidade. Inclusive em 2015 eu quebrei meu pé, fracturei até o joelho e eu fiquei o 2015 todinho parada. Mas graças a Deus eu tenho os patrões bons, sabe? E eu me sinto bem à vontade, bem em casa com eles. Um dos meus patrões é americano e o outro alemão. Trabalho com a alemã desde que cheguei aqui e com o americano já faz 8 anos. Mas não me faltou nada. Fui muito bem assistida pela igreja, os ministros da Eucaristia me levavam a comunhão e foi muito bom. E o hospital também fez um trabalho muito bom.

Pergunta 12. E você tem vontade de voltar para o Brasil?

Entrevistada 52. Vou voltar, se Deus quiser! Não vou ficar aqui muito tempo mais não. Quando eu cheguei aqui eu trabalhei com uma pessoa que era americana e ele era paraplégico. Eu trabalhei com ele só dois meses porque ele já estava em fase terminal. Foi um trabalho muito difícil pra mim por causa do problema, às vezes a família... ele falava que não tinha família. Mas três semanas antes dele morrer apareceu uma irmã e um sobrinho. Será que eu posso contar? Posso contar qualquer coisa aqui?

Pergunta 13. Pode, pode.

Entrevistada 52. Essas pessoas da família apareceram. E ele me surpreendeu muito, assim ... porque uma pessoa americana com uma pessoa brasileira que não tinha experiência nenhuma aqui... mas foi bom trabalhar com ele. Na garganta dele não descia nada! Se colocasse um pouquinho de água, eu tinha que expelir aquela água de novo. Então duas semanas antes dele morrer, eles fizeram uma reunião no hospital... porque eu já não tinha como... né... e chegou no dia que eu fui trabalhar a menina falou comigo assim: “Amanhã você não precisa vir mais trabalhar não porque ele não vai precisar mais de você”. Mas aí ficou umas coisas minhas lá e eu tinha que ir lá pegar e encontrei ele muito debilitado mesmo. Aí o enfermeiro falou comigo assim: “Hoje ele vai morrer às oito horas da noite”. Me

assustou muito aquilo e ele só naquela ansiedade porque ele já estava com medo de acontecer. Aí eu despedi dele, passei a mão na cabeça dele e falei com ele que Jesus Cristo amava ele e ele abriu o olho e sorriu pra mim. Eles injetaram um remédio e era pra ele morrer até oito horas da noite e ele resistiu até oito horas da manhã (voz embargada). Aquela semana pra mim, padre, acabou. Eu fiquei mais ou menos duas semanas perturbada. Foi o problema mais difícil pra mim aqui na América. Não gostaria que ninguém passasse por isso não. Depois de um tempo eu melhorei, fui pedindo a Deus pra tirar aquela coisa da minha cabeça e acabou. A minha patroa alemã falou pra mim assim: “(...) o meu pai tá fazendo uma reunião lá na Alemanha, porque quem é alemão tem direito de escolher a época de morrer”. E eu voltei a ficar muito assustada com o caso e falei: “Eu tenho fé em Deus que isso não vai acontecer”. E aí eu comecei a orar por aquele problema. E ele insistindo com a família que queria reunião, que queria que eles liberassem. Aí não demorou mais ou menos uns seis meses e ele teve um enfarto e morreu. Louvado seja Deus! Mas eu cheguei a falar com ela que eu tinha fé em Deus que não ia acontecer e não aconteceu, padre, graças a Deus!

Pergunta 14. Que bom! A igreja é um lugar bom de se viver, lugar que acolhe quem chega. Você chegou sozinha e a igreja te acolheu também. Você foi bem acolhida pela Igreja Católica?

Entrevistada 52. Eu demorei um pouco pra chegar na igreja, porque eu trabalhava com uma pessoa evangélica e essa pessoa falava que era evangélica, mas a gente falava com ela que ela não podia fazer as coisas que ela fazia, a gente dava conselho pra ela. Aí eu trabalhei pra ela mais ou menos seis meses. Mas eu não queria mais ir na igreja dela porque eu saía do mesmo jeito que eu entrava, pra mim não acontecia nada. Aí eu achei a igreja e a porta abriu e foi muito bom. Na época do Pe. (...) foi muito bom também. Pe. (...) me ajudou muito em oração porque eu tive uns probleminhas de espiritualidade e ele foi muito presente também na minha vida. Eu não posso reclamar de nenhum deles. E também o Pe. (...) lá de Cambridge me ajudou muito em oração. A igreja aqui acolhe muito.

Pergunta 15. Que bom! Que Deus abençoe, abençoe sua vida, abençoe sua história!

Entrevistada 52. Padre, me desculpa, porque eu nem sei se essas histórias eram pra contar.

Pergunta 16. Não... é importante, muito bom, muito bom.

Entrevistada 52. Tem também um rapaz aqui que está preso a domicílio. É importante o senhor conversar com ele, né?

Pergunta 17. É bom, vou falar com o Pe. (...). É importante. Ele não pode sair de casa? Mas ele é brasileiro?

Entrevistada 52. Ele é brasileiro, filho de americano com brasileiro.

Pergunta 18. E ele tem que ficar por causa de quê?

Entrevistada 52. Padre, é muita complicação. Ele disse que uma vez um rapaz pediu pra ele 20 dólares emprestado e ele foi levar os 20 dólares pra esse rapaz. Chegou lá e alugaram o revólver e pôs na mão dele pra ele assaltar e obrigaram ele a fazer. Agora ele tá muito enrolado com a justiça.

Pergunta 19. Aí está preso em domicílio?

Entrevistada 52. É, tá em casa.

Pergunta 20. E que idade que ele tem?

Entrevistada 52. Agora fez 18 anos.

Pergunta 21. E tem muito caso de gente que sofre, né, que vem ilegal pra cá, em questão de documento.

Entrevistada 52. Sofre muito, padre. O próprio pessoal nosso é muito difícil. O senhor não imagina o que eles fazem! Lá no Brasil tem coisas erradas que eles fazem, mas aqui, padre, tem muito mais. Muita falsificação, muita coisa mesmo.

Pergunta 22. Pra conseguir permanecer aqui, né?

Entrevistada 52. Não, padre, é coisa errada mesmo. Falsificação. Digamos assim ... eu tenho um carro e vou no mecânico e a pessoa combina com o mecânico: “Vamos pegar esse carro dele que tem esse defeito e dizer um valor que ele não pode pagar e aí ficamos com o carro”, o senhor entendeu?

Pergunta 23. Ah, entendi.

Entrevistada 52. Falam que só no Brasil que tem coisa errada, não, no mundo inteiro tem demais.

Pergunta 24. Importante saber. Gente boa e gente ruim tem em tudo quanto é lugar, né?

Entrevistada 52. Padre, existem pessoas que passam o senhor pra trás numa boa. Vou contar pro senhor uma coisa: teve um rapaz que pediu 15 mil emprestado pra outro rapaz. Aí o rapaz que emprestou foi pedir de volta porque ia precisar do dinheiro e ele disse que o cara que ele estava ilegal aqui e que não poderia

entregar ele pra imigração, pra fazer de conta que isso não aconteceu porque ele não poderia provar que emprestou 15 mil.

Pergunta 25. Se prevalece porque senão pode ser deportado, né?

Entrevistada 52. Sim, porque está ilegal.

Pergunta 26. Peço que Deus, Nosso Senhor, abençoe sua vida, seu trabalho com saúde e com paz. Muito obrigado por ter participado da minha pesquisa!

Entrevistada 52. Eu que agradeço a atenção do senhor! Às vezes a gente tem coisa que fica na garganta e que tem que colocar pra fora e a gente não tem nem como, principalmente essas coisas que eu estou falando com o senhor, que às vezes me coloca até um pouco depressiva. E a gente não pode falar com qualquer pessoa.

Pergunta 27. Mas fique firme! Com Deus a gente pode chegar lá. Amém!

Entrevistada 52. Quando eu for embora quero o endereço do senhor pra fazer uma visita.

Pergunta 28. Isso. Belo Horizonte fica pertinho.

Entrevistada 52. Obrigada, padre.

ENTREVISTA 53.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 53. Meu nome (mulher).

Pergunta 2. E você é de onde?

Entrevistada 53. Sou de Vitória, Espírito Santo.

Pergunta 3. E quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 53. Desde 89.

Pergunta 4. Desde 89... faz tempo!

Entrevistada 53. Há 27 anos.

Pergunta 5. E me diz uma coisa... ficou gente da família pra lá?

Entrevistada 53. Ficou. 90% da família está lá.

Pergunta 6. O que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 53. Agora, na atual conjuntura, eu só sinto falta da minha família, porque o resto não tenho referência mais.

Pergunta 7. Entendi. Então você veio pra cá bem jovem ainda.

Entrevistada 53. Quase com 40 anos.

Pergunta 8. E você veio normal ou teve que pegar um caminho diferente?

Entrevistada 53. Eu vim com visto normal.

Pergunta 9. E você é casada?

Entrevistada 53. Não. Eu sou divorciada desde o Brasil e não casei aqui não.

Pergunta 10. E você participava da Igreja Católica lá?

Entrevistada 53. Participava lá, mais frequente talvez do que aqui. Mas aqui também participo. Participei da primeira missa brasileira de Boston. Foi em 89 mesmo.

Pergunta 11. Que bom! E você aconselharia alguém a migrar pra cá?

Entrevistada 53. Hoje mais não. Infelizmente ou felizmente as pessoas viraram egoístas, tanto faz na Igreja Católica como na igreja crente ou em qualquer outra religião. Não é a religião que faz a pessoa é aquilo que ele nasce, um dom nato. Não existe mais amigo, irmão, primo. Se alguém falou pro senhor que existe, não, isso já acabou. Porque antigamente você tinha mais calor humano, você podia receber as pessoas, hoje as pessoas estão muito capitalistas. Só o lucro financeiro que eles querem e esquecem que isso aqui é uma passagem, nós estamos aqui de passagem. O senhor já ouviu dizer de velório sair com carro de mudança atrás? Só vai ali o corpo e se for um corpo que teve um pouquinho de preparo pra chegar até Deus. Tem muita gente aqui nesse ônibus que tá fazendo só por eles e o egoísmo está dentro da igreja. Como eu falei pro meu psicólogo, menos de 30% aqui tá tirando um salário de 200 a 300 dólares por semana. Nós somos católicos, nós temos que dar nossa oferta na igreja, aquelas pessoas que fazem parte da cúpula da igreja, que participam de grupos de oração e outras coisas, são as que menos participam de um ofertório. Pegam o dinheiro e amassam tanto na mão, pra dar um dólar e a pessoa não ver. É difícil o padre achar 50, 20, 10 dólares. O câncer tá prevalecendo nas comunidades, tem gente morrendo sozinho, ninguém visita. Porque todo mundo diz não tem tempo. Só trabalho e dinheiro. Dizer q é mentira, chama pra alguém visitar um doente. Ninguém vai. Só querem fingir que são católicos ali, fora, o coração tá longe. Eles só usam um crachá por fora, mas não estão agindo com o coração.

Pergunta 12. Entendi. Quando a senhora chegou foi bem recebida pelos brasileiros que estavam aqui?

Entrevistada 53. Recebido por brasileiros não. Fui recebida pela minha irmã. Brasileiro era muito pouco, você contava nos dedos. Hoje você tem comunidades.

Antigamente você tinha amigos. Quem falar que tinha comunidade, é mentira, tá todo mundo mentindo. Depois vieram as comunidades.

Pergunta 13. E os americanos, como que recebem?

Entrevistada 53. Eu fui muito bem recebida pelos americanos porque a minha irmã já trabalhava em casa de americanos. Eu já tinha um caminho. Mas não são todos que recebem bem. Se eles vão com sua cara, recebem bem. A gente percebe isso.

Pergunta 14. E em questão de justiça social, discriminação, preconceito, isso existe aqui?

Entrevistada 53. Existe até hoje. Existe preconceito racial. Preconceito contra os gays. Hoje os gays estão entrando mais na igreja, de pouco a pouco tá se infiltrando, mas antigamente não se via isso. Ninguém recebe gay e lésbica de braços abertos, ainda tem preconceito. Na nossa comunidade nós temos, mas nem todo mundo conhece porque não quer se intrometer.

Pergunta 15. Você está aqui esse tempo todo e participou de vários momentos da igreja Católica, momentos também tristes, isso prejudicou muito? Muita gente deixou de participar? Na questão dos padres, em situações mais internas da igreja.

Entrevistada 53. Eu não senti, não existiu mudança, porque não foi no nosso meio. O “pedofilismo” foi pra lá, pelo meio dos americanos. É triste para a Igreja Católica, realmente, mas foi na Igreja Católica americana. Eu não ouvi falar de nada na igreja brasileira, mas se tivesse de ter eu não ia jogar pedra em ninguém não.

Pergunta 16. Entendi. Você tem a sua fé em Jesus Cristo.

Entrevistada 53. Em Jesus. Vamos supor, se o Papa for gay? Uma pessoa santíssima daquela, que tem humanidade, que tá fazendo tudo para a igreja tomar o caminho certo. Uma coisa que eu não concordo é ele aceitar um gay pra tomar a hóstia e não aceitar a mulher divorciada que é casada no papel, mas não é casada na igreja. Isso eu acho errado. O Jesus é um só. A Eucaristia é a fonte, o coração, a alma da igreja. Se você é um privilegiado de ter Eucaristia diária, você tem um pedacinho de Deus dentro de você.

Pergunta 17. Deixa uma mensagem pra gente.

Entrevistada 53. Em que sentido?

Pergunta 18. Uma mensagem que você queira deixar como Igreja, como uma pessoa que tem uma experiência de tanto tempo de migração.

Entrevistada 53. O que eu gostaria que acontecesse mais pelos padres é a liturgia, eu acho que a liturgia está muito fraca. Nem todos os padres estão capacitados pra falar sobre Eucaristia. Eu participo dessa igreja, mas não concordo com bagunça na Eucaristia. É o que está existindo aqui nessa igreja. As crianças não param. Eu gosto de silêncio na igreja e aqui não tem. A igreja precisa ter uma pessoa pra ter domínio sobre as crianças e adolescentes e até sobre os adultos. Isso na igreja americana a gente vê. Se o senhor quiser eu levo o senhor às 4 horas numa igreja americana. O senhor não vai ver “uma mosca piar”. O padre é o ministro, ele tem que chamar atenção. Ele tá ali pra fazer a igreja crescer. Com isso, as pessoas vão desgastando e passando pra outra igreja.

Pergunta 19. Te agradeço intensamente, muito obrigado! Deus continue te abençoando.

Entrevistada 53. Tá bom. Obrigada!

ENTREVISTA 54.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 54. Meu nome (mulher).

Pergunta 2. E você é de que lugar do Brasil?

Entrevistada 54. Sou do Rio de Janeiro.

Pergunta 3. E quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 54. Eu vou fazer 9 anos no ano que vem.

Pergunta 4. E qual tua profissão?

Entrevistada 54. Eu limpo casa, sou *house cleaner*.

Pergunta 5. E me diz uma coisa... ficou gente da família lá no Brasil?

Entrevistada 54. Quando eu vim tinha a minha mãe, o meu pai, minha cunhada. Mas todos faleceram. E eu vim a convite de uma família pra trabalhar aqui e eu fiquei na casa dessa família um ano, praticamente. Era pra trabalhar tomando conta de criança. Aí eu olhava três crianças e fazia tudo na casa. Ela é médica e o marido é médico também. E eu ficava olhando as meninas. O marido é americano e ela brasileira, mas veio bem pequena pra cá. Fiquei trabalhando com eles por um ano e depois fui levar as crianças na praça e conheci uma brasileira. Eu não conhecia ninguém onde eu morava, aí ela foi me perguntando em que eu

trabalhava, porque uma das crianças me chamou e falou em português comigo e ela perguntou se eu era brasileira e começou a conversar comigo. E ela foi me instruindo aqui.

Pergunta 6. Você já falava inglês quando chegou aqui?

Entrevistada 54. Pouquíssimo. Conhecia poucas palavras. Eu fiz um segundo grau muito rápido e no colégio público nunca tinha professora de inglês, então eu não me interessei muito de estudar inglês porque eu não gostava.

Pergunta 7. E você sente saudade do Brasil?

Entrevistada 54. Ah, lógico! Muita. Eu tenho irmãos lá.

Pergunta 8. E você tem vontade de voltar um dia?

Entrevistada 54. Ah tenho.

Pergunta 9. Você veio pelo aeroporto, por migração legal?

Entrevistada 54. Vim, tudo legal. Mas aí nessa família que eu trabalhei não deu certo e eu saí. Eu trabalhava muito lá, direto, de segunda a domingo e minha folga era das 10h às 16h de domingo. Aí essa moça que eu conheci disse que eles estavam me fazendo de escrava. E ela me prometeu pagar “X” e quando cheguei aqui ela já falou outra coisa e eu ainda consegui ficar um ano, porque não tinha outra coisa. Aí eu saí de lá. Saí e conheci o (...) e estamos vivendo bem de lá até aqui e é isso que resume minha vida aqui.

Pergunta 10. E você participava da Igreja lá no Brasil?

Entrevistada 54. Sim, eu participava da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Eu achava lindo ler lá na frente, mas eu tinha muita vergonha. Mas eu queria acabar com isso. Aí um dia eu cheguei pra Pastoral da Acolhida daqui e falei que eu queria participar e que eu queria ler. Agora eu leio e estou mais integrada na comunidade.

Pergunta 11. E a Igreja Católica é um ambiente bom pra quem é migrante?

Entrevistada 54. É muito bom, a gente fica mais segura e conhece outras pessoas

Pergunta 12. E você sentiu algum preconceito por parte dos brasileiros e americanos?

Entrevistada 54. De americano tinha preconceito referente ao trabalho, eles pensam que essa cor assim não cansa (entrevistada é negra), não adocece. Mas do resto não, foi tranquilo.

Pergunta 13. Deixe uma mensagem pra nós. Imagina que tem algum brasileiro que queira vir pra Boston. O que você diria como Igreja, como migrante, há 9 anos aqui?

Entrevistada 54. Que sejam bem-vindos e muito felizes como estou sendo. Depois que estou participando da igreja eu estou sentindo meu coração mais amoroso, mais fiel. E que participem mais da vida religiosa, da liturgia e não terem preguiça de fazer orações e tudo mais.

Pergunta 14. Aqui não é fácil não, ne? No começo você sentiu solidão?

Entrevistada 54. Não, porque eu logo conheci essa moça e depois conheci ele.

Pergunta 15. E o frio? Eu nunca perguntei isso pra ninguém.

Entrevistada 54. Ah, é difícil. Até hoje eu sinto muito frio. Abaixo de zero aqui.

Pergunta 16. Imagino. Obrigada! Deus te abençoe imensamente, te guarde, abençoe sua família, sua vida, seu trabalho. Que nunca te falte saúde e muita fé, coragem e esperança!

Entrevistada 54. Amém!

ENTREVISTA 55.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistado 55. (Homem).

Pergunta 2. E você é de que lugar do Brasil?

Entrevistado 55. Eu sou de Minas, Governador Valadares.

Pergunta 3. E quantos anos aqui?

Entrevistado 55. 13 anos.

Pergunta 4. E você veio sozinho pra cá?

Entrevistado 55. Vim sozinho, com Deus.

Pergunta 5. Com Deus sim, mas nenhum familiar. Ficou todo mundo lá?

Entrevistado 55. Ficou sim, ficou filho... eu sou de uma família muito grande, então eu tenho irmãos, sobrinhos, filhos. Eu vim casado do Brasil, com o propósito de ficar aqui três anos, acabei ficando até hoje, já vai pra 14 anos que estou aqui na luta. Tenho dois filhos com minha ex-esposa, ela ficou no Brasil. Eu vim pra ficar três anos, cheguei a comprar passagem pra ir embora, depois conheci a (...) e acabei ficando por aqui. Mas ainda sou casada no Brasil, não divorciei porque ela é de dentro da Igreja, trabalha na Igreja como eu também fazia no Brasil e por isso que a gente não se divorciou. A gente chegou a tocar no assunto,

mas ela disse que se fosse por livre e espontânea vontade dela, ela não daria o divórcio, porque é contra os princípios da Igreja. E eu acho que é um direito de todos pensar de outra forma. Eu tenho meu jeito de pensar e ela tem o dela e tem que ser respeitado.

Pergunta 6. A melhor coisa é entrar em conformidade, né? O conflito nunca ajuda.

Entrevistado 55. É, com certeza é uma pessoa que eu não quero entrar em atrito porque é mãe de dois filhos meus e era uma ótima esposa. Se aconteceu algo no nosso casamento, não veio dela, partiu de mim, porque é uma ótima pessoa e merece todo carinho, não merece que eu julgue ela em ponto nenhum.

Pergunta 7. Quando você veio, você entrou normal ou pelo México?

Entrevistado 55. Eu vim ilegalmente, eu vim pelo México. Foi uma viagem muito difícil. Eu devo ter gastado uns 15 dias pela estrada. Eu tive que atravessar um rio à nado. Eu vim de São Paulo para o Distrito Federal e depois para o México e do México até aqui de carro.

Pergunta 8. Que coisa! Foi muito desafiador, né?

Entrevistado 55. Muito desafiador, tanto é que eu tenho dois filhos, tenho irmãos, mas se eles tiverem de vir pelo caminho que eu fiz, eu não aconselho de maneira nenhuma, porque é uma aventura muito grande. Depois que eu estou aqui já morreu muita gente na estrada, inclusive teve um pessoal que morreu num deserto, dentro da carroceria de um caminhão baú.

Pergunta 9. O que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistado 55. Tudo. Sinto saudade do Brasil, infelizmente tá do jeito que tá, mas não somos culpados. A política do Brasil deixou de ser política e passou a ser politicagem e isso é o que atrapalha nosso país. Mas nosso país é muito bonito e bom de se viver. E infelizmente a política bagunçou.

Pergunta 10. Você participava da igreja no Brasil?

Entrevistado 55. Participava. Eu era líder comunitário numa comunidade que só tinha missa uma vez por mês e eu fazia o culto dominical nos outros domingos. Eu que levava o padre pros lugares porque ele não dirigia. Ele atendia 15 comunidades e eu que levava ele pra todos os lados. Somos mais ou menos da mesma idade, ele chama Pe. (...), pessoa muito amada.

Pergunta 11. E aqui você participa também, atuante?

Entrevistado 55. Não. Depois que eu vim pra cá eu participo, vou à Igreja e tudo, mas servindo, não.

Pergunta 12. E sua profissão?

Entrevistado 55. Primeiro trabalhei na construção, agora sou *house cleaner*. Aqui não diferença no trabalho de homem e mulher não. Na época do inverno, a construção fica parada e no verão você morre de trabalhar. Aí eu optei por limpar casa. A gente já tinha feito um investimento em cima desse tipo de trabalho e aí eu estou trabalhando.

Pergunta 13. Muito bem. Você sentiu algum tipo de preconceito aqui, por americanos e brasileiros?

Entrevistado 55. Eu creio que sim. Por exemplo, uma vez eu estava trabalhando num lugar e eu não sabia falar inglês, e eu fui conversar com o americano e ele disse que eu tinha que falar inglês porque ele não era obrigado a falar português comigo não, porque eu não estava no meu país. Mas eu falei que se eu não falo é porque eu não sei. E ele disse: “Procura aprender”. E foi uma coisa que eu senti um pouco. Infelizmente não falou nada de errado não, porque eu estou no país deles. Então se existe uma pessoa que tem procurado aprender a língua, essa pessoa sou eu.

Pergunta 14. Deus te abençoe, abençoe sua vida, seu trabalho.

Entrevistado 55. Padre, foi um prazer muito grande falar com você. Um feliz dia pro senhor, padre!

ENTREVISTA 56.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 56. (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistado 56. Belo Horizonte.

Pergunta 3. E que idade você tem?

Entrevistado 56. 41.

Pergunta 4. E você tem filhos? É casada aqui?

Entrevistado 56. Dois filhos.

Pergunta 5. Que bom! E me diz uma coisa... qual tua profissão?

Entrevistado 56. *House cleaner* (risos).

Pergunta 6. E o que te motivou a migrar, Érica?

Entrevistado 56. Eu vinha pra passear, padre (risos).

Pergunta 7. E acabou ficando?

Entrevistado 56. Sim (risos).

Pergunta 8. E ficou gente da tua família por lá?

Entrevistado 56. Ficou um irmão, um sobrinho, uma sobrinha, tios, primos, mas a minha veio, depois foi embora, mas faleceu.

Pergunta 9. E faz quanto tempo que ela faleceu?

Entrevistado 56. Ela faleceu em 2009.

Pergunta 10. E como você foi recebida aqui pelos brasileiros?

Entrevistado 56. Muito bem recebida, graças a Deus!

Pergunta 11. E pelos americanos?

Entrevistado 56. Também. Não tenho nada a reclamar, apesar de eu ter sofrido muito na imigração, né. Porque eu vim, fiquei além da minha permanência, aí fui embora. Aí voltei, fui deportada do aeroporto. Eu tenho um filho e era pequenininho, tinha um ano. Aí no Brasil “ficou difícil as coisas”, porque o dinheiro que eu levei acabou e lá tem preconceito com o trabalho. Eu escutei da mulher: “A gente só dá emprego a quem é solteiro e sem filho.” Aí o dinheiro só foi acabando, eu não arrumei emprego e então eu vim nadando, pelo México (risos).

Pergunta 12. Você veio nadando pelo México?

Entrevistado 56. Sim, pelo México nadando, padre (risos). Porque eu tinha que comprar comida pro meu filho. Aí agarrei na imigração de novo, porque a pessoa que me atravessou na fronteira já tinha sido pega antes por policial de imigração e a gente veio escondida, mas o policial que parou ela antes sabia que ela traficava gente. E eu fiquei presa de novo na imigração, três meses. E eu estava amamentando na época. Aí tive que “vim” às cortes, em Boston, fui em todas as cortes em Boston. Não faltei nenhuma e ainda falava com o juiz: “Eu não vou trocar meu nome, Juiz, esse é meu nome.” Porque muita gente troca, né. Aí tô em casa até hoje, graças a Deus! Apesar de eu ter sofrido muito na imigração, eu gosto daqui, porque aqui é que me dá meu pão pra sustentar meu filho. Infelizmente no Brasil não dei essa sorte. Nem todos tem sorte, alguns têm, outros não, mas a minha sorte foi aqui.

Pergunta 13. Q bom! E me diz uma coisa, o que tu mais sente saudade do Brasil?

Entrevistado 56. Do clima (muitos risos) e dos parentes.

Pergunta 14. E você aconselharia alguém a migrar pra cá?

Entrevistado 56. Se tiver condições financeiras boas no Brasil, migrar pra ficar aqui, não! Mas se não tem condições, sim.

Pergunta 15. Me diz uma coisa, o que a Igreja Católica foi pra você?

Entrevistado 56. Misericórdia, salvação de tudo (risos). A igreja me dá força, a igreja me dá apoio, a gente encontra bons amigos aqui, é tudo! É o essencial aqui, porque você sofre muito, já tá longe dos parentes, longe do seu país, já não fala sua língua, então eu encontrei muita força aqui e me modifiquei muito aqui também, como pessoa. “Necessário é vos renascer de novo”, então essa sou eu. Eu mudei muito. Andava muito no mal caminho, não droga, essas coisas, mas era hipócrita, pregava e fazia o contrário. Mudei muito nesse sentido. Eu tenho uma auto crítica de mim mesmo (risos).

Pergunta 16. Que bom! Essa é a coisa mais bonita, humildade, sinceridade. E em questão de justiça social, você sofreu algum preconceito via migração...?

Entrevistado 56. Apesar de eu ter sofrido tanto na imigração, padre, preconceito com raça, cor e religião, não. Mas em questão de status imigratório sempre tem. Mas graças a Deus eu estou aqui, apesar de duas deportações (risos).

Pergunta 17. Que coisa boa (risos)! Deixa uma mensagem, alguma coisa espontânea, do seu coração.

Entrevistado 56. Eu aprendi muito a olhar o próximo com misericórdia. Tem que ter misericórdia. Senão você fica de mal com todo mundo. Aprendi na igreja. Ajudar o próximo... eu recebi muita ajuda aqui, muita. Na segunda gravidez, por exemplo, eu ganhei a (...) na quinta e ia trabalhar na segunda. Se não fosse o Pe. (...) e a igreja eu teria trabalhado. Pe. (...) foi lá em casa e disse: “Você não vai, você não tem a mesma idade que você tinha no primeiro filho, a igreja vai ajudar você com o aluguel”. E foi onde eu consegui me reerguer novamente, porque eu sou sozinha aqui com dois filhos e é complicado manter. Mas graças a Deus, Ele tá me dando força e coragem. E aqui, após a comunhão, é onde eu me fortaleço mais ainda.

Pergunta 18. Que bom ouvir isso! Que Deus te abençoe, abençoe tua vida, teus filhotes, que cresçam em idade com muita benção, saúde e paz!

Entrevistado 56. Amém!

ENTREVISTA 57.**Pergunta 1. Como é o nome da senhora?**

Entrevistada 57. (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil a senhora é?

Entrevistado 57. De São José do Divino, Minas Gerais.

Pergunta 3. E quanto tempo está aqui?

Entrevistado 57. 12 anos.

Pergunta 4. E a senhora faz o que aqui?

Entrevistado 57. Sou catequista e no trabalho sou *house cleaner*.

Pergunta 5. Ah que bom! Me diz uma coisa, o que mais sente saudade do Brasil?

Entrevistado 57. Do meu filho e de alguns amigos. Tenho duas filhas aqui, o filho ficou. Ele veio, ficou 9 anos aqui e tem 3 anos que ele foi embora.

Pergunta 6. A senhora veio normal ou pelo México?

Entrevistado 57. Pelo México, nadando (risos).

Pergunta 7. E foi difícil?

Entrevistado 57. É um risco que a gente corre, né?

Pergunta 8. E me conta uma coisa, o que a Igreja Católica foi na vida da senhora?

Entrevistado 57. Foi tudo. Eu falo que eu tenho minha família, minhas filhas, mas aí de mim se não fosse a busca em Deus. E Deus é o primeiro lugar na vida da gente. Aqui é onde eu encontro todo apoio e a gente mata a saudade dos amigos do Brasil com os amigos daqui, é uma outra família aqui.

Pergunta 9. Em termos de preconceito social, você sentiu alguma coisa assim?

Entrevistado 57. Não, aqui eu não sinto isso não.

Pergunta 10. Nem de americanos e nem de brasileiros?

Entrevistado 57. Tem uns americanos que não gostam de imigrantes, mas tem os que gostam. O ser humano é assim, né.

Pergunta 11. É, o ser humano tem seus limites. Que bom! Que mensagem a senhora gostaria de deixar como Igreja, como mãe, como migrante.

Entrevistado 57. Olha, eu acho que tudo na vida é um risco, é uma escolha e a melhor escolha que o ser humano deve fazer é correr atrás de Jesus, assim você encontra a verdadeira felicidade.

Pergunta 12. Bendito seja Deus! Muito obrigado, Deus abençoe muito!**ENTREVISTA 58.****Pergunta 1. Qual é seu nome?**

Entrevistada 58. (mulher).

Pergunta 2. Você é de onde, no Brasil?

Entrevistada 58. Sou de Minas Gerais.

Pergunta 3. Quantos anos você tem?

Entrevistada 58. 31.

Pergunta 4. Quanto tempo faz que você está aqui?

Entrevistada 58. 11 anos.

Pergunta 5. 11 anos já? Então você veio moça pra cá.

Entrevistada 58. Sim, eu tinha 20 anos.

Pergunta 6. E você veio pela fronteira ou pelo aeroporto?

Entrevistada 58. Pela fronteira.

Pergunta 7. E foi difícil?

Entrevistada 58. Foi tenso, mas foi tranquilo em vista de outras pessoas, sabe?

Pergunta 8. E você atravessou nadando?

Entrevistada 58. Não. Eu atravessei na boia (risos).

Pergunta 9. E ficou gente da tua família lá no Brasil?

Entrevistada 58. Muita gente. Eu tenho uma família enorme.

Pergunta 10. E o que mais te dá saudade do Brasil?

Entrevistada 58. Minha família

Pergunta 11. Como você foi recebida pelos brasileiros daqui?

Entrevistada 58. Fui bem recebida, mas eu me sinto melhor acolhida na comunidade da igreja.

Pergunta 12. E o que a Igreja Católica representa pra sua vida?

Entrevistada 58. Ual, pra mim é um pedaço do Brasil, onde eu me sinto em casa. Eu estava conversando com o motorista que me trouxe e ele disse que foi ao Brasil e sentiu que as pessoas são muito próximas, se tratam bem, são mais chegadas. E eu sinto que aqui é uma grande família, acho q todos se sentem assim. Então a importância é fundamental pra mim.

Pergunta 13. A Igreja Americana é mais fria aqui?

Entrevistada 58. Eu nunca participei de uma missa americana, mas a maioria dos americanos são pessoas mais reservadas.

Pergunta 14. Qual tua profissão aqui?

Entrevistada 58. Eu sou faxineira, *house cleaner*.

Pergunta 15. Você pretende um dia voltar pro Brasil?

Entrevistada 58. Eu tenho vontade de ir ao Brasil, mas no momento eu não me vejo morando lá não, sabe? Porque, tipo assim, eu tenho meu filho aqui, ele tá crescendo aqui, tem escola, tem as facilidades que eu tenho aqui, eu crio sozinha, né.

Pergunta 16. Você veio sozinha e teve seu filho aqui?

Entrevistada 58. Tive meu filho aqui.

Pergunta 17. O pai é brasileiro ou americano?

Entrevistada 58. O pai é brasileiro.

Pergunta 18. E ele voltou pra lá?

Entrevistada 58. Não, ele tá aqui (risos). Eu vim namorando, cheguei aqui e engravidei precocemente (risos). Moramos juntos 6 anos e depois a gente separou e agora eu crio meu filho sozinha.

Pergunta 19. Em termos de preconceito, justiça social, brasileiros, americanos, algo que você, como jovem, tenha percebido?

Entrevistada 58. Não percebo não. Tem muita gente que acha que existe preconceito em questão de migrantes, mas eu penso que preconceito você pode sofrer em qualquer lugar. O brasileiro também é bem preconceituoso em certas áreas, então eu não senti nada pessoal não.

Pergunta 20. Deixe aqui uma mensagem final, como Igreja, comunidade, migrante, jovem participante da comunidade.

Entrevistada 58. A Igreja pra mim é fundamental, a Igreja é um refúgio pra mim, é essencial. Trago sempre meu filho pra igreja e tenho vontade de servir. Então a mensagem é que todos os jovens sempre se empenhem no trabalho da igreja.

Muito sucesso na tua vida, Deus abençoe, que você continue sendo uma boa filha de Deus, uma boa mãe! Que o (...) cresça em sabedoria e graça diante de Deus! Muito obrigado.

ENTREVISTA 59.

Pergunta 1. Qual teu nome?

Entrevistada 59. (mulher).

Pergunta 2. Que idade você tem?

Entrevistada 59. Eu tenho 20 anos

Pergunta 3. E de que lugar do Brasil?

Entrevistada 59. Eu sou nascida e crescida em São Paulo, mas a minha família é mineira.

Pergunta 4. Quanto tempo você está aqui?

Entrevistada 59. No total, 4 anos.

Pergunta 5. E tua família está toda pra cá ou ficou gente lá?

Entrevistada 59. Não, aqui só está meu pai, minha madrasta, dois irmãos, um primo e o resto tá no Brasil.

Pergunta 6. O que mais tu sentes falta do Brasil?

Entrevistada 59. Da minha mãe.

Pergunta 7. E faz quanto tempo que você não vê ela?

Entrevistada 59. Vai fazer um ano que não vejo.

Pergunta 8. Muito bem. E você trabalha em quê aqui? Qual sua profissão?

Entrevistada 59. Eu trabalho na empresa do meu pai, sou vendedora e secretária e eu faço faculdade de Administração.

Pergunta 9. Ah, que bom! E você já veio falando inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistada 59. Não, aprendi aqui, na escola.

Pergunta 10. E você pretende um dia voltar pro Brasil?

Entrevistada 59. Não, eu pretendo trazer minha mãe pra cá.

Pergunta 11. Você veio com passaporte, pelo aeroporto ou pelo México?

Entrevistada 59. Não, eu vim legal. Eu sou cidadã americana.

Pergunta 12. Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 59. Não, a minha família é evangélica no Brasil. Eu nasci na Assembleia, eu congregava na Igreja Evangélica, aí teve um tempo que eu saí, aí vim pra cá e fui pra Católica. Aí eu decidi, batizei na Católica, fiz a Crisma, tudo direitinho.

Pergunta 13. Que coisa boa! E o que você mais gosta na Igreja Católica?

Entrevistada 59. Gosto das pessoas, do carinho que todos têm um pelo outro, gosto de cantar também.

Pergunta 14. Deixa uma mensagem, como católica que ajuda na Igreja, qual a importância da Igreja pra quem está longe da Pátria...

Entrevistada 59. A Igreja Católica é conselheira e faz bem pro coração e pra alma da gente, estamos sempre juntos, na mesma fé.

Que bom! Eu te agradeço imensamente, Deus abençoe!

ENTREVISTA 60 (duas mulheres).

Pergunta 1. Eu falo aqui com?

Entrevistadas 60. (Mulheres).

Pergunta 2. Você é da onde?

Entrevistadas 60. Eu sou mineira, de Governador Valadares.

Pergunta 3. E você?

Entrevistadas 60. Sou de Goiânia, Goiás.

Pergunta 4. Quanto tempo faz que vocês estão aqui?

Entrevistadas 60. Eu... vai fazer 14 anos que estou aqui. Eu tenho 13 anos aqui.

Pergunta 5. Vocês vieram pelo aeroporto ou pela fronteira do México?

Entrevistadas 60. Eu vim pelo México.

Pergunta 6. E o desafio foi muito grande?

Entrevistadas 60. Graças a Deus foi tranquilo, mas tem gente que passa por muita coisa ruim. Tem gente que sofre bastante, sofre muito. Vim por lá de van e cheguei aqui e peguei avião e vim pra Boston. A viagem foi bem tranquila (risos) ... vim dentro do capô de um carro, era um fundo falso de uma van, não tinha nenhum buraco pra respirar, a portinha você trancava por dentro e você vinha de lado. Eu vim rezando o terço no buraco, eu dormi e quando acordei já estava no lugar.

Pergunta 7. E isso durou quantas horas?

Entrevistadas 60. Não sei. Eu sei que eu entrei à noite nesse buraco e acordei só no outro dia de manhã.

Pergunta 8. E vocês duas já vieram sabendo alguma coisa de inglês ou aprenderam aqui?

Entrevistadas 60. Eu não sabia nada e continuo não sabendo. Eu fiz 3 anos de inglês no Brasil, mas sabia o básico do básico e a gente chega aqui achando que sabe alguma coisa, mas a gente não sabe nada. Mas pelo menos sabia me comunicar, não passava necessidade não. Conversar, não.

Pergunta 9. Ficou alguém da família pra trás?

Entrevistadas 60. Toda minha família. Eu vim, meu namorado já estava aqui, então a gente casou e temos um filho de 8 anos. Eu tenho duas irmãs que vieram também, mas já foram embora, só ficou eu. Também, toda minha família. Meu namorado já estava aqui, hoje ele é meu esposo, a gente também tem um filho, mas a gente só namorada na época, casamos aqui.

Pergunta 10. Vocês já eram católicas no Brasil?

Entrevistadas 60. Eu nasci católica. Não era católica não. Eu fui criada na Igreja Congregação Cristã do Brasil, a igreja do Vêu.

Pergunta 11. E aqui vocês participam da Igreja Católica?

Entrevistadas 60. Não tem nem um ano que eu estou nessa comunidade daqui. Antes, no início, eu participava: um domingo eu ia, outro não. Quando eu comecei nessa comunidade aí sim, estou vindo com frequência. Nossa, de 13 anos que eu estou aqui, tem uns 12 anos que participo. Assim que eu fiquei sabendo da comunidade aqui, que eu venho direto.

Pergunta 12. E aqui vocês mais gostam da Igreja Católica?

Entrevistadas 60. Quando você vem na Igreja Católica, vou falar dessa que estou participando, eu me sinto no Brasil. Porque eu participava muito da comunidade no Brasil. Pra mim é completamente diferente de onde fui criada, né, mas eu gosto porque a gente se sente mais confortável perto de pessoas que falam a própria língua da gente. Todo domingo a gente se encontra na Igreja, tá sempre conversando, quem precisa de trabalho aqui também tem, a gente troca informações e tem o padre que também ajuda a gente.

Pergunta 13. E aqui vocês mais sentem falta do Brasil?

Entrevistadas 60. Hoje em dia, só dos meus pais. Fora isso eu já me acostumei com a cultura americana, o hábito das pessoas, me sinto em casa já. Sinto falta dos meus pais, da família, dos parentes.

Pergunta 14. E você voltaria um dia a morar lá?

Entrevistadas 60. Morar? Não falo *nunca*, quem sabe quando eu aposentar? Eu não gostaria, mas se fosse preciso eu iria morar.

Pergunta 15. Em termos de justiça social, em algum momento vocês sentiram preconceito de alguma parte, seja dos brasileiros que já estavam aqui ou dos americanos?

Entrevistadas 60. Eu vejo que muitos brasileiros discriminam muito o Brasil. Viveram a vida toda no Brasil e chegam aqui e falam mal do Brasil para o

americano. Eu defendo o Brasil sempre e eu vejo que os americanos gostam da gente, recebem a gente com alegria, porque somos trabalhadeiras, somos honestas. O brasileiro tem boa fama aqui nos EUA, nunca senti nenhum tipo de discriminação por parte deles não. Eu também nunca senti nenhum tipo de preconceito e injustiça social.

Pergunta 16. Vocês gostariam de deixar uma mensagem de Igreja, de vivência, de pastoral na vida de vocês? Imagina que alguém quisesse migrar do Brasil pra cá, o que vocês diriam?

Entrevistadas 60. Tenha fé porque quando a gente está com Deus, tudo é possível. Concordo com ela. Tudo que você acreditar, de coração, acontece.

Pergunta 17. E tem que ter também a vontade de vencer, não é verdade? Não é só vir pra América, é ter a vontade de permanecer na América. Eu imagino que seja um desafio constante a cada dia.

Entrevistadas 60. É como voltar a ser criança de novo, tem que aprender tudo de novo, a andar nos lugares, aprender a falar. E não é só falar inglês, aqui tem muitas gírias e modo de falar. Assim como no Brasil cada região tem um sotaque diferente, aqui também é assim. Então tem que ter muita força de vontade mesmo.

Eu agradeço a vocês, Deus abençoe vossa família, vossos filhos. Muito obrigado!

ENTREVISTA 61 (Grupo de mulheres – 4 Mulheres).

Pergunta 1. Eu estou aqui na alegria, nessa comunidade, com a bênção de Deus, com 4 jovens senhoras, abençoadas, amigas de Deus, da Igreja e agora vamos ouvir o nome delas, quanto tempo estão aqui e de que lugar que são.

Entrevistadas 61. Meu nome é (1), eu sou de Minas Gerais e estou aqui há 16 anos. Meu nome é (2), sou de Belo Horizonte e estou aqui desde agosto de 1999. Eu sou (3), sou de Trindade, Goiás e estou aqui há quase 19 anos. Eu sou (4), sou de Vitória, Espírito Santo e estou aqui há 23 anos.

Pergunta 2. Todos os familiares vieram ou ficou gente pra trás?

Entrevistadas 61. Os meus estão todos no Brasil, infelizmente. Eu tenho um filho, mas não consegui trazer ele ainda, mas eu espero em Deus que esse ano eu vou conseguir. Na minha casa nós somos 8 e eu tenho um irmão aqui com a esposa e uma filha deles que nasceu aqui. Eu vim com meus 2 filhos, os dois casaram e fizeram família aqui. Minha filha mora aqui ainda e meu filho voltou pro Brasil.

Estou aqui com meu filho que veio comigo, toda minha família continuou no Brasil. Sou casada aqui, tenho minha família.

Pergunta 3. Porque vocês escolheram vir pra cá?

Entrevistadas 61. Porque nosso país infelizmente é lindo, maravilhoso, mas não tem trabalho, não tem dinheiro. Na verdade o motivo é financeiro, vim em busca de uma vida melhor. Eu era professora de português, mas ser professor no Brasil é problemático. Eu não escolhi vir pra cá, eu fui escolhida, trazida pra cá (risos). Eu nunca me imaginei morando aqui e nem visitando, aí de repente minha madrinha me convidou pra vir e eu resolvi vir e estou aqui esses anos todos. Eu vim pro casamento de um primo e me encantei, foi na época de um outono, achei lindo e quis conhecer as outras estações. E aí logo depois do outono eu vim e estou aqui até hoje. Me casei, me apaixonei e fiquei.

Pergunta 4. Muito bem! Vocês aconselhariam alguém a migrar pra cá?

Entrevistadas 61. Sim, claro! Só de pensar na segurança que a gente tem aqui e não tem no Brasil, qualquer um que falar que vem pra cá eu apoio. Com certeza! Principalmente com a violência que está no Brasil, inclusive um primo e sobrinho meus quase foram mortos no Brasil na semana passada por causa de violência. Fora a corrupção que está no Brasil. Nós amamos o Brasil, mas o Brasil não nos ama. Eu também aconselharia, porque vale a pena conhecer novas culturas, novos lugares. E pra gente entender a vida como ela é a gente tem que conhecer várias pessoas, vários lugares. Aconselharia também, eu acho que todo mundo que vem pra cá muda bastante. Geralmente são pessoas que tinham um vida no Brasil e que quando chegam aqui encontram obstáculos, mas crescem e amadurecem bastante espiritualmente, principalmente.

Pergunta 5. Vocês já falaram inglês quando chegaram aqui?

Entrevistadas 61. Eu não falava nem “Hi” nem “Bye”, hoje eu já falo “Bye” (risos). Eu conhecia um pouco de gramática, porque eu sempre tive interesse. Eu fiz Letras, com licenciatura para inglês e português. Aí quando eu cheguei aqui, na primeira semana eu entrei pra aula de inglês e comecei a me virar, aprendi. Eu estudei no Brasil uns 2 anos de inglês, para trabalhar como secretária, mas sou péssima em inglês, até hoje meu inglês é péssimo (risos). Eu aprendi inglês na escola. Eu estudei numa escola particular de Irmãs e a gente tinha inglês e com o pouco que eu vim pra cá já ajudou. E aqui a gente acaba tendo que aprender. Eu casei com um americano, paguei um professor particular (risos).

Pergunta 6. Os meios de migração... todas vocês vieram pelo meio legal ou vieram por fronteira?

Entrevistadas 61. Eu vim com visto, graças a Deus! Eu vim com visto. Eu também vim com visto. Também vim com visto.

Pergunta 7. Que bom! Quando vocês pensam no Brasil, do que sentem mais falta?

Entrevistadas 61. Comida e aquele abraço caloroso. Eu sinto falta da minha família, dos meus irmãos, principalmente da minha irmã gêmea e da minha mãe. Eu não me sinto mais segura no Brasil. E eu fico muito triste de ver a falta de educação, Deus que me perdoe, do brasileiro, a falta de respeito dos políticos com o país deles e isso me envergonha. Meu marido é americano e às vezes eu tento explicar pra ele o que está acontecendo, essa “lava jato” aí... e eu não sei como explicar porque ele não consegue entender. Ninguém consegue entender, mas o americano muito menos. A justiça no Brasil é muito falha. Não vou dizer que aqui é perfeito não, mas a do Brasil, Deus que me perdoe! Pra falar a verdade eu não sinto falta de muita coisa não, mais assim da minha mãe, dos meus parentes mais próximos. Eu tenho uma vida bem aconchegante aqui, tenho meus netos, que preenchem a vida da gente. Eu vou concordar com a (...). Eu sinto falta da minha mãe e dos meus irmãos, mas do Brasil não!

Pergunta 8. E vocês se sentem realizadas aqui?

Entrevistadas 61. Não, ainda falta muita coisa pra gente ficar realizada, porque esse aqui não é nosso país, né. Eu me sinto muito feliz. Quando eu cheguei aqui nos EUA eu estudei inglês, eu comecei a trabalhar em hospital como auxiliar de enfermagem e eu fui pro College aqui e fiz curso de Enfermagem e eu trabalho como enfermeira. Apesar de não ter nada a ver com letras, eu estou me realizando, eu ainda quero fazer mais um degrau. Eu fiz o técnico em enfermagem, mas trabalho com enfermeira e se eu fizer mais um ano e meio eu já vou pra um outro nível. Mas me sinto feliz. O que eu alcancei aqui talvez eu não alcançaria no Brasil, em termos profissionais e eu casei com um americano, uma ótima pessoa, somos muito felizes, estamos juntos há 14 anos. Comprei minha casa aqui, uma casa que eu adoro e me sinto feliz. A única coisa que falta pra eu me sentir plenamente feliz aqui é aprender mesmo o inglês, destrinchar, falar e tal. Eu posso falar que me sinto feliz aqui sim. Eu casei, tive três filhos, acabei de criar o meu

quarto filho e tenho minha casa, meu esposo, tenho essa comunidade. Queria me completar mais espiritualmente. Mas até agora tá bom.

Pergunta 9. Que bom! Vocês participavam da Igreja no Brasil?

Entrevistadas 61. Sim, eu sempre participei, fiz Primeira Comunhão, batizei, fiz tudo que tinha que fazer. Eu fiz tudo, menos a Crisma, mas eu participava, tinha a Igreja São Francisco das Chagas, em Belo Horizonte, eu sempre fui à missa das seis horas da tarde que era a missa dos jovens. Minha mãe é católica, minha avó ajudou a construir a comunidade. Eu era católica de missa lá no Brasil, aqui que eu trabalho assiduamente na comunidade. Eu também sempre fui católica, cresci numa escola de Irmãs e ia na missa como menina, participei de catequese, mas ia a missa porque se eu não fosse, não saía. Mas aqui é outra coisa.

Pergunta 10. Como vocês foram acolhidas pela Igreja Católica?

Entrevistadas 61. Na verdade não é a Igreja Católica que acolhe a gente, é a gente que acolhe a Igreja Católica. Porque ela não vai me achar, eu que tenho que achar ela. Sempre falta alguma coisinha, um padre com mais vontade, um padre mais jovem, não sei... mas alguma coisinha falta. Mas tá bom, entendeu? Mas a acolhida foi boa, a gente tá agarrada até hoje. Na verdade eu fui à Igreja Americana, porque meu marido é americano, mas não me senti bem. Eu falei com meu marido: “A minha fé eu vou professar na minha língua”. Eu gosto da comunidade católica brasileira. O americano é um pouco frio. O brasileiro mostra mais amor, mais afetividade, através das ações dele, o americano é um pouco mais distante. Já tentaram me levar pra outras igrejas, sempre tem alguém que quer te tirar da Igreja Católica. Eu vou, porque tenho amigos em outras igrejas, mas eu sempre falei que sou católica e não tenho vontade de mudar.

Pergunta 11. Vocês participam de alguma pastoral?

Entrevistadas 61. Bom, eu aqui sou tesoureira da igreja, então na realidade a gente não tem Pastoral Administrativa. Aqui na realidade tem pastoral onde todo mundo ajuda todo mundo. Eu sou do dízimo e do coral. Eu na verdade estou sempre aqui na igreja, participando das novenas, mas eu não sou muito assídua por conta do meu horário de trabalho. Eu vinha uma semana sim e uma não. Agora que eu estou podendo vir todos os domingos. Eu sou Ministra da Santa Eucaristia e propagar o máximo que eu posso a devoção do Santo Rosário. Sou Mariana, Marianíssima (risos).

Pergunta 12. Quase que finalizando já, pra quem é migrante, a Igreja Católica é importante, ajuda em algum sentido?

Entrevistadas 61. Com certeza! A gente é família. É verdade! A Igreja Católica é a família que nós deixamos pra trás, a gente vem aqui e cada um fala um pouquinho da sua família, da sua casa e aquele abraço que falta no final de semana a gente encontra aqui na igreja. A Igreja tem um lado social também, a gente faz amigos, a gente se ajuda, a gente desabafa, chora um pouquinho, ri, conta caso, então acalenta o coração da gente. Porque nós temos uma identidade, somos todos brasileiros e isso nos aproxima, o mesmo Deus, a mesma fé e isso aqui me preenche muito, eu adoro esse grupo. Principalmente esse estudo bíblico que a gente tem, nos ensina a compreender a nossa história de migrantes, porque isso vem de tempos remotos, essa busca pela Terra Prometida tem muito a ver com a nossa história.

Pergunta 13. Agora, pra finalizar e já agradecendo a bondade de vocês, o tempo, o carinho, deixem uma mensagem final.

Entrevistadas 61. Olha, a Igreja é uma comunidade, é um grupo, mas a gente que tá aqui num país diferente se não tiver Deus, fica complicado. Então minha mensagem é: não interessa aonde você tá, Deus tem que vir na frente. A minha mensagem é para que nós continuemos orando, rezando, para que nosso país melhore pra que algum dia ninguém precise sair do seu país pra ir pra outro país pra tentar a vida e orar muito pelo Brasil, porque tem dia que eu tenho muita pena do meu povo lá. Essa é minha mensagem. Eu acredito que independentemente de estar aqui ou no Brasil eu tenho Deus comigo, eu aprendi assim, que Deus é o apoio que nós temos pra ajudar a superar as coisas. Eu sempre peço que Deus esteja sempre comigo e não me deixe perder a fé. Onde quer que a gente esteja, que a gente procure ter equilíbrio, serenidade, paz, esperança porque a gente estando bem, tudo em volta da gente se torna melhor. As dificuldades estão pra serem vencidas e a gente tem certeza que nunca está sozinho, que Deus está na nossa história e sabe de todas as coisas. E tudo que a gente fizer, todo plano, colocar sempre na frente Dele pra que Ele passe a limpo.

ENTREVISTA 62.

Pergunta 1. É uma alegria estarmos aqui nessa manhã, quase meio dia, na Paróquia Sagrada Família, em Rockland, com o Padre, ele já foi da

Arquidiocese de Niterói, já foi vigário geral, já trabalhou em várias áreas e frentes e ele vai se apresentar melhor:

Entrevistado 62. Então, Pe. (...), eu sou o Padre, tenho 20 anos de sacerdócio, trabalhei na Arquidiocese de Niterói, minha Diocese de origem, minha amada Diocese. Trabalhei em várias frentes, como Vigário Geral, Vigário Episcopal, membro do Conselho Presbiteral, trabalhei em várias paróquias como Pároco. E atualmente trabalho aqui na Comunidade Brasileira em Rockland, vai fazer dois anos agora em outubro, tem sido um trabalho bastante gratificante, mas é um desafio, porque a mentalidade do povo que vem do Brasil pra cá é totalmente diferente daquela que eu estava acostumado. São pessoas que vêm do interior, interior mesmo e que colocavam em prática o mandamento da Igreja de pelo menos ir à missa uma vez no ano e confessavam ao menos uma vez na Páscoa. Por aqui podemos perceber o grande desafio. E quando eles chegam aqui, depois de muito sofrimento, onde passam pelo México, passam um mês, dois meses no deserto do Texas até chegarem na cidade onde eles querem ficar, a primeira preocupação deles é o trabalho. Eles não pensam na Igreja. A Igreja vem muito depois, às vezes aqui eles constituem uma nova família e lembram que têm que batizar os filhos é quando eles começam a procurar a Igreja. Ou então quando eles precisam de ajuda na área social, eles procuram a Igreja também. É quando nós temos a oportunidade de acolher. Eu costumo dizer o seguinte, que os imigrantes quando chegam aqui, em primeiro lugar é o trabalho, segundo é trabalho, em terceiro a Igreja. Então é um trabalho bastante desafiador. Mas no entanto eu tenho tido aqui muitas alegrias. Quando eu cheguei aqui nós tínhamos 23 crianças na catequese e hoje nós temos 110, então eu vejo que temos feito um trabalho lento, mas gratificante. Criar pastorais aqui é um desafio muito grande porque eles trabalham noite e dia. Algumas paróquias têm a graça de ter pastoral devido a um maior número de pessoas que residem na paróquia. No caso aqui de Rockland, quase não residem brasileiros nessa cidade. Eles residem em cidades próximas e se identificam com aquela comunidade e começam a participar. Claro, aqui a gente tem a Pastoral do Batismo, um casal assumiu. Temos uma catequese razoavelmente estruturada, graças a Deus. Temos uma equipe de liturgia, uma equipe de canto, um pessoal que se esforça bastante e faz com muito amor. E a comunidade americana nos acolhe, o pároco é uma pessoa excepcional, ele tem 74 anos, mas parece um jovem, entusiasta. E graças a ele essa comunidade aqui

existe até hoje, porque ele é um defensor dos brasileiros, gosta dos brasileiros e os brasileiros também têm correspondido a esse amor, então é uma alegria. E eu me sinto muito bem acolhido pelos padres daqui, realmente eu poderia dizer que aqui é a “casa de Emaús”. Talvez seja Graça de Deus, porque eu sempre acolhi muito bem meus colegas padres e eu estou colhendo, de certo modo, o que eu plantei, penso que seja isso. São dois sacerdotes do mais alto gabarito, homens que amam a Igreja, que me tratam com muita delicadeza, são ótimos sacerdotes. E eu vejo que Deus me quer aqui no momento e eu tenho visto esses frutos acontecendo. Quando eu cheguei aqui, por exemplo, a frequência na comunidade era em média 120 a 130 pessoas e hoje a gente consegue contar 250, às vezes 300, então a gente percebe que o povo está aos poucos chegando. Tenho feito um trabalho de visita às casas, de benzer as casas, que é quando eu aproveito para evangelizar. Eu lembro que quando eu cheguei aqui em 2015 eu fiz apenas 5 batismos, esse ano eu fiz mais de 20 e talvez até o fim do ano eu chegue a uns 50 batismos. Muitas pessoas querendo batizar os filhos. E eu percebo que o segredo de uma comunidade, desde Niterói que eu percebo isso, é que se as mulheres se afastam da Igreja é um problema e se elas vêm pra Igreja é uma solução. Elas são os termômetros, porque se elas vêm pra Igreja elas trazem os filhos e depois de algum tempo trazem o marido. E depois vai trazendo pessoas próximas delas. O aumento das crianças na catequese é justamente isso: as mães querem os filhos na catequese. Então se elas vêm pra Igreja é porque elas estão gostando de alguma coisa, elas estão se sentindo acolhidas, amadas, estão se sentindo bem aqui na nossa comunidade. Isso tem sido uma das alegrias. Agora, tempo é um bem, eu gostaria muito de durante o dia visita-los, mas não tem como, porque estão trabalhando. Eu visito à noite pra benzer a casa e conversar com eles, convida-los para a Igreja e tem tido resultado, graças a Deus!

Pergunta 2. Que bom! Padre, vocês são alguns padres do Brasil aqui, entre muitos religiosos e menos diocesanos, isso tem ajudado também no processo de trabalho pastoral, de evangelização?

Entrevistado 62. É um desafio. Por exemplo, a gente sabe que às vezes não é tão fácil a amizade entre o clero diocesano com o religioso, mas pela minha experiência de Niterói, como Vigário Geral, eu aprendi a chegar até eles, então a gente tem tido um bom contato, uma boa amizade entre o clero religioso e o clero diocesano. E tem sido muito gratificante, a gente tem partilhado as nossas dores,

as nossas alegrias, os desafios e eu tenho tido um bom contato com os padres brasileiros. Eu tenho visitado e eles também têm me visitado e aos pouquinhos a gente tem se aproximado, o que não é tão fácil pela distância e porque tem padre que trabalha mais do que o outro. Por exemplo, a maioria dos padres religiosos são administradores ou párocos, tem estrutura de paróquia. É diferente. São os scalabrinianos, por exemplo. No nosso caso, nós diocesanos trabalhamos como vigário paroquial da Comunidade Brasileira, embora nós tenhamos toda liberdade de trabalhar em comum com o pároco. Mas, de fato, alguns padres trabalham em hospital, outros têm mais de uma comunidade, então isso às vezes não facilita nosso contato, mas buscamos esse contato. Nas missas, nas feiras nós ajudamos o colega, quando o colega viaja pro Brasil a gente celebra as missas pra ele e vice-versa. Então isso tem nos aproximado bastante. E o povo também gosta de ver padres diferentes e agradece também. Isso tem gerado novas amizades, novos horizontes e tem quebrado barreiras, porque às vezes o padre chega do Brasil e se sente um pouco tolhido e a gente acolhe e ele se sente mais à vontade e vamos criando maior participação. E isso tem causado alegria pra nós.

Pergunta 3. Nas entrevistas com os migrantes, uma das coisas que percebi foi o fato de que houve uma imigração maior nos tempo passados, depois houve uma parada nessa imigração aqui pra América, nessa região de Massachusetts e agora começa a ter um crescimento maior de novo. Só que a presença dos que migram agora, já não é mais daqueles de interior, é gente já formada a nível universitário, já com uma estrutura e que, na verdade, quando chegam aqui se decepcionam porque aqui não há muita diferença de trabalho, a maioria trabalha de house cleaner, de serviço doméstico, de limpeza de casa, ou serviços de pintura, serviços de construção civil. Isso é algo que você já constata na paróquia ou no meio dos brasileiros por onde você anda?

Entrevistado 62. Aqui nem tanto, eu diria que é mais pro centro de Boston. Por aqui ainda continua chegando pessoas do interior, realmente. De fato, eu sei que no Brasil existe movimento de profissionais liberais querendo vir para os EUA. Eu tenho até contato com alguns que querem vir e eu falo: “Olha, não é fácil entrar aqui não, quem tem profissão. Trabalho aqui não falta, pintor, para trabalhar em restaurante, os americanos gostam muito dos brasileiros para esse tipo de trabalho. Mas você chegar com curso superior e entrar nessa área não é

fácil”. A não ser que você venha com dinheiro, se você tem dinheiro e chega pra investir as portas se abrem. O governo americano é o seguinte, você não pode dar prejuízo pra eles, se você paga o imposto, se você contribui com o Estado, tranquilo. Aqui ainda continua chegando essas pessoas do interior e de fato emprego tem. Eu fico imaginando aqui... o brasileiro chega do Brasil, onde lá ele ganhava um salário mínimo por mês, aqui alguns ganham um salário mínimo em dois dias, num fim de semana ele ganha quase igual a um médico no Brasil. Ele trabalha 4 horas num local, 4 horas em outro lugar e às vezes quando chega no fim de semana ele tem no bolso 2 mil dólares, 4 mil dólares, então aqui é o lugar onde ele quer viver, aqui ele se realiza. Mas no entanto tem que ter cuidado, eu costumo dizer que aqui na América tem 3 coisas baratas: gasolina, roupa e comida. O resto é caro, não é barato não. Então às vezes os brasileiros vão com muita sede ao pote e às vezes eles se estrepam um pouquinho. O aluguel é caro, os impostos são caros e sobretudo quem é solteiro, porque o governo mete a mão mesmo. Então às vezes as pessoas se iludem com isso, querem comprar o melhor carro e aqui você compra o carro que você quiser, porque é no leasing né, você paga 300 dólares por mês e compra o carro que você quiser. Você compra uma Mercedes de última geração e paga 300 reais por mês. Porém, às vezes você é iludido também, o que vem fácil também vai fácil, mas é um desafio que se tem.

Pergunta 4. Com 20 anos de sacerdócio, Padre, você já passou por inúmeras realidades, no sentido de experiência com o sacerdócio, com padres, no contato, você inclusive é muito bem quisto, meu Bispo lá de Campos, Dom (...), me recomendou que não deixasse de conversar com você e trazer o abraço dele. Uma mensagem final desses 2 anos de vida com experiência como padre aqui na América.

Entrevistado 62. Quero dizer que pra mim tem sido uma riqueza muito grande, foi mais uma experiência na minha vida. De fato aqui eu tive que reaprender a viver um pouco. Em Niterói eu tinha tudo nas minhas mãos, aqui eu tenho que correr atrás, aqui eu tenho que batalhar, aqui eu aprendi que você é mais um na multidão e que o sacerdote aqui precisa ser um missionário realmente, porque aqui se a gente não for atrás do povo, o povo não vem pra Igreja. E esse é o futuro da Igreja, na minha opinião. Se a gente não deixar a igreja aberta, se a gente não ficar esperando as pessoas na igreja, o povo não vem. E quando eles vêm, precisam ser bem acolhidos, compreendidos e amados e é uma realidade desafiadora muito

grande. Aqui na América a Igreja tem mais estrutura, não é a Igreja missionária como nós entendemos, de ir em busco, de ir ao encontro. É sabido que a Diocese de Boston, por exemplo, fechou quase a metade das igrejas e o processo continua por falta de padres e a presença dos padres brasileiros têm ajudado bastante, pelo dinamismo, pela alegria, pelo entusiasmo. Isso tem ajudado a alguns padres da Diocese de Boston a se animarem também. E pra concluir, pra mim tem sido de muita riqueza, tenho tido bastante tempo pra refletir o futuro da Igreja e também a minha vida de sacerdote, de missão também. Eu penso que quando eu retornar ao Brasil, o que eu aprendi aqui com certeza irei aplicar e certamente será mais fácil o convívio lá com meus colegas sacerdotes e com o povo de Deus.

Pergunta 5. Padre, te agradeço imensamente, obrigado pela acolhida, por ter me recebido, é sempre bom a gente se encontrar, gente da nossa terra, da nossa vida, da nossa história. Que bom que você está realizando esses 5 anos ou mais, Deus sabe dos seus caminhos, Ele te trouxe pra cá, era pra Europa e assim Deus vai conduzindo e cumprindo o projeto Dele na sua vida, com Graça e na intercessão de Nossa Senhora. Muito obrigado, Deus abençoe, um frutuoso trabalho e serviço pastoral!

Entrevistado 62. Amém! Espero que seu trabalho, sua tese, seja realmente bastante edificante.

ENTREVISTA 63 (Grupo de 15 homens).

Pergunta 1. Qual o seu nome?

Entrevistados 63. Grupo de homens.

Pergunta 2. Quantos anos na América?

Entrevistados 63. 13 anos. 24 anos na América. 22 anos. 18 anos. 15 anos. 25 anos. Há 13 anos. 10 anos. 12 anos de América. 27 anos nos EUA. 12 anos. Já tenho 16 anos. 19 anos de América. 17 anos. 16 anos de América.

Pergunta 3. Uma coisa boa:

Entrevistados 63. Oportunidade. Oportunidade de conseguir na América tudo que a gente quer, desde que a gente trabalhe duro. Vir pra América conquistar os objetivos. Trabalho. Oportunidade que a gente tem aqui, trabalho, saúde. Liberdade. Trabalho. A tranquilidade, a paz, a segurança que tem aqui. Um país da realização, onde se você tiver força pra trabalhar, você se realiza. Desde que eu vim pra cá posso dizer que eu sou católico, porque quando eu estava no Brasil eu

não era um católico praticante. E eu me sinto muito feliz de estar participando na comunidade e já estar aqui desde, praticamente, quando fundou a comunidade. A saúde, a segurança, o trabalho. Tem muitas coisas boas, acho que tudo é bom aqui, principalmente a minha família. Conheci minha esposa aqui, fiz minha família aqui. Honestidade dos americanos, tratam os trabalhadores bem, por igual. Segurança em geral, pra quem cria a família e tem filhos aqui.

Pergunta 4. Uma coisa ruim:

Entrevistados 63. Saudade da família. Saudade da família, a distância. Saudade da família. Saudade. Os amigos que a gente deixa, a família no Brasil. A saudade do Brasil. A saudade da família. Documento. Saudade imensa do nosso país e não poder voltar no Brasil a passeio ainda, como é a minha situação e de muitos. Coisa ruim, ruim, não tem, graças a Deus! A saudade da família. Coisa ruim é que a gente deixa uma parte da família no Brasil. Eu queria ser rico, pra não trabalhar, ne (risos). Mas a gente tem que lutar, tem que pensar positivo e batalhar. América é oportunidade, tem que prestar atenção, tem que aprender inglês. Tá na América, tem que aprender inglês. Saudade da família lá no Brasil. Tem 16 anos que estou aqui e nunca fui no Brasil. Saudade do pessoal. E a falta de documento também.

ENTREVISTA 64.

Pergunta 1. Nossa entrevista hoje é com o Padre... Apresentação.

Entrevistado 64. Sou Padre, natural da Argentina, da congregação de Dom Orioni. Desde 1995 que sou sacerdote, tenho 21 anos de sacerdócio. Minha experiência pastoral se realizou num breve tempo na Argentina, depois Europa, particularmente Itália, e desde 2003 até hoje aqui nos Estados Unidos (Boston). Trabalho animando a pastoral do Santuário Nossa Senhora Rainha, obras de Dom Orioni aqui em Boston (Massachusetts) e minha principal atividade é precisamente com os que falam espanhol, os latinos que vem desde o centro da América até o sul da América.

Pergunta 2. Quais são os desafios e as alegrias pastorais nesse trabalho com os migrantes?

Entrevistado 64. Os desafios são muitos. Primeiro, em particular, as características do migrante. O migrante não é uma pessoa que emigra porque necessita de Deus, mas uma pessoa que emigra porque necessita de dinheiro, de progredir. Muitas vezes, necessita sair de realidades de muita pobreza, ao mesmo tempo, muitos

deles precisam sair fugidos do país, seja pelo terrorismo, seja pela violência... Essa é uma primeira característica do imigrante. Os imigrantes não são aqueles que saem do país buscando Deus. Por isso, muitos estão em seus países e são fortemente crentes, têm fé ou uma média formação em relação a Igreja, em relação a catequese, em relação o que é devidamente na vida de um cristão... O que acontece quando um imigrante chega aqui? O imigrante chega aqui e se depara com muitos pontos: em primeiro lugar, o imigrante que vem pela terra são os que passam o pior, porque este imigrante vem com muito sofrimento. Em primeiro lugar, assume a cota da implicação do custo de chegar nesse país. Segundo, as realidades do custo da vida, pois muitos desses imigrantes não chegam e morrem no caminho. E terceiro, chegando nesse país, sentem a necessidade de adaptação ao estilo de vida. Primeiro tratam de encontrar um trabalho que ajude a pagar as despesas que tiverem até chegar ao país. Estamos falando, muitas vezes, de oito mil dólares, dez mil dólares e, ultimamente, de vinte e cinco mil dólares, para poder chegar a esse país por terra. Os que chegam pelo aeroporto tem outra sorte. Essas mais positivas, porém com as mesmas dores. Então, o primeiro ponto é este gente que sai do país não buscando a Deus, mas buscando o dinheiro. Segundo ponto, o risco de chegar a este país. Terceiro ponto, uma vez chegando ao país tem o risco do trabalho, porque neste país se alguém não tem um número, uma identidade ou uma permissão não é nada. Um imigrante ilegal neste país não é nada, simplesmente uma mão de obra de trabalho e dizer que um imigrante ilegal somente trabalha como um rato no circo, todo tempo. Muitos correm outros riscos, porque os que são jovens apostam no trabalho que possam permitir a eles um crescimento; os que têm compromissos familiares, muitos desses, se separam, deixando no país a esposa e os filhos. Aqui reconstroem famílias e têm outros filhos... Os aspectos dos desafios morais e os aspectos dos desafios pastorais são muito fortes. O que acontece com uma pessoa que não busca a Deus, mas busca dinheiro é, precisamente, o maior risco de todos os imigrantes. Por que o maior risco de todos os imigrantes? Nesse país se trabalha de sol a sol e de segunda a segunda, portanto o tempo livre, o almoço de domingo não existe para muitos. Então, trabalhar, trabalhar e trabalhar... A busca de Deus fica para um segundo plano. Os que não se sujeitam a isso se deparam com a pobreza, que é outro desafio pastoral. São as classes de pobreza que trazem a imigração, os imigrantes. É o abandono total da vida de fé e novas vidas morais

que vão surgindo novas relações e novos problemas que vêm ligados a afetividade, a afetuosidade... Eu acrescento que são quatro problemas muito marcantes e é um desafio para a Igreja. Por quê? Porque a Igreja é uma Igreja lenta, muito lenta. Se pelos anos 70 e 60 que forma os grandes fluxos migratórios, não havia comunidades católicas para falar a língua deles. Os evangélicos protestantes e muitas seitas chegaram a estas pessoas com sua língua. A Igreja católica Americana, sobretudo, na parte leste dos Estados Unidos acordou muito tarde. Estamos falando dos anos 80 e 90. Particularmente, nosso caso, que chegamos aqui em 2003, quando o bairro já havia mudado de fisionomia vinte anos antes, era um bairro italiano no começo, nos anos 80 já se tornou um bairro latino e nós viemos para atendê-los vinte anos depois. Ou seja, primeiro os outros, os evangélicos protestantes, pentecostais e todas as classes de religiões atenderam e abordaram os migrantes, porque foram muito mais abertos a recebê-los e a acompanhá-los. Esse é um grande desafio pastoral, tremendo desafio de uma Igreja lenta, lenta em poder responder. Quais as alegrias próprias dos imigrantes e de trabalhar com eles é o encontro com gente de nossa própria cultura e a beleza de poder ajudar. Ajudar em todos os sentidos, no santuário, dentro do que a comunidade latina necessita. Só se ajuda de uma maneira: personalizada. Portanto, um mexicano não é um peruano, um peruano não é um argentino, um argentino não é um colombiano, um colombiano não é um salvadorenho, um salvadorenho é o mesmo porque fala a mesma língua. São todas as culturas distintas. E isso, acredite, é a riqueza da Igreja, porque são gentes fervorosas na oração, talvez de um caminho pobre no passado. Por isso, tratamos de acompanhá-los de uma maneira mais personalizada. Quais são os gestos? Não são as pastorais que podem dispensá-los? Por que nas pastorais simplesmente se identificam pessoas de quem se gosta em troca de uma comunidade acolhedora? Uma comunidade mais acolhedora que não é dividida por grupos, mas que se divide pela irmandade. Estamos valorizando a parte fraterna. A parte fraterna é na América muito forte entre os carismáticos, ocorre que no Sul da América não aceitam os carismáticos. O que fazer então? Num grupo e noutra a comunidade latina em aspectos distintos e com tantas culturas distintas, tratamos de identificar na própria fé, tentamos identificá-los na fé que tem e como seguem a Jesus. Como discípulos, tratamos de identificar a presença e a devoção mariana. Então com esses poucos elementos, trabalhamos a catequese de adultos, o que propriamente é

a evangelização. A catequização das pessoas para uma maior identificação com Cristo. Não grupo, porque muitos identificam uma coisa, outros com outra coisa e dividem. Então procuramos não ter demasiadas coisas que dispersem no encontro com Cristo, na devoção a Maria e na educação. Essa é a alegria, que é a grande resposta. A comunidade latina de Nossa Senhora tem mais de quinhentas famílias, com uma presença dominical de quase oitocentas pessoas. Isso seria, a grosso modo, dizer de uma alegria. Alegria que seria não tanto o que recebemos deles senão o que podemos dar a eles. Os desafios são o que recebemos deles. A alegria é o que nós podemos responder a eles. A respeito da pastoral, a pastoral como digo, a Igreja Católica na América é muito lenta, falo da parte leste e de todo norte, que seria Nova York, Connecticut, Rhode Island, Boston (Massachusetts), Nova Hampshire... Então é lenta porque o fluxo migratório sempre se concentra no oeste da Califórnia e Flórida, então é um maior desenvolvimento de trabalho com imigrantes na zona leste nos últimos vinte anos, que recebeu um fluxo migratório importante. Porém a Igreja não pede a atenção desses grupos. No entanto, a mentalidade inglesa dos pastores católicos da diocese era que as pessoas tinham que se integrar as paróquias americanas. Quando um não sabia o idioma, que é um ponto crucial no migrante, quando não sabia era excluído, marginalizado. Quando alguém se torna e se sente marginalizado vai buscar outras coisas e pior que também busca outras seitas ou grupos religiosos. Então a pastoral nessa parte da América é lenta. Não há, todavia, programas pastorais em Boston. por exemplo, em catorze anos que estou aqui, como a presença de um novo pastor... A igreja de Boston é uma igreja ferida com os famosos casos de abusos e, portanto, uma igreja rechaçada. Não no campo migratório, porque no campo migratório não é algo que afeta, os que creem vão a Igreja e respeitam o padre e tratam de servir a Igreja. A pastoral Americana é muito sintética, se vai uma paróquia que tem um movimento muito grande, pastoralmente falando, se pode dizer que a pastoral Americana é cultural. É cultural e conservadora. Cultural porque as pessoas simplesmente vão buscar a Igreja propriamente sacramental (batismo, 1ª comunhão, confirmação ou matrimônio. É o comum as pessoas no domingo irem a missa e pronto. Existe um estudo bíblico, porém não tem um desenvolvimento de paróquia como conhecemos em nossos países, onde o desenvolvimento de paróquia foca o aspecto social, aspecto social que implica que a paróquia passa tudo e aí quero dizer, aí vem e me encontro com minha gente, aí

vou e me encontro com o que necessito porque aí me batizaram, aí me casei, aí foi a 1ª comunhão. Há uma relação social. Muitos latinos americanos continuam sendo para a Igreja o povo de referência, a paróquia. Aqui a paróquia, para os americanos, é apenas a referência cultural, ou seja, a Igreja é apenas para ir rezar a missa e pronto. Por que digo que é conservadora? A Igreja é conservadora no sentido de protecionismo, pois há tantas e tantas possibilidades de credos, budistas, hinduístas, protestantes, mulçumanos, que são tão bombardeadas de muitas outras maneiras... e estas que a Igreja tende a encerrar-se a conservar o que tem, tanto que há uma aceitação das missas tridentinas e em latim. E dificuldade de uma Igreja Conciliar a uma Igreja pós Conciliar, porque o estilo de pastores e o estilo de cultura. A Igreja Católica aqui é muito conservadora e muito voltada para trás não para frente, mas para trás. Estas condições então, como se trabalha pastoralmente e como aqui é um santuário e tivemos a graça de abri-lo as pastorais étnicas, decidimos trabalhar como paróquia. Então a pastoral diocesana, todavia, tem reflexões no campo espano, muito diferente do campo brasileiro ou de portugueses ou que falam português. Muito distinto e muito crente, porém de reflexão em reflexão, estudos e características. Porém nada concreto em trabalhar com a parte mais forte da catolicidade e participação e de uma garantia a uma futura Igreja Americana muito mais viva pela presença da presença hispana que tem a Igreja. Então aqui, no santuário, se trabalha com uma paróquia onde há as áreas mais importantes de uma paróquia, a parte evangelizadora, onde se atende todos os serviços próprios de evangelização, que seria a vida de formação sacerdotal, batismo, 1ª comunhão, confirmação, classes pré-matrimoniais e catequese de adultos. A área de evangelização no santuário para a parte espana é a mais forte e depositamos toda a nossa atenção. A área litúrgica que conta com todos os ministérios que contém a área litúrgica, coro e ministros da Eucaristia. E a área da caridade que precisamente é a área onde se abre possibilidades de ajudar a certos projetos ou programas que tem necessidades. A parte da espiritualidade é a área que anima pontualmente a comunidade nos quatro tempos importantes da Igreja, com retiros, com formações específicas e assim marcando os quatro tempos da liturgia, a quaresma, advento e o natal e a páscoa. Isso seria o mais forte e o mais concreto. É uma Igreja que não se reserva ao prédio... E sempre uma coisas minha, em todos os aspectos da pastoral, formar as pessoas não dependentes de mim, mas formar as pessoas ao lado da gente, para dar vida a

comunidade. Eu, simplesmente, tenho que ser ponto de referência, no ponto de absorção, no entanto, as reuniões de formação não são feitas aqui, são feitas nas casas de família, porque não queremos centrar a paróquia como único ponto de referência, temos que sair da paróquia para o encontro nas famílias. Por isso, tratamos de não utilizar as instalações, se não sair das instalações não vamos visitar as famílias e as reuniões em casa de família é demais. Isso é muito positivo porque dá a possibilidade de conhecer as pessoas, em uma família que vem a esposa na reunião, estão os filhos e todos. É muito positivo tirar da paróquia todos esses tipos de ministérios e demais reuniões sobre tudo. Visitar as pessoas... É fácil abrir as portas da Igreja, porém é pobre, pois as pessoas também tem que abrir as suas portas. Se a gente não abre nossas portas, a paróquia não está servindo bem. É uma fuga e muita gente escapa para a paróquia porque não quer assumir as coisas da casa. Então, tiramos todos da paróquia e visitamos os ministros na casa de um por um, num mês, no outro mês... Somos culturalmente diferentes, como podemos conhecer um mexicano, um colombiano e conviver, este processo é muito importante. É a parte mais forte da comunidade. Também temos grandes eventos que são sociais, dia das mães, dia do amigo, dia dos pais, dia do Nossa Senhora, são quatro eventos muito fortes, onde fazemos atividades de comemoração e vem mais de mil pessoas em cada evento. A comunidade latina tem uma maior identificação com Dom Orione. Muitos não conheciam Dom Orione, pois muitos países que muitos vieram nós ainda não estamos e aqui é possível fomentar o movimento laico orionista da nossa comunidade. Temos gente que participou dos encontros internacionais, porque nós favorecemos que participem de encontros internacionais da congregação a nível Roma, Argentina, a nível Chile para poder copiar, aprender, para poder tomar este aspecto do carisma. Uma coisa importante que não podemos esquecer é que somos religiosos e pertencemos a uma congregação. Se não vivemos Dom Orione na gente não seríamos religiosos, seria um diocesano e seria muito triste se as pessoas não identificassem isto, o carisma de Dom Orione. Esse é o gancho ou o elo condutor. Todos os dias 16 celebra-se Dom Orione e visita-se um quadro a dois anos de Dom Orione com a Virgem Maria da Divina Providência. Esse quadro já visitou mais de trezentos lugares. Todos os dias 16 visitamos, rezamos um rosário, partilhamos um café com as pessoas e todas as pessoas se reúnem nessas casas. A ideia é essa sair do centro, ir para fora, no centro já nos reunimos aos domingos,

então fazemos presente a paróquia, santuário, também fora. Essa é a característica pastoral aqui. Numa visão geral da diocese, como já disse, é impossível pensar que... isso é impensável para um americano fazê-lo, ir visitar alguém para rezar o rosário é impensável, pois é impensável que tenhamos reuniões nas casa dos ministros, não entra, não entra, a realidade social, o contexto cultural afeta e o contexto da diocese afeta, pois é uma Diocese que não se pode levantar essas questões, todavia, há falta de sacerdotes, há diferença entre sacerdotes, uma Diocese grande, porém, muito dividida entre sacerdotes velhos e novos. Não há contato inter-relacional, então os novos não querem estar com os velhos, os novos não querem assumir as coisas das paróquias, os velhos não querem deixar as coisas, então é o clima Diocesano, bastante complexo. Não há um compromisso social visível, como podemos ver em outras dioceses, com a nossa presença. Se há algo a fazer nesta terra é o caminho ecumênico, sair ao encontro de outras religiões, sair ao encontro de outro diálogo e ser e mostrar que podemos trabalhar juntos, rezar juntos e estar juntos. Coisas que se não acontecem em nossos lugares é porque, talvez, não tenhamos a quantidade de religiosos e líderes religiosos de outras religiões... se pode ir nas grandes capitais, talvez, porém não há o interno... quando trabalhava o ecumenismo na Argentina ou em Mendonça, de onde eu sou, não há sentido o ecumenismo, porque não há a possibilidade de diálogo. Na realidade são pastores evangélicos... Aqui nós temos líderes mulçumanos, budistas, um líder dos chineses, das religiões orientais. É uma delícia e uma beleza congregar e poder estar juntos, rezando e trabalhando nesse sentido, quando algo se sucede ou algo acontece. Qual seria o ponto, o ponto maior a trabalhar é o único ponto proposto a evangelização. A América do Norte é um país que progrediu muito. É um país que pensa adiante, porém é um país que é o mesmo que qualquer outro país. Tem grandes recursos, tem grandes possibilidades, porém tem o mesmo sentido de pessoa, estamos falando de pessoas como centro. Então qual é o desafio na América do Norte? O desafio concreto no Santuário da Mãe Rainha é no que diz respeito que somos a evangelização, não nos esquivarmos de fazer e dar o primeiro passo. Educar as pessoas, formar as pessoas e pensar em retomar coisas não tanto extraordinárias, que não ajudam a direcionar, mas sim o ordinário, ou seja, o que seria o ordinários que encontrem o sacerdote na Igreja, que o padre esteja disponível, que o padre atenda o telefone, que o padre aja como padre e além dessas coisas querem

encontrar o padre visitando. O padre tem que sair. As coisas extraordinárias tem o efeito da cerveja, muita espuma e pouco conteúdo. O ordinário eu acredito que seja o contrário sendo o conteúdo aquilo que nós colocamos como atenção. Penso em várias realidades culturais, por exemplo, o grande evento, tem um retiro grande, que traz um sacerdote de fora e se juntam duas mil pessoas. As pessoas ficam contentes é o efeito cerveja, termina o retiro, o evento, já voltam a rotina, a mesma vida, a vida sem casamento, sem vir a Igreja, a vida do álcool, a vida promiscua, a vida normalmente abandonada... “Ah! Eu fui ao retiro, porém não vou aí”. Então o extraordinário é algo que não coincide comigo, eu não sou de acordo com os grandes eventos. Aqui há outros eventos que são eclesiais e que são muito distintos, eclesiais, porque nos chama a dar testemunho, nos chama a presença. É muito diferente um evento eclesial de um evento grande paroquial onde somente ficamos contentes pelo que sinto e não pelo que testemunho. Este é o grande desafio na evangelização na América. Eu sou contrário de trazer sacerdote de fora e que vem em sentido eclesial. O que distingue eles de mim, a disponibilidade de continuidade, a emoção passa, o padre e o padre fica, tem que estar. O sacerdote não poder estar todos os dias ao telefone, o sacerdote tem que ser sacerdote, é o que o povo reclama. Talvez ajam pessoas intermediárias que não te permitem chegar ao padre, então envolver... Eu creio que a evangelização é o ponto chave de fazer das pessoas verdadeiros seguidores de Jesus. E criar nas pessoas verdadeiros discípulos, porque, ao contrário, tudo se traduz no que diz o Papa, uma grande ONG. Nós tiramos dos outros o proveito da riqueza e não estamos ajudando a nada e também ajudando no jogo do sacerdote profissional, mas de ser sacerdote vocacional é outra coisa, que são os grandes problemas que vejo nos ministérios, sacerdotes profissionais, estudaram para isso e aí estão. E sacerdotes de vocação que estuda para servir. Eu acredito que o grande problema e o grande desafio da evangelização está no sacerdote, em primeiro lugar. Encontrar sacerdotes que sirvam, sacerdotes que sejam sacerdotes e são sacerdotes. O outro ponto é dar as pessoas acolhida, que se sintam amados e queridos na comunidade e que tenham lugar. Para que tenham um lugar precisa ter muito cuidado. A dificuldade dos grupos e os grupos agem como grupos, os grupos não unem, os grupos desunem, dividem. Por isso, acreditamos numa identidade mais eclesial e mais fraterna, que quando amadurecem podemos dizer: bom, eu me identifico, eu não posso ser carismático, amanhã lecionário... Hoje eu

sou o grupo jovem, mas eu não sou da paróquia, um dos que anima esta parte. Grupos são grupos. E isso é muito feio, pois debilita. Mas por que acontece isso? Porque não tem formação, temos uma vontade de cantar, porém não tem ideia do que significa cantar, tem vontade de ler, mas não tem a mínima ideia do que significa proclamar, colocamos alguém para ser sacristão e não tem a mínima ideia do que seja liturgia, essas coisas. Temos que ajudar a formar as pessoas para que saibam tirar proveito disso. Então para a evangelização temos três coisas: o sacerdote que seja sacerdote; as pessoas que se formem; e o caminho da santidade que é uma proposta clara do Evangelho. Se eu não trabalho em uma comunidade e não a animo à santidade é melhor fechá-la.

Pergunta 3. Uma pergunta que se repete muito nas entrevistas com os migrantes, pois as histórias de aproximam, os desafios se aproximam, as buscas também, os sonhos, os ideais e também as mazelas de sofrimento... A nível de migração, de Igreja, de pastoral, de experiência de padre, no contato com a pessoa humana, a nível antropológico, qual a identidade, a cultura do migrante em relação ao encontro pessoal com Jesus Cristo, qual a dificuldade, qual a beleza, qual a proximidade?

Entrevistado 64. O caso concreto da nossa comunidade não é tão variado, por exemplo, a parte antropológica, das pessoas... As pessoas são todas diferentes, culturalmente diferentes, inclusive, de formação diferente. É muito diferente falar com um imigrante que é um médico no seu país e aqui um serviços gerais. É muito distinto falar com um imigrante que é um agricultor e aqui é um cozinheiro, porque isso impacta a pessoa na sua maneira de ser, na sua maneira de como viver tudo isso que está recebendo agora. Segundo, no aspecto antropológico, na comunidade é sempre muito pessoa, tratamos de chegar nas pessoas concreta. E assim, um discernimento, que é outra meta da nossa pastoral. Qual é o discernimento? Primeiro é fundamental (graças a Deus essa não é uma comunidade que tenha muitos ilegais, graças a Deus, na maioria, são pessoas que não têm problemas de imigração ilegal, a maioria tem papéis). Porém o quê que passa, acontece com alguém que chega recentemente? A nossa proposta é o discernimento. Perguntamos: você veio em busca de quê? Qual o teu projeto? Por quanto tempo? Porque se alguém tem essas propostas de discernimento, não só estamos ajudando as pessoas a se encontrarem, pois fique certo que este é um país que pode te prometer muito, porém ao mesmo tempo é um país que pode te

condicionar exageradamente, por exemplo, os jovens que são recém-chegados, que chegam a nós por terra de vinte e vinte e cinco anos que são jovens e adultos, eles precisam saber que se querem a mamãe e o papai em sua casa, nunca mais os terão, nunca mais vão ver, temos que respeitar isso, não somente amo minha mãe porque lhe mando dinheiro, meu amor a minha mãe é porque estou agindo no momento em que tenho que estar agindo assim. É despertar a parte do homem que talvez esteja adormecida, que negamos por outros fins, outras coisas... Então se ajuda a pessoa a tratar da consciência, porque é que está aqui? É o próprio discernimento vocacional, podemos dizer assim, para que você veio? E o tempo? Quanto tempo? Por que você parou aqui? Qual a necessidade sua? Será tanto assim? Por isso se trabalha muito e se propuseram três anos, é muito, ou seja, se der para se dedicaram três anos... Ser o que se propuseram a ser, buscar dinheiro, poder construir a casa da mãe e depois irem embora. Esse é um trabalho claro, me parece, um trabalho migratório, porque se uma pessoa não tem nada afetivamente, está sozinha, isso é a maior carência que se encontra primeiro aqui, a solidão. A solidão os empurra, a tristeza maior da adaptação cada um em seu campo mais variado. A busca de álcool de drogas e fugas muito maiores de prostituição e de outras coisas, então isso que nós tratamos de evitar, ajudar a pessoa a não se sentir só. O que buscamos dentro do campo imigratório aqueles que têm possibilidades de poder solucionar seus problemas, suas situações aqui, porém ajudar com o tema da caridade, o que tem na Diocese, assistência gratuita e centros de especialização gratuita. Acompanhamos muito o tema saúde, que sempre é um ponto escondido pelos migrantes que chegam, ou porque estão com uma grande enfermidade ou porque não podem pagar uma grande operação ou o que seja, então, olhamos primeiro a pessoa, a realidade e fazemos pensar se realmente é necessário estar aqui. Uma das coisas que fazemos com as pessoas que chegam pelo ar, que chegam com visto é não permitir que percam visto, se alguém pode estar aqui seis meses, que estejam seis meses, trabalhem, experimentem, porém voltem rapidamente ao seu país. Porque muitas pessoas e o que são ilegais aqui no país, seja por terra que permanece ilegal, seja pelo ar e que perde o visto se tornam peso, está em um cárcere e depois o aspecto antropológico que todos tem que trabalhar e precisamente o aspecto afetivo, aspecto da solidão e o aspecto da desilusão de saber que a mamãe e papai morreram e você não vai poder estar lá, saber que tem um filho e não pode trazer, saber que deixou uma mulher e agora

está se relacionando, sempre se toca mais o aspecto afetivo, que definitivamente havia esquecido. Mostrar não somente o aspecto humano ou psíquico, mas também o aspecto afetivo, pois tem que ter algo para amar, porque se não tem algo para amar tem que escolher algo para amar e muitos amam o dinheiro vivem tudo isso, muitos, para acumular dinheiro. Tem pessoas que têm cinquenta, sessenta, oitenta mil dólares acumulados, porém vivem como ratos, porque não tem a possibilidade de usar, não tem a possibilidade de andar, pois vão roubar, porque é nada... O aspecto mais forte dos aspectos é que você é uma pessoa que vale muito e que esta realidade se não tem um projeto não serve de nada. Não serve de nada. Então despertar muito o tema da dignidade, despertar muito o tema do amor, e despertar muito o tema que é uma pessoa inteligente e que tem que ter a capacidade de discernir. Ajudar a todos de braços abertos e braços que são os ministérios que compete a nós e a liturgia é fundamental, porque é o ponto de encontro com o outro, de encontro onde rezamos, onde acompanhamos, onde nos encontramos para ouvir e dizer coisas, mas, sobretudo, escutar o que Deus nos pede. Todos são muito importantes. Levar o Evangelho às pessoas é muito importante, para que as pessoas tenham o Evangelho nas mãos e que não chegue como uma nuvem que o afasta e não o deixa expressar na vida.

Pergunta 4. Antes da mensagem final, que falando com outros irmãos sacerdotes, alguns não outros sim, reclamam das pessoas que vem de fora, outros sacerdotes, outros movimentos que vem apenas para um momento, como foi dito de muita espuma de cerveja e que vem por um momento e depois vão embora. É a Igreja do movimento próprio e não eclesial. Este é um problema aqui e também lá no Brasil. Eu mesmo fiquei sabendo de um sacerdote que vinha agora em setembro que na sua diocese de origem há uma reclamação, pois tenho um irmão sacerdote também, a reclamação de todos os sacerdotes lá e que ele não faz comunhão com a Diocese. Ele vem através de um convite dos apostolados para estar aqui. Como isso funciona na sua visão padre?

Entrevistado 64. Nisso, quero falar daquilo que vejo, não falo da comunidade latina, pois eu não permito. Se vem o pastor, vem o sacerdote, vem o pregador e que aqui prega um retiro, as pessoas vão por elas mesmas, mas nunca porque eu peço que vão, isso é importante. Isso que define a Pastoral extraordinária e a pastoral ordinária. Todos os sacerdotes que vem de passagem tem um objetivo e

um proveito econômico, nada vem de graça e nada fazem de graça e aqui, lamentavelmente, acho que focam e olham a comunidade brasileira, porque nós não temos esse espaço, graças a Deus, não os excluimos, nem tão pouco permitimos, porque a pastoral hispana e a pastoral latina na Diocese não estão organizadas e cada sacerdote faz o que pode com sua comunidade, distinto da comunidade brasileira que os sacerdotes se revezam e trabalham juntos e com critérios comuns. Qual é o desafio desse critério? Tem sacerdote que querem brilhar mais que outros, eu creio que isso acontece. Pastoralmente aqui quem manda, não quem manda no sentido autoritário, se eu sou pastor e tenho o meu cargo, minhas ovelhas, meu rebanho, eu posso discernir com o meu povo o que é mais importante. Se uma comunidade brasileira há bastante pastorais eu creio que há poucos pastores... O que fazer? Os sacerdotes que vem, vem porque o povo pede, decidiu e pagam. Esse caminho merece muita atenção. A comunidade brasileira tem um aspecto importante no sentido econômico e financeiro a partir do dízimo, nós não temos isso e fica a cargo do entretenimento da nossa comunidade o entendimento. A comunidade brasileira tem dinheiro, são muito generosos, porém, acho que esse muito não rende, ou seja, é preciso saber no que se gasta. Se vai gastar cinco mil dólares para trazer um sacerdote, eu creio que os cinco mil podem ser utilizados bem em outra coisa, pois eu acredito que todos os sacerdotes que falam português são melhores do que aqueles que vem, porque podem dar seguimento. Essas coisas como eventos, eventos e eventos é um tema que alegra muitos sacerdotes e multiplicar eventos não é formativo, porque se tenho um evento para minha comunidade estou dando a minha comunidade a ferramenta que necessita, já um evento para todos, no geral, nunca em particular, não dá formação, mas informação, que é diferente. Eu creio que todos esses sacerdotes que vem e que vão e que pregam não permanecem, porque as pessoas buscam essas pessoas e a comunidade se divide. Para mim tem um evento no domingo, que é meu dia para encontrar com minha gente, eu vou ao evento onde não e posso encontrar com minha gente... Então isso é super claro que o mais culpado são os sacerdotes, o pastor... O sacerdote que é mais sacerdote do que pastor. Eu creio que o pastor nunca e jamais agiria assim. Qual é o nosso critério na comunidade se há uma atividade externa, que nunca aconteça aos domingos, porque o domingo é dia da comunidade, quando fazemos um evento estamos dando as pessoas participação claro, mas sempre fora, pois se somos comunidade

são para este e para o outro e para todos. Somos todos. Será no sábado onde vem os que querem ver, pois no domingo está o que deve vir. Isso depende um pouco da inteligência, didática, um pouco de pedagogia e um pouco de experiência. Para mim o ponto concreto disso é a pastoral extraordinária, por exemplo, a comunidade brasileira tem o seu dia de confirmação. Todos juntos na Catedral, são mais de duzentas pessoas os que se confirmam. Quando sua comunidade local vai se encontrar com seu bispo? Se os que vão a confirmação são os que estão comprometidos e o resto? A comunidade latina vão nos tempos da nossa confirmação em nossa comunidade. O bispo vem por nós. É o único dia que o bispo se encontra com a comunidade. Haja confirmação ou não haja nada, ou seja, se nós não entendemos e fortalecemos a comunidade, somente estamos perdendo tempo, nem ando fortalecendo um grupo dos brasileiros. Assim entende a Diocese, pois brasileiros não peça nada, pois tem o seu programa. Eu creio que temos que ser nós, sacerdotes, muito mais eclesiais para que as pessoas aprendam a ser Igreja. Segundo, os sacerdotes precisam ser mais comunitários para que as pessoas aprendam a ser comunidade. Isso me parece a coisa mais grave. Que venham num ano ou durante um ano, mas que durante um ano venha seis, sete de diferentes modos e realidades... Esse fato é econômico, pois como digo as pessoas são generosas, os brasileiros são muito generosos.... Se eu vou por três dias, não somente tenho a viagem, pois também em três dias posso levantar muito dinheiro... Que responsabilidade tenho eu se não trabalho na Diocese? Então como te digo, os brasileiros tem esse defeito sim, um defeito esse que buscam muito essas coisas e buscam pouco o encontro, por isso as comunidades não tem uma fisionomia. Todos os domingos você vai rezar missa e tem rostos novos, são quem? O segundo ponto que é a maneira, por exemplo, se sou leitor não sou ministro, se sou ministro não sou catequista, se sou catequista não sou do coro, porque este lugar deve ser ocupado por outro, pois se vou ocupar todos esses lugares e os outros? Esse é outro ponto negativo e que eu vejo muito diferente. A riqueza da participação, uma coisa que digo, as pessoas também precisam ser educadas, as pessoas têm que ser educados e vocês da comunidade brasileira tem muitas capacidades, pois os líderes tem muita formação. Porém os líderes não formam novos líderes, os líderes se formam, se formam, se formam e estão aí e continuam aí... Isso não é bom.

Pergunta 5. Como diz o Evangelho ficam na porta, não entram e não deixam ninguém entrar.

Entrevistado 64. E isso não é bom. É preciso fazer um rodízio com as pessoas, os líderes, essa palavra nós não usamos na comunidade, porque a expressão espanhola não tem a expressão de dizer é dono, chefe, ou seja, patrão. E aqui na América a palavra líder é utilizada para isso. No espanhol líder tem outra concepção, outra coisa, então, para mim me parece que há muita riqueza dos sacerdotes que vem de fora, porém, não creio que tenham uma identidade, ou um fim comum, é muito pessoal, eu imagino muito pessoal.

Pergunta 6. Encerrando lhe agradeço imensamente essa contribuição preciosa para minha pesquisa. Encerrando, assim, uma mensagem, um desfecho final daquilo que nós tratamos aqui: migração, pastoral, Igreja, evangelização, que se juntam em um mesmo projeto de encontro com Jesus Cristo que é o que gostaríamos que acontecesse.

Entrevistado 64. Eu creio que a situação do mundo, é muito importante ter um conhecimento global, porque um não pode excluir o outro. Aquilo que vem chegando por um custo ou aquilo que chega simplesmente, porque vem buscar, tem no mais profundo do coração um motivo. Eu como sacerdote tenho que descobrir o motivo e se é verdadeiro. E se esse motivo pelo qual ele não vai perder a dignidade nem vai perder a capacidade de buscar a Deus. Segundo, temos que ser padres, porque o ponto de vista pelo qual as pessoas nos buscam é o buscar a Deus, pois se buscam outro Deus, que é o dinheiro, eu tenho que mostrar a eles como padre, porque o aspecto da solidão, o aspecto afetivo que tocam essas pessoas tem que encontrar um referencial e um referencial caloroso, um referencial que inclua e diga a pessoa, eu te quero, eu te amo, eu te necessito, podemos juntos estar bem. E isso é o trabalho de um sacerdote. Quem não somente indica e ensina, mostra a esse que chega e faz experimentar o amor de Deus, que não nos abandona. Um Deus que está acompanhando. Terceiro, no campo do discernimento, tenho que ajudar as pessoas a olharem e a saberem o caminho e escolher o melhor. O quanto que ele não está só e porque não está só pode integra-se. Tem que ter comunidade, porque a realidade de estar só, de não ter uma família. A realidade de ter uma família pequena, não ter um grupo de amigos, tem que sentir-se acompanhado. Se algo acontece em casa vamos te ajudar a superar, inclusive, monetariamente. Ajudar os que estão aqui. Ou seja,

que a Igreja, a comunidade não seja algo que busco porque necessito agora, não. Se não pode despertar que a comunidade paroquial aonde eu vou está me garantido, os recursos e tantas outras coisas que tanto necessito. As pessoas necessitam de Deus. Eles vêm quebrados na fé, por muitas coisas que passam e por muitas coisas que passaram. Eu quero insistir na pessoa do sacerdote. O sacerdote é um administrador dos dons, é o administrador dos carismas. Então os sacerdotes têm que ajudar a essas pessoas que vêm quebradas, porque não é fácil. Eu posso viajar a qualquer momento, eu posso resolver a minha situação em muito pouco tempo... É muito duro encontrar-se só, quando te ligam de casa com sua mãe chorando, enferma, quando teus filhos te chamam e você não pode fazer nada. Pensar isso e nessa pessoa, que recebendo o mesmo, não pode viajar, não tem os meios e sabe que o que tem é definitivo. É duro, é muito duro. Então eu creio que o sacerdote tem que ser sacerdote. E aqueles que vem para trabalhar como sacerdotes, cuidar para não se perderem, não esquivar-se de que vieram para ser sacerdotes, para ser pastores, para por Jesus no coração dessas pessoas. Porque senão os outros põem... Há outros que estão pondo outras coisas em seus corações e depois não podemos nos lamentar... As pessoas são assim por nosso descuido. Ser com os outros.

ENTREVISTA 65.

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistada 65. Meu nome é (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 65. Sou de Minas Gerais, Conselheiro Pena.

Pergunta 3. Que idade você tem?

Entrevistada 65. 37.

Pergunta 4. Quanto tempo que você está aqui?

Entrevistada 65. 13 anos.

Pergunta 5. Você casou aqui ou já veio do Brasil casada?

Entrevistada 65. Casei aqui.

Pergunta 6. Casou com americano ou brasileiro aqui?

Entrevistada 65. Com brasileiro.

Pergunta 7. Ficou alguém da tua família pra lá?

Entrevistada 65. Meus pais.

Pergunta 8. Ainda estão lá, estão vivos?

Entrevistada 65. Sim, estão vivos.

Pergunta 9. Você escolheu vir pra cá por quê? Já tinha parentes aqui?

Entrevistada 65. Também. Tinham meus dois irmãos aqui, nós somos três filhos, dois irmãos e eu. Meus irmãos já viviam aqui e eu e meu noivo na época tentamos começar a família no Brasil, ele tentou vários tipos de emprego, mas infelizmente não conseguimos. Então restou essa opção de vir.

Pergunta 10. E como é que você foi recebida pelos brasileiros que já estavam aqui?

Entrevistada 65. Fui muito bem recebida. Alguns me chamaram de louca na época, por eu ter feito Faculdade lá, Pós Graduação e já estava exercendo a minha função. Eu fiz Pedagogia e depois fiz Supervisão Escolar. Mas em nome do amor eu larguei tudo e vim formar minha família aqui.

Pergunta 11. Você já veio falando inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistada 65. Eu aprendi aqui, na prática a gente aprende mais. Só nos livros não dá, é bem diferente da prática.

Pergunta 12. Se alguém falasse hoje assim: “Vou tentar minha vida na América”. Você aconselharia alguém a migrar?

Entrevistada 65. Sim, aconselharia. Vale a pena.

Pergunta 13. Vocês vieram por terra ou pelo ar?

Entrevistada 65. Eu vim pelo ar e meu esposo pela terra.

Pergunta 14. Quando você pensa no Brasil, o que mais sente falta?

Entrevistada 65. Família.

Pergunta 15. Faz tempo que você não vê?

Entrevistada 65. Não, graças a Deus eu tenho a oportunidade porque meus pais podem vir. Todo ano eles vêm. Mas já no caso do meu esposo tem 15 anos que ele não vê a mãe. Os irmãos estão todos aqui, eles são cinco homens, só a minha sogra lá.

Pergunta 16. Você participava da Igreja Católica lá?

Entrevistada 65. Sim, sempre.

Pergunta 17. E aqui você continua?

Entrevistada 65. Sempre.

Pergunta 18. A Igreja Católica pra você aqui, num país diferente, estranho, o que ela significou pra você no início?

Entrevistada 65. Quando a gente chega realmente é bem estranho, a gente sente falta de um acolhimento maior dentro da própria Igreja, sabe? Sente um pouco frio, comparando com o Brasil, perto do que a gente vivia lá.

Pergunta 19. Claro que a Igreja é sempre a mesma, mas tem diferença entre uma Igreja e outra, não é verdade? No jeito de celebrar dos americanos, dos hispanos, etc.

Entrevistada 65. Sim, a Igreja americana é muito fria, são 45 minutos, no máximo, de celebração, tudo lido e pouco canto. Livro na mão, você segue e responde o que perguntarem.

Pergunta 20. O que você mais gosta da Igreja?

Entrevistada 65. Eu gosto de estar junto mesmo com o povo, eu gosto de me sentir útil, de ajudar no que eu puder.

Pergunta 21. E do que você não gosta?

Entrevistada 65. Da frieza, às vezes. Sinto falta às vezes de mais encontros, mais aquela “coisa quente” que não tem aqui.

Pergunta 22. Em termos de justiça social, em algum momento você sentiu algum preconceito, alguma dificuldade por ser brasileira, ou outros que você conheça por serem de países diversos?

Entrevistada 65. Esse preconceito existe sim. Graças a Deus, quanto a mim eu não posso falar que já sofri, mas a gente houve falar toda hora. No próprio trabalho às vezes eles dão preferências pra certas raças, pros brancos, pros italianos ou pros hispanos, ou japoneses. Então querendo ou não eles separam.

Pergunta 23. Você era formada, fez pós lá ... aqui, quando você chega na América deixa de ser um diferencial?

Entrevistada 65. Sim. Aqui você passa a ser um ninguém, né. Seu diploma aqui não é nada. Eu me lembro bem que bem no começo, uma das vezes que minha mãe veio passear e tal, eu começando um trabalho de *house cleaner*, que é limpeza das casas, minha mãe na simplicidade dela tentando falar com as patroas, que lá eu era professora, eu era diretora e tal, eu falava: “Mãe, isso não adianta aqui, eu sou ninguém, vamos limpar aqui e é esse meu trabalho e pronto”.

Pergunta 24. Isso é uma preocupação que os padres têm, eu entrevistei o Padre, porque depois daquela medida de migração mais antiga, me parece que agora começou pela crise, pela dificuldade no Brasil, a imigração

aumentou um pouquinho. Tem muita gente formada que vem, achando que aqui vai ter espaço.

Entrevistada 65. Muita gente. Todos os dias você ouve falar. Chega farmacêutico, advogado, fisioterapeuta, todos os dias. Tem três semanas que chegou uma amiga minha, farmacêutica.

Pergunta 25. Padre (...) me passou num sentido muito carinhoso uma questão de determinação de fé. Você falou que tem 2 crianças, um de 9 anos que é o (...) e ela de 4 anos que é a Isabela. E você teve uma gravidez complicada, não foi?

Entrevistada 65. Sim. Do (...). Quando eu estava no quarto mês de gestação... Primeiro tudo começou com um sonho, né. Nós viemos noivos do Brasil, eu já namorava meu esposo há 7 anos, aí ficamos noivos, ele veio primeiro e depois de 1 ano eu vim e a gente casou. E um dia, em sonho, ainda no Brasil, eu sonhei que a gente tinha casado, que teríamos um filho e que seria (...). E daí o tempo passou, a gente casou, participando sempre da Igreja, nós éramos catequistas em uma comunidade e chegou o dia: eu realmente engravidei e era um “boy”. E daí no quarto mês de gestação eles descobriram que o (...) tinha um problema raríssimo, eles não conseguiam ver o coração dele. Daí foram feitos vários exames, eles me mandaram para um Centro maior e descobriram que o problema dele era muito sério, era raríssimo. Houve uma má formação no coração dele, que parecia qualquer coisa, menos um coração normal. E daí eles falaram que eu podia abortar a qualquer momento, que minha gravidez seria de risco, que eu não chegaria ao sexto mês, me induziram a tira-lo por várias vezes. Disseram que eu podia sair do Estado, se eu quisesse abortar legalmente até a 23^a semana, porque aqui dentro ainda é ilegal, né. E daí a gente seguiu com a gravidez, graças a Deus, eu passei do sexto, do sétimo, do oitavo e eles disseram que meu parto seria bem complicado porque o bebê não teria forças pra nascer de um parto natural e a cesariana também seria muito complicada, se eu chegasse a ter. Daí me induziram por 72 horas e o (...) veio. Daí eles já sabiam que com 5 dias ele ia ter que passar pela primeira cirurgia e o medo deles é que ele viesse muito pequeno, mas ele veio com 4 quilos, veio um bebê muito forte, o maior bebê do berçário. E daí com 5 dias ele fez a primeira cirurgia, passaram-se 6 meses e o cirurgião nos chamou, dizendo que estava na hora da segunda cirurgia, mas que ele não se sentia confortável em fazer, porque seria a mais difícil de todas. Daí a gente desesperou,

mas graças a Deus enviaram novos médicos, novos hospitais e a gente foi pra segunda cirurgia e graças a Deus ele se recuperou muito bem. Seria a mais complicada, onde eles colocariam veias nos lugares certos, onde era pra estar aberto estava fechado e eles abririam, onde estava aberto eles fechariam, muito complicado. E daí o tempo passou e a gente checando a cada 4 meses indo ao cardiologista, até que chegou a próxima cirurgia que foi com 5 anos. E graças a Deus também correu tudo muito bem. E ele teria que fazer mais duas, eles não sabiam quando, daí em março desse ano ele teve uma febre muito alta e ficou internado, foi até na Semana Santa que isso aconteceu e os médicos detectaram que ele pegou uma bactéria e a bactéria se alojou no coração. E os médicos acharam mais seguro trocar a válvula e a gente foi pra mais uma cirurgia. A gente sabe que ele tem mais cirurgia pela frente, mas eles não sabem quando, vai depender do tamanho dele pra ser trocada a válvula, mas ele venceu. E estamos vencendo, graças a Deus!

Pergunta 26. Uma história de muita fé, de muita coragem, porque foi uma decisão que você tomou, que vocês dois tomaram por conta própria, vocês optaram pela vida e até hoje lutam por ela. E o (...) é um guerreiro, é um abençoado de Deus, passar por tantas cirurgias e ainda enfrentando as realidades da vida. E a vida sempre compensa.

Entrevistada 65. Sim. E a cada cirurgia, elas têm a duração de 7 horas a 7 horas e meia, o cirurgião vem falar com a gente que ele é muito forte.

Pergunta 27. Ele quer viver e vai viver, pela graça de Deus. Deixe uma mensagem final, diante do seu testemunho de vida.

Entrevistada 65. Eu digo pro meu esposo que hoje eu sei assimilar melhor porque que a gente veio parar aqui. Muito além de ganhar dinheiro, muito além de fazer a vida, hoje a gente entende o sentido real de estar aqui. Primeiro a saúde do nosso filho, porque se a gente tivesse tido ele no Brasil, com certeza ele não sobreviveria e o tanto que a gente cresceu, amadureceu. Então o que eu digo para as pessoas é ... respeite o tempo de Deus. Tem gente que tenta vir de qualquer jeito. Tente ouvir o que Deus quer pra sua vida, o que Deus quer de você e ouça e siga com fé que você vai conseguir. Às vezes a gente não entende na hora, né, mas depois a gente entende. E hoje eu consigo ver claramente o quanto que eu amadureci, cresci na fé. Foi necessário talvez que a gente estivesse aqui pra que isso acontecesse.

Te agradeço imensamente, muito obrigado pela disposição de ter vindo. Deus abençoe sua vida, a vida do seu esposo, abençoe a (...), que ela continue crescendo em idade, sabedoria e graça diante de Deus, Deus abençoe o (...), que ele continue sendo forte! E como diz a própria Palavra de Deus: o que está na mão de Deus ninguém tira!

ENTREVISTA 66.

Pergunta 1. Qual seu nome?

Entrevistado 66. (homem).

Pergunta 2. Quanto tempo de América?

Entrevistado 66. Esse ano faço 21 anos.

Pergunta 3. Você é de que lugar do Brasil?

Entrevistado 66. Sou de Coronel Fabriciano, fica em Minas Gerais.

Pergunta 4. Muito bem! E você veio por terra ou pelo ar?

Entrevistado 66. Pelo ar. Vim de avião.

Pergunta 5. A tua profissão aqui?

Entrevistado 66. Pedreiro e paisagista, “landscaper”.

Pergunta 6. Veio com toda família?

Entrevistado 66. Não, sozinho. Deixei toda minha família, meus irmãos e meus pais no Brasil. Hoje eu tenho dois irmão aqui, meu pai e meu irmão mais velho do Brasil, minha mãe é falecida.

Pergunta 7. E me conta uma coisa, por que você escolheu vir pra cá?

Entrevistado 66. Desde os 12 anos era um sonho que eu tinha de vir pra cá.

Pergunta 8. Você aconselharia alguém a migrar?

Entrevistado 66. Sempre!

Pergunta 9. Você falava inglês quando veio?

Entrevistado 66. Não, nada. Aqui que eu aprendi, trabalhando, sem escola, no dia a dia.

Pergunta 10. Quando você pensa no Brasil do que você mais sente falta?

Entrevistado 66. O que mais eu sinto falta do Brasil hoje? Seria da família e das frutas que são mais doces.

Pergunta 11. Você se sente realizado aqui?

Entrevistado 66. Muito.

Pergunta 12. Já constituiu família aqui?

Entrevistado 66. Tenho família, tenho duas filhas.

Pergunta 13. Você participava da Igreja no Brasil?

Entrevistado 66. Não. Eu comecei a frequentar a Igreja Católica com 23 anos, fui batizado, fiz Primeira Comunhão, crismei e casei. Tudo aqui na América.

Pergunta 14. Como você foi recebido pela Igreja Católica?

Entrevistado 66. Na época não fui muito bem recebido, mas também eu não era “de igreja” então não podia exigir nada. A minha descoberta com a Igreja foi aos poucos e quando você começa a participar da comunidade, você começa a conhecer mais e interagir mais com a comunidade.

Pergunta 15. E com os americanos?

Entrevistado 66. Tenho muitos amigos americanos, mas a convivência é muito pouca. Não tenho muita vida social, até porque eu não gosto de ter muito esse contato, porque a cultura e a realidade são diferentes. De experiência, falando dentro do meu trabalho, dentro do que eu faço, são muito poucos os americanos que, quando você trabalha pra eles, te convidam pra voltar na casa deles. E dentro da parte religiosa a gente ajuda as Irmãs Paulinas e uma das freiras fez 25 anos de ordenação e ela me convidou pra estar com ela na missa e eu fui sincero com ela, disse que eu poderia ir, mas que não era muito social com os americanos. Eu até pedi pra Irmã (...) sentar comigo e com minha esposa na mesa. Enfim, foi uma experiência nova pra mim.

Pergunta 16. A Igreja é a mesma, mas existe diferença entre o jeito de celebrar dos americanos, o jeito de celebrar dos brasileiros?

Entrevistado 66. Sim, é a mesma, mas a cultura é diferente, eu vejo mais pela parte da cultura. Por exemplo, o americano é mais silêncio, mais calmo, mais tranquilo; o brasileiro já vejo a missa mais avivada. E a comunidade hispana eu vejo uma missa ainda mais avivada que dos brasileiros. É a mesma missa, mas celebrada de forma diferente.

Pergunta 17. O que você mais gosta da Igreja? O que mais te ajuda a ficar na fé da Igreja Católica?

Entrevistado 66. Jesus... e a doutrina da Igreja. Mas é Jesus, meu olhar está Nele.

Pergunta 18. E tem alguma coisa que você menos gosta?

Entrevistado 66. O que eu menos gosto? O autoritarismo; e não a autoridade.

Pergunta 19. Jesus agia com autoridade e dava oportunidade a todos. O autoritarismo silencia, cala. Dentro dessa pergunta, em termos de justiça

social, você sentiu nesses 21 anos, ou ainda recém chegado, um tratamento, um olhar diferente?

Entrevistado 66. Sempre. Isso existe. Eu fui trabalhar na casa de uma família, muito rica por sinal, que foi referência de um construtor, que deu referência do meu nome e quando cheguei a mulher era Vice Presidente de um banco. Então o fato de ser imigrante e ter limitação no idioma, quando eu comecei a conversar com eles eu vi claramente no rosto dela que ela estava me discriminando pela forma que eu falava, tanto que ela não terminou a reunião que nós tínhamos pra estar conversando sobre o projeto que eu ia fazer na casa deles. Hoje quem dá toda manutenção e faz todo trabalho da casa somos nós. No início foi uma barreira, porque eu era imigrante, a cor da pele não era branca, não falava o idioma direito, então tem toda essa discriminação aí envolvida.

Pergunta 20. Você voltaria um dia pro Brasil?

Entrevistado 66. Não, nem no caixão. Já até escolhi onde eu quero ser enterrado aqui.

Pergunta 21. E suas crianças, que não devem ser mais crianças (risos)?

Entrevistado 66. Não, (...) tem 16 e (...) tem 9, vai fazer 10 em fevereiro.

Pergunta 22. Elas falam português e inglês?

Entrevistado 66. Fluente. Se o senhor conversar com a (...) o senhor não vai falar que é americana, filha de brasileiros. E português ela fala igual ao nosso assim.

Pergunta 23. Houve um tempo de uma migração maior pra cá nos anos passados, na década de 90, depois deu uma diminuída e agora volta a ter um fluxo muito grande e com um perfil diferente, pessoas que lá no Brasil têm Mestrado, Doutorado, já estão formados, sonhando que aqui vão trabalhar exercendo a profissão, mas quando chegam aqui a realidade é totalmente outra, ne?

Entrevistado 66. Sim, sim. Eu tenho hoje comigo duas pessoas brasileiras, que eu não chamo de funcionários, que me ajudam e tenho 7 pessoas que são da Guatemala. Dos dois brasileiros, um é sargento do exército no Brasil, que pediu licença por dois anos e veio pra cá; e o outro é um jovem de 18 anos, que recebeu 70 % da faculdade paga pra medicina e que já mora aqui há um ano e também trabalha comigo na construção pra se manter.

Pergunta 24. Muita gente sofre com a questão da documentação aqui, muita gente que tem família no Brasil e não tem como visitar, principalmente quem

vem pelo México. Você conhece muita gente sofrida nesse sentido, que passou dificuldades para atravessar a fronteira?

Entrevistado 66. Sim, tem muita história. A questão da documentação é algo muito sério. Hoje eu vejo a questão da carteira de motorista, não tanto a permissão de viajar, de ida e volta, ou até o ponto da pessoa se tornar cidadã que é um processo longo, mas na minha experiência, o que eu vejo, é que a carteira de motorista hoje é o essencial na vida do imigrante. É uma situação constrangedora, humilhante, doída até pra gente que graças a Deus tem toda documentação que precisa. Mas às vezes a gente vê um carro parado e a primeira coisa que eu penso é “Ô, meu Deus, proteja, tomara que não seja um imigrante”. Porque a gente sabe que dali vai pra cadeia, eles chamam a empresa pra levar o carro da pessoa, a pessoa depois tem que aparecer na Corte, diante de um juiz, então é processo que é um sofrimento, uma humilhação que as pessoas passam. Então não é nem tanto o “greencard”. Tem muita história, muita história. Já perdi a conta de quantas vezes eu fui tirar carro que já prenderam, de ir ajudar uma pessoa diante de um juiz, pra dirigir a pessoa até a Corte, enfim, eu vejo dessa forma.

Pergunta 25. Pra finalizar, diante dessa experiência de Jesus, dessa experiência de fé, deixe uma mensagem.

Entrevistado 66. Que todas as pessoas possam conhecer e buscar de verdade a riqueza que a Igreja Católica tem, diante de Jesus, da presença do Espírito Santo, porque é através do Espírito Santo que nós conseguimos nos aprofundar cada vez mais na nossa fé, na nossa Igreja e conhecer cada vez mais Jesus Cristo, que é o caminho.

Pergunta 26. Amém! Muito obrigado! Deus abençoe!

ENTREVISTA 67.

Pergunta 1. Qual seu nome?

Entrevistada 67: (mulher)

Pergunta 2. Quanto tempo faz que você tá aqui?

Entrevistada 67. Eu cheguei aqui em 92. Então estou aqui há 24 anos, fez agora em abril.

Pergunta 3. Você é de que lugar do Brasil?

Entrevistada 67. De Governador Valadares, Minas Gerais.

Pergunta 4. Tua profissão?

Entrevistada 67. Sou faxineira, “house cleaner” aqui.

Pergunta 5. Que idade?

Entrevistada 67. 68 anos, vou fazer em outubro.

Pergunta 6. Veio todo mundo pra cá ou ficou gente da tua família lá?

Entrevistada 67. Só eu. Vim com a cara e a coragem. Sozinha. Meus pais faleceram, quando eu saí de lá eles já tinham falecido. Mas ficou irmão, irmã, meus sobrinhos cresceram sem eu ver. Ninguém da minha família até hoje veio nem me visitar. Eu já posso ir, graças a Deus!

Pergunta 7. Você veio de avião ou pelo México?

Entrevistada 67. De avião, na cara e na coragem.

Pergunta 8. Você aconselharia alguém a migrar?

Entrevistada 67. Olha, eu fico muito na dúvida se eu aconselharia, porque na época que eu vim já era difícil. Mas eu creio que agora tá mais difícil ainda porque chega aqui e não consegue documento, não consegue uma carteira de motorista, que é a coisa principal pra gente aqui. Então cada dia tá ficando mais difícil. Agora, se conseguir o visto lá pra entrar legalmente, vem! Chega aqui e resolve. Mas por outro lado, pelo México ou outras loucuras eu não aconselho.

Pergunta 9. O que mais você sente saudade do Brasil?

Entrevistada 67. Agora, assim, no momento, o que eu tenho sentido muita falta é da minha família, porque eu vim para cá com quarenta e poucos anos e já se passaram vinte e quatro e chega aquela hora que a pessoa vai ficando na idade e quer estar perto da família.

Pergunta 10. Você já era católica lá no Brasil?

Entrevistada 67. Já era de formação. Meus pais era católicos.

Pergunta 11. E quando você chegou aqui como foi recebida pelos brasileiros católicos?

Entrevistada 67. Olha, muito bem! Eu cheguei aqui foi pra Nova York, depois fui pra Virginia e morei com um pessoal crente, depois eu vim pra Boston, foi onde abriu os horizontes pra mim. Eu encontrei pessoas maravilhosas, que me deram todo apoio e a primeira Igreja Católica que eu entrei foi aqui em Boston. E foi muito bom, eu já cheguei tendo uma família. A Igreja pra mim foi e é uma família.

Pergunta 12. Você estava dizendo sobre uma carta, que foi uma pessoa crente que te escreveu?

Entrevistada 67. É, engraçado, quando eu cheguei aqui, o pessoal nem sabia que eu vinha aí eu me arrumei e vim, uma senhora muito querida, amiga da minha família me escreveu uma carta, falando pra eu procurar uma igreja. Ela é evangélica, mas falou assim: “Não importa, procure uma igreja”, e foi o que eu fiz. Eu já estava com essa intenção mesmo e aquela carta me tocou muito. E toda vez que eu vejo pessoas que estão chegando, se eles não estão aqui na igreja eu já aconselho pra procurar uma igreja.

Pergunta 13. E pelos americanos, como você foi recebida?

Entrevistada 67. Olha, falando sério, eu fiquei bem surpresa, fui muito bem tratada. Eu comecei trabalhando com uma outra pessoa, dando “help” e chegando nas casas eu fui bem recebida. Eu pensava de ter uma discriminação por eu ser da cor negra e não teve. Até hoje tem famílias que eu ainda trabalho pra elas e nunca tive problema, nunca me senti discriminada por eles.

Pergunta 14. Quando você veio, você falava inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistada 67. Falava nada! Muito mal o “Hi” e o “bye” (risos).

Pergunta 15. (Risos) E pra finalizar, o que você diria que a Igreja é na sua vida nesses 24 anos de América?

Entrevistada 67. Pra mim foi tudo, tudo, tudo. Foi uma família que eu encontrei aqui. Eu nunca procurei perfeição. A Igreja a gente vai à procura de Jesus Cristo. É claro, existe coisa às vezes, ne ... mas eu nunca olhei isso.

Que bom! Eu lhe agradeço imensamente, Deus continue lhe abençoando, foi um prazer conhecer você e conversar com você.

ENTREVISTA 68.

Pergunta 1. Qual seu nome?

Entrevistado 68. (homem).

Pergunta 2. Que idade você tem?

Entrevistado 68. 28 anos.

Pergunta 3. Quanto tempo aqui em Boston?

Entrevistado 68. Um mês.

Pergunta 4. Você é de que lugar do Brasil?

Entrevistado 68. Sou de São Paulo, interior, Guaratinguetá.

Pergunta 5. Muito bem! E você veio pra cá pra ficar?

Entrevistado 68. Vim pra estudar e ficar.

Pergunta 6. Você veio sozinho ou com tua família?

Entrevistado 68. Vim com minha tia e meu primo. Meu tio já estava aqui.

Pergunta 7. Você já veio falando inglês ou tá aprendendo aqui, na marra?

Entrevistado 68. Estou aprendendo na marra (risos).

Pergunta 8. (Risos) E quem você deixou no Brasil?

Entrevistado 68. Deixei pai, irmão e namorada.

Pergunta 9. O que mais você sente falta do Brasil?

Entrevistado 68. Sinto falta da comida, do clima e das pessoas, da família, da namorada.

Pergunta 10. Você veio pra fazer que curso aqui?

Entrevistado 68. Vim pra estudar inglês.

Pergunta 11. Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistado 68. Eu participava da igreja sim e de um grupo de oração toda segunda-feira.

Pergunta 12. E aqui você ainda não encontrou um lugarzinho?

Entrevistado 68. Na verdade tem uma próxima da onde estou morando, mas ainda não descobri o horário da missa.

Pergunta 13. Qual tua impressão sobre os brasileiros que já moravam aqui, que você conheceu nesse um mês?

Entrevistado 68. A impressão que eles me passaram é que é um país muito bom, que tem muita segurança e que se trabalha muito. Essa foi a impressão que eu tive nesse mês que eu estou aqui.

Pergunta 14. E o que você achou dos americanos?

Entrevistado 68. Tem uns que são bem simpáticos e outros que são bem grossos. É o extremo. E realmente eles gostam muito de trabalhar aqui.

Pergunta 15. E você pretende ficar por aqui mesmo ou pretende voltar pro Brasil depois que terminar o curso?

Entrevistado 68. Depois da conclusão do meu curso eu pretendo voltar pro Brasil. Daqui a dois anos eu concluo o curso.

Pergunta 16. A namorada te espera, com certeza, ne? (Risos)

Entrevistado 68. A namorada me espera, assim penso eu. (Risos)

Eu te agradeço imensamente. Boa sorte nos seus estudos e não desanima não, o começo é assim, depois piora um pouco, depois começa a melhorar. (Risos)

ENTREVISTA 69.**Pergunta 1. Qual seu nome?**

Entrevistado 69. (homem).

Pergunta 2. Você é natural da onde?

Entrevistado 69. Garibaldi, Rio Grande do Sul.

Pergunta 3. Quanto tempo aqui em Boston?

Entrevistado 69. 11 anos.

Pergunta 4. Você veio sozinho ou com tua família?

Entrevistado 69. Sozinho. Moro sozinho, vivo sozinho. Aqui eu não tenho família, não tenho parentes, não tenho ninguém próximo. A minha família é a Igreja.

Pergunta 5. Você já veio falando inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistado 69. O inglês muito, muito básico de escola, então era a listinha de verbo “To be”, umas palavras, algumas expressões e tudo mais foi aprendido aqui.

Pergunta 6. E tua profissão?

Entrevistado 69. Eu sou pintor.

Pergunta 7. E seus pais ainda são vivos, moram ainda no Sul do País?

Entrevistado 69. A nossa família, no caso do lado da minha mãe que é mineira, eles moram em Minas Gerais, eles estão ainda vivos, apesar do meu pai estar há um ano e um mês em coma. Mas a família do meu pai ainda mora no Rio Grande do Sul.

Pergunta 8. E o que mais você sente falta do Brasil?

Entrevistado 69. A família, porque tem 11 anos que eu tô sozinho, doente, bem, aniversário, Natal, tudo sozinho.

Pergunta 9. Você entrou por ar ou por terra?

Entrevistado 69. Por terra.

Pergunta 10. Fez México?

Entrevistado 69. Sim.

Pergunta 11. Difícil?

Entrevistado 69. Foi difícil, vim correndo pelo deserto.

Pergunta 12. Quanto tempo?

Entrevistado 69. Ah, a minha viagem foi rápida, porque eu cheguei rápido até lá, mas levei uma semana. Uma semana toda a viagem, porque saí de casa, já cheguei no México no dia seguinte, fiz a travessia e quando terminou já entrei num Hotel, tomei banho, peguei o avião e vim pra Boston.

Pergunta 13. Como você foi recebido pelos brasileiros que já estavam aqui?

Entrevistado 69. As pessoas que me receberam, me receberam muito bem apesar de eu não conhecer essas pessoas. Tinha uma pessoa conhecida minha, foi essa pessoa que me acolheu. No princípio era difícil porque não havia essa quantidade de restaurantes, padarias, pessoas andando pelas ruas, era tudo muito escondido ainda. A quantidade menor e as pessoas eram ainda muito recolhidas. Hoje em dia você anda pelas ruas na cidade onde eu moro e é bem tranquilo, todo mundo falando português pela rua afora, vários comércios, todos os tipos de comércio. Mas quando eu cheguei era um padaria, um restaurante, uma pizzaria, então tudo era bem mais complicado nesse sentido. Ninguém falava português, às vezes você ligava pra algum lugar, se você não soubesse inglês tinha que tentar o espanhol, não havia quem traduzisse pra português e hoje não, hoje quase tudo tem alguém que trabalha ... em concessionária, loja, em tudo tem um brasileiro trabalhando.

Pergunta 14. E pelos americanos, como você foi recebido?

Entrevistado 69. Muito mal recebido. Nossa, eu passei muito aperto, eu trabalhava demais, o patrão não pagava, receber era complicado, tomei muito prejuízo, era muito mal tratado. Foram os trabalhos que eu arrumei. Mas a única vantagem é que pelo menos eu aprendi inglês, porque eu só vivia e convivia com americano, então passava o dia todo trabalhando, só chegava em casa, tomava banho, jantava e dormia, a minha vida era essa, os primeiros 6 anos da minha vida aqui.

Pergunta 15. Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistado 69. Sim e não. Eu estudei em Igreja Católica, eu tenho um primo que é padre, minha mãe tem 30 anos de trabalho pastoral, mas porque a minha família é muito pequena não tinha aquela convivência de todas as pessoas. Agora, meu patrão tem uma família grande, ele é americano, todo domingo junta todo mundo, vai umas 20 pessoas pra igreja e é muito bom pra mim porque ele entende quando tem os nossos feriados religiosos e ele nem questiona. Eu digo que tenho que ir fazer o arranjo porque tem um encontro da Mãe Peregrina ou tem um encontro de Nossa Senhora e ele nem pede explicação. Então eu não tenho esse problema. Já no início eu tive muito esse problema. Sexta-feira da Paixão pra eu não trabalhar era uma briga, eu tinha que trabalhar dois domingos pra compensar uma sexta-feira, porque os caras não queriam me liberar num dia de sexta-feira. Mas no Brasil, apesar de eu ter estudado do Instituto Imaculada Conceição, das Irmãs Clarissas Franciscanas, eu ia à igreja, mas não participava.

Pergunta 16. E aqui você tem envolvimento com a Igreja Católica?

Entrevistado 69. Aqui eu passei os primeiros 5 anos sem ir à igreja. Fui à Igrejas Protestantes, porque tinha às vezes amizade com pessoas do trabalho, aí acabava indo pra Igreja Protestante, começava a namorar com meninas da igreja, mas estava perdido. Até que um dia eu comecei a namorar com uma menina e ela me apresentou aquela igreja e aí eu achei minha igreja de novo porque eu não sabia que existia. A igreja estava ali há uns 5 ou 6 anos e eu não sabia. E aí eu comecei a trabalhar e me engajei na Pastoral Social e a gente também faz os trabalhos da Pastoral de Rua com os irmãos de rua, então eu sou coordenador de uma Pastoral e sou membro de uma outra Pastoral. Ontem foi nosso dia, toda quarta-feira, sol ou chuva nós estamos lá.

Pergunta 17. Que bom! O que significa a Igreja pra quem é migrante aqui na América?

Entrevistado 69. Pra mim, é a minha família. E em segundo lugar, que eu vejo pra muitas pessoas, aquelas pessoas que são religiosas e que procuram a Igreja, é a casa, é a segunda casa. Porque eu vejo muitas pessoas se reunirem, fazerem as amizades, é ali dentro da Igreja, ela é um porto seguro pra muitas pessoas. Para as pessoas que têm religião, ne, para as pessoas que têm Deus.

Pergunta 18. Eu vejo que você é muito consciente. Você me dizia que participa de ONGs e trabalhos assim de dignidade humana, é isso, né?

Entrevistado 69. Sim. Há 3 anos que sou Presidente do Conselho de uma Organização Não Governamental, o Centro do Trabalhador Brasileiro, já são 22 anos aqui nos EUA essa Organização. Eu trabalhei por outros 3 anos somente como voluntário e, no caso, quem trabalha no Conselho é voluntário. Nós temos o staff, os funcionários, a Diretora Executiva, que é uma professora, membros do nosso Conselho também são professores, psicólogos e nós trabalhamos em prol de tudo que é relacionado ao trabalhador. Nós promovemos encontros, nós promovemos aulas, eu sou professor do (...) que no caso é o órgão do Governo que cuida de acidentes do trabalho, então eu fui treinado, eu vou à Washington duas, três vezes por ano. Como a gente faz esses trabalhos também, por exemplo, sobre a carteira de motorista que a gente tenta conseguir para os imigrantes aqui, nós escrevemos a lei, nós vamos à “State House”, a casa do governo aqui estadual, à Washington visitar Senadores, representantes, os Deputados como nós chamamos no Brasil. Então nós participamos dessas reuniões que nós marcamos e

nós chegamos lá de uma vez e eles têm que receber a gente de qualquer forma. Isso não é nada feito sozinho, tudo isso são outras organizações, de outras línguas, outros interesses às vezes, pessoas se reúnem e vão até lá. Então nós nos juntamos a outros que tem o mesmo propósito social. E porque eu comecei a trabalhar na igreja, eu me juntei também a essas ONGs. Hoje eu sou Presidente da (...), no caso é uma organização sem fins lucrativos e também da “C 4”, que no caso é uma organização de fins políticos, onde nós podemos nos aliar, nós podemos representar políticos também.

Pergunta 18. Nesse sentido muito caminho já foi andado e muito ainda tem pra andar na questão de justiça social da questão dos migrantes. Ainda são muitas as dificuldades dos migrantes aqui na América?

Entrevistado 69. São muitas as dificuldades, porque não há uma igualdade social, não há igualdade política. Então aquele que é cidadão, ele tem direitos e deveres. O imigrante, mesmo às vezes ele tendo o documento e como nós temos um grande número que não tem documento, ele fica marginalizado. Ele tem direitos e deveres, mas os direitos são praticamente os mesmos daqueles que têm documento, mas ele não tem os mesmos benefícios, vou colocar dessa forma. Todos têm os mesmos direitos e deveres, mas o imigrante ilegal não tem os mesmos benefícios, então acaba sendo marginalizado, vivendo uma vida como um cidadão de segunda classe e é por isso que nós lutamos: pra trazer todos ao mesmo nível. E não é fácil, porque nós não conseguimos o apoio, por mais que a gente peça, por mais que a gente lute, não é fácil conseguir apoio da comunidade porque as pessoas ficam assustadas, eles acham que podem ser presos, acham que podem ser prejudicados de alguma forma, então preferem o anonimato e esperar e rezar pra que aconteça, mas não vão pra rua, não se representam, esperam que outros façam, acham bonito, acham muito legal, mas não fazem, não levantam e vão até lá ajudar. Então fica sendo uma luta de um batalhão muito pequeno pra uma guerra muito grande. É difícil, mas a gente não desistiu ainda não.

Pergunta 19. Que bom! Agora nós estamos próximos aqui às eleições. Na sua opinião, o que pode acontecer, o que se espera que aconteça, o que não se gostaria que acontecesse nas eleições?

Entrevistado 69. Olha, o que eu gostaria que acontecesse era que aqueles que ganhassem não tivessem assim, essa visão que muitos têm hoje, de que imigrante é prejudicial para o país. Em tempos que as coisas ficam difíceis, eu cheguei numa

época em que as coisas não estavam ruins e a gente era tratado de uma forma e que, de acordo com a economia que ficou ruim, as pessoas passam a culpar a minoria. Aquele que ele pode apontar o dedo, aquele que ele pode ver. Então, políticas sociais melhores que sejam inclusivas e não exclusivas, incluindo aqueles que são minoria, aqueles que acham que não são bons o suficiente, que não vão trazer o benefício, seriam muito bem vindas. Políticas mais inclusivas que não vissem o imigrante como uma ameaça, mas sim como força de trabalho e uma pessoa que pode contribuir e crescer. Eu conheço tantas pessoas aqui que têm negócios que são muito lucrativos, que pagam impostos altíssimos e pessoas que não têm documento pra nada, simplesmente ficam burlando a justiça, tentando achar meios de sobreviver e na maioria das vezes fazem muito melhor do que muitos americanos, mas vivem marginalizados porque falta um número. Você é um número, você não é uma pessoa, você não é o (...), você é um número que são nove números e se você não tiver aqueles números, você não serve, você não é bom.

Pergunta 20. Que coisa! Diante disso, o que você mais gosta da Igreja Católica?

Entrevistado 69. Porque ela permite, ela dá força que a gente vá atrás, que a gente lute. A Igreja mostra pra gente, eu acho que a gente tem um apoio grande dos padres, apesar de, infelizmente, o padre ter um rebanho muito grande e ser complicado. Eu sempre costumo falar em nossa comunidade, que nós temos 4 línguas, são 20 missas por semana, fora batizados, casamentos, sepultamentos, então é muito pros padres, eles não podem estar presentes, mas dão aquela carta branca, dão aquele apoio de você ir atrás e fazer porque sabem que a gente tá simplesmente cumprindo a palavra pra que todos tenham a chance de viver melhor, a gente não tá inventando moda. Então eu acho que nisso a Igreja é muito boa pra nós, ela nos permite e ela nos encoraja a fazer esse trabalho.

Pergunta 21. E o que você menos gosta?

Entrevistado 69. A burocracia de tudo depender, porque a Igreja é um exército no mundo inteiro e a gente entende isso. E como um exército ela tem que funcionar como um todo. Ela não pode funcionar simplesmente porque se um padre da minha comunidade diz “Eu penso que isso é bom, mas não pode”. Se não estiver dentro do que a Igreja concorda, infelizmente o padre tem que segurar a gente um pouquinho, ou ele tem que tentar achar uma outra forma de “política da boa

vizinhança” porque você não pode deixar de fazer a obra, porém você tem ainda que olhar todos aqueles parâmetros da Igreja. Porque, infelizmente, se você tropeçar aqui, dói no pé de outro lá do outro lado do mundo. A Igreja é Una e Santa, então nós temos que tomar muito cuidado com tudo que a gente faz, fala, onde vai, com quem anda. Eu organizo a festa junina aqui e como eu tô sempre no meio desse monte de gente, a festa dá umas 6 mil pessoas, até pra conseguir os patrocinadores eu vou atrás e o padre deixa eu fazer isso porque eu sei que as pessoas às vezes querem patrocinar a nossa festa, querem dar dinheiro e eu não posso aceitar porque eu sei que aquela pessoa às vezes prejudica outras pessoas da comunidade. Então aquela pessoa não está sendo uma pessoa, mesmo que talvez não seja católica, não tá vivendo uma vida ou fazendo o negócio dela de acordo com o que tá beneficiando. Você tem que ganhar dinheiro, mas desde que você também não esteja prejudicando e nós não podemos receber apoio ou apoiar pessoas que não façam isso.

Pergunta 22. Muito bom falar com você, te encontrar aqui e uma mensagem final:

Entrevistado 69. Eu acho que a gente não deve parar de lutar; e as 7 obras de Misericórdia eu acho que são muito importantes, foi talvez a principal coisa que me trouxe pra dentro da Igreja, é o que me faz lutar e eu acredito que se as pessoas prestassem mais atenção no que aquela mensagem fala, vai lá na Bíblia e lê e a mensagem seria: viva mais as 7 obras da Misericórdia, que eu acho que levam a gente pro céu ou pelo menos encaminham.

Pergunta 24. Continuando nossa entrevista com (...), que com sua presença social de Igreja e nos falando do contato com o Consulado e com serviço de ajuda aos migrantes, a pergunta foi se há muitos migrantes brasileiros presos e a situação dessas realidades sociais.

Entrevistado 69. Sim. Há muitos imigrantes presos, imigrantes brasileiros, mas não há um número exato porque isso muda muito e também como eles são transferidos constantemente entre prisões, não há um número. Isso é feito por questões de segurança. Como os presídios são particulares isso não é feito a critério do Governo e sim de quem mantém o preso. Agora está sendo criado uma Pastoral Carcerária, pra se ter uma ajuda mais de perto, também pra ajudar a família. Da parte do Governo há muito pouco que pode ser feito. O Consulado, até aonde a gente sabe, até aonde a gente tem contato, eles ajudam na documentação

como eles podem, pra dar andamento o mais rápido possível, quando se precisa ser deportado ou se a pessoa está aqui dentro e precisa de algum tipo de identificação. Não é nenhum tipo de ajuda financeira ou judiciária, isso fica a critério, fica a cargo da família do preso, se tiver condições. Na nossa comunidade a gente vê muito pessoas em facebook pedindo ajuda pra brasileiros que foram presos e pra família daqueles que foram presos, porque ficam sem auxílio.

Pergunta 25. Muitos chegam a óbito e as famílias nem sabem né?

Entrevistado 69. O que acontece é porque às vezes fica longe, tem pessoas que vivem longe das famílias, não tem aquele contato próximo e vão presos e depois desaparecem. E como você tem direito a fazer uma ligação, mas às vezes não sabe pra quem ligar (a partir do momento que você foi preso você não tem mais acesso ao mundo), essas pessoas ficam isoladas. Às vezes as pessoas morrem lá dentro por problemas de falta de algum remédio, às vezes falta de assistência. Por melhor que seja o sistema carcerário, não funciona com o ideal, então acontecem óbitos e pessoas também que ficam ali dentro sem assistência da família e às vezes a família não sabe que aquela pessoa tá ali e não é fácil encontrar.

Pergunta 26. Pelo teu trabalho, pela tua luta e espírito de fé e de dignidade na questão dos brasileiros migrantes nesses 11 anos, você que esteve presente em várias realidades, vai à Washington, já esteve com o Obama, conversando com deputados, com a Corte ... o que as autoridades dizem a respeito disso, qual o discurso?

Entrevistado 69. Olha, político é político em toda parte do mundo, então o que eles têm é sempre a promessa. O que é complicado (e eu já vivi isso na pele) é a gente ir pro palanque junto com um Deputado, com um Senador, tentar ajudar, tentar conseguir o apoio da comunidade, falar o que a gente precisa; e eles escutam muito bem, como bons políticos, eles anotam tudo, eles prometem que vão fazer o possível, mas infelizmente é tudo na base do voto. Por exemplo, quando nós lançamos a proposta da carteira de motorista para todas as pessoas, inclusive para os indocumentados, todos os residentes de Massachusetts, independente do status imigratório, nós tivemos um Senador que propôs ajudar, mas quando chegaram as eleições (e nós fizemos palanque pra ele, fomos atrás), ele virou pra mim e falou: “(...), você sabe quantas pessoas dentro de Everett votaram nessas eleições?”, no caso as eleições em que ele estava tentando se reeleger, eu falei: “Não” e ele disse que foram apenas 7 pessoas. Uma cidade onde

quase a metade da população é de brasileiros; e não é de brasileiros indocumentados, a grande maioria tem documento, mas não vão às urnas. Eles simplesmente acham que é um absurdo ser obrigado a votar no Brasil, não querem votar aqui e no final das contas não colocam o nome do brasileiro como patriota, tentando ajudar o país. Os políticos dizem que o brasileiro vem pra cá, ele entra nos EUA, mas os EUA não entram nele. Então o brasileiro não entende que ele tem que votar, que tem que ajudar a construir o país e eles não vão votar. E o pensamento do político é: “Então como eu vou ajudar uma comunidade que não mostra que precisa de ajuda, que não vem até as urnas e me elege para que eu possa fazer o trabalho que eles precisam? Como eu vou representar alguém que não tem representação? Como eu vou dizer na Câmara dos Senadores que essa população dessa cidade precisa disso, 7 pessoas não representam 10 mil pessoas”. Então a comunidade fica prejudicada porque nós não temos representatividade dentro da política nesse país.

Pergunta 27. Você acredita que a pessoa, depois de um tempo aqui, ela muda a visão cultural a sua identidade ou isso é uma coisa que depende de pessoa pra pessoa?

Entrevistado 69. É de pessoa pra pessoa. Eu conheço pessoas que moram aqui a vida toda que nunca perderam o sotaque, nunca deixaram de comer aquela comida que comiam no Brasil, nunca deixaram os costumes, as manias de antes continuam fazendo, sempre no meio da comunidade brasileira. Eu conheço muitos brasileiros que estão aqui a mais de 15 anos e nunca aprenderam inglês, pois só vivem nos locais brasileiros. Não é ruim, isso é muito bom, mas essas pessoas precisam entender que estão em outro país e que têm que aprender os costumes e cultura pra conviver. E algumas pessoas se habitua logo no primeiro ano, não deixam suas raízes, mas absorvem toda cultura rapidamente e se passam até mesmo como americanos visualmente e culturalmente se você não souber quem ela é. É muito comum, eu já tive vários encontros com pessoas assim.

ENTREVISTA 70.

Pergunta 1. Alegria enorme falar com:

Entrevistado 70. (homem), sou funcionário do Ministério de Relações Exteriores, servindo aqui nos EUA, no Consulado de Boston. Antes minha carreira profissional: começando ... eu sou do Ceará, passamos um tempo em São Paulo,

fui pra Brasília e de Brasília eu terminei Relações Exteriores, servi 10 anos na Presidência da República, no Conselho de Segurança Nacional e de lá retornamos ao Itamarati novamente, trabalhamos na Secretaria de Imprensa, na assessoria e porta voz do Ministro de Estado de Relações Exteriores e nesse período desse ano, que foi de 90 a 94 mais ou menos, saímos para missão no Consulado de Miami, trabalhando com atendimento à comunidade brasileira em Miami. E de lá, mais 5 anos e nós retornamos ao Brasil e no Brasil, rodamos todas as fronteiras, Paraguai, Argentina, Uruguai, no Consulado em Montevideú, em todo tempo de trabalho, 40 anos de trabalho. Depois saí de Brasília para a Colômbia, dei atendimento na Embaixada do Brasil, servindo também no Consulado. Lá o Embaixador tem que ter segurança por ser um país de risco. Mas é um país muito coirmão do Brasil, eles gostam muito dos brasileiros. E no trabalho da Colômbia terminei meu tempo e fui removido para o Consulado do Brasil em Boston. E aqui a comunidade do Brasil é uma das maiores dos EUA, que é aqui em Boston e em Miami também. E estamos fazendo um trabalho aqui de aproximar o Consulado das comunidades, através do Consulado volante, onde saímos para trabalhar fora da cidade de Boston e com isso a gente tem colaborado bastante nas situações de documentos de brasileiros, legalizações, também tem os “ID” que fazemos aqui pra poder dar um respaldo melhor para os brasileiros que não têm documentos aqui.

Pergunta 2. Inclusive esse “ID” foi uma criação sua, ne?

Entrevistado 70. Foi do Governo e desenvolvido por mim. Esse “ID” é que dá um respaldo às pessoas. Hoje em dia eles estão até viajando com ele internamente. Quando se mostra o passaporte, não tem visto, o visto já passou, já expirou, já perderam pelo prazo de retorno ao Brasil e não retornaram e estão vivendo aqui só com base na documentação e um “ID” fica melhor, não expõe tanto eles em termos de farmácia, ou hospital. E outra coisa, é através desse “ID” que sabemos o número de brasileiros que tem aqui em Massachusetts.

Pergunta 3. Você acredita que hoje existam no Estado de Massachusetts em torno de quantos brasileiros?

Entrevistado 70. Ah essa comunidade é grande, uma base de 120 mil brasileiros ou mais em toda redondeza de Massachusetts, porque é grande a cidade é grande e eles estão espalhados. O volume de passaporte aqui por dia que a gente tira é mais ou menos 100 a 150, fora o escritório volante.

Pergunta 4. Nesse contingente de migrantes de brasileiros propriamente ditos, existe muita necessidade de documentação, né? Muitos ainda precisam de muita coisa pra serem legalizados, ficarem mais em paz aqui. Pelas entrevistas que eu fiz, muitos ainda necessitam de todo um trabalho, mesmo porque também chegam sem muito esclarecimento e vêm do jeito que dá, pensando que tudo podem aqui.

Entrevistado 70. Em primeiro lugar, eles vêm com a ideia, lamentavelmente o brasileiro que vive aqui, quando chega no Brasil não fala a realidade que ocorre no país. E a situação que os brasileiros estão vivendo lá de inflação e desemprego, ficam iludidos e acham que chegando aqui vão encher o bolso de dólar, vão comprar uma casa, etc. porque as pessoas se expõe muito aqui. Aqui a facilidade da pessoa adquirir as coisas, comprar carro novo fica bem acessível, então no Brasil quem tem condição de comprar um carro zero, com a facilidade de entrar numa loja e sair com carro zero na mão dentro de 5 horas? É difícil. Então as pessoas se iludem nessa situação, vêm e pagam um preço muito alto e é um risco porque não conseguem visto, entram pelas fronteiras arriscando a vida, com o risco de morrer no deserto, são picados por inseto, por cobra, escorpião e chegam aqui atrás de um sonho e até de uma liberdade que eles não conseguem. Porque o sistema aqui é diferente, aqui você paga o imposto e ele é gasto naquela finalidade. Então eles pagaram de 20 a 30 mil para poder passar ilegal aqui, sem documento. Vem pelo México, do México sai por aqui e chegando aqui dessa maneira ficam sem documento. Muitas vezes eles chegam e falam que não estão conseguindo emprego no Brasil, estão devendo muito, estão correndo risco de vida e deixam eles entrarem e ficam com uma pulseira na perna pra cumprir os trâmites da situação, não podem sair daquela jurisdição. E aí eles entram dessa maneira, a maioria sem documento. Eles ficam com os documentos todos que eles entram aqui, do Brasil, identidade e passaporte e dão um salvo conduto e uma pessoa se responsabiliza por eles e o que acontece é que chegam aqui sem documento, vão tirar novamente no Consulado, o Consulado tá aí pra pelo menos amenizar essa situação deles aqui. Eles procuram as igrejas, aquele negócio todo e vivem de uma maneira horrível né. Então aqui é sofrimento demais, porque ele veio dessa maneira e aqui ele cai na realidade de que não era o que tinham falado, que o sonho não era aquilo, aqui a pessoa vai trabalhar das 6h da manhã, na neve, no sol, na chuva e ralando. Se ele trabalhava 8h por dia no Brasil, aqui ele

trabalha quase 24h pra conseguir alguma coisa. Se aqui um operário normal, legal aqui no país recebe 18 dólares por hora, os ilegais vão receber 7 a 8 dólares por hora porque não têm documento. As vezes a pessoa tem um carro e não dirige porque tá sem carteira de motorista, aí a pessoa bate nele, ele tá certo, mas fica no prejuízo, paga o prejuízo porque está numa situação ilegal.

Pergunta 5. Eu te agradeço, estamos quase na hora da missa, muito obrigado pela entrevista! E uma mensagem final de quem trabalha no Consulado e trabalha com essa realidade.

Entrevistado 70. A mensagem pra comunidade é a seguinte, sempre procurem o Consulado. O Consulado é a casa deles fora do Brasil, porque se ele não tem a informação toda, ele tem que procurar um local que dê apoio, o Consulado é pai e mãe, que dá o respaldo à situação toda. Isso é necessário, aqui eles fazem um registro e deixam um contato do Brasil porque em caso de emergência, primeiro nós procuramos pessoas aqui nos EUA, depois damos o apoio aos familiares no Brasil para saber sobre a pessoa que está aqui. Um fato que ocorreu recentemente, um saindo do trabalho naquele cansaço de tanto trabalho, atendendo o celular e saiu no carro e entrou debaixo de um caminhão e foi parar no hospital sem pai, sem mãe, sem ninguém e aí foram atrás do Consulado pra passarem pra família. Nessas horas que temos os dados e é possível ajudar a comunidade nossa brasileira no exterior.

Muito obrigado! Deus abençoe!

ENTREVISTA 71 – (duas amigas).

Pergunta 1. Como é que é o nome de vocês?

Entrevistadas 71. Meu nome é (mulher), sou de Cuparaque, Minas Gerais, tem 14 anos que estou aqui. Eu sou a Irma (...), sou do Pará e tem 20 anos que estou aqui. Tenho uma filha de 24 anos, sou católica, minha família sempre foi católica, minha mãe, meu pai e aqui continuamos na caminhada

Pergunta 2. Todos os familiares vieram ou ficou gente pra trás?

Entrevistadas 71. Os meus pais vêm aqui passear todo ano. Graças a Deus venho de um lar católico, nossas origens são católicas e eu agradeço a Deus por ter a igreja aqui nos EUA que fala o nosso idioma, que a gente se sente mais confortável, mais acolhido e a nossa fé é tudo, fé em Maria, se Ela passa na frente não tem problema, nos ajuda em qualquer situação.

Pergunta 3. O que vocês mais sentem falta do Brasil?

Entrevistadas 71. A família, né, meu pai já está com 81 anos e nunca quis vir aqui e eu sempre tive um sonho de poder trazer ele, mas ele nunca quis, porque minha mãe faleceu e ele perdeu a vontade de vir. E a saudade, a vontade de estar perto, pra ter um tempo pra ele. Eu vou lá passear, mas não constantemente. Sua vida hoje é aqui, você pode visita-lo todos os anos, mas não é a mesma coisa

Pergunta 4. Você construiu uma história aqui, já tem sua filha que é uma moça...

Entrevistadas 71. Sim, ela já está terminando a faculdade, vou ser avó, ela está grávida de 4 meses e ela chegou aqui com 3 anos, estudou inglês, português, é muito bom mas a saudade é muita.

Pergunta 5. Você já tem família por aqui também?

Entrevistadas 71. Tenho dois filhos. Eu tinha um sonho muito grande que eu consegui realizar esse ano, que era casar na igreja e graças a Deus foi realizado em junho! Foi aqui com (...) e foi a maior bênção, a maior graça que eu consegui neste ano, a graça alcançada. Foi um atraso, padre, mas Deus perdoa (risos).

Pergunta 6. Todas as coisas sempre acontecem na hora certa. Se a gente não confia na Providência a gente se desespera muito. Deus sabe de todas as coisas.

Entrevistada 1: Foi na hora de Deus. Às vezes eu vinha à missa, na hora da comunhão eu me ajoelhava e falava “Senhor eu não digna de que entreis em minha casa”, mas na hora certa todo se encaminhou.

Eu agradeço, que Deus abençoe vocês!

Entrevistadas 71. Amém! Agora vai ter o COR, esse ano eu participei, agora vou trabalhar e eu estou falando com ela pra participar porque é muito bom.

ENTREVISTA 71.**Pergunta 1. Qual seu nome?**

Entrevistado 71. (homem).

Pergunta 2. Quanto tempo de América?

Entrevistado 71. 18 anos.

Pergunta 3. Você veio sozinho ou com tua família?

Entrevistado 71. Vim sozinho e construí uma família aqui.

Pergunta 4. Ah, coisa boa! Veio pelo México ou pelo ar?

Entrevistado 71. Eu vim pelo México a primeira vez, fiquei aqui 6 anos, aí fui deportado daqui e fiquei no Brasil 2 meses e voltei de novo pelo México. Fiquei 2 meses no caminho, perdido 4 dias no mato, pelo deserto e paguei 14 mil dólares pra entrar aqui.

Pergunta 5. O que mais você sente saudade do Brasil?

Entrevistado 71. Da família, né, que ficou pra trás, tem 14 anos que eu não vejo, meu pai, minha mãe.

Pergunta 6. Quando você chegou já falava inglês ou veio na cara e na coragem?

Entrevistado 71. Não falava nada não.

Pergunta 7. Como você foi recebido pelos brasileiros aqui?

Entrevistado 71. Quando eu cheguei da primeira vez eu fui morar com 14 brasileiros dentro de um apartamento, 14 homens e foi difícil. A gente dormia 6 num quarto, 6 no outro e dois na sala. Fomos pra 16 porque chegou eu e um amigo meu.

Pergunta 8. E os americanos?

Entrevistado 71. Os americanos são ótimos. Me acolheram bem e acolhem até hoje.

Pergunta 9. E você já participava da Igreja antes?

Entrevistado 71. Não participava não. Eu vim conhecer Jesus aqui em Boston, eu tinha 28 anos. Se eu não tivesse conhecido eu tinha morrido já.

Pergunta 10. E qual o seu trabalho aqui?

Entrevistado 71. Aqui é o Prudente Mall né, trabalho engraxando sapatos. Eu trabalhei 10 anos em restaurante em Boston. E agora estou nesse aqui faz 4 anos, engraxando sapatos.

Pergunta 11. Com dignidade e com a clientela boa, estou vendo que você não para (risos)

Entrevistado 71. (Risos) Eu não paro!

Pergunta 12. Vou para minha entrevista pra você atender seu cliente aí.

Entrevistado 71. Depois a gente fala mais.

Pergunta 13. Depois a gente se encontra lá na igreja.

Entrevistado 71. Tá bem, padre.

Pergunta 14. Quem foi Pe. (...) pra você?

Entrevistado 71. Pe (...) foi um pai pra mim, me tirou do mundo das drogas, andamos juntos por 4 anos, eu acho. Ele chegou a me buscar no bar um dia, drogado, me levou pra casa e quando eu estava começando a caminhar com minhas pernas ele teve que partir, mas ele foi um paizão pra mim na América.

Obrigado!

ENTREVISTA 72.

Pergunta 1. Qual é seu nome?

Entrevistada 72. Meu nome é (...).

Pergunta 2. Quanto tempo de América?

Entrevistada 72. 18 anos.

Pergunta 3. 18 anos de América... É ... você veio com toda a família ou veio só, pra cá?

Entrevistada 72. Não, eu vim sozinha e eu cheguei aqui e me casei.

Pergunta 4. Hum, que bom! Família, filhos?

Entrevistada 72. Não, eu tenho marido e meu marido já teve dois filhos com outra esposa, com outra mulher... são minha família, minha família.

Pergunta 5. Que bom, que bom! E de que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 72. Eu sou Goiana, só que a minha família mora em Barra do Garça, no Mato Grosso, que faz divisa com Goiás.

Pergunta 6. E teu povo ainda está por lá?

Entrevistada 72. Graças a Deus! Só minha mãe que já tem dois anos que ela faleceu, mas o papai tá lá e meus irmãos todos estão lá.

Pergunta 7. E você trabalha no que aqui?

Entrevistada 72. Eu sou House Cleaning, trabalho pra mim mesma, né. Cheguei aqui, já comecei a trabalhar com algumas pessoas, já comecei (...) Sempre trabalhei pra mim.

Pergunta 8. Que bom, que bom! E me diz uma coisa, junto com isso ... você já veio falando inglês ou aprendeu aqui?

Entrevistada 72. Não, eu aprendi aqui... aprendi, eu falava bem pouco, mas cheguei aqui aprimorei melhor.

Pergunta 9. O que tu mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 72. Quando eu tinha minha mãe, sentia muita saudade da minha mãe, da minha família, do povo também, mas eu sou muito feliz aqui, porque eles me acolheram muito bem aqui.

Pergunta 10. Isso é outra pergunta ... como você foi acolhida pelos brasileiros? Tinha muito brasileiro quando você veio?

Entrevistada 72. Na época não tinha bastante brasileiro não, mas tinha um pouco. Mas os que estavam aqui me acolheram bem.

Pergunta 11. E os americanos?

Entrevistada 72. Ah, fui me adaptando... eles, né, não foram tão ruim assim, aí fui me adaptando com eles e conquistei, consegui conquistar um pouco. Eles que são uma cultura diferente, um povo diferente, né, mas eles também são umas pessoas muito boas, né.

Pergunta 12. E tu veio por terra ou por ar?

Entrevistada 72. Eu vim... Graças a Deus, Deus abriu as portas que tudo deu certo!

Pergunta 13. Você já participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 72. Sempre, sempre! Nasci na Igreja Católica. Sempre fui católica.

Pergunta 14. E aqui você continua, você continua...

Entrevistada 72. Continuo na igreja, continuo que se não tivesse Deus na minha vida eu acho que eu nem estaria aqui, que Deus é maravilhoso pra mim, tudo que eu conquistei foi por causa dele, pela graça dele, pela força dele, de Nossa Senhora... é o que dá força para seguir em frente. Tem dia que às vezes a gente tá muito cansado, muito... por causa de tudo, né... saudade... mas “garra” na mão de Deus e de Nossa Senhora e a gente segue em frente.

Pergunta 15. O que você mais gosta da Igreja Católica?

Entrevistada 72. Ah...eu gosto de tudo, principalmente de Nossa Senhora e Deus (risos...).

Pergunta 16. E o que você menos gosta, tem alguma coisa?

Entrevistada 72. Não, às vezes tem aquelas coisinhas das pessoas, mas isso é comum em todas as igrejas, né, é normal.

Pergunta 17. E me diz uma coisa: em termos de justiça social, tipo assim, você se sentiu bem acolhida ou com um pouco de dificuldade no início da vida aqui?

Entrevistada 72. Ah, sempre tem alguma dificuldade no início, mas depois eu cheguei mesmo e fiquei muito triste de ver tudo e lá no Brasil não ter nada. Me deu uma tristeza muito grande. Mas com tempo fui me adaptando e pedindo sabedoria a Deus pra entender tudo isso e hoje em dia eu “tô” aqui. Eu sofro porque tem muita gente no Brasil que gostaria de ter assim ... uma vida melhor e a gente deveria lutar mais por isso, a gente luta através daqui, a gente faz orações pede, vamos ver né, o que Deus tem lá na frente, né, a providência de Deus.

Pergunta 18. Bom, pra finalizar... quem é migrante, o que que significa encontrar a comunidade da Igreja Católica no país estrangeiro?

Entrevistada 72. Pra mim foi gratificante, porque as pessoas que a gente chega aqui e você encontra as pessoas que “é” do seu país, da sua língua, sabe? Você se sente uma pessoa feliz, você se sente mais próxima da sua família, mais próxima do seu povo, sabe? Então pra mim foi, eu acho, gratificante nesse termo...a família que a gente deixa, mas aqui a gente encontra, né, os “amigos” muitas famílias, né!

Pergunta 19. Que bom! Eu te agradeço muito, desejo imensamente que Deus lhe abençoe, na intercessão sempre de Nossa Senhora e sua família toda, seu coração, aqueles que estão no seu coração, na sua mente, que estão lá ...ou no Mato Grosso ou em Goiânia, são ne...

Entrevistada 72. No mundo inteiro!

Pergunta 20. No mundo inteiro!

Entrevistada 72. Rezo pra todo mundo. Eu ando numa fase muito feliz, assim mesmo com muita dificuldade no mundo, mas eu peço a Deus que tenha uma solução pra todo mundo, pra toda família, que todas as pessoas se conscientizem que está para acontecer uma guerra mundial e as pessoas estão ainda enterradas, estão no túmulo. Elas têm acordar pra vida.

Amém! Deus te abençoe!

ENTREVISTA 73.

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistada 73. (mulher).

Pergunta 2. Quantos anos de América?

Entrevistada 73. 11 anos.

Pergunta 3. Veio sozinha ou veio com família?

Entrevistada 73. Vim sozinha e minha família está no Brasil.

Pergunta 4. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 73. Vitória, Espírito Santo. De Vila Velha.

Pergunta 5. Que legal! Eu trabalho em Campos, lá na divisa do Espírito Santo com Rio de Janeiro.

Entrevistada 73. Que bom! Pertinho.

Pergunta 6. Você veio voando, pelo México, veio como?

Entrevistada 73. Olha, padre, a minha vida é uma história, eu realmente vim pelo México. Eu não aconselho ninguém a vir pelo México, graças a Deus comigo não aconteceu nada, porque na verdade eu vim com um terço junto comigo e um santinho de Santo Expedito pra me proteger no caminho. E no lugar que eu fiquei que se chama Reynosa, no México, eu encontrei vários brasileiros presos, pessoas chorando porque não tinham como pagar os coiotes. Mas Nossa Senhora me abençoou que com a turma que nós viemos eu consegui atravessar numa boa, não tive problema nenhum até chegar aqui em Boston. Mas é uma aventura perigosa e que, quando eu coloquei o pé dentro da América, dentro de Boston, eu falei com Deus: “Senhor, vou dar valor a cada momento, a cada minuto, a cada segundo aqui nesse país”. Porque é muito difícil chegar até aqui e dessa forma foi assim muito perigosa, muitos ficam, muitos morrem, muitos não conseguem chegar até aqui porque os coiotes fazem maldade, prendem, até porque a família fica no Brasil ou aqui nos EUA pra poder pagar pra pessoa atravessar, fazer a travessia. Graças a Deus eu estou aqui, tem 11 anos, trabalho, Deus abriu as portas. Eu morei aqui de 1993 a 1995, vim na boa, vim pela porta da frente, mas depois quando eu não consegui a segunda vez, foi em 2005 que eu vim, eu tentei de outra forma.

Pergunta 7. E o que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 73. Olha, padre, a coisa que mais a gente sente saudade... é o que eu digo, 50% na América e 50 % no Brasil, a cabeça e o coração ficam no Brasil. A gente só fica aqui com nosso corpo, que vira uma carcaça. Carcaça que eu digo é assim, machucado, né. Então fica o corpo, você usa o corpo pra trabalhar, usa o corpo pra subir escada, dirigir sem carteira, que muitos imigrantes aqui não tem a “drive license” e torna-se mais difícil ainda, mas a gente ainda faz esse esforço e Deus protege porque a gente ainda consegue dirigir, né. Mas na verdade, padre, não tem uma pessoa que a gente converse, que deixou a família no Brasil, filho ou

os pais, tem muitos aqui que os filhos estão com a mãe, com a irmã cuidando, então a pessoa sofre muito aqui. Na verdade, quando a gente vem e deixa a família pra trás, a gente vem pra conseguir alguma coisa, pra correr atrás de alguma coisa, de algum objetivo. Por isso que eu falo, a gente que valorizar muito pra poder esse objetivo ser alcançado. Eu falo pra todos que querem vir ou que estão aqui que a primeira coisa que tem que fazer é procurar uma comunidade. Não importa se a pessoa é uma pessoa evangélica ou uma pessoa católica ou uma pessoa que não tem religião. Se ela não procurar uma comunidade, uma igreja, fica muito difícil pra ela, porque as pessoas aqui entram muito em depressão pelo fato de estar longe do Brasil, longe da família, pelo fato do idioma que é o inglês, porque aqui não adianta você querer entrar dentro de um restaurante ou trabalhar dentro de uma casa de americano, porque eles cobram da gente o idioma, pra falar o inglês. Os homens, por exemplo, a maioria trabalha na construção civil, restaurante, entregando pizza ou alguma coisa assim, exige o inglês e é muito difícil e as pessoas se deprimem porque às vezes o emprego fica mais difícil por causa do idioma.

Pergunta 8. Você foi bem recebida pelos brasileiros?

Entrevistada 73. Olha, padre, infelizmente eu tenho que deixar essa conversa que eu estou tendo com o senhor, que são poucos os que abrem os braços pra te receber. Eu não sei porque que o brasileiro chega aqui nos EUA se ele tá bem, se ele tem um emprego bom, aí é o momento que ele vê o irmão chegando e precisando e ele usa o irmão, a pessoa pro trabalho, às vezes não paga a pessoa. Eu tenho visto muito isso. Tem amigos que recebem a gente na casa, veem que você chega e consegue caminhar melhor e já começam a jogar na sua cara: “Poxa eu cheguei aqui, eu não consegui, não fiz isso, não fiz nada. Você já chegou e conseguiu”. Então é muito difícil. A maioria dos brasileiros aqui, eu tenho vergonha de falar isso das pessoas do meu país, normalmente humilham muito o irmão aqui, entregam pra imigração, fazem coisa assim, ameaça de entregar. Eu acho que todo brasileiro que vem pra cá tinha que ter um pouquinho de humildade e ajudar, porque eu vejo muito isso na família hispana. Na hispana, quando chega uma pessoa, às vezes moram 5, 10 pessoas numa casa, eles ajudam aquele que chegou, compram carro, dão alimento até a pessoa caminhar. A pessoa caminhou, tudo bem, ela tem que repor tudo aquilo que foi ajudada. Tem também aquelas

pessoas brasileiras que às vezes a pessoa ajuda e ele não faz por onde, mas isso é muito difícil de acontecer.

Pergunta 9. E os americanos, o que você sentiu em questão de justiça social, existe o preconceito ou eles aceitam naturalmente?

Entrevistada 73. Olha, padre, eu trabalho só pra americano e graças a Deus, eu, particularmente, não tenho nada a reclamar deles. Abriram os braços, sou bem recebida, me tratam bem dentro da casa deles, inclusive tem 11 anos que estou aqui e trabalho para as mesmas pessoas. Não tive preconceito nenhum e nem eles comigo por causa do meu idioma, eu não cheguei falando inglês porque ninguém chega aqui falando inglês fluente. As pessoas chegam aqui falando “yes”, “no”, mas depois tem que melhorar. Mas na verdade os americanos ajudam, eles são pessoas acolhedoras. São pessoas muito corretas, honestas, porque eles põem a chave da casa na mão da gente, sem conhecer a gente, sabendo que a gente é imigrante, que a gente tá aqui sem documento, sem nada, mas entregam a casa pra gente entrar pra limpar e na saída a gente traz a chave pra casa. Eu tenho um molho de chaves de onde eu trabalho. Mas tem um porém, eles deixam ouro, eles deixam dinheiro, eles deixam tudo em algum lugar exposto pra testar a gente. Isso aí é direto, eles fazem isso por muito tempo. Quando eles pegam aquela confiança em você que sabem que você não mexe, aí eles não fazem mais. Mas todos eles fazem, deixam dinheiro no meio de roupa, deixam dinheiro dentro de bolso de calça, deixam dinheiro em qualquer lugar, deixam joias. Eu já vi casos de pessoas que trabalharam e mexeram e tiveram problema. Por que, padre, que eles dão a gente essa segurança da casa deles? Porque aqui tem lei, a lei funciona, o que você fizer de errado dentro da casa deles não importa, você não entra mais, eles chamam a polícia, dá problema e você acabou pra eles. Então eles dão a oportunidade, se você tem aquela oportunidade boa com eles você vai longe, agora se você fez qualquer coisa de errado pra eles não serve mais. Eles são taxativos, nisso eles são bem radicais.

Pergunta 10. Teve um tempo em que teve uma migração maior pra cá, depois deu uma parada, agora aumentou de novo. Mas parece que as pessoas que estão vindo agora, estão vindo pra cá com escolaridade, estão formados, achando que aqui vão exercer as mesmas profissões que exercem no Brasil e se enganam né?

Entrevistada 73. Claro, padre. O que acontece, no Brasil tem aquele preconceito da “house cleaner” que eles chamam de empregada doméstica. Tem o preconceito do pedreiro, que ele chega aqui médico e tem até que trabalhar na construção civil. Então isso é a realidade dos EUA. Não adianta chegar aqui dentista, médico, advogado, professora, seja o que for. A não ser que o brasileiro saiu de lá, veio pra cá pra estudar, entrou na Harvard, fez um curso na Harvard, formou dentro da Harvard, aí tudo bem! Mas se vir de lá, pode ser cirurgião plástico, pode ser médico de criança, pode ser o que for, se ele não tem a credencial dos EUA como médico ou professor ou, seja lá o que for, ele não exerce o cargo aqui que ele tem no Brasil. Infelizmente se vier ilegal, ele vai trabalhar aqui no serviço que tiver, onde no Brasil existe o preconceito. E aqui o americano não tem esse preconceito a respeito dessa situação. Pra eles não importa se você é “house cleaner” ou se na família dele formou médico, é a mesma coisa. E inclusive esse trabalho nosso de “house cleaner” aqui eles valorizam demais e só pode ter quem pode pagar, porque nem todos os americanos têm. Ter uma empregada doméstica aqui pra eles é luxo.

Pergunta 11. Tem casos assim, de imigrantes presos em cadeia aqui, tem casos, por exemplo, de pessoas que às vezes morrem de solidão ou depressão?

Entrevistada 73. Padre, infelizmente tem os brasileiros que vem pra cá, deixam a família e através dessa solidão que o senhor colocou, ele começa a beber, usa droga. O americano aqui, pra eles é liberado a bebida, a droga, muitos usam e muitos não usam, tem os conservadores que não usam. Mas às vezes a pessoa vem, fica fraco, não busca apoio numa comunidade, numa igreja, às vezes vai trabalhar com alguém e não recebe, a família tá no Brasil passando necessidade, aí ele fica aqui desgostoso porque tá trabalhando aqui e tem que pagar o aluguel, pagar comida, lavar sua roupa, tem que limpar banheiro da casa que você mora, então leva a pessoa realmente a uma depressão. E essa depressão, padre, aqui nos EUA tem levando à muitos suicídios. Em dezembro, janeiro e fevereiro teve vários suicídios aqui em Boston e o que eu achei mais interessante e que eu fiquei muito assustada é que teve suicídio de adultos, mas a maioria eram jovens e adolescentes. Porque a mãe aqui às vezes sai pra trabalhar e coloca o filho na escola, no “high school” mesmo com 13, 14 anos e chegando lá eles são pressionados pelos alunos americanos. Tem os alunos conservadores, mas tem aqueles que formam grupinhos “bad”, que são jovens que só fazem coisa errada e

às vezes eles querem obrigar o brasileiro a participar das loucuras e se eles não participam, o grupo força e faz pressão na cabeça do jovem, fazem até esse brasileiro usar drogas, infelizmente. E acaba levando esse adolescente à depressão e levou alguns à suicídio.

Pergunta 12. Prostituição, existe?

Entrevistada 73. Olha, padre, demais! Tem brasileira, hispana... aqui tem os lugares que chamam “go go girl” e “go go boy”, que são casas que oferecem trabalhos fáceis, são os trabalhos pra dançar, mas só que nesse trabalho da dança dentro desses lugares tem os aliciadores. Esses aliciadores são ou italiano, ou hispano, tem até brasileiro por trás, tem pouco, mas tem. A maioria são pessoas influentes, que estão aqui há mais tempo. Então como tem pessoas que vêm pra cá e acham que limpar uma casa, limpar um vaso é humilhação, quando alguém oferece esse trabalho, muitas pegam. Só que eu já tenho visto, ouvido pessoas que passaram por isso e viram que não era pra elas, pra sair foi difícil. E tem muitas meninas que saíram e voltaram a limpar casa, porque viram que é um trabalho que leva à depressão, eles querem que elas usem drogas. Tudo que vem fácil as pessoas não levam pra frente, não constroem, aí a pessoa se deprime.

Pergunta 13. Eu perguntei isso porque eu ouvi da Irmã (...), que ela me falou que a preocupação dela de 6 meses pra cá é com a entrada de muitas jovens às vezes já formadas e que, de repente, não se sujeitam a qualquer trabalho.

Entrevistada 73. O trabalho honesto não faz você passar por isso. E realmente tem chegado sim, muitas pessoas jovens e inclusive teve uma menina que teve problema, saiu até no Fantástico e tudo, porque a mãe deixou ela vir sozinha do Brasil, ela tinha 16, 17 anos. Aí eu pensei, como uma mãe deixa uma menina nova vir. E a imigração pegou ela na chegada, porque quando a imigração puxa no computador, se assusta, porque tá entrando sozinha. E parece que já estava combinado dela encontrar um cara aqui e eles prenderam ela.

Pergunta 14. Você já era Católica no Brasil?

Entrevistada 73. Sempre fui.

Pergunta 15. O que você mais gosta da Igreja, o que menos gosta, o que representa a Igreja, o encontro com Jesus Cristo pra quem é migrante?

Entrevistada 73. Ai daquele que não vem buscar! Pra mim, ter Jesus no meu coração, na minha vida, aqui reforça muito mais essa necessidade, porque aquele que não vem, que não busca, que tá longe da comunidade, passa aperto. São esses

encontros que dão força pra gente superar tudo que a gente passa aqui na América, que não é brincadeira. Então a gente participa desse encontro com Jesus e com as pessoas. E até mesmo levar esse Jesus pra casa das pessoas que a gente trabalha, pros americanos. Aqui tem muito judeu, muita gente da Síria, eu trabalho pra duas pessoas da Síria, todos dois são dentistas, trabalho pra dois judeus, trabalho pra católico, então são pessoas que, se a gente tá buscando a força divina, a gente tem que levar luz pra dentro da casa deles, eles têm que sentir isso na gente, porque a gente modifica a casa deles, evangeliza. O americano não é chegado à muita organização, a casa dele é muito desorganizada. A gente arruma hoje, se for lá amanhã, tem roupa na cama, roupa no chão, então a gente passa essa força pra eles de organizar, na oração. Às vezes a gente fala com eles, mas com muita cautela, muita prudência. Eu levo água benta, eu joga na casa dos meus clientes, até sem eles saberem, porque cada um tem um jeito de viver. Eu trabalho pra um libanês e tem duas semanas que a mãe e o pai chegaram, então eu vejo aquelas pessoas alvoroçadas e começo a orar, jogar água benta e aí eles acalmam, eu consigo fazer isso através da oração.

Pergunta 16. O que é o “help”?

Entrevistada 73. O “help” é o seguinte... são pessoas que chegam aqui nos EUA e conseguem montar o trabalho dele. Vamos colocar o “help” da limpeza de casa, por exemplo, que são as “house clean”, então tem muitas pessoas aqui que tem 50, 60, 70, 10, 20 casas, são essas pessoas que contratam outras pessoas pra trabalhar. Então tem muitas pessoas que são boas, que pagam direitinho, pagam por dia, por semana. E tem aquelas pessoas que usam essas pessoas e não pagam. E tem as pessoas que veem que o outro está dando o “help”, mas não querem dar oportunidade dessa pessoa conseguir as casinhas dela pra trabalhar, existe muito isso aqui também.

Pergunta 17. Aí entra a exploração de brasileiros com brasileiros.

Entrevistada 73. Acontece essa exploração, que eu acho uma covardia. O mesmo direito que eu tenho de ter as minhas casinhas, a pessoa que está me dando “help”, se eu tenho consciência, tem que ensinar pra ela que ela também tem que correr atrás do trabalho dela. Todos nós viemos com um único objetivo, de ganhar nosso dinheiro, mandar pra família no Brasil, comprar algum imóvel, fazer alguma coisa. Tem pessoas que limpam 5, 6 e até 7 casas por dia.

Pergunta 18. Desumano, né?

Entrevistada 73. Desumano.

Pergunta 19. Eu vi uma que disse que as mãos ficavam feridas.

Entrevistada 73. Exatamente. Porque os produtos daqui são muito fortes, não são iguais do Brasil não. Tem muito produto que corta as mãos da gente, corrói. E tem pessoas que usam luva, tem outros que não gostam de usar luva. Então esse é o verdadeiro “help”.

Pergunta 20. Muito obrigada! Eu te agradeço imensamente, Deus continue te abençoando, Nossa Senhora continue intercedendo pela sua vida, por todos os seus, seu coração, seu trabalho!

Entrevistada 73. Amém! Obrigado o senhor. E mando aqui um abraço pra todo povo brasileiro e que qualquer pessoa que tenha qualquer interesse de vir aos EUA, não venha pelo México, se puder vir, venha pela porta da frente. Mas vem sabendo, que aqui é América, aqui o trabalho é duro, aqui tem um ditado, “aqui é aonde o filho chora e a mãe não vê; é aonde a mãe chora e o filho não vê”.

ENTREVISTA 74.

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistada 74. (mulher).

Pergunta 2. Quantos tempo de América?

Entrevistada 74. Tem 5 anos.

Pergunta 3. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 74. Eu sou de Minas, Conselheiro Pena.

Pergunta 4. Veio sozinha ou veio com família?

Entrevistada 74. Meu marido veio primeiro, depois eu vim. Minha família tá aqui. Meus pais moram lá.

Pergunta 5. Você veio pelo ar, pelo México, veio como?

Entrevistada 74. Vim com visto mesmo, meu marido que veio pelo México. Eu e os meninos conseguimos o visto.

Pergunta 6. Como é que você se sentiu acolhida pelos brasileiros que já estavam aqui?

Entrevistada 74. Bem, muito bem!

Pergunta 7. E pelos americanos?

Entrevistada 74. Não tenho muito contato com eles, mas os que eu tenho contato foi bom também.

Pergunta 8. O que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 74. Família, meus pais, meus irmãos que ficaram. Tenho 2 irmãos lá e 5 aqui.

Pergunta 9. E você já tem filhos?

Entrevistada 74. Tenho, só que meus meninos não nasceram aqui, são grandes já, o meu mais novo tem 17 anos.

Pergunta 10. O que a Igreja Católica significa e representa pra você? Você já era católica no Brasil?

Entrevistada 74. Sim, já era. A Igreja Católica é o suporte da minha família aqui na América, então sem ela seria difícil a convivência. Desde o Brasil eu já participava de muito evento e aqui eu continuei participando, procurei uma comunidade aonde eu pudesse participar mais. E a diferença é que aqui a gente tem que colocar “a mão na massa” mesmo. Você tem que trabalhar mesmo pela comunidade.

Pergunta 11. Você é de qual comunidade aqui?

Entrevistada 74. De Plymouth.

Pergunta 12. Quem é o padre lá?

Entrevistada 74. É o Pe. (...).

Pergunta 13. Uma mensagem final que você gostaria de deixar. Vocês estão preparando um evento que se chama o COR que você já participou e agora vai trabalhar. O que isso significa pra comunidade? São 16 comunidades brasileiras que se envolvem nesse evento, não é verdade? Qual a importância desse encontro?

Entrevistada 74. A importância do COR é unir todas as comunidades, trabalhando todo mundo junto. Lá no Brasil a gente tinha frequentemente cursos religiosos assim, pra gente aprofundar mais sobre a palavra. E o COR é um meio onde a pessoa pode ingressar na comunidade.

Que bom! Eu te agradeço imensamente, Deus te abençoe, abençoe vosso encontro, sua família, seus pais que estão lá no Brasil!

ENTREVISTA 75 (grupo de 4 pessoas).

Pergunta 1. Qual seus nomes? De que lugar que vocês são do Brasil?

Entrevistados 75. (mulher) Recife. (mulher) Goiânia. (mulher). Eu sou do interior de Minas Gerais, Conselheiro Pena. (mulher) Governador Valadares, Minas Gerais.

Pergunta 2. Quanto tempo faz que vocês estão aqui na América?

Entrevistados 75. Eu morei aqui a primeira vez em 2008, fui pra África em 2012, voltei em 2014 e estou aqui até agora. 26 anos. Eu cheguei aqui em maio de 2002, 14 anos aqui. 11 anos.

Pergunta 3. O que vocês fazem, profissão?

Entrevistados 75. Eu trabalho com construção, com meu marido. Eu sou organizadora. Trabalho em construção. Eu limpo casa, sou “house cleaner”.

Pergunta 4. Muito bem! Ficou gente da família no Brasil ou todo mundo veio pra cá?

Entrevistados 75. Todo mundo no Brasil, só eu aqui. Só eu e meu marido aqui, toda minha família no Brasil. Os meus familiares estão no Brasil, a minha família está aqui. Teve um período que eu fiquei sozinho, eu e minha esposa, ficamos afastados dos nossos filhos, mas agora tá todo mundo junto! Toda família tá no Brasil.

Pergunta 5. Quando vocês pensam no Brasil o que dá mais saudade?

Entrevistados 75. Praia. O meu povo, a minha família, nossa, como sinto falta! Saudade da minha mãe. Dos meus filhos.

Pergunta 6. Todos vocês vieram por terra, ar, México?

Entrevistados 75. Eu vim pelo ar. Pelo ar. Eu pelo ar, eu vim com visto.

Pelo ar.

Pergunta 7. Que bom! Como vocês foram recebidos pelos brasileiros que já estavam aqui?

Entrevistados 75. Quando eu vim pra Boston eu vim pra fazer Faculdade de Administração. Então eu escolhi Boston porque tinha amigos aqui e seria muito mais fácil eles me recepcionarem. Eu até fiquei surpresa, porque a quantidade de brasileiros é gigante. A princípio, se brincar, você não precisa nem falar inglês, porque não precisa. Foi muito bom. Na época a comunidade era pequena, era mais difícil ouvir a nossa voz, né. Mas foi muito bom, eu acho que o brasileiro é muito acolhedor. Aqui por ter muita gente da minha região, da minha cidade, também fui muito bem acolhido, muito bem recebido. Eu também fui muito bem recebida, fiquei na casa de um cunhado e depois fui dando seguimento à minha vida.

Pergunta 8. E pelos americanos?

Entrevistados 75. Muito tranquilo também. Eu fiz 4 anos de Faculdade aqui e tenho poucos amigos americanos, porque eu acho que não existe muito espaço e abertura pra esse estreitamento de amizades não, mas foi bacana, eles veem bem o brasileiro, eles têm certeza que o brasileiro está aqui pra trabalhar e pra construir o país também. Muito tranquilo, nada muito estreito, mas muito respeitoso. Eles são bem reservados. Eu devo muito aos americanos, porque eu limpava casa e quando eu percebi a diferença de como eles apoiam você quando você realmente precisa, foi quando eu precisei mudar do trabalho que eu fazia. E uma das minhas clientes sugeriu que eu começasse a fazer organização. Então eu acho que eles são reservados sim, mas quando eles vão te ajudar, é igual a nós, brasileiros, eles ajudam de coração aberto mesmo. Foi aí que tudo recomeçou pra mim. Dentro desses 14 anos que eu estou aqui, 13 anos e meio eu trabalho com americano. E eu também tenho uma visão muito boa deles. Tenho amigos que falam que eles são preconceituosos, mas eu não vejo isso. Eu vejo o preconceito aqui quando o brasileiro vem e não quer aprender a cultura deles, não quer aprender a língua. Aí acaba que o próprio brasileiro é preconceituoso com ele mesmo, não é o americano. Porque quando você está interessado em viver a vida deles, eles estão abertos. Eu lido diariamente nas casas, limpando, né. E muitas das minhas clientes são muito amigas, elas percebem se você chega mais triste, se você tá feliz ficam felizes com você, se você tá triste, se tá com problema, estão sempre perguntando, estão sempre querendo participar, estão sempre estendendo a mão. Eu gosto muito disso.

Pergunta 9. Vocês participavam da Igreja Católica no Brasil? E de quais comunidades vocês são?

Entrevistados 75. Sim. Stoughton. Sim. Framingham. Sim. East Boston. Sim. Framingham.

Pergunta 10. Existe diferença entre a celebração litúrgica da comunidade americana, da hispana e da brasileira, apesar da Igreja ser uma só, cada um tem seu jeito próprio?

Entrevistados 75. Sim, a americana é aquela cerimônia de 40 minutos no máximo, fria, muito rápida, sem muitas prolongas. E a nossa, toda homilia é diferente, o padre traz para os dias atuais e como a gente vive em comunidade aqui geralmente ele pega os pontos da comunidade e coloca ali na liturgia, dá os esporros que

precisam ser dados, as chamadas de atenção que precisam ser feitas, é bem diferente. Realmente tem muita diferença da brasileira pra americana. Eu nunca participei da hispana. Mas já participei da comunidade de Everett e lá o padre era colombiano e a gente via a diferença também. Não é porque era frieza, mas a missa não passa carisma, afetividade, eles são muito objetivos, muito práticos. Nós estamos tendo uma experiência interessante lá em Framingham, que um padre recém formado, bem novinho, ele é mexicano, hispano e estudou no Brasil. Então a missa está sendo uma bênção. Ele está bem abrasileirado. No início era engraçado, mas tá sendo muito bom.

Pergunta 11. O que a Igreja Católica representa pra vocês, num país diferente, cada um com sua história e com seu sonho, com sua busca?

Entrevistados 75. Eu diria que a Igreja é a minha vida. Eu sou muito católica desde muito nova, eu tenho 40 anos e meu pai era muito católico, ele já é falecido, então ele nos introduziu muito cedo na igreja e deixou o caminho. No Brasil eu já seguia, muitas vezes ninguém queria ir, mas eu ia. E chegar aqui nesse país, se a gente não tem essa base de igreja, aqui é um país de perdição, um país de oportunidade, de muitas portas, então se realmente você não tiver uma firmeza, saber o caminho que você quer seguir e seguir com coragem, você se desvia muito fácil. Graças a Deus eu tive um casamento maravilhoso, meu marido é católico praticante e isso só contribuiu, né. Imagina se eu caso com um americano que não tem religião como seria? Talvez seria muito difícil permanecer na caminhada cristã. Pra mim é tudo, eu sinto necessidade. Eu fui criada pela minha avó e ela era da Assembleia, mas ela foi muito sábia, porque ela nunca quis me batizar, embora eu já fosse batizada pela Igreja Católica, ela nunca quis me batizar na igreja dela. Foi minha escolha. E meu marido até brinca comigo, ele fala que eu não era tão beata. Então pra mim a Igreja Católica é tudo, porque me fez criar confiança no meu lar, eu tenho confiança de falar o que eu sinto em relação à religião. No caso meu marido não é religioso, ele me incentiva a vir, hoje mesmo eu não estava muito bem e ele disse que me trazia, então ele me incentiva mas não é praticante. A igreja pra mim é o pilar na minha família, na minha casa, com meus amigos. Se eu me afastar, eu já tive isso por uma ou duas vezes aqui nos EUA, as coisas desandam sabe? Agora, por que eu estou falando isso? Porque aqui nos EUA a gente é obrigado a ser família, porque no Brasil as esposas da gente têm familiares, ainda mais que eu vim do interior, são muitas pessoas em volta, então

a gente, homens, a gente não tem aquele compromisso 100% de família. Aqui a gente é obrigado a ter, porque se a gente não tá presente, a esposa da gente tá sozinha e os filhos da gente estão sozinhos. E a gente aprende muito mais a ser família e família acaba levando a gente pra igreja. Eu mesmo me envolvi mais com a igreja aqui nos EUA. No Brasil eu não tinha muito. Sempre fui católico, mas a minha mulher ia muitas vezes com as minhas meninas, agora aqui eu vim buscar mais por causa da situação do país que leva a gente a isso. Aqui ou você é família ou você não vive junto. Pra mim é minha base, representa minha família, os amigos que a gente faz ali no dia a dia. Você sempre tá junto com essas pessoas, é no Natal, é no aniversário, é todo fim de semana ali na igreja. Então é a base, é tudo.

Pergunta 12. Agora, pra finalizar, uma palavra que resuma o tempo de América que vocês têm aqui:

Entrevistados 75. Maturidade. É, maturidade. Maturidade e gratidão por esse país. Eu sou muito grato a esse país por tudo na minha vida. Gratidão e perseverança.

Amém, muito obrigado! Deus abençoe vocês!

ENTREVISTA 76.

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistada 76. (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 76. São Paulo.

Pergunta 3. Quanto tempo na América?

Entrevistada 76. 31 anos.

Pergunta 4. Toda família tá aqui ou tem gente no Brasil?

Entrevistada 76. Não, tem gente no Brasil.

Pergunta 5. Do que mais você sente falta no Brasil?

Entrevistada 76. Dos familiares que ficaram lá mesmo, né!

Pergunta 6. E como é que você foi recebida pelos brasileiros que já estavam aqui, você foi uma das primeiras a vir pra cá, né, foi desbravadora dessa região?

Entrevistada 76. Eu fui uma das primeiras, quando a gente começou lá na comunidade, na verdade eram os portugueses. Foi difícil de conseguir o nosso

espaço, a nossa missa brasileira. E a gente achava estranho a frieza deles, hoje eles são a minoria e nós é que temos três missas em português na comunidade.

Pergunta 7. Você é de que comunidade aqui?

Entrevistada 76. De Framingham.

Pergunta 8. Como você se sentiu acolhida pelos americanos quando você veio?

Entrevistada 76. Muito bem, eu não tenho nada a reclamar deles. Se você viver uma vida direita, se você for uma pessoa honesta, trabalhadora, você tem tudo com eles. Eles te passam uma confiança, coisa que não tem no Brasil. No Brasil sempre existe uma desconfiança, aqui não, eles te entregam a chave da casa e confiam plenamente.

Pergunta 9. Você veio por terra ou pelo ar?

Entrevistada 76. Eu vim legal (risos).

Pergunta 10. A Igreja Católica é a mesma, mas existe diferença entre as celebrações litúrgicas da igreja americana e da brasileira?

Entrevistada 76. Tem, eles são bem arcaicos, bem conservadores, eles seguem à risca a liturgia deles, eu diria que é uma coisa monótona. Eu sou muito mais a brasileira. Você pode mexer um pouquinho, cantar, exaltar, tem o carisma, o abraço da paz que eles não tem, eles são bem frios, é só no olhar

Pergunta 11. Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 76. Por incrível que pareça, só eu. Com o tempo, quando eu realmente comecei a frequentar eu fui convertendo minha família.

Pergunta 12. E o que significa a Igreja Católica pra você, pra sua família? Agora vocês estão organizando o COR que é um momento muito importante para as comunidades brasileiras que aqui estão. Um momento que resgata a pessoa para fazer um encontro com Jesus Cristo.

Entrevistada 76. Tudo, ela é a base, é a minha rocha. Deus deve ser o centro de todo o mundo. Eu o respeito, Ele me guia, parece que quando você caminha do lado dele tudo flui bem. Quando você desvia um pouquinho, você sente falta. Deus é tudo pra mim.

Pergunta 13. Você está coordenando agora esse COR que vai acontecer em setembro, desejo que você tenha e já está tendo muitas bênçãos, o melhor da festa é preparar a própria festa, Deus se encarrega de todas as coisas. Com certeza não vai faltar o vinho da alegria, do encontro. Deixe uma mensagem.

Entrevistada 76. Eu desejo a todos, principalmente aos jovens, que eles nunca abandonem a família e a comunidade e a Cristo, porque nós precisamos disso pra que haja a paz mundial. Porque sem Deus, sem igreja, sem você estar numa comunidade ajudando o próximo, você realmente é inútil.

ENTREVISTA 77. (3 Religiosas)

Pergunta 1. Nós estamos na Comunidade das Irmãs Paulinas, alegria encontrar duas brasileiras e uma quase brasileira aqui de Boston que aprendeu a falar português e fala tão bem, mesmo sem ter feito curso nenhum, uma bênção de Deus. Então nós vamos fazer nossa entrevista nessa manhã de sábado, uma entrevista sintética, breve, mas muito importante na visão de Igreja, na visão de migração, na visão de evangelização. Primeiro vamos para uma breve apresentação das Irmãs, o nome, há quanto tempo estão aqui e de onde são.

Entrevistadas 77. Sou a Irmã (1), sou brasileira de Belém do Pará, estou recém chegada, tem um mês e alguns dias que estou aqui em Boston.

Pergunta 2. E tem dois livros aqui escritos que eu já vou levar (risos).

Entrevistadas 77. Irmã (2), sou natural de Santa Catarina, criada no Estado do Paraná e fazem 5 anos que estou aqui. Sou (2), sou americana, mas com o coração brasileiro e trabalho com os imigrantes com Irmã ... e Irmã ...

Pergunta 3. Que bênção, que coisa boa! Uma pergunta, a visão de migração, o que a gente poderia dizer dos migrantes brasileiros aqui nessa região de Massachusetts, em Boston, nessa arquidiocese?

Entrevistadas 77. Eu penso que quando a gente fala de migração, a gente já tem dentro de nós, parece que é natural da pessoa humana se locomover. E o que eu percebo nas comunidades dos brasileiros que vêm pra cá que é o sonho de construir uma vida melhor. Então não é um povo que veio pra cá pra passeio, que vêm pra cá pra ver como é os EUA, as belezas e coisas assim. Eles vieram com um sonho específico, ganhar dinheiro pra poder dar uma vida melhor pra família. E não é um ganhar dinheiro pra ser rico, mas pra dar condições pra que os filhos possam estudar, pra que eles possam ter a sua casa. Tanto é que essa semana alguém falou assim: “Olha depois de tantos anos eu consegui realizar o sonho que eu tinha no Brasil de comprar a minha casa” e comprou aqui. Então eu penso que está dentro da própria condição humana de ter um teto, de ter um espaço, de ter

um lugar que pode ser dito: “esse me pertence, esse eu trabalhei e com o suor do meu trabalho eu conquistei, eu paguei e é da minha família agora”, então essa é uma coisa assim, pra mim, que toca muito e que é importante também. Embora eu sinta que nesse processo migratório os brasileiros que chegaram há 20 anos aqui o sonho era chegar aqui e comprar algo no Brasil. Agora esse sonho tem mudado um pouco, é chegar aqui e permanecer aqui, porque o sonho do Brasil me parece que nos últimos anos foi se diluindo, foram percebendo que o Brasil não deu mais essa perspectiva de segurança, essa perspectiva de ter lá o futuro da família num lugar onde eles podem confiar, estarem seguros, terem o que é seu e buscarem um trabalho, um emprego que pode sustentar a vida da própria família. Então o investimento de muitas famílias está sendo permanecer aqui. Então esse movimento que a gente percebe um pouco, porque teve essa chegada deles, a permanência por um período, muitos na crise de 2008, 2009, retornaram ao Brasil e agora estão voltando novamente. Então esse processo vai depender das economias dos países, do desenvolvimento e a segurança que os Governos dão para as pessoas, pra elas permanecerem num país ou outro. Acho que isso também é importante dentro do processo migratório. E eu vejo aqui em Boston e o Estado de Massachusetts é o que beneficia muito mais os imigrantes, com algumas... não diria leis que protegem visivelmente, mas são leis invisíveis que dão uma certa serenidade pra dirigir sem carteira, por exemplo. Quando em muitos casos de experiências de pessoas que contam que quando são paradas pela polícia o guarda diz “eu não vi você, vai” e muitos casos que a gente sabe de pessoas que foram deportadas por conta de pequenas irregularidades, como passar em sinal vermelho. E mesmo a questão de saúde, aqui no Estado o imigrante também tem o acesso à saúde, à educação, a criança tá na escola, tem o aprendizado, então tem essa segurança e muitas outras opções em torno da própria escola. Então dá segurança pra família de que o filho vai ter aquele sonho do próprio pai realizado que é continuar na escola, estudar e ser alguém, isso é importante para os brasileiros aqui. Então Massachusetts, o Estado, ainda beneficia muito os imigrantes embora outros Estados não dão essa proteção que se tem aqui. Desculpe o meu português porque eu aprendi sozinha. Mas eu vi desde 12 anos atrás a comunidade brasileira crescendo, crescendo, crescendo e todo mundo aqui, americano, está aprendendo espanhol, muito bom. Eu vi mais e mais Igreja Pentecostal, igreja não sei o quê. Mas que isso? Os brasileiros são católicos. Mas

não tinha catecismo em português, não tinha livro de oração, não tinha Bíblia em português. Música, por exemplo, tinha de Pe. (...), que é muito catequética, né? Naquela época, nossa Superiora Geral era brasileira e cada vez que ela visitou aqui eu disse: “Olha, sua comunidade brasileira está crescendo, crescendo sem ajuda, sem ajuda na fé, crescer na fé”. Ela disse: “Oh, o que eu posso fazer?”. Eu disse: “Manda uma Irmã brasileira pra ajudar”. E ela: “Não, não, faça alguma coisa você mesmo”. Eu disse: “Oh, meu Deus, o que posso fazer?” E eu tentei aprender português sozinha, mais ou menos. E começamos com alguns livros, cd’s, dvd’s, Bíblia e livros de orações e cresceu, cresceu e os padres e leigos estavam visitando nosso Convento para procurar informação desses livros em português sobre a fé. Nossa Superiora Geral percebeu que era uma comunidade grande que precisava de ajuda, então ela mandou para nós a Irmã (...) que na verdade pôde ajudar a comunidade, não só com os livros e todas as coisas das Paulinas, mas com palestras, com aulas de Bíblia, formação, essa gente tem fome por essa ajuda na fé. Porque o povo brasileiro é um povo bom, é povo com muita fé. Cada grupo de migrantes que vem para os EUA vem com seus dons. Eu acho que o dom dos brasileiros é a fé católica que pode enriquecer toda nossa nação e precisamos que você reze por nós pra gente continuar a crescer na fé.

Pergunta 4. Deus e a Congregação mandaram a Irmã (...), mas as sementes começaram na senhora pela força de vontade. Deus vem construindo isso há muito tempo pela sua vontade, pelo seu bem querer, pela sua vocação, pelo seu amor. Que bom! A questão de Igreja, o que podemos dizer da Igreja aqui na América, aqui em Massachusetts?

Entrevistadas 77. A gente poderia dizer várias coisas, uma é distinguir um pouquinho a igreja como espaço, tempo, isso é importante pra nós aqui, como lugar, como a casa. Pode parecer que não, mas aqui pra nós é muito importante. Importante por que? Porque é o lugar, o espaço onde a comunidade se encontra. No Brasil é de todo mundo, já é nossa. Aqui existe em algumas comunidades, agora talvez um pouco menos, mas o desafio de conquistar esse espaço, de dizer que este lugar, que esta igreja que foi construída por americanos, ou por italianos que vieram, ou pelos primeiros grupos que aqui chegaram, ela pertence a todos que são Igreja. Não apenas a um grupo étnico, porque nós temos comunidades com quatro, cinco grupos étnicos e todos têm que dividir esse mesmo espaço. Então esse é um desafio grande aqui. Muitas vezes a comunidade brasileira como

tal, ela se sentiu rejeitada porque não tinha espaço, não tinha lugar pra celebrar. Tanto é que começou a celebrar nas casas porque não tinha espaço na igreja. E algumas comunidades tiveram que mudar de igreja, de local físico, pra poder celebrar porque não foram acolhidos. Então esse é um desafio grande, do espaço, do lugar onde se celebra. E como tal, também a visão de Igreja, qual é o tipo de comunidade que nós temos, eu diria que ela é muito mais uma comunidade carismática na maioria das expressões, embora não todos, mas o grupo maior e mais forte e até diria organizado, sistematizado é a Renovação Carismática Católica, que tem seus grupos de oração em muitas comunidades, são poucas que não tem. E é um grupo que mantém viva a fé, que mantém no seu jeito de rezar, no seu jeito de celebrar, mantém os serviços da própria comunidade porque é um povo que de fato se doa, trabalha, quando é pra fazer eles se unem, fazem e ajudam de fato. Dentro dessa Igreja a gente tem grandes desafios, que é como atender, que já entra um pouquinho nesse projeto de evangelização, como atender aqueles grupos que não são carismáticos e que, como proposta mesmo do Apostolado Brasileiro em nível de Arquidiocese, não existe um projeto pastoral, ou como tal, de formação pra essa outra área que a gente deixa completamente descoberta. Eles têm a missa, eles têm a celebração eucarística. Muitas vezes se oferecem outros cursos e o desafio é encontrar um espaço e um horário adequado pra essas pessoas poderem fazer-lo, porque em primeiro lugar, aqui, durante semana é o trabalho e aí à noite como é que você sai? E ainda temos um período interessante também que é o curto de verão, que as pessoas saem pra passear e se divertirem porque é curto e não tem outro. E depois nós temos o período longo de inverno que você muitas vezes não pode sair por causa da neve. Então são coisas da própria natureza que você tem que lidar dentro da comunidade, né. E aí ainda vejo assim, a diferença dentro da Igreja do estilo de padres que nós temos e que vai fazer a diferença nas comunidades. Então nós temos aquele padre que se diz assim: “Ele é carismático, ele tem o jeito mais aberto de rezar, mais acolhedor de trazer todo mundo pra dentro, de acolher todo mundo”, isso é o que se espera também do próprio padre da comunidade pra que ele seja esse lugar onde o imigrante chega e se sente em casa. E temos muitos que, de fato, fazem isso com qualidade, inclusive nas próprias paróquias, oferecendo vários serviços, não só os serviços relacionados aos Sacramentos, batismo, confissão, casamentos, coisas assim, mas outros serviços na área da própria imigração, como: onde conseguir

documentos, como conseguir documentos, em relação à vistos, ajuda a ir nos hospitais pra ajudar esse imigrante a se relacionar com seu médico, faze-lo entender o que ele está falando... então tem padres também abertos a isso. Mas tem outros que não são e estão mais voltados e preocupados na questão sacramental. Estão errados? Não estão? Mas aí nós teremos que ver como trabalhar tudo isso dentro dessa Igreja que é, eu diria assim: os brasileiros chegaram de diversas paróquias, de diferentes paróquias do Brasil e aqui são convidados a formar uma outra comunidade e aí você tem muitos desafios. Todo mundo está certo, todo mundo diz “Na minha paróquia era assim, na minha era assado”, só que aqui você tem que arrumar um novo jeito de ser comunidade, um novo jeito de ser Igreja, que vai se descobrindo no jeito de ser da comunidade, respeitando as diferenças e respeitando aquilo que cada um busca e deseja. Os desafios nessa área, do jeito de ser Igreja aqui são grandes inclusive pra gente entender como que é de fato a Igreja do Apostolado Brasileiro aqui nos EUA, com essa diversidade, com essa riqueza, com esses desafios. Igreja... não posso falar ou explicar as coisas bem como a Irmã (risos), mas eu vou dizer uma coisa simples, que conhecendo as comunidades brasileiras eu vi que rezam muito e quando a gente reza Deus faz o trabalho pra nós porque Ele sabe que nós não podemos fazer muito, então se nós podemos fazer tudo que podemos, Ele faz o resto. Sim, são muitos desafios, mas com uma comunidade assim, que reza assim, Deus vai ajudar e vai dar certo.

Pergunta 5. Muito bem! Finalizando, nós já falamos em evangelização, a gente poderia pontuar assim, por experiência, uns cinco, dez, ou um, ou dois, quais são as principais carências da migração e de Igreja, vamos juntar tudo agora. Quais os principais desafios que a gente tem pra solucionar ou tentar encaminhar na vivência e quais são as alegrias de se trabalhar com a realidade migratória nas comunidades?

Entrevistadas 77. O que eu percebo trabalhando com aqueles que buscam a comunidade, aqueles que desejam, aqueles que querem, é um povo sedento, em busca de respostas para o existir, pra vida e isso é belo. Então aqui o que eu vejo belo é: se você promove, por exemplo, um curso, vem 4 pessoas e dessas 4, uma delas trouxe pra ela a alegria de responder os questionamentos em relação à vida, à fé, está ótimo! Você não tem 800 pessoas ou 1000 pessoas à sua frente. Você tem um grupo desejoso de encontrar respostas pro seu existir, pra sua fé. Isso eu

encontrei muito em grupos pequenos, não grandes, desejosos de algo, desejosos de alguma coisa, sedentos. Então essa é uma coisa bela. E de fato, pra mim, o desafio maior, e aqui eu vou pegar um ponto específico: a catequese. Como responder os desafios da catequese com os brasileiros, quando os pais falam o português apenas, as crianças leem em inglês e os pais querem que elas aprendam o português na catequese? E nós não temos ainda nenhum material, assim como os hispanos têm, bilíngue. Nós não temos o português/inglês. Então esse é um desafio pra nós, Irmãs Paulinas. Como trabalhar e como responder a esse grande desafio e que é um grito também dos próprios pais e das comunidades que querem manter a língua, manter o idioma, mas querem aprender, pra mim não no lugar correto que é a catequese, que acaba sendo aula de português também. Então esse, pra mim, é um grande desafio evangelizador.

Pergunta 6. Uma alegria do seu coração?

Entrevistadas 77. Pra mim o desafio é tudo que disse já a (...), mas como podemos alcançar e convidar todos aqueles que não participam na igreja ainda? E são muitos. Queremos que todo mundo vá participar da vida na igreja. Como podemos falar, conversar com essas pessoas? É desafio! Não sabemos ainda exatamente, mas são muitos e temos que ter essas pessoas nos nossos corações.

Pergunta 7. Quantos anos de vida religiosa, Irmã?

Entrevistadas 77. De vida religiosa, eu entrei no Convento com 18 anos, então são 52 anos no Convento. Agora tenho 70 anos (risos).

Pergunta 8. Que coisa boa! (risos) Uma alegria?

Entrevistadas 77. Estou tendo muita alegria quando vejo gente participando mais da igreja, quando as pessoas aprendem mais de fé, de Deus, especialmente com nossa missão. As pessoas vão descobrir Deus, a beleza de Deus através da nossa missão. Essa pra mim é uma alegria bem grande! E também, primeiro, claro, morar na casa de Deus.

Pergunta 9. À Irmã que é migrante, que chegou à pouco, por isso ela se apresentou, mas teve que dar continuidade, porque a vida segue ... Irmã, Maria foi migrante, peregrina, saiu da sua casa, visitou Isabel, não é verdade? É o primeiro passo da caminhada do Deus de Abraão, Isaac e Jacó, do Deus dos que caminham. Maria também se faz presente como Rainha e modelo da evangelização e Mãe da Igreja. Uma palavrinha de Maria sobre migração, Igreja, evangelização.

Entrevistadas 77. Acredito que a gente tem muito a aprender de Maria, justamente por essa sensibilidade. Ela foi visitar Isabel, mas também ela foi pro Egito pra proteger Jesus, Maria e José foram com ele. Então essa sensibilidade em relação ao outro, perceber a realidade que o outro se encontra e se colocar junto, não no sentido de dó, de piedade, de coitado, mas “para SER com ele” assim como “Ela É com a gente”. Nesse sentido a gente ainda tem muito a aprender, dessa sensibilidade, desse cuidado amoroso que Ela teve com Jesus e que nos ensina a ter com os outros.

Pergunta 10. Obrigado! A Irmã (...) tem os livros “Nove dias com as virtudes de Maria” e “Enviai-nos o Vosso Espírito Santo”, que também nos ajuda a rezar através da liturgia.

Entrevistadas 77. Finalizando, eu sei que em setembro vai ter o encontro e que pensa um pouquinho esse trabalho pastoral. Uma mensagem final, ligando à perspectiva desse encontro em setembro, com a presença dessa pastoral na América, nessa região de Boston, em especial. Acho que a primeira coisa em relação ao encontro nacional é, de fato, esse sonho de sair, desse encontro, um projeto pra que a gente possa com mais clareza trabalhar com os imigrantes, em relação às comunidades, a Igreja o que fazer, como fazer, de que maneira fazer. Ajudando, de maneira especial, a terem linhas, metas mais claras em relação a ajudar o povo todo e não apenas um grupo específico. Que nesse encontro nacional a gente possa sair com quais são as prioridades da Pastoral Brasileira nos EUA, qual é o objetivo dessa Pastoral Brasileira nos EUA. Muitas comunidades estão e permanecem unidas com um único objetivo e esse precisa ficar claro pra nós. Nós sabemos, mas precisa ser expressado e colocado no papel pra que as comunidades possam segui-los, respeita-los e assim que cada comunidade tenha linhas que possam ser orientativas, não impositivas, que possam se guiar por elas pra poder dar continuidade à evangelização. Minhas palavras são simples porque me faltam palavras em português. Eu só quero dizer que com Deus tudo dá certo e quero que todo mundo fique sempre com Deus.

Irmã são exatamente as palavras simples que ajudam a quem faz a pesquisa. E a sua experiência, a sua bênção, a sua simplicidade faz acontecer aquilo que a gente tanto deseja de plano de pastoral. Deus abençoe vosso serviço pastoral, vosso trabalho. Obrigado pela acolhida!

ENTREVISTA 78.**Pergunta 1. Como é teu nome?**

Entrevistada 78. (mulher).

Pergunta 2. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 78. Santa Catarina, Criciúma. Toda vez que eu vou pro Brasil, eu vou pra Porto Alegre, eu tenho uma tia que é freira carmelita lá em São Leopoldo.

Pergunta 3. Quanto tempo na América?

Entrevistada 78. 17 a 18 anos.

Pergunta 4. Você veio sozinha pra cá ou veio com família?

Entrevistada 78. Vim sozinha, vim pra poder ajudar meus pais. Nós estávamos numa situação que ou eu vinha, ou eu vinha ou nós íamos morar debaixo da ponte. Não tinha outra decisão, a decisão era eu arrumar os documentos e me mandar.

Pergunta 5. Você veio pelo México ou com visto?

Entrevistada 78. Eu vim normal, vim com visto. Eu tinha duas primas aqui, então eu vim pra ficar na casa delas, mas foi bem conturbado o começo também.

Pergunta 6. O que mais você sente saudade do Brasil?

Entrevistada 78. Tudo! Família, amigos, às vezes alguma comida... mas o que mais me apertou muito no início, nos primeiros 5, 6 anos era que chegava época de Natal e eu ficava mal, só meu pai mesmo pra poder me acalmar no telefone porque eu desabava. Hoje eu não sinto tanta saudade porque eu já tenho documento, então todo final do ano eu sei que eu vou pra lá.

Pergunta 7. Como você foi recebida pelos brasileiros?

Entrevistada 78. Em termos eu não posso reclamar, eu só tenho a agradecer tudo que eles fizeram. Teve alguns contratemplos no começo da jornada, porque quando eu cheguei eu não tinha carteira, eu não podia dirigir, dependia de carona e eu passei situações complicadas nessa história de pegar carona, ...

Pergunta 8. E pelos americanos?

Entrevistada 78. Não, também não tenho nada a reclamar. Eu trabalhei num restaurante americano por 7 anos, sempre fui muito bem recebida, muito bem acolhida. Hoje trabalho em uma outra companhia América que eu sou assim, grata à eles por tudo, pelo jeito que eles me tratam, então não tenha nada contra eles.

Pergunta 9. Você já participava da igreja, já era católica no Brasil?

Entrevistada 78. Sim, eu sempre participei, dei catequese, ensaiava coral infantil, participava de coral com meus pais, meus pais são atuantes também, meu pai até hoje dá catequese.

Pergunta 10. O que a Igreja significa pra quem é migrante?

Entrevistada 78. É tudo! A Igreja, o convívio com esse momento aqui é que te dá a força pra ir adiante. No início às vezes eu não tinha dinheiro pra comprar minha comida, mas eu comprava o CD do Padre (...) (que estava no auge na época) e cantava, rezava dentro de casa. Depois eu me casei, conheci meu marido dentro da Igreja de Santo Antônio em Summerville aí tentei fazer várias vezes com que ele fosse na igreja comigo, mas sempre tinha uma desculpa. Então eu ia pelo menos na época de pagar o dízimo, ou então na época de aniversário de casamento e tentava fazer ele ir comigo. Até a gente conhecer a comunidade de East Boston que ele se apaixonou de uma tal maneira que eu não precisei fazer força nenhuma (risos). Aí ele que me traz agora. Então é muito gostoso, tanto é que a gente já está casado há 17 anos com as graças e bênçãos de Deus.

Amém! Deus te abençoe, abençoe sua família e te guarde! Muito obrigado!

ENTREVISTA 79.

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistada 79. (...).

Pergunta 2. Quanto tempo na América?

Entrevistada 79. 16 anos.

Pergunta 3. Você trabalha aqui?

Entrevistada 79. Trabalho, sou *house cleaner*, limpo casa.

Pergunta 4. Veio tua família toda ou veio sozinha?

Entrevistada 79. Vim sozinha, só está eu e Deus aqui.

Pergunta 5. De que lugar do Brasil você é?

Entrevistada 79. Sou do Paraná.

Pergunta 6. O que mais você sente falta do Brasil?

Entrevistada 79. Da minha família, claro!

Pergunta 7. Você veio pelo México, pelo ar, por onde?

Entrevistada 79. Eu vim pela porta da frente, graças a Deus! Hoje eu já sou cidadã.

Pergunta 8. Como você foi recebida pelos brasileiros aqui?

Entrevistada 79. Graças a Deus fui bem recebida! Não conhecia ninguém, vim sozinha com fé e coragem. Conheci uma pessoa maravilhosa no primeiro dia que eu cheguei aqui, (...), me acolheu muito bem, morei um ano com ela, depois resolvi alugar meu apartamento e morar sozinha e pra mim foi muito importante, foi uma porta que Deus abriu pra mim, agradeço a Deus todos os dias.

Pergunta 9. E você tem vontade de voltar a morar no Brasil?

Entrevistada 79. Não, não me vejo morando no Brasil mais.

Pergunta 10. Outra coisa, como você foi acolhida pelos americanos? Sentiu discriminação ou foi tudo tranquilo?

Entrevistada 79. Nunca senti discriminação, eles são pessoas muito acolhedoras, quando eu cheguei aqui eu não sabia pedir nem água em inglês. Me deram a maior força, até hoje meus clientes me ajudam muito. O pouco que eu sei é por estar convivendo com eles. Muitas pessoas falam que eles são muito frios, mas eu não sinto isso. Eu não acho isso. Isso depende de cada um e a maneira como você trata eles. Você é recebido como você se dá também.

Pergunta 11. Você já era católica no Brasil?

Entrevistada 79. Graças a Deus! Eu nasci em família Católica e aqui eu me sinto mais acolhida. Eu sinto diferença na Igreja aqui, é mais acolhedora. Lá no Brasil eu ia na missa todo domingo, mas simplesmente sentava no banco, acabava a missa e eu ia pra casa. Não tinha esse afeto daqui, aqui a Igreja é mais unida. Quando eu vou no Brasil eu acho muita diferença da Igreja lá, porque as pessoas, quando termina a missa, não fazem aquele grupo pra conversar da vida um do outro, pra saber se tá precisando de alguma coisa, lá não tem isso, acabou a missa tá indo embora, eu acho muita diferença nesse lado. A missa de Natal aqui eu acho totalmente diferente, eu amo essa missa aqui, com teatro, com tudo. Na minha cidade, não sei em outros lugares, na cidade do senhor é diferente; mas no Paraná é diferente, lá eu nunca assisti uma missa de Natal com teatro. Eu sinto aqui a Igreja mais aconchegante. Aqui eu aprendi muita coisa que eu não sabia no Brasil, na Igreja, eu aprendi muito aqui e tenho que aprender muito ainda.

Pergunta 12. O que a Igreja Católica significa na sua vida aqui?

Entrevistada 79. A Igreja Católica é tudo pra mim na minha vida. Eu pretendo, se Deus quiser, morrer na Igreja Católica. Eu sinto que a Igreja Católica é a que Deus deixou. Em todas as partes da Bíblia que eu vou, que eu busco, sempre Deus fala

da Igreja Católica, não tem nenhuma outra. Essas outras eu penso que são inventadas pelos homens. A que Deus deixou é a Católica, é a nossa.

Pergunta 13. Te agradeço imensamente, Deus te abençoe! A gente se encontra!

Entrevistada 79. Amém!

ENTREVISTA 80.

Pergunta 1. Como é o nome da senhora?

Entrevistada 80. (mulher)

Pergunta 2. Quanto tempo na América?

Entrevistada 80. 20 anos e 4 meses.

Pergunta 3. De que lugar que a senhora é?

Entrevistada 80. De Goiânia.

Pergunta 4. A senhora faz o que aqui?

Entrevistada 80. Eu cuido de criança, sou “baby-sitter”, eu pus um “daycare” na minha casa.

Pergunta 5. A senhora veio sozinha pra cá ou veio com família?

Entrevistada 80. Não, vim sozinha e Deus, não sabia nem se o “A” era “Ei” aqui, viu (risos)?

Pergunta 6. E foi aprendendo aqui, né?

Entrevistada 80. Ah, eu passei muitos problemas aqui, muitos, só Jesus sabe!

Pergunta 7. Você veio pelo México, pelo ar, por onde?

Entrevistada 80. Pela porta da frente, visto de 10 anos. Nunca voltei no Brasil.

Pergunta 8. E a família toda?

Entrevistada 80. Eu tenho dois filhos só. Eu vim e com dois anos que eu estava aqui que minha filha veio e o filho veio três vezes e nunca quis ficar. Eu vim por eles e por mim e ele não quis ficar. Eu vim pra resolver a minha vida e a vida dos meus filhos. Pelo menos a minha filha casou bem, com um americano, pelo menos essa preocupação eu tirei, porque minha filha casou muito madura, me deu muito trabalho, namorava pessoas que não eram boas, era muito ingênua, sabe? E eu nunca pus nenhum homem na minha casa por causa da minha filha. Esse problema eu não passei, graças a Deus!

Pergunta 9. O que a senhora mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 80. Só das minhas irmãs, porque eu não tenho nem pai nem mãe mais. Eu perdi minha mãe, ela estava com 32 anos e eu com 15 anos, aí fui morar com meu tio, meu tio arrumou um rapaz e me fez casar pra sair da casa dele. Eu falo que eu não me casei, me casaram. Foi isso que aconteceu de verdade.

Pergunta 10. Como a senhora foi recebida pelos brasileiros aqui?

Entrevistada 80. Ai (suspiro)! No começo foi difícil, tem uns meio egoístas, desfazem muito das pessoas, isso é muito triste, sabendo que ainda vim sozinha. Aí eu procurei a Igreja.

Pergunta 11. E os americanos?

Entrevistada 80. Os americanos eu não tive contato de cara com eles, assim, não. Depois que a minha filha veio que ela foi estudar, eu comecei a estudar e parei, porque eu morava de frente pra um parque lá e cuidava de crianças o dia inteiro e quando chegava 6 horas iam embora e eu cuidava de mais crianças até 10h e juntei um dinheirinho; e com 5 anos de América eu comprei a minha casa, pus em meu nome e da minha filha pra facilitar e estamos morando lá. Ela casou, mora em Primont e eu fico sozinha e fico fazendo minhas extravagâncias porque não tenho ninguém. Eu moro com uma “roommate”.

Pergunta 12. A senhora já era católica no Brasil?

Entrevistada 80. Toda minha vida.

Pergunta 13. Como a senhora vê a Igreja Católica aqui pra quem é migrante?

Entrevistada 80. A Igreja é um apoio.

Pergunta 14. E tem diferença entre as missas dos americanos, dos hispanos e da brasileira?

Entrevistada 80. Eu já assisti muita missa em inglês lá em Primont. Aqui no final da missa é uma falação danada, lá não, terminou a missa todo mundo sai, vai embora. Aqui não, aqui é aquele anúncio toda vida, canta, canta, completamente diferente.

Pergunta 15. Uma mensagem pra quem gostaria de vir pra América hoje? A senhora diria o que, com essa experiência que a senhora tem?

Entrevistada 80. Pense muito bem, porque não é fácil arrumar trabalho, porque ninguém quer saber de ajudar ninguém. Eu não consegui nada com brasileiro, brasileiro nunca me ajudou em nada. Eu que conheci uma chilena, quando eu estava trabalhando na casa de uma brasileira lá em (...) que ela que me ajudou pra

tirar licença pra cuidar de criança. E uma brasileira, vizinha, mandou polícia na minha casa, falando que eu estava cuidando de criança e que eu não podia. A polícia bateu na minha porta, eu mostrei o certificado e foi embora. Então não conta com ninguém querendo ajudar não.

Pergunta 16. Eu agradeço muito, que Deus abençoe! Abençoe também suas irmãs que estão no Brasil.

Entrevistada 80. Amém! Eu tenho uma irmã que mora no Pará que tem mais de 20 anos que eu não vejo ela. A que mora em Goiânia eu vejo sempre no facebook e ela mora num lugar isolado lá, coitada. Muito católica, inclusive o terreno lá meu cunhado deu e fez uma igreja lá dentro do patrimôniozinho e minha irmã que toma conta. Ela é maravilhosa, muito boa, eu morro de saudade dela! Espero um dia controlar minha vida e eu... Deus sabe.

Pergunta 17. Ele sabe! Amém!

Entrevistada 80. Amém!

ENTREVISTA 81 (homem e mulher).

Pergunta 1. Como é teu nome?

Entrevistados 81. (mulher). (homem).

Pergunta 2. Quanto tempo na América?

Entrevistados 81. Vai fazer 16 anos. Vai fazer 13 anos.

Pergunta 3. De que lugar do Brasil?

Entrevistados 81. Eu sou de uma cidade chamada Barcarena, no Pará, mas cresci e vivi em Belém do Pará, capital. Eu sou de Araputanga, Mato Grosso.

Pergunta 4. Profissão?

Entrevistados 81. Eu sou Contadora. Eu trabalho na Construção Civil.

Pergunta 5. Já vieram falando inglês ou aprenderam aqui?

Entrevistados 81. Eu aprendi aqui. Eu ainda tô aprendendo aqui (risos).

Pergunta 6. Toda família veio ou a família ficou?

Entrevistados 81. Toda família ficou, eu sou a única aqui. Também, sozinho aqui.

Pergunta 7. O que mais vocês sentem saudade quando pensam no Brasil?

Entrevistados 81. Da família, a primeira coisa. Da família e dos amigos.

Pergunta 8. Vocês foram bem recebidos pelos brasileiros que estavam aqui, quando chegaram?

Entrevistados 81. Sim, eu fui bem recebida. Sim, na época eu fui bem recebido, mas se você precisava de alguém, você tinha que pagar por isso.

Pergunta 9. E pelos americanos?

Entrevistados 81. Ah, aí é outra história. Eu não fui bem recebida pelos americanos. No começo eu comecei a estudar, porque, primeiramente eu não falava inglês e aí quando eu ia nos lugares e tal e tentava me expressar, eram sempre aquelas caras de desentendidos e nem se importavam em saber o que eu queria, não tentavam ajudar.

Pergunta 10. E vocês participavam da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistados 81. Eu não participava. Eu fui batizada com 7 anos, mas eu não ia à igreja, meus pais e minha avó também não me levavam à igreja. Eu só vim participar da Igreja Católica há 3 anos, pra falar a verdade, desses 16 anos que eu estou aqui. Já participava desde o Brasil e cheguei aqui e eu participava, mas não com muita frequência.

Pergunta 11. E o que significa a Igreja Católica, esse encontro com Jesus Cristo aqui? Você que fez agora mais recentemente essa caminhada e está fazendo continuamente, o que é a Igreja pra quem é imigrante num país estrangeiro?

Entrevistados 81. É difícil de falar, mas eu vou tentar. Quando eu cheguei aqui eu não tinha uma denominação religiosa e eu via muita gente indo à Igreja, de várias denominações e eu sabia que eu era batizada na Igreja Católica, mas nunca fui apresentada pra ela. Então quando eu conheci o (...), foi que aí eu vi que ele começava a ir à igreja e naquele momento da minha vida, eu estava passando por um momento de transformação. Eu vinha de um relacionamento longo e eu estava num momento da minha vida que eu queria seguir outro caminho, voltar pro Brasil, porque eu vi que ficar aqui sozinha, sem família, ... e eu decidi que ia voltar pro Brasil. Só que daí eu conheci logo depois o (...), que ia à igreja, que era frequente, por sua família todos serem católicos e um belo dia eu fui com ele à Igreja Católica. E eu não me sentia muito “parte da missa” porque eu não sabia como procedia, que horas levantava, que sentava. Então eu falei pra ele assim: “(...), pra eu poder participar da missa eu quero entender porque eu tô fazendo isso tudo” e fui fazer a catequese. Aí eu fiz a catequese pra fazer a Primeira Eucaristia e a Crisma, porque eu não tinha feito. Então eu fiz todo processo da catequese e foi daí que foi me apresentada a Igreja Católica, porque eu era batizada mas nunca

segui. E foi um momento crucial na minha vida, porque eu precisava dessa força que vem de Cristo, posso dizer assim, porque eu tava num momento de decisão, eu tinha encontrado uma pessoa que, de início, eu pensei que fosse ser o meu futuro esposo, que eu quisesse ficar a vida toda, só que eu já tinha decidido um pouco antes que eu ia embora. Como é que eu ia fazer isso, ne? E aí foi a Igreja que me ajudou a continuar nesse país, porque foi pela força da comunidade também que eu decidi ficar e mudar a minha vida. Os últimos 10 anos da minha vida eu fiquei sem rumo. Eu vim pra cá pra estudar, não consegui completar o meu estudo e eu tinha vindo pra cá pra ter uma vida melhor e não tava conseguindo até aquele momento. A partir daquele momento que eu decidi ficar, eu comecei minha faculdade, eu disse que ia começar e terminar. Terminei meus estudos com muito sacrifício, trabalhando 40 horas e às vezes 50 horas e mesmo assim eu tinha que chegar em casa, colocar a cara nos livros, porque no outro dia de manhã 7 horas da manhã e entrar no trabalho 11h da manhã. Debaixo de neve, às vezes, eu tinha que sair de casa de madrugada, num frio de menos 15 graus, foi bem difícil essa época. Só que nessa época eu já conhecia o (...) e tava começando meus primeiros passos dentro da Igreja. Daí eu passei por tudo isso, me formei. Eu me sentia muito sozinha aqui, apesar de já conhecer alguns brasileiros, a minha melhor amiga tinha mudado pra Carolina do Sul. Então essa base de amizade foi embora e eu fiquei muito sozinha, porque ela também era do Pará, a gente se juntava pra fazer comida paraense, eu perdi um pouco. E aí foi na comunidade que eu fiz mais amigos; e amigos que não tinham interesse, isso que me deixou mais cativada porque as pessoas não tinham a segunda intenção. Até aquele momento, infelizmente, as relações que eu tive anteriormente elas tinha a segunda intenção por algum motivo. Aí agora dentro da comunidade eu consegui ver o que as pessoas são realmente, verdadeiras. E aí eu comecei a fazer parte da comunidade. E eu gostei desse novo laço, dessa minha nova realidade, totalmente diferente do que tinha sido. E eu nunca imaginei que teria as forças que eu tive pra superar o medo de ficar aqui sozinha, de ficar aqui sem a família, de me integrar numa sociedade que era de realidade totalmente diferente da minha porque a partir do momento que eu me formei e passei a viver a realidade americana eu me sento um peixe mais fora d'água ainda. Mas hoje, graças à minha fé e à ajuda dos amigos eu consigo passar por isso, eu peço a Deus que eu nunca me esqueça de onde eu vim. Pra mim significa muita coisa. A gente se sente muito sozinho. No

início eu achava que a gente não conseguia se integrar na comunidade, essa foi uma das maiores dificuldades que eu encontrei na Igreja aqui. Mas desde o dia que a (...) falou pra mim que não são as pessoas que fazem o jeito da gente, a gente que vai chegar, vai cumprimentar as pessoas e pronto. E daí pra cá a gente foi aos poucos se integrando, a gente sentiu um pouco de dificuldade no início, mas hoje a gente já tá na Igreja e isso faz parte da gente e é uma coisa que a gente precisa pro nosso dia a dia

Muito obrigado, agradeço imensamente a vocês!

Entrevistados 81. Amém! Amém!

ENTREVISTA 82.

Pergunta 1. Estou aqui com o Padre (...). Padre, você é da onde?

Entrevistado 82. Sou de Adamantina, interior de São Paulo.

Pergunta 2. Quanto tempo de América?

Entrevistado 82. 7 anos e meio.

Pergunta 3. E você estuda aqui?

Entrevistado 82. Isso, estou aqui estudando, com visto de estudante, fiz o Mestrado e agora estou terminando o Doutorado, falta um ano.

Pergunta 4. Qual tua visão sobre migrantes nesses 7 anos aqui na América, nessa Arquidiocese de Boston, de Massachusets? Os migrantes que participam, por exemplo, aqui da Paróquia Santo Antônio ou de outras paróquias, que tipo de migrantes são? São migrantes mais antigos?

Entrevistado 82. Bom, eu trabalho basicamente com duas comunidades de migrantes: Uma de portugueses, que é a que construiu essa paróquia, que é uma paróquia pessoal, não é uma paróquia territorial. E um grupo de brasileiros que é considerado, segundo os relatos que eu ouço, a comunidade mais antiga do Apostolado Brasileiro, começou em Cambridge, porque era uma paróquia portuguesa e os brasileiros se aproximaram dos portugueses por causa da língua, especificamente, conseguiam emprego junto com eles, trabalhavam com os portugueses. A comunidade é antiga, mas Cambridge se tornou uma cidade muito cara, então as pessoas saíram de Cambridge. Tornou-se cara por causa das duas Universidades daqui e as pessoas foram morar nas cidades ao redor, foram se movimentando para Somerville. Everett, Houston, Brighton e outras cidades também. Havia os focos dessa região e o foco de Framingham, que é o grande

local onde têm imigrantes também, já há muito tempo. Então a comunidade com quem eu trabalho é de imigrantes mais antigos, você facilmente encontra gente com 30 anos de América, gente que teve os filhos aqui, os filhos se casaram aqui, tiveram os netos aqui, os netos foram batizados, etc. mas mesmo sendo uma comunidade com imigrantes num estado mais maduro, de estabelecimento com papéis nos EUA, é uma comunidade jovem. Os brasileiros são maioria aqui e mesmo os que têm 30 anos aqui, eles têm 60 anos, no máximo, alguns com 70, claro! Quem veio com 20 anos, hoje tem 50, quem veio com 30 tem 60, basicamente isso. A característica básica desse povo aqui é que aqui não se fica sem trabalho, então todos estão trabalhando, trabalham muito, em trabalhos mais humildes que não requerem formação intelectual. A maioria dos que vem aqui não tem esse tipo de emprego que requer senão mais atividade física, então é pintura, construção, limpeza, jardinagem e coisas do gênero. A maioria tem esse perfil e faz mais ou menos as mesmas coisas, com raras exceções, Como Cambridge é um lugar que atrai muito estudante, então tem também um fluxo esporádico de brasileiros que vêm fazer Mestrado, Doutorado em Harvard e em outras Universidades e que participam aqui, de algum modo, das atividades da paróquia. Então assim, o imigrante que veio pra ficar, não o que está passando aqui estudando, tem esse perfil da religiosidade, que está há 30 anos, sempre foi católico, permanecem católicos, parece que até são mais que no Brasil, muitos não participavam tão ativamente, aqui participam um pouco mais. É claro que tem esse movimento natural de agrupamento e a Igreja é um lugar pra você se agrupar quando você tá sozinho, a nacionalidade é um elemento de unidade por causa da barreira da língua e tal. Você deve ter participado de missas, as missas são praticamente o Brasil, não há quase nenhuma diferença, nós tentamos fazer com que as pastorais num modelo mais ou menos geral brasileiro aconteçam aqui, a Igreja funciona à base do voluntariado que é um grande diferencial da Igreja dos EUA, que tem voluntários mas de um modo diferente, aqui nós temos frentes pastorais, a participação de leigos nos conselhos é de modo ativo, muitos grupos que se reúnem, muitas atividades, menos sacramental ou sacramentalista do que a atividade pastoral da igreja americana. Então esse seria o diferencial, uma coisa muito básica. Na maioria das igrejas americanas o Coral tem um regente de Coral ou um organista e é pago a cada missa, a coordenadora de catequese da paróquia é uma funcionária, é paga. No Brasil até existe alguma coisa parecida em alguns

lugares, mas é raro. Então a maioria das pessoas se engajam nas atividades da comunidade que são muito parecidas como no Brasil, atividades sociais, religiosas, festas, retiros, grupos de casais, enfim... fazem coisas muito parecidas, mas é outra cultura realmente. Então é uma comunidade que está inserida, mas esses que vieram pra cá já ao redor dos 30 anos ou 25 anos e hoje tem 50, 60, eles estão inculturados, trabalham com americanos e a maioria desses mais antigos tem documentos, o que não é a maioria na Igreja, eu diria talvez que 60% não tem documentos, são indocumentados e por ser uma comunidade antiga, uns 40 % tem documentos, porque é comunidade antiga. As outras comunidades não, eu acredito que a quantidade é menor. Mesmo assim, estando aqui há 30 anos, 20 anos, eles parecem estar inculturados porque trabalham, vivem aqui e tem o básico, a questão dos filhos, a saúde e tudo acontece aqui, mas a comunidade deles, o grupo deles é o grupo brasileiro. Então a comunidade é muito importante porque é basicamente o ponto de ligação com a cultura brasileira, tende a ser a comunidade católica. Nós temos o que os americanos raramente tem, nosso cafezinho depois da missa, todos os domingos, a missa é 7h, acaba por volta de 8h, 8h30 e até às 9h30, 10h da noite estão no cafezinho, todos os domingos. Todo mundo tem que trabalhar no outro dia, mas as pessoas se reúnem. Nem todos, é claro, mas é um local de encontro, eles fazem coisas juntos, com o diferencial agora das novas gerações que estão crescendo, falando mal português e pensando inglês, vivendo inglês. Já é a segunda geração, os filhos desses que nasceram aqui já estão bem inculturados. Tem relação com o Brasil, gostam do Brasil, vêm à missa, mas serão americanos. Então o imigrante é trabalhador, em sua maioria veio pra cá com o desejo de voltar pro Brasil, ao longo dos anos com o nascimento e crescimento dos filhos desistiram disso mesmo sem declarar que desistiram. Quando consegue documento e se acostuma com a vida e com o trabalho e tem aqui uma profissão, mesmo que ela seja humilde, consegue viver com mais dignidade. Você é faxineira, um pintor, servente de pedreiro e ganha o suficiente pra ter férias por exemplo, pra viajar, pra ter conforto em casa, pra pagar um pouco mais coisas e pra ir pro Brasil, por exemplo, a partir do momento que tem documento. E até pode ter o desejo de voltar pro Brasil, você encontra muita gente que diz que quer voltar pro Brasil e que vai aposentar pra morar no Brasil, mas eu não sei se isso se efetivaria mesmo. Os jovens não, aqui continuam um grupo imigrante, de maneira geral, uns 60% que não tem documentos, esses

estão à espera de algo, então são um pouco mais jovens, essa maioria que não tem documento estão entre 25 e 45, 50 anos e realmente pensam em voltar. Muitos se dão bem aqui porque são trabalhadores muito responsáveis, tem mecânicas, empresas de construção, pintura; e mesmo indocumentados. Então, assim, tem casas aqui, já tem uma vida sendo construída aqui, porém com o futuro incerto, não tem motivo para serem deportados, mas não tem a estabilidade. É claro que quem teve filho aqui, quando o filho faz 20 anos pode pedir documento, então há uma certa esperança porque o tempo voa mesmo pra eles. Mas ainda falam de voltar pro Brasil, mas os mais velhos não falam mais, eu não vejo isso, eles vão passear no Brasil.

Pergunta 5. Aqui sendo um lugar praticamente universitário, você tá num polo de pensamento, de construção, você acha, por exemplo, que agora com a crise brasileira nos últimos anos há uma presença maior de jovens procurando oportunidade e nessa oportunidade muitos que já são formados, que já fizeram uma graduação no Brasil, vêm pra cá com o pensamento que isso vai pesar em algum sentido aqui na América? E que de repente não é bem essa realidade?

Entrevistado 82. Tem sim. Tem um monte de gente que vem e se decepciona sim, que vem achando que vai conseguir algum tipo de emprego melhor, mas se você não tem uma boa qualificação, uma boa formação universitária e domínio da língua pra trabalhar numa empresa e experiência e não vem pelos meios corretos, não tem muita oportunidade. Você chegar aqui como imigrante, com visto de turista e pensar que você vai conseguir alguma coisa, não, isso não existe. A não ser que você venha estudar e faça contato com empresas que te queiram, tem gente que tenta isso. Mas não tem nada a ver com as Universidades, as Universidades são altamente qualificadas, consideradas as melhores do mundo essas duas e quem vem pra cá já vem aceito pra cá, já usou cartas no Brasil pra conseguir chegar e estudar, fazer um Mestrado, um Doutorado, um Pós Doutorado, uma parceria qualquer que chama de (...) que o pesquisador só fica algum tempo, que pode, se for brilhante e houver alguma proposta, ficar aqui. Esses vem com esses canais, esses não se misturam muito com a comunidade, de maneira geral. Tem alguns casos de doutorandos, pós doutorandos ou médicos que, por serem religiosos, participam da comunidade e se envolvem com os brasileiros imigrantes, mas basicamente a divisão reproduz o que é no Brasil. Essa

classe mais intelectual, que acaba sendo um pouquinho mais privilegiada financeiramente, ela não convive muito com os imigrantes. Há grupos de pesquisadores brasileiros e tal, mas não tem tanto contato com a comunidade de imigrantes não.

Pergunta 6. Padre, a questão Igreja agora! Qual a tua impressão como realidade estrutural de Igreja, hierárquica mesmo, dentro da questão americana aqui, que você encontrou nessa Arquidiocese e de onde você veio no Brasil, qual tua impressão como Igreja?

Entrevistado 82. Elas são diferentes, né, existem modelos de Igreja ou Igrejas, né, dentro da Igreja Católica, essa universalidade que é bonita. Se eu pensar que o modelo correto seria o Brasil eu facilmente julgaria a realidade aqui e eu não acho que essa é a verdade. Eu acho que elas são diferentes sim, a maneira de compreender a participação do leigo, por exemplo, é um pouco diferente. No Brasil, correto ou não, a participação nas atividades pastorais e nas atividades religiosas em si, o laicato participa muito, né, o que não é completamente o papel do leigo só, que eu poderia dizer tudo bem, na igreja sim, mas é lá fora, ne, na vida, no mundo, no trabalho. Mas existe essa diferença que eu disse no início de ser uma Igreja mais baseada no voluntariado, a brasileira, na participação do laicato, na participação das decisões em conselhos e tal. Aqui isso existe mas não parece ser tão importante. Nas grandes esferas da Arquidiocese, vamos pensar assim, nas grandes Comissões que direcionam orçamentos, que buscam fundos, que pensam na evangelização e nas ações pastorais há leigos trabalhando, mas aí eles trabalham também, eles têm o seu emprego lá, há Conselhos, onde são pessoas especialistas que são voluntários também e ajudam a Arquidiocese, mas não é essa realidade na qual, vamos pensar aqui... na minha comunidade tem pouca pastoral porque as pessoas moram longe de Cambridge, elas continuam vindo aqui depois de muitos anos, mas ninguém mais mora aqui por ser muito caro morar em Cambridge. Mas na quarta-feira os homens se reúnem para o terço dos homens, então eles vêm pra cá, eles mesmos coordenam isso. A Pastoral da Família tem um coordenador, então o padre auxilia em algo que eles precisam, dá atendimento, mas eles se gerem a Mãe Peregrina, o grupo de jovens, os grupos de corais, eles se organizam sem a necessidade do padre fazer algo especificamente. E esse é um diferencial. A Igreja americana há pouco disso, né? Há outras atividades, claro! Eu acho que há uma diferença e essa diferença é na

enculturação, eu não sei se o brasileiro, a maioria, se contenta só em vir à igreja e participar como o americano vem e participa, mas não tem uma participação efetiva de coordenar, de decidir. Eu faço muita reunião de Conselho, convido a todos, o pessoal tem a desculpa do trabalho, que não é bem desculpa, porque trabalham realmente muito, fazem todos os turnos possíveis pra se manterem aqui, então há um pouco a dificuldade, mas essa é a diferença. E tem essa diferença sim, do leigo falar muito. A gente tem uma reunião brasileira, por exemplo, a reunião pode durar 3 horas, vai das 7h30 às 10h30 da noite. Você não vai achar isso numa reunião americana, a pauta tá ali, os pontos estão aqui e não tem muita coisa a ser decidida, aquilo de nós discutirmos e da pessoa sentir que ela está fazendo parte e que ela é importante, ela fala algo e a conversa às vezes se estende, né. Isso raramente a gente vê na Igreja americana.

Pergunta 7. No âmbito litúrgico isso também acontece?

Entrevistado 82. No âmbito litúrgico a Igreja americana, seria fácil eu falar que ela é conservadora, mas ela não é conservadora. Houve uma mudança litúrgica pós João Paulo II que você vê no estilo das músicas que se canta aqui e tal, mas ainda não é aquilo que o pouco da latinidade brasileira, da América do Sul, do nosso violão, de algo rítmico na missa, bateria, isso os americanos raramente teriam na missa. É o órgão mesmo, ou um piano.

Pergunta 8. Eles são mais gregorianos?

Entrevistado 82. Não, não, isso que eu tô dizendo, entendeu? Não é aquele conservadorismo, a maioria das igrejas tem uma liturgia, vamos dizer assim, renovada, arejada, com novos aspectos pensando a participação, até as letras, falando disso, mas com instrumentos mais calmos. Existe um pouco de moderação, não que seja imoderado o modo brasileiro, mas existe isso. Não é simplesmente dizer que é conservadora, que é gregoriana, porque não é. Eu acho que raros lugares, eu nunca vi, todas as igrejas americanas que eu fui. A não ser quando é uma missa solene, uma ordenação ou algo assim muito grande que há uma orquestra cantando, mas aí é um organista contratado, um regente contratado, vai um coro e aí há instrumentos profissionais tocando e aí sim é diferente. Mas aí é um pouco mais orquestra mesmo, é diferente.

Pergunta 9. Duas coisas sobre Igreja: a primeira no sentido assim: a Igreja aqui de Boston foi machucada, se machucou a nível mundial, porque foi uma coisa que repercutiu. Eu estranhei muito quando eu cheguei aqui, até o Pe.

(...) falou, eu estava brincando com uma criança e os pais estavam no celular e o Pe. (...) falou: “Não faça isso, porque aqui não pode”. Então eu levei um susto, na questão afetiva e tal. Isso é ainda muito presente, muito sentido indiretamente nos bastidores com algumas pessoas, no tratamento, né?

Entrevistado 82. É uma Igreja marcada, eu diria, por isso e eu acho que só o tempo mesmo que vai curar isso. Quando eu cheguei já havia passado 4 anos, 5 anos dos eventos e ela já estava nesse processo de cura, mas eu acho que essa coisa de não poder brincar com criança, de não tocar, é das histórias. Eu lembro que quando eu cheguei tinha história assim: o padre na sacristia, chegou uma criança, ele pôs a mão na cabeça da criança, a avó da criança viu isso e já denunciou pra Arquidiocese. Então eu percebo, por exemplo, na minha maneira de ser, que no Brasil era mais afetivo com as crianças, elas correm até nós e tal, aqui a gente se torna um pouco mais distante nesse sentido, com o tempo. Que é um precaução sábia da Arquidiocese, que tem esses reflexos na verdade. Mas, assim, é inevitável, criança brasileira e americana também muitas correm, abraçam o padre no meio de todos, isso é importante, né, que todos vejam e que há afeto sim, as crianças abraçam, o padre cumprimenta as crianças. Mas eu veria assim, a colocação do padre, que você disse, o comportamento geral, vejo como um sintoma. Quando eu falo sintoma é porque de algum modo é tácito o medo sobre algo que não é falado, né. Aconteceu um problema, houve casos de abusos, foram punidos, foram escandalosos, claro, mas foram punidos, a Igreja está tomando medidas e essa é a verdade que deveria ser dita mais, talvez, só que como a gente não fala sobre elas, o comportamento acaba sendo o sintoma do mal estar, entende? Eu falo sintoma nesse sentido: “Não, você não pode pegar no colo”, a criança que vem correndo, ou não pode ficar brincando com elas quando elas estão ali. Não tem em nenhum lugar escrito isso, não é isso, não existe isso, entendeu? Não é proibido, na verdade é um sintoma, porque como é algo dolorido ninguém fala muito disso. O que se fala muito é a prevenção, é a punição, é a transparência da Igreja, se houver suspeita de abuso por parte de qualquer pessoa da Igreja, de leigos, de padres, seja o que for, é preciso que haja denúncia, clarificação, punição, entendeu? O que fica mais nas sombras é a ferida, que todo mundo sabe mas ninguém fica falando, dos padres que foram presos, dos padres que foram punidos, das multas que foram aplicadas, da reputação e da dor das famílias, etc.

Pergunta 10. Algumas igrejas vendidas, eu ouvi também isso.

Entrevistado 82. Isso, isso. Templos vendidos. Isso na verdade, o pessoal fala que era pra pagar as dívidas, não é claro isso, não é bem isso, é porque não tinha mais povo. Tinha muita igreja, pega essa região aqui tinha 6, 7 igrejas nessa região pequena. E aqui é diferente do Brasil, no Brasil a gente constrói uma igreja durante 15 anos, devagarinho vai construindo, não tem dinheiro, vai fazendo, o povo no mutirão e isso e aquilo, nas periferias, né, que eu acompanhava, pelo menos. Aqui você já tem o prédio, só que prédio fechado aqui não pode ficar, por causa da estrutura, da construção dos prédios, como eles são criados pra suportar frio e calor extremo, porque se você isola termicamente pro frio, você torna o lugar um forno também no calor. Então a estrutura não suporta se ela não for cuidada e se você não investir muito dinheiro nela. Sem povo você não pode fechar a porta, o bombeiro não deixa o prédio ficar, aqui não tem prédios abandonados, fechados, entendeu? Então tem que vender o prédio. É muito caro manter, corresponder às exigências dos bombeiros. Você vai pegar uma igreja antiga, quando o bombeiro passa e pede pra refazer as estruturas que são necessárias são 5 milhões de dólares, numa igreja que tem 30 pessoas, então fechavam. Mas é claro que foi gasto muito nas indenizações, voltando ao assunto lá. Quando eu falo de sintomas é mais isso, não é muito claro assim ... você fala assim, que não pode porque padres, no início do século 21, no ano 2002, 2003, 2004, 2005, foram punidos, processados, o Cardeal foi removido e, portanto, é preciso saber disso, que houve com padres. Então o padre não fica muito próximo de crianças, como se isso fosse uma exigência, entendeu? Ou como se fosse evitar alguma coisa. Não é, não é essa questão, né. Você estar com a família da criança, ser afetuoso como se é no Brasil não tem problema. O sintoma é quando você evita algo, sem falar sobre isso, sem ter certeza disso e se torna algo inconsciente, que você simplesmente faz. Se estivesse no Brasil, por exemplo, e se eu chegasse na sacristia com um monte de coroinha eu ia cumprimentar todos, entendeu? Cumprimentar, brincar, falar com eles e muitas vezes aqui nem cumprimento. Que criança é no mundo dela, adolescentes estão no mundo deles, eles não olham pra gente pra cumprimentar-nos, então a gente também não faz. Isso que eu percebi no meu comportamento, eu também não cumprimento, entendeu? O que em outra realidade a postura do padre é de aproximar-se, é de falar, é de brincar com eles, é

de ser uma referência. E aí acaba por este tabu, vira um tabu e aparece desse modo, né. É uma Igreja marcada por isso.

Pergunta 11. Como Igreja, aqui nós temos o Arcebispo, que é o Cardeal (...) e depois tem Bispos Auxiliares. São quantos Bispos?

Entrevistado 82. Não sei, não sei a quantidade.

Pergunta 12. E padres, tem em torno de quantos? Você sabe, faz ideia?

Entrevistado 82. Olha, eu acho que deve haver mais de 300 padres na ativa. Os Diocesanos eu imagino duzentos e tanto e aí mais tantos religiosos, entendeu? E aí mais o dobro disso de aposentados. E a maioria em vias de aposentar também, porque é um Clero que está envelhecendo muito rápido, é desproporcional. Era uma Igreja que tinha Pároco, que é uma figura, vamos ver, quase a visão antiga do Pároco, a Europa também é assim, Roma é assim. Nas mãos do Pároco se concentra um certo poder, né. E tem os Auxiliares, então tinha Paróquia que tinha 3, 4 Vigários. Então naquela época, na década de 50, 60, 70, 80 e aí foi diminuindo, foram morrendo e a proporção das mortes foi muito superior ao número de pessoas que eram ordenadas, como em todo mundo. Aqui falam assim, que falta padre, falta muito padre aqui, mas aí se você for ver, não falta padre, perto da realidade brasileira.

Pergunta 13. Eu fui celebrar em Low e eles: “Você tem que ficar por aqui, que a gente não tem padre”.

Entrevistado 82. Aí tem duas missas no fim de semana com duzentas pessoas em cada missa. Aí você vai na minha Diocese, tem quatro missas com mil pessoas e um padre. Aqui as Paróquias têm o padre americano. Outra característica da comunidade brasileira, ela não se incultura religiosamente, ela não reza em inglês. A pessoa não se vê na missa em inglês, é difícil pra eles, aqueles que viviam a fé no Brasil, porque tem essa dimensão da proximidade, da língua, da memória afetiva que a língua traz, da família, do pai, da mãe, dos avós, enfim ... Mas aqui, assim, falta padre? Falta se eu penso que num curto espaço de tempo vai precisar de padre porque eles vão morrer e aposentar, é muito desproporcional. Mas tem o padre americano, vamos pensar assim, né. As comunidades brasileiras sempre falam que falta, eu não sei quantos tem, você também não sabe quantos brasileiros têm aqui. Se a gente imaginar que tem 200.000, vamos pensar aqui, quantos por cento da população brasileira católica? 70%?

Pergunta 14. Pelas entrevistas que eu fiz, eu acho que entre 70, 80, até colocaria 85% católicos.

Entrevistado 82. Dos que estão aqui, né?

Pergunta 15. Dos que estão aqui.

Entrevistado 82. Mas dos católicos, quantos por cento vão à igreja? Então se pensar que 80% dos 200.000 são 160.000 e 10% seriam 16.000, nós temos 16 comunidades, então são 1.000 pessoas por comunidade que vão à missa? Eu não vejo isso, eu vejo a maioria das comunidades, a grande maioria com menos. A não ser Sommerville tem mais, Everett tem muito mais, Fremiram tem mais, o restante...

Pergunta 16. Fremiram, praticamente, dizem que 90% são brasileiros, né?

Entrevistado 82. É, tem missa com 800 pessoas, entendeu? Eu não sei se East Boston tem, entendeu? Eu não sei se mesmo Everett, o pessoal fala que tem, deve ter bastante, Austin tem um pouco mais e tal, esses lugares onde tem muito brasileiro morando. Mas aqui a média é de 170, 150 e a maioria das comunidades é mais ou menos isso. Então eu não sei se esses católicos daqui participam tanto assim, entendeu? Não sei, honestamente.

Pergunta 17. Padre, a questão pastoral e evangelização que se ligam, quais são os desafios que você, nesses 7 anos, por experiência de estudo e também de paróquia, de trabalho pastoral, de evangelização, quais são os principais desafios dentro da questão migratória, referente à questão de cultura, identidade, participação comunitária?

Entrevistado 82. É complexo porque, assim, por um lado a gente mantém a cultura brasileira, mas mantém o isolamento também da cultura americana e da igreja de Boston. De certo modo tem um isolamento, é uma comunidade étnica, que não é ruim ser isso, mas há uma pequena distância ainda entre ser da Diocese. Então a faca de dois gumes é: mantemos a identidade brasileira, mas aumentamos a distância um pouco com a realidade americana. Ah, temos que manter a identidade brasileira, temos! Mas eles estão dedicando a vida deles ao trabalho nos Estados Unidos, os filhos estão crescendo aqui, a vida é aqui. Então, assim, de certo modo o ideal seria realmente uma inculturação até religiosa. Bom é trazer a participação da Igreja latino americana à realidade americana, essa troca seria muito bonita, né? Mas não há muito contato entre as duas. É amigável, é muito

amigável, as paróquias e tal, americanas, com raras exceções tem um probleminha aqui e ali, mas é amigável. Mas qual foi a pergunta mesmo?

Pergunta 18. Na questão da inculturação, na questão da migração, da tua experiência, as pessoas migradas aqui, você percebe, dentro do conceito de pessoa mesmo, alguma mudança de identidade, cultura, em relação à vida, depois de um tempo que estão aqui, vão mudando ou eles continuam sendo os mesmos brasileiros? Eu vi muito nas entrevistas que eu fiz até agora uma questão de solidão, solidão, solidão, saudade, solidão.

Entrevistado 82. Continuam a ser brasileiros, mais ou menos do mesmo jeito, como no Brasil, as comidas são as mesmas, as falas são as mesmas, as discussões são as mesmas, as risadas, o estilo do churrasco, da reunião familiar é muito Brasil, continua a ser. Mas é uma luta você manter, não dá pra manter o Brasil aqui. Dar, dá! Mas você tem que viver as duas realidades. E você vive, como eu disse, parcialmente na outra realidade, você participa parcialmente da vida do americano geral. Você tem condições, porque o trabalho é muito duro, de ir no lugar de férias dos americanos, que são os lugares mais badalados dos Estados Unidos. Vamos pensar no verão, o verão aqui numa região de frio é um frenesi pelo verão, né? Mas você não participa literalmente de tudo, há uma grande fatia pobre americana que não participa de quase nada na verdade, os americanos pobres, né. E o brasileiro fica meio que suspenso entre os dois porque não participa das grandes atividades, vamos pensar como um brasileiro normal: os ricos onde os ricos estão, mas também não é o pobre americano, que vive às custas do Governo, porque não tem o que fazer, não tem emprego. O brasileiro ele realmente, por ter muita garra, por trabalhar muito, ele alcança um espaço. O sonho americano é uma falácia, a gente sabe, mas o brasileiro nutre, pouquíssimos conseguem, realmente, isso é um mito. Mas a identidade, eu acho, ela é mantida à duras custas, porque por mais que você tenha tanto contato com o Brasil, a imagem que o brasileiro de lá, o familiar de lá tem daquele que tá aqui, ela acaba por mudar e essa solidão continua. Por mais que você tenha algum contato, eles mandam dinheiro, o financeiro acaba entrando no meio ali e tocando até as relações familiares com aqueles que estão no Brasil e você não é de lugar nenhum, é quase isso. Eu acho que essa solidão é um pouco por isso. Você tem que ficar feliz pra ser da identidade americana: o 4 de julho, Independência dos Estados Unidos, cantando a musiquinha, assistindo fogos de artifício, comendo churrasco

que é o cachorro-quente, isso e aquilo, né. Com um grupo aqui, construindo família aqui e um grupo de brasileiros com quem você se identifica, isso diminui um pouco. Agora, se você mantém essa coisa do Brasil de um pé lá e um aqui, você não é de lugar nenhum, né. O lugar, Padre, é sempre as pessoas do lugar. Se você se mantém no lugar pelo lugar você cai nessa solidão mesmo, não tem jeito. Você tem que encontrar pessoas, se abrir à elas. E aí, pelo excesso de trabalho, pela distância, pelas durezas, porque é duro, são turnos às vezes super longos de trabalho. Tem gente que trabalha 14 horas por dia, 15 horas por dia, 16 horas às vezes, no início. Tem umas loucuras assim. Aí tem muito problema, o isolamento da família, a solidão aqui, medo e a tensão do imigrante indocumentado ao dirigir, ao trabalhar, ao ser parado pela polícia, etc. Um grande problema é o sistema de saúde mental daqui, não que no Brasil seja bom, mas não facilita. O desafio pastoral é que o padre dispense muito do tempo dele fazendo o que um psicólogo deveria estar fazendo e um padre que entenda um pouco do assunto, ele sabe que aquela pessoa não tem problema espiritual e ela precisa de uma atenção psicológica que ela não vai receber aqui. Ela não vai ter. O inglês dela não é suficiente pra isso e mesmo que fosse os serviços são caros e você não vai achar no Posto de Saúde um psicólogo, até acha pra atender uma vez ao mês. Tem muita depressão, tem muitas pessoas com ansiedade, tem famílias quebradas como no Brasil e tal. Há também muitos problemas psicológicos nas paróquias brasileiras, eu entendo isso, mas falta essa rede de suporte e pastoralmente o padre acaba ficando um pouco por conta disso. Tem atividades pastorais com muito limite por causa dos horários, não há turnos claros. Então eu tento fazer às vezes reuniões e um grupo de 10 pessoas não consegue se encontrar em um horário comum, a não ser perto da missa do domingo à noite porque a maioria não está trabalhando, mas qualquer outro dia as pessoas chegam tarde. Não tem turno das 8h às 6h da tarde e provavelmente às 8h da noite as pessoas podem se reunir. “Ah, mas então faz no sábado”, trabalham, eles têm que trabalhar quando dá. Domingo muitos trabalham e não podem. Então esse desafio pastoral existe. Outro, assim, comunidade muito pequena você não tem muita liderança né. Liderança em uma comunidade é 5% da comunidade, 10% da comunidade que queira se engajar numa atividade. A maioria dos católicos só vão à missa, querem só participar sacramentalmente da missa, não querem fazer outras participações. Já ouvi muito assim: “Ah, precisamos de formação”, aí você faz a formação e não vem ninguém porque a

maioria não tem horário comum. E no meu caso é um pouco assim, estudante fica um pouco limitado, né, eu fico imaginando como seria se eu vivesse como pároco, responsável pela comunidade, 100% do meu tempo pra isso. Eu teria que fazer mais coisa sozinho, entendeu? Ao invés de ser o ministro da unidade que coordena as atividades, eu teria que fazer as coisas, literalmente. “Vamos fazer a festa junina”, você tem que ir lá fazer as compras, você tem que buscar as coisas em tal lugar, é tudo que no Brasil o padre não consegue, porque a atividade pastoral consome muito. A quantidade de reuniões, visita a enfermos, Exéquias, casamentos, aconselhamentos, atendimentos e reuniões com a Diocese e isso e aquilo. Aqui é um pouquinho fluido isso, como há Igrejas e Igrejas, aqui tem comunidades e comunidades. Acredito que se você for numa comunidade, você já entrevistou o pároco de Fremiram, a vida dele é vida de pároco, é responsabilidade de uma paróquia numa comunidade que tem muita liderança, muito voluntariado, que tem 4, 5 grupos corais revezando, que tem 300 voluntários numa festa, entendeu? É diferente de uma comunidade que tem 150 pessoas, faz uma festa junina pra 3 mil, 4 mil e você tem 30 trabalhando, no máximo, fazendo “das tripas o coração”, né. As realidades são bem diferentes. Fora a questão do dinheiro que é um fator muito importante também, as comunidades se mantêm assim, elas se impõem de modo a serem respeitadas também pela quantidade que elas têm, pra você trazer um padre do Brasil, você tem que manter o padre do Brasil aqui; e as atividades da paróquia, ajudar na Igreja, você não aluga a paróquia, você é membro da paróquia. Algumas comunidades, as comunidades brasileiras a maioria, Sommerville, Fremiram, Everett e Austin que são maioria, mas eu imagino que as outras 12 elas participam da comunidade americana ou portuguesa, como aqui; então é preciso participar efetivamente. E por mais que não haja muito voluntariado por não haver atividades na Igreja americana, o americano que é católico realmente participa financeiramente. Então a comunidade brasileira tende a isso também, tem que ajudar. É isso, eu acho que um dos maiores desafios é encontrar em comunidades pequenas essa rede de apoio para que os cristãos que estão ali se sintam entre irmãos e supram essas necessidades enormes que existem como você falou, que gera solidão, isolamento e todas as doenças possíveis, crise de ansiedade, depressão, alcoolismo e seja o que for, que acontece muito.

Pergunta 19. Dentro do contexto eu senti que muitas vezes existem padres brasileiros que vêm, principalmente de lugares que a gente determina assim, de comunidades católicas ou padres que se expressam via canção, via música ... isso torna produtivo o trabalho pastoral ou de uma certa forma às vezes quem vem só passa e não permanece e não conhece um pouco a realidade concreta disso?

Entrevistado 82. Eu vou falar o que eu penso e depois você filtra tudo, né? É o seguinte, você deve ter ouvido de muita gente aí e tal pergunta, não vou esconder, eu sei que ela foi moldada pela resposta que você já ouviu das pessoas e até acho que o Padre (...), que você vai entrevistar ainda, ele vai conseguir dar uma visão, assim, que eu acho que é a mais acertada em relação a isso, a visão crítica disso. Eu acho um problema natural, mas um pouco insolúvel, entendeu? Ele vai diferenciar entre pastorais e movimentos. Na visão dele e que eu acho que é correta, os movimentos em geral devem auxiliar os trabalhos pastorais da igreja, então se a Renovação Carismática e todos esses outros movimentos que estão surgindo originários da Renovação Carismática, Comunidade isso, Comunidade aquilo, veneração à relíquia de tal Santo, clube do fogo de alguma coisa, não sei os nomes, estou dando nomes fictícios a tudo isso, eles têm um teor carismático e que atrai muito as pessoas e portanto elas vão a esses movimentos. Eles geralmente trazem padres do Brasil, pregadores ou padres que tenham algum carisma, pode tocar ou não, ou pode simplesmente ser ligado a um carisma, ser um bom pregador, fazer um show carismático ou algo assim. Facilmente traz porque as pessoas conseguem o dinheiro pra pagar a passagem, provavelmente devem dar uma ajuda a esses padres; e fazem os encontros geralmente com o nome de “Cura e Libertação”. Eu falo que deve ter pessoas que têm diploma em cura e libertação pelo tanto de encontro que fez, responde a esse anseio mais emocional que as pessoas têm e que tem esses conflitos todos, tudo que a gente tem de conflito emocional, familiar, associados às durezas da vida de migrante, a tudo que você já ouviu que a pessoa passou pra chegar aqui, que passa a viver aqui de modo indocumentado, aos problemas que carrega da vida passada, da família, da história de vida com os problemas que encontra aqui, encontra uma ressonância muito grande nesses movimentos que tendem, por meio da oração e do discurso, a trazer um certo alívio psicológico. É quase que uma terapia coletiva, né. Só que, assim, é um julgamento fácil o que eu tô dizendo porque

pode sim gerar comprometimento, aumentar o aspecto religioso da vivência da pessoa, a dimensão religiosa da vida da pessoa se fortalece, ela tem mais compromissos, tem mais práticas, sem julgar que imagem de Deus tá sendo passada, que imagem de ser humano tá sendo passada, que imagem de Igreja está sendo passada, sem julgar isso. Acaba sendo assim, de um lado corresponde a esse anseio e é o que as pessoas querem, dizer que é uma Igreja errada, que tá errada, eu não posso dizer pela universalidade da Igreja, pelo tanto que é, talvez não seja de acordo com a Teologia pensada no Brasil, vamos pensar assim. Por outro lado, como as comunidades são pequenas, como eu te disse, uma comunidade de 150 pessoas, que é a maioria das comunidades e das missas, se você faz um encontro de cura e libertação por fim de semana como aconteceu nos anos passados e esse ano também, as igrejas esvaziam, as lideranças não participam. Então aquilo que nós falamos de “pertença” ao local se dilui num outro tipo de pertença. Você pertence àquele tipo de mentalidade mais ou menos carismático, não é da Renovação Carismática, mas é mais ou menos carismático, você vai lá e participa, vem o padre fulano, vem o padre sicrano, é quase um show que vem; e um culto à personalidade, você vai em busca de algo, ou seja, uma cura, uma solução de um problema, ou seja o aumento da sua fé, seja o que for e você vai buscar isso. Se buscava antes gurus, mestres espirituais, havia isso, só que pra uma realidade de Igreja na qual na igreja não existem, essas pessoas não se sentem pertencendo a ela e participantes dela pagando dízimo ali também, dando oferta ali, estando ali, decidindo ali, sendo membro participante, acaba atrapalhando um pouco. Então você vai ouvir por um lado os padres criticando, por outro a crítica lúcida do Pe. (...) que esses movimentos não se entendem servindo às pastorais da Igreja para servir a Igreja em si, eles acabam tendo a finalidade em si, aí acabam tendo que trazer um padre, se não for um padre de fora é um padre do Apostolado Brasileiro pra celebrar a missa e a missa é uma apêndice. “Ah, ela termina com a missa porque é o cume”, é mais na verdade tá todo mundo cansado e é porque tem que ter a missa no domingo, entendeu? O importante não foi aquilo ali, então o importante não é a comunidade em si. O grupo que se reúne no domingo, no primeiro dia da semana para aquela refeição, para aquela celebração litúrgica é outro, é um grupo mais fluido, o que é inevitável, vou dizer assim, você não vai forçar, proibir, impedir. Tem o movimento de querer que não tenha mais. Mas não dá pra proibir não dá pra parar. Hoje você, numa cidade, não impede que a pessoa

vá na igreja que ela quer. Ele tá no Rio, vai na igreja que tem ar condicionado, os de classe média, vamos pensar, e que tem estacionamento protegido ou que esteja perto do metrô e isso e aquilo. Primeiro, ótimo, conforto. Segundo, padre que eu gosto. “Ah, ele mudou pra outra paróquia, vamos atrás dele”. Essas distorções são reflexo, eu acho, de uma vida espiritual pobre, do desconhecimento Daquele que é Deus, daquilo que Ele propõe e daquilo que a Igreja, onde se encontra a Deus no amor e no serviço aos irmãos. Esse seria o ideal, claro! Então existe esse pequeno conflito sim, isso em âmbito interno, não é na Arquidiocese. Já envolveram a liderança da Arquidiocese pra tentar proibir esses encontros e isso e aquilo, mas ainda não chegou a um consenso. Vai proibir? Tem 30 encontros carismáticos? Tem, tem 30 encontros carismáticos, tem 50 fins de semana no ano (risos). Carismáticos que eu digo, dessa tendência mais pentecostal. Agora, eu não posso proibir, dizer que tá errado. A grande questão é como sermos comunidade onde as pessoas sintam-se pertencentes a ela e desejosas dela, essa é a grande questão: o que que o padre pode fazer? Não que eu coloque a responsabilidade totalmente nele, o padre não é gênio e não é mágico também. Agora, como nós podemos tentar ouvir essa situação pra tentar, não falo fazer encontro carismático e nem pensar estratégia tipo fazer missa de cura e libertação pra tentar atrair gente. A Igreja não é esse tipo de estratégia. Agora, a participar, levar um conhecimento melhor da palavra, etc. O que falta pastoralmente no meu ministério eu acho, aqui, se eu tivesse mais tempo, é formar mais grupos de reflexão litúrgica e litúrgico sacramental e bíblico, baseado na Bíblia, pra que as pessoas conseguissem conhecer mais a Palavra e, a partir disso, conhecer a Igreja também, né. Só que eu tenho que me adaptar, não posso falar que as pessoas não vem, que tem formação mas as pessoas não vêm, também existe um outro fator né, hoje por exemplo, me colocam num grupo de whatsapp e ficam me mandando mensagem do Pe. (...): “Você tem que ouvir essa pregação, padre”, a gente respira fundo e vive e fala: “Tá bom, ótimo, que bom que você tá fazendo isso”, mas demanda muito o padre pensar que vai evangelizar pelo facebook, eu acho que não deve se privar disso, mas é tentar falar e abrir canais de estudo bíblico, de participação, de reunião, de falar da fraternidade, do amor, do perdão, da vida em comunidade, da necessidade de ser comunidade como sempre foram os cristãos desde o início, mas tá aí esse conflitinho, entendeu?

Pergunta 20. Um padre de idade lá da Paróquia vizinha fala assim: “Passei 50 anos da minha vida falando que ‘Deus te ama’ e ninguém deu bola, apareceu o “favo de mel”, favo de mel falou ‘Deus te ama’ a mulher chega aqui e diz assim: “Padre, descobri o sentido da minha fé, Deus me ama”. (Risos). Padre, muito obrigado pelo seu tempo, pelo seu carinho! Desejo muito sucesso com as bênçãos de Deus, finalizando no ano que vem seu doutorado em Antropologia Teológica! Isso é muito bom porque meu orientador é professor da PUC de Antropologia Teológica e tal, ele sucedeu o Garcia Rubio que já está com idade e tal, então ele vai ficar feliz que tem um colega aí chegando.

Entrevistado 82. Quem eu conheço que já escreveu mas, assim, ele faz muitas coisas em muitas áreas é o França Miranda, lá da PUC, que escreve também alguma coisa de Antropologia Teológica.

Pergunta 21. Ele trabalha mais a base da questão de Jesus Cristo, questão da cultura também, ele foi meu professor, duas matérias eu fiz com ele, é uma figura.

Entrevistado 82. Amiga que eu tinha relação lá, a (...), não sei se ela tá lá ainda, ela fez doutorado em Belo Horizonte. E lá tem a (...) Muito bem, precisando é só dizer.

Muito obrigado, Padre! Um abraço!

ENTREVISTA 83.

Pergunta 1. Teu nome? E quanto tempo de América?

Entrevistada 83. (mulher). 13 anos.

Pergunta 2. Profissão?

Entrevistada 83. Médica.

Pergunta 3. Me fala um pouquinho, você veio pra cá sozinha, por iniciativa, sua mãe já estava? Me fala um pouquinho do processo migratório e tal, de permanência...

Entrevistada 83. Minha mãe já morava aqui quando eu vim, né, que minha mãe veio pra cá eu tava no terceiro ano de medicina e aí eu consegui uma vaga, uma bolsa pra estudar aqui. Vim pra fazer um "fellowship" em glaucoma, pra me especializar, já era médica oftalmologista no Brasil. E aí fiz dois anos de "fellowship" aqui, cheguei aqui com visto de estudante da instituição, né, do

Mezzani, que é o hospital que eu fiz meu "fellowship". E do visto de estudante o hospital me perguntou se eu queria ficar, se eu queria trabalhar pra eles e me passou do visto de estudante para o visto de trabalho. E do visto de trabalho eu já apliquei e consegui Green card, né, e do Green card eu apliquei pra cidadania. Então, assim, eu... uma coisa rara aqui na comunidade brasileira é que eu nunca fiquei nem um dia aqui sem documento. O tempo todo que eu cheguei aqui eu tive a sorte de poder ir no Brasil, de poder voltar, que eu sempre tive o meu estado imigratório certinho desde que eu vim.

Pergunta 4. E me diz assim ... qual tua visão, assim, isso mesmo no teu trabalho, claro que é um trabalho ético e profissional, mas... no consultório, no atendimento, qual o perfil do migrante que tu encontra diariamente aqui, nesses anos de América e de trabalho aqui?

Entrevistada 83. Geralmente, (deixa eu só ver aqui porque eu saí da rota). Geralmente a maioria dos brasileiros aqui, pelo menos os pacientes, são pessoas que vem pra cá sem documento, né, que vem pra cá com visto de turista, né. Muitos vem pra cá pelo México, hoje em dia nem tanto, porque hoje em dia é mais fácil conseguir visto. E passa o prazo da validade do visto de turista e ficam aqui indocumentados, né, sem documento, sem poder ir no Brasil, sem poder voltar. Então a maioria aqui, atualmente, brasileiros, é nessa situação... é na situação de sem documento mesmo.

Pergunta 5. E falando assim da questão migratória, você estava me dizendo um pouquinho do trabalho e da vida... e você estava me dizendo um pouquinho do trabalho, que aqui, por exemplo assim, você tem um país bom de se viver, contando que você também entre no ritmo da própria lei, da própria maneira americana de se viver desse Estado. É um pouco isso. E que na verdade, existe um valor muito determinado das profissões, sem uma grande separação como às vezes no Brasil existe. É uma questão discriminatória, quem faz isso, quem faz aquilo, quem é mais, quem é menos...

Entrevistada 83. É, eu acho que nos Estados Unidos, apesar de existirem americanos mais conservadores, mais patriotas, contra os imigrantes (que isso existe, mas lá pelo Arizona e lá pra outros estados), aqui eu acho que, apesar de Boston ser muito tradicional, eu acho povo muito acolhedor. O americano é frio, de natureza fria, mas aqui todo mundo é igual: tanto quem limpa uma casa, quanto

um médico, quanto um pedreiro de obra, todo mundo tem uma condição de viver bem financeiramente, se você trabalha honestamente você vai ter um dinheiro para comprar seu carro, para alugar uma casa, no futuro se você tiver documento, comprar sua própria casa e crescer aqui. Então, eu acho que aqui é todo mundo muito igual, né. É lógico que pra toda regra tem sua exceção, tem gente aqui que também discrimina o imigrante. Alguns americanos acham que o imigrante tira o trabalho deles. Mas, no geral, é tudo muito mais... as classes são muito mais próximas umas das outras e sem discriminação de: o que que você faz, se você limpa a casa, se você é médico, todo mundo é igual. Todo mundo tem a condição de fazer o seu dinheiro, de ter a vida digna, de viajar, de passear, de criar sua família. Então acho que essa discriminação social é muito mais rara de se ver aqui do que no Brasil.

Pergunta 6. O que você mais sente saudade do Brasil?

Entrevistada 83. Família. Família, amigos, né. Aqui a gente tem bastante amigos, mas principalmente família. E aqui as amizades, não sei, mas as amizades a gente aprende a viver mais do jeitinho americano, então é mais cada um na sua, cada um...você só encontra mesmo em festa, não é de estar um frequentando a casa do outro, fazendo churrasco, fazendo uma galinha assada no final de semana, isso você não vê muito aqui. Então família e amigos é o que eu sinto mais falta.

Pergunta 7. Igreja? Você participava da Igreja Católica no Brasil?

Entrevistada 83. Do mesmo jeito que eu participo aqui... pouco. Assim, eu acredito em Deus, eu sou católica, mas eu não sou de frequentar a igreja, eu frequento igreja aqui. Eu vou à missa uma vez a cada três meses, talvez uma vez a cada quatro meses, umas quatro vezes ao ano eu vou à missa, do mesmo jeito que eu fazia no Brasil. Eu nunca fui de frequentar a missa certinho, todo final de semana. Às vezes eu entro na igreja, sem missa, só pra sentar, agradecer, conversar com Deus, porque eu me sinto na casa dele. Mas assim, frequentar missa mesmo, não. E nas minhas viagens eu gosto de frequentar igreja, entrar, agradecer, conhecer, mas missa eu não sou de frequentar muito não.

Pergunta 8. E o perfil do seu consultório? Isso é muito importante, o perfil, assim, da presença da igreja católica, como outras igrejas protestantes evangélicas que se encontram, é muito desproporcional? Há muito evangélico aqui?

Entrevistada 83. É, muito mais evangélico, pelo menos na comunidade brasileira, né. Do pessoal que eu conheço, de paciente, é muito mais evangélico do que católico. A maioria, assim, avassaladora. O catolicismo aqui é muito pequeno perante aos evangélicos e às outras religiões.

Pergunta 9. Eu te agradeço, muito obrigado. Eu esqueci de falar... você é de Campos, não é verdade? Estado do Estado do Rio de Janeiro. Então eu agradeço, obrigado. E uma mensagem final:

Entrevistada 83. Mensagem final? Bem-vindo à Boston! (risos). Volte sempre!

Obrigado, obrigado!

ENTREVISTA 84.

Pergunta 1. Nós estamos aqui, então, nessa tarde, com o Padre (...), ele vai se apresentar um pouquinho... onde trabalhou... é ... um pouco dessa caminhada sacerdotal de vida como padre Redentorista.

Entrevistado 84. Então, eu sou o Padre (...), Redentorista, fui ao Brasil antes da revolução de 64 e passei quase 25 anos no Brasil. Fui membro da Província Redentorista de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, era Mato Grosso e era mato e era grosso. E morava no Sul do Paraná também e a maior parte da minha vida passei em Campo Grande, maior tempo de uma vez. Então, mais ou menos 25 anos. Passei meio tempo abaixo da Ditadura Militar e todos os nossos famosos Generais, Presidentes e depois vim para cá, para os Estados Unidos, voltei por motivos de família e também de saúde (recuperação da minha saúde) e aqui porventura achei brasileiros escondidos por aí. E assim deu a história ... E desde então que eu estou com os brasileiros que estão por aí.

Pergunta 2. Pe. (...), a migração, especialmente dos brasileiros...no início, hoje, contemporaneamente, existe mudança do que migra...a sua visão sobre migrantes brasileiros?

Entrevistado 84. Eu vou dizer isso para começar... que a emigração para cá começou quando abriram as portas do Brasil depois da Ditadura Militar. Quando abriram as portas e janelas mais ou menos no início... meia metade da década de 80 e foi justamente que aos poucos os brasileiros saíram do Brasil como você já sabe e foram para todos os cantos do mundo. Muitos vieram para cá e começaram a ficar por aí. E uma atração também foi justamente naquela época em que Pelé aposentou-se, depois o time daqui de Nova York era ... não me lembro o nome,

mas chegaram a chama-lo aqui pagando bastante dólares e então ele veio para cá e então aumentou o auge do futebol, o “soccer football” aqui nos Estados Unidos. Então foi justamente naquela época da década de 80 e justamente quando eu retornei aos Estados Unidos e descobri e comecei a ajudar os portugueses. E num dia foi uma senhora que estava fazendo a leitura da missa e comecei a refletir... “porque estou entendendo melhor essa pessoa do que os portugueses?”, então no fim da missa fui pergunta-la e ela era do Brasil. Pronto, foi assim que descobri que havia brasileiros aqui. E a Arquidiocese de Boston pediu que eu fizesse um levantamento naquela década de 80, acho que por 85 que eu fiz, e descobri aonde os brasileiros estavam escondidos no meio do povo, entende? Onde era o esconderijo da maioria das pessoas, porque estavam sem documentos. E depois agravou-se ainda mais... questão de cartão verde e estarem aqui ilegalmente, aquela conversa toda. Então, realmente, a única entidade que realmente aceitava e abraçava e dava boas-vindas aos emigrantes brasileiros, foi justamente a Igreja Católica. Apesar de haver muita interferência nisso, por parte desses grupos protestantes, até havia um certo combate para conosco e também muitas comunidades protestantes prometiam conseguir cartão verde e aquela coisa toda, mas... tentaram, mas realmente estão fazendo a coisa na base da mentira. E nós nunca fizemos isso. Nós tentamos ajudar muitas pessoas com cartas e tudo mais ou até presença na Corte, mostrando bons precedentes e etc. Então foi justamente, acho que em meados de 80, que realmente havia uma pequena presença aqui e o povo foi bem recebido em nossas comunidades. Havia várias comunidades étnicas de origem portuguesa e os portugueses receberam e já sabe bem o grande humor dos portugueses de Portugal e o Brasil, eu não preciso entrar nessa questão. Mas naquela época então vieram muito mais pessoas. Mas eu vou dizer, se me perguntar sobre o povo: o povo que nós achamos aqui não foram doutores, não foram advogados, não foram gente de posse... era gente tentando... ou fugindo de uma vida que não era de muito sucesso, que não foram bem sucedidos, mas ou fracassaram financeiramente ou fracassaram no seu casamento, ou fracassaram de qualquer forma. Não vieram aqui para participar da Igreja Católica, vieram aqui para cá para ganhar dólares. Todos, todos, 99,9%. Então o motivo primordial, a prioridade: dinheiro. E as pessoas não estavam interessadas em igreja, então foi muito difícil e a Arquidiocese não sabia o que fazer. Não estavam preparados, não esperavam, né. Então outro padre, talvez, com certeza, espero que sim, que é

Padre (...), é músico, é marianita e por sinal, naquela época ele estava de licença do sacerdócio e achou muito atraente a música do Brasil e assim chegou a capturá-lo e blá blá blá blá blá e, fim da história, ele voltou à ativa e foi um instrumento muito bom. Também a comunidade scalabriniana estava com várias comunidades italianas aqui, porque foram fundadas para atendimento dos italianos, mas mudaram o cartaz da frente da igreja para salvar a sua comunidade, capturando, atraindo os brasileiros e cantando uma canção diferente, não é? Que o seu fundador fundou para todos os emigrantes, o que não é verdade. É um pequeno exagero, para não dizer mentira. Ele fundou a congregação para cuidar dos emigrantes italianos que aqui vieram. E naquela época vieram em “boiadas”, não é? Até esse prédio, essa fundação aqui basicamente começou com os italianos. Então estavam com paróquias italianas no centro de Boston, aqui eram expostas várias, também em Framingham, Everett. O que ficou até hoje são apenas três, daquelas paróquias italianas: Framingham, Everett e Somerville. Então as três paróquias juntas vão congregar o maior número das 16 comunidades. Outro caso, na medida em que o número de brasileiros foi aumentando, então criou-se uma comunidade aqui, outra comunidade ali e assim adiante, né. Mas, a pastoral dos Bispos americanos antigamente era: a comunidade imigrante chegou aqui, fez sua igreja, construiu sua igreja, sua escola paroquial e tudo mais. E ficou realmente um tipo de guerra, entende? Os italianos, os irlandeses, grande número de irlandeses aqui e assim em diante, né. Mas os Bispos da CNBB dos Estados Unidos agora têm outra visão, então tem que haver uma assimilação (...) na primeira geração, com o que eu não concordo. Eu acho que fazendo assim nós estamos perdendo muitas pessoas, mas é a mentalidade dos Bispos dos Estados Unidos, não vou dizer norte-americanos, mas dos Estados Unidos. Eles têm um livrinho justamente sobre a pastoral...a visão deles... uma paróquia compartilhada. E não é fácil. Não é nada fácil, entende? Além do mais, as pessoas chegando de fora querem sua casa, elas querem seu carro, elas querem sua igreja; e não querem ser cidadãos de segunda e terceira categoria. Então, eu penso que os crentes fizeram o contrário: eles deixaram os imigrantes à vontade, deixaram construir sua igreja, ... Eu sei que eu entro em conflito com a atitude, entende? Mas a gente não pode agir contra quem manda. Então nós fomos bem abençoados no início da vinda de pessoas do Brasil, com vários missionários que estavam de volta do Brasil. Várias irmãs, Irmã (...), Irmã (...), Irmã (...) e outras. Elas são da

congregação de *Notre Dame*, tem faculdade aqui em Boston. E alguns padres, um padre franciscano, um marianista, depois entraram os Scalabrinianos e depois vieram outros padres diocesanos, isso é outro assunto, eu vou tratar disso depois. No início os padres e irmãs estavam no Brasil e retornaram para cá foram um grande braço para todos, porque já estavam no Brasil e chegaram a conhecer os brasileiros no Brasil e do Brasil. Aqui é outra raça, não é a mesma. Se disser que todos são brasileiros, não é não. Eu discordo disso, é outra raça. São brasileiros, falam português, mas são diferentes. E a realidade aqui é totalmente diferente. A realidade aqui é ... pessoas vêm para cá, não vêm com famílias, mas vêm muitos jovens, pessoas que fracassaram com seu matrimônio e vêm aqui e tiraram sua aliança e jogaram no avião lá no Equador e assim chegaram aqui. Muitos indivíduos vieram para cá para Boston de Governador Valadares e outros pontos de Minas, mas não se conheceram no Brasil. Então eu tenho gente aqui, uma salada. Eu acredito, podemos dizer que o maior número é de Minas. Talvez depois seria Criciúma, aquela região por perto da sua terra. Paranaenses têm poucos aqui, Paranaenses mais lá em Nova Jersey. Outros de Rondônia, um diácono lá em Framingham, de Goiânia, ele trabalhava como radialista na Rádio Aparecida, mas em Goiânia, muito boa pessoa. Mas chegou um pouco depois, tem sido uma presença muito valiosa, nós empatamos, nós somos da mesma idade e celebramos 160 anos de aniversário quando nós dois chegamos aos 80 anos. Então é muito difícil tentar fazer comunidade com pessoas que são desconhecidas. O que nos ajudou muito com isso foi o cafezinho, o cafezinho é uma parte pastoral indispensável para reunir o povo depois da celebração, seja por missa ou outra coisa que se conheceram, entende? E tentamos fazer comum unidade entre o povo e fazendo coisas como quadro negro ou outra coisa, tipo onde pode pendurar qualquer coisa nela e nós fizemos o “oferece-se” e “necessita-se” de trabalho, fazer isso, fazer aquilo. Nosso povo trabalha limpando casa, mulheres, mas até homens limpando casa e chegaram a usar de muita esperteza, o americano pergunta quanto que vai ganhar por hora, mas eles não trabalham por hora, mas sim trabalham por trabalho, entende? Então eu faço a sua casa por 50 dólares, vou fazer tudo; ou vou fazer dois andares e vou cobrar 100 dólares. Assim que eles fazem. E umas pessoas trabalham em times, aí que entra um pouco de malandragem, uma pessoa é o chefe, o dono da Companhia, e não paga bem ao resto, entende? É triste dizer isso, mas ninguém trata mais mal os brasileiros do

que os brasileiros, é triste, o mesmo sangue. E eu tenho falado, pregado nas minhas pregações, eu tenho falado sobre isso. Então em vez de ajudar, quando alguém faz novos atos de misericórdia e caridade, “eu estava nu, eu estava com frio, você me deu um casaco. Eu estava sem emprego, você me deu uma das suas casas para limpar, não me cobrou, mas deu para mim, para eu começar”, e assim por diante. Bonito isso. “Eu estava aqui sozinho e foi você que me convidou para passar o Natal com sua família no dia do Natal”, essas coisas. Mas como fazer comunidade de pessoas que não se conhecem? Não é fácil tentar fazer comunidade. E nós sabemos, por mais que nós amamos os nossos brasileiros, que são inconstantes, difícil irem a missa todos os domingos, então quantas pessoas vem aqui para a missa? Tem que pegar o relato de um domingo vezes quatro, pelo menos, para tentar realmente dar um número que realmente é uma realidade. Trabalho, um dos maiores pecados é trabalhar demais, a palavra em inglês por estar muito ocupado é: “estou busy” e eles inventaram outra língua para dizer: “estou extremamente bizado”, usando a palavra inglesa e fazendo com que seja um pouco de palavra portuguesa, brasileira, “estou muito bizado”. Eles já inventaram várias outras línguas. Mas, falando sobre a dificuldade, o desafio em fazer, formar, criar comunidade tem sido, desde o primeiro dia, muito difícil. Mas o que ajudou grandemente as duas dimensões de cafezinho e também tentando oferecer, entende, a comunidade oferece roupa de frio, oferece-se trabalho, como pintura e ao mesmo tempo precisa-se de um apartamento, de um quarto para viver. Então essas coisas ajudaram a criar esse espírito de comunidade.

Pergunta 3. Pe. (...), o migrante é uma pessoa realizada?

Entrevistado 84. Não, não. A maioria da nossa gente fracassara no Brasil, ou financeiramente, ou na sua profissão, ou ... Alguém chegou recentemente, ele me disse que era dono, trabalhava com a Sadia, que faz o presunto e a esposa dele trabalhava também no escritório, estão aqui agora. Ele estava com, ele me disse, três ou mais casas de açougue, entrou em falência, não sei porque mais entrou. Então chegaram aqui a pouco tempo, não sei como chegaram, eu nunca pergunto. Se tem cartão verde, se não tem, não sei. Às vezes suspeito, mas se não houver uma necessidade, eu nunca pergunto. Eu sempre falo, o que é importante aqui não é o cartão verde, mas que você está vivendo seu batistério, essa é uma das minhas homilias, entende? Então muitos dos nossos foram para os protestantes e outros tantos não praticam de jeito nenhum. Deixe-me falar um pouco sobre a

importação de padre. (Risos). Não vou entrar naquilo que ... eu estou falando em geral. Os padres que têm vindo para cá são diocesanos, a maioria, a grande maioria, 90%, 85% são padres de Dioceses. Então os nossos Bispos do Brasil ou no Brasil não foram honestos conosco, enviaram problemas para nós, bem no início, problemas. Depois de um tempo, a PBE, Pastoral Brasileira no Exterior, o Monsenhor, o Bispo (...), então eles fazem uma preparação para quem recebeu licença do seu Bispo para trabalhar no exterior, mas não sei o que eles fazem nessa preparação, mas vou dizer apenas... de jeito nenhum, não preparam bem e não peneiram bem os candidatos. Irmãs religiosas, depois daquelas que retornaram aos Estados Unidos, que nasceram aqui, foram, não posso dizer mais do que insolentes, porque eram missionárias. Eu coloquei, não por hoje, mas eu já coloquei em várias categorias os padres que vieram para cá, sem pôr nome em nenhum, tá bom? Veio “o dinheirista”, só interessado em dinheiro, aqui é primeiro mundo, talvez no Brasil não tinha nem água corrente na sua própria casa, não tinha, sorte uma bicicleta, entende? Então, dinheiro! Segundo, “o turista”. Eu fui ao aeroporto, não vou usar nomes, faz alguns anos já, antes de nós chegarmos na Paróquia onde ele ia morar, perguntou ao outro padre: “Onde comprou aquela máquina fotográfica, quanto custa?”. Depois ele veio atrás de mim: “Ô (...), é longe daqui até Nova York? E até a Disneylândia, onde fica? Muito longe?” Honestamente, antes dele chegar na Paróquia onde ele ia morar, eu já estava pronto, farto de enviá-lo de volta. Uma pena que não fiz, uma pena porque só causou problemas aqui, tá bem? Então, o que acontece é o seguinte, quem não tinha nada chega num ambiente onde tem o que não tinha, então já tornou-se ou já está na mesma canoa furada dos imigrantes. E como que pode liderar, entende, quando você já está contagiado com materialismo?

Pergunta 4. Como o pastor conduz as ovelhas?

Entrevistado 84. De que jeito? Entende? Tem que ter o melhor carro, ... Olhou o quarto, esse mesmo sujeito: “Ah, esse quarto não é bom”. E o que estava esperando? Morar num hotel? Então “dinheirista”, “turista”, alguns desejavam viajar e fazer turismo aqui. O outro é o “estudante”, só quis estudar aqui, pegar mais graus, mais diplomas. Aqui tem uma abundância de Faculdades, em Boston, e Universidades e pode estudar o que quiser. Não vem aqui para estudar, vem aqui para trabalhar. Problemas com o álcool, mulherengo, entende? Então o Bispo

estava livrando-se de alguém e não estava sendo honesto conosco. E o outro... tem mais um, não me vem no momento.

Pergunta 5. O desequilíbrio, às vezes emocional, quando lida com pessoas, ...

Entrevistado 84. Sim, está no meio de problemas, todo tipo de problema. Mas o missionário autêntico, o padre realmente comprometido, bem poucos, bem poucos, infelizmente! Eu sei como é, eu acho talvez que vai pensar que estou elogiando minha pessoa, por ter nascido aqui, mas alguém que nasceu aqui ou alguém que nasceu no Brasil e um padre de outro lugar foi para lá, então existe o mesmo desafio. Usando as palavras de São Paulo, fazei como seu povo, não ser diferente, ser como seu povo. Aquilo tem causado muitas dificuldades aqui, há uma disparidade, uma divisão, é difícil unir o povo de Deus, o maior desafio é unir os agentes. E outra dimensão é que a maioria não quer ficar mais do que... “Eu fiz compromisso por três anos”. Como que faz uma pastoral, como que pode projetar uma pastoral com pessoas que sempre estão em rodízio ou em movimento, que vem e vai e vem e vai? É quase impossível, não é verdade? Chega outro... “Oh meu Deus do Céu, (...)”. Entende? Nós tentamos pedir que lá no Brasil oferecessem uma preparação melhor para ser missionário. Os produtos que vêm para cá, como em outros lugares, deixam muito a desejar, tá certo? Os que realmente são pessoas comprometidas, que são realmente com espírito missionário, infelizmente são poucos, pronto. Eu falei que não vou entrar em nomes e não entro, mas podia ser bem melhor aqui. E nós, como agentes, poderíamos, deveríamos ser mais como uma, como falávamos anos atrás no Brasil, uma Pastoral de conjunto e não uma Pastoral particular, tá certo?

Pergunta 6. E aqui é muita Pastoral particular, né?

Entrevistado 84. Durante esses anos, o que tem causado muito atraso, etc. E não tem dado realmente de si para o povo de Deus. O nosso papel é para isso, não é? Não para ser “dinheirista” e isso e isso e isso... E a Pastoral aqui é totalmente diferente do Brasil, no Brasil nós temos muitos planos pastorais, nós temos a Campanha da Fraternidade todo ano, tema disso, ... temos o Natal em Família, então nós temos prioridades pastorais.

Pergunta 7. Subsídios de Quaresma, de Advento, mês vocacional, ...

Entrevistado 84. Mês da Bíblia, então faz grupos de base, entende, né? Fazer grupo de base é quase impossível aqui porque o povo tem emprego e depois tem “bico”, muitos tem mais do que um “bico”. Você sabe o que é o “bico”, né?

Pergunta 8. Sim, sim, juntam trabalho até tarde da noite.

Entrevistado 84. Não, mas tem outro lugar onde fazem outra coisa, por umas horas, entende? Então o tempo é mais disponível para quem está aqui há um tempo e está, podemos dizer assim, com sua vida mais estável, entende? O grande desafio é entender os Bispos, lidar com a Diocese, porque nós temos uma mentalidade diferente, aí eu digo “nós”, apesar de eu ter nascido aqui, eu falo “nós”. Eu tenho mentalidade Pastoral Latino-Americana, não tenho Norte-Americana. Eu tenho brigado tanto com os padres americanos aqui e eu tenho sido, felizmente ou infelizmente, o porta voz daqueles que não têm voz. Porque eu posso falar inglês, minha mãe me ensinou. Então muito, muito difícil sobreviver, crescer, é um desafio extraordinariamente difícil, lidar com cada pároco, é diferente. E quando nós falamos de paróquia compartilhada, deve ser compartilhada, entende? Nós devemos ter voz igual a outros. E também o dinheiro, o dinheiro é (risos), em qualquer lugar o dinheiro é difícil. Então às vezes eu faço uma, usando um pouco de sarcasmo, como às vezes, eu lhe confesso, que eu tenho o costume de usar, ou empregar nas minhas conversas que “Vocês são bem vindos aqui, mas na saída da igreja vão receber uma caixa de envelopes” e o povo quer saber o que é essa caixa de envelopes. É um dos sistemas daqui, mas não é o sistema do dízimo que nós trouxemos e nós implantamos aqui. Conhece ou já ouviu falar em (...)?

Pergunta 9. Sim, sim, sim, vocês trouxeram exatamente para o sistema dízimista.

Entrevistado 84. Nós trouxemos o (...) aqui bem no início, ele orientou, fez um tipo de Workshop e implantou o dízimo aqui. E nós fizemos a base do dízimo, mas entrou em choque com o Pároco americano porque ele tem outra maneira de pensar e nós dividimos e publicamos.

Pergunta 10. Os hispanos também têm uma maneira diferente? Ou é a mesma?

Entrevistado 84. Não, não. Eles têm outro jeito. Só em parênteses, eu vou falar mal de um grupo de hispanos que a Arquidiocese mimou e hoje em dia não tem mais jeito, não contribuem. Então nós sabemos, o dízimo é a compartilha com seu trabalho, talento, trabalho e “tutu”. Eu não falo tesouro, eu falo “tutu” e o povo entende melhor. E muitos contribuem mais no sentido com seu “tutu” do que com seu tempo e seu talento. Mas alguns fazem, nós, em nossas comunidades é tudo de

graça, os catequistas não recebem remuneração. Na comunidade americana sim, são pagos, os músicos são pagos e assim em diante. Pessoas que limpam a igreja são pagas. Nós fomos criados no Brasil que tudo isso faz parte do voluntariado. Então o dinheiro é um problema. Quando chegaram aqui os hispanos, principalmente os primeiros a invadir os Estados Unidos, o povo de Porto Rico, a Ilha de Porto Rico é uma possessão dos Estados Unidos, eles são cidadãos americanos, dos Estados Unidos e tem todos os direitos, mas poucas responsabilidades. Eles não pagam impostos, etc. Então quando vieram aqui, ó coitados, não tem dinheiro, não tem nada, aquela coisa lá. E, conseqüentemente, até hoje os filhos dos filhos não têm costume de serem responsáveis por sua própria vida. Quando chegaram as últimas ondas de imigrantes, entre as quais a comunidade brasileira, pois estamos aqui há mais ou menos 30 anos, desde o início eu sempre tenho o orgulho de dizer e anunciar para todo mundo, principalmente os que são hispanos, que nós temos pago com a nossa vida, assumimos responsabilidade. A Arquidiocese forçou e, assim sendo, para podermos pagar desde os primeiros tempos os nossos padres o salário igual a qualquer padre americano aqui nos Estados Unidos, pagamos também pelos seguros de saúde, pagamos tudo, certo? E nós temos orgulho de lhe dizer isso. Não posso falar sobre as outras comunidades, da nova onda, que nós chamamos, entende? Seriam os imigrantes do Haiti, são mais ou menos muitos aqui, o número é, em parte, mais ou menos o número de brasileiros. Falando em números, nós não sabemos, só Deus sabe quantos brasileiros nós temos aqui.

Pergunta 11. Eu ouvi 150 no Consulado, ouvi 350.

Entrevistado 84. Eles não sabem, só Deus sabe e Ele não está falando.

Pergunta 12. Não sabem, eu percebi isso. Todo mundo chutou um número.

Entrevistado 84. Ninguém sabe porque muitos estão vivendo ainda abaixo do radar. Onde que estava, estava dizendo o quê? Ah, sobre o dinheiro né? Os haitianos eu não tenho certeza no sentido de sustentar a igreja. As pessoas do Vietnã tem um bom número, são das últimas ondas de imigração. Quem mais? E da África, a África está invadindo aqui sim. Então nós temos a Ásia, a África e a América do Sul; e entre os povos hispanos nós temos a América Central e América do Sul, mais para o Norte, Peru, Bolívia, Equador. E depois a América Central, muitos pertencem aqui, com o Pe. (...). Temos duas comunidades aqui, realmente três, as sobras dos americanos, tem missa domingo à tarde, mais ou

menos 30, aquele pinguinho de gato. Então, em parte, às vezes a comunidade hispana ganha da comunidade brasileira, dependendo das circunstâncias e depende se houver qualquer guru por aí. Vai cobrar de mim dizer algo sobre o guru?

Pergunta 13. Os gurus que vem de fora de vez em quando e vão embora, isso ajuda pastoralmente?

Entrevistado 84. Depende. Pode ajudar se forem bem escolhidos. Por exemplo, alguém como (...), presença maravilhosa, ele trouxe várias pessoas com ele e implantou o dízimo como consciência missionária de Igreja, então era a missão dele e do seu grupo, se eu não me engano chama-se de “miake”. Ele fez isso e voltou, pelo menos, mais duas vezes no meu conhecimento. Veio aqui a Irmã (...), lá de São Paulo, ela deve estar com boa idade agora. Mas ela nos ensinou, fez Workshop conosco, sobre como acompanhar a Celebração da Liturgia e não parecer um show de música à parte da liturgia, do sacramento. Nesse sentido nos ensinou dignamente como fazer o Salmo Responsorial, ... e há certas coisas, há uma certa tendência aqui por alguns grupos de voltar a celebração da missa em latim e eu fico brucas com isso. Então um dos argumentos mais fortes é que há pouco silêncio e tempo para meditação. E de fato, eu confesso, concordo e a culpa é de quem? Inventaram um cântico para tudo. Então o momento de entrar dentro de si não deve acabar e na hora depois da comunhão é momento de agradecer e ensinar o povo a agradecer, é momento de silêncio. Não é para cantar a “Oração da família”, muito bonito, eu gosto até. Então eu acredito que nós falhamos, mas ela nos ajudou muito, ela veio várias vezes aqui também. Então temos as pessoas que vieram a nosso convite e há pessoas que vieram a convite de um grupo. Pior grupo é o RCC (...) lá que eles vão jogar mais pedras na minha direção, mas tanto no Brasil como aqui, na comunidade portuguesa e com nossa gente, extremamente difícil. E sempre tem o padre fulano, tem que vir aqui o padre fulano e eles são o grupo que falha mais. Nós tentamos organizar as coisas, o planejamento da nossa vida de apostolado, então são 16 comunidades, né, todas com representantes e quantos padres temos agora? Acho que temos mais ou menos dez padres. Entre os padres nós temos os estudantes, como a sua pessoa, outros que estão aqui, exclusivamente, ou deviam estar aqui, exclusivamente, para missionar e cuidar do povo. E nós falhamos por deixar, entende? Esses que eu chamo de guru, o “guruísmo” e tem dividido e tem causado um desafio ainda maior de criar e ter

uma família, uma comunidade. A gente vai celebrar a missa no domingo, entra na igreja e não está todo mundo, depois fico sabendo que um guru está em tal lugar, até em outra Diocese, (...), fica a uma hora e tanto daqui. E alguém já foi pra outro lugar. E esse negócio acontece demais e não sei como parar. Então tem causado muito mais desafio. Catequese, provavelmente já ouviu de catequese. Catequese é questão de competência, é questão de gente preparada, há no meio da massa umas pessoas que, no Brasil, (...) na catequese. Então não são muitas e muitas que trabalhavam, querem manter-se escondidos aqui porque não querem dar um tempo. E é muito difícil conscientizar e preparar ou até evangelizar as próprias pessoas que vão evangelizar as outras. Então com os pequenos, adolescentes, são bem fracos com adolescentes. E depois os jovens. O maior desafio é a língua. Eu vou contar um caso e já pode aprender, penso eu, usei até domingo passado na minha homilia. Eu estava celebrando a missa numa comunidade portuguesa e (...) estava do meu lado e estava servindo de coroinha, certo? Então eu tinha deixado na sacristia o ordo litúrgico, de capa verde. Eu falei: “(...), vai na sacristia e vai me pegar o livro que está em cima da mesa, que tem capa verde. Manoel, por favor, vai na sacristia e pega o livro que está em cima da mesa, tem capa verde. (...)” “Padre, What you want?”, entendeu? Depois da missa eu falei com (...): “(...), você não entendeu nada que eu falei hoje na missa, verdade, né?” “Não” “Então porque que você vem?” “Ah, meus pais vem, eles não falam inglês”. Dá pra entender o desafio?

Pergunta 14. Entendi, os filhos já falam inglês.

Entrevistado 84. Exatamente, os filhos não falam português, se falam, é o português de casa, de cozinha, como falamos. Então nossa gente, não temos gente capacitada para ensinarem os pequenos em inglês, a não ser que estudassem com os americanos, são competentes, podiam.

Pergunta 15. O bom seria a catequese ser bilíngue.

Entrevistado 84. Pode ser uma tentativa, mas do nosso lado, nossa gente não tem segurança, falam inglês, sim, falam, falam, estão se esquecendo e com o tempo falam, mas ou é inglês do seu trabalho ou inglês ...entende? Além disso, se os pequenos pegassem um livro de catequese que Irmã (...) importou do Brasil, mas a maioria não sabe ler, não sabem nem escrever. Nós temos em alguns lugares escola portuguesa, escola de português, né, mas poucos frequentam.

Pergunta 16. Me surgiu uma coisa dentro, mas um pouquinho fora também: o que a gente poderia falar do migrante dentro de identidade? Que identidade ele tem? Brasileira? Americana? Mistura? Com etnia?

Entrevistado 84. Identidade... Racional dos Bispos por não permitirem Paróquias étnicas e assim em diante, porque duram pouco tempo. Duram talvez duas gerações, terceira geração já foi. Nós temos demais paróquias aqui, igrejas bonitas, monumentos das comunidades imigrantes vazias, porque aquela raça já cresceu, casou-se com os americanos, os alemães, os irlandeses.

Pergunta 17. Já não tem mais culturalmente a língua, a tradição.

Entrevistado 84. Não tem, não tem. Às vezes a tradição, um pouquinho, os portugueses, por exemplo. Mas a primeira geração passa para a segunda e eles não falam, não tem interesse em saber sobre os seus costumes e coisas assim, são americanos. E está aí um grande desafio, eu não tenho a solução, apenas estou citando o desafio. E penso eu que nós temos, não podemos ignorar mais, depois de 30 anos, que os nossos falam inglês. Nós temos uma vez por ano o encontro de jovens do nosso estilo aqui, não é nada como no Brasil. E mais uma vez nós entramos em dificuldade com a língua, certo? Última vez eu, velho participei do encontro de jovens e eles me pediram pra falar inglês, então chegou a hora de eu falar e alguém veio falar comigo: “Olha, melhor falar em português, não fala em inglês”, depois mandou falar em inglês, por causa de um ou outro que estava lá, recém chegado nos Estados Unidos. Então os jovens que estão nas escolas, poucas escolas católicas, nosso povo não quer pagar, tem que pagar. Sabe por que? Porque não tem freira, não tem freira para dar as aulas e tem que pagar pessoas leigas e tem que pagar o salário igual a qualquer outra escola e é muito caro aqui nos Estados Unidos, muito caro. Então são pouquíssimos pais que querem gastar o dinheiro, entende? Não me lembro bem, eu sei de uma escola católica de uma Paróquia, acho que é 500 dólares por mês, meio caro para as pessoas. Mas há pessoas limpando casas que ganham muito, muito, muito bem. Eu fico doido pra saber quantos elas estão ganhando, mas trabalham.

Pergunta 18. Eu mesmo nas entrevistas ouvi gente de house cleaner ganhando 10, 12 mil, 13 mil dólares. Isso no Brasil, na disparidade, é um salário de médico, um salário de quem tem clínica particular.

Entrevistado 84. Sim, sim. Não é todo mundo que chega àquela altura, mas há alguns que chegam a 5, 4 mil, entende, né? Mas são muitos que têm a sua

Companhia, aí que tá o negócio. Aí são mais 2, 3, 4 que trabalham juntos aí pode fazer uma casa em pouco tempo. Entra lá com o aspirador de pó, espanador e faz à jato. Então esse é o problema com a catequese. E nós temos demais pessoas que nunca receberam os sacramentos, são meio cruas, a maioria não participava de igreja ativamente no Brasil. Nossa gente é essa, nossa gente é a maioria ... bom, no Brasil não tem classe média, só tem pobreza e depois um pouco acima da pobreza. Quando eu estava no Brasil, nós falávamos tentando seguir as normas das encíclicas, no salário familiar. Nós pensávamos em quanto seria um salário de sargento do exército, se seria o que correspondia ao que o Papa fala de salário família. Tem que ter dinheiro para ter sua casa, um carro, educar seus filhos, cuidar da saúde, etc. mas esse que é um grande desafio para nós, certo? E temos três Irmãs agora, a outra Irmã chegou, uma bênção.

Pergunta 19. Uma mais novinha, eu conheci.

Entrevistado 84. Exatamente. A (...) chegou, antes de (...), uma Irmã Portuguesa estava tentando conseguir alguns livros. Nós estamos pobres, pobres, pobres de livros. Então nós falávamos que é bom fazer leitura e perguntavam onde comprar e o único jeito era através de internet, entende?

Pergunta 20. Na livraria da Paulinas lá eu vi que tem material.

Entrevistado 84. Sim, por isso que eu digo que é uma grande bênção que nós temos. Grande, grande bênção para nós. E veio mais uma Irmã ficar com a (...). Então nós temos como desafio trabalhar mais com os adolescente, a maioria Primeira Comunhão e depois anda, caminha, depois chega a fazer a Crisma. Então nossas preparações para os Sacramentos são bem pobres. Nós não temos jeito, nós tentamos várias vezes fazer encontro fim de semana de preparação para o Sacramento do Matrimônio, muito difícil. A grande maioria de casais aqui não casam na Igreja e a desculpa: “Vamos nos casar quando voltarmos ao Brasil”.

Pergunta 21. Eu mesmo nesse mês só vi um casamento.

Entrevistado 84. Então pronto. Batizados temos, mas Sacramento do Matrimônio não. E nós temos demais, demais, demais pessoas que estão agora, à procura, Ano da Misericórdia, da anulação do casamento. A gente podia passar o dia inteiro só tratando de papéis para os processos de nulidade. Esse que é o nosso povo.

Pergunta 22. Ontem mesmo eu estive com uma médica, que é lá de onde eu trabalho, e que casou, ficou um mês e meio casada, tá separada e tá com uma

peessoa há nove anos aqui. E ela perguntou como faz a anulação, se era melhor fazer no Brasil.

Entrevistado 84. Não, no Brasil não. Leva anos no Brasil. No Brasil, pelo menos durante a minha caminhada, não haviam pessoas competentes, a Diocese não tinha.

Pergunta 23. Agora estão criando os tribunais.

Entrevistado 84. Sim, sim, mas só agora, depois de 500 anos? Já estava na hora. O que nós não tratamos que você tá querendo saber?

Pergunta 24. Nós não tratamos ainda da evangelização, seu sonho nessas 16 comunidades ou mais que surgem. Uma visão de evangelização, como sonho do Padre.

Entrevistado 84. Nós fizemos como prioridades do Apostolado a catequese e evangelização, mas fracassamos, realmente não levantou voo. Catequese, por exemplo, a Igreja, eu não quero bancar conhecedor da Lei Canônica e eu não sou, mas desde a renovação da Lei Canônica, uma das coisas que nós devemos ter em nossas comunidades é uma preparação para quem não é católico, entrando como candidato para o Batismo, para aderir à Igreja Católica, ou transferindo de qualquer ceita protestante, ou voltando e nós não temos. O que nós temos é em inglês e que se chama RCIA, é uma preparação durante o ano para a celebração da Páscoa.

Pergunta 25. Entendi, é um roteiro de preparação que vai conduzir a celebração da Páscoa.

Entrevistado 84. Sim, não sei como se chama no Brasil, mas eu sei que existe em alguns lugares no Brasil.

Pergunta 26. É, tem no Natal a Novena de Natal ou a preparação para a Páscoa, os círculos familiares pra Páscoa.

Entrevistado 84. Não, realmente não é não. Então, pessoas que vão fazer inscrição ou que estão entrando na Igreja e vai ser um ano de preparação semanal, como catecúmenos, mas é uma exigência realmente na Igreja, nós estamos demais atrasados nisso. Então também rebanhamos pessoas que são grandes e que nunca fizeram o Sacramento da Confissão, da Comunhão, são ignorantes nessas coisas da religião, estão precisando de catequese e nós não temos pessoal para fazer isso. E os padres também não. Então catequese e evangelização. E chamar aqui um guru, pra fazer um encontro num fim de semana e achar que isso e aquilo, que vai

converter todo mundo, que vai chamar todo mundo de volta, tá sonhando, não tem seus pés em terra firme. É o que nós precisamos, mas para nós entrarmos em guerra, precisamos de soldados preparados. Enquanto não vier é melhor correr pra trás. Infelizmente a dimensão de evangelização deixa muito a desejar e nós tentamos um pouco como no Brasil, tentamos nos 2000 anos de nascimento de Cristo. Assembleia de Deus é uma droga, droga no Brasil e droga aqui, só querem brigar, só falam mal do padre, ... aquela é a pior. Tem Testemunhas de Jeová, aqui existe, mas não são tão agressivos. A Igreja Batista aqui não é tanto não.

Pergunta 27. Tem a Nacional da Graça, tem a R.L. Soares, Edir Macedo.

Entrevistado 84. Entram muito nessa coisa de milagres.

Pergunta 28. Na questão da retribuição e favores, né? E a mesma coisa que puxa, finge que devolve. Padre dentro de migração, Igreja, Pastoral de Evangelização que na verdade se reúne no mesmo povo de Deus, quais as suas alegrias nesse tempo de contato com os migrantes brasileiros e quais os desafios, teu sofrimento?

Entrevistado 84. O sofrimento eu vou passar por cima, não gosto de falar sobre isso. O povo sabe, o povo que tá aqui há tempo sabe.

Pergunta 29. Eu perguntei sobre o desafio, Pe. (...), porque algumas pessoas me disseram que o senhor teve pulso firme e fazia acontecer o Apostolado Brasileiro que não foi fácil no início. Muitas pessoas me disseram isso. Isso é um desafio. Mas vamos para as alegrias.

Entrevistado 84. Eu acho que o maior desafio, no sentido pastoral, é lidar com os párocos Norte-americanos. Eles não gostam de ouvir isso da minha boca, mas é verdade, é muito difícil. E também por causa da maneira de pastorear, trabalhar. Não quero generalizar, mas nós achamos muito difícil lidar com alguns, eu ia até dizer a maioria. Tem sido difícil isso. Então tem que ser um pouco de cada lado. Eu tenho sido muitas vezes pego no meu, pelo fato de eu também falar em inglês e dizer num certo sentido, talvez não oficialmente, com esse título, mas no final do dia chega a ser e expressar o que os outros acham difícil. Tudo tem melhorado e eles falam muito mais agora, mais recente, com maior facilidade do que antes, mas ainda não é nada fácil. E a mentalidade de um padre imigrante, como já mencionei antes, então tem a mesma mentalidade do povo. Então nós tentamos dar orientação para os padres e irmãs, para não caírem nesse negócio que nós já falamos. O povo sabe, a minha alegria é estar com o povo. Eu não tenho mais

família, a minha família já foi para Deus, eu vou fazer 84 anos daqui a poucos meses. Então minha alegria, realmente, é estar com o povo brasileiro. Por exemplo, eu nunca na minha vida celebrei a missa e fui embora, nunca, não sei o que é isso, entende? Fico sempre depois da missa, enquanto estiver gente.

Pergunta 30. A melhor comunicação é o encontro pessoal, né.

Entrevistado 84. Mas claro, os desafios realmente são a confusão, a falta de sermos mais unidos, são as tristezas e o que já está sabendo é o que me mata. Por vários motivos, pelo lado do povo e o outro lado.

Pergunta 31. Tem dificuldades entre religiosos e diocesanos? Eu senti um pouco os diocesanos mais egoístas, mais fechados, dos que eu encontrei.

Entrevistado 84. O que eu acho é que nós tentamos tratar desse assunto, ainda acho que nós temos que ser um grupo de apoio, porque eles são estrangeiros, eles estão aqui de imigrantes e eles necessitam (...) estão pastoreando, eles estão precisando. E nós temos que fazer mais. E também não quero parecer muito (...), mas precisamos também da dimensão espiritual. Então quem pertence a uma comunidade religiosa pelo menos já tem aquele apoio e também tem mais a oportunidade de espiritualidade, enquanto quem mora sozinho não tem, não é verdade? Vai e vem como quiser, faz o que quiser, não é responsável por ninguém, não pisa em falso. Então eu acho que é algo que temos que pôr na lista e temos que fazer e ser mais uma comunidade de amigos. Às vezes a Irmã chama nossa atenção, que nós devemos apoiar mais uns aos outros e assim vai eliminar muita coisa que não deve estar e não deve acontecer. Então que nós temos que fazer isso e é verdade. Então não há amizade e aquele apoio entre nós que podia existir. E nós temos que ensinar a quem vier para cá que nós, unidos, estamos trabalhando em nome de (não entendi) que é o pastor dessa comunidade Arquidiocesana. Não somos nós, eu não estou aqui como redentorista, há muitos que nem sabem que eu sou redentorista, porque não vou andando aqui com bandeira dos redentoristas. Isso aqui não é Apostolado dos Redentoristas, é o Apostolado da Igreja da Arquidiocese de Boston que está dando boas-vindas para você. E o povo tem que saber disso. É a maneira de encarar as coisas e, de fato, o cardeal não pode fazer isso, precisa de pessoas que conhecem, que falam, que entendam o que faz do brasileiro, brasileiro, sempre atrasado e assim em diante. Quando alguém chega na hora eu sempre brinco com eles: “Você não é brasileiro”, “Eu sou, sou brasileiro”, “mas brasileiro não chega na hora”, aí cai na

gargalhada. Mas eu acredito que seja muito importante, sejamos franciscanos, scalabrinianos, marianista, jesuítas, seja o que for ... nós somos um grupo de sacerdotes que está fazendo a vez e ajudando, sendo os braços do Cardeal aqui de Boston. Não estamos aqui com interesse em nossa comunidade religiosa, promover. Isso aqui é um centro comunitário de assistência da Arquidiocese de Boston. Arquidiocese que está promovendo isso através de nós da Igreja Católica que estamos fazendo isso. Nós temos que criar essa atitude ou mentalidade, senão nós estamos falhando, penso eu, entende?

Pergunta 32. Pe. (...), já agradecendo todo esse tempo, essa bondade em toda entrevista, uma mensagem final.

Entrevistado 84. (Risos) Eu falei demais.

Pergunta 33. Não, não falou demais não, falou tudo muito importante, pra mim é muito bom.

Entrevistado 84. Bom, apenas vou lhe dizer isso, que nós projetamos em pouco tempo e nós estamos ainda preparando para realizar um estudo do Apostolado Brasileiro, de como nós estamos sendo Igreja, de como nós estamos atendendo nós como o povo de Deus. Ainda mais esse Ano da Misericórdia, onde nós estamos realmente estendendo os braços de Deus, de Jesus para o nosso povo. Ainda mais um povo perdido, um povo afastado, um povo que está em péssimas condições aqui.

Pergunta 34. (Risos) Podia, podia, eu tenho 47 anos e tenho 20 anos de padre. Mas eu falei pro (...) e isso é uma coisa que eu quero testemunhar também, eu conheço muitos padres como os padres me conhecem, não qualquer um que faz o que Pe. (...) fez. Botar pra dentro da casa alguém que ele não conhece, que não foi colega, de coração bom.

Entrevistado 84. Já chegou a conhecer o (...)?

Pergunta 35. (...), conheci.

Entrevistado 84. Ele é muito acolhedor também.

Pergunta 36. Conheci o padre que viajou ontem, como é que é o nome? Da comunidade portuguesa, lá perto das Universidades, o Padre (...).

Entrevistado 84. Mas ele nunca termina seus estudos, mas ele está aqui pra estudar, mas ficou demais envolvido na pastoral.

Pergunta 37. Exatamente, ele disse que ia hoje pro Brasil pra ver se renovava o visto. Falou que ele está fazendo doutorado, mas já faz 7 anos, 7 anos e meio que ele tá aqui e ainda não acabou não?

Entrevistado 84. Infelizmente ele não sabia balançar as coisas. A maioria dos padres estudantes ajudavam nos fins de semana, mas durante semana era só estudo, senão nunca termina. Não é justo nem para sua Diocese mãe e nem pra cá.

Pergunta 38. Porque não faz bem feito nem uma coisa e nem outra.

Entrevistado 84. O (...) é um jovem muito simpático, eu gosto muito dele, mas eu sei que já fica demais nisso, entende? Não pode, não pode.

Pergunta 39. Depois eu tive com quem? Tive com aqueles dois novos lá que estão em Everett, um colombiano e um novinho.

Entrevistado 84. O (...), ele é o padre mais fresco daqui.

Pergunta 40. A (...).

Entrevistado 84: Já está aqui a anos e anos.

Pergunta 41. (...), estive com ela e a mais nova também. E tive com uma Irmã daqui que aprendeu a falar português, que eu fiquei encantado com ela. Uma Paulina que estava ali junto com a Irmã (...), foi sábado.

Entrevistado 84. De mais idade?

Pergunta 42. De mais idade.

Entrevistado 84. Irmã (...). Ela é portuguesa.

Pergunta 43. Exato, mas achei uma gracinha, ela é uma figura.

Entrevistado 84. Grande devota de Santo Afonso, ela sempre fala comigo sobre Santo Afonso. Ela que começou importando livros para nós, para o Apostolado e depois de muito tempo conseguiu que alguém viesse do Brasil e desde que a (...) chegou e outra Irmã chegou com ela, mas regressou depois acho que há dois anos no Brasil. Natividade, eu acho que era o nome dela. Tem um problema físico no andar.

Muito bem! (...), como diz o salmo e o texto bíblico: “Havia um homem enviado por Deus e o seu nome era João”. Obrigado!

Entrevistado 84. (Risos).